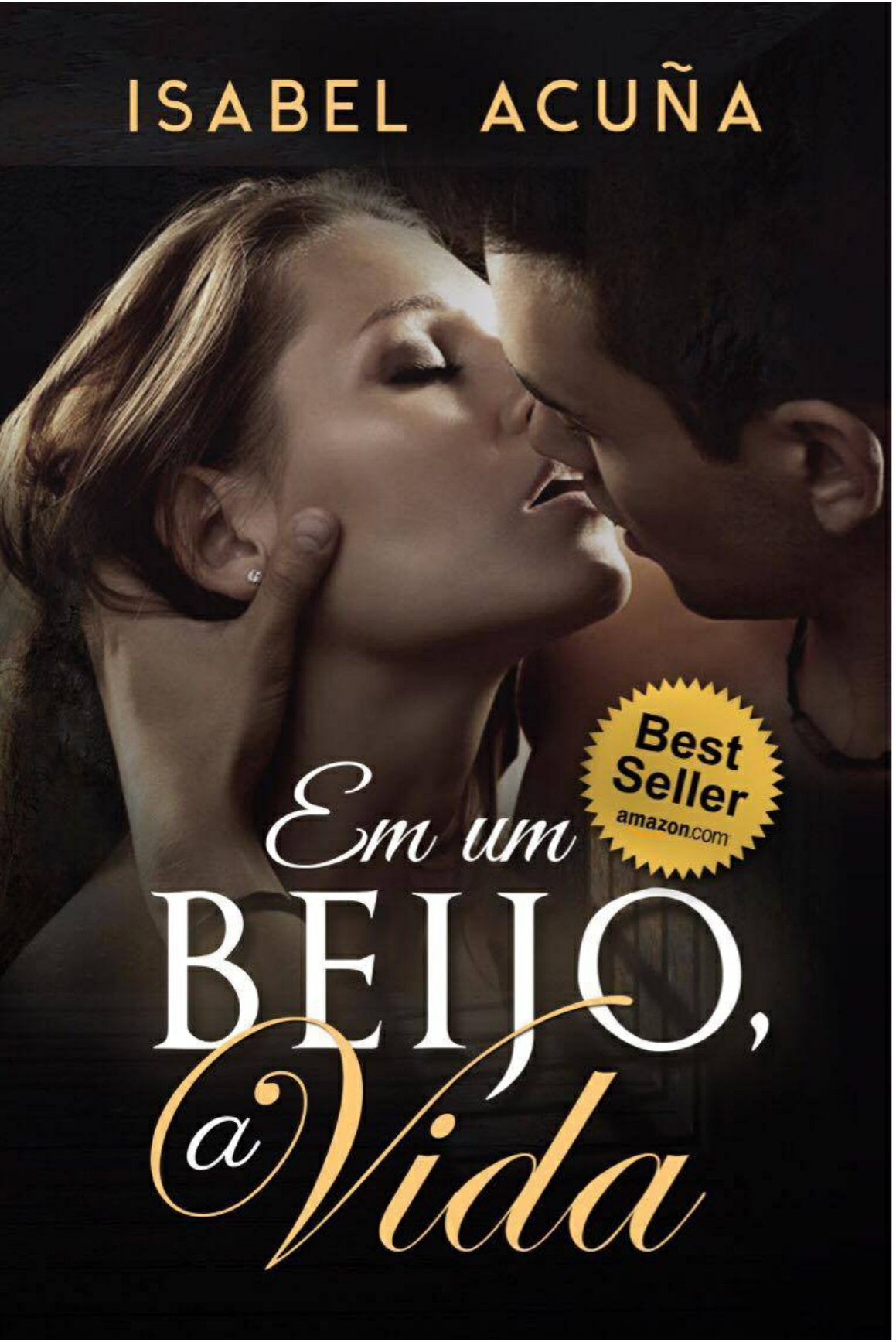
ISABEL ACUÑA



Best Seller amazon.com

# Em um BEIJO, a Vida

EM UM BEIJO, A VIDA

*Isabel Acuña*

©Isabel Acuña.

Registro da obra: **10-639-427**

Gabinete de Direitos Autorais. Ministério da Justiça. Colômbia.

Editada por: Vivian Stusser.

Desenho de capa: Isa Quintin.

Traductor: Lucila Azevedo.

Primera Edição: Septiembre de 2017.

Esta é uma obra de ficção, produto da imaginação da autora. Os lugares e os personagens são fictícios. Qualquer semelhança com a

realidade é mera coincidência.

Não é permita a reprodução total ou parcial deste livro, nem sua incorporação a um sistema de informática, nem sua transmissão em

qualquer forma ou meio, sem a permissão prévia da titular do *copyright*. A infração das condições descritas pode constituir em crime contra a propriedade intelectual.

Às minhas queridas leitoras,

graças a vocês, posso trilhar a cada dia este caminho.

Nada me impedirá de voltar para você.

Nem a irônica espessura das grades,

Nem a sombra de uma dúvida que povoquei,

Nem a amarga falta de esperança que pressenti.

Nada me impedirá de voltar para você.

Nem seus medos mais secretos, pesares,

Nem tampouco as palabras, nem lágrimas,

Nem suas mais miseráveis ações,

Nem estas singelas e simples correntes.

Nada me impedirá de voltar para você.

Nem as milhas de um deserto plano,

Nem os azuis profundos dos mares, perpétuos,

Nem o cume da montanha mais alta.

Nada me impedirá de voltar para você.

Porque maior é minha sentença sem você…

***Nada me impedirá de voltar para você.***

Isabel Acuña.

**CONTENIDO**

PREFÁCIO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31

CAPÍTULO 32

CAPÍTULO 33

CAPÍTULO 34

CAPÍTULO 35

CAPÍTULO 36

CAPÍTULO 37

CAPÍTULO 38

CAPÍTULO 39

EPILOGO

AGRADECIMIENTOS

SOBRE A AUTORA

**PREFÁCIO**

**Bogotá, fevereiro de 2003.**

Havia chegado ao maldito inferno.

Um homem gordo e de rosto corado, com o cabelo sujo e comprido, apareceu pela porta do

caminho que trazia os novos presos. Atrás dele, na semiescuridão do veículo, outros homens

esperavam que o guarda terminasse de abrir a porta. Levavam mudas de roupa, cobertor e

colchonete de espuma amarrado com cordas.

Jorge Robles começou a se benzer antes de pisar no chão. Eram sete horas da noite. Após um

dia de infinitas investigações e acusações, foi levado à penitenciária de *Santa María de la*

*Providencia*.

Vários guardas armados com revólveres observaram a fileira de presos que avançava,

relutantemente, até o portão entreaberto. O som metálico do ferrolho e do cadeado foi ouvido

como um forte estrondo às costas deles. Depois da revista e de deixar seus pertences na entrada,

um cheiro de fruta podre misturada com carne estragada o recebeu como um abraço de boas-

vindas. Uma lâmpada iluminava os rostos do grupo de homens, marcados com seu mesmo destino e

com expressão sombria; havia de todas as idades, desde quase meninos até

velhos.

O cárcere, ou celas primárias[1], era o lugar onde passaria a noite mais longa de sua vida, antes

que o transferissem a uma das galerias. Havia de tudo: ladrões, assassinos confessos, estupradores

e até inocentes. Muitos murmuravam em grupos, enquanto lhe destinavam olhares entre agressivos e

curiosos. Encostou-se na parede e escorregou até o chão. Com um temor roendo-lhe as entranhas,

transpareceu suas feições agressivas para evitar que se aproximassem, mas seu cheiro de detento

novo era uma tentação muito grande para os desordeiros curtidos que o rodeavam.

Miguel, seu irmão mais novo, e o advogado de defesa haviam lhe dito que não teria maiores

problemas, que dentro da penitenciária já haviam pago à ajuda necessária para que ele não

passasse nenhum tipo de necessidade. Como em muitos outros cárceres do mundo onde impera a

corrupção, nas da Colômbia, nem todos os presos eram iguais, e ele que tinha como pagar poderia

viver com alguma dignidade naquele lugar. O problema era esta noite, em que seus conatos nada

poderiam fazer.

Os minutos de descanso foram embora, quando se aproximou o primeiro, um homem baixo e

magro, como o olhar astuto de um rato. Jorge Robles lhe destinou uma expressão fria, o mesmo que

assustava os peões de sua fazenda, quando cometiam algum erro. O bandido não se intimidou e,

pouco a pouco, o grupo de meliantes já o havia cercado.

—Bons sapatos, mas você não vai precisar deles aqui, entregue-os —disse um dos ladrões.

Jorge o encarou, surpreso, e negou com a cabeça. Levantou-se devagar, com os punhos

apertados, disposto a brigar. Os homens se afastaram e, um pouco depois, voltaram, quando um

deles puxou uma navalha. Jorge se perguntou como puderam camuflá-la, se a revista tinha sido

extensa. Tratou de afugentá-los outra vez, mas não pode.

—E agora, irmão, por não me entregar o par de sapatos, vamos dar-lhe as boas-vindas.

Recebeu um murro em plena cara, enquanto que os homens lhe seguravam de cada lado.

—Que faremos? —Perguntou outro delinquente—. Marcamos seu rostinho?

A navalha acariciava o osso malar de Jorge. O sangue do nariz pingava em sua camisa.

Tiraram-lhe o casaco de frio, e já iam aos sapatos, quando uma voz os deixou imóveis.

—Deixem-no em paz!

De um canto emergiu um homem gordo, de pescoço largo e com o jeito de

um touro brabo. Mais

tarde, Jorge saberia que estava diante de Moisés, o chefe de um bando de golpistas, respeitado

dentro da penitenciária. O homem entrava e saía de tempos em tempos. Os desordeiros se

dispersaram, brigando pelo casaco.

Moisés olhou para Jorge, que limpava seu nariz.

—Aqui tem que ficar esperto, porque se não, roubam-lhe até a alma.

—Obrigado.

—Precisa de proteção.

—Você pode me dar isso?

—Vai custar.

O homem acabou tirando sua atenção de seus pensamentos aturdidos durante toda a noite. Sua

voz cadente, contando-lhe histórias da prisão que haviam assustado muitos detentos, permitiu-lhe

esquecer a dor pela perda de suas raízes e a frustração de se encontrar naquele lugar, porque

sabia que poderiam passar meses, ou talvez anos, até poder comprovar sua inocência.

Jorge Robles estava indiciado pelo crime de homicídio. Tinha vagas lembranças daquela fatídica

noite: a bebida, o pesar pela morte de seu pai nas mãos de um grupo de foras da lei e a briga

desencadeada pelos rancheiros em um bar do povoado, quando estes criticaram seu genitor.

Lembrava-se de ter subido em sua camionete e da chegada à fazenda, de madrugada, sob a

alegação de que estava bêbado. No mais, era como uma névoa que quanto mais se esforçava em

dispersá-la, mais fechada ficava diante dele.

Esfregou seu pulso, onde até pouco tempo atrás ostentava o Rolex com seu nome gravado, um

presente de seu pai, e que desde aquela noite havia desaparecido. Em seguida, com o

aparecimento dos corpos dos rancheiros mortos no caminho de *La Loma*, pode ver como, entre um

pesadelo sem fim, sua vida se desfez em pedaços diante de seu próprio nariz. Não teve que

somar dois mais dois para saber quem tinha sido o mentor de tudo isso: Orlando Ruiz, que junto

com seu capanga José Zambrano, era o chefe do inescrupuloso grupo de foras da lei da região,

responsável por todo tipo de atrocidades, remoções forçadas e mortes.

Quando no dia seguinte foi conduzido ao seu lugar permanente de reclusão, Jorge sentiu que se

afogava. Sua recente percepção de ar fresco, das montanhas e do sol, deu passagem ao

encarceramento, ao fedor e ao medo. Em companhia do som monótono dos passos dos outros

presos que estavam com ele, Jorge se perdeu nos corredores carregados de uma energia pesada,

que se estendia como nevoeiro, e sumia na escuridão.

## CAPÍTULO 1

**Bogotá, fevereiro de 2006.**

—Foi a melhor decisão que você tomou —Suzana Corzo disse à sua melhor amiga, Belén.

—Sim, será uma grande experiência para mim e uma mudança bem-vinda em meu trabalho.

—E seu pai, como recebeu isso? Foram dois anos muito duros para eles, porque você sempre foi

a menina de seus olhos.

O dia estava ensolarado, e as duas amigas estavam em um dos muitos lugares que brotam ao

redor do *Parque de la 93*. Sentadas em uma mesa no terraço exterior de um bistrô, conversavam e

tomavam sol diante de duas xícaras de café *capuccino*.

—Está feliz porque voltei a morar no país, mas não gostou nem um pouco do meu novo campo

de trabalho. —Belén revirou os olhos—. Ele tem que entender que não estudei Comunicação

Social[2] para ser apresentadora de eventos. Ele sabe disso.

—Sim, com certeza, mas também não foi para se aventurar nas zonas de conflito de meio

mundo, solucionando o impossível.

—Sim, é possível solucionar o impossível, ou pelo menos aliviá-lo — sentenciou Belén com um

sorriso, de olhos brilhantes.

—Fico abismada com a sua fé na humanidade, depois de tudo que você já viu por aí.

Belén levantou os ombros e sorveu a bebida já morna, que deixou logo para devolvê-la ao

pires. Um grupo de executivos, à sua direita, paquerava as duas moças. Elas continuaram sua

conversa.

—Claro que tenho fé, passei por situações difíceis, mas ver o sorriso de agradecimento de uma

criança ao entregamos um livro de contos ou um brinquedo, quando quilômetros mais adiante, seu

povo e tudo que ela havia conhecido estava destruído... Ou cristãos protegendo muçulmanos para

rezarem durante um conflito. Ou ver uma menina somali, educada por freiras, ensinando os meninos

de sua aldeia a ler...

—Então este trabalho foi feito para você. Parabéns!

Belén García havia retornado à Colômbia três meses atrás, para trabalhar com a BHRF[3] (Fundo

Internacional de Direitos Humanos). A proposta da ONG europeia era difícil de rechaçar, além

disso ela queria voltar a estar com seus familiares. Percebeu que estava perdendo alguns

momentos importantes, ao encontrar seus pais mais velhos, seus sobrinhos mais crescidos e não

desejava ser uma estranha para sua própria família.

—Você já trabalhou com presos alguma vez? —perguntou Susana.

— Não, é minha primeira vez.

—Pois então prepare-se, a situação nos cárceres é como qualquer conflito desses em que você

já esteve, só que em menor escala.

—Já li bastante. Amanhã será a reunião na qual serão designados os lugares nos quais faremos

as investigações. A Defensoria Pública levou muito a sério este assunto.

—Claro que sim, os tribunais estão repletos de processos apresentados pelos presos e por suas

famílias sobre a violação aos seus direitos. A corrupção já levou o bem-estar de milhares de

presos.

—Apresentaremos um relatório que levaremos às instâncias internacionais, se for o caso.

Susana chamou o garçom e pediu outra cesta de bolinhos.

—Bem, não quero mais continuar com este assunto. Agora sim, me conte sobre Nathan. Quando

chega?

Belén suspirou.

—Não virá. —Alisou o guardanapo de maneira sutil.

Susana, que já conhecia seu jeito, soube que ela já estava na defensiva.

—A última vez que conversamos, você estava nas nuvens. O que houve?

—Isso foi há quase seis meses, você não é de muito papo.

—Eu sei, eu sei —aduziu a mulher—, mas lembre-se de que estava em pleno resguardo e você

também não estava disponível. O que aconteceu?

Belén olhou para seu relógio, ganhando tempo, porque Susana não iria se contentar com

qualquer resposta, e como boa advogada que era, arrancaria suas tripas como qualquer acusado

em julgamento.

—Deitou-se com a minha chefe, nem mais nem menos.

—É um infeliz!

Não lhe disse que, em parte, seu retorno à Colômbia era por isso. Precisava colocar um oceano

pelo menos, depois de ter terminado bruscamente com a relação, sem aceitar as desculpas, nem as

mil tentativas, por parte dele, de reparar o dano já infligido. Quando era ferida em seu orgulho

—e Nathan havia lhe ferido profundamente com sua traição—, era incapaz de perdoar. Por isso,

preferiu se afastar.

Susana soube a verdade: Nathan era engenheiro ambiental e trabalhava em projetos de

melhoramento da vida de populações mais vulneráveis. Eles se conheceram na África e se

relacionaram de imediato. Belén era a encarregada de reunir dados, fazer entrevistas, observar e

determinar as necessidades de um povoado ou grupo de pessoas afetado pela violência ou estado

de vulnerabilidade. Realizava, com outros profissionais, os diferentes estudos que a ONG em que

trabalhava apresentaria às entidades que liberavam o dinheiro para os projetos. Viajavam muito e

acabavam de voltar de uma missão de três meses na Faixa de Gaza e se instalaram em Berna.

Tudo ia muito bem até a chefe de Belén, uma executiva que nunca havia sujado as mãos em

qualquer projeto, ficou apaixonada por Nathan e aí tudo se acabou. Porém, ainda recebia

mensagens com pedido de desculpas, mas as eliminava sem nem mesmo abri-las.

Susana perguntou várias coisas a mais, e depois de Belén perguntar por seu marido, e sua

amiga lhe mostrar as últimas fotografias do bebê, despediu-se com a promessa de que agora que

estava no país, iriam se encontrar com mais frequência.

Enquanto voltava ao seu local de trabalho, Belén pensava em sua amiga. Susana era uma

pessoa que planejava tudo, e que desde muito jovem desejava uma vida perfeita, e tudo

demonstrava que tinha essa vida: um marido exemplar, um bebê de poucos meses e um trabalho

estável em um escritório de advocacia. Eram bem diferentes e tinha sido assim desde a época do

colégio, mas isso não evitou que fossem melhores amigas.

A reunião aconteceu em uma terça-feira chuvosa e fria. Belén estava em seu local de trabalho

quando soou o telefone interno.

—Já estão chegando todos para a reunião —disse uma voz quando ela atendeu a chamada.

—Já vou para lá.

Pegou as pastas, que já havia preparado, com os formulários da entrevista que fariam com os

detentos, os guardas, o pessoal da saúde, da administração, familiares e defensores. Neste dia,

definiriam quem iria para cada lugar.

Levantou-se de sua baia e caminhou por um corredor até chegar a uma porta com o letreiro

“Sala de Reuniões”. Abriu a porta e todos já estavam acomodados diante de uma grande mesa.

Natalia Pedrozo, sua chefe e dirigente de todo o projeto, observava seu

computador.

—Belén, preciso de você na penitenciária feminina, na quinta-feira às oito da manhã. Marta irá

com você, e fará as filmagens de parte das entrevistas, daquelas que permitirem. —Marta... —

uma jovem de cabelo curto levantou o olhar das pastas—. Preciso dessa câmera escondida o

tempo todo, queremos ver as instalações físicas e observar o dia a dia.

—Perfeito —respondeu ela—. Esperemos que as reclusas colaborem.

—Vão colaborar —sentenciou Natalia já se dirigindo a todo o grupo —. Beatriz e Lorenzo irão

à penitenciária *Santa María de la Providencia*.

Passaram as instruções aos outros profissionais, entre eles, Martin Peña, muito amigo de Belén, e

que saiu como responsável pelo cárcere de *La Pitoca*, ocasião em que os aludidos concordaram. A

reunião terminou com outro rosário de recomendações, com a reiteração dos cuidados que

deveriam ter dentro das instalações e que não se mantivessem longe dos guardas, dos produtos de

limpeza e dos demais utensílios que poderiam levar como doação. Belén se lembrou de uma caixa

de livros que tinha pensado em doar e que estava no escritório de seu pai. Levaria os livros pouco

a pouco.

Às quartas-feiras à noite a família García se reunia à mesa. Era uma reunião sagrada que só

poderiam escapar os doentes e aqueles que estivessem viajando. Calixto García e Pilar Cortés, os

pais de Belén e de seus irmãos, Antonia e Enrique, gravitavam ao redor da vida de seus filhos.

Para eles, era um alívio que a filha mais nova tivesse deixado sua agitação pelo mundo para

voltar a estar perto deles.

Calixto, um homem já cinquentão, alto, loiro, com olhos penetrantes e temperamento de aço,

trabalhava como advogado cível em uma multinacional petrolífera. Pilar Cortés era economista de

um dos bancos mais famoso do país. Pequena, de cabelos loiros e olhos verdes —os mesmos que

haviam herdado Enrique e Antonia—, com movimentos pausados e voz suave, era o complemento

do homem de forte temperamento que comandava a família. Os três filhos tinham sido educados

com valores morais, habilidades práticas e conceitos que fez com que cada um escolhesse

profissões ligadas à vocação de ajudar alguém. O irmão mais velho era professor de Sociologia

em uma universidade federal da capital e ministrava seminários para pós-graduados, em

diferentes instituições de ensino do país, e à exceção dos olhos, era a cópia

fiel de seu pai. Antonia

era advogada, especializada em Direito de Família e era muito parecida com a mãe. Belén, a mais

nova, que de pequena estava mais interessada em desfiles e concertos, em festas e apresentações,

era a mais comprometida com o âmbito social.

Neste dia, a mesa estava arrumada com o mesmo primor de cada quarta-feira, com um arranjo

de flores perfumadas, toalha bordada à mão, talheres, pratos e cristais polidos para a ocasião.

Viviam no norte da capital, em um bairro tradicional que se caracterizava por suas casas antigas e

de clara influência inglesa. Quando os adultos se sentaram à mesa, Camila e Pablo, os gêmeos de

seis anos de idade, filhos de Enrique e sua esposa Juana, já estavam acomodados em suas

cadeiras.

—Rosario —disse Enrique—, você tem mãos mágicas e tudo está delicioso.

—Obrigada —respondeu a corada mulher, quando lhe servia uma porção dupla de carne.

—Você sempre escolhe o momento certo para dizer isso, não é irmãozinho? —zombou Belén.

O aludido soltou uma risada.

—E já nomearam o novo reitor? —perguntou Calixto a seu filho, enquanto degustava uma taça

de vinho.

—Ainda não, mas esperamos que até final do mês já saibamos quem ocupará o cargo.

—Estará entre Medina e Sánches —interveio Juana, uma mulher alta e magra, odontóloga

pediátrica.

—Pois seria terrível, porque a universidade não verá progresso e terá a corrupção como carro

chefe.

Belén suspirou. Percebia seu pai mais exigente à medida que envelhecia. Sabia, pelas conversas

com seu irmão, que os dois aspirantes à reitoria não eram os melhores, mas também não deveria

desqualifica-los desta maneira.

—Esperemos para ver o que acontece —respondeu Enrique.

—Você teria sido um bom candidato.

Pronto!

Ali estava a mesma sensação, alojada desde sempre nas mentes e nos corações dos irmãos

García. Belén observou seus irmãos e pode ver a expressão que, certamente, ela também

ostentava. Nada era suficiente para ele, e se algum de seus filhos baixasse a lua até ele, Belén

tinha certeza de que ele diria: “E por que não Marte?”. Não era fácil enfrentar

este lado de seu

pai. Sua mãe dirigiu-lhe um olhar com algo de reprovação.

—Não tenho idade e dez anos a mais de experiência —murmurou Enrique.

—Bobagem —insistiu o patriarca dos García.

Enrique soltou o talher e já ia responder, quando sua esposa segurou seu braço.

—Meninos, como vai o colégio? —perguntou Belén para mudar de assunto.

Pouca coisa havia mudado neste aspecto, meditou, consternada.

Pilar serviu a guarnição a seu marido com o ânimo de que se calasse e não falasse mais nada.

Camila, entusiasmada, desandou a falar no tema sugerido por sua tia, assim o jantar transcorreu

tranquilo. Pablo comentou alguma coisa sobre a aula de francês e todos que ali estavam, riram.

Antonia prometeu leva-los ao cinema naquele final de semana, e as crianças aceitaram

encantados. Quando terminaram de jantar, as crianças pediram licença para se retirarem.

—Como foi o seu trabalho? —perguntou Antonia a Belén.

—Bem, manhã começo o que será o meu trabalho por três meses. Faremos um relatório sobre a

situação das prisões em várias cidades do país.

Enrique a olhou, surpreso, e em seguida, a seu pai que respondeu:

—Não olhe para mim, insisti para que desistisse, porque poderia ter o trabalho que quisesse,

mas não: se jogou de cabeça nessa confusão que não tem conserto, nem nunca terá.

—Não olhei com esta intenção —aduziu Enrique—. Belén está mais que capacitada para

desempenhar este trabalho, que será fichinha em comparação com tudo o que teve que enfrenar

em Gaza ou na África. O que me surpreende é que esteja tão tranquilo, papai.

—É um trabalho como outro qualquer —interveio Belén.

—As coisas não estão nada fáceis no sistema carcerário —comentou Antonia.

—Eu sei, já me informei a respeito. Existem muitas injustiças, superlotações, lentidão nos processos

e não há ressocialização —explanou Belén.

—Não esqueçam que são párias da sociedade, e por isso mesmo estão cumprindo pena, por

não serem freirinhas de caridade —acrescentou Calixto.

—Mas isso não significa que não careçam de direitos —interveio Pilar, que esteve calada

grande parte da noite.

—Perdem seus diretos quando cometem seus delitos —insistiu seu marido.

—Por Deus, papai! Não entendo como pode estudar as leis porque, para você, as prisões não

deveriam existir —exclamou Belén, assustada.

—Pouparíamos um bocado —insistiu Calixto.

—Não papai! São seres humanos, como você e eu, que em algum momento de suas vidas deram

um mal passo e merecem uma redenção —defendeu Antonia.

—Existem alguns que não há redenção que lhes salve.

—Papai, se somente uns poucos quiserem se redimir, meu trabalho já terá valido a pena. Nunca

estaremos de acordo com isso. Colômbia é um país atrasado em relação ao sistema carcerário se

comparado ao nível mundial.

—Nem modos para que gastemos nossos impostos dando-lhes melhores condições, para que

continuem delinquindo até na prisão, quando este país tem tantas necessidades.

—São seres humanos, papai, e a reabilitação é necessária —acrescentou Enrique—. Uma

pessoa de mente tendenciosa e cheia de preconceitos não poderá fazer um trabalho de

consciência. Por isso, irmãzinha, espero que você possa fazer um bom trabalho. Em que prisão você

vai trabalhar?

—Na penitenciária feminina *El Buen Pastor*, e antes que diga mais alguma coisa, papai, deixe eu

lhe informar que se o sistema carcerário está atrasado para os homens, com as mulheres é ainda

mais cruel deste ponto de vista.

—Você tem razão —disse Enrique.

Seu pai levantou a sobrancelha enquanto recebia um café que a boa Rosario deixava sobre a

mesa.

Antonia, que era a outra mulher que ficara na sala de jantar, já que Pilar e Juana haviam saído

dali para ficarem com as crianças, continuou:

—O juízo moral contra nós é ainda maior. O homem poucas vezes perde sua família; a mulher,

ao contrário, perde muito mais, porque o pilar da casa desaparece, pois, a família é mais dura em

seus julgamentos com elas e elas são abandonadas. Vejo casos muito tristes em meu trabalho diário

com os filhos dessas mulheres.

Belén escutava sua irmã e fazia uma ideia. Até as visitas íntimas eram proibidas para as

mulheres, diferentemente do que acontecia nas penitenciárias masculinas.

O toque de seu telefone, e ver quem era, a fez se desculpar e levantar.

—Natalia, como vai? —saudou Belén.

A mulher devolveu a saudação e informou que Beatriz se desculpava por não poder cumprir seu

trabalho na penitenciária de *Santa María de la Providencia*. Sua chefe não explicou o motivo, mas

solicitou que Belén se apresentasse bem cedo na prisão masculina, pois Lorenzo já tinha as

instruções e entrariam sem problema.

—Mudança de planos —disse Belén ao largar o telefone na mochila—. Não vou mais ao *El*

*Buen Pastor*.

—Por quê?

—Minha amiga pediu desculpa, então irei à penitenciária de *Santa María de la Providencia*.

Depois de se despedir de seus pais, que lhe deram quantidades de recomendações, retornou ao

seu apartamento no lado ocidente de Bogotá, em uma zona muito central tanto de edifícios como

centro comercial. Tinha alugado um apartamento de um quarto, sala de estar e uma cozinha

minúscula. Tinha poucas coisas, mas era decorado com sobriedade. Preparou a roupa para o dia

seguinte, e em sua mochila guardou os documentos e quatro livros que pretendia doar para a

biblioteca. Com a maré de incertezas rondando-a, conciliou o sono, depois da meia noite.

## CAPÍTULO 2

Belén desceu do taxi que a levou até a penitenciária às sete e meia da manhã. *Santa María de la*

*Providencia* estava localizada em um setor industrial da cidade, onde

pululavam depósitos de

combustíveis, fábricas de adegas e centenas de empresas. Vestiu-se com roupa cômoda e nada

chamativa: sapatos mocassins, jeans desbotados, suéter preto e jaqueta de couro. Tinha prendido o

cabelo em uma trança apertada e não usava maquiagem. Lorenzo, o cinegrafista, esperava por

ela diante de uma enorme porta azul. Era um jovem de baixa estatura e com algum sobrepeso,

tinha o olhar inquieto e movimentos nervosos. Entregaram suas credenciais e lhes fizeram esperar

cerca de vinte minutos. Finalmente apareceu um guarda que se apresentou como aspirante a oficial

Mejía e com ele, entraram na penitenciária. Fizeram-lhes uma revista e deixaram entrar a mochila

em razão do material trazido. Antes de cruzar as grades que os levaria às diferentes galerias,

ingressaram na área administrativa e com a assistente social Lucila Cuenca, organizaram a agenda

que deveriam realizar.

Iriam àquele lugar duas vezes por semana, sempre acompanhados por um assistente da

Defensoria Pública. O homem entrou no lugar naquele momento e era um advogado chamado Luis

Cantillo, pouco mais velho que Belén, de feições marcadas, estatura mediana e magro. Fizeram

suas apresentações. Pela manhã, ficariam instalados em um recanto da biblioteca, onde poderiam

entrevistar os presos. Durante a tarde, entrevistariam os funcionários e fariam uma visita às

instalações.

Atravessaram a primeira grade. “Aqui entra o criminoso e sai o homem”, rezava um aviso na

parede lateral. Para Belén, era impossível excluir de seus pensamentos a primeira impressão do

lugar que iria dedicar um tempo de sua vida. Aconteceu o mesmo no campo de refugiados do

Congo, com o centro de meninos da Faixa de Gaza, com o orfanato na Síria e com o lar das

mulheres vítimas de abuso na África do Sul. Da prisão, impressionou-se com o odor de esgoto

misturado com o da comida e dos homens... Expressões sombrias, cheias de desesperança e uma

tristeza em rostos jovens, alguns já nem tão jovens, com marcas de acne ou outro tipo de cicatrizes.

Alguns deles sem um dente, braços tatuados, uns magros e outros corpulentos em razão de

exercícios físicos, alguns limpos e bem vestidos, enquanto outros pareciam ter saído do chiqueiro, a

energia era pesada e apesar de esta fazendo um dia de sol, o lugar era gelado, com correntes

frias que passeavam pelo lugar. Os presos observavam o grupo com aberta

curiosidade e dirigiam

a Belén olhares nada discretos.

Os assobios não demoraram a chegar e alguém gritou: “Mamãe! Seus olhos são duas estrelas[4],

suas bochechas são duas maçãs, e que linda salada de frutas faríamos com a minha banana”.

Outro disse: “Vem *pra cá*, linda, posso dar umas estocadas de carne”.

—Não lhes dê confiança —disse o guarda, que bateu com o cassetete contra a barra.

Belén não prestou atenção aos elogios “floridos”.

—As galerias da prisão estão distribuídas entre a ala norte e a ala sul, e no meio está o

pavilhão de segurança máxima. Vamos nos instalar na biblioteca da ala norte —disse o guarda.

O som de cada grade se fechando era uma pontada no coração de Belén. A quantidade de

presos era excessiva para o tamanho do lugar, que mais parecia uma caixa de fósforo. Havia

roupas de todo tipo amarradas nas barras das celas. Então, entrar na biblioteca foi uma

agradável surpresa, onde umas cortinas claras disfarçavam as grades da entrada. Sentiu como e

tivesse entrado em outro mundo. Uma música ambiental podia ser ouvida dos autofalantes

localizados em cada lado das paredes. Havia estantes de madeira e de metal

onde descansava

uma grande quantidade de livros decentes. Em outro espaço havia computadores utilizados por

homens jovens que levantaram a vista quando eles entraram.

A assistente social falou com o homem atrás do balcão. Belén não olhou para ele, porque

observava aquele espaço, a quantidade de livros e escutava a conversa do advogado.

—Há quanto tempo você trabalha para a ONG?

—Três meses —ela respondeu.

—Está apenas aterrissando.

Belén o olhou confusa.

—Não é meu primeiro trabalho com uma população vulnerável.

Percebia-se o olhar de evidente interesse que o homem lhe lançava e mais de um recluso a

analisava de cima a baixo.

—Interessante, terá que me contar algum dia.

—Sim, algum dia —ela respondeu com alguma indiferença.

Foram instalados em um lugar que gozariam de relativa privacidade. Era uma área retangular,

separada da sala comum por um móvel alto com livros, duas cadeiras e uma mesa. Do outro lado

havia uma parede com uma pintura a óleo que mostrava uma paisagem,

certamente pintada por

algum interno. Estava longe das mesas e dos computadores e nada do que falassem poderia ser

ouvido. Lucila argumentou que poderiam tê-los levados a alguma sala de aula, mas que estavam

todas ocupadas. Lorenzo acomodou a câmera. Belén, ao abrir a mochila, percebeu os livros e

pensou que seria um bom momento para doá-los.

—Já volto.

Aproximou-se do homem atrás do balcão que, de costas para ela, organizava uns textos. A

camiseta que usava era de manga curta e deixava ver um braço tatuado e musculoso.

—Desculpe-me —disse em um baixo tom de voz.

O homem se virou em seguida e franziu o cenho.

“Oh, meu Deus!”

Um olhar da cor do mel atravessou sua pele e uma coisa oculta, que ela nem sabia que tinha, se

mexeu dentro dela. Belén se sentiu vulnerável diante do olhar de um homem pela primeira vez na

vida.

—Sim? —perguntou o recluso, em um tom de voz cavernoso, que a impediu de alterar a voz.

Era um homem lindíssimo. “Por Deus, Belén! É um preso, ainda que sua

roupa simples o vestisse

como um modelo de revista”.

Ele elevou uma comissura dos lábios.

—Deseja alguma coisa, *paloma*[5]?

—Eu não me chamo “paloma”, meu nome é Belén.

O homem levantou uma sobrancelha sem deixar de olhar sua boca e deu um sorriso que deu

calor às suas duras feições. Quis fugir apavorada, mas disse a si mesma que não era para tanto,

mas seu coração batia de maneira desaforada.

—Em que posso servir-lhe, Belén?

Ela reteve a respiração e pestanejou algumas vezes sem deixar de olhar para ele. Tinha o

cabelo escuro cortado na raiz e uma sombra de barba que escurecia sua pele. Com expressão

cautelosa observou seus olhos, que escureciam diante de seu escrutínio, o que dava algo de

profundidade, ou melhor, de ferocidade à sua expressão. Então, em seus lábios dançava um

sorriso. Era este o olhar de alguém privado de liberdade? De uma fera encurralada. Lembrou-se

de sua visita ao zoológico: o olhar do leão destilava uma resignação irada, como a expressão que

este homem lhe brindava. “Deixe de pensar idiotices”. De imediato teria que

dizer alguma coisa e

não ficar como uma imbecil.

Colocou a mão na mochila, de onde tirou quatro livros finos e um chocolate Snicker.

—Uhhh! Este chocolate é para mim? —perguntou o recluso com sarcasmo—. Como sabia que é o

meu favorito?

Belén acordou.

—Não era para você, mas se quiser. —Franziu o ombro—. Trago estes livros como doação para

sua biblioteca, quando eu voltar, trarei mais alguns, se você desejar.

O homem olhou os títulos e revisou as edições.

—Uma edição muito cara —disse, com o livro de Emily Dickinson na mão.

Ela levantou a sobrancelha.

—E?

—Não somos muito de ler poesias.

Belén olhou o livro que o homem tinha nas mãos. Era uma edição de luxo, importada. “O vento

começou a balançar a grama”, era o título que ostentava.

—Os poucos que gostam de ler poesia, certamente, ficarão encantados.

O homem revisou os outros títulos, que eram antologias de contos.

—Serão textos muito apreciados.

—Fico feliz. Com licença —despediu-se dele, dando-lhe as costas.

—Paloma?

Ela se virou, disposta a repreendê-lo pelo uso deste apelido, mas a expressão suavizada de

suas feições com o chocolate na mão e a sensação de *dejá vu* que se apoderou dela, como se o

conhecesse anteriormente, a impediu de retrucar.

—Obrigado.

Um pouco abalada por este encontro, voltou ao que seria o seu local de trabalho pelos próximos

meses. Olhou pelo canto do olho até a recepção da biblioteca, onde o homem escrevia alguma

coisa em um caderno. Ele levantou o olhar, como se tivesse sentido o dela. Ela, enrubescida, se virou

para Lorenzo.

Entrevistaram o primeiro recluso, de nome Francisco Guerra, condenado por furto qualificado de

um veículo. Não tinha sido fácil encontrar homens que quisessem falar. Os prisioneiros não eram

amigáveis para contar o que acontecia nas galerias. A lei do silêncio era a garantia de poder

continuar na beirada do precipício em que seu mundo estava assentado. Belén notou a

desconfiança do homem ante suas perguntas e o tranquilizou, dizendo que caso se sentisse

incomodado em responder alguma, podia ficar em silêncio. Mas ela, com seu jeito cálido e empatia,

fazia com que as pessoas se abrissem, e quando mostrou seu sorriso mais doce, o homem respirou

fundo e começou a falar. Contou do seu primeiro dia na prisão, a primeira noite preocupado com

sua família, os filhos, pensando que sua esposa pudesse ir com outro, a falta de proteção que

sofria por não ter dinheiro, até para entrar no banheiro. Falou sobre os meses que permaneceu

dormindo no chão de um dos corredores com mais centenas de presos, até conseguir ter a quota

de uma sela, que compartilhava com outros três. Falou da lentidão com que a justiça colombiana

havia cuidado de seu caso, obrigando-o a permanecer preso por dois anos até seu julgamento,

quando obteve uma condenação de sete anos.

—Se você quiser levar seu encarceramento com alguma dignidade, deve ter dinheiro para obter

tudo, desde uma cela decente até uma boa comida.

—Mas se imagina que todos os reclusos tenham os mesmos direitos — argumentou Belén.

O homem soltou uma gargalhada e ela percebeu que lhe faltava um dente.

—Não, doutora —Belén meditou sobre o costume que havia na Colômbia de chamar todos os

profissionais de doutores, ou melhor dizendo, qualquer pessoa com alguma posição era intitulada

de “doutor”—. A justiça é para aquele que tem dinheiro, porque o pobre neste lugar chega ao

verdadeiro inferno sem nem passar pelo purgatório.

Belén pensou que o homem encarregado pela biblioteca não soubesse de nada disso, porque

sua roupa e sua aparência eram muito diferentes das do recluso que estava entrevistando.

Este lhe contou que havia presos que nunca recebiam uma visita e sem dinheiro era muito difícil

ter acesso aos artigos pessoais. A prisão tinha um orçamento muito baixo para isso e já nos

primeiros meses do ano gastava-se o montante destinado a eles apenas com artigos de higiene.

Belén anotou que deveria pedir doações.

Ao sair da biblioteca despediu-se do bibliotecário com um movimento de cabeça. Luis Cantillo

franziu o cenho e colocou uma mão nas costas da mulher, para incentivá-la a sair do local. O

destino seguinte foi o centro médico. Ali havia duas enfermeiras e um médico de plantão, um

laboratório clínico de primeira categoria, com dois profissionais e um consultório odontológico onde

havia apenas o material para trabalhar. Havia um turno de médico à noite, mas nenhum guarda se

arriscava a entrar nas galerias altas horas da noite, por um doente ou um ferido, porque temiam

por sua vida. Então o doente tinha que passar a noite com sua dor. Careciam de alguns

medicamentos essenciais.

Enfim, este primeiro dia não tinha sido nada lisonjeiro para o resultado da pesquisa, meditou

Belén. Onde estava o dinheiro, os orçamentos governamentais? Não entendia.

***

Jorge Robles organizava uns livros nas prateleiras, quando um grupo de pessoas alheias à

penitenciária fez sua aparição. Não era anormal que as pessoas viessem entrevista-los ou

conversar com eles, como se fossem animais em via de extinção ou espécies raras que deveriam ser

estudadas sob as lentes.

A primeira coisa que chamou sua atenção em uma das integrantes foi o tom de sua pele, porque

parecia que os raios de sol nunca a haviam tocado, e o olhar ávido em seus olhos de uma cor

indecifrável que abarcou todo o lugar. Deixou o que estava fazendo, cruzou os braços sobre uma

das estantes de livros e passou a observá-la. Parecia uma pomba branca no meio de um bando de

abutres prontos para devorá-la, e pela primeira vez em seus anos de cativeiro,

sentiu algo como se

a tão desejada liberdade, em forma de uma fada loira, chegasse até ele.

Não gostou da sensação, não queria nada novo em sua vida, mas não podia deixar de olhar

para ela: seu cabelo loiro, muito loiro, preso por uma trança, seu corpo pequeno e sua vestimenta

simples. Não deixou de perceber a elegância e a delicadeza de cada um dos seus movimentos,

quando parecia levitar entre as mesas e as cadeiras. Esquivava-se dos toques do sujeito que, ao

seu lado, não fazia mais que cheirá-la, nem quando deu instruções ao cinegrafista e falava com o

assistente social. Tinha uma beleza arrebatadora e não só pelo fato de que não via mulheres

lindas no seu dia a dia. Observou o rosto dos seus companheiros de cativeiro e viu neles um desejo.

Não gostou da sensação, então voltou ao seu trabalho.

Em poucos minutos, sentiu que ela estava perto dele pelo aroma. Ninguém naquela sala teria um

aroma dessa maneira, porque era uma fragrância doce, familiar. Um aroma terrivelmente

requintado que aguçou seus desejos há muito tempo esquecidos e quando voltou a olhar para ela,

alguma coisa revirou suas entranhas e soube, então, que esse instante não seria esquecido com

facilidade. Seu olhar o fez se esquecer de quem era e por que estava naquele lugar. Não se

sentiu confortável, mas ainda assim, se obrigou a ser amável. De perto, pode perceber a cor de

seus olhos, e jamais havia visto uma cor como aquela. Eram cinza, da mesma tonalidade das

pedras reluzentes do rio que atravessava a fazenda onde ele cresceu. Sua expressão era de

curiosidade e, nessa hora, olhava o mundo com um halo sutil de meditação. A cor de seus lábios

era do mesmo tom que um tomate maduro, e não precisava usar um batom.

Por uns minutos, esqueceu da eterna angústia e quando olhou para ele, prendendo a respiração,

ele também conteve a sua, sentindo a necessidade de falar um pouco mais com ela, de conhecer

sua história. Quando escutou sua voz, sentiu os pelos da nuca se arrepiarem. O timbre da voz da

moça percorreu seu corpo como se tivesse recebido um banho com alguma substância suave.

Quando lhe entregou os livros, viu que tinha mãos elegantes.

Depois daquele momento, observou enquanto ela entrevistava um companheiro de galeria. Olhou

para o chocolate, era um puta de um presente. Fazia anos que não comia um, e isso porque podia

pedir para sua mãe ou seu irmão, mas há anos não tinha voltado a pensar em um chocolate.

“Belén”. Gostou do nome e disse a si mesmo que nos próximos dias iria procurar descobrir seu

significado, afinal de contas, voltaria a vê-la. Disse que lhe traria mais livros.

Nessa época, já estava há três anos na prisão. Desde sua vinculação ao processo em sua

audiência de acusação e leitura da denúncia, não haviam voltado a chama-lo, e nem mesmo tinha

ido a julgamento. Às vezes, a Promotoria cancelava as audiências, outras vezes eram os diferentes

recessos judiciais, que tanto dano já havia feito a milhares de presos no país. Assim haviam

transcorrido esses anos, que tinham servido para deixa-lo insensível em uma das penitenciárias

mais cruéis do país.

Veterinário de profissão, haviam-lhe tirado de sua zona rural, fazendo-o trocar quilômetros e

quilômetros de planícies verdes e montanhas azuis pelos parcos três metros quadrados de uma

cela. Foi uma das coisas mais difíceis para suportar: não poder mover-se como antes, não poder

fazer longas caminhadas e ter que dar a volta a cada poucos metros e sempre rodeado por um

grupo de pessoas. Não havia intimidade, se estivesse em sua cela, chegava até ele o ruído das

grades, dos internos, das vaias, das brigas, e, se saísse ao pátio, homens, homens e homens por

todos os lados, agressividade, cheiro de maconha, crack e violência. Ainda se lembrava da

sensação de asfixia, entre outras coisas, quando dormiu a primeira vez em uma cela: teve a

impressão de que o teto estava caindo sobre ele, ou de que o estivessem enterrando vivo. Não

acreditou que chegaria vivo ao dia seguinte, porque a opressão no peito e a angústia não

permitiram que ele pregasse o olho durante toda a noite.

—É o diabo da meia-noite —havia-lhe dito Edgar Ramírez, um estelionatário que havia usado

de seu físico para perpetrar estelionatos nas mulheres—. Tem que se evadir de qualquer maneira

ou morre, é a hora dos suicídios. Quando condenam alguém que tem a esperança de sair em

liberdade, todo mundo presta atenção: vigiando-o, distraindo-o, porque se não for assim, nessa

noite tem suicídio. Cuidado com o diabo da meia-noite, irmão.

Jorge Robles sempre teve esperança de que sairia desse buraco imundo em poucos meses e era

a única coisa que o sustentava. Mas para sua decepção, esses meses se converteram em anos.

Quando cumpriu dois anos de cativeiro, ficou sem falar por uma semana. Ficou tão deprimido que

o diabo da meia-noite chegou a visita-lo, mas sua fé em Deus era maior. Com o passar do tempo,

passou a se sentir forte outra vez, capaz de tirar vantagem da sua situação.

Começou a ajudar outros presos, se dedicou a trabalhar na biblioteca. Toda sua vida tinha sido

fã de leitura e, apesar de seu trabalho com os animais, sempre havia um livro esperando por ele

na sua mesinha de cabeceira. Aqui os livros foram importantes para poder suportar o inferno, além

disso preparava os jovens que desejavam terminar a escola técnica de Biologia ou Química.

Esquivava-se com mil serviços todos os dias para não dar uma hora ao seu cativeiro e um só

segundo à sua tristeza. Mas as noites eram traiçoeiras e quando menos esperava, todas suas

frustações e angústia despencavam sobre ele como um balde de água fria. Com disciplina e força

de vontade, pulava da cama e fazia centenas de flexões. Ignorava a queimação dos músculos dos

braços e das pernas, assim como os gritos, as vulgaridades e os chutes nas grades que se escutava

por todo lugar.

Tinha comprovado que seu tempo na prisão dependia de uma fortaleza à prova de tudo, do

controle mental e físico, às custas do que fosse, inclusive, algumas vezes de seus próprios princípios.

Não tinha nada a ver com as pessoas que estavam lá fora, porque não podia perder a sanidade.

O suor escorria por seu corpo, fez mais três flexões e se sentou bruscamente contra a parede em

frente de onde estava seu catre. Fechou os olhos e levou seu pensamento até a fazenda, aos

entardeceres, aos amanheceres, o riacho, o canto dos pássaros, a cor das flores e seus animais, da

cor cinza das pedras do rio... Uns olhos em um rosto branco e angelical fizeram sua aparição no

meio da paisagem. A saudade voltou, mas ele a afastou como se tivesse corpo e tivesse-lhe dado

um bofetão. Deus! Cada ano, cada mês, cada dia se tornava mais difícil. Imaginou-se louco, como

os homens do pavilhão psiquiátrico que havia visitado uma vez.

Não permitiria isso, porque sua família precisava dele e nesses momentos apoiava-se em uma

tênue esperança, porque havia um processo em curso e a apresentação de uma petição por

excesso de prazo já estava nas mãos do juiz. Sua decisão era questão de tempo. Quando? Era

melhor nem levar em conta o tempo para os processos, porque poderia ser um mês, três meses,

nove meses. Miguel, um otimista incurável, repetia a cada visita que em alguns meses sairia a

decisão judicial a seu favor, e agarrava-se às frágeis asas da esperança e assim o faria como se

sua vida dependesse disso.

Chegou à sua mente o encontro que teve com Belén, cada palavra dita, cada olhar. Reviveu

identificar com precisão cada uma de suas palavras. Levou consigo o livro de Emily Dickinson para

sua cela, pegando-o da pequena mesa e o cheirou. Desejava sentir o aroma dela, que percebeu

na biblioteca. Esse aroma que lhe trazia o ar fresco da liberdade e da nostalgia, de uma amada

lembrança de sua vida anterior. Julgou-a perigosa, porque nada era mais perigoso do que uma

lembrança, e o diabo da meia-noite poderia aparecer se invocasse sua vida exterior.

Abriu o livro em qualquer página: “A esperança é essa coisa com plumas que pousa na alma e

canta uma canção sem letra e nunca, nunca se cala”. Como uma pomba branca. Fechou o livro de

imediato. “Não seja imbecil, uma mulher como ela jamais se prenderia a um sujeito como você.

Belén, Belén...”, sussurrou seu nome várias vezes, em uma ladainha, que levou o som pelos

corredores, silenciando tudo mais, ou assim foi a impressão que ele teve.

## CAPÍTULO 3

Belén levantou cedo e se espreguiçou. Era uma quinta-feira fria, o dia estava nublado. Colocou a

cafeteira para funcionar e já com uma caneca da bebida quente na mão, ligou o computador.

Passou os olhos pelas notícias, então pegou um livrinho de notas em sua mochila e começou a

escrever. Gostava de colocar no papel suas impressões pessoais. Depois, arrumou-se para ir

trabalhar.

Telefonou para Susana, que fazia aniversário, e foi convidada para ir até a casa dela de noite.

Tinha ido ao presídio em mais seis oportunidades e entrevistado vários presos: Daniel, um

paramilitar do norte do país; Eliecer, um batedor de carteiras do centro de Bogotá; e Fredy, ladrão

de apartamentos, assim como um dos guardas. Havia caminhado pelas oficinas de carpintaria e

pelas salas de aula. Ele a chamavam de “a Doutora” ou “a Monita[6]” , este último apelido em razão

do loiro de seu cabelo.

Na semana anterior, tinha feito um esforço sobre-humano para não se aproximar do balcão do

bibliotecário, evitando-o deliberadamente, mas isso não impedia que o cantinho de seu olho

observasse seus movimentos e que até ela chegasse pedaços do que ele falava. Era doentio. Na

quarta-feira seguinte, sua mãe a lembrou dos outros livros, e ela ficou olhando para eles como se

fossem insetos. Não podia rechaça-los, porque a biblioteca da prisão não deveria ser prejudicada

por sua covardia.

No dia seguinte, levou vários livros. Ao se aproximar do balcão, foi invadida pelo nervosismo e

se repreendeu mentalmente por isso. O homem foi amável com ela, nem uma palavra a mais ou a

menos, e foi correto em sua maneira de trata-la, assim como era com todo mundo. Observou suas

mãos grandes acariciando as costas dos exemplares e o antebraço onde começava a tatuagem.

—Obrigado, *paloma* —disse, com uma voz que se dissolveu na frente dela, grave e arisca.

—De nada.

—Todo livro faz uma diferença neste lugar.

Despediu-se com a sensação de que seu olhar a transpassava, com um brilho nos olhos que

parecia lhe dizer: “Não se meta em um buraco do qual você não poderá sair”.

Com o passar dos dias, já o cumprimentava quando entrava no lugar e levou mais livros para

ele. Ficava inquieta, porque queria chamar a atenção de alguma maneira, mas ao mesmo tempo,

repetia para si mesma que era uma estupidez. Precisava buscar alguma coisa em seu olhar, em

seus pensamentos, que lhe permitisse deduzir que tipo de pessoa ele era. Entesourava os momentos

em que se aproximava dele para entregar algum livro, não por ela, que a

duras penas articulava

a fala com a garganta seca, era por ele. Revivia o dia que as pontas de seus dedos roçaram as

juntas dos dedos dele e um calor, como se fosse uma chama, se estendeu até seu estômago.

Rememorava cada palavra, cada gesto, o leve odor da loção que chegava até ela. Percebia-se

que era um homem extremamente limpo e cuidado. Qual crime havia cometido? O que teria este

homem para deixa-la tão nervosa? Desejava saber. Sua aparência e imponência transmitiam uma

sensação de força e equilíbrio. Nunca um homem a deixou tão atordoada.

Belén tinha visto muito do mundo, conhecido qualquer quantidade de pessoas, vivido inúmeras

experiências. Por que este homem a inibia? Se fosse outra pessoa, já saberia de sua vida e seus

milagres, já teria entabulado uma amizade. Queria fazer isso, mas alguma coisa a impedia, e com

um enrubescimento lhe dava as costas.

***

Neste dia, o ambiente na prisão estava mais estranho que de costume, alterado e cheio de

angústia.

Belén perguntou a Lucila, a assistente social, qual era a razão.

—É segunda-feira —disse ela, mas ao ver a feição de interrogação no rosto de Belén, continuou

—. Depois do domingo de visita, alguns ficam mais deprimidos que o de costume e também há o

ajuste de contas, as dívidas, os enfrentamentos dos que importunaram as visitas dos outros.

—Perdoe-me pelo que vou dizer —apontou Belén—, mas parece que para você o sistema

penitenciário saiu da mão das autoridades. Este lugar é como um país independente onde os

presos fazem o que querem e vocês são simples guardiões das celas. Aqui dentro todo mundo faz

suas próprias regras.

A mulher, com expressão de indiferença, olhou para frente.

—Tem razão, Belén, guardas e funcionários se deixam contaminar pelo sistema. O ponto

nevrálgico do problema é a superlotação, que torna impossível controlar tudo. Temos uma

superlotação de cem por cento.

—Eu sei, e o que mais me preocupa é a lentidão para dar uma solução ao problema.

—Também tem que se levar em conta que o sistema penitenciário e judicial não estava

preparado para o aumento da violência e da criminalidade no país.

Belén disse a si mesma que era muito pouco o que ela poderia fazer. Além de

entregar seu

relatório, seu trabalho não iria mais além e isso a deixava frustrada, porque estava acostumada a

fazer a diferença. À medida que passavam pelos diferentes pátios, percebia a miséria daquele

lugar, com suas instalações muito antigas. Havia no país novos complexos carcerários, e ela tinha

certeza que depois do relatório que eles apresentassem, o governo tomaria medidas e faria muito

mais, mas sem uma ressocialização para o preso, teriam exatamente os mesmos problemas, só que

em estabelecimentos diferentes.

Com o passar dos dias, tinha ganhado a confiança de alguns jovens, que não mais a viam como

uma profissional, mas que descobriram que ela era um ser humano compreensivo, disposto a

escutar suas desgraças, e acabavam contando episódios de suas vidas sem maiores cautelas.

Ao entrar na biblioteca, viu Jorge Robles à distância. Descobriu seu nome apenas na semana

anterior. Ele a saudou com um gesto de permissão. Estava sério e olhava para uma das mesas com

alguma coisa parecida com preocupação. Belén levou os olhos ao objeto de interesse de Jorge,

era um rapaz sentado em uma cadeira, lendo uma revista. Não teria mais que dezoito anos, com

ar de desprotegido e olhar sombrio.

Preparou junto com Lorenzo o lugar apara a entrevista, porque nesse dia entrevistariam um

chefe guerrilheiro. Pegou os livros e os deixou no balcão. Tinha se acostumado a levar algum doce

especial e para que não ficasse estranho, levava pacotes de biscoito ou outras guloseimas que

compartilhava com os guardas e os presos.

O chefe guerrilheiro apareceu. Estava indiciado por rebelião e o juiz que analisava sua causa

ainda não havia prolatado sua sentença. Falou pouco, tinha um gesto desconfiado e pediu o favor

de enviar uma carta à sua família. Seu olhar nebuloso e atribulado a convenceu. Deu-lhe a carta e

o endereço para onde deveria ser enviada Belén a guardou e quando já se levantavam,

escutaram uma discussão entre dois presos, acompanhada por um estrondo na outra parte da

biblioteca e depois um grunhido seguido de um golpe. O grupo se levantou apressadamente e o

guarda usou um apito. Quando Belén pode ver o que estava acontecendo, observou Jorge Robles,

que havia imobilizado um homem e o mantinha de boca para baixo sobre uma das mesas,

contendo a cabeça com uma mão e com a outra, tratava de soltar o punhal ensanguentado que

ainda segurava. O jovem que Jorge observava uns minutos antes, se queixava e colocava sua mão

sobre a perna, onde ao que parecia um homem havia-lhe cravado uma faca. O chão estava

manchado de sangue. Os guardas entraram em segundos na biblioteca e um deles agarrou Jorge

com brutalidade, enquanto outro capturava o homem com a faca.

Belén observou a frieza nas feições de Jorge ao tentar se soltar das garras do guarda, que

machucou seu pulso. Não viu com clareza que alguém levava o ferido para a enfermaria, nem que

outro guarda segurava o preso que havia ocasionado tudo isso, ela só tinha olhos para Jorge.

Outro guarda o agarrou com firmeza e ele abaixou a cabeça ao ver que o algemavam.

—Deixem-no —disse, exaltada, para o guarda—, ele não fez nada.

—Isto é o que você acredita, senhorita, porque aqui dentro não existe nenhum anjinho, puros

diabos é o que eles são.

—Para onde vão leva-lo?

—Para interroga-lo —respondeu o oficial e os afastou para que saíssem dali —. As coisas não

vão demorar para esquentar.

—Dissimulado, filho da puta! —gritou o marginal para Jorge, quando o levaram—, quando “*el*

*Jefe”* souber, você vai se ver com ele.

—Importa uma merda se ele souber —respondeu Jorge, com berro—. Acredita mesmo que eu

tenha medo dele? Vocês são muito brutos por fazerem uma coisa dessas na minha biblioteca —

olhou, de novo, para o homem com atenção—. Estou vendo, você está mais *noiado*[7] que nunca.

—Silêncio! Mantenha a boca fechada! —gritou o oficial.

Jorge virou a cabeça até o guarda e deu-lhe uma olhada que inclusive Belén, que tinha seus

olhos para frente, ficou assustada.

Belén e Lorenzo foram evacuados da área das galerias em um piscar de olhos. Ela quis ficar e

averiguar o que iria acontecer com Jorge, mas logo foram levados para a enfermaria para onde

levaram o jovem. Ao chegar, havia um grupo de presos sentados em um banco de cimento,

esperando a vez para serem atendidos. Belén pensou que o jovem teria prioridade. Quão errada

estava!

—Posso gravar? —perguntou Lorenzo.

—Prefiro que não —respondeu Lucila.

—Este é o tipo de coisa que eles precisam saber, se quisermos deixar que vejam essa atitude.

—Não sei, Belén.

—Por favor!

—Não —respondeu, taxativamente.

Belén escreveria sobre o acontecimento, claro que sim. Anotou o nome do jovem ferido, porque

iria entrevista-lo mais adiante.

Quando saiu a enfermeira, Belén falou com ela sobre o ocorrido, e a mulher disse que quando

atendesse ao próximo paciente, entraria o rapaz.

—E se tiver uma hemorragia? —perguntou.

A mulher deu uma olhada superficial na ferida.

—Não tem problema —sem olhar para eles, trancou-se outra vez no consultório.

—Onde está o médico?

Ouviram algumas risadas dos presos que ali estavam.

—Não se meta nisso, Belén —advertiu-lhe Lucila—. Não se aproxime tanto deles. São perigosos.

Limite-se a fazer seu trabalho.

—Isso não é uma questão de trabalho, mas uma questão de humanidade. E o bibliotecário? O

homem chamado Jorge. Por que está aqui? —perguntou, com aparente indiferença.

Apesar do fato ocorrido, Jorge era um homem dono de um domínio, que não

aprecia abandoná-

lo, nem em circunstâncias mais problemáticas. Agia com um espírito ousado e temerário, que já viu

de tudo e está cercado de tantas outras, que pouquíssimas coisas o surpreendiam.

Lucila olhou para Belén, surpresa pelo repentino interesse e sem entender o motivo pelo qual ela

perguntava precisamente por ele.

—Está indiciado por assassinato. Evite-o e não busque problemas para você.

—É assim tão perigoso? —perguntou, com um fio de voz.

—Sim —respondeu a mulher, querendo dar o assunto por encerrado.

—Tem muitos problemas com ele? —insistiu Belén.

—Depende do que se entenda por "problemas". Não se mete em confusão, caso contrário, não

poderia trabalhar na biblioteca. Não é de causar problemas, a menos que alguém se meta com

ele. E sua primeira semana aqui, enviou alguns sujeitos à enfermaria.

Uma bola de incredulidade e desencanto se instalou no estômago de Belén. Tinha que deixar de

pensar nele, não era salutar, nem correto. Estava como essas mulheres que se sentem atraídas por

homens que estão condenados ao corredor da morte. "Chega de estupidez, Belén, comporte-se

como a profissional que você é", repreendeu-se.

Enquanto atendiam o jovem, Belén deixou o presídio com Lorenzo.

***

Jorge prestou depoimento sobre o ocorrido e depois passou na enfermaria, onde a enfermeira

enfaixou seu pulso. Não sabia o que fazer com William Duarte, o rapaz que recebeu a facada.

Era um ladrão e viciado, cujo pai se aproximou dele em um sábado de visita e havia-lhe pedido

que ele tomasse conta dele, quando seu filho comentou que, na primeira semana, Jorge o defendeu

quando um pequeno grupo, que tomou ojeriza a ele, cobrava-lhe até a entrada no banheiro. O

desespero do pobre homem e vê-lo chorar todas as vezes que se despedia de seu filho, ou a

saudade que sentia de seu próprio pai, tinham feito com que ele deixasse o rapaz sob sua

proteção. Mas as coisas ficariam complicadas se ele não deixasse de querer aquele vício e William

continuasse a manter uma conta com os chefes da galeria que forneciam as drogas. E essas dívidas

nunca eram perdoadas.

A violência nos presídios, geralmente, estava relacionada a problemas com drogas e poder. A

distribuição funcionava da mesma forma que extramuros, ainda que o preço chegasse ao dobro

nas épocas normais e triplicasse se acirrassem as revistas e o controle dos visitantes. Os guardas

haviam prendidos mães e esposas de presos que, de todas as formas possíveis, ingressavam com

drogas.

Em cada galeria existia um “chefe” que controlava a rede de traficantes e um pequeno grupo

que se encarregava de cobrar as dívidas e marcar território. Conseguia-se desde um cigarro de

maconha “para começar o dia”, até papelotes de paco[8] e cocaína.

Os que tinham contas pendentes, começavam seu calvário desde a hora em que se levantavam e

iam ao banheiro. William tinha vendido seus pertences pessoais, que sua família lhe trazia a cada

dia de visita, e o dinheiro que seu velho lhe deixava nunca era suficiente. O pai, desesperado,

deixou de levar dinheiro e a consequência foi a punhalada neste dia. Jorge estava farto, porque

via o jovem instável, ansioso, e se as coisas continuassem nesse ritmo, seria alimento de vermes em

menos de um mês. Neste lugar, se não se desenvolvesse a intuição, estaria morto em poucos dias,

porque as agressões cercavam cada esquina.

Jorge sempre tratava de se aproximar dos jovens, dos que se empenhavam, assim como ele, em

seguir adiante apesar das circunstâncias tão nefastas. O grupo fazia exercícios, dançava, os

músicos compunham e os mais estudiosos cursavam o ensino técnico em busca de uma carreira. A

verdade é que eram poucos, mas um ou dois jovens que pudesse resgatar das garras da

delinquência ou das drogas, Jorge já se dava por satisfeito.

Entrou na biblioteca na parte da tarde, porque haviam-na fechado depois do incidente e levou

algumas horas colocando tudo em seu lugar. Estava mortificado por Belén tê-lo visto sair de lá

algemado, ainda que não tivesse que se sentir incomodado. Era o que era: um maldito preso, e o

fato de ela o olhar de uma maneira diferente, de nada mudaria sua condição. Pegou um balde de

água e lavou o chão manchado de sangue seco, organizando as mesas, os livros. Finalmente

examinou os textos que Belén havia deixado para ele: Crônica de uma morte anunciada[9],

Rayuela[10], Servidão Humana[11], todos títulos excelentes. Depois, chegou a uma agenda de capa dura em cor azul. “Momentos”, rezava em letras douradas na encadernação. Ao abri-la, percebeu

que era um diário com notas e alguns desenhos. Era dela. Tinha certeza. O correto seria fechá-lo e

entregar para ela no dia seguinte, mas a curiosidade venceu. Iria bisbilhotá-la ao chegar à sua

cela. Guardou-a no bolso de trás de sua calça e deixou os livros onde estavam. Não tinha mais

vontade de organizá-los.

Ao entrar na galeria, um dos mensageiros de Pacho Cruz, "*el Jefe*", andou atrás dele na

sequência, acompanhado de outros dois meliantes.

—"*El Jefe*" quer falar com você.

—Estou ocupado —disse Jorge, como o olhar como uma fera. Não estava na prisão há três anos

para deixar-se intimidar por um grupo de vira-latas.

—Por bem ou por mal.

—Depois da contagem e do toque de recolher, conversamos. Saiam daqui.

Os homens se afastaram sempre grudados à parede da galeria, para transmitir-lhe a

mensagem de "*el Jefe*".

Depois do confronto, chegou à sua cela com a caixa de comida.

—Não devia defender este viciado —disse Edgar Ramírez, antes dele entrar na cela.

—Não vou deixar que o matem —replicou Jorge.

—Então, se você quiser companhia para ir falar com Pacho, conte conosco.

Edgar se referia a Moisés, que já estava em alerta. Mas o que Jorge menos queria era um

enfrentamento no pátio, pois sempre terminava com o aparecimento de um

cadáver no dia

seguinte. Normalmente, as mortes ocorriam durante a noite, quando nenhum guarda se arriscava a

colocar um pé naquele lugar.

—Vou resolver isso sozinho. Ele sabe que não é o momento de começar uma guerra.

Entrou na cela. O lugar era um espaço de três por dois metros quadrados, um catre de concreto

pregado na parede, com um colchonete e cobertores de cores diferentes. Um par de prateleiras

onde guardava suas roupas e seus livros. Em frente havia uma televisão e na parede, fotografias

de sua família. Tinha uma arma escondida: um punhal para quando as coisas ficavam pesadas na

galeria, mas seria loucura leva-la nesse momento.

Levou a agenda ao nariz, procurando por aquele aroma que o deixava de humor diferente.

Como poderia se aproximar dela? Cheirar essa parte entre o ouvido e o pescoço. Sua pele, tinha

certeza, seria tão suave como a pétala de uma rosa, tão diferente da dele. Queria sentir sua pele

clara contra sua pele morena, enfrentar à chantagem e à promessa desse contato sagrado. O ar

estremecia quando ela entrava na biblioteca. Sabia sua rotina de cór sua rotina. Morria por dentro

quando caminhava três passos até chegar ao seu lado, quando olhava para ele e o saudava com

um sorriso, que desejava devorar com um beijo. Oito passos até chegar ao seu local de trabalho,

onde sobre a mesa soltava sua mochila, e dali tirava os livros e os doces que trazia. Com onze

passos, aproximava-se dele, que a sentia sua uns minutos, enquanto inalava seu aroma e

fantasiava com ela. Não importava o que tivesse colocado, todo seu sangue corria veloz para uma

parte de sua anatomia que precisava de atenção.

Belén ia mata-lo, porque tinha voltado a se masturbar pensando nela, em seus seios, que intuía

serem cheios e gostosos, escondidos dentro desses suéteres coloridos que usava; em seus mamilos,

que imaginava como duas framboesas, ou em seu traseiro arrebitado, que se mexia de uma

maneira provocante, quando passava ao seu lado. Fechou o diário como um menino surpreendido

em uma travessura, quando uma pancada nas grades da cela tirou sua concentração.

Deixou o diário escondido entre os livros, pegou o dinheiro em um dos esconderijos e saiu para

falar com “*el Jefe*”.

Entre olhares curiosos e murmúrios chegou à cela do homem, seguido a poucos passos por Edgar

e Moisés, que fizeram pouco caso de sua negativa à oferta de acompanha-lo.

A cela era a maior da galeria, porque era a união de mais três celas. Oito anos atrás, um

mafioso, com a cumplicidade das autoridades da penitenciária, tinha mandado derrubar as

paredes e criar um cômodo só, que ainda que pequeno, era muito mais confortável que as outras.

Dentro dele, havia um sofá, uma televisão grande e uma cama dupla, além de um pequeno

escritório. Um dos capangas que avistou Jorge estava sentado no sofá, vendo uma dessas novelas

que passava durante a tarde em um dos canais abertos, enquanto "*el Jefe*" desfrutava de uma

comida que em nada parecia com a dos outros presos.

—Robles! —Exclamou "*el Jefe*".

Jorge permaneceu em silêncio, ainda sem tirar o olhar das mãos, porque dali sempre vinham as

agressões.

—Não gosto que se metam em meus assuntos.

Pacho Cruz limpou a boca com um guardanapo e se levantou. Era um homem de estatura

mediana, cabelos grisalhos e magro. Fazia dois anos, em um banho de sangue sem precedentes,

havia tomado o controle da galeria, comprando guardas com dinheiro e presos com armas ou

drogas, em uma ação digna de qualquer história de gângsteres.

Jorge tirou uma nota de dinheiro e estendeu ao homem.

—Aqui está o pagamento da dívida. Na devia ter enviado seu valentão à minha biblioteca. Este

lugar é tão sagrado como a visita de uma mulher em um domingo.

O homem soltou uma risada e pediu ao homem que estava no sofá que recebesse o dinheiro.

—Não venda mais drogas para ele ou não respondo por mim, e da próxima vez haverá

consequências —disse Jorge.

—Você está me ameaçando? —o homem soltou um cacarejo que não chegou aos seus olhos—.

Desde quando os pássaros usam escopetas?

—Desde que os pássaros estejam igualmente armados para enfrenta-las —respondeu Jorge

com os punhos apertados. Pelo canto do olho viu Edgar e Moisés colocarem-se na defensiva.

Pacho aproximou-se com vontade de agarrá-lo, mas Jorge era maior e mais corpulento.

—Cuidado, Robles, posso fazer da sua vida um inferno se você continuar me provocando. Não

vai querer terminar afogado em sua própria merda, não é verdade?

—Então não venda mais drogas a William —respondeu Jorge em um tom que não admitia

discussão.

Outra risada desagradável.

—Como se isso fosse resolver alguma coisa. Se eu não vender, ele vai procurar lá fora no pátio

e eles não terão tanta consideração como eu tenho tido —replicou o homem com toda frieza.

—Não importa, vou arrumar as coisas com ele.

—Por que você se importa tanto com este pedaço de miséria? —perguntou Pacho em tom de

gozação.

—Isso não é problema seu. Deixe-o em paz.

O homem deu um assobio.

—Romance à vista. Era questão de tempo, porque faz anos que uma mulher não visita você.

Jorge Robles virou um marica de marca maior.

Jorge, sem pensar duas vezes, deu-lhe um murro no nariz. Em seguida, vários homens

desembainharam suas armas e apontaram para sua cabeça.

—Deixe-me e dou-lhe um tiro certeiro, "*el Jefe*" —disse aquele que, minutos antes, estava

sentado no sofá.

Edgar e Moisés continuavam na porta, com outros homens apontando-lhes armas. Pacho tinha um

exército à sua disposição. Ele limpava seu nariz, enquanto sopesava a oferta de seu capanga.

Matar Jorge Robles não serviria aos seus interesses. As pessoas nas galerias ficariam contra ele,

então pediu aos seus homens que baixassem suas armas.

—Você vai me pagar por isso, maldito filho da puta, e quando menos esperar. Nem perceberá o

golpe.

—Estarei esperando —disse Jorge, com os punhos prontos para outro golpe.

Saiu furioso da cela, com Edgar e Moisés atrás dele.

—Eu já vi você cometer estupidez, irmão, mas esta é insuperável — repreendeu-lhe Moisés.

Jorge, furioso, não disse nada. Aproximou-se da esquina do corredor em que William dormia, e

o jovem estava deitado em um colchonete. Ele o levantou sem maiores esforços.

—Por sua culpa acabo de cutucar a onça com vara curta. —Ele o sacudiu, furioso—. Maldito, se

você voltar a meter qualquer merda em seu corpo, serei eu a lhe estrangular com minhas próprias

mãos, estamos entendidos?

O jovem confirmou várias vezes, trêmulo, e Jorge não conseguiu saber se era pela ferida ou

pela abstinência. Tinha consciência de que uma ameaça não acabaria com seu vício, mas iria vigiá-

lo nos próximos dias. Se seu comportamento não mudasse, deixaria que ele ficasse à própria sorte.

Já havia causado muito dano para ele, em um único dia.

Depois do banho, deitou-se no catre, relaxou, abriu o diário e começou a folheá-lo.

## CAPÍTULO 4

A letra de Belén era de traços médios, redondos e firmes. Havia alguns desenhos, entre eles o de

uma menina com a cabeça coberta, como costuma ser nos países do Oriente, de olhar escuro,

impressionante pela dor refletida.

“Por fim, hoje, a pequena Azima falou. Tenho sentimentos mistos, porque me dói que ela tenha

passado a engrossar a lista de crianças órfãs por conta dessa guerra inútil entre palestinos e

israelenses, mas sei que uma boa família irá acolhê-la, e sei que existem vários casais europeus

interessados nela. Em breve, irei embora daqui e as coisas, ainda que um pouco melhores, estão

longe de alcançar alguma aparência de normalidade. Quantas vidas desperdiçadas. Quantas

gerações crescendo sem esperança”.

Outra nota: “O poço de água no acampamento já funciona, mas Nathan me disse que vai

observá-lo por algumas semanas e voltaremos para casa. Estou impaciente

porque iniciaremos uma

nova etapa”.

“Nathan”, sussurrou Jorge, que pegou o diário e passou várias páginas em que falava sobre

detalhes técnicos e administrativos de sua profissão, e outras em que ela mencionava alguns

conhecidos e amigos na Bélgica. E então, umas palavras mais tristes: “Aconteceu. Assim como

quebram seu coração na adolescência, me senti da mesma maneira. Minha chefe e Nathan estão

dormindo juntos e não quero mais vê-los”. Jorge passou por cima de algumas páginas relativas ao

trabalho e depois, outras páginas: “Não posso voltar a fazer, ainda que eu tenha que colocar um

oceano no meio”.

Passou mais folhas em que falava de sua chegada a Colômbia, do encontro com seus pais e

bingo!, da prisão. “Qualquer forma de confinamento sempre me aflige, seja de pessoas, de

animais. Em meu trabalho já vi muitas coisas, mas o que mais me comove é a expressão de

desesperança em seus rostos. É sempre a mesma expressão, seja no Congo, na faixa de Gaza ou

em uma prisão latino-americana. Ele me surpreendeu, em meio aos livros, me lembrou um animal

selvagem em repouso. E seus olhos, meu Des, seus olhos da cor do mel, luminosos. Fiquei olhando

por um tempo muito longo e acredito que tenha sido muito evidente".

Jorge sorriu, incrédulo com o que lia.

"A tatuagem começa no pulso, com um desenho tribal em cor preta. O desenho sobe, dando-lhe

forma a um lobo, também tribal, uivando ao que parece ser a lua. O comprimento da manga da

camiseta não me deixa ver mais. É um trabalho muito bonito e ele é um homem que chama atenção.

Os outros que estão ao seu lado parecem imagens borradas. Ele gosta de doces e seus olhos

brilham quando eu levo alguns, e tive que disfarçar e levar alguns para os outros, porque não

queria levantar suspeitas".

Jorge passou ansioso para outras folhas.

"Hoje eu soube seu nome, Jorge Robles".

Com um sorriso nos olhos, passou para outras páginas.

"Espero as idas à penitenciária com expectativa, e tenho medo de mim mesma, porque seu olhar

me embaraça, me envolve. Deus meu! O que está acontecendo comigo? Por que ele? Que delito

terá cometido? Só peço a Deus que seja alguma coisa que eu possa aceitar. O que eu estou

dizendo? Eu me desconheço, mas me sinto incapaz de condenar o que eu sinto”.

Ali finalizavam seus escritos, fechou o diário com suavidade e apagou a lâmpada.

***

Belén chegou ao apartamento de Susana no norte da cidade.

—Feliz aniversário! —Abraçou sua amiga, que saiu à porta e entregou-lhe seu presente.

—Venha! Quero apresentar-lhe aos amores de minha vida. Vicente, meu marido.

Um homem alto e magro, de cabelo escuro e olhar suspeito, aproximou-se para saudá-la. Era

advogado, assim como Susana. Na sala, observou que havia vários casais, que o apartamento era

tão perfeito como o resto da vida de sua amiga.

Susana fez as apresentações e saiu com ela pelo corredor até chegarem a um quarto. Quando

abriu a porta, uma luz tênue a recebeu. No fundo, havia um berço e uma cadeira de balanço. Um

móbile decorava a parte superior do berço. O filho de Susana, Matías, estava profundamente

adormecido.

—É lindo!

O bebê dormia com os braços para cima e estava vestido com um pijama de elefantes. Sua

respiração era pausada e a tranquilidade em volta dele devolveram-lhe a paz que lhe havia sido

arrebatada neste dia, no presídio.

—Ainda não posso acreditar que Vicente e eu tenhamos feito alguém tão perfeito —sussurrou

Susana, emocionada.

—Deus o guarde sempre.

—Não quero ir trabalhar, quero ficar com ele para sempre.

Belén sorriu.

—É normal se sentir assim, vocês precisam um do outro.

—É um amor tão grande que me tira a respiração.

Saíram da sala e ao chegar na sala, Susana lhe apresentou Alberto Montes, um homem atraente

e agradável, que era economista e trabalhava no setor financeiro da ONU. Bebeu várias taças de

vinho enquanto desfrutava de uma conversa amena. Queria esquecer tudo que havia acontecido

com Jorge. Perguntou-se por que o amigo de Susana não lhe chamava atenção, que se mostrava

claramente interessado por ela. Conversaram sobre música, restaurantes e dos lugares no mundo

que haviam visitado. Era um homem culto.

—Aceitaria um convite para jantar comigo?

Era tão fácil, poderia fazê-lo, deixar de pensar em olhos escuros e tatuagens tenebrosas, sair

com um homem que o mais tétrico que via era a cor de suas meias. Obrigou-se a sorrir, porque

tinha que tentar, ainda que isso a aborrecesse como o diabo. Não estava em seus planos assentar

a cabeça, nem tão pouco ir de galho em galho, mas poderia travar uma amizade.

—Claro que sim.

Conversaram mais um pouco, trocaram números de telefone e o homem se despediu dela com um

beijo na bochecha, que não lhe tremeu o chão como o roce das mãos de Jorge.

Mais tarde, quando ficou sozinha com Susana, e com a coragem que dão umas taças a mais,

decidiu consulta-la.

—Tenho curiosidade sobre uma coisa, querida.

—Diga-me —respondeu, enquanto se servia de uma taça de vinho.

—Como faço para averiguar os antecedentes criminais de uma pessoa? Um preso. —Bebeu um

gole— Quero saber pelo que foi acusado e que pena está cumprindo.

Susana presenteou-lhe com uma expressão curiosa.

—É pelo seu trabalho na prisão?

Ela olhou para o fundo da taça.

—Sim, é uma bobagem, mas eu me sentiria mais tranquila se soubesse algo de alguém.

—Com que finalidade você faria isso?

—Curiosidade e tranquilidade.

—Pode ser feito, com um pouco de investigação e seus dados pessoais. Há um escritório com

base de dados que pode fornecer isso.

—Posso fazer eu mesma o pedido?

—Sim, claro que pode fazê-lo.

—Perfeito.

—Algo com que eu deva me preocupar?

—Não!

—Tenha cuidado. Alguns desses homens são como encantadores de serpentes, quando você se

der conta, estará dançando ao ritmo dele.

Ela sorriu, tranquilizando-a.

—Não se preocupe. Não é nada do outro mundo.

—Está bem.

Despediu-se para voltar para sua casa. Ao chegar, preparou um chá de baunilha, seu preferido,

e procurou seu diário em sua pasta. Removeu os papéis e não o encontrou. Procurou em sua

mochila, mas também não estava lá. Lembrou-se que a última vez que o viu tinha sido pela manhã,

quando organizada os papéis em sua pasta. Percebeu que o diário havia ficado com os livros.

Ainda que às terças-feiras não tivesse visitas, havia falado com Lucila e com os guardas para ir no

dia seguinte. Em razão do que aconteceu neste dia, seu trabalho tinha ficado pela metade e

haviam dado uma autorização especial. Deitou-se mortificada e só conseguiu pegar no sono de

madrugada. A profunda atração e o senso comum estavam em conflito como feras lutando pelo

poder, e esta noite, pediu a Deus que acabasse com esta luta terrível.

***

Jorge se obrigou a mostrar um semblante indiferente quando a viu aparecer. Percebeu que ela

estava na defensiva e ele insistiu em seu gesto apenas pelo prazer de deixa-la nervosa. Estava

muito bonita. Com seu aroma irresistível, e um leve rubor, se aproximou dele.

—Acredito que ontem deixei... —disse Belén, nervosa. Inclinou a cabeça enquanto roçava seu

lábio inferior com os dentes, e então levantou o rosto— ...um diário, meu, entre os livros.

Ela sustentou o olhar com firmeza por alguns segundos e depois desviou seu rosto para o grupo

de livros, que pareciam não ter sido movidos do lugar mesmo antes da algazarra. De imediato,

toda sua angústia tinha sido em vão e um raio de esperança a iluminou ao perceber que, ao

menos, ele nem havia folheado o diário. Observou seu pulso, envolvido em uma atadura que

tampava parte de sua tatuagem.

Jorge se virou e simulou verificar. Ela aproveitou para perguntar-lhe:

—Dói muito? O guarda foi muito duro com você.

Ele se virou com o diário azul escuro em sua mão e algo parecido com alívio a invadiu.

—Não, *paloma*, não me dói, e isso que você viu ontem não é nada comparado com a guerra que

temos que enfrentar todos os dias.

Que o matassem se seus enormes botões de prata não se revestiram de compaixão, meditou

Jorge, ao mesmo tempo em que sentiu uma intensa pressão em seu interior, que não lhe agradou

muito.

—Eu sinto muito. Posso fazer alguma coisa por você?

—Você já o fez, *paloma*.

Entregou-lhe o diário.

—Obrigada.

Jorge se deu conta de que ela ainda decidia se confiava nele ou não, e decidiu provocá-la um

pouco para ver o que acontecia. Um sorriso se aferrou na comissura de sua boca e pigarreou.

—Apenas tem que me perguntar tudo o que você deseja saber.

Belén quis que a terra se abrisse e a engolisse de uma só vez. Olhou para Jorge, furiosa.

—Leu meu diário —murmurou, com os dentes apertados.

Jorge a presenteou com um sorriso um pouco tenso, ao ver que a fúria impregnava suas feições.

—Não temos muito o que fazer por esses lados.

Deveria se sentir incomodado, mas para sua autoestima, o que estava escrito nesse diário e o

desconforto que a circundava neste momento foram como água para um sedento.

—Foi grosseiro e errado. Não deveria ter feito isso.

—Está em um lugar menos indicado para falar em coisas certas. No cárcere não existem

princípios ou escrúpulos. Você já deveria saber disso.

Seus olhos lançavam chispas e Jorge quis pular o balcão e devorar seus lábios. Era linda até

quando estava furiosa. Viu o tipo que a acompanhava se aproximar.

—Está tudo bem? Aconteceu alguma coisa?

—Não foi nada. Estou recuperando um caderno que, ontem, foi por equívoco,

entre os livros.

Luis percebeu o ambiente tenso e franziu o cenho. Jorge o olhou com raiva. Imediatamente se

lembrou do que leu no diário e relaxou. Destinou-lhes uma expressão displicente antes de se virar

para continuar seu trabalho.

Belén se afastou, enrubescida e furiosa. Ao jogar o diário na mochila, um papel pequeno

apareceu, com uma pergunta que para ela foi o começo de tudo: “Posso ligar para você?”. Eram

letras grandes e firmes.

Esteve distraída durante toda a entrevista e suas emoções iam de um lado ao outro. E se ele a

extorquisse? Tinha escutado casos de presos que extorquiam as pessoas. Ela não tinha dinheiro, só

seu trabalho. Não o conhecia absolutamente. O fato de ter sido amável com ela e ser mais

elegante que a metade do presídio, não era garantia de ser uma boa pessoa.

Ao finalizar seu trabalho na biblioteca, sustentada por uma profunda fé, e com a incerteza e a

ansiedade que marcariam sua relação, deslizou um papel no diário e o deixou no balcão da

biblioteca, diante da expressão pasma de Jorge e sem que ninguém mais o percebesse.

Quando se aproximou da porta, Jorge, com o coração batendo dolorosamente,

abriu o diário e

encontrou em uma de suas páginas o número do telefone, que não era um celular, mas com certeza

de sua casa. Leu o bilhete: “Esperarei sua chamada depois das seis”.

Quando chegou ao pátio, falou com Edgar, que de imediato facilitou-lhe um telefone celular.

Belén ficaria surpresa se soubesse tudo que se podia conseguir na prisão: celulares, bebidas,

mulheres, todo tipo de drogas, armas. Seus bens pessoais, roupas, livros, cobertores, tudo vinha de

fora. Nesse momento, cinco novas pessoas entraram no pátio. Pobres, meditou Jorge, porque não

sabiam o que lhes esperava. Nessa primeira noite aconteceria a estreia se o preso não viesse

recomendado, os novatos eram espancados e ultrajados. Os que lhes caíam bem, só tinha que

entregar seus pertences, até o colchão e as cobertas, e começam a pagar cota por tudo. Edgar e

Moisés observavam a acolhida.

—Já vou me recolher —disse Jorge. No dia seguinte ajudaria os jovens, porque hoje era muito

pouco o que se podia fazer —. Amanhã eu devolvo o celular.

—Ok —respondeu Edgar sem deixar de olhar o espetáculo.

***

Jorge, já acomodado na cela, colocou uma música clássica para disfarçar o barulho que

chegava da galeria. Digitou o número. Belén respondeu no segundo toque.

—Olá, *paloma*.

—Olá —ela saudou com a voz nervosa. Sua respiração parecia que havia corrido uma

maratona.

—Deixe-me falar... —calou de imediato e em um sussurro, perguntou-lhe se podia trata-la por

tu[12].

—Claro que sim —respondeu ela com o coração a mil.

Jorge a sentiu do mesmo lado da barra, ou melhor ainda, juntos, sem barras entre.

—Antes de mais nada, quero dizer que comigo você não corre nenhum perigo, só quero

conversar, que sejamos amigos. O que lhe parece?

—Parece perfeito —respondeu ela, mais tranquila—. Amigos que compartilham um café. Uma

pergunta: esta ligação é legal?

Belén escutou sua risada, rouca e profunda, e adivinhou sua expressão.

—Não, *paloma*, estou falando de um celular contrabandeado, mas não se preocupe, você não

corre nenhum perigo. É de um amigo.

—Então estou fazendo algo ilegal pela primeira vez na minha vida.

—Você decide se continuamos conversando ou se paramos por aqui —disse ele, em tom firme.

Depois de um suspiro profundo, ela respondeu:

—Não, está bem.

—Por que o trabalho na prisão?

—Por que não? É um trabalho como outro qualquer, além disso, a isso me dedico: trabalhar com

uma população vulnerável.

—E perigosa.

—Sim, perigosa. —Suspirou—. Alguém tem que fazer isso.

—Isso é certo. Ainda é difícil para você conviver com os males desse mundo? Eu convivo porque

estou esperando um julgamento, mas... E você?

— Isso se chama serviço vocacional. Eu gosto do meu trabalho. Em meio aos males do mundo

pude encontrar as ações mais belas e mais desinteressadas.

Apesar da esperança, Jorge pode perceber a melancolia em sua resposta. Lembrou-se das

anotações em seu diário. Era uma apaixonada pelas causas as quais se dedicava e temeu por ela.

Era complicado mostrar essa paixão em seu mundo sem pagar as consequências, que por vezes

era nefasta.

—Tenha cuidado Belén. Não quero que nada lhe aconteça e nós não somos as crianças do

Congo. Somos mais perigosos que os aldeões para quem sua organização constrói poços de água

e lhes dão escolas.

Belén estremeceu ao ouvir o nome em seus lábios, com um quê de emoção que não estava

presente quando a chamava de "*paloma*".

—Vou ficar bem. Já vi de tudo.

Belén escutou um suspiro profundo e quis estar, nesse momento, ao seu lado, mais do que

qualquer outra coisa. Olhar para ele, escutá-lo rir, observar a cor de seus olhos.

—O que acontece depois? Pelo que li no seu diário, você viaja pelo mundo. Vai embora?

—Não, não irei, voltei para ficar —deu uma risada—. Você é um descarado. Não tem vergonha

de falar do meu diário como se não fosse nada. Agora, como você já sabe, morro de curiosidade

para que você me fale do lobo.

Ele permaneceu em silêncio por uns minutos. Ela pensou que ele não fosse responder.

—O significado do lobo é...

—Eu sei o que significa, procurei no Google.

—Ora... esclareça-me, *paloma* —percebia-se que estava lisonjeado.

—O pouco que eu li, diz que estão associados à família e que é uma das relações mais

significativas, que quando representados em tatuagens representa a devoção que os pais têm em

relação aos filhos, já que em uma alcateia uma das tarefas com mais zelo se realiza justamente no

cuidado de seus filhotes. Também são nobres guerreiros, grandes líderes e protetores dos

inocentes.

—Vejo que fez bem a sua tarefa, então imagino que deva ter lido alguma coisa de sua história

e como também era considerado um instrumento do diabo.

—Sim, eu li, mas isso não me impressionou nem um pouco, e como sempre existem histórias

terríveis, porque sempre foi um dos predadores mais temidos. Por isso você o tatuou? Para que

tenham temos a você?

—Fiz esta tatuagem muito antes de entrar na prisão —soltou uma risada rouca—. Não confio

nos métodos aqui utilizados. Sou veterinário de profissão e o lobo sempre foi um dos meus animais

favoritos. Estudei muito sobre o tema quando estava na universidade.

Belén gostava da cadência de sua voz, firme e pausada.

—Por que está na prisão? —perguntou, com o coração galopando de tal maneira, que ela não

entendia como ele não escutava.

—Estou acusado por uns assassinatos que eu não cometi.

Assassinatos! Belén ficou sem respiração e disfarçou como pode sua reação. Suas pernas

tremeram e tinha um nó na boca do estômago. Lembrou-se de uma frase de Lucila: “aqui todos se

dizem inocentes e nas prisões não existem culpados”. Queria escutá-lo, precisava saber.

—Conte-me.

—É uma história muito longa.

—Temos tempo.

—Minha família tinha uma fazenda perto de *San Antonio de Padua*. Éramos cinco: meu pai, minha

mãe e meus irmãos mais novos, Miguel e Ángela. Miguel era oficial do exército e minha irmãzinha

fazia escola técnica. Meu pai criou uma cooperativa para o progresso dos rancheiros da região.

Ele cuidava da parte da agricultura e eu lidava com o gado. Não era muito, mas era uma fazenda

próspera e tínhamos muitos planos. Um grupo de foras da lei da região não via o trabalho de meu

pai com bons olhos e o assassinaram uma noite, diante de toda a família. Eu perdi a consciência

por conta de um forte golpe e quando abri os olhos, o cadáver do meu pai estava no pasto.

Poucos dias depois nos pediram para abandonar a fazenda. Íamos ser desapropriados de tudo

que havíamos conhecido. Eu não quis abandonar a fazenda e minha família me apoiou. Então, me

armaram uma emboscada. Uma noite, dias depois, tomei uns tragos em um dos bares da cidade e

tive um forte desentendimento com dois rancheiros da região. Falaram mal de meu pai! —Subiu o

tom de voz com fúria—. Do meu pai, que morreu por querer dar melhores condições de vida aos

rancheiros da minha região! Nós chegamos às vias de fato, mas as coisas ficaram assim. Lembro-

me de subir em minha camionete e chegar em minha casa em meio a uma bebedeira espantosa,

nada mais. No outro dia, me acusaram da morte desses dois rancheiros e desde então, estou preso.

Perdemos a terra, minha família agora vive em Bogotá, meu pai deixou algum dinheiro que se foi

com os advogados, enfim, o sustento neste lugar é caro. Mas minha família não quis me ouvir

quando eu lhes pedi que não pagassem mais nada, porque eu me defendo aqui sem problemas.

—Sinto muitíssimo —disse Belén, enquanto secava suas lágrimas. Tratou de normalizar a voz,

porque não queria que ele percebesse o quanto tudo isso tinha-lhe afetado, e do fundo de sua

alma lhe disse —: Acredito em você.

—Obrigado. Há uma petição por excesso de prazo. Miguel me disse que em alguns meses sairá

a decisão, então é minha única esperança.

—O que você precisar, pode contra comigo.

—Poder olhar seus olhos, que são espetaculares, ver você perambulando pela biblioteca e

quando você se aproxima de mim, *paloma*, e agora escutar sua voz, isto sim é um presente do céu.

—Além de sua família... —começou, incomodada—. Existe mais alguém? —perguntou,

enrubescida.

—Você está me seduzindo, *paloma*? Estou lisonjeado.

—Não! —quis desligar, era um petulante—. Algum dia terá que dizer porque me chama de

"*paloma*".

—Algum dia.

Permaneceram em silêncio.

—Veja, tenho que desligar.

—Está bem, falaremos em outra ocasião, deixe-me dizer que não existe ninguém.

Belén não sabia se acreditava nele ou não, mas soube que estava com problemas quando algo

parecido como um alívio a inundou.

## CAPÍTULO 5

O dia de Jorge começava às cinco e meia da manhã. A esta hora, por causa do frio, havia poucas

pessoas nos chuveiros. Depois da primeira contagem, tomava café da manhã e ia para a

biblioteca quase toda a manhã. Pela tarde, depois do almoço, chegava às salas de aula, onde

meia dúzia de jovens esperavam por ele para os estudos de Biologia e Química dos exames do

Estado, para a graduação. Havia dias em que fazia exercícios, e nos fins de semana em que sua

família não ia visita-lo, ficava lendo em sua cela. Aferrava-se à cruz do cotidiano para evitar cair

na paranoia. Era um dos poucos presos que tinha um apelido decente, "*el Profe*[13]", e graças à sua família podia viver no Hades[14] com alguma dignidade: em uma cela individual, com televisão e a

mesma comida dos guardas. Desde que chegou, Moisés, junto com Edgar, se converteram em seu

padrinho e confidente. Tinha homens no pátio de sua absoluta confiança que o protegia a todo o

tempo dos outros arruaceiros. Naqueles dias, apesar da desmobilização da

organização

paramilitar em todo o país, o conflito entre guerrilhas e paramilitares havia se mudado para a

prisão, e contavam histórias dignas de um filme de horror. Cada preso deveria tomar partido de

um ou de outro, e cada dia era mais difícil viver na neutralidade. Se Jorge devia tomar partido,

obviamente que não o faria pelos grupos de direita que acabaram com a vida de seu pai e, muito

menos ainda, era partidário das guerrilhas, que tanto dano causou à fazenda. Preferia mil vezes

os outros grupos.

—Isto vai explodir quando menos esperarmos —apontou Moisés, enquanto estavam na fila para

os chuveiros.

—Que seja, é sempre a mesma história —respondeu Jorge, que esta manhã sorria o tempo

todo. Era dia de *Santa María de la Providencia*, a Santa patrona da penitenciária, e Belén estaria

com outras pessoas da ONG para filmagem e entrevistas.

Tinham-se passado duas semanas desde o primeiro telefonema. Haviam conversado em várias

outras ocasiões, por horas. E criado laços de confiança ao fazerem confidências. Jorge estava

ansioso para levar as coisas a outro nível, e hoje ele iria pedi-la para que o

visitasse, uma tarde,

com permissão especial, como às vezes seu irmão o visitava, ou seu advogado. Ele colocaria seu

nome na lista e faria todos os trâmites. Nem em sonhos imaginava convidá-la, em um domingo, para

uma visita íntima, ainda que desejasse muito. Tinha certeza de que ela não voltaria a dirigir-lhe a

palavra, caso ele insinuasse qualquer coisa assim.

No começo de seu confinamento, recebia visitas femininas aos domingos. Mulheres nunca

faltavam no presídio, familiares ou amigas dos presos, prostitutas que entravam com a aquiescência

dos guardas e que eram providenciadas pelos caciques das diferentes galerias. A última relação

que Jorge havia tido foi com a amiga de um primo distante, que sempre se sentiu atraída por ele,

quando ia de férias a *San Antonio de Padua* e insistiu em visitá-lo, quando soube do ocorrido. Jorge

Robles era um homem de grandes apetites, sua vida eram as mulheres, mas nunca tinha se

apaixonado. Todos os pais da cidade em que cresceu advertiam suas filhas sobre ele. “Uma

serpente”, tinha dito um deles. Era um homem de lábia fácil e linguajar adulador, que se meteu nas

calcinhas de muitas mulheres daquele lugar, que sucumbiam ao seu encanto como mariposas na luz.

Quebrou alguns corações, passando de uma mulher à outra sem se importar muito com seus

sentimentos.

No início de sua prisão, a falta de mulher quando ele queria voltou-se contra ele, mas com o

tempo, se acostumou. Jorge era do tipo extremista e o desenvolver de disciplina para poder

sobreviver, permitiu-lhe tomar a decisão radical de não voltar a manter relações com mais ninguém.

E havia cumprido sua determinação. Tinha dominado o controle de seus desejos. Desde então, três

anos já haviam-se passado, por isso, sentiu-se incomodado quando Belén entrou na biblioteca,

porque seus desejos há muito adormecidos acordaram de uma só vez. No começo, disse a si mesmo

que era normal, que era a reação de um homem diante de uma mulher bonita, mas à medida que

ela chegava com sua beleza arrebatadora, com sua frescura e seu aroma, ele teve vontade de

mais e não eram apenas os desejos de seu corpo, era uma ânsia profunda, como se ela tivesse

todas as respostas à angústia e ao pesar que cercavam sua alma como as grades da prisão.

—Você não vai acreditar, mas tive a informação de que entrou um carregamento de armas

outra noite. Há um lado que quer o controle de duas galerias e a nossa está na

mira.

—Pelo menos hoje, eles não vão se atrever.

—Não. Muita gente e muita visita.

Jorge se preocupou com Belén. Sabia que ela apenas fazia seu trabalho, mas tinha visto quando

ela entrevistou alguns sujeitos bastante sinistros e também alguns guardas, que nem todos eram

almas de Deus: havia guardas corruptos, guardas bons e outros indiferentes. Sessenta homens para

tomar conta de uma população carcerária de cinco mil internos, em um lugar construído para

albergar apenas dois mil e quinhentos presos. Acontece que, muitas vezes, esses guardas se

associavam com os presos-caciques dos pátios para controlar a população total. Preocupava-se,

porque se ele metesse o nariz onde não era devido, podia ficar em perigo.

Nesta manhã, vestiu sua melhor camisa, perfumou-se e saiu para o pátio principal, onde em uma

plataforma já estavam os músicos afinando seus instrumentos. Haveria apresentações e uma peça

de teatro. Nesse dia, chegavam artista para interagirem com eles e podiam passear por todos os

lugares.

Viu quando ela conversava com alguns presos, seguida pelo cinegrafista. Desejava passar um

momento a sós com ela, queria leva-la à biblioteca, porque ali poderiam conversar com

tranquilidade como em um dia de visita. Jorge a seguiu entre as pessoas sem que ela percebesse.

Volta e meia ela olhava para o pátio, e tinha certeza de que ela procurava por ele.

Neste dia, Belén vestia uma calça comprida escura, tênis esportivo e um suéter da cor dos

morangos. Não estava de trança, mas com um coque baixo. Entregava doces a um casal de jovens,

quando decidiu aproximar-se dela.

—Olá.

Ela o olhou, surpresa, e seu bendito sorriso iluminou seu dia, como não podiam fazer aquelas

festividades.

—Olá.

Desejou beijá-la e prometeu a si mesmo que o faria, antes de o dia terminar.

—Está linda!

Belén enrubesceu e o olhou de cima a baixo, faminta de detalhes, como sua boca suave ou suas

grandes mãos. Apesar de seu aspecto quieto, podia perceber sua força interior, como o de um

animal que fareja o ar em busca do ataque ou da aproximação. Ficou olhando fixamente para ele,

sorrindo-lhe.

—Obrigada, você também está muito bonito.

Jorge se sentiu como o maldito de um adolescente, porque ela o afetava como

nenhuma outra.

Ao ver o grupo que sempre a acompanhava se aproximava, disse:

—Belén, na biblioteca tem uns livros que gostaria de lhe mostrar.

Levantou o olhar, surpresa, e nesse momento anunciaram a apresentação de um famoso cantor,

que neste dia tinha ido para brindá-los com seu show. Um grupo de pessoas se aproximou e ela se

perdeu de seus companheiros. Lorenzo a alcançou.

—Belén, você vem?

—Estarei na biblioteca —disse, sem deixar de olhar para Jorge.

—Ok, tenha cuidado —respondeu o jovem, sem se importar se Jorge iria escutar.

Afastaram-se, passaram por vários pátios, e a comemoração estava por todos os lados,

enquanto alguns familiares dos presos aproveitavam para visitá-los. Respirava-se uma energia

diferente, nesse dia: energia de esperança, de festa. O ambiente tenebroso brilhava por sua

ausência. Entraram na biblioteca, ele a convidou para se sentar em uma das mesas, e sentou à sua

frente.

—E então? —perguntou Belén.

—E então, o quê?

—Os livros que você ia me mostrar.

De repente se sentiu nervosa, não porque se preocupava com sua segurança, mas era por outra

coisa. Era muito estranho se sentir tão atraída, da maneira como ela se sentia, por alguém tão

distante de seus princípios e de tudo que ela era. Muros de sensatez despencavam de maneira

ensurdecedora a cada um de seus telefonemas, ou fazer algo que não deveria, como este

momento roubado, longe do que tinha vindo fazer na penitenciária. Jorge sorriu para ela, e havia

alguma coisa em sua maneira de rir, na maneira desinibida com que a olhava, como se conhecesse

cada um dos seus pensamentos e esperasse que ela os revelasse, perseguindo-a, como se tudo

fosse um jogo para ele.

—Não existem livros, eu só queria ter um momento a sós com você, *paloma.* —Abarcou com os

braços a biblioteca—. Diga-me que não é um maldito presente. Não precisa ter medo, porque

nada de mal vai acontecer com você perto de mim. Se você estiver incomodada, podemos voltar

para o pátio.

—Está bem.

Olhavam-se com receio, com pudor, cercados por um fio que, à medida que

passavam os

segundos, se estreitava mais em volta deles, aproximando-os.

—Então, por que você está nervosa?

Quando Belén ficava nervosa, tinha que ter alguma coisa na mão, então, mexeu em sua mochila

e tirou alguns chocolates recheados, envolvidos em papéis coloridos, que deixou na mesa e depois

ofereceu a Jorge. Ela pegou um e começou a brincar com ele, até que Jorge pegou de sua mão.

Meu Deus! Sentir o toque de sua pele quente, fazia com que ela derretesse na cadeira.

—Não estou nervosa. —Olhou para ele, angustiada, e depois olhou para suas mãos juntas, os

polegares dele subiam e baixavam, não sabia se em uma carícia erótica, mas Belén sentiu que lhe

acariciava a alma—. Sim, estou nervosa, maldição.

—Por quê?

—Posso colocar a culpa em você?

—Claro que pode —ele respondeu com uma expressão risonha—. Já me acusaram de coisas

piores, *paloma*.

Ela sorriu de seu pesar.

Jorge encolheu os ombros. “Interessante”, meditou. Tocar sua mão morna, perceber sua pele

suave e seu aroma familiar... Tinha-se privado por muito tempo da companhia de uma mulher.

—Bem já que você colocou a culpa em mim, posso saber a razão? Pode me perguntar o que

você quiser e não me venha com qual minha cor favorita.

Ela soltou uma gargalhada.

—Não vou perguntar qual a sua cor preferida, mas quero saber seu filme predileto.

—Essa é fácil: *O Poderoso Chefão*, os três filmes.

—Não! Tente outra vez.

—Por quê? É o filme que eu mais gosto.

Ela inclinou a cabeça e revirou os olhos, enquanto mordia o lábio inferior com os dentes de uma

maneira que fez com que Jorge se mexesse na cadeira. Levantou o olhar, outra vez, e seus olhos,

como um poço sem fim, aumentaram os batimentos em seu peito.

—Por ser um veterinário, pensei que você fosse dizer *O Encantador de Cavalos, Tubarão, Dança*

*com Lobos, Procurando Nemo*...

Ela só queria fazê-lo rir, mas as feições dele se entristeceram, de repente.

—Sinto muita falta da minha profissão.

—Sinto muito.

—Amava meu trabalho, *paloma*.

Ela decidiu dar um fim rápido àquela conversa, também não queria fazer com que ele ficasse

mal.

—Se você ama tanto os animais, não sei como pode gostar de *O Poderoso Chefão*. Não me diga

que a cena do cavalo não é repulsiva.

—Sim, é, mas a trama é fenomenal. Qual é filme que você mais gosta? E não me venha com

bobagens do tipo *Uma Linda Mulher* ou *Amor em não sei onde*. Além disso, não me disse por que

está nervosa.

—Você não pode ter nada contra *Uma Linda Mulher*. Nada, porque é genial. —ela respondeu,

evitando o comentário sobre seus nervos.

Ele a olhava intensamente, com uma expressão pilantra e desafiadora, que dava um brilho

especial aos seus olhos.

—A protagonista é bonita.

—Homens! Meu filme favorito não é a típica história de amor.

—Qual é?

— *O Amante*, uma adaptação do livro de Marguerite Duras.

—Sim, eu conheço o livro. O desejo como um construtor de caráter.

Jorge se levantou e foi até uma estante de onde tirou um livro de capa branca

com o rosto de

uma jovem.

—Você mesmo o trouxe há três semanas. —abriu o livro na primeira página —. Tem várias

frases nesse livro que me agradaram muito, “um amor destinado a não ser”. Lembrei-me de uma

frase que li em algum lugar, não me lembro onde: “O amor não é aquilo que queremos sentir; e

sim, aquilo que sentimos sem querer."

A frase cobriu Belén com uma tênue melancolia. Não quis que ele percebesse.

—Um amor difícil condenado por uma gama de preconceitos e deveres ancestrais. O homem

não tinha liberdade e ela não o amava.

Ele soltou uma risada sarcástica.

—Tem razão. Ele não era um homem livre e estava mais preso do que todos nós aqui. O mais

duro de estar neste lugar é não ter domínio sobre a minha vida. Não mando em nada, não imagino

meu futuro, e antes eu era dono do meu próprio destino, agora vivo em uma rotina imposta por

outros. Tive que me colocar acima de tudo isso para poder superá-lo.

—Você está um pouco limitado, é verdade, mas li por aí, ou escutei, que a liberdade nunca se

perde. A mobilidade, sim, mas a liberdade da alma, jamais.

—Quem disse isso não passou um dia no xadrez.

—É difícil não poder tomar decisões.

—E você acredita que eu não tome decisões? —soltou uma gargalhada—. Tudo neste maldito

lugar é uma decisão, desde a hora que levantamos até o momento de nos deitar. O simples fato de

colocar os pés no chão pela manhã, quando você passou uma noite de merda com uma vontade

enorme de acabar com tudo. Acordar é o pior, porque acordar é se resignar mais uma vez, passar

pela mesma rotina uma e outra vez. Guerrear com o impulso de fugir, de alguma maneira, de não

se drogar como qualquer um neste lugar, maconha, cocaína, crack, paco, pode escolher qual, e o

fato de querer fazer alguma coisa com seu tempo e não ficar na esquina de um pátio, esperando

que as horas passem para ir para sua cela.

—Tem um pouco de liberdade nisso. É chamado de livre arbítrio.

—Com certeza. E quais são seus muros, *paloma*?

—Isso você terá que averiguar.

Ele deu-lhe uma olhada e seus olhos eram brilhantes e ternos. “Veja só”, pensou ela, ele a

olhava com um ar terno. Pegou o livro e leu:

—“Muito breve em minha vida foi muito tarde”. Esta frase termina um mundo e este parágrafo é

o meu favorito: “Anos depois da guerra, do casamento, dos filhos, dos divórcios, dos livros, chegou

a Paris com sua esposa. Ele telefonou para ela. Ela o reconheceu pela voz. Ele disse: só queria

ouvir sua voz. Ela disse: sou eu, bom dia. Estava intimidado, tinha medo, como antes. Sua voz, de

repente, tremeu. E com o tremor, de repente, ela reconheceu o sotaque da China. Sabia que havia

começado a escrever livros. Soube por sua mãe, a quem voltou a ver em Saigon. E também pelo

irmão mais novo, que tinha ficado triste por ela. E depois, já não sabia mais o que dizer-lhe. E,

então, ele disse. Disse que era como antes, que ainda a amava, que nunca poderia deixar de

amá-la e que iria amá-la até a morte”.

Precisava beijá-la, disse Jorge a si mesmo, enquanto ela lhe devolvia o livro e ele procurava

alguma cena que havia chamado sua atenção. Desejava deitar-se com ela, e quem não? A ideia

de ver seu rosto perdido na paixão, fazê-la vibrar de prazer... Deus! Nunca havia desejado tanto

uma mulher como a desejava, não apenas eu corpo, mas ela toda. Queria conhecer seus detalhes

mais íntimos, sua maneira de gemer, escutá-la falar por horas. Gostava muito

dela e fazia muito

tempo que não gostava de uma mulher. Ela lhe caía bem. Por fim, desejava algo que não fosse

estar longe dessas paredes.

Ficaram calados, olhando um para o outro, ele fechou o livro e Belén soube que, neste momento,

que nenhum dos dois controlava mais seus sentimentos, simplesmente eram controlados. Então, foi

invadida por uma sensação de incapacidade que a fez agradecer à vida pela vertigem, pela

incerteza e pelas palpitações.

—Solte seu cabelo, *paloma*.

Ela arregalou os olhos, levantou ambos os braços e desatou o coque. Seu cabelo caiu pelos

lados e pelas costas, estava muito comprido, brilhante e da cor do trigo. Jorge puxou a cadeira e

ficou sentado ao seu lado.

—Posso? —perguntou respeitosamente.

Ela apenas podia assentir levemente, mas seus olhos deram a resposta, nem mesmo sabia o que

ele queria fazer, mas tinha certeza de que o queria mais perto. Posso o quê? Tocá-la? Beijá-la?

Que fizesse o que desejasse, desde que acabasse com a tensão que causava um redemoinho em

seu estômago desde que havia chegado à biblioteca.

À distância, escutavam a música do artista que se apesentava nesse momento, era uma música

romântica e dava para ouvir os assobios das pessoas. Jorge acariciou seu cabelo e a olhava

concentrado. Percebeu que estava nervoso quando levou uma mão ao seu rosto, como se estivesse

preparado para que ela se retirasse a qualquer momento. Belén virou o rosto, fechou os olhos e

seus lábios tocaram a palma da mão dele. Essa foi a sua permissão.

Ele apenas conseguia respirar, mas aproximou-se ainda mais dela e afundou o rosto em seu

pescoço, aspirando-a, agarrando seu aroma. Passou o nariz na pele que lhe inspirava ternura,

submissão e um medo profundo. Apesar de sua vontade de devorar seus lábios, saboreou este

momento de antecipação, antes que seus lábios se juntassem, ou, talvez, que ela desejasse se

retirar, que saísse correndo apavorada da borda do precipício que ele, com seu anseio egoísta,

queria fazê-la saltar. Delineou a boca com o dedo, desenhando-a, aproximando-se mais, até que a

piscina de seus olhos se tornaram escuras, devorando-o, atraindo-o como um canto de sereia.

Degustou o sabor de sua respiração, doce como ela. Ao primeiro contato de seus lábios, Belén deu

um gemido e um tormento delicioso encheu Jorge de euforia. Com uma pequena mordida, abriu

seus lábios e introduziu sua língua, conhecendo sua textura, sua umidade e, por fim, bebendo seu

sabor de néctar doce e baunilha. Um gesto tão antigo como a humanidade, mas que eles

experimentavam pela primeira vez. Passou um braço por suas costas e com a outra mão aferrou-se

ao seu cabelo, acomodando a cabeça para continuar saqueando sua boca. Sua pele tinha-se

tornado rosada, queria tocá-la em todas as partes, degustar todos seus sabores. Tinha lido em

algum lugar que um beijo poderia roubar a alma, mas nunca havia acreditado nisso, até este

momento.

A ansiedade, a angústia e o desejo amarrados na garganta de Belén se dissolveram quando

sentiu as carícias de seus lábios. Se não estivesse sentada, tinha certeza que suas pernas não

poderiam sustenta-la. Uma nova sensação ardeu em seu peito, junto com a sensação de vertigem.

Se ele tivesse pedido, neste momento, que ela o acompanhasse ao fim do mundo, Belén iria segui-lo,

hipnotizada. Até ela, chegavam os acordes de uma canção *ranchera*[15]: “Se nos deixassem,

buscaríamos um canto perto do céu, se nos deixassem, faríamos veludo das

nuvens”. Essas palavras

colaram em seus pensamentos, nunca havia beijado um homem com tanta aflição e tanta emoção.

Ele se afastou devagar, sem deixar de registrar cada uma de suas feições. Ela sorriu para ele e

acariciou sua bochecha.

—Está tudo bem, mais do que bem —respondeu às dúvidas que viu no semblante de Jorge.

—O tempo dirá, *paloma*, só o tempo dirá.

Ela se aferrou outra vez em sua boca, como se esse gesto a salvasse de si mesma e das

emoções turbulentas, que não encontravam caminho de volta. Acariciou seu queixo áspero, aspirou

seu aroma para leva-lo com ela e sua língua empurrou mais forte e profundo dentro da boca de

Jorge. Agora, quem gemeu forte foi ele. O beijo parecia não ter fim e Jorge, percebendo que a

situação não era a ideal e que poderiam perder o controle a qualquer momento, acabou por

concluí-lo com uma última suave carícia e a soltou.

Ambos respiraram de forma agitada, olharam-se e se abraçaram, emocionados, por alguns

segundos. A chama havia se acendido e nem oceanos de incertezas ou dúvidas poderiam apaga-

la.

Logo depois, ela voltou a prender seu cabelo e saíram outra vez para o pátio, roçando seus

dedos antes de se separarem.

—Até breve, *paloma*.

Ela teve vontade de chorar, mas disfarçou como pode. Como em uma nuvem compartilhada com

outras pessoas e cercados pela melodia, eles se retiraram. Quando atravessou a última grade, ela

o viu a poucos metros dela. Levantou a mão e se despediu. Ele devolveu o gesto com alguma

aflição. Quis se aproximar e perguntar o porquê, mas Lorenzo e Luis, que já estava de mau humor,

levaram-na apressadamente daquele lugar. Oxalá ele a telefonasse esta noite para perguntar a

razão.

***

Pedro Cruz, "*el Jefe*", rondava pelo pátio com sua escolta quando viu a troca de despedidas

entre Jorge e Belén. Vinham da biblioteca e percebeu que estavam nervosos. "Quer dizer então

que "*el Profe"* quer comer bem", murmurou baixinho e negou várias vezes com a cabeça. Talvez

esta fosse a solução de todos os seus problemas, porque precisava introduzir no presídio mais seis

revólveres para equipar mais pessoas. O guarda Rivas não queria ajudar com

a entrada de

armas. Tinham um delator e não tinham conseguido saber quem era. Os Patos, um grupo de

criminosos do outro pátio, queria a soberania sobre os três pátios adjacentes. Poderia extorquir

Jorge ou ela, e era linda a condenada. “Bicou muito alto ‘ *el Profe*’”. Por mais importância que

desse a si mesmo, era o que era, um bandido como ele e faria bem lembra-lo que o bem-estar de

todos do pátio também era sua responsabilidade.

Aproximou-se.

—Robles.

Jorge não respondeu sua saudação.

— *La Monita*, está muito boa.

Jorge ficou tenso e apertou os dois punhos de cada lado do corpo.

—Poderíamos dar um servicinho para ela, algo simples —continuou o homem, olhando para ele,

zombeteiramente.

Jorge se jogou sobre ele como uma fera, mas seus capangas não deixaram que ele chegasse a

menos de um metro.

—Cuidado Pacho. Ela é intocável, escute bem! —Gritou Jorge e olhou com raiva os homens que

cercavam “*el Jefe*”, tratando de se soltar—. Para vocês também. Não se aproximem dela.

—Suas ameaças não me importam nem um pouco. —Pacho acendeu um cigarro—. Cedo ou

tarde, todos têm que me pagar pelo bem-estar de seu pátio.

—Maldito filho da puta! Eu vou matar você!

O homem o presenteou’ com uma expressão de zombaria e abriu os braços em cruz.

—Estou aqui, venha me matar.

O melhor dia de sua vida havia-se convertido em um inferno. Esteve prestando atenção em

Belén a cada minuto, a uma distância prudente. Foi atrás dela até a última grade e ali se despediu.

## CAPÍTULO 6

Arcadio Mendoza desligou o auscultador do telefone com uma sensação de fatalidade, depois de

escutar as notícias que seu interlocutor lhe deu. De uma das gavetas de sua escrivaninha tirou um

frasco de pastilhas para gastrite e a engoliu de uma só vez.

Mendoza era o promotor que tinha cuidado da investigação de Jorge Robles durante todos

esses anos. De estatura mediana, magro, com o nariz como sua feição mais marcante, herança

deixada pela família de seu pai, de temperamento nervoso, não tinha um único dia de sua vida

que não lamentasse o pacto feito com o diabo, que o tinha bem amarrado com suas garras de

ferro em fogo incandescente, e que sabia que lamentaria cedo ou tarde.

Orlando Ruiz havia molhado muitas mãos, mas mesmo assim Jorge Robles iria sair por excesso de

prazo, o recolhimento de provas por parte da promotoria não tinha sido conclusivo, e se o

julgamento acontecesse agora, o advogado de defesa poderia ganhar o caso com extrema

facilidade. Tinha uma quantidade de provas que, dependendo do juiz, poderia prejudicar e

confundir, e assim ganhar uma condenação, mas tudo dependia de o juiz poder ser comprado. A

investigação continuaria em aberto até que ele fosse levado a julgamento, mas o homem em

liberdade poderia desaparecer de alguma maneira, ir para outro país com documentos falsos,

perder-se quem sabe onde. A única prova conclusiva capaz de enterrar Jorge Robles na cadeia

—um relógio Rolex gravado com seu nome e que tinha sido plantado no lugar, por um dos homens

de Ruiz, que o havia roubado em meio à confusão naquele bar —, nunca foi encontrado. O homem

encarregado do trabalho tinha desaparecido anos atrás. Precisava desse relógio para poder

devolvê-lo ao buraco de onde deveria sair, agora. Para sua tranquilidade teria

sido melhor que

matassem Jorge Robles, mas o desgraçado do Ruiz era um sádico, precisava do sofrimento da

família, sem a dor de outra morte no caminho.

Volataria àquele lugar, esta engenhoca tinha que aparecer em algum lugar, porque seu futuro

dependia disso. Na noite do assassinato havia chovido de madrugada e com certeza o relógio

estaria escondido na lama. Precisava encontra-lo ou seu mundo desmoronaria como pedras de

dominó.

***

Jorge não voltou a telefonar para ela, assim como evitava qualquer contato com ela na

biblioteca. O primeiro dia em que ele a saudou com um simples: “Bom dia, Belén”, e com semblante

sério, ela se sentiu constrangida. Soube que alguma coisa havia acontecido, quando se aproximou

para deixar o doce daquele dia e ele murmurou apenas um simples: “obrigado”, de forma tensa.

Não voltou a chama-la de “*paloma*”. Depois desse dia, os outros se seguiram com o mesmo

comportamento. O constrangimento de Belém deu passagem à fúria. A pesquisa e o relatório

avançavam, e ela desejava terminar o trabalho no final desta semana. Ficava

mortificada ao

entrar na biblioteca e vê-lo à distância com sua pose indolente, aparentando que nada o afetava.

Sentiu-se usada, havia-se deixado tocar por um preso, que só queira brincar com ela. Obrigou-se

a superá-lo, e quando entrava na biblioteca, passava direto sem saudá-lo e não voltou a levar

livros ou doces.

Seu trabalho humanitário avançava e percebeu que na prisão havia grupos que ajudavam aos

jovens a deixar as drogas. Uma boa solução seria se uma iniciativa privada apostasse no trabalho

prisional. Era uma meta ambiciosa e seria uma das opções que apresentaria em seu relatório, as

empresas poderiam investir dinheiro para melhorar a vida dos presos. Quanto mais ocupados

estivessem, menos tempo teriam para as drogas ou para a delinquência. Isso sim, deveria haver

uma vontade de mudança por parte de todos os envolvidos: área administrativa, guardas e presos.

À medida que o trabalho avançava, ficava ainda mais preocupada com as coisas das quais se

inteirava, porque havia um tráfico grande de drogas e armas dentro do presídio. Não podia ficar

cega a uma situação tão evidente, porque suas pesquisas apontavam que a entrada de drogas

ocorria em dias de visita, ante o olhar cúmplice do guarda que ali estivesse. Havia domingos em

que a revista às mulheres eram severas, e esses eram os guardas que não tinham nada com a

corrupção. Em outros domingos, a revista era frouxa, e esses eram os guardas corruptos. Um de

seus informantes, um jovem bancário, preso por estelionato, contou para Belén que um dos caciques

de um dos pátios manejava uma grande quantidade de drogas e armas. Precisava de provas

para apresentar às autoridades para que condenassem esses envolvidos.

Luis, que há vários dias a observava e já estava preocupado, um dia enfrentou na saída do

presídio.

—Você está se metendo em assunto que não lhe competem.

Caminhavam em direção à avenida, onde ficava o estacionamento em que Luis havia deixado

seu carro.

—Não estou entendendo.

—O relatório que temos que apresentar é sobre a condição dos presos, de como estão vivendo,

sua saúde, alimentação e bem-estar. Para o governo e outras entidades nada mais lhes interessa,

Belén.

Ela estacou de imediato e deixou de caminhar.

—O ‘nada mais’ é o mais gera problema e impede a ressocialização. Este lugar serve de

alimento para que os jovens violem as leis e os drogados se percam no vício, e todo mundo faz

vista grossa.

A ira de Belén cozinhava em fogo baixo, à indiferença de Jorge somava-se à desídia de todos

ao seu redor, e faltava vontade para solucionar alguma coisa. Nem nas condições mais terríveis

dos seres humanos que havia presenciado, tinha visto tanta indiferença. Havia-se convertido na

salvação de alguns presos que não tinham nem cama nem comida, que não podiam comprar nada

e não recebiam visitas, e acabam servindo de alimento para esses caciques ou exploradores que

havia em cada galeria, e que acabavam servindo de mensageiros, para baterem ou violentarem

os que tinham contas pendentes. Belén levava lotes de papel higiênico, sabonete, pasta de dente e

outros itens de uso pessoal, que ela mesma repartia com Lorenzo ou os deixava nas mãos do

capelão. No início, ela os entregava a Jorge, mas em vista do ocorrido e de escutar e ver tantas

coisas, não confiava em mais ninguém. Se entregasse esses artigos aos caciques dos pátios, os mais

necessitados não veriam nada daquilo.

—O problema das drogas na prisão não será resolvido, por mais que você queira. É como é e

você tem que aceitar —insistiu Luis.

Belén o encarou, furiosa.

—Por homens como você é que o país está tomado pelo diabo. Conformismo, burocracia e

comodidade.

O homem a olhou, perturbado.

—Não se meta em problemas, esses homens são perigosos e podem fazer alguma coisa com

você.

Belén se despediu dele e caminhou uma quadra a mais até chegar a uma via, onde passava

táxi.

Neste momento, uma motocicleta com dois jovens se aproximou dela. O garupa puxou uma arma

e, de longe, apontou-lhe na cabeça, depois aceleraram e se perderam no tráfego.

Belén ficou lívida. Uma senhora de um comércio local saiu e a fez entrar no lugar, onde se sentou

em uma cadeira plástica. A mulher deu-lhe um copo de água e perguntou se ela desejava chamar

a polícia, mas ela negou com a cabeça. Ainda tremia quando chegou ao seu

apartamento. Pegou

uma garrafa de conhaque e bebeu em um só gole. Se alguém de seu trabalho soubesse disso, sua

missão estaria encerrada e até mesmo sairiam com ela do país. Sabia que Luis tinha razão, porque

pouco poderia solucionar em alguma coisa já tão arraigada na cultura carcerária. Assim como não

havia solucionado a fome no Congo, nem os maus-tratos às crianças, apesar de ter salvado alguns,

e enquanto ela bebia outro gole de conhaque, do outro lado do mundo continuaria o mesmo

problema de idênticas magnitudes.

Levantou-se, furiosa, não podia pensar assim, porque seu trabalho valia muito. Uma só criança

salva era importante e por um único jovem preso que ela pudesse ajudar, todo seu esforço valeria

a pena. Pensou em Jorge e no que ele fazia pelos outros, ficou sabendo por outras pessoas que

ajudava quem precisasse e era muito respeitado naquele lugar. Tomou a decisão de ir no dia

seguinte e telefonou para Lorenzo e Lucila para avisá-los. Terminaria seu trabalho esta semana

mesmo. Já tinha material suficiente. Falaria com Susana e colocaria a pesquisa adjacente em outras

mãos.

***

Jorge soube naquela noite, depois da contagem.

—Deram um susto na "*Monita*" —disse-lhe um companheiro de pátio.

Havia sido apenas há uma quadra do presídio. Um suor frio desceu por suas costas. Se alguma

coisa ele aprendeu nessa viagem de sobrevivência era esconder suas emoções. Sua vida dependia

disso. Se ele soube disso, foi porque quem a ameaçou quis que ele soubesse. Teria que falar com

ela, pedir-lhe que fosse embora deste lugar abandonado pelas mãos de Deus, dizer-lhe que ali

não havia ninguém que valesse a pena resgatar, que voltasse aos seus meninos africanos ou às

suas meninas no Oriente Médio. A única pessoa que poderia ajuda-lo era o guarda Montes, um

dos três em que podia confiar.

Bateu, furioso, na parede. As coisas iriam mudar neste maldito pátio, ainda que tivesse que

vender sua alma ao grupo que desejava o controle do lugar.

***

Quando Belén passou pelo primeiro controle, percebeu que todo mundo já sabia o que havia

acontecido com ela, e os aguardas apenas olhavam para seus olhos. Quando transpôs a primeira

grade, um guarda que ela tinha visto em mais de uma ocasião, a interceptou e disse:

—O subdiretor quer falar com você.

Separou-se do grupo e pediu-lhes que fossem na frente, então, o guarda a levou por um

corredor até uma porta até o seu final. Ela o seguiu com algum temor, pois conhecia o escritório do

subdiretor e não era ali.

—Não é para o outro lado?

O homem a olhou com uma expressão tranquila.

—Alguém deseja falar com você. —ante o rosto assustado de Belén, que fez menção em dar

meia volta, ele acrescentou com um suave tom de voz—: Não se preocupe, não acontecerá nada

com você.

Com um pouco de medo, Belén entrou no escritório, que era mais um lugar em que havia vários

arquivos e não havia nem sequer uma cadeira em que pudesse se sentar. Mas isso foi o menos

importante ao encontrar Jorge com as mãos no bolso, encostado na parede.

—Você! —exclamou, ignorando as batidas de seu coração, que as sentiu até suas têmporas e

um fogo na boca do estômago. Isso a deixou enfurecida e olhou para ele com raiva.

—Olá *paloma*.

Estava com a aparência tranquila, como se a presença dela não o afetasse minimamente. Como

sempre, ficou olhando para ele como uma idiota, como se fosse vítima de um feitiço cada vez que

ficava diante dele. O aroma de sua loção chegou até ela, seus *jeans* ressaltavam suas pernas

longas, sua mandíbula estava enfeitada por uma cuidada barba de poucos dias, que lhe dava

uma aparência de fera. Mostrava a cabeça elevada, em uma clara posição de domínio.

Quando ele a chamou de "*paloma*" atiçou sua fúria, mas conseguiu disfarçar. Não podia colocar-

se tão em evidência.

—Meu nome é Belén —respondeu—. O que você quer?

Jorge a presenteou com uma expressão de profunda ternura. Ela, em troca, o olhou com uma

feição de decepção. Ele se sentiu uma merda.

—Sei que você está incomodada, mas quero dizer-lhe...

Ela emitiu um grunhido de irritação.

—Não tem que me explicar nada!

Ele abaixou a cabeça e quando levantou o olhar, este emitia tanto poder que Belén,

imediatamente, foi assaltada por um calor.

—Soube o que aconteceu com você, ontem.

A suspeita tomou conta de Belén.

—Pelo visto, todo mundo está sabendo, os guardas me olharam muito estranho quando entrei.

Como, diabos, você ficou sabendo?

—Alguém queria que eu soubesse. Qualquer pesquisa que você esteja fazendo deve ser

deixada de lado.

—Por quê? Porque você está me dizendo isso? Você foi o escolhido para me passar esta

mensagem?

Riu, incrédula.

—Pode ser, não quero ver você em perigo —afirmou, com um tenso tom de voz.

—E por que você deve se importar?

—Importa! —ele explodiu, batendo no peito—. Muito!

—Não acredito em você.

Belén deu meia volta com vontade de ir embora, mas Jorge a impediu, segurando-lhe o braço.

—Escute bem o que vou falar! —exclamou com uma voz rouca, perdendo a pouca paciência

que lhe restava, tenso diante do que sentia ao tocá-la e ao perceber o calor que emanava sua

pele. Lembrou-se do beijo compartilhado dias atrás ao olhar seus lábios vermelhos e se obrigou a

se concentrar—. Você deve se afastar daqui. Nada de bom virá disso.

—Tem razão! Nada de bom saiu disso —exclamou, furiosa, soltando-se daquela pressão—.

Imagino que eu tenha sido uma espécie de desafio, que com certeza você deve ter dito aos seus

amigos: “Tenho que dar uns beijinhos na novata!”. No mínimo, eu fiz parte de um bolo de aposta e

todos devem ter rido às minhas costas. O que mais eu poderia esperar? Você mesmo disse que

aqui, não existem princípios nem escrúpulos.

Que diabos ela estava fazendo? O que ela fazia, reclamando como uma mulher despeitada?

Quis bater sua própria cabeça contra as paredes por sua imbecilidade e ver se sua sensatez

voltava ao lugar. Seu rosto ficou como em um tom escarlate. Era patética. Baixou o olhar diante da

intensidade de seu olhar.

—Dar uns beijinhos? —Jorge levantou a comissura dos lábios em um amargo sorriso irônico e um

brilho chispou em seus olhos.

—Sim, dar uns beijinhos, e eu como uma idiota, caí.

Baixou a cabeça, envergonhada, porque não parecia uma mulher de vinte e seis anos com

alguma experiência no trato com os homens. Por Deus!, havia vivido com um até poucos meses

atrás. O que tinha Jorge Robles para deixa-la assim?

—Eu não dou beijinhos, *paloma*.

Empurrou-a contra a parede. Ela soltou uma exclamação afogada e suas pupilas se dilataram,

escurecendo seu olhar. Estudou-a alguns segundos, tentando entender o rechaço me sua expressão.

E sem dar-lhe mais tempo para pensar, inclinou-se para a frente, e com uma mão prendeu-lhe a

cabeça por trás e com a outra, sua mandíbula, e uniu seus lábios ao dela, que produziu um gemido

suave e assustado contra sua boca. Jorge aprofundou o beijo ainda mais, deslizando um braço até

a cintura e estendeu a mão até segurar-lhe o traseiro. Toda ela se envolveu, fazendo-lhe esquecer

o lugar e as circunstâncias. Aferrou-se a esses lábios como um urso diante de um favo de mel. Não

estava preparado para sua fragrância, que se misturou ao seu sabor, doce e delicioso, de

baunilha, como ela havia-lhe dito em um de seus telefonemas. Mas esta não era a baunilha que ele

se lembrava das sobremesas de sua casa.

Outra vez, experimentou o constrangimento de perceber nos lábios de Belén que ansiava pela

sensação de se sentir livre, pela primeira vez em anos, como se voasse. Sentiu-se assustado, como

se estivesse nu e se agarrou com unhas, lábios e dentes a esta sensação. Não podia encontrar

nome para as outras emoções que o invadiam como ondas: uma aguda necessidade, desejo de

possuir, de marcar. Com a maestria, que não havia esquecido com os anos, persuadiu-a ainda mais

a abrir a boca. Separou-se uns instantes, podendo ver o enrubescimento de suas bochechas e

como tratava de tomar ar, suas pupilas escuras olhavam-no com anseio. Pegou-a pela nuca,

estreitou-a ainda mais a ele e mergulhou no beijo mais desesperado que havia dado em toda sua

vida, como se quisesse fundir-se a ela, que o devorava e o levava para onde quisesse.

“*En un beso la vida*[16]” , rezava o velho bolero, o preferido de seu pai, e quanta razão tinha o título da canção, meditava, enquanto sua língua passeava por todos seus espaços, como um dono

percorrendo sua mais valiosa possessão.

“Deus meu, não se esqueça de mim”, rogou Belén ao sentir seu corpo duro contra ela. Deslizou

sua língua contra ele, enfrentando aquele beijo com milhares de pensamentos dispersos em milhões

de partículas brilhantes. Sentiu revirar seus olhos ao sentir sua presença esmagando-a contra a

parede. Ele a devorava como se ela fosse sua primeira refeição em muito tempo.

Jorge afastou sua boca com um resmungo e em apenas um movimento, levantou-lhe o suéter e

acariciou seus seios. Sem deixar de olhar em seus olhos, percebendo cada uma de suas reações,

enfiou a mão por cima do bojo do sutiã e quando liberou um seio, roçou-lhe o mamilo. Ambos

gemeram extasiados.

—Você é linda —disse, sem poder apartar a vista de sua pele nua.

Um olhar ardente e faminto derreteu Belén, que ofegou de forma entrecortada ao sentir sua

boca úmida em seu mamilo. Puxava com força, chupava, lambia e logo voltava a começar tido de

novo, causando-lhe um pouco de dor, mas, ao mesmo tempo, dando-lhe imenso prazer. Liberou seu

outro mamilo e lhe brindava um grande prazer. Belén se sentia arder, e sentia suas partes intimas

pesadas e líquidas. Percebeu o desejo descontrolado de Jorge e, em vez de estar assustada,

sentiu-se emocionada. Queria fazê-lo arder, que fosse ela a única que pudesse ver sua

combinação de homem carnal e experiente, porque Jorge Robles sabia o que fazia.

Quando lhe escapou um forte gemido, ele levantou a cabeça, estudando suas feições com um

semblante rígido e Belén pode sentir a forte tensão. Estava arrependido? Seu rosto estava em

guerra e fechou os olhos um instante, mas quando os abriu, viu como se uma porta tivesse se

fechado diante dela. Separou-se dele, dando-lhe as costas e aproveitou para arrumar suas

roupas.

—Sinto muito, eu... —disse ele sem saber mais o que dizer.

Ela negou com a cabeça.

—Outra aposta ganha? —perguntou e se arrependeu na mesma hora de ter feito esta

pergunta. Não queria contaminar este momento sublime com lago tão turvo como uma aposta.

—Eu não aposto o que é meu, *paloma,* e isto que aconteceu é para que fique bem claro que eu

não dou beijinhos.

—Eu não sou sua.

—Sua boca inchada e minha saliva em seus mamilos dizem outra coisa.

—Você é um imbecil.

Não a merecia. Poucas vezes havia desejado alguma coisa, desde que estava preso, para evitar

amarguras, mas ela, ele a desejava e não queria deixa-la ir, mas devia fazê-lo. Não tinha lugar

em sua vida. Não poderia ser tão ruim para amarrá-la à sua sorte. Não havia

feito isso com

nenhuma mulher do seu passado, não iria fazer agora com uma que nitidamente lhe importava

mais que todas as que ele havia conhecido.

—Sim, eu sou. Desde que você apareceu em minha vida, não faço mais que me comportar como

um imbecil. Não foi para beijá-la que eu pedi ao guarda para trazê-la aqui. As coisas vão ficar

muito difíceis nos próximos dias, preciso que você termine sua pesquisa, que fique calada sobre o

que você averiguou e que não volte a este lugar.

—Não sou sua responsabilidade. —Sua voz tinha um tom severo de repreensão e que não

estava bem com o que aconteceu segundos antes—. Você não tem nenhum direito. Posso decidir

por mim mesma...

—Escute-me.

Jorge pronunciou esta palavra com firmeza e ternura ao mesmo tempo. Era um homem de

contrastes, como as sensações que despertava com suas palavras.

Ela ficou quieta, disposta a escutar o que ele quisesse dizer, a acreditar no impossível, a segui-lo

até o fim do mundo.

—Não me olhe assim ou não respondo por mim.

—Então, não me chame mais de *paloma*, não me toque, não me olhe desta maneira e acima de

tudo, não me beije como se o seu mundo fosse acabar amanhã.

Ele soltou um suspiro frustrado e ela pode espreitar uma feição vulnerável que, em seguida,

ficou mascarada com sua pose de homem perigoso. Passou a mão pelo cabelo.

—Prometa-me que não vai voltar aqui.

—Não posso, devo terminar meu trabalho.

—Por Deus, Belén!

Doeu-lhe por ele não tê-la chamado de *paloma*.

—Então, isso é tudo? Você não deseja mais me ver.

—Claro que quero vê-la, morro para vê-la, mas isso não se trata de nós dois, sua segurança é

mais importante.

“Que diabos está fazendo, Belén? É a sua oportunidade de deixar as coisas aqui, está sendo

agraciada com uma saída, agarre-a e esqueça deste lugar”. Por que, contra todas as

possibilidades, sentia-se atraída por um homem condenado por assassinato? “Deixe esse sentimento

ir embora, Belén, para sua tranquilidade, faça isso.”

—Antes desta reunião, eu já tinha um plano. Meu trabalho, termino esta semana e o que

descobri incrimina guardas e presos da mesma maneira. Todo mundo parece estar ciente de que

maneira as coisas são feitas.

—O que você descobriu, deixe para lá. Aqui nós vamos nos encarregar de tudo.

—Por que você vai se encarregar disso?

—Por que ameaçaram você e não vou deixar isso passar.

—Eu não vou ficar de braços cruzados, esqueça. Você corre mais riscos, poderíamos trabalhar

juntos.

—Deixe isso! —explodiu, com um olhar irado.

—Fico preocupada com que alguma coisa possa acontecer com você.

—Não se preocupe —ele interrompeu——. Sou dos maus, lembre-se disso e esqueça todo o

resto.

Os minutos de Jorge estavam se acabando e estava pior do que quando chegou. Estava furioso,

excitado e angustiado com tudo que pudesse acontecer com Belén. Era uma mulher teimosa e tinha

que ser assim, seu trabalho era uma mostra disso, mas poderia acabar morta e isso ele não iria

permitir. Quando ela se virou, teve o insensato desejo de esmaga-la outra vez e deixar as coisas

chegarem até o final. Olhou para ela, anos de controle desapareciam quando

olhava para Belén.

- Veremos —ela se despediu com a mão na maçaneta da porta.

Quando ela saiu, Jorge deu um murro na parede.

—Maldita seja! —bramou.

## CAPÍTULO 7

Ao chegar ao seu apartamento, Belén encontrou um envelope pardo grosso. Tinham chegado as

informações sobre Jorge Robles. Era um dia frio e chuvoso, preparou uma xícara de chá de

baunilha, sua bebida preferida, e se sentou no sofá com o envelope sobre os joelhos.

Valeria a pena ler aquilo? De nada mudaria as coisas, não voltaria a vê-lo, nem sequer teria

que voltar àquela feliz biblioteca, porque a parte da pesquisa que faltava seria na área

administrativa. Equilibrou os documentos e depois de dar um gole em sua bebida, começou a ler.

LOCALIZAÇÃO: 707136001051201080112 N.I. 2011—0004

ACUSADO: JORGE ROBLES DÍAS, PRESUMIDAMENTE CULPADO PELO DELITO DE HOMICÍDIO QUALIFICADO

REPÚBLICA COLOMBIANA

PODER JUDICIÁRIO

CORTE DO DÉCIMO TRIBUNAL PENAL DA COMARCA ESPECIAL DE BOGOTÁ, D.C.

Bogotá D. C., trinta (30) de novembro de dois mil e cinco (2005).

Localização: 707136001051201080112 N.I. 2011—0004

Acusado: Jorge Robles Días

Delito: Homicídio Qualificado

Falecidos: Rogelio Antonio Martínez Mercado e Virgilio Angarita Pérez.

Origem: 48ª Promotoria Especializada UNDH-DIH, Bogotá.

A primeira parte do relatório estipulava o número do processo, o domicílio do acusado, a idade

que tinha na época em que os assassinatos foram cometidos, a data dos fatos ocorridos. Tão

jovem, meditou, vinte e seis anos. Lembrou-se do nome de *San Antonio de Padua*, uma das

localidades açoitadas pela guerrilha armada. Depois leu sua descrição física, grupo sanguíneo, sua

filiação e seu grau de escolaridade.

Em outra folha, analisavam os fatos e falavam de um bar onde os envolvidos haviam discutido

horas antes do acontecimento do feito. No caminho para *La Loma* apareceram, horas depois, os

corpos dos dois rancheiros que haviam brigado com Jorge Robles. A arma tinha sido encontrada

em um monte abaixo, não era a arma de Jorge, mas haviam suas digitais. O acusado afirmou que

um homem havia se aproximado dele, no dia anterior, para oferecer-lhe a

arma por cem mil pesos

colombianos[17], mas Jorge, que a avaliou, não se mostrou interessado. Isto aconteceu quando ele saía de um armazém de insumos agrícolas. Foram feitas investigações, mas o homem não apareceu

em parte alguma. Mas testemunha disse ter visto Jorge Robles naquela noite caminhando com os

dois rancheiros para fora do povoado.

Depois, vinha a descrição dos rancheiros e o laudo da perícia criminal que determinava a causa

da morte: um deles tinha um tiro na fronte e o outro, um tiro no coração. Em outra folha havia o

boletim de ocorrência e o oferecimento da denúncia. As alegações do advogado de defesa. A

prisão, os anos de interrogatórios e diligências. Belén fechou os olhos um instante e imaginou o

momento, esse instante crucial em que a vida de uma pessoa é completamente modificada. Teve a

certeza de que era inocente: Jorge Robles não havia matado esses rancheiros. Soube com a

máxima segurança e nada a faria mudar de opinião. Rogou a Deus que as coisas se solucionassem

a seu favor.

***

No dia seguinte, enquanto caminhava por um corredor rumo ao escritório da assistente social,

observou que Jorge saía de outro escritório, e acabaram se cruzando antes de Belén entrar na

dependência. Ele a saudou com um gesto austero. Somente seus olhos mostravam um choque de

profunda emoção.

—Belén.

Nem sequer diminuiu os passos. Ela devolveu sua saudação com um movimento de cabeça,

tratando de esconder suas emoções e fracassando de maneira miserável. Doeu-lhe ver que ele não

se deteve, que nem lhe chamou de "*paloma*" e que não sorriu para ela, como se o que aconteceu

no dia anterior tivesse sido fruto de sua imaginação. Repetiu para si mesma, como um mantra,

todas as razões que teria para deixar as coisas como estavam, mas parecia que seu coração

pouco se importava com o que seu cérebro tratava de advertir-lhe.

***

Saiu esta noite para jantar pela segunda vez com Alberto Montes, esteve mais alegre que de

costume e o homem parecia encantado por essa atitude. Ele estava longe de saber que era o

comportamento de uma mulher despeitada, não pode avistar a perturbação, a tristeza e o mau

humor por saber-se dona de sentimentos não correspondidos. "Lembre-se de

seu mantra”, disse a si

mesma, enquanto seguia a conversa de seu amigo.

—Você deveria trabalhar comigo em Nova York.

Ela acariciou a taça de vinho com o dedo. Estavam em um restaurante de comida italiana, havia

comido uma deliciosa massa.

—Acredito que poderia ser.

Não se perguntou nesse momento sobre a rapidez de sua decisão. O homem a olhou, surpreso.

—Envie-me seu currículo, em alguns meses precisarei de uma assistente. Ficarei encarregado de

um dos programas da Unicef, terei carta branca para contratar minha equipe de trabalho e seria

uma boa oportunidade para você.

—Muito obrigada por lembrar de mim.

Nunca ficava muito tempo em um só lugar, tinha chegado ao país com a ideia de ficar, mas o

desassossego que a rodeava cada vez que enfrentava uma situação difícil, traduzia-se me querer

pôr os pés em polvorosa, o mais longe possível da situação que a incomodava. Sempre tinha sido

assim.

Despediram-se mais tarde, mas não sem antes combinarem em ir ao cinema na semana seguinte,

depois que Alberto chegasse de uma incursão por várias cidades do país.

***

Dias depois, por intermédio de Susana, reuniu-se com um promotor companheiro dela na

universidade. Marcou o encontro em uma tarde no final do mês de março e entregou-lhe o

relatório sobre o que havia descoberto. O homem não se mostrou surpreso com nada do que ela

comentou.

—Vou me reunir com algumas autoridades para fazer um trabalho de inteligência e aprofundar

mais suas investigações, senhorita García.

—Espero que minhas averiguações sirvam para alguma coisa, não é uma situação fácil.

—Você não precisa se preocupar mais, porque daqui para frente nós vamos nos encarregar.

—Havia lido bastante sobre o assunto, mas não é o mesmo que ver com meus próprios olhos.

—É lamentável, e aqui no caso que nos interessa, o último equipamento adquirido para evitar a

entrada de itens proibidos não são suficientes e por isso ocorrem esses desvios.

Belén quis dizer que os desvios eram como uma enorme peneira, mas não valia a pena, porque

sem vontade para erradicar um problema, nada poderia ser feito. Angustiou-

se ainda mais por

Jorge, que tinha tanto a enfrentar no seu dia a dia.

No sábado à tarde, foi à casa de seus pais, e os encontrou arrumando o jardim do pátio, que

tinha canteiros de rosas, cor de rosa e muito perfumada, buganvília e lírios, e em outro espaço

tinha plantações de morangos e amoras. O dia estava ensolarado, ideal para ficar ao ar livre. Um

jarro de limonada repousava sobre uma mesa de madeira rústica. Belém os ajudou por um tempo,

e mais tarde desfrutaram de um delicioso e gelado refresco.

—Ofereceram-me um trabalho em Nova York.

Calixto levantou o olhara da jarra, deixou-a sobre a mesa e apoiou as mãos nos joelhos.

—O que aconteceu com o seu trabalho? Há algumas semanas você se sentia no sétimo céu,

caminhando pelos corredores dessa prisão.

Ambos olharam para ela, confusos.

—Meu trabalho será concluído em breve.

Não deveria ter dito nada, pensou Belén, ante a fisionomia desolada de seus pais.

—Mas não é o único projeto que tem a ONG no país —refutou Calixto—. Que necessidade

você tem de aventurar-se pelo mundo? É o trabalho com essa gente?

Belén ficou incomodada com o tom empregado por seu pai ao se referir aos presos.

—Não, papai! Essa gente, como você os chamou, não foi um problema para mim —mentiu.

—Neste país, você pode fazer carreira, veja os seus irmãos, não se deram nada mal, embora

eu saiba que se eles usassem a cabeça, estariam muito melhor.

“Outra vez a conversa de quem não ouve conselho, ouve coitado”, pensou Belén, lembrando-se

do ditado que sua babá quando sua teimosia a metia em problemas. Seus irmãos já nem se

incomodavam mais com algo que era tão frequente em seu pai.

—Já estávamos acostumados a tê-la por perto —manifestou sua mãe com pesar.

—Não disse que aceitei.

—Se você o trouxe à tona, é porque se interessou por ele —interveio seu pai.

Belén, um pouco incomodada, mostrou um sorriso de assunto encerrado.

Enrique chegou com seus sobrinhos e começou a jogar bola com eles na parte de trás da casa.

Antonia chegou logo depois e brincaram de amarelinha, que estava pintada em um espaço

pavimentado do quintal, desde que eram crianças.

Mais tarde, Antonia se sentou com ela na grama.

—O que está acontecendo? Notei você estranha, deprimida. Ainda continua

pensando em

Nathan?

Belén soltou uma risada que pareceu mais com uma bufada.

—Não penso em Nathan há dias.

—Tudo bem no seu trabalho?

—Não sei. A pesquisa vai bem, mas é deprimente não poder fazer nada.

Contou sobre a nova proposta de emprego. Não disse que dias atrás chegou em casa com um

nó na garganta e chorou desconsolada, quis mandar tudo ao caralho, mas o olhar de esperança

dos presos, sobretudo os mais jovens, quando ela chegava com guloseimas, com seu sorriso e com

todas as doações que havia conseguido, batendo de porta em porta, era o impulso para fazê-la

voltar àquele lugar. Não pensou em dizer a Antonia, nem à sua família, sobre a ameaça e, muito

menos, falar de sua atração por um preso acusado de assassinato. Subiriam pelas paredes e

seriam os primeiros a despachá-la em um avião rumo à Cochinchina. A pesquisa já estava pronta e

na semana seguinte teria uma reunião com seu chefe para entrega-la. Prometeu a si mesma que

não choraria mais.

—Conheci uma pessoa.

—Finalmente, uma boa trepada é o que você precisa para deixar esse rosto azedo —disse

Antonia, que colocou o suéter em forma de almofada e se deitou na grama—. Quem é?

—Pegue um alto-falante, quem sabe assim Rosario também fique sabendo — protestou Belén,

morta de rir, e jogou seu suéter de lã no rosto da irmã —. É alguém especial, muito inteligente, é

veterinário, bonito e tem uma tatuagem.

—E onde é essa tatuagem?

—No braço, não sei se tem mais.

—Já dormiu com ele?

—Não. A tatuagem é um lobo, seu significado é...

—O que menos me interessa é o seu significado. Um homem com uma tatuagem é sexy que é o

demônio, a última coisa em que vou pensar é no seu significado, penso em percorrê-la com a

língua.

Belén soltou uma gargalhada.

—Não tem vergonha alguma!

—Nisso não, como você pode imaginar, eu me nego a ser enfadonha. Vai aceitar o emprego?

—Não sei.

—E o veterinário, que papel desempenha?

—Nenhum, não vou ter nada com ele.

—Por quê?

—É complicado.

Os meninos corriam ao redor delas.

—É casado?

—Algo assim.

—Não lhe dê nem as horas, um homem casado é um investimento muito ruim.

—Eu sei —ela concordou. “E um preso também”.

Quando voltou para dentro de casa, Pilar segurou seu braço.

—Não dê atenção aos grunhidos de seu pai, se o que você deseja é ir para Nova York, faça

isso. Você é uma jovem muito inteligente e só você sabe o que lhe fará feliz.

Belén teve uma vontade louca de contar tudo para sua mãe, de pedir seus conselhos, de rogar

que ela não a julgasse por esta louca atração que não a levaria a nenhuma parte, mas se propôs

a não fazê-lo. Quando se despediu, sussurrou ao seu pai:

—Não seja tão duro conosco, não merecemos isso.

Calixto a olhou como se ela tivesse falado em chinês. Subiu no táxi, que tocava uma música de

Luis Miguel. O motorista estava com um amor rejeitado que era assustador, e fez todo o percurso

até sua casa cantarolando as canções. Pelo visto, ela também.

***

Neste mesmo sábado à tarde, Jorge recebeu a vista de seu irmão mais novo. Miguel Robles era

oficial do exército reformado e ambos eram muito parecidos, de estatura semelhante, embora

Miguel fosse mais magro e a cor de seus olhos, mais escura, suas feições eram mais severas que as

de Jorge, que estava há anos sem saborear a liberdade. Seu irmão mais novo estava carregando

um pesado fardo sobre os ombros e não era apenas por conta da responsabilidade financeira

para toda a família, mas também pelo pesar e pelo ressentimento. Sentia-se culpado por ter-se

apaixonado por Olivia Ruiz Manrique, a filha do homem que orquestrou o assassinato de seu pai e

posterior envolvimento de Jorge nos crimes pelos quais estava agora na prisão.

Miguel não perdoava Olivia pelo acontecido com seu pai e seu irmão, e ainda que Jorge, a

princípio tenha culpado a jovem, anos de introspecção sinalizaram que com Olivia ou sem ela, o

final teria sido o mesmo.

Mas Miguel não queria acreditar nisso. Era como se precisasse deste sudário de culpa e rancor

para continuar vivendo. Além disso, adicionavam-se os comentários venenosos de sua mãe a

respeito da jovem e dos acontecimentos, de forma que camadas e camadas de rancor haviam

criado uma crosta dura ao redor da alma de seu irmão. Miguel trabalhava há pouco tempo como

chefe de segurança de um importante empresário. Ligia, sua mãe, e Ángela, sua irmã mais nova

que estava na universidade, não estavam mais sozinhas.

Abraçaram-se quando se encontraram. Miguel, como sempre, trazia um estoque de roupas que

sua mãe enviava e alguns alimentos que tinham autorização de entrar naquele lugar.

Jorge o convidou para se sentar em uma das cadeiras, vários presos recebiam visita masculina

de familiares e amigos.

—Mamãe não poderá vir amanhã, está com uma gripe que a deixou de cama.

—Foi ao médico?

—Obrigada, mas foi e deve ficar em repouso por alguns dias e beber bastante líquido. Tia

Elizabeth está passando uns dias lá em casa, e Ángela está dependendo de uma bolsa de estudos

para terminar sua carreira de engenharia em uma universidade na Itália, ela

está se empenhando

ao máximo e sei que ela vai conseguir.

—Deve ter sentido a mudança —disse Jorge—. Não foi fácil para minha menina.

—Continuam os atritos com mamãe, que também não é fácil de se conviver, por mais que os anos

se passem, ela continua como naquele dia.

Ligia havia amado profundamente seu marido, mas a ira e o ressentimento haviam-na convertido

em um ser belicoso e amargurado, a tudo isso somava-se a prisão de Jorge, para seu irmão não

era nada fácil. Quando sua mãe ia visita-lo, colocava sua melhor cara, e ambos eram como atores

de cinema em plena atuação.

Ángela tinha catorze anos quando tudo aconteceu, sofria muito com o encarceramento de seu

irmão, a quem adorava. Ele pouco a via, porque ele detestava que ela fosse visita-lo naquele

lugar, mas ela se impunha e, às vezes, aparecia com sua mãe.

—Preciso de um grande favor seu, enorme —disse Jorge, tentando falar com sensatez, e que

não percebesse sua ansiedade.

—Fale – Miguel faria o que fosse por ele.

—Como estão seus contatos com a polícia?

Miguel franziu o cenho.

—Muito bem, por quê?

—A equipe de seu amigo pode dar uma incerta, na segunda, no pátio? Uma revista forte. —

Jorge se referia à equipe de elite da polícia que tinha o poder de entrar no pátio com

indumentária e armamento especial e revistava até as paredes—. Preciso tirar um maldito do

presídio, e tenho certeza de que sua cela estará cheia de drogas e armas. Tenho até vontade de

plantar alguma coisa lá para que a revista seja certeira.

Miguel olhou para ele, atônito.

—Ficou louco? Que diabos está acontecendo?

—Pode fazer isso ou não?

—Primeiro você me explica tudo e verei se posso ajuda-lo ou não.

—É o cacique do pátio, mexe com drogas, dinheiro e armar. Ameaçou alguém importante para

mim. O maldito queria envolvê-la na entrada de alguma porcaria.

—Envolvê-la? —Perguntou Miguel, surpreso—. É uma mulher?

Jorge ficou tenso e calado por uns segundos. Miguel soube que a mulher era importante para

ele, pela feição de vulnerabilidade que detectou segundos antes dele assumir seu estoico

semblante de sempre.

Depois de um suspiro profundo, Jorge contou tudo para ele, os maus-tratos os abusos nos pátios

por culpa do homem e de seu bando, os encontros que tinha tido com ela e a ameaça a Belén.

Miguel não deixou de perceber o tom de voz de seu irmão ao pronunciar o nome da mulher. A

curiosidade o assaltou, mas conhecendo seu irmão, somente saberia de alguma coisa, se ele

decidisse lhe contar.

—Não é bom que você plante uma droga ali, porque podem suspeitar de você e depois seria

ainda pior. Além disso, lembre-se que estamos lutando para que você recupere sua liberdade, não

arruíne tudo isso.

—Eu sei, mas é o pior dos tipos, merece isso e muito mais. Se a revista for positiva, vão leva-lo

daqui e ele será trancafiado em um dos presídios de segurança máxima no norte do país.

Miguel maneou a cabeça.

—Outro ficará no lugar dele.

Jorge levou a mão à fronte.

—Isso é um nunca acabar.

—É um favor bem pessoal —respondeu Miguel—. Tenho que manejar muito

bem a informação

que vou passar ao comandante da polícia que sempre me ajuda. Não posso pedir este tipo de

favor sem explicar uma boa razão.

—Tem que ser uma segunda-feira. Neste dia, toda a droga e as armas da semana estão no

esconderijo de sua cela.

—Para eles, não interessa tanto o assunto das drogas, mas sim o ponto das extorsões.

—Encontrarão telefones celulares também.

—Se houvesse uma denúncia, tudo seria mais fácil. Sua amiga poderia fazer a denúncia.

—Não a quero metida nisso! —Estalou Jorge no mesmo minuto. Não iria expor Belén por nada

deste mundo.

Miguel ficou em silêncio por um momento, boquiaberto pela primeira reação visceral de seu

irmão em anos. Desde que estava na prisão, parecia um professor de meditação que aparece nos

filmes e que nada o perturba.

—Verei o que posso fazer.

Miguel Robles saiu do presídio muito preocupado com Jorge. Esse favor não era uma coisa fácil.

Assim que chegou ao seu carro, digitou o número de seu amigo da polícia e

pediu um encontro com

urgência para esse mesmo dia. Felizmente, o homem estava no quartel de inteligência e encontrou

Miguel no final da tarde. Iria convencê-lo, porque os oficiais da polícia estavam ávidos por

resultados, o governo era exigente com o esquema operacional, as revistas em presídios eram

constantes, quase todas as semanas estavam em algum pátio, o fator surpresa atuaria como papel

fundamental, e era coisa que nem mesmo os guardas estariam avisados. Ia contar a verdade, que

seu irmão estava sendo ameaçado, que o maldito pátio parecia um quarteirão da *Rua del*

*Cartucho*, a mais perigosa de Bogotá, onde drogas, armas e sequestros estavam sempre na ordem

do dia. Uma grande amizade e a absoluta confiança na informação dada pesariam a balança a

seu favor.

Quem seria esta mulher? Era a primeira vez que via Jorge preocupado com alguém que não

fosse de sua relação familiar, tinha a pele tão curtida que nem mesmo deixava ver suas emoções

ou o que pensava, tão diferente do homem alegre, explosivo e brincalhão que era, antes que a

tragédia chegasse a sua vida. A decisão judicial na apresentação do memorial por excesso de

prazo sairia na semana seguinte. Todos estavam na expectativa. Seria um presente do céu ter seu

irmão mais velho de novo em casa.

Para sua surpresa, o oficial já tinha uma ordem da promotoria para entrar no presídio na

segunda-feira seguinte, a informação de Miguel precisou o local em que seria feito a revista.

***

No domingo ao anoitecer, apareceu o cadáver de William Duarte, o protegido de Jorge Robles.

Nesse dia, não tinha conseguido saldar sua dívida de droga já que nem sua mãe nem sua irmã

foram visita-lo. A ira de Jorge o levou até a porta da cela do sujeito que havia lhe apunhalado.

Não valeram as recomendações de seus amigos, nem a esperança que o grupo de elite da polícia

entraria no dia seguinte naquele lugar. "*El Tripas* o apunhalou", foram as palavras de um dos

amigos do morto.

—Saia daí, grandessíssimo filho da puta, se for homem —disse na cela do homem.

— *Profe*, por favor —rogava Moisés, enquanto segurava-lhe pela camisa —, já está frio, não há

nada que possamos fazer.

"*El Tripas*" saiu da cela e o encarou com zombaria.

—É uma fodida de uma armadilha —aduziu Edgar—, eles querem destroçar você, esses

bastados vêm atrás de você.

—Uma merda que estou me importando! —Gritou, exaltado como seus amigos nunca o viram em

todo aquele tempo na prisão.

Jorge estava doído pelo acontecido com o jovem e pelo que havia acontecido a Belén. Sua

Belén, que só queria fazer as coisas certas. Malditos!

No pátio, fez-se um círculo em volta dos presos estimulando-os até que ficaram os dois no centro.

Tiraram suas camisas, os sapatos e a s meias, davam voltas em um ato perigoso que parecia uma

briga de galos, um esporte grotesco, comum entre os presos. Sem nenhum tipo de arma.

—Ele deve ter um punhal escondido —insistia Edgar.

Jorge já estava em outro foco, poucas vezes o viram tão enfurecido, as pessoas o temiam

quando com as pálpebras entrecerradas, cenho franzido e narinas dilatas defendia o que era

correto. Hoje, ele lutava com ira, ressentimento e um ódio visceral. Ele deu o primeiro murro no

homem, que cambaleou, surpreso, e se jogou contra ele até derrubá-lo. Golpeou Jorge uma vez no

peito com o pé, mas ele se levantou de imediato para se esquivar de um novo

ataque, dessa vez

no estômago.

Um jovem começou as apostas, os presos encorajavam os adversários. O homem lhe deu um

murro no olho e na mandíbula, que Jorge devolveu com um chute que o deixou cambaleando. “*El*

*Tripas*” se jogou de novo contra Jorge, veloz, saiu de seu caminho, deixando-o ainda mais

enfurecido.

—Venha, bastardo, venha —dizia Jorge, encorajando para que o homem voltasse a se

aproximar. Nesse momento, cada um observava o outro, guardando distância.

Aproximou-se do delinquente e aplicou-lhe um golpe que o dobrou em dois, então, aproveitou

para dar-lhe uma joelhada nos testículos. O homem caiu de bruços, mas ao se virar, algo brilhou em

sua mão: um maldito punhal.

—Adiante, faça isso e antes de dois minutos está linchado. Seu chefe tem poder, mas eu fui

presenteado com a vontade —bramou Jorge com um olhar que poucos conheciam.

O homem o olhou com ódio.

—Isso não vai ficar assim —disse, levantando-se. Edgar entrou na roda e levantou os braços de

Jorge em sinal de vencedor da luta.

—Apostei forte em você, ganhamos um bom dinheiro.

—Oportunismo, você tem nome: Edgar Ramírez.

—Eu o vi treinar, mas "*El Tripas*" passa mais tempo drogado.

—Mas não deixa de ser perigoso.

—Isso é.

Jorge rogou para que Miguel pudesse fazer alguma coisa no dia seguinte. Nessa noite, os

homens de Moisés montaram guarda na porta de sua cela.

## CAPÍTULO 8

Na segunda-feira, às seis e meia da manhã, entrou um grupo de policiais especializados em

desmembrar grupos e outro tipo de operação como a que iam realizar, junto com um grupo de

guardas especiais da penitenciária. Levaram todos os presos para o pátio, tiraram suas roupas e

os deixaram ali, de pé, enquanto eles examinavam cada cela com lupa. O cadáver do jovem jazia

com um lençol branco estendido de um lado ao outro do pátio, esperando pelos profissionais de

medicina legal para sua remoção.

Jorge Robles fervia de raiva, mas como sempre, seu semblante estoico disfarçava a ira e o

ressentimento pelo que aconteceu com seu protegido. Tinha certeza de que havia sido uma maneira

de pressioná-lo ou de enviar-lhe uma mensagem. O frio da manhã colava nos ossos e parecia que

toda a neblina da cidade estava concentrada naquele pátio. Sairiam livres de tudo, se não

pegassem uma pneumonia. Escutava-se como quebravam cadeados, remexiam nos pertences e

quebravam televisores. Jorge havia se desfeito de seu punhal, prevendo a revista.

Assim transcorreram as horas, até que um oficial com uma lista na mão chamou um grupo de

homens, entre eles Pacho e parte de seus seguidores. Foram separados dos demais, deram-lhes

ordem para que se vestissem e os levaram do pátio. Anos de prisão lhe diziam que jamais voltaria

a ver qualquer um deles. Neste momento, "*el Jefe*" se virou como se sentisse o olhar de Jorge, que

lhe presenteou com uma expressão de zombaria. "Bye, Bye, Baby", vocalizou Jorge sem falar. O

homem, vermelho de raiva, mostrou-lhe o dedo do meio. "Você vai me pagar, maldito!", respondeu

da mesma maneira.

Mais tarde, enquanto procurava o que podia ser salvo do desastre feito pelas autoridades,

chegou até ele o comentário de que Pacho tinha sido transferido para uma

penitenciária de

segurança máxima em outro estado do país. Quis telefonar para Belén, comentar as boas novas,

mas se arrependeu. Tinha feito o que deveria fazer.

***

Nesta mesma semana, reunida com sua chefe Natalia Pedrozo, Belén apresentou o relatório em

companhia de Luis Cantillo, o advogado representante da Defensoria Pública. Expôs sobre a

superlotação, a falta de higiene, de serviços médicos dignos, a violência e o consumo de drogas.

Quando chegou na parte das soluções, a mais importante era resgatar o drogado de seu vício por

meio da educação, criando uma cultura do lugar em que vivem para que, em meio a um ambiente

hostil, pudessem criar uma boa convivência. Apresentou sua iniciativa de que a empresa privada,

em convênio com o Serviço Nacional de Aprendizagem, desse uma oportunidade aos presos de

aprender novo ofício e conseguir emprego, e em contrapartida tivessem uma mão de obra mais

barata. Para isso, as empresas teriam que investir um capital para o melhoramento das instalações,

tanto nas celas como em áreas de trabalho, que eram deficientes e não cumpriam com os requisitos

das normas de Saúde Ocupacional.

—Parabéns —disse Natália—, por ter apresentado um relatório tão completo e tenha certeza

de suas recomendações serão levadas em conta. O trabalho está apenas começando e alguns

governos estrangeiros estariam dispostos a ajudar, quando apresentarmos este projeto, no final do

mês, na Suíça. Os outros relatórios também estão completos, mas o seu é o melhor, então, teremos

que elevar os outros relatórios ao mesmo nível.

Belén sorriu, satisfeita.

—Não tem problema, trabalharei com os outros.

—Mas quanto ao outro —assinalou a mulher, enquanto passava as páginas do relatório que

informava sobre a corrupção—, não podemos fazer nenhum tipo de pronunciamento, mas pelo que

sei, as medidas já foram tomadas.

—Isso é uma surpresa —interveio o jovem advogado, representante da Defensoria.

—Chama-se vontade de fazer a diferença —completou Belén.

O homem assentiu, sério.

***

Duas semanas depois, Jorge estava trabalhando na biblioteca, quando recebeu a mensagem de

que seu irmão e seu advogado o esperavam na sala de entrevistas.

—A audiência para análise da petição pelo excesso de prazo é amanhã — soltou Miguel,

depois de saudar seu irmão.

—A investigação vai continuar até a data do julgamento, mas as provas que a Promotoria possui

não são contundentes. Se não aparecer nada de novo no panorama, poderemos ganhar este

julgamento.

Jorge não acreditava em nada, e o advogado teve que convencê-lo de que seria muito difícil

que surgissem novas provas que o incriminassem.

Seu ritmo cardíaco se acelerou, sentiu um zumbido no ouvido ao escutar o advogado dizer que

no dia seguinte estaria livre. O advogado começou a explicar que a última troca de data para a

nova audiência havia aberto a porta para poder apresentar a petição pela liberdade.

Nessa noite, Jorge mal conseguiu dormir. Às oito da manhã do dia seguinte, estava na porta

pronto para subir na viatura oficial que o levaria até o tribunal. Estava nervoso, suas mãos suavam.

Ao chegar diante do juízo, sua mãe e seu irmão esperavam por ele na porta, saudaram-no à

distância e entraram na sala. Tinha menos de meia dúzia de pessoas. O

promotor Mendoza, a

quem detestava, o juiz, um par de guardas e o advogado Sinisterra. Miguel e sua mãe entraram

atrás dele.

O advogado de defesa pediu a palavra e depois foi a vez de Jorge, por sua própria voz que

requereu o excesso de prazo, alegando que a data para o julgamento fixada em 30 de janeiro

havia sido alterada para 5 de fevereiro, que atentava contra seus direitos fundamentais.

O promotor mencionou uma série de artigos e normas jurídicas para apresentar uma sucessão

de desculpas pela falta de cumprimento na notificação do dia da audiência.

Sinisterra voltou a intervir, alegando que não havia motivos plausíveis para a suspensão da

audiência. Não conceder sua liberdade seria uma violação maiúscula aos direitos fundamentais e

garantias processuais do indiciado.

A decisão do juiz foi a favor de Jorge, outorgando-lhe a liberdade, mas advertiu que ele

continuaria vinculado ao processo e que deveria ser detido se aparecessem novos fatos que o

considerassem um perigo à sociedade.

—Obrigada, irmão —disse a Miguel—, por jamais ter perdido a fé em mim. Sempre acreditou

em mim.

—Não tem como ser diferente! Você é sangue do meu sangue, é inocente e eu o conheço muito

bem. Sei que você teve que invocar sua introspecção para poder suportar esses anos tão duros.

Jorge agradeceu ao advogado com um aperto de mãos e voltou a abraçar sua mãe. Pegou seu

rosto com as duas mãos.

—Quero que supere isso, mamãe, porque agora tudo será diferente.

A mulher o olhou com profunda ternura, apesar da eterna sombra que sempre existia em sua

expressão.

—Tentarei.

Jorge segurou suas mãos, que já mostravam sinal de deformidade por uma artrite que a

atacava há vários anos. Observou seus olhos: sua mãe ainda era bonita, com um cabelo grisalho

que lhe outorgava dignidade em seu rosto, onde se percebiam pequenas rugas. Era de estatura

média, magra, e maneiras pausadas e temperamento de ferro. Vivia ressentida pela mão da

fatalidade que havia lhe tocado nessa altura da vida, quando a única coisa que esperava dela

era a chegada dos netos e compartilhar sua velhice com o grande amor de sua vida.

—Não, mamãe, todos precisamos voltar a viver.

Alguns passos adiante, Miguel e o advogado discutiam assuntos legais. O alvará já havia sido

assinado e sairia em liberdade na manhã seguinte. Jorge meditou que esta seria sua última noite

naquele lugar, teve uma arrebato de telefonar para Belén e contar a boa notícia, mas alguma

coisa o impediu. Logo haveria tempo de falar com ela, desejava voltar a vê-la em outras

circunstâncias, sem a presença das grades em suas costas.

***

Voltou ao pátio e comentou as boas novas com seus amigos. Quando um preso saía da prisão,

repartia alguns de seus pertences com seus amigos.

—Deixo alguns livros para Edgar e para você, Moisés, os CDs —disse aos dois homens,

entregando um pacote a cada um.

—Virá nos visitar? —Perguntou Edgar.

—Bobagem —interveio Moisés—, quem sai não quer voltar a este lugar por nada deste mundo.

É mau agouro.

—Vocês têm sido meus amigos durante muito tempo, virei vista-los e, além disso, não acredito em

mau agouro —afirmou, enquanto guardava outros pertences em bolsas

plásticas. Arrancou as fotos

da parede e enfiou na mochila, onde repousava o diário de Belén e o livro de Emily Dickinson, que

o fazia lembrar do dia em que a conheceu.

—Vai deixar de lado seu voto de castidade? —Perguntou Edgar em tom de zombaria, enquanto

olhava para suas unhas.

Jorge soltou uma gargalhada curta.

—Claro que vai deixar, já imagino, que amanhã à noite, já estará no meio das pernas de

alguma mulher.

—Pode ser —respondeu com um sorriso, esquivando-se.

—A pobre vai pagar uma abstinência de tantos anos. —Edgar começou a imitar o som de uma

mulher depois de soltar um gemido forte —. “Dá-me mais”, “quero tudo”, “você vai me rasgar”,

“outra vez, por favor, outra vez”, “não mais, não mais”. Isso sim, irmão, coma uma velha com um

bom par de tetas. A primeira trepada, em minha homenagem.

Jorge deu uma risada, mas sua cabeça já estava em Belén, queria vê-la, saber se o feitiço

lançado neste lugar iria se sustentar quando a vida em liberdade o absorvesse. Mas não seria

amanhã, nem depois de amanhã, porque devia exclusividade à sua família por

alguns dias.

No dia seguinte, depois de uma emocionante despedida, cruzou os portões da penitenciária.

Ligia e Miguel esperavam por ele perto de Ángela, que correu para abraça-lo.

—Minha princesa —levantou sua irmã e rodopiou várias vezes no ar.

—Você vai ver, mamãe arrumou o quarto mais cômodo da casa.

Beijou sua mãe na bochecha. Em êxtase pela realidade, saudou seu irmão com um beijo e

abraçado com as duas mulheres dirigiu-se até o carro, e agiu como copiloto.

—Não precisava se incomodar, mãe.

—Não quero espaços pequenos para você —disse-lhe Ligia, acariciando seu cabelo do banco

de trás—. É o dia mais feliz desde muito tempo, você nem imagina.

—Tia Elizabeth está fazendo o almoço, seu prato predileto —interveio Ángela.

Jorge acariciou sua bochecha, observando que sua irmã mais nova, de uma adolescente

franzina, magra e com aparelho nos dentes, tinha se transformado em uma bela moça de dezoito

anos. Miguel havia contado que era tão dedicada aos estudos, que ainda não tinha levado nenhum

namorado para casa.

A camionete, que Jorge não conhecia, rumou para casa. Em um semáforo vermelho, desceu

imediatamente.

—Mas... Que Diabos...? —perguntou seu irmão.

—Quero dar uma caminhada —disse ele—, há anos que não vejo uma calçada, eu só tinha

alguns metros.

Uma sombra de tristeza atravessou o rosto de Miguel, que em seguida diminuiu a velocidade do

carro e o seguiu em sua viagem.

—Leve o tempo que quiser.

—Sem pressa, filho —afirmou Ligia.

Sentiu-se envolvido pelo ar da rua, muito melhor que eterno fedor da prisão. A paisagem,

mesmo que carregada de poluição, cheia de carros, de ruído das buzinas e de gente, nunca lhe

pareceu tão bonita. Ainda amava a paisagem de sua fazenda e do bendito silêncio, só quebrado

por um latido, um relincho ou pelo canto dos pássaros. Sentiu seus pulmões livres ao saborear esse

momento. Deveria estar eufórico, mas se sentia nu, assustado, receoso, desconfiado de que tudo

fosse um sonho. Caminhou uns quinhentos metros e voltou para a camionete.

Miguel sorriu para ele.

—Já está batizado, irmão, bem-vindo à liberdade.

—Ainda não, meu irmão —disse, pensando em Belén—. Está faltando mais uma coisa.

Miguel deu um sorriso lento, desses que quase sempre brilhava e que fazia dele um homem

ainda mais bonito.

—Imagino.

—Não sabe o que é, não seja malicioso.

—Conheço você, por isso adivinho.

Antes que pudessem insinuar mais alguma coisa, Ligia os interrompeu.

—Meninos.

Jorge virou o rosto para a paisagem.

Elizabeth, a tia dos Robles e cunhada de Ligia, abriu a porta do apartamento para eles.

—Sobrinho!

Estava em casa com a mesma sensação de estar em um sonho, entrou em casa.

Estava decorado com a maioria dos móveis da fazenda, e sua mãe lhe disse que não tinham

podido salvar a biblioteca, já que foram obrigados a sair em menos de quarenta e oito horas.

Com várias empregadas e peões haviam embalado o mais importante, incluindo algumas caixas de

livros, mas nada mais. O apartamento era grande, localizado em um velho edifício ao norte da

cidade, com uma entrada ampla que desembocava em uma sala de estar e de jantar. Em outra

porta havia um escritório e por um corredor, Ángela o levou para mostrar os quartos. Tinha sido um

bom investimento feito por seu pai, mas o profundo vazio por sua morte e a perda da fazenda

seria uma coisa que jamais recuperariam. Tratou que não percebessem a dor por esta perda

exatamente nesse dia, para eles, um dos mais felizes, e impôs a si mesmo um sorriso e não o

abandonou memento algum.

Sentaram-se à mesa, onde imperava, como sempre, o bom gosto de sua mãe para os detalhes e

arrumações. Ele deu um beijo sonoro em sua tia Elizabeth ao degustar um *ajiaco* de frango, um

típico prato colombiano à base de frango, espiga de milho e dois tipos de batata, acompanhado

de creme de leite, alcaparras, abacate e um pão crocante com manteiga. De sobremesa, um pudim

de caramelo, também o seu predileto.

Ao anoitecer, se sentou com Miguel na varanda, um amplo espaço com flores e plantas

ornamentais. Miguel acendeu a grelha à lenha para fazer calor, já que a temperatura havia

baixado. Ligia serviu-lhes um conhaque, e depois de beijar e abraçar seu filho pela enésima vez,

retirou-se para descansar da mesma forma que tinham feito sua tia e sua irmã.

—Estou preocupado com a investigação, meu irmão, se aparecer algo de novo no panorama,

estou fodido. Não me sentirei livre até que tudo isso esteja terminado.

—Você não vai se sentir livre até que você tenha uma mulher entre suas pernas, melhor dizendo

—provocou Miguel, em zombaria.

Jorge sorriu.

—Vou remediar isso no momento certo.

—Não se preocupe com esta maldita investigação. O que eles vão encontrar depois de tantos

anos? Nada!

Jorge assentiu em silêncio.

—Como está se sentindo? —perguntou Miguel.

—Eufórico, melancólico, preocupado...

Miguel deu um pequeno assobio.

—Leve seu tempo, um passo de cada vez, irmão, e este foi enorme. Foi a melhor coisa que nos

aconteceu nesses malditos quase quatro anos. Vamos apenas desfrutá-lo.

Jorge sorriu. Neste dia sentia saudade de seu pai, como se durante seu tempo na prisão tivesse

deixado este pesar de lado para poder suportar a vida.

—O que você sabe sobre *El Álamo*?

Jorge se referia à fazenda que tinha pertencido à família por gerações e que aquele grupo de

foras lei havia expropriado quatro anos atrás.

O semblante de Miguel mudou de imediato, para Jorge ficou evidente o sofrimento de seu irmão

e o peso da culpa que ele carregava.

—Continua em poder desse bastardo e o pior é que não fazem nada com a terra, o gado, tudo

está abandonado. No mês passado, Dominga telefonou para mamãe e contou que haviam

abandonado a fazenda.

—Ah! A velha Dominga —sorriu Jorge—, lembro de suas broncas quando metia a colher na

panela de doce de leite e repetia. Recordo bem de como ela me enganou em uma das festas de

*San Antonio*. Pode acreditar que ela trocou o pote de doce de leite por um de banha de porco.

Tinha o mesmo aspecto. Vomitei por dois dias.

—Ela e seu marido estão tomando conta para que mais ninguém invada a casa, mas pouco

poderá fazer sem ter a escritura em nosso nome.

Miguel sorriu e continuou.

—Sinto falta do velho, todo dia. —Bebeu de uma vez o conhaque, que

queimou sua garganta e

como uma fagulha, acendeu um fogo em seu estômago.

Jorge suspirou forte.

—Eu também.

Ficaram em silêncio uns minutos.

—É verdade tudo que contam da prisão?

—Alguma coisa —receou falar sobre o assunto. Fez uma pausa, sopesando bem o que diria a

seguir —. Tenho alguns rolos para resolver, mas ficarei bem. Mantive-me ocupado e foi uma coisa

boa em meio a isso tudo. Não desejo o encarceramento a ninguém, e se a decisão judicial não

tivesse sido a meu favor, não sei o que eu teria feito.

Deixou o copo de conhaque em um canto e passou as duas mãos pelo rosto, como se ainda

estivesse mergulhado naquele pesadelo.

—Preciso procurar alguma atividade, porque é difícil que me deem trabalho na condição em

que me encontro.

—Tire umas férias primeiro, seu lugar é no campo, você teria que ir embora, e mamãe e Ángela

precisam de você. Tem que se preparar para o julgamento.

Jorge esticou as longas pernas e olhou para o firmamento. Era lua crescente;

o céu, o que era

uma raridade, estava claro, e algumas estrelas podiam ser vistas. O cheiro da lenha da grelha,

inevitavelmente, o levou às lembranças do campo, era um fazendeiro de linhagem pura.

—Não penso em ir amanhã, mas preciso ter opções, começar a pagar-lhes tudo que vocês

fizeram por mim, aliviar sua carga, meu irmão.

—Não tem que me pagar nada, tem é que viver a sua vida. Quero vê-lo outra vez apaixonado

por seu trabalho, pelas mulheres e pela vida.

—Você já conseguiu esquecê-la? —Com isso, Jorge se referia a Olivia Ruiz, a mulher que,

segundo seu irmão, era a culpada de tudo.

Os olhos de Miguel brilhavam, furiosos, na penumbra.

—Eu a odeio! Não existe um único dia que eu não lamente o que aconteceu.

—Ela era muito jovem. Orlando Ruiz não teria ficado tão incomodado ao descobrir seu caso de

amor, porque ele teria mandado fazer picadinho de você sem lamentação. Vocês não chegaram a

ir muito longe. Esta trama foi urdida porque desejavam parar o progresso na região e aprontou

das suas, aquele maldito. Matar o chefe de todos e afastar seus descendentes.

—Essa mulher teve alguma coisa a ver. Mentiu e sabe lá em que mais terá

mentido para mim.

Jorge não quis mais insistir no assunto Ruiz. Serviu outro conhaque para seu irmão.

—Você me disse para viver a vida. Mas acredito que nós dois temos que começar a fazê-lo.

## CAPÍTULO 9

Os dias seguintes passaram em meio às visitas familiares, almoços, jantares e comemorações, pois a

família de Ligia na capital era numerosa. Todas as noites dormia pensando em Belén.

Oportunidade para iniciar alguma coisa com outras mulheres não lhe faltava, mas sua mente e seu

corpo só desejavam aquela mulher. Miguel brincava e dizia que não esperava nunca ver seu irmão

convertido em um monge.

Enquanto isso, averiguou o lugar em que Belén trabalhava e em uma quarta-feira de tarde,

pediu a Miguel que lhe emprestasse a camionete. Vestiu um jeans escuro, uma camisa preta e uma

jaqueta de couro, também preta, perfumou-se e saiu para procura-la. Não sabia seu horário e

esperaria por ela, às seis, em frente ao edifício em que ela trabalhava.

***

Belén havia tido um dia movimentado, cheio de reuniões e apresentações de relatórios, e

sonhava em chegar em sua casa, tomar um longo banho de água quente e deitar-se para ver um

filme. Não tinha voltado a saber de Jorge desde que deixou de ir à penitenciária, mas pensava

nele o tempo todo. Quantas vezes atendeu o telefone de noite na esperança de que fosse ele, não

a empresa de TV a cabo, então, se lembrava que não haviam terminado de forma amigável.

Minutos depois das seis, atravessou a grossa porta de vidro e deu uns passos à frente e ficou na

beira da calçada, olhando para o lado à espera de um táxi. Havia escurecido muito cedo, uma

brisa gelada baixava das montanhas, o frio fazia com que ela ajustasse mais o cachecol de lã e

procurasse de maneira infrutífera as luvas em sua bolsa. Estava mergulhada em suas reflexões,

quando ao levantar o rosto, deu em cheio com o olhar de Jorge, que a observava do outro lado

da calçada, como que em transe. Gemeu que assustou a pessoa que estava a seu lado. Era a

maldita de uma visão, disse a si mesma com veemência, não apenas aprecia em seus sonhos, como

a visão estava de pé na frente dela.

Fechou os olhos e ao abri-los, encontrou com seu sorriso feliz, o mesmo que a presenteava a

cada vez que lhe entregava algum doce. “É ele, é ele”, repetiu, “e veio me

procurar”. Seus

batimentos se aceleraram e um suor frio a cobriu de imediato. Seu olhar tinha o poder de controlar

sua vontade, e soube que estava com problemas quando percebeu que prendia a respiração e

que morria de vontade de correr até ele para abraça-lo. Tudo desapareceu ao seu redor: as

pessoas que saíam do trabalho, os carros, os prédios. Um zumbido em seus ouvidos a impedia de

escutar as buzinadas, o ruído do apito do agente de trânsito e os passos apressados das pessoas.

O tempo perdeu importância, como se estivesse em câmera lenta.

O semáforo mudou, com passos firmes e longos, e sem deixar de olhar para ela, intensamente,

Jorge chegou até ela. Estava lindo, era o homem mais lindo que seus olhos já tinham visto.

—Olá, *paloma*.

***

Estava nervoso. Tinha imaginado este encontro mil vezes em sua cabeça, durante as duas

semanas que estava em liberdade, o que faria, o que diria, mas nada o preparou para a

sensação que experimentou ao vê-la outra vez. Seus joelhos fraquejaram e uma ansiedade,

nascida da insegurança, o deixou plantado em seu lugar. De imediato não lhe

pareceu uma boa

ideia, repetiu a si mesmo, várias vezes, que, no mínimo, não era correto, que mesmo estando livre,

estava longe de solucionar seus problemas, e que ainda era difícil desprender-se do fedor da

prisão. Uma coisa era uma relação atrás das grades e outra diferente do lado de fora, mas a

essência estava ali, sempre seria um ex-presidiário, e nada e nem ninguém apagaria isso.

Mas quando Belén o viu, soube que a havia surpreendido ao ver suas bochechas corarem e o

modo com que seus lábios se curvaram em um sorriso nervoso. Esse foi seu passaporte para

atravessar a rua.

Depois de saudá-la, soltou uma risada ante o mutismo dela e a maneira com que ela o olhava,

como se estivesse diante de uma aparição. Isso fez bem às suas inseguranças.

—Olá —ela o saudou. De imediato um tremor a assaltou. E se ele tivesse fugido? Seu semblante,

como sempre, não demonstrava nada. Não, não acreditava nisso. Nesse momento lembrou-se do

seu pedido por excesso de prazo. Seus olhos de prata encontraram com os dele—. Estou...

surpresa. Levou ambas as mãos à boca em busca de calor e ele teve um impulso louco de aferrá-

las até que elas se aquecessem, porque tinha certeza de que estavam geladas.

—Você está tremendo de frio. Vamos beber alguma coisa quente —disse ele.

Passou o braço por suas costas e com passo certo caminhou ao seu lado até chegar à loja Juan

Valdez[18] que ficava no mesmo quarteirão.

A temperatura dentro do estabelecimento era outra coisa. Olhavam-se sorridentes, sem falar,

enquanto estavam na fila do caixa.

Belén, às vezes, baixava o olhar, pois queria deixar suas emoções bem guardadas, mas estava

surpresa de ter Jorge Robles a um palmo apenas. Iam tomar um café, quando semanas atrás não

podia sequer imaginar. Ao seu nariz chegava o aroma de sua loção varonil que aguçou sua

vontade de cheirá-lo, de enterrar o nariz em seu pescoço, abraça-lo, beijá-lo. A cada momento

lembrava-se de cada um de seus encontros e se embebedava das lembranças de seus beijos.

Percebia que ele estava perto e longe, como alguém que vem do outro lado e que ainda não se

costumou ao lado de cá. Minutos depois, com seu *capuccino* nas mãos e uma torta que ele insistiu

em pedir mesmo ela dizendo que não iria comer nada —não acreditava que o nó na garganta lhe

permitisse engolir nada sólido—, se sentaram em uma das mesas que uns

jovens acabavam de

desocupar.

Para Jorge, custava-lhe um trabalho enorme não olhar para aquelas pernas. Sim, a mulher tinha

pernas, envolvidas em meia-calça, e que pernas! Vestia uma saia preta até os joelhos e sapatos

pretos de salto alto, uma blusa de seda e uma jaqueta também escura e, por cima, um casaco de

tecido, que ele a ajudou a tirar antes de sentar-se à mesa.

—Preciso saber de tudo —ela insistiu, enquanto despejava o envelope de açúcar no recipiente

com a bebida quente.

—Mil desculpas por aparecer desta maneira. Nem mesmo lhe perguntei se você já tinha um

compromisso.

—Não tem que pedir desculpa por nada. Não tenho mais nada para fazer —disse ela com

firmeza—. Estou...

Soltou uma risada nervosa. Ele levantou uma sobrancelha antes de provar sua bebida.

—Eu comovo você, *paloma*?

Ela revirou os olhos.

—Estou surpresa. Fico feliz que tudo tenha sido resolvido a seu favor. Nem em sonhos imaginei

que você sairia tão rápido.

Jorge elevou uma comissura dos lábios e a presenteou com um sorriso íntimo.

—Nem em sonhos, *paloma*?

Belén enrubesceu. Ele não fazia mais que paquerar, mas de imediato pensou se não estava indo

longe demais, mesmo que ela não parecesse desgostosa com seus avanços.

—Não tenha ilusões, porque foi apenas maneira de falar. Além disso, digamos que não

terminamos nossos assuntos de forma amigável, se mal me recordo.

—Sinto muito o que aconteceu, mas eu ficava angustiado se alguma coisa daquele lugar

afetasse você de qualquer maneira, quando tudo que você queria era ajudar. O problema foi

solucionado.

—Claro que foi solucionado, eu o coloquei nas mãos das autoridades competentes —ela disse.

Jorge a olhou, surpreso.

—Eu também.

Sorveu sua bebida.

—Você se expôs de maneira desnecessária, e eu disse que iria me encarregar.

Belén soltou uma gargalhada.

—Você acredita que vou lhe dar atenção?

—Algo assim —respondeu, petulante, enquanto levava um pedaço de torta à boca.

—Você é tão presunçoso.

Jorge começou a rir.

—O que você vai fazer agora?

—A investigação continua. Estou no que se chama liberdade provisória, esperando as audiências

do julgamento, e se tudo continuar da maneira em que está, não poderei ser condenado, porque

não existem provas suficientes.

Ela apertou seu braço.

—Tudo sairá bem, você verá.

—Quero fazer alguma coisa, procurar um trabalho, mas por enquanto seria algo informal, estou

em meio a um processo judicial e nenhuma empresa me aceitaria.

Era injusto, mas certo, meditou Belén.

—Pode contar comigo para o que você precisar. E sua família como recebeu sua liberdade?

Deve ser uma coisa espetacular para eles.

—Estão felizes, foram duas semanas muito intensas, mas não quero que eles tenham nenhum tipo

de consideração por mim por ter estado preso todos esses anos. Minha mãe, a quem eu adoro com

toda minha alma, só me deixa respirar e eu a entendo, mas chega um momento em que não se

pode viver sem ar. Meu irmão é mais compreensivo.

Ficaram uns segundos em silêncio. Havia saído do inferno para um mundo que ainda lhe parecia

distante e isso a comoveu. “Será que esteve com alguma mulher?”, pensou, inquieta. Na verdade,

não teve muita pressa em procura-la. Ele começou a falar sobre a decisão judicial a seu favor e

assim passaram os minutos.

Jorge espetou o último pedaço de bolo de cenoura e ofereceu o pedaço a ela. Fogo fazia

rodamoinhos no estômago de Belén, quando, surpresa, recebeu o pedaço de bolo em sua boca.

Não deixou de perceber o calor no olhar dele, que parecia incapaz de desviar os olhos de seus

lábios. Bebeu seu café para poder engolir o pedaço.

—O que você vai fazer agora? Eu ia convidá-la a caminhar, mas o frio está intenso. Se quiser,

posso leva-la para casa —disse ele, olhando pelas janelas as pessoas que passavam apressadas,

encolhidas em seus casacos.

Belén, porém, não estava pronta para deixa-lo ir.

—Isso me parece genial. Se você quiser, podemos comer alguma coisa por aí. Isso aqui não

pode ser considerado um jantar.

—Por mim, tudo bem, mas... É sério que você quer fazer isso? Você deve estar cansada.

—Não se preocupe com isso.

Ele sorriu satisfeito. Levantaram-se e Jorge a ajudou a colocar seu casaco. Ela não sabia quão

feliz o deixava e como estava surpreso com sua acolhida, era muito melhor que em seus sonhos,

mais impetuosos.

Outra vez, sorriram um para o outro e foram caminhando até o estacionamento. Jorge abriu a

porta para ela e a ajudou a entrar na camionete. La dentro, ligou a calefação e o aparelho de

som.

—Em que lugar você gostaria de jantar? —Perguntou ele.

—Tem um restaurante de carne não muito longe daqui. Você gosta de carne?

Fez um gesto afirmativo, sem deixar de olhar para seus lábios.

Belén teve certeza de que seu coração atravessaria suas costelas, apertou as pernas em ato

reflexo e evitou seu olhar, concentrando-se em mostrar-lhe o caminho. Lembrou-se de seus breves

encontros e um medo inexplicável a assolou, porque tinha certeza que sua atração por este homem

a quem apenas conhecia, jogaria por terra todas suas convicções, deixando-a

nua e muito

vulnerável.

—Dobre no seguinte quarteirão até chegar à avenida, então siga em frente, eu guio você.

Jorge a olhou pelo canto do olho.

—Eu também estou nervoso, Belén. Você não tem que ter medo de mim, não vou lhe fazer mal,

não vou manipulá-la e tampouco vou extorqui-la.

Belén o olhou, surpresa, e um pouco ferida pelo tom utilizado, e porque era a primeira vez nesse

pouco tempo compartilhado que ele a chamou pelo seu nome. Percebeu, então, que as poucas

vezes que ele a chamou de Belén era porque uma forte emoção o dominava.

—Não acreditei em nenhum momento que fosse fazer algo assim —disse, com os dentes

apertados—. Confio em você e não volte a dizer isso nunca mais. Não é por isso que estou

nervosa.

Enquanto a contemplava, voltou a se sentir assustado pelos sentimentos que a moça lhe

despertava e agradeceu aos céus pela carga de expectativa nesse encontro ter sido

compartilhada com ela. A empatia estava presente, lembrou-se da sedução ilícita dentro das

grades, a paquera, os beijos e os telefonemas.

—Algum dia você vai me dizer por que eu deixo você tão nervosa?

—No mesmo dia em que você me disser por que me chama de *paloma*.

Sorriram mutuamente.

Ela não voltou a dizer nem uma única palavra até que chegaram no estacionamento perto do

restaurante.

—Estou feliz por você ter me procurado.

Ele não disse nada até entrarem no lugar. Foram acomodados em uma mesa no fundo e pediram

uma garrafa de vinho, enquanto se dedicaram a olhar o menu detalhadamente.

—Preciso saber, *paloma* —disse, levantando o olhar.

—O quê?

—Que você não foi a fodida de uma visão que chegou à minha vida para iluminar a maldita

escuridão. E perdoe-me pela maneira com que isso soa, mas eu me senti assim.

Trouxeram o vinho que, depois da aprovação de Jorge, o garçom serviu nas taças. Escolheram

os pratos e brindaram. “Que tipo de vida ele tinha tido antes de ser preso?”, Belén perguntou a si

mesma. Não parecia um simples homem do campo.

—Saúde —levantou a taça—. Pela sua liberdade.

—Pelo prazer de ter sua ótima companhia. Saúde.

Provou sua bebida, de aroma fresco e de fruta, pois o sabor da uva dançou em seus lábios,

relaxando-a na medida certa. Falaram de amenidades por um bom tempo.

—Conte-me como era sua vida antes disso.

Jorge observou as cores em sua roupa.

—Estudei aqui em Bogotá, sou veterinário e agrônomo, fiz uma pós-graduação em uma fazenda

produtora de gado no Texas, onde vivi por um ano, viajei pelos Estados Unidos por seis meses, até

que meu pai ordenou que eu voltasse, com a ameaça de me deserdar —sorriu pela lembrança—.

Voltei a *San Antonio de Padua*, à fazenda de minha família, com uma grande quantidade de planos

que não pude concretizar. Sempre gostei de viajar, economizava o ano inteiro só para poder fazê-

lo. Meu pai —Belén pode ouvir o tom de voz angustiante quando o mencionou—, era muito

exigente e nos fazia trabalhar por nossos sonhos. Planejava tudo, e de certa maneira, Miguel e eu

herdamos isso dele. A vida nos pisoteou como desejou.

—Eu sinto muito.

Ela acreditou que esta formação o ajudou a enfrentar a vida no cárcere. Ela aferrou a mão

dele e este contato surpreendeu a ambos, em razão das intensas emoções. Haviam percorrido um

longo caminho em pouco tempo.

—Não quero que você sinta, *paloma*, porque o que aconteceu me ensinou a viver meu dia a dia,

a não dar as coisas por terminado.

O garçom chegou com a comida, a carne cheirava deliciosamente e as batatas pareciam

apetitosas, mas Belén soube que não conseguiria comer.

—Perdi o apetite que tinha um momento atrás, e agora não tenho mais.

Belén levou a taça de vinho à boca, sorvendo a bebida. Jorge se sentiu desesperado para

beber o vinho de seus lábios. Tinha que se controlar, porque a desejava como nunca antes havia

desejado uma mulher. Sempre teve as mulheres que quis, mas seus anos na prisão fizeram com que

ele visse os erros cometidos e não pensava em voltar a cometê-los. Iria para a cama com Belén

porque a queira como sua companheira, não como diversão ou para desafogar anos de

abstinência. Ela era a mulher que ele havia escolhido para o bem e para o mal, não poderia saber

como aconteceriam as coisas dali para frente ou se seriam compatíveis em todos os pontos de vida,

mas vendo-a desfrutar seu vinho e olhar para ele com seus lindos olhos de

prata e seus gestos

nervosos, disse a si mesmo que não procuraria ninguém mais.

—Sim, isso acontece quando... —acovardou-se, porque não queria se precipitar e perde-la

antes mesmo de começar.

—Quando o quê?

“Ao diabo com tudo isso”, ele pensou, enquanto buscava coragem para continuar.

—Quando duas pessoas se atraem tanto que existe entre elas alguma coisa real e inevitável,

profundo. Quando você se dá conta disso, perde o apetite, entre outras coisas —sussurrou com a

voz rouca, como se houvesse dificuldade para falar.

—Oh. —Belén só conseguiu respirar e não pode mais resistir ao seu olhar penetrante. A emoção

era latente em seus olhos.

—Uma vez você comentou que foi parar naquela prisão porque sua companheira não se sentiu

capaz de fazer aquele trabalho, poderia ter ido à prisão feminina e eu nunca teria conhecido

você, isso me apavora. Belén —disse com profunda emoção—, entre todas as pessoas, você e eu

nos conhecemos em circunstâncias tão difíceis, que teria espantado mais de uma pessoa, mas é

porque existe algo de diferente a tudo que vivemos, e você sente isso, não é verdade?

—Sim, eu sinto —ela respondeu.

Jorge segurou as mãos dela e permaneceram em silêncio, saboreando o momento.

—Tem alguma coisa que você deseje me perguntar? —Ele perguntou, sabendo que a partir

desse momento não haveria caminho de volta.

—Houve alguma moça? —Indagou, nervosa— Alguém importante?

Jorge negou com a cabeça.

—Nunca senti por nenhuma mulher o que sinto por você, sou bem sincero, tive minha fama, não

fui gente boa com as mulheres antes da prisão, mas isso mudou. Na prisão havia muito tempo para

pensar e prometi a mim mesmo que quando voltasse a entrar em uma relação, tudo seria diferente.

Respeito a minha situação judicial, não posso lhe garantir que o juiz decidirá a meu favor, mas meu

advogado está trabalhando para isso.

Belén ficou pensativa por uns minutos. A atração já estava ali, um julgamento ou uma

condenação não iria fazê-la sentir de outra maneira.

—Dizem que não apenas nas circunstâncias difíceis se conhece um homem, mas também se pode

conhece-lo na maneira em que vive uma paixão.

—Pode ser, mas só conheci paixão pelo meu trabalho. —Olhou para o prato dela—. Você não

comeu nada.

—Nem você.

—Quer ir embora?

Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça e o tempo parou. Depois, se arrependeu de levantar

da mesa, porque ele nem ao menos havia lhe beijado, no mínimo, iria deixa-la em casa. Saíram,

ante o olhar pasmo do garçom, que perguntou se havia alguma coisa errado. Jorge deixou uma

boa gorjeta.

Tinha começado a chover e não havia guarda-chuva, ele tirou sua jaqueta e a cobriu com ela.

Abraçados, caminharam até o carro, grudada nele e consciente de cada pedaço de seu corpo, do

calor que irradiava e de quão alto ele era. Ao chegar, Jorge logo abriu a porta para ela, mas

com uma expressão confusa, voltou a fechá-la. E ali, em meio à água que levava o rosto deles, a

alma e as dores, em um momento fatal e perfeito, ele a beijou.

Belén sentia que levitava ante o contato de seus lábios frios e entregou sua boca ao doce saque

de sua língua morna, ele a agarrou pelo cabelo e tornou o beijo ainda mais profundo, com a outra

mão aferrou-a pela cintura, recostando-a sobre o carro. Devorou-a com mais vontade, sugando

seus lábios e percorrendo todos seus cantos, pouco se importando com a chuva persistente, as

pessoas que passavam, as luzes dos carros. Sentia-se à deriva, com a adrenalina incendiando suas

veias.

De imediato, tudo ficou em seu devido lugar, estava onde deveria estar. O desejo carnal por

este homem a golpeou com violência, não podia mentir para si mesma, porque ela o havia

desejado desde o primeiro momento e ele tinha ciência disso, essa certeza estava em olhar astuto

de cor de mel. Jamais haviam se beijado dessa maneira, com este ímpeto, com esta excitação, com

a perfeita medida de ternura e selvageria, como se vida lhe fosse tirada, levando-a ao limite da

paixão apenas com sua boca.

—Fique esta noite comigo —ele rogou sobre sua boca.

“Deus, sim e mil vezes sim!”, ela meditou. Enquanto ele esperava ansiosamente sua resposta,

Belén fez um gesto afirmativo com a cabeça, com olhar fixo e brilhante. Jorge abriu a porta do

carro e em menos de dois segundos saíram do estacionamento.

Belén sussurrou que fossem ao seu apartamento e lhe deu as coordenadas. Olhou atentamente

para ele, com a ansiedade e o desejo agarrados no peito e no meio das pernas, e a alma inchada

de expectativa. Jorge conduzia com aspecto concentrado, pegou sua mão sem olhar para ela, e

quando, por fim, o fez, um poço de emoções banhava seus olhos, que haviam escurecido com o

desejo.

—Tenho que comprar preservativos, não tenho nenhum.

Belén também não tinha em sua casa. Percebia que ele estava tenso, com certeza estava

arrependido.

—Faz três anos que não tenho relações, com ninguém —disse Jorge com o olhar sombrio—.

Quero que seja especial, que você se sinta bem. Não acredito que eu vá aguentar muito na

primeira vez, mas estarei melhor depois, eu prometo a você. Estou são, faz poucos dias que

entregaram o resultado dos meus exames.

Belén se sentiu emocionada por sua honestidade e se sentiu muito mais tranquila, sabia o foco de

promiscuidade que havia dentro das prisões, pois um preso poderia manter relações, aos domingos

de vista, com quem quisesse. Quis retribuir, de alguma maneira, esses anos de solidão.

—Eu também não acredito que vá durar muito tempo, quero sentir você dentro de mim —

suspirou profundamente com o que ia dizer—. Tomo pílula, não precisamos de preservativos.

Jorge olhou para ela, surpreso, freou o carro quase que de imediato, puxou-a e a abraçou,

enquanto a encaixava entre seu peito e o volante, devorando sua boca com ânsia. Belén acariciou

seu cabelo, seu pescoço, os peitorais, enquanto sua língua a importunavam e seus dentes

mordiscavam seus lábios. Não foi delicado. Apertou seus seios, logo as mãos voaram para suas

pernas, que acariciou com firmeza de cima a baixo, subindo por seu traseiro. Ela desfrutava de

cada carícia e cada aperto. Quando a afastou, ele tremia e respirava como se tivesse corrido uma

maratona. Sem dizer nada, foram para a casa de Belén.

A tensão crescia a passos de gigante, enquanto estacionavam a camionete. Subiram o elevador

sem se olharem ou se tocarem.

O desejo lhe doía enquanto abria a porta do apartamento e tinha certeza de que teria um

orgasmo quando ele pusesse a mão em seu sexo. Convidou-o a entrar e Jorge não tirava a vista

de cima dela. Nervosa, o convidou a se sentar.

—Vou tomar uma ducha...

Jorge a puxou e ficou sentada em seus joelhos.

—Nem sonhando, já perdemos muito tempo, quero você assim, Belén.

—Mas eu...

—Leve-me até o seu quarto, imediatamente, se não quiser que façamos tudo aqui. Estou no

ponto, *paloma*.

Com seu mundo virado de ponta cabeça, chegaram ao quarto entre beijos descontrolados,

enquanto tiravam as roupas que podiam pelo caminho. Jorge deu um leve rugido quando a teve

nua diante dele e, em seguida, levou a mão até o sexo de Belén, que apalpava, ansiosamente, seu

peito, suas costas, suas cicatrizes, a tatuagem do lobo, que percorria com as gemas de seus dedos,

provocando-lhe um calafrio. Depois, teria tempo para lambê-lo, mordê-lo, chupá-lo e apropriar-se

dele.

Quando ele baixou sua cueca e seu pênis saltou, ansioso, Belén teve medo. Não era um medo de

virgem, nem que ele fosse machuca-la, não. Era medo de não ser mais a mesma, de quando essa

arma potente entrasse nela, acabasse por escravizá-la e a fizesse enlouquecer por ele. Teve medo

de se apaixonar como nunca antes havia feito e de já não mais poder viver sem ele.

Em um segundo, Jorge estava em cima dela, cocha com cocha, acariciando seu seio, mordiscando

e chupando seu pescoço, e quando tocou seu sexo, ela abriu ainda mais suas pernas, e com uma

única estocada estava dentro dela.

Soltou um gemido forte, que se somou ao dela, enquanto a penetrava até o fundo,

completamente erguido e duro, sacudindo-a. Encheu-a totalmente. Ficou imóvel sobre ela sem

deixar de olhá-la. Sentiu-se hipnotizada ao ver seus músculos tensionados e o esforço titânico para

não de mexer. Ela já estava no ponto, como havia-lhe dito no carro. O desejo fazia redemoinhos

em seu sexo, quando ele começou a se mexer com impulsos longos e profundos. Entrava e saía sem

descanso, empurrando com força, levando-a a um gozo descontrolado e com

uma fricção tão

intensa, que Belén quis gritar. Não era suave, mas ela não desejava que fosse, queria toda sua

força e ardor, e o crescente desejo que ascendia entre eles dois.

O orgasmo de Jorge estava a caminho, concentrou todas as suas forças para relaxar um pouco,

em retardá-lo alguns segundos, saboreando cada investida e doce fricção. Foram meses de desejo

por ela, noites fantasiando, masturbando-se por ela, mas nem uma de suas fantasias mais quentes

se comparava à sensação delirante de estar em seu interior, com tê-la debaixo de seu corpo,

ofegante e suada. Era o fodido de um presente, era diferente. Envolveu sua cintura com as pernas

dela, abrindo-a ainda mais e levantou o traseiro para fazê-la roçar o clitóris em seu osso púbico.

Ficou abismado com a brancura de sua pele, em contraste com a dele, mais escura. A visão de seus

sexos unidos, e esse aroma que dava voltas no ambiente e que tanto havia sentido falta no

cativeiro, o levaram pelo caminho do orgasmo.

—Ah! Enfim! —rugiu.

Todo pensamento voou de sua mente e já não conseguia mais parar. Seu corpo, desesperado,

pedia liberação. Era um fodido céu, a umidade, o calor, os músculos internos

de Belén que o

seguravam, era muito bom, era perfeito. Sentiu que desfalecia e teve apenas a imperiosa

necessidade de ser abraçado, beijado, de um átomo de ternura que apagasse seus anos no

inferno. Pegou a mão dela e a levou a sua bochecha. Em um acordo tácito, pediu-lhe carinho.

Belén, com a sabedoria ancestral das mulheres, deu-lhe o que pedia: abraçou, beijou e o

embalou em seu seio, presenteando-o com consolo. Então, sentiu que sua vagina e toda ela se

contraíam, enquanto ele, com as mãos, subia por suas costas e acariciava ambos os lados de sua

coluna, pressionava um pouco forte na parte do meio de suas costas. Convulsionou em torno dele

com a vista nublada, enquanto gozava em ondas sucessivas de prazer, que não sabia existir. Nunca

antes havia experimentado um orgasmo tão intenso. De uma maneira visceral e física desfrutava,

concentrada no êxtase que assemelhava-se a uma corrente elétrica e provocava espasmos em seu

ventre, ao longo de suas pernas e em cada terminação nervosa. Ele continuava suas investidas,

estremecendo de maneira convulsiva, enquanto seus quadris se chocavam, libertando-se dela, até

que trêmulo e vulnerável, caiu lentamente sobre ela.

Quando sua respiração se normalizou, Jorge solto uma gargalhada.

—Duramos um minuto —disse, acariciando seu rosto e olhando para ela com imensa ternura, sem

querer sair de dentro dela.

Belén sentiu uma enorme vontade de chorar. Nunca havia-lhe acontecido, mas já intuía: com ele,

as coisas seriam diferentes, mais emotivas e mais intensas. Ainda estava duro em cima dela, que

acariciou sua tatuagem, beijou-lhe o pescoço e a mandíbula. Não queria mais se separar dele,

desejava continuar conectada para sempre ou, pelo menos, até a semana seguinte.

—Faça isso outra vez.

E ele a satisfez.

***

A noite foi curta. Ele parecia não conhecer os limites de seu corpo e ela, de boa vontade, deixou

que ele fizesse o que quisesse com seu corpo. Voltou a toma-la na cama, no chuveiro, e até em

cima da mesa da cozinha quando, famintos, foram saquear a geladeira. Ela pediu mais e ele a

satisfez. No dia seguinte, estava em carne viva e sentia incômodo para caminhar. Mas, no dia

seguinte, ela pertencia a ele.

## CAPÍTULO 10

Arcadio Mendoza suava cântaros, enquanto a camionete em que se deslocava pelo caminho

poeirento, o levava diante da presença de Orlando Ruiz, um dos poucos paramilitares que havia

demorado a entrar no processo de desmobilização. Mendoza acreditava que não demoraria um

ano para fazê-lo, porque este criminoso queria começar a varrer as suas pegadas no tráfico de

drogas e colocar todo o seu dinheiro em segurança no exterior.

A estrada poeirenta o levou à entrada de uma mansão, que não tinha nada que invejasse a dos

famosos atores de Hollywood. Um grupo de homens armados custodiava o lugar. Estavam em uma

jurisdição perto de *San Antonio de Padua*.

Quando desceu do carro, o levaram à presença do homem. Via-se envelhecido para sua idade,

com sobrepeso, com cabelos grisalhos e roupa juvenil. Com uma mocinha de biquíni de um lado e

um copo de uísque na mão contrária, lhe deu as boas-vindas.

—Promotor —tronou a voz que havia levado centenas de pessoas à tumba.

Arcadio se limpou com um lenço ao entrar no ar condicionado. Orlando não lhe ofereceu assento

e despachou, com uma palmada no traseiro, a mocinha que poderia ser sua filha.

—Ainda não entendo por que Robles saiu da prisão.

—Não tive ingerência no ocorrido. Uma greve no judiciário foi a responsável pela mudança de

datas.

Ruiz ficou olhando para ele com fúria e com vontade imensa de pegá-lo pelo cangote, leva-lo

ao celeiro para aplicar-lhe seu merecimento por ser tão inútil.

Mendoza se enfureceu ao pensar que este homem era dono de sua alma, e tratou de disfarçar

como pode. Sonhava com o momento em que passasse a engrossar a fila dos desmobilizados ou

que morresse de um infarto, o que seria mais provável ao ver seu rosto corado. Sua cobiça o tinha

levado a este momento, e teria que se apenar como fosse ou não sairia vivo dali. Não entendia sua

aversão à família Robles, quando assuntos mais urgentes deviam ocupar a mente do chefão.

—Eu lhe pago muito bem para que tenha ingerência sobre essas coisas. O que está feito, feito

está. Como vai arrumar tudo isso?

—Continuo com a investigação. Este relógio tem que aparecer. Vou voltar ao lugar do fato com

uns agentes do Corpo Técnico de Investigação quando liberarem a ordem.

Se conseguisse encontrar a prova por seus próprios meios seria ainda melhor. Sabia que estava

na mira dos agentes que regulavam as ações dos funcionários da justiça, e que já estava bastante

questionado. Não queria levantar mais suspeitas sobre ele, armando alguma coisa tão torpe que

pudesse se desfazer na primeira oportunidade.

—Espero que seja logo. Não quero este sujeito leve proveito com a liberdade, quero resultados,

Promotor. Não quero que ele dê seus pulos, eu o quero atrás das grades.

—Farei tudo que puder, mas quero falar de novo com a pessoa que arrumou tudo, para ver se

deixamos passar alguma coisa sem perceber.

—José Zambrano?

—Sim.

—Mandarei chama-lo.

—Por quê?

—Por que o quê?

—Por que seu ódio por este homem, por esta família? Não eram os mais poderosos, nem

tampouco os que tinham mais dinheiro. Por que não mata-lo e acabar logo com isso?

Ruiz, em vez de mandar chamar Zambrano, olhou para Mendoza como se fosse uma aranha que

precisava ser esmagada.

—Santiago Robles tinha uma coisa que eu nunca consegui: o respeito das pessoas. Quanto a seu

filho Jorge Robles, ele me deve uma coisa: meteu-se entre as pernas de minha mulher e isso eu não

vou perdoar nunca. Rosalia não era minha esposa, vivíamos separados, mas foi a mulher mais

importante da minha vida.

Arcadio não se surpreendeu, porque para ele o mundo era movido pelo poder, pela luxúria e

pelo dinheiro, quase nessa ordem. A mulher havia morrido há mais de sete anos, então Jorge deve

ter sido um jovenzinho, com os hormônios em ebulição, quando tudo aconteceu. “Não desejarás a

mulher do próximo”, ditava um dos dez mandamentos, ainda mais quando este próximo era um

bandido como Ruiz. Por que não tinha feito como todos os valentões e o assassinou? Não entendia.

Ruiz o olhou como se tivesse feito a pergunta em voz alta.

—Faço o que eu quero. As pessoas deste povoado me pertencem —soltou uma respiração muito

parecida com a de um cavalo—. Não pense tanto e faça o que lhe ordeno, não o pago para que

me faça perguntas estúpidas.

Quando José Zambrano, um homem com calvície aparente, um pouco acima do peso e com olhar

duro e astuto —e um dos seus capangas mais cruéis— apareceu, falaram sobre o ocorrido com o

relógio roubado de Robles na noite dos assassinatos. Esta prova não aparecia, e fazia um ano e

meio que Mendoza tinha estado no terreno e o havia rastreado de cima a baixo, sem encontra-lo.

Agora voltou a repassar tudo com Zambrano.

Com uma simples chamada telefônica teria sido suficiente, mas não. Ruiz sabia que sua presença

intimidava mais que qualquer homem com uma arma na mão. O homem o despachou em segundos,

e em minutos já estava outra vez em sua camionete, cagado de susto e sem perceber que não

haviam-lhe oferecido nem um copo de água.

Na Colômbia, os problemas com a guerrilha e a ineficiência do Estado tinham feito com que os

grupos paramilitares proliferassem por todo o território nacional, convertendo-se em uma força

violenta, que o presidente eleito lutava por desmantelar. Ruiz, homem inescrupuloso e sem

sentimentos, havia amealhado um imenso poder neste lado do país, o que lhe deu diversos motivos

para matar e arrebatar de outras pessoas o que haviam demorado anos para construir. A

ambição havia dominado seu juízo, e nesse momento acumulava uma fortuna incalculável que, nem

assim, havia lhe trazido o respeito que desejava. Quando Jorge Robles teve seu namorico com

Rosalia, sua mulher, era apenas um adolescente, não tinha nem vinte anos. Esta mulher era uma puta

e a mãe de Olivia, sua filha, que havia se apaixonado por Miguel Robles. Para ele, Miguel não lhe

interessava tanto como Jorge, por isso o deixava tranquilo, mas era um fato que, para onde ele

olhasse, sempre haveria um Robles se metendo em alguma coisa que lhe pertencia, sempre. Queria

acabar com esta família, mas em sua mente deturpada desejava fazê-lo à sua maneira.

***

Quando o promotor se retirou, Ruiz deu a ordem a Zambrano para seguir Jorge Robles.

—Podemos assustá-lo.

—Primeiro quero saber o que ele está fazendo.

—Como ordene, patrão.

***

Jorge e Belén dedicaram as semanas seguintes a se conhecerem. Tinha dias em que ele passava

a noite com ela, despertar ao seu lado era uma delícia, estreitava-a contra o seu corpo no frio da

madrugada e fazia amor com ela antes de se levantar para ir trabalhar. Soube que Belén era

uma viciada em filmes românticos e bebia grandes quantidades de chá de baunilha. Não usava

perfume, mas em seu corpo e em seu cabelo ficavam o rastro da essência de baunilha, que não

era aquela comum, comercial, que todos já havia cheirado alguma vez nas cozinhas de suas casas.

Não, porque esta era uma baunilha original, um cheiro reconfortante e quente que o afastava da

crueldade em que havia vivido. Um aroma inesperado, raro. Belén contou que a semente era

trazida do México, que podia ser obtida em uma orquídea daquele país e era muito cara.

Também reparou que Belén era friorenta por natureza e sentia seus pezinhos gelados na

madrugada, porque se recusava a dormir de meias, e seus mamilos eram extremamente sensíveis,

podendo leva-la ao orgasmo apenas por chupá-los e mordiscá-los. Adorava acordar em sua

cama, no cheiro dos lençóis, e no calor de seu corpo colado no dele.

Confirmou o que ele já sabia: era uma excelente profissional, arriscada, comprometida,

compassiva, mas que também era a mulher mais teimosa e mais sexy que havia conhecido. Sua

fome por ela parecia não acabar. Mãe de Deus! Excitava-se só de vê-la e sua mente contava os

segundos para ver quanto iria demorar sua roupa posta, quando ele pusesse a

mão sobre ela. Seu

desejo sexual, agora, era ainda mais intenso, como se depois do tempo passado na prisão tivesse

sofrido uma sobrecarga hormonal, seus sentidos estavam centrados nela, em seu aroma, em seus

gestos, em sua maneira de ser. Era doce, apaixonada e se doava de maneira transparente, sem

remorsos.

Seu ego tinha sofrido uma transformação, porque ela o fazia se sentir mais homem, especial,

único. Anos de sentir-se indesejado desapareciam por encanto com apenas um de seus olhares ou

carícias. Era uma mulher muito carinhosa, que o tocava em todos os lugares e tinha uma fixação

pela sua tatuagem de lobo. Sentia tantas coisas por ela, todas desconhecidas, bonitas e suas.

Assim transcorreu o primeiro mês.

***

Belén viajou em uma ocasião, por ordem de Natalia, para visitar com sua companheira um dos

maiores presídios do país. Chegou desanimada no dia seguinte com o que viu.

Jorge a distraiu com um jantar feito em casa e uma sessão de sexo oral que a deixou

enfraquecida no sofá da sala.

—Jorge?

—Diga —respondeu, sonolento.

Gostava do som de seu nome em sua boca, com um tom diferente do que pronunciava as outras

palavras, como se fosse uma marca. Era isso, ou então estava como um verdadeiro idiota por essa

mulher.

Estavam na cama, tinham dormido por um tempo. O sono inquieto de Jorge a despertou, ele se

remexia intranquilo e resmungava como se o tivessem torturando. O quarto estava às escuras. Ela

apoiou a cabeça na palma de sua mão e com a outra, acariciava seu peito.

—Você está bem?

—Estou bem. Que horas são?

Ela se incorporou rapidamente e olhou o relógio digital na mesinha de cabeceira.

—Uma e meia.

Esfregou o rosto e deu um bocejo.

—Por que você ainda não dormiu, *paloma*? Ontem o seu dia foi muito pesado.

—Você teve um sono inquieto, se remexia e se lamentava como se estivessem torturando você.

—Sinto muito tê-la incomodado.

Ficou de barriga para cima e a olhou, adormecido.

—Não me incomoda —ela se apressou em responder.

—É pior quando eu ronco. Você teria acordado com os cabelos em pé.

Fez uma imitação do ronco, que saiu como um rugido. Apesar de sua tentativa de brincadeira,

Belén se preocupou.

—Teria preferido este ronco. Acontece isso desde a prisão?

Permaneceu uns segundos em silêncio, segundos que Belén já sabia traduzir-se em quanto

desejava contar-lhe. Ele levantou uma sobrancelha e um sorriso curvou em seus lábios.

—Disse que parecia que estavam me torturando?

—Sim.

Bateu em sua testa com a palma da mão e se deitou sobre ela.

—Temos que dar uma solução para esses pesadelos, senhorita García —disse, enquanto subia

sua camisola e envolvia seu traseiro—. Tem um remédio que pode me ajudar.

Entrou nela, que suspirou. Estava úmida e o recebeu com um gemido.

—Sabia que você gostaria quando eu estivesse dentro de você, já sentia sua falta.

—Você é um valentão, Jorge Robles —ela replicou, mas seu tom de voz não harmonizava com

suas palavras.

Ele a calou com um beijo, ao tempo em que ela o rodeava com os braços.

—Claro que sim, vou matá-la de tanto orgasmo —disse ele, exalando arrogância viril e

sensualidade, misturado com gestos de ternura.

Mais tarde, ele dormiu, mas o sono para ela era ilusório, porque o homem deitado ao seu lado

era uma incógnita. Nos três últimos anos, Jorge tinha vivido em um contexto que não se permitia

nenhum desaforo, exceto a violência, e todo o tipo de liberdade, inclusive de seu movimento, estava

fora de esquadro. Havia habitado um lugar onde não se podia mostrar sinal de debilidade ou

vulnerabilidade, porque seria devorado. Acostumou-se a esconder suas emoções ou não as

incentivá-las, e isso incomodava, imensamente, Belén, que era transparente em suas ações e em

seus sentimentos.

Parecia que Jorge sempre usava uma máscara. Apenas no sexo ele se mostrava vulnerável,

baixava a guarda totalmente e a única coisa que ela desejava fazer era curar sua alma ferida,

porque a cota de sofrimento desse homem era gigante. Sentia nele um resto de dureza e uma

quota de violência, porque ninguém passava anos em um lugar perigoso, sem se deixar contaminar,

por mais profissional e de bons princípios que fosse. Queria dizer para ele que o aceitava com

suas sombras e luzes. Precisava que ele se abrisse com ela, e vendo-o dormir, se perguntou como

conseguiria sua absoluta confiança.

Estava apaixonada, sentia nas profundezas de sua alma. Antes de Jorge, esta palavra estava

ligada a carinho, à companhia e à convivência. Este novo sentimento não tinha nada a ver com isso,

era algo profundo, assustador, como se todas suas antigas experiências tivessem se convertido em

uma só e desaparecido com um indiferente sopro de ar, deixando seu coração preparado para a

avalanche de novas sensações, que percebia como se estivesse sentada em uma montanha russa.

## CAPÍTULO 11

Nos primeiros dias de junho, em um final de semana prolongado, inclusive com festividades,

decidiram passar na casa da tia Elizabeth, distante duas horas da capital. Partiram bem cedo,

antes do amanhecer, para aproveitar o dia. A neblina cobria a cidade, mas estavam agasalhados.

Belén teve a preocupação de levar uma térmica com café. Jorge colocou uma música e a letra de

um bolero invadiu aquele pequeno espaço. À medida que se afastavam da cidade, a bruma se

dissipava e o céu clareava em cores amarelas e púrpuras. Ele falava de sua família, de Ángela,

que logo iria para a Itália com uma bolsa de estudos, de sua mãe e das ideias repentinas de sua

tia. A conversa, de imediato, voltou para seu falecido pai.

—Meu velho era muito rígido com seus filhos, era um molenga apenas com mamãe.

Apaixonaram-se muito jovens, minha mãe ainda estava no colégio e meu avô não fazia muita

graça, mas o velho conseguiu o que queria.

—Você deve sentir muita falta dele —era uma afirmação.

—Uma coisa muito curiosa me aconteceu. Enquanto estava preso, tive que deixar o pesar de

lado para poder sobreviver, não teria conseguido lidar com tudo. Estes dias têm sido agridoce,

desfruto de minha liberdade, mas o oco na alma pela falta de meu pai está quase igual ao dia em

que tudo ocorreu.

—Entendo você —pegou a mão dele.

—Às vezes era incômodo. Vê-los sempre de romance me deixava um pouco constrangido.

—Meus pais são um pouco mais frios em suas demonstrações, vejo o carinho, mas são mais como

companheiros de vida.

Ficaram em silêncio uns minutos, então lhe perguntou o que havia semanas que estava

segurando.

—Como você pode aguentar três anos na prisão sem ficar louco? A energia é pesada,

degradável, ao caminhar por aqueles corredores eu me perguntava o tempo todo.

Jorge acelerou o carro. Olhou para ela, comovido.

—Os homens somos animais de hábitos e terminamos nos adaptando a qualquer coisa. Qualquer

ilusão, qualquer sonho, é melhor deixar parado ou você não sobrevive, termina enlouquecendo. A

leitura me ajudou muito, eu podia fugir sem problema. Às vezes as coisas escapam, alguma

conversa, um programa de televisão, então você pensa em tudo que deixou de fazer, de comer, de

conhecer e esses são os dias mais negros, porque você deseja que alguém acabe com sua vida, já

que você não é capaz de fazê-lo. Começa a cheirar a carniça quando passamos por aquelas

grades, porque é aí que você percebe que está morto em vida, por mais coisas que você faça com

seu tempo para não pensar na vida lá fora.

Um grupo de ciclistas o fez diminuir a marcha.

—Do que você sentia mais falta?

—Sexo, mas não era o sexo que eu conhecia, esse eu poderia ter qualquer domingo. Ansiava

por isso, a conexão, a comunhão, o desejo brutal que me inspira, esse que se não o satisfaço, penso

que acabarei chamuscado. Desejava o que meus velhos tinham e me culpava por ter sido tão tolo e

não ter valorizado as mulheres que sentiram alguma coisa por mim.

“Você está como um verdadeiro imbecil, melhor ficar caladinho”.

Belén o observava com um tremendo nó na garganta, contendo sua vontade de chorar. Se

chorasse, ele se fecharia outra vez.

—Algum sonho? Algo que você tenha querido fazer e não tenha conseguido?

Ele pigarreou, nervoso, e respondeu-lhe com um peso na garganta que quase não o deixava

falar.

—Filhos, queria saber como se sente ser pai. Cultivar a terra, trabalhar com animais. Conhecer

Paris —soltou uma risada—. Coisas assim.

Quis dizer-lhe: “Quero desfrutar seu amor”, “Poder dizer: eu amo você”. Livre, sem preconceitos,

nem correntes.

Angustiou-se, não sabia se conseguiria isso, seu irmão e sua mãe diziam para ele ter fé. Não

queria ser injusto, mas não eram eles que tinham um pé no cárcere por culpa

da maldita

investigação.

—Quero que você conheça minha família —ele soltou de imediato.

Ela lhe obsequiou um sorriso de olhos brilhantes de esperança e ele sentiu o homem mais feliz do

mundo.

—Será um prazer.

Afastaram-se da estrada e entraram em um caminho poeirento, rodeado de árvores frondosas.

—Fale-me sobre você, porque você vive me perguntando coisas, mas eu sei pouco sobre seus

familiares. Até quando você vai me esconder deles? Ou vou continuar sendo seu segredinho sujo?

Ela moveu a cabeça e olhou para ele, doída.

—Você não é meu segredo sujo, simplesmente minha família é difícil.

—Como? —ele perguntou diante da expressão aturdida dela—. Fala como se eles fossem lhe

dar uma palmada.

—Meu pai... nunca está satisfeito com nossos êxitos, sempre quer mais e isso é uma coisa

desgastante na relação. Meus irmãos e eu nunca fazemos o suficiente.

Jorge bufou incomodado.

—Acredito que a obrigação de um pai quando o filho é pequeno é educa-lo,

proporcionar-lhe

todas as oportunidades para que se converta em uma boa pessoa, e o resto virá como adição.

Tanta ansiedade e pressão em criar filhos bem sucedidos não pode ser boa coisa.

Ela soltou uma risada irônica.

—Diga isso ao meu pai.

—De qualquer maneira ele tem meu mais absoluto agradecimento por ter criado você.

Piscou-lhe um olho e continuou concentrado na estrada.

Belén pensou que Jorge seria um bom pai, e por um momento teve o insensato desejo de dar-lhe

um filho, mas balançou a cabeça em negação. Definitivamente estava louca.

Jorge sabia, pelo que ela havia contado, que não viam sua relação com bons olhos. Teria que

ter sua vida resolvida para apresentar-se como namorado de sua filha. O que o pai dela pensaria

quando soubesse que ela saía com um acusado de assassinato? Pondo-se em seu lugar, Jorge tinha

consciência de que não era o melhor partido. Imaginou Ángela levando para casa um homem com

os mesmos antecedentes que ele e soube que ele faria o que fosse necessário para terminar a

relação. Não esperava clemência de ninguém, só de Belén. Estava fazendo as coisas para

solucionar isso, esperava com ansiedade trabalhar em um projeto de um companheiro de

universidade em *Llanos Orientales*, poderia viajar nos finais de semana para Bogotá e encontra-se

com ela. A viagem era curta e muitos casais tinham esta dinâmica de trabalho nos dias de hoje.

—Vai entende-lo, *paloma,* logo você verá.

O tom doce em que pronunciou esta frase a deixou sem base. Jorge acariciou sua perna. Olhou

para ela de canto de olho, com um brilho especial. Não tinha feito a barba esta manhã e uma

sombra escura cobria sua mandíbula, de uma maneira que provocava nela uma sensação

eletrizante, ao imaginá-lo entre suas pernas.

—Veremos —ela disse, com o olhar pousado nas mãos dele. Mãos incrivelmente doces e

passionais que haviam lhe dado um grande prazer.

Seu estômago se encolheu por antecipação. Subiu os joelhos contra o painel do carro, em um

claro convite para que ele fizesse algo mais. Ele lhe devolveu um olhar devorador. Belén usava um

vestido de flores e uma bota de cano médio, o clima em que estavam era temperado e ela havia

tirado o grosso casaco uns quilômetros atrás. Jorge estendeu suas carícias à parte superior da

coxa. Belén podia sentir suas partes íntimas pesadas, que se tornavam escorregadias, cheias de

desejo.

Os raios de sol banhavam o carro na estrada isolada.

—A vida é cheia de surpresas —afirmou quando colocou a mão em seu sexo e percebeu que

não usava roupa íntima—. Levante seu vestido.

—Uma moça sempre deve estar preparada —respondeu, cumprindo a ordem e revelando a

pele suave de suas coxas—. Não percebeu quão pouco dura em seu lugar uma roupa íntima

quando você está por perto?

Jorge observou seu sexo, único, brilhante e rosado. Excitava-o, e olhou para um lado e para o

outro para estacionar o veículo e dar o que ela queria.

—Espero que não seja uma queixa —disse com uma voz rouca, com um olho focado na estrada

e outro entre suas pernas. Ela gemeu em resposta e ele a acariciou, tocando essa parte tão doce e

que o deixava bobo, deslizando o dedo para seu interior. Belén fechou os olhos e abriu as pernas

ainda mais, um gemido trêmulo escapou de seus lábios quando ele começou a usar aquele dedo

para deixa-la louca.

—Beijar seu sexo é a melhor coisa do mundo, olhe para você, úmida, brilhante, esses lábios

foram feitos para serem beijados tanto quanto sua boca deliciosa.

Virou em um morrote e estacionou atrás de uma árvore. Desceu da camionete e deu a volta,

desceu-a com rapidez, acomodando-a no assento traseiro. Dobrou-lhe as pernas e as separou,

tudo com movimentos harmônicos e calculados. Belén deixava que ele fizesse o que quisesse.

—E se vier alguém? —perguntou, sem estar nem um pouco preocupada.

—Não virá ninguém —ele a persuadiu, enquanto a olhava com uma expressão bem quente—.

Quero devorá-la viva, assim, olhe para mim, Belén.

Jorge a presenteou com um sorriso de lado, sem deixar de olhar para seu sexo e quando

pousou a boca nele, ela sentiu que seu ventre se dissolvia.

Arqueou-se ainda mais para ele e o olhou, viu sua cabeça morena movendo-se no ritmo que sua

boca lambia suas dobras, centímetro a centímetro.

—Sim, oh, sim.

O espaço se encheu dos gemidos de Belén em conjunto com a letra do bolero que se escutava

neste momento.

♬ Tanto tiempo disfrutamos de este amor,

nuestras almas se acercaron tanto así

que yo guardo tu sabor,

pero tú llevas también, sabor a mí[19] ♬

—Você é linda. Quero saborear cada centímetro de você.

♬ Pero allá tal como aquí,

en la boca llevarás, sabor a mí[20] ♬

—Deus, que gosto bom —gemeu, mordiscando seus lábios.

Ela jogava a cabeça para trás, agarrava-o pelo cabelo e se esfregava conta sua boca. O

roçar de sua barba lhe dava um prazer sujo e percebeu que desejava reclamá-lo com seu mais

que qualquer coisa no mundo. Seu desejo era intenso e perturbador, e tinha nome próprio. “Jorge”,

recitou em uma ladainha, acariciando sua tatuagem de lobo, que com o movimento dos músculos do

braço brindava-lhe com uma aparência poderosa. Seu lobo havia-se cravado profundamente em

suas entranhas.

Jorge repassou e se deleitou com cada centímetro de pele sensível da jovem. Era rara, melhor

do que qualquer uma de suas guloseimas preferidas... Seu sabor estalava em sua boca e sua

língua, e não parecia ter o suficiente dela. Penetrou-a com sua língua, apreciando o modo com que

seu interior se contraía, ouvindo seus gemidos quando se jogou para trás para permitir-lhe um

melhor acesso ao seu aroma, que era mais viciante que qualquer droga.

Belén havia se metido sob sua pele. Queria passar sua vida inteira entre suas pernas. Queria

farta-se de seu doce e suave sabor, e de seu delicioso perfume feminino. Queria saboreá-la a

todo momento.

—Fale para mim, diga que quer que eu devore você. O que você deseja?

—Continue, me chupe assim, que eu vou gozar.

Em um devastador e esmagador prazer estalou em um orgasmo que sentiu em suas pernas, seu

sexo, em seu umbigo e seu ventre, mas que acima de tudo elevou sua alma. Morreu e voltou a

nascer, sem forças, suada, mas ele ainda não tinha terminado. Colocou-a de pé.

—Vire-se —murmurou em seu ouvido, depois de lhe dar um beijo na boca.

Ele a fez se dobrar na borda do assento, levantou seu vestido, e as nádegas desnudas e

apetitosas fizeram sua aparição, pensamentos indecentes atravessaram sua mente, enquanto ele

tirava seu membro da calça e se acomodava.

—Vou comê-la forte e duro, como você gosta —sussurrou em seu ouvido. Agarrou-a pelo quadril

e a penetrou—. Belén, Belén... —gemeu seu nome várias vezes.

Belén... Adorava escutar a ladainha de seu nome nesse momento, tão diferente em sua boca,

antes e durante o orgasmo, como se tivesse um significado especial, como se o degustasse antes de

gozar, como se seu nome fosse seu ponto de apoio antes de cair no precipício.

—Belén, me receba... —gemeu Jorge, quase sem pode conter as palavras que reverberavam

em seu peito. “Amo você”, quis gritar—. Sou seu, me tenha por completo.

Belén se abriu ainda mais, como se isso fosse possível, e seus músculos internos se contraíram ao

redor dele.

—Assim, isso mesmo. Preciso muito de você, e você não tem nem ideia — dizia muito depressa e

de maneira atropelada com o tom de voz áspero.

Estocou uma e outra vez, queria que durasse, mas se sentia tão fodidamente bem, tão molhado,

tão ardente que queimava. A respiração agitada se converteu em um gemido forte e rouco,

quando ejaculou dentro dela, sem querer acabar, ao sentir que seu interior também se retraía em

um novo orgasmo. Ficaram quietos, tentando acalmar a respiração.

Ela quis dizer que o amava, quando ele a virou com suavidade e o viu, ainda com a respiração

agitada, revisar se seu vestido estivesse no devido lugar. Caminhou trêmula até o lugar do carona.

Pegaram uma costa para cima e quando chegaram no chalé, antes de descer do carro, Jorge

cobriu os lábios de Belén com os seus e acariciou seu rosto com ternura, em contramão ao que

havia acontecido minutos atrás.

—Cada vez que eu ouvir este bolero, lembrarei desse momento, *paloma*.

Belén nem se lembrava do bolero e quis soltar uma gargalhada. Quando ele a tocava perdia

todas suas faculdades.

Jorge percebeu e sorriu para ela, astuto.

— *Sabor a mí[21].*

Ela desceu do carro com as pernas ainda trêmulas. Diante dela se estendeu uma paisagem com

uma série de colinas cultivadas que se assemelhavam a uma colcha de retalhos. O chalé, de

madeira, era pequeno, rodeado de flores e um caminho de pedras levava até o primeiro lance da

entrada. Havia árvores frutíferas e uma cerca de madeira rodeando a propriedade. Um homem

jovem se aproximou deles.

—Bem-vindo, senhor Jorge.

Apresentou-se como Dionisio, entregou um jogo de chaves para ele e disse

que possuía uma

cabana mais abaixo para o que eles precisassem. Depois, mostrou a ambos um celeiro bem

pequeno com um par de cavalos. Belén viu, pela primeira vez, a transformação de Jorge na

maneira com que respirava o ar do campo e olhava para tudo com os olhos brilhantes. Depois de

se despedirem do jovem, caminharam por um tempo pela colina. O sol brilhava, escutaram um ruído

de água que os levou a uma pequena cascata. À distância havia um pomar.

—Minha tia viveu neste lugar por vários anos, até que decidiu voltar para a capital e estar com

minha mãe e meus irmãos. Você vai gostar muito de minha tia.

Voltaram para a casa. Desceram as malas e os alimentos, e entre carícias conseguiram organizar

tudo. O espaço era pequeno, mas bem distribuído, a sala com seus móveis de couro, uma mesa de

jantar em madeira grossa, a cozinha separada por um balcão de cerâmica e um par de quartos

com um banheiro no meio. Era um lugar simples e prático, com litogravuras marcadas na parede,

cheirava a produto de lustrar móvel e estava limpo.

Belén, depois de se assear, vestiu um jeans e uma camiseta para ir cavalgar, e foi procurar

Jorge no celeiro. Quando entrou no lugar, viu que ele acariciava a testa de um

dos animais e

falava com ele com carinho. Aproximou-se por trás dele e o abraçou.

—Olá.

—Olá, sua égua já está pronta. Você sabe montar?

—Não sei, você terá que me dizer —ela respondeu, sorrindo e provocando.

Ele soltou uma gargalhada enquanto revisava se a sela estava bem ajustada.

—Deus, nem me lembre —desse Jorge em tom provocante—. Se eu tivesse que dar uma nota,

diria que você é excelente, porém, ainda não vi você montar *Alumbre*.

—Sou boa, sempre montei.

—Isso eu já disse.

***

José Zambrano entrou em no escritório de uma das casas de Orlando Ruiz. Seu chefe estava

sento à escrivaninha revisando os papéis que um advogado lhe mostrava. Cedo ou tarde se

juntariam à Lei de Justiça e Paz, e poderiam sair de seus esconderijos e começar uma nova vida

em liberdade, ou pegar uma pena mínima. O advogado se despediu e ficaram a sós.

—E então? A que se dedicou o tolinho em liberdade?

—À família e tem uma mulher.

—Uma só? Jorge era o galo do galinheiro.

—Era, patrão, não esteve com ninguém mais, é uma mulher que conheceu na prisão.

—Quem é?

—Uma doutora de uma ONG.

Levantou a vista, surpreso.

—Não perdeu tempo. E o promotor?

—Está esperando a autorização para mobilizar o Corpo Técnico de Investigação à cena do

crime.

Zambrano estudou o semblante de seu chefe e percebeu que ele estava pálido, até juraria que

ele havia perdido peso, mas ele se negava a ir ao médico, acreditava-se invencível. Preferia rezas

e talismãs feitos pelas bruxas da região.

—A prova que foi plantada nunca apareceu, até eu passei o pente fino pelo terreno com alguns

homens.

Zambrano se referia ao relógio que havia desaparecido no alvoroço de Jorge com os

rancheiros e que nunca foi encontrado no local do fato. Com esta prova, Robles nunca teria

recuperado a liberdade.

—Com quem?

—Galán e Macías.

—Macías era um ladrão, no mínimo encontrou e a guardou, era um Rolex.

—Não acredito, patrão.

—Pense, Zambrano, o homem desapareceu uns meses depois. Esse sujeito está com o relógio.

—Não servirá de prova se ele estiver usando o relógio no pulso, não mostraria o mesmo estado

de deterioração.

—Procure Macías, precisamos fazê-lo falar.

—Robles está procurando trabalho.

—Onde?

—Em uma fazenda de gado em *Los Llanos* e em várias fazendas de criação de excelentes

cavalos na savana.

—Fale com os donos, eles que se atrevam a dar trabalho para Jorge Robles, porque vão

ajustar contas comigo. Quero que ele coma merda. Quero problemas no paraíso.

—Como ordene, patrão.

—Outra coisa, as fotos da formatura de Olívia?

Zambrano tirou um envelope pardo de uma mochila que levava pendurada ao corpo. Orlando

Ruiz tirou as fotografias e olhou uma a uma. Repassou-as várias vezes e, então, despachou

Zambrano com ordem de ter Robles sob vigilância o tempo todo. Olivia Ruiz era sua filha natural

fruto de uma relação com Rosalia Manrique. Era a única filha que ainda estava no país, muitos

poucos sabiam de sua existência. Ele a mantinha vigiada por segurança e fiscalizava cada passo

dado. Acabava de se formar em assistente social, ele tinha oferecido estudos no exterior, onde ela

quisesse, mas ela o desprezava. Desde o acontecimento com os Robles e com ela mesma, não havia

voltado a falar com ele. Conformava-se com as informações que seus homens lhe traziam a cada

semana.

***

Saíram montados a cavalo para percorrer a região, e Jorge ficou surpreso em quão bem Belén

manejava a montaria. Ainda assim, a levou em um trote suave pelos campos, enquanto se

certificava de suas habilidades com a égua. Propôs entrar no bosque.

—Quer ir mais rápido?

—Por favor —ela respondeu.

Afastaram-se da trilha, ele atrás dela, admirando-a, suas pernas longas e bonitas, a elegância

de sua postura. O céu brilhava, a brisa era morna e levava o aroma de terra molhada, de

vegetação, mas que os refrescava e à distância podiam escutar o som de diferentes animais. Sua

alma encontrava paz à medida que avançavam com o passeio, acreditou que a comunicação entre

ele e a terra havia-se perdido, mas estava mais presente que nunca. Sua essência era do campo e

disse a si mesmo que não seria totalmente feliz se não estivesse nele vivendo.

Belén diminuiu a marcha e esperou que Jorge cavalgasse a seu lado. Emocionada, respirava o

ar perfumado, os diferentes tons de verde e o colorido das flores.

—Você gosta do campo?

—Adoro, meus pais tinham uma propriedade em *Boyacá*, e eram religiosas as idas nos finais de

semana.

—Você viveria em um lugar como este?

—Vivi em zonas rurais desde que comecei a trabalhar. A cidade, às vezes, me assusta, então,

seria muito feliz no campo.

—É bom saber.

Jorge se aproximou de sua montaria e deu-lhe um beijo que deixou os cavalos um pouco

inquietos.

—Voltemos para casa. Morro de vontade de fazer amor com você.

## CAPÍTULO 12

Jorge ficou sabendo pelo jovem Dionisio que um dos vizinhos estava vendendo uns hectares

contíguos. Poderia conseguir dinheiro, fazer um projeto que gozasse da aprovação de alguma

entidade, propor uma sociedade à sua tia Elizabeth com algum cultivo ou criação de animais, as

possibilidades eram infinitas. Voltar a se sentir completo, homem e provedor, profissional, poder

oferecer alguma coisa à mulher por quem estava apaixonado, violenta e irremediavelmente

apaixonado.

Porque por mais que estivesse compartilhando cada dia de sua vida, de sua alma e de seu

corpo, não queria reclamá-la como sua até que o maldito julgamento acontecesse e ele fosse

absolvido, não imaginava que medidas estaria adotando o maldito Ruiz. Vivia esta felicidade com

medo do que encontraria no dia seguinte, porque sonhava em acordar um dia e que sua máxima

preocupação fosse alguma coisa relacionada a uma plantação ou a um animal doente.

Estava há vários dias sem dormir bem, e tinha certeza de que Belén já havia percebido,

chegaria um momento que não conseguiria enganá-la com suas piadas ou comentários soltos, ou

com uma sessão de sexo que a fizesse esquecer até seu nome. Era muito inteligente, mas não

queria amarrá-la à sua angústia, com o profundo mede de ter que se enterrar outra vez em uma

cela. Não saberia como começar de novo.

Havia amanhecido e já estava de pé. Deixou-a dormindo, a noite anterior tinha feito um pouco

de frio, acomodou a manta sobre ela e lhe deu um beijo na testa. Vestiu sua roupa e foi para a

cozinha preparar um café matinal, campestre, forte e preto, como ele mais gostava. Atos rotineiros

para qualquer um, mas que para ele eram de suprema felicidade. Montaria um pouco e daria uma

olhada nos terrenos à venda. Não perderia nada em sonhar, era de graça.

Quando voltou, Belén, que já havia levantado e se vestido, estava fazendo o café da manhã, o

forno funcionava perfeitamente e decidiu fazer uns "*pandebonos[22]*" com uma massa que encontrou

na dispensa. No ambiente se misturava o cheiro do delicioso pãozinho e de ovos mexidos. Dois

copos de suco fresco repousavam sobre a mesa.

—Bom dia, *paloma*.

Ela se aproximou, beijou Jorge na boca, no peito e absorveu o cheiro do

campo e do frio,

misturado com o perfume de sua roupa e dele mesmo, esse que a deixava abobalhada.

—O café da manhã já está pronto, minha vida.

Tinha começado a chama-lo assim umas semanas atrás. A primeira vez que ele a escutou dizer,

ficou com um nó no peito o dia inteiro.

—Tudo está delicioso.

Belén se apressou para tirar a fornada de pãezinhos. Jorge a ajudou, servindo os ovos, e se

sentaram para tomar café da manhã. Ele contou sobre sua visita à propriedade vizinha e disse

que o dono havia-lhes convidado para mais tarde conhecerem seus cavalos de passo fino.

Arrumaram a cozinha e saíram na camionete um tempo depois.

Belén ficou impressionada com a transformação que ia aparecendo em Jorge desde a chegada

ao campo. Agradeceu à vida por vê-lo feliz e relaxado, sem aquele ar cínico que às vezes

deixava vir à tona e que tratava de esconder de diversas maneiras. O campo e a simplicidade de

seus habitantes exerciam esse efeito em seu ânimo. Sem perder nenhum detalhe, ela o observava

conversar com o dono da fazenda vizinha e conhecido da tia Elizabeth, e falar em seu idioma de

pastagens, alimentação e vacas.

Caminhava a poucos passos dele pela cavalariça, ampla e luxuosa, fascinada, escutando-o falar

em termos médicos, acariciando os animais e dando conselhos ao fazendeiro. O coração batia em

seu peito e sabia que não poderia estar ainda mais apaixonada por este homem. Pediu a Deus

que tivesse compaixão por ele e que pudesse encontrar seu lugar no mundo. Encolhia seu coração

ao pensar que Jorge e sua família eram um número a mais na cifra dos desapropriados do país

por culpa da maldita violência, apesar da alegria que desfrutava neste momento. Sentia pena

pela desapropriação, pelo que ele havia contado da fazenda arrebatada, amava aquele lugar

que havia pertencido à família por gerações.

Mais tarde pode vê-lo, com toda sua elegância, montado em um dos cavalos mais bonitos que

ela viu em sua vida. Cavalo e cavaleiro ofereciam uma figura nobre, montava com grande

desenvoltura, costas retas e expressão confiante. Escutou quando ele ria às gargalhadas ao

conversar com os peões, livre, relaxado, e teve um vislumbre do homem que era antes que o

encarceramento deixasse um vazio dentro dele, porque nesse momento conheceu sua verdadeira

essência.

O fazendeiro, de nome Vicente Vélez, homem perspicaz e sagaz que já tinha percebido o

profissional que tinha caído em suas mãos, os convidou à sua casa. Entraram no espaçoso lugar de

arquitetura colonial, com um pátio interior que no centro tinha uma fonte rodeada de flores

vistosas. Passaram para uma ampla sala, com uma grande lareira, e homem ofereceu um conhaque

a Jorge. Nesse momento, entrou a esposa do fazendeiro, uma mulher jovem, alta, de espesso

cabelo escuro e olhos verdes, que olhou para Jorge com evidente interesse. Belén sentiu a mordida

do ciúme.

—Venha, querida, vou lhe apresentar o sobrinho de Elizabeth, Jorge Robles e...

—Minha mulher —Jorge disse, sem que sua voz tremesse.

—Prazer, senhora, Belén García —respondeu Belén com o peito inchado.

—Amanda de Vélez, mas não me chame de senhora, sou apenas uns anos mais velha que você.

A mulher era muito mais jovem que seu marido, que já era um cinquentão, e souberam por algum

comentário que era sua segunda esposa e que não tinham filhos. Um dos peões chegou e chamou

o fazendeiro, deixando os três a sós. A mulher ofereceu outra dose a Jorge,

Belén não havia

bebido nada, e Amanda não lhe deu atenção, toda sua artilharia estava apontada pera ele. Jorge

não lhe devolvia a paquera, mas podia ver a diversão em seus olhos e quis lhe dar um chute nas

canelas.

Quando Vicente voltou, uma das empregadas entrou com uma bandeja com diferentes queijos e

carnes frias. Os homens falavam de política e do progresso da região.

—Conte-me sobre sua experiência profissional, Robles. Tenho interesse em contratá-lo.

Jorge explanou um tempo sobre seus estudos e o que havia feito na fazenda de sua família. O

homem degustava um pedaço de queijo, escutando-o, e as mulheres interrompiam entre pausas. No

terceiro copo de conhaque, Jorge resolveu ser sincero com ele, porque não queira ter ilusões e

depois ser discriminado pelo ocorrido. Não poderia evitar o inevitável.

—Quero ser sincero com o senhor, depois que mataram meu pai, fui indiciado por um assassinato

que não cometi, saí em liberdade há dois longos meses por excesso de prazo, mas a investigação

do processo continua.

O homem, que sorvia uma bebida, expulsou o conteúdo em meio a um acesso de tosse e o humor

na reunião mudou. A mulher levantou uma sobrancelha, surpresa, e o rancheiro pigarreou nervoso.

Belén quis esbofetear ambos, Jorge permanecia imperturbável.

—Sinto muito —disse depois o homem—, não é pessoal, mas seria difícil eu confiar em você.

—Não se preocupe —respondeu Jorge, deixando a bebida sobre a mesa com um traço de ira

no olhar. Levantou-se da cadeira e deu a mão a Belén, que em seguida levantou-se com ele.

—Com licença.

Despediu-se da mulher, a quem presenteou com um olhar que parecia dizer: “Agora não sou tão

bom para compartilhar sua cama, certo?”. Ela enrubesceu como se ele tivesse dito em voz alta.

Saíram em silêncio, mas quando fecharam a porta, Belén explodiu.

—São uns estúpidos. Como se atrevem?

—Não se perturbe com nada, *paloma*. Não vale a pena. Já estou acostumado. A maioria das

pessoas pensa como ele.

—É injusto —chutou o chão antes de subir na camionete.

—Já disse a você para ficar tranquila —disse, em um tom mais firme.

Pôs a camionete para andar e se afastou do lugar em boa velocidade.

Ficaram calados uns minutos.

—É assim como você suporta tudo isso? —perguntou incrédula—. Nada afeta você?

Arrependeu-se em seguida de suas injustas palavras. Jorge olhou para ela, furioso, sua máscara

caiu aos pedaços.

—Você não tem o direito de me julgar! —disse, apontando com o dedo—. Você não!

—Sinto muito, eu...

Freou o carro a seco e deu um golpe com a mão no volante.

—Você acredita que eu não desejava quebrar o crânio dele pela maneira com que me tratou? E

na sua frente, além disso. Nem ao menos se interessou em saber se eu era culpado ou não. O

simples fato de ter estado atrás das grades, para muitos, já me torna culpado. Como você acha

que eu me sinto? Não poder brindar uma vida digna à minha mulher. Não tenho dinheiro, não tenho

o respeito das pessoas e não consigo trabalho, vou enlouquecer. Claro que eu estou furioso, Belén,

mas se eu não passar por cima da situação, então o quê? Terminaria na prisão e desta vez, sim,

por uma coisa da qual eu seria culpado.

—Não diga isso —sussurrou, angustiada —. Desculpe-me, por favor.

Aferrou o volante, tenso e sem querer olhar para ela.

—Onde estão as malditas oportunidades? Não as vejo.

—Você vai encontrar alguma coisa, tenho certeza.

Jorge negou com a cabeça.

—Não seja condescendente.

—Eu não estou sendo.

Com os olhos encobertos e com a feição amarga, perguntou-lhe:

—Por que você está comigo? Toda uma menina de bem, fala não sei quantos idiomas. Já

percorreu meio mundo, poderia ter o homem que quisesse.

—Não continue —ela suplicou.

“Além disso é linda e de alma nobre”, meditou, amargurado.

—Diga. É desejo mórbido? É desejo de foder com homem perigoso, é isso?

Ela olhou para ele, espantada.

—Você é tão estúpido!

Abriu a porta da camionete e saiu indignada, batendo a porta com toda força.

Caminhou alguns passos até que Jorge, em passos longos, a alcançou e a sujeitou pelos braços

com dureza.

—Diga que só me usa para esquentar sua cama! Diga que você se esquenta toda em ter prazer

alguém que poderia machucá-la!

—Basta! —soltou-se de maneira brusca e levantou a mão com vontade de dar-lhe uma

bofetada, mas Jorge segurou seu pulso.

—Diga que imagina um futuro juntos!

Belén negou com a cabeça várias vezes e se soltou outra vez de seu aperto de maneira brusca.

Deu-lhe as costas e ele só desejou se ajoelhar e pedir-lhe perdão, mas para o seu próprio bem

era melhor que se afastasse.

Ela se virou de imediato, aproximou-se dele outra vez, soltando faísca e fazendo psiu, furiosa.

—Sei o que você está tentando fazer, Jorge Robles, mas não vou lhe dar este gostinho.

—É o melhor que você poderia fazer, sair do meu lado. Já passou a curiosidade, já sabe como

é, então, já é suficiente. Não quero arruinar sua vida, porque a minha nunca será perfeita. Você

precisa ficar com alguém que faça bem a você, não mal.

Belén cruzou os braços, seus olhos soltavam faíscas e ela nunca pareceu tão bonita como nesse

momento em que, como uma guerreira, lutava pelo que acreditava haver ali. Como desejava dizer-

lhe que a amava com loucura, com sentimentos possessivos e insanos que simplesmente aflorava,

—Você é um covarde.

Empurrou-o e continuou caminhando. Já ia subir os degraus da entrada do chalé, quando

escutou a voz dele com uma carga de amargura que a abateu ainda mais.

—Nunca responde às malditas perguntas. Por que você está comigo? Um ex-presidiário acusado

de um assassinato brutal e que viveu o inferno na prisão, possivelmente não seja a pessoa que

você acredita ser. Talvez eu tenha cometido esse crime.

Ela parou de imediato e se virou com o coração apertado e o olhar furioso.

—Basta! Estou com você porque o amo! Ouça bem: eu amo você e não vou siar correndo porque

você não se valoriza! É você quem deve trabalhar isso, eu não posso encontrar a solução por você,

só posso ajuda-lo e dar a você todo o meu total apoio. Mas eu amo você assim, tal e qual como

você é, a única coisa que eu mudaria e daria o que fosse preciso, é para que você não tivesse que

ter vivido essa experiência absurda na prisão, quando eu sei que você não merece isso. Você não

sabe quão feliz eu fiquei, hoje pela manhã, por ver um pouco do homem que você foi antes de ter

sido antes da reclusão.

As palavras de Belén deslizaram pelas rachaduras do ressentimento e do medo, aquecendo seu

coração com um sentimento tão grande que seus olhos marejaram. Ficou

espantado com a emoção

com que ela pronunciou aquelas palavras, com amor, com dor.

—Belén! —falou emocionado—. Tenha piedade de nós dois.

Abraçou-a com violência e a beijou sem delicadeza, e quando entraram no chalé, ela a

pressionou contra a porta fechada, e voltou a beijá-la com intensa emoção que terminou por

despertar o desejo sexual.

Belén, sua Belén, refletiu, enquanto acariciava sua boca com a língua. Porque ela era sua,

apesar da trilha escura que ele percorria, ela estava ali para ele, com seu amor e sua entrega

que iluminava seu caminho. Precisava se perder naquela mulher, em seu delicioso e disposto corpo,

experimentando seu calor, seu toque de cura, seus beijos libertadores e no céu de seu sexo. Queria

os arrepios, a ternura, a necessidade sem questionamentos, suas mãos que o despojavam de sua

roupa até tocar sua alma, oferecendo uma sensação de plenitude como nunca havia sentido.

Precisava do fogo em suas entranhas, o prazer que oferecia a liberdade.

Seu corpo, tenso pela urgência que nublou seu cérebro, só desejava tomar e tomar...

—Preciso de você —ela disse, baixando suas calças e segurando seu membro entre as mãos.

Olhou para ele com os olhos cheios de desejo e ele sentiu a pressão dessa conexão, mais do que

tudo em sua vida, ao despoja-la de sua calça e roupas íntimas. Levantou-a do chão enquanto

acariciava suas nádegas e apalpava a umidade de seu sexo. As pernas de Belén encaixaram em

sua cintura e ele a penetrou com tanta força que sentiu como ela o aferrava, para evitar cair. Seu

fodido céu o apertava. “Como se eu pudesse soltar você”, pensou, encorajado. Seu sexo

escorregadio facilitava as investidas uma e outra vez, ao compasso de seus gemidos que o

deixava enlouquecido.

—Quero fazer devagar —gemeu outra vez, enquanto tratava de fazer as estocadas mais

lentas —mas não posso. —aferrou seu rosto—. Quero olhar para você enquanto você goza,

enquanto eu gozo. Diga que me ama, outra vez —suplicou com o tom de voz delirante.

Belén sorriu em meio à bruma de prazer.

—Amo você! —exclamou, gemendo—. Amo você como você nem imagina, amo você como

ninguém mais vai amá-lo.

Ele aumentou as investidas, já sem controle. Belén alcançou seu orgasmo com uma força e uma

contração inusitadas, com palpitações que o sugavam de uma tal maneira que libertou sua alma em

um temporal imensurável de felicidade. Ela cravou as unhas em seus ombros, como se ele fosse

escapar.

Jorge tinha dificuldade em respirar, vazio de qualquer pensamento e com o coração a mil,

demorou algum tempo para voltar à terra, em perceber o peso de sua Belén. Ela, que respirava,

ainda agitada, gemeu de satisfação.

—Belén —a maneira rouca e emocionada com que pronunciou seu nome foi como uma carícia

que despertou um leque de sensações.

Ela o beijou com extrema ternura e, então, tomaram banho juntos. Ele secou seu cabelo como se

fosse um expert e Belén se perguntou, enciumada, sobre as mulheres de seu passado. Lembrou-se

da mulher do fazendeiro e de sua paquera descarada, imaginando a generosidade deste ato em

outra e disfarçou sua desesperança. Nem ao menos ele havia dito que a amava, claro que tinha

consciência do que ele havia dito, que ela não era uma camisa de força para que ele a deixasse,

mas se sentiu desiludida depois de um dos melhores momentos de sua vida.

Mais tarde, preparou uns sanduiches que eles devoraram com fome, e leram

um tempinho. Ela,

um livro sobre uma mulher que atravessou meio país oriental para resgatar sua filha. Ele, um livro

de Murakami. Ao entardecer, com uma térmica com chá de baunilha, que Jorge acabou se

habituando, saíram à varanda. A noite estava fria, mas o ambiente era agradável, eles estavam

sentados em um balanço, embrulhados com uma manta.

—Eu adoraria viver aqui.

—É um bom lugar, mas existem paisagens mais bonitas.

Belén comentou alguma coisa, mas Jorge estava mergulhado em seus pensamentos, sinistros,

cheios de premonições, como se não tivesse direito à felicidade que agora gozava. Continuava se

empenhando em desviar desses pensamentos turvos, mas à medida que os dias se passavam era

mais difícil.

—Você não está me escutando, minha vida, está acontecendo alguma coisa?

Ele beijou seu cocuruto.

—Está brincando? O que poderia acontecer? Estamos juntos, contra todos os prognósticos você

tolerou minha presença por dois meses.

Ela levantou o olhar e acariciou seu queixo áspero.

—Tem sido um enorme sacrifício.

Ele, em resposta, beliscou seu traseiro.

—Lua cheia —apontou Jorge ao ver o astro que brilhava de forma intensa sobre o céu de

veludo, salpicado de brilhantes estrelas como só se poderia observar no campo.

Belén se estreitou ainda contra ele, sem deixar de acariciar a forma de sua tatuagem.

—Não me diga que em segundos aparecerão suas presas, que seu corpo vai se cobrir de pelos

e que você uivará como um amaldiçoado.

Jorge soltou uma gargalhada.

—Bem que eu queria. Há uma lenda sobre o lobo eu você vai gostar.

—Conte.

—Dizem que em uma noite ancestral, a Lua desceu à terra e ficou enredada entre os ramos de

uma árvore. Nesse momento, apareceu um lobo e começou a acaricia-la com seu focinho e

brincaram por toda a noite, até que a Lua voltou ao céu e o lobo, ao bosque. Ela, antes de ir

embora, roubou a sombra do animal para que pudesse se lembrar dele para sempre, mas era

como se tivesse sugado sua alma. E ele, desde então, uiva nas noites de Lua cheia para pedir que

ela a devolva...

—Ora...

Belén beijou a cara do lobo com reverência.

Ele a olhou, sorridente.

—Você está apaixonada pelo meu lobo, e eu sou apenas o corpo que lhe dá prazer. Quando

você diz que me ama, não diz para mim, ilusão minha, porque sei que você diz isso para o lobo.

Ela sorriu com seus olhos brilhantes.

—Descobriu, estou muito apaixonada pelo lobo.

E voltou a beijar a tatuagem.

—De verdade? —Jorge levantou uma sobrancelha e presenteou-lhe com uma expressão de

ternura—. E você acredita que o lobo corresponda a essa paixão? —ronronou em seu pescoço.

—Com os lobos nunca se sabe —ela respondeu, enrubescida, ao ver o rumo que levava aquela

conversa.

—Ao contrário, Belén. O lobo é um dos poucos animais fiéis por natureza quando encontra seu

par.

—E este lobo já encontrou o seu?

—Eu acredito que sim. Este lobo encontrou uma loira sexy que o deixou

abobalhado e

apaixonado —apesar de querer tirar a ferro uma declaração, Belén percebeu um fio de voz de

insegurança—. Desde que ele a encontrou, ele soube.

Os olhos de Belén marejaram ao lembrar das dúvidas que teve, no início. Sua fisionomia se

transformou em uma expressão de inquietação que não havia visto, nem mesmo quando brigaram

durante a tarde.

—Desde que eu lhe conheci, você faz com que meu peito se expanda em novas sensações, boas.

Você é o fodido de um presente que a vida me deu, depois de tudo que eu passei —engoliu o nó

que havia em sua garganta—. Você é a minha primeira vez em muitas coisas, Belén. Quando você

sorri, sinto um nó aqui —pôs a mão no estômago—. E quando você diz "minha vida", você tem

razão, porque você leva minha vida em suas mãos. Eu chamo você de "*paloma*" porque a primeira

vez que eu a vi, algo voava ao seu redor, uma aura ou que sei eu, mas ali, em meio ao lado mais

escuro da humanidade, você brilhava. Iluminou a biblioteca, aqueceu a minha alma como eu jamais

havia sentido. Foi como ver Deus em seu olhar e pela primeira vez em anos eu soube que tudo

ficaria bem.

Começou a rir e olhou para ela, nervoso, como só pode fazer alguém que percebe os mais

profundos sentimentos que experimenta pela primeira vez na vida.

Belén se abraçou em sua cintura e ele a estreitou ainda mais em seu peito.

—Se continuarmos assim, daremos um espetáculo aos animais do bosque, ao pobre Dionisio, que

no mínimo nos vigia —disse, ao sentir as caricias de Jorge em seus seios.

—Não gosto de demonstrações públicas. A ideia de outro homem vendo seu corpo faz com que

eu queira quebrar-lhe a cara.

—Então, vamos entrar.

Ele a levantou envolvida na coberta.

—Quero escutar esses “eu amo você” em meio aos seus gemidos, perto do meu ouvido, toda

suada e trêmula, enquanto faço amor com você. Diga do que você gosta, o que deseja que eu

faça com você?

—Sexo oral.

Ele levantou o uma sobrancelha e a presenteou com uma careta zombeteira.

—Tão decente, diga-me com palavras sujas.

Ela aproximou sua boca ao ouvido e o satisfez.

—Seus desejos são uma ordem —disse, tombando-a com suavidade no sofá —. O homem que

não desce ao poço, outro roubará sua água.

Nessa noite, Belén deixou de tomar pílulas anticoncepcionais.

***

—Patrão, o homem já está no celeiro.

—Bom —disse Orlando Ruiz, que dirigiu seus passos até o lugar.

Escutaram uns gemidos. O lugar estava na penumbra e vários homens rodeavam o corpo de

Rubén Macías, cujo rosto, de aspecto inchado e sangrento, se transformou em uma careta de terror

ao ver Ruiz. À distância, ouvia-se as bufadas dos cavalos, linhas de embalagem de comida para

animais estendiam-se ao longo das paredes, dando mais intimidade ao lugar.

—Bem, bem, o rato caiu na armadilha. Vamos ver o que você tem a me dizer.

O homem negava com a cabeça.

—Você roubou o relógio de Jorge Robles?

Um soco no estômago foi o prêmio pela resposta.

—Onde está o puto relógio de Jorge Robles? —perguntou Ruiz, desembainhando uma arma e

colocando-a na cabeça de Macías.

—Não, por favor, tenho esposa e filhos.

—Deveria ter pensado direito, porque toda ação tem consequências, fale, maldito seja! —gritou,

furioso—. Porque nunca apareceu no conjunto de provas? Onde está? Preciso dele!

O homem soltou um gemido lastimoso e começou a balbuciar em meio a choro.

—Eu o tive em meu poder por dois anos, perdoe-me, patrão, depois voltei ao lugar e plantei

onde deveria tê-lo feito. Mas já era tarde, porque os homens do Corpo Técnico de Investigação já

haviam vasculhado o terreno. Deixei de trabalhar para o senhor, e quando soube que Jorge

Robles continuava na prisão, imaginei que haviam encontrado o relógio.

—Pois entenda uma coisa, o puto relógio não cumpriu seu propósito. Você vai com Zambrano e

mais dois homens procurar o maldito objeto. Se o encontrarem, não toquem nele e esperem as

instruções.

—Está bem, patrão —o homem balbuciou, na esperança de que o feliz relógio ainda estivesse

no maldito lugar. Ao menos, poderia salvar sua vida de alguma maneira, embora os dois capangas

de Ruiz e Zambrano não lhe davam ilusão de voltar a ver os seus.

## CAPÍTULO 13

Voltaram às suas rotinas e aos seus passeios pelos parques da cidade nos

finais de semana. Jorge

enviava currículos e participava de diferentes entrevistas de trabalho. Belén já finalizava seus

relatórios sobre a crise carcerária e tinha viajado nas últimas semanas. Ele saía para correr todos

os dias antes do amanhecer, depois chegava, tomava banho e se enfiava por um tempo na cama

com ela, que atenta a seus passos e gestos, aguardava-o, ansiosa.

Esta semana teria algumas entrevistas de trabalho para pequenos projetos e começava a

desconfiar que alguém fosse culpado por não ser contratado em canto algum. Na última entrevista

de emprego, havia passado em quase todas as etapas. Um companheiro de estudo que a todo

momento esteve interessado nele e que não se importava com seu tempo de prisão, porque o

conhecia —havia passado várias férias na fazenda—, havia dado recomendações sobre Jorge,

mas na última fase do processo, não voltavam a chama-lo. Ao confrontar seu companheiro, este

disse não saber o que havia acontecido, apenas que os donos da empresa de insumos veterinários

começaram a andar com escoltas.

Não se lembrava de ter deixado inimigos na prisão, bem, havia "*el Jefe*", que pelo que ele

sabia estava enclausurado em uma prisão no norte do país e não acreditava que seus tentáculos

chegassem tão longe. Pensou em Orlando Ruiz, mas o subestimou, porque já se passavam anos, o

bastardo havia tirado tudo deles, por que mais deveria castiga-los?

Volta e meia, Miguel lhe dizia que seu chefe poderia arrumar um emprego para ele em uma

empresa de laticínios, da qual era acionista, fora da cidade, mas Jorge, orgulhoso e teimoso,

desejava conseguir por si mesmo. Disse a si mesmo que esperaria mais duas semanas, e se não

resolvesse nada, aceitaria a proposta de falar com o industrial.

Precisava de um trabalho, porque por mais que sua mãe e seu irmão tivessem disponibilizado um

dinheiro para ele, sentia-se mal. Eles diziam que sua parte do dinheiro que seu pai havia investido,

que ninguém havia tocado nos rendimentos, mas não era muito e nem mesmo dava para começar

um negócio, mas qualquer quantidade acabaria se não começasse a produzir. Além disso, não

acreditava neles, sabia que eles haviam passado por dificuldades.

Belén tinha muita paciência com ele e não comentava nada sobre a falta de emprego. Sorria,

beijava-o e dizia que logo conseguiria alguma coisa. Ele ficava comovido com a fé que ela

depositava nele. Não questionava sua dependência dela com o passar dos dias, quando estava na

cidade, esperava por ela na saída do trabalho como se fosse um adolescente. Seus dias eram

longos, não imaginavam como seriam suas jornadas se ele começasse a trabalhar fora de Bogotá,

que era o mais provável. Queria pedir para que ela fosse com ele quando tivesse uma

estabilidade, que daria tudo que ela precisasse, mas Belén era uma mulher muito independente e

ficaria aborrecida em espera-lo em casa, por mais apaixonada que estivesse. Sua mulher era uma

guerreira do mundo, havia lhe conhecido assim e não desejava muda-la. Pelo menos, havia lhe

prometido que não voltaria a sair do país, e isso já era alguma coisa.

Nesse dia, não tinha ido busca-la e havia ficado em casa preparando o jantar. Quando a sentiu

chegar, continuou concentrado em sua tarefa sem olhar para ela, e não viu que havia chegado

com sua irmã Antonia.

—Olá —ela o saudou da entrada e fez um sinal de silêncio para sua irmã.

O apartamento cheirava deliciosamente bem, como sempre que Jorge preparava alguma coisa.

—Olá, *paloma*, como foi o seu dia? Hum, isso soou muito doméstico para o meu gosto.

—Que nada! Para mim, soou muito bem. O que você preparou?

Antonia olhava pasma para a cozinha onde Jorge, inclinado, revisava alguma coisa no forno. A

mesa de jantar estava arrumada para dois, com um candelabro e dois jogos de pratos.

—Uma delícia. Salmão com ervas finas, salada e batatas no vapor, mas como vi que estava tudo

muito light, comprei uma torta da padaria da esquina. Aquela que você gostou bastante no sábado

passado.

—É meu mestre —disse ela, soltando a bolsa no sofá e aproximando-se para abraça-lo pelas

costas.

—Ajoelhe-se ante o meu poder, criatura.

—Se eu me ajoelhar, quem terá o poder serei eu.

Ele a observou com olhos ardentes. Deslizou a mão por sua cintura, aproximou o rosto e a beijou.

—Tem razão. Melhor se sentar para comer e mais tarde faremos uma disputa de poderes.

—Primeiro venha conhecer minha irmã.

Jorge se virou, surpreso, e saiu da cozinha. Antonia olhava para ele como se o gênio da

lâmpada tivesse saído e ela pudesse fazer um pedido.

—Ora —vociferou—. Então, você é o veterinário?

—Sim. —deu-lhe um beijo na bochecha.

—Você tem um irmão?

—Eh... sim, claro —ele respondeu, risonho.

—Não seja descarada, Antonia Gracía.

—Acho que estou sobrando —disse, ao olhar para a mesa.

—Não tem problema, é só colocar outro prato —Jorge disse, voltando à cozinha e pegando

outros utensílios para arrumar outro lugar à mesa.

—Não gosto de segurar vela para ninguém, mas dadas as circunstâncias... —disse Antonia,

escrutinando Jorge de cima a baixo.

Jorge estava incrível, quase pecaminoso, com um jeans mais baixo e uma camiseta branca que se

ressaltava em seu corpo perfeito e a sombra de sua barba. Estava deixando crescer o cabelo.

— Por que os gostosões sempre perseguem você? Desde o colégio era assim e eu tinha que me

conformar com os nerds. Agora estou entendendo muitas coisas e por que você está tão

desaparecida nos finais de semana —concluiu Antonia, olhando para a tatuagem.

Belén foi até a geladeira, tirou uma garrafa de vinho que já estava aberta e serviu três taças.

—Conte-me mais sobre esses moços, porque Belén é muito reservada —

comentou Jorge com a

curiosidade no rosto.

Era certo, porque havia tirado à pinça seu relacionamento com Nathan e apenas alguns detalhes

de seu passado. Embora também não estivesse muito interessado nos detalhes, também era

ciumento.

—Desde o terceiro ano do ensino técnico foi um fodido inferno. Eu repeti este ano, então ficamos

no mesmo curso até terminar a escola. Você não sabe o que os rapazes faziam para chamar sua

atenção.

—Eram tão jovens —falou Belén.

—Eram da nossa mesma idade. Quantos anos você tem? —perguntou a Jorge, depois de deixar

a taça na mesa.

—Ah, estou entendendo. Os rapazes brincavam, colocavam sua fisionomia de perfil no quadro

negro, mas já sabe, nossa Belén era muito peituda —disse, apontando a forma dos seios.

—Antonia!

Jorge soltou uma gargalhada.

—E você acha que eu ia dar atenção a algum deles depois disso? —comentou Belén, jogando-

lhe uma almofada que passou raspando por ela.

—Tem razão —Jorge interveio.

Jorge observou as duas mulheres, eram parecidas, com o mesmo cabelo loiro, mas os olhos de

Antonia eram verdes e a boca pouco menor. Além disso, era mais magra que Belén e um pouco

mais alta. Enquanto escutava as duas falarem de uma festa que terminou muito mal para Antonia,

serviu-lhes o jantar, que fluiu em meio a piadas e brincadeiras. O salmão estava suculento e ao

ponto, e a salada era a favorita de Belén. Jorge sabia cozinhar o trivial, mas se esmerava

fazendo receitas diferentes, só para agradá-la.

—Onde você trabalhou? —Antonia quis saber, inocentemente.

—Trabalhei na fazenda de meu pai por muito tempo, depois, aqui e ali.

Olhou para Belén, que havia se tensionado, o que lhe deu a certeza de que não havia contado

onde tinham se conhecido. Sentiu-se incomodado, mas entendeu. Quando saboreavam a torta, Belén

pegou sua mão e disse a Antonia:

—Conheci Jorge na prisão. Era um dos presos.

Antonia olhou para eles, espantada.

—Quantas taças de vinho você bebeu? Porque para ser uma brincadeira, está bem sem graça.

Jorge e ela se olharam, sérios. Antonia abriu os olhos.

—É verdade?

Eles assentiram. Antonia soltou uma forte gargalhada e se levantou da mesa.

—Oh, Deus, oh, Deus —caminhou pela pequena sala sem parar de rir.

—Podemos saber do que você está rindo? —Belén perguntou, incomodada —. Está zombando

da situação?

Antonia se acalmou como que por magia.

—Eu juro que não estou zombando disso, eu juro. Como é possível? Você deve ter sido preso de

forma injusta para que agora esteja sentado aqui com nós duas, com certeza. Estou rindo porque

você fez algo admirável com papai. Sua menina sempre tão obediente, você vai mata-lo. Sabe

disso, não é?

—Não é motivo para que você ria. Jorge é um homem íntegro e é a única coisa que deve

importar para papai.

Jorge a amou ainda mais. Sentiu-se ciumento e possessivo, uma sensação que ele não considerou

muito engraçada, ciúmes de sua família, de seu passado, dos rapazes que beijou em sua

adolescência, do homem a quem ela entregou sua virgindade. Era absurdo, mas ele estava assim.

Nunca havia experimentado esta fome por uma mulher, esse instinto primitivo que via em muitos dos

homens que estavam presos, quando sofriam por seus amores. Sabia que se voltasse para a

prisão, seu amor por Belén acabaria por mata-lo. Não havia percebido que todos esses

sentimentos, levantados de uma só vez, eram produto da insegurança que sentia nesse momento,

porque tinha certeza de que os demais membros da família a situação de Belén não iria agradá-

los. Além disso, não queria se defender, não queria que ela o defendesse, porque ele sabia quem

ele era. Por que esse fodido mundo não podia aceita-lo? “Porque você passou três anos no buraco,

vadio, essa é a diferença”.

—Desculpe-me —Antonia ficou séria outra vez—. O que aconteceu Jorge? Quero ouvir de você.

Belén, vá fazer um café.

Jorge passou a hora seguinte contando-lhe detalhadamente todo acontecido. À medida que

avançava em seu relato, o rosto de Antonia passava por diversas emoções: angústia, pena,

ceticismo. Odiava justificar sua presença na vida de Belén, mas era um preço muito pegar a pagar

para contanto que a tivesse em sua vida.

—Conheço o promotor que está com seu caso, não tem boa fama. Sinto muito, Jorge, muito

mesmo, e espero, de coração, que se faça justiça.

Antonia se despediu um tempo depois. Belén pediu que ela não dissesse nada a seus pais, ainda,

porque ela iria fazê-lo. Notou-a triste, preocupada.

—Vou lhe dar um conselho: faça isso antes de leva-lo em casa. E você — soltou Belén e olhou

para Jorge—, até um cego pode ver o quão apaixonada ela está por você.

—É reciproco.

—Se você machucar o coração dela, mato você.

Antonia abraçou sua irmã, ainda preocupada.

Quando ficaram sozinhos, Belén soltou um longo suspiro.

—Não foi tão difícil.

Jorge se aproximou da janela com o semblante sombrio, olhou para a rua, para os carros que

passavam, para as pessoas que caminhavam para seus lares. Perdeu-se em seus pensamentos.

—Agora entendo por que você não me apresenta a seus amigos, nem à sua família, e não tem

que fazê-lo —fez uma careta irônica, olhando-a pelo canto dos olhos.

Ela olhou para ele, genuinamente surpresa.

—Você acha que foi porque você estava na prisão? —perguntou.

Aproximou-se por trás e o

abraçou.

—Não é por isso —fez uma pausa, ordenando seus pensamentos—. Eu me sinto em uma fase

que não quero dividi-lo com ninguém, estamos nos conhecendo e vivendo algo muito intenso, logo

haverá tempo para isso. Teremos um desfile de amigos e familiares na porta, não se preocupe.

—Se seu pai não me matar primeiro.

—Vou arrumar tudo isso. Agora quero fazer uma coisa por você.

Ela sabia por onde iam seus pensamentos, e não queria que sua conversa com sua irmã o

afetasse ainda mais, não valia a pena e não queria aprofundar o assunto antes de falar com seu

pai.

Suas mãos baixaram e Jorge elevou a comissura dos lábios, ambos eram experts em evitar

assuntos importantes com sexo. Ele havia começado com esse costume, merecia isso.

—Sim, claro que sim, pode lavar esses pratos, *paloma* —apontou, com aparente seriedade.

—Falo de outro tipo de ajuda —por cima de sua calça comprida, acariciou seu membro, que

respondeu em seguida, ficando duro—. Falo em baixar sua calça, saboreá-lo, até que você goze

em minha boca.

Sentiu que ele se arrepiava e quando se virou, um olhar atormentado escurecia seus olhos.

Sempre que sustentava seu olhar, uma descarga de eletricidade percorria sua barriga. Acariciou

seu rosto, ia dar-lhe um beijo, mas afastou-se para olhar sem seus olhos.

—Que caralhos vai fazer comigo?

Ela sorriu.

—Por enquanto, fazê-lo ver estrelas.

Com o polegar, delineou sua boca. “Não deixe de olhar nunca para mim, preciso que seus olhos

me digam todos os dias que você é minha”.

—Você tem uma boca que mata, é minha obsessão.

Belén chupou seu dedo polegar. Ele sorriu para ela, em meio sua feição atormentada e continuou

acariciando seu rosto. Não queria arruinar aquele momento, perguntando-lhe como um tonto

apaixonado, por que ela o amava. Tinha parte de sua vida arruinada, nada jamais iria lhe

devolver esses anos. Não entendia o que ela via nele, sabia apenas que vivia por este olhar.

—Você é única.

—Eu sei.

—Humilde, além disso.

—Sou tão humilde —pisco-lhe um olho—, que em segundos, você me terá de joelhos. Não pode

se queixar.

—Fico encantado com sua vocação submissa.

Jorge se apoderou de sua boca e a percorreu com a língua, em um beijo passional e sujo, ela se

esfregou instintivamente nele. Ele a estreitou com força contra ele, agradecido por tê-la em sua

vida. Sua sexualidade limpa, sua paixão, a maneira com que o acariciava ou se esfregava nele,

eram fortes afrodisíacos que o deixavam ardendo. Sua ereção ficou patente por baixo de seu

jeans, abriu-a, baixou sua cueca e a liberou. Observou Belén colocar-se de joelhos e abrir os

lábios sobre seu pênis, enquanto acariciava seus testículos. Quis gozar ao ouvi-la gemer quando

colocou a boca em seu membro e o submeteu ao doce martírio de sua língua. Já livre de todo

pensamento que não fosse sentir o delicioso lábio de Belén, se tencionou e sentiu que suas pernas

se tencionavam, empurrou seu quadril e enterrou o pênis profundamente em sua boca.

—Até o fundo, Belén —havia um tom desesperado naquela voz áspera e rouca essa noite—.

Leve-me.

Jorge olhava para baixo, ele a tinha aferrada pelos cabelos. Santo céu! Quão bem se sentia ao

ver sua língua percorrendo a ponta, saboreando e chupando.

—Quer mais forte? —ela afirmou com a cabeça.

Aferrou seu cabelo com o punho e fez com que ela movesse a cabeça, para enchê-la de novo

com a dureza de sua ereção.

Ela levantou o olhar até ele, percebeu naquele olhar implacável um brilho perigoso, escuro, uma

necessidade primitiva que a estremeceu.

Faminta por ele, dedicou-se a atormenta-lo e o sugou, até que viu como seus olhos reviraram.

—Oh, sim, continue, assim —clamava em meio a gemidos roucos que indicaram a Belén que ele

estava próximo do orgasmo —. Sua boca quente é o paraíso.

Belén sentia o desejo crescer e, seu interior, amava seu sabor masculino, cheio de luxúria, quente,

queria se tocar. Olharam-se nos olhos por alguns segundos e em seu olhar cinza, Jorge viu a

expressão de uma mulher que sabe que tem um homem em suas mãos.

—Vou gozar —movia-se entre seus lábios com rapidez e ela o recebeu encantada.

Estava longe de qualquer contenção. Sua liberação chegou com um forte

espasmo, seguido de

outros mais, enchendo sua boca de uma explosão líquida que Belén, gulosa, se encantou de engolir.

Pegou-a pelos braços e a levantou, abraçando-a. deu-lhe um beijo na bochecha e outro na

boca. Escutou quando ele suspirou profundamente. Sua voz reverberou em seu pescoço.

—Você sugou minha sombra —clamou Jorge, lembrando da lenda do lobo e da Lua.

Dias depois, Jorge começou a trabalhar na empresa de laticínios que estava localizada na

periferia de Bogotá. Ficava a quarenta minutos do apartamento de Belén e um dos sócios era

chefe de seu irmão. Passava quase todas as noites com ela, com a desculpa da proximidade da

rodovia de saída da capital, mas não podia adiar que sua família a conhecesse.

Estavam convidados a jantar esta noite, Belén havia saído cedo do trabalho.

— *Paloma*, você deveria ter comprado esta torta tão deliciosa que vendem na padaria da

esquina —disse Jorge ao vê-la remexendo uma mistura de ingredientes para preparar uma torta.

Tinha manchas de farinha no rosto e as mãos enfiadas em um recipiente.

—E levar para sua casa uma torta que não foi feita por essas mãos? Não, senhor.

Ele entrou na cozinha e a abraçou por trás.

—Eu poderia dar melhor uso para essas mãos, tenho certeza, e essa boca também —disse com

um olhar de lobo, lembrando do acontecido noites atrás.

—Você vai sujar sua roupa —ela disse, sem deixar de mexer—. Você só pensa em sexo?

—É lógico, sempre penso em sexo quando você está do meu lado.

O arrepio de Belén foi a prova do modo com que suas palavras a afetaram. Beijou-lhe o

pescoço e mordiscou sua orelha.

—Apenas quando estou ao seu lado?

Jorge percebeu a mudança em sua respiração.

—Mas já que você está perguntando, penso em sexo todo o fodido do tempo, você e esses

lábios deliciosos, chupando-me, ou toda nua em sua cama e eu entrando e saindo de você, até

fazê-la gemer de prazer.

Ela bateu em sua mão e o afastou.

—Sei o que você está tentando fazer, Jorge Robles!

—Sabe? Que bom, então vamos para a cama.

Ela continuou batendo a mistura com uma batedeira manual.

—Você não acredita em meus dotes para preparar uma maldita torta.

Ele ao olhou, confuso.

—Sim, já entendi você, só porque a última não cresceu como deveria, não quer dizer que eu não

seja capaz de fazer uma torta para impressionar sua mãe.

Ele a olhou, risonho.

—Acredite em mim: minha mãe ficará impressionada por sua forma de ser, sua beleza e pelo

quão apaixonada você está por mim. Acima de tudo, pelo último.

Belén começou a rir.

—Não conhece as mulheres.

Ele a olhou com um sorriso condescendente dos mais sexy.

—Já estou acreditando que sim —aproximou-se dela outra vez—. Aposto com você que seus

mamilos estão duros.

Ela o afastou com uma cotovelada.

—É um verdadeiro presunçoso. Fora da minha cozinha, vá ver televisão, ler um jornal, não sei.

Ele a olhou com um falso desânimo, sentou-se no sofá e começou a folhear o jornal.

Ela o viu com olhos chispando, estava lindíssimo, com sua calça de jeans escuro, uma camisa clara

e um blazer que ressaltava sua silhueta corpulenta. Até ela chegava o aroma de sua loção, que a

envolvia e que a levava a pensamentos nada santos. Quis lavar suas mãos e dar a ele o que tanto

queria.

—Estou um desastre. Vamos chegar tarde.

Ele levantou a vista do jornal.

—Que nada, ainda é cedo e nos esperam em uma hora e meia. Além disso, está linda.

—Estou nervosa.

Jorge pegou o telefone e tirou uma foto dela. Ela deu a língua para ele. Já tinha se acostumado

a isso, ele tirava fotografias nas circunstâncias mais estranhas, quando ela acabava de acordar ou

quando saía com a toalha enrolada na cabeça. Ela também fazia isso, quando estavam juntos na

cama, no passeio à casa de campo havia tirado um monte dele, andando a cavalo e passeando.

—Não tem que ficar assim. Vão adorá-la e você vai acabar com as dúvidas de minha mãe,

sobre onde passo a maior parte das noites.

Era verdade. Jorge já tinha roupa em seu closet, passavam quase todas as noites juntos, à

exceção de quarta-feira, que era o jantar com seus pais. Belén pretendia leva-lo na semana

seguinte, mas Jorge ainda não estava muito convencido. Não por ele, porque faria frente ao que

fosse, mas por ela, que cada dia lhe dava o mundo, e que havia insistido em que era a hora.

Observou quando ela colocou a massa em um recipiente redondo, que já levava uma mistura de

caramelo.

—Eu gosto do sabor da massa antes de ir ao forno.

—Venha aqui, prove-a.

Ela aproximou a espátula e deixou que ele provasse a mistura.

—Deliciosa.

—Imagino que sua mãe deva imaginar que você está dando suas escapadas —brincou,

ciumenta, enquanto colocava o recipiente no forno.

Jorge ignorou seu comentário. Se ela soubesse que ele estava em suas mãos, apaixonado com

um adolescente: por seus olhos cinza, que apenas escureciam quando estava excitada, por seu

cabelo que caía com uma manta de fios de ouro por suas costas e que gostava de agarrar e

puxar na hora do sexo. Colocava-se em perigo com esta mulher, porque sua vida não seria a

mesma sem ela.

Belén se despiu devagar e andou em direção ao quarto.

—Vou tomar um banho, e estou com as mãos livres —virou-se para olhar para ele e piscou o

olho—. E com certeza, posso usar a boca também.

## CAPÍTULO 14

—Você está linda, se não estivessem nos esperando...

—Você é insaciável.

Haviam saído do elevador e caminhavam pelo vestíbulo até chegar a uma ampla porta de

madeira talhada. Ele a abraçou por trás.

—Insaciável —sussurrou-lhe ao ouvido—. Espere e verá...

Levantou-a com o prato da torta e tudo, e girou-a no ar.

—Você é um chato —soltou uma gargalhada—. Se você destruir minha torta, não vou dormir

com você hoje de noite.

Jorge deu um beijo em seu nariz. Miguel abriu a porta do apartamento nesse exato momento.

—Vá com calma —sussurrou Jorge sobre sua cabeça.

“Senhor, esses irmãos Robles”, se surpreendeu Belén quando um homem, um pouco mais baixo

que Jorge, a olhou de cima a baixo com aprovação. Apesar de sua feição dura, foi muito gentil ao

saudá-la.

—É um prazer conhecer você, por fim, Belén. Seja bem vinda.

Ela correspondeu à saudação de Miguel e ele lhe deu um beijo na bochecha.

—Você a escondeu bem. Não foi, patife? —deu um leve soco no braço de seu irmão.

Na sala, duas mulheres a esperavam que Belén deduziu serem a mãe de Jorge e sua tia. Miguel

recebeu o prato e colocou sobre a mesa de jantar.

Belén tinha escolhido para a ocasião uma saia justa cor de cinza grafite, um suéter de lã fina de

cor azul água-marinha, meias de seda escuras e salto alto. No cabelo, um penteado suave e

aplicou pouca maquiagem.

—Olá, mamãe, tia Elizabeth, esta é Belén.

Ligia se levantou da poltrona, abraçou a jovem e olhou em seus olhos, e nesse simples gesto,

Belén percebeu aprovação e esperança. Tia Elizabeth foi a seguinte, com uma expressão um pouco

mais efusiva que de sua cunhada e com o mesmo sentimento.

Ligia não deixou de perceber o brilho nos olhos de seu filho quando olhava para a jovem, como

se toda sua atenção estivesse centralizada nela, e pela maneira com que passou a mão por seus

ombros em um gesto de proteção. Era uma mulher muito bonita, não apenas no físico, que era

espetacular, mas brilhava com luz própria. Elevou uma oração de agradecimento ao céu por este

presente que havia chegado à vida de seu filho para remediar tanto pesar.

—Bem vinda, Belén —disse Ligia, sorridente, e lhe ofereceu assento.

Jorge abraçou sua tia e pediu o casaco de Belén para leva-lo a outro cômodo. Todos se

sentaram na sala. Quando Jorge voltou, perguntou em seu ouvido como ela se sentia.

Ela apertou a mão dele, sorrindo-lhe com um amor tão evidente e tão puro, que Ligia teve

vontade de chorar de felicidade.

—Estou feliz —respondeu.

—E minha menina? —perguntou Jorge às mulheres, referindo-se a Ángela.

—Em seu quarto, está estudando —respondeu Ligia —. Filho, vá chama-la —disse, dirigindo-se

a Miguel.

—Eu vou —disse Jorge, levantando-se.

Miguel foi à cozinha trazer café. Belén observou a sala com curiosidade, estava decorada com

bom gosto e apesar da melancolia crônica da mãe —Jorge havia falado muito sobre isso—, o

lugar exalava calor de lar. Observou as fotografias, dispostas em uma mesa de canto. Reconheceu

o patriarca da família, de feição austera, como se estivesse aborrecido por ser fotografado. Seus

filhos haviam herdado sua postura. Viu fotos deles em diversas atividades e em diferentes cidades.

Sentiu-se cômoda, de imediato, tão diferente do ambiente pouco cortês que, às vezes, havia em sua

casa, por mais esforços que sua mãe fazia para suavizá-lo.

As mulheres a olhavam com viva curiosidade.

—Você é muito bonita —comentou Ligia.

—Jorge tinha razão —falou Elizabeth—. Seus olhos têm a mesma cor das pedras do rio.

Ela enrubesceu.

—Obrigada.

Belén se remexeu na cadeira, como se estivesse sendo examinada.

—Obrigada pela torta.

—Eu mesma a fiz —comentou Belén—. Torta de queijo e ameixa.

—Com certeza estará deliciosa —afirmou Elizabeth.

—Estamos muito felizes por Jorge. Não tem sido nada fácil para meu menino —Ligia juntou

ambas as mãos e Belén pode ver que estavam um pouco disformes pela artrite.

—Estamos muito contentes por ter-nos conhecido.

Belén observava as mulheres. Ligia deve ter sido muito bonita na juventude, mas mantinha

postura e linhas de expressões de anos mais jovem, e seu olhar de profunda tristeza só se

iluminava quando olhava para seus filhos. Usava uma calça comprida preta e

um suéter de cores

vivas, seu único adereço era um jogo de pérolas em brinco e colar, além de sua aliança de

casamento. Elizabeth, com seus gestos acolhedores e benevolentes que lhe conferiam uma rara

beleza, tinha o cabelo curto e pintado de loiro e vestia-se com simplicidade, mas com roupas boas.

—É admirável —interrompeu Elizabeth—. Você o conheceu em circunstâncias tão adversas e

está aqui, tem o meu carinho por isso.

A mulher palmeou sua mão com afeto.

—É um grande homem. Soube disso desde a primeira vez.

—Não diga isso a ele com muita frequência, às vezes deve baixar sua soberba —disse

Elizabeth com humor zombeteiro.

—Eu o amo assim com ele é.

—Também não lhe diga com muita frequência —apontou Miguel, de bom humor, quando entrou

com uma bandeja com várias xícaras de café e um pote com açúcar.

—Dizer-me o quê? —perguntou o aludido, que entrou na sala abraçando uma linda jovem.

—Nada —disfarçou Belén.

— *Paloma*, apresento-lhe Ángela, minha irmãzinha —deu-lhe um beijo na cabeça.

A moça a saudou, um pouco tímida, e se sentou perto deles.

—Por que você a chama de “*paloma*”? —perguntou em seguida.

Belén sorriu, lembrando-se do momento em que ficou sabendo.

—Assunto confidencial —respondeu Jorge, com tom de voz que não deixava lugar à réplica.

E outra vez Ligia observou esse olhar hipnótico que seu filho destinava à sua acompanhante.

Miguel passou uma xícara para Belén e a conversa discorreu tranquila, com assuntos sobre o

trânsito, a insegurança, os engarrafamentos e o clima. Quando Ángela falou de sua viagem a

Itália, Belén que conhecia o país, discorreu uma série de informações que a jovem assimilou,

encantada. Jorge a observava interagir com sua família, falar com Ángela, responder às

perguntas de sua mãe e sua tia. Ao ver a comodidade com que as três mulheres se relacionavam,

se arrependeu de não tê-la apresentado antes. Apenas Miguel estava separado, de pé em um

canto, bebendo seu café. Jorge se aproximou dele.

—O que foi? —Jorge perguntou.

—Sua Belén está se entrosando muito bem —depois de uma pausa, acrescentou—. É muito

bonita. Você a olha de uma maneira... Nunca havia visto você assim.

—Eu tenho tudo sob controle.

Seu irmão deu-lhe um sorriso zombeteiro.

—Se você tem tudo sob controle, é sinal de que não está apaixonado.

Ele se negou a olhar para seu irmão e Miguel continuou:

—Sabe como é. É como estar no meio de um tornado. Não sabe onde ele o levará, bate em

você e lhe dá voltas, e você nunca mais sai igual à maneira que entrou.

—Eu sei.

Ele estava no meio do tornado, recebendo golpes a cada tempo, porém mais feliz do que nunca

em sua vida.

Jorge não respondeu. Limitou-se a olhá-la quando em um determinado momento ela pegou a

mão de sua mãe e a massageou, comentando alguma coisa sobre um creme anti-inflamatório

natural, muito bom, que ela lhe daria de presente. E outra vez aquela sensação no peito quando

ela sorriu de um comentário feito por sua tia, e outra vez esse desejo de senti-la mais perto, de

beijar seu pescoço, de perder-se em seu cabelo. Não era são, não poderia ser sã essa

necessidade que sentia por ela.

—Estou vendo —concluiu Miguel, olhando-o com sarcasmo, e dirigiu-se aos presentes—. Bem, o

que vocês acham de irmos para a sala de jantar?

O jantar transcorreu harmonicamente e entre risos e brincadeiras comeram diferentes pratos:

filé, frango ao *curry*, torta de batata, verduras ao vapor, todos servidos com paladar requintado.

Percebia-se que a mãe de Jorge gostava de uma mesa arrumada e de que estivessem todos

reunidos. Degustaram a torta feita por Belén e elogiaram bastante.

Mais tarde, os homens se levantaram e foram para a varanda, cada um com um copo de

conhaque. Belén observava os dois irmãos, tão parecidos e tão diferentes entre si. Miguel tinha

sido militar e trabalhava com segurança, tinha as feições de um guerreiro e uma veia de

inclemência, que com certeza tinha mais a ver com tudo que aconteceu com sua família que com seu

treinamento militar. Tinha uma maneira de olhar para seu irmão que era um misto de carinho,

admiração e muita culpa. Apesar do temperamento forte de Jorge e de seu cinismo, seu senso de

humor tinha-lhe permitido sobreviver em circunstâncias difíceis. Ambos irmãos tinham suas batalhas

a lutar.

As mulheres continuaram conversando em volta da mesa. Ligia, com intensa curiosidade,

perguntava pelo passado da jovem, por seu trabalho, sua família, até que Elizabeth exclamou:

—Pare, pare! Você vai fazê-la se sentir como se estivesse em um interrogatório.

Ángela revirou os olhos e Elizabeth foi pegar mais café.

***

Jorge e Miguel estavam sentados, observando a noite em meio às plantas que sua mãe e sua tia

tinham na varanda, e que cuidavam com muito mimo.

—Você tem falado com Sinisterra? —perguntou Jorge com uma ardência no estômago que nada

tinha a ver com a bebida que acabava de beber—. Eu telefonei para ele hoje e foi impossível a

comunicação.

—Falei com ele há dois dias —falou Miguel—. Tem seus investigadores à espera de alguma

notícia, mas não conseguiram nada ainda.

—Preciso que tudo isso termine. Estou desesperado.

—Em pouco tempo, não se preocupe. Viva sua vida. Qual a opinião de Belén sobre tudo isso?

Uma voz os interrompeu.

—Qual a minha opinião sobre o quê? —Belén perguntou, saindo para a varanda e, cheia de

inocência, acariciou o rosto de Jorge.

Jorge beijou sua mão.

—Estávamos falando de como eu quero que a investigação termine, que comece logo o

julgamento.

Miguel percebeu que ele estava incomodado, como se não gostasse de tocar neste assunto com

ela e teve certeza, porque quando ela perguntava, ele saía pela tangente.

—Qual a sua opinião sobre o novo trabalho dele?

—Estamos muito contentes.

—Fico feliz —concluiu Miguel, examinando-a de uma maneira que deixou Belén incomodada.

Miguel rezava para que esta mulher mostrasse integridade às duras provas que seu irmão

ainda teria que enfrentar. Ele não precisava de uma mulher fraca e ávida por atenção. Via em

Belén, além da beleza —nisso seu irmão era ainda melhor—, serenidade, temperança, e ficou feliz

por ele.

—Minha vida, sua mãe quer que domingo possamos acompanha-la à missa de Nossa Senhora

de Guadalupe.

Ela voltou à sala e Jorge a presenteou com um olhar amoroso e possessivo.

—Então você tem tudo sob controle? Sei, sei, você está bem fodido e não digo isso no sentido

literal.

Minutos depois, eles se despediram com a promessa de ir à igreja. Ela o manteve distraído,

fazendo comentários sobre sua família durante todo o trajeto à sua casa.

Quando chegaram ao apartamento, Belén jogou sua bolsa sobre o sofá, tirou seu casaco e

sapatos, e foi para a cozinha preparar um chá.

Jorge, em pé e com as mãos nos bolsos da calça, olhava para ela sem perder nenhum detalhe.

Permaneceu assim durante todo o tempo que ela usou para preparar sua bebida. Ele gostava de

observar Belén, conhecia cada uma de suas rotinas e amava todas elas.

Jorge manteve um tom de voz calmo ao contar-lhe que na próxima semana haveria uma data

para uma nova audiência, e que até o momento a promotoria não tinha encontrado mais provas do

que as que já haviam no processo. Isso lhe brindava alguma esperança. Viu quando ela preparou

duas xícaras, colocando açúcar, e depois observou quando ela preparou a infusão, levantou o

rosto e sorriu para ele. Que diabos tinha feito? Devia saber desde o início o que aconteceria a

seguir, tinha invadido o mundo de Belén sem piedade, sabendo o tempo todo que tinha um pé na

prisão, e não queria ser o causador de colocar em seu rosto um olhar de desesperança e dor.

Ficava angustiado por viver com este tipo de medo, quando estava preso era diferente, sabia em

que se ater a cada momento, mas agora, seu maior medo era que lhe tirassem a esperança, os

sonhos e o amor. Não tinha ilusões. Não iria acorrentar Belén à sua vida se o veredito lhe fosse

desfavorável, não seria capaz de cometer um ato de tamanho egoísmo, mas deixa-la ir, se fosse o

caso, iria acabar com ele, por isso precisava se segurar a um fio de esperança de que tudo se

resolvesse a seu favor, por ele e por ela.

—As pessoas que lhe acusaram... o que você sabe deles?

—Nada, não se soube mais deles, por isso tenho esperança de que tudo seja enterrado.

Belén se aproximou dele e entregou a xícara com a bebida quente. Voltou a se sentar no sofá.

Outra vez, ela olhou para ele fixamente, um olhar que parecia atravessá-lo, e ele tinha certeza de

ela poderia ler todos os seus malditos pensamentos como se fosse um livro. Belén bebeu um gole de

sua bebida.

—Aconteceu mais alguma coisa para esse homem, tirando o que você já me contou, para que

ele continue pensando em você?

Jorge se levantou de imediato, como se tivesse sido alcançado por um raio.

Olhou para ela

confuso e envergonhado, fazendo um gesto afirmativo com a cabeça. Engoliu a saliva várias vezes

antes de começar a falar.

—Isso nem o meu irmão sabe. Quando eu tinha dezoito anos, eu fui para cama com uma das

mulheres de Ruiz, aquele que mandou matar meu pai.

Ela soltou uma exclamação. Ele continuou, com a voz atormentada:

—Eu era jovem e ávido por aventuras, e ela era uma mulher de trinta e cinco anos, muito bonita.

Era a mãe de Olivia, a mulher por quem meu irmão se apaixonou.

Belén olhou para ele como se Jorge tivesse ficado louco.

—Um momento, um momento... você foi para a cama com a mulher e Miguel se apaixonou pela

filha de um assassino? Vocês têm pouco instinto de sobrevivência —afirmou, chateada.

—Deixe-me explicar.

Jorge contou que sua aventura durou umas semanas, que a mulher estava acostumada a trocar

de amantes, e ele pensava que Ruiz nunca tivesse sabido desse deslize. Então, anos depois, Miguel

se apaixonou por Olivia sem saber de quem ela era filha, quando ele soube se apavorou e

recriminou seu irmão pelo acontecido. Nesse dia mataram seu pai e logo

depois aconteceu tudo

isso, a culpa tinha atormentado seu irmão e ele não quis jogar mais lenha na fogueira, se Miguel

soubesse... Contar isso em voz alta parecia uma novela, dessas que sua tia assistia. Era

inacreditável.

Belén olhava para ele com cara de espanto. Não podia acreditar que um homem castigasse o

outro, da maneira com que Ruiz o castigava, por ter ido para a acama com uma mulher que,

obviamente, não valia a pena.

—E se voltarem a prender você?

—Isso não pode acontecer —rebateu, furioso consigo mesmo.

—Como diabos você pode saber?

Jorge andava como uma fera enjaulada pelo ambiente, batendo a mão com o punho.

—Não acontecerá! Não pode acontecer! Se chegar a acontecer, vamos superar de alguma

maneira —mentia como um condenado, mas precisava tranquiliza-la—. Nós dois teremos coragem

suficiente para encarar o que vier.

Belén olhou para ele e afirmou com a cabeça. Conseguiria suportar, teria um duro caminho pela

frente e ninguém sabia o que havia no final. Iria acompanha-lo em tudo, ele

era sua vida e sempre

poderia contar com ela.

—Teremos que acreditar que nada disso vai acontecer.

Nenhum dos dois pregou os olhos esta noite. Belén rezou por ele e por ela. Apesar da fé

profunda que sempre guiou sua vida, tinha pânico à dor do sofrimento. A coisa mais dura que

pode aprender com sua viagem pelo mundo das calamidades foi que sem fé, muitas pessoas que

ela conheceu deveriam estar mortas. De todas as pessoas que ela ajudou, aprendeu que o

sofrimento não podia ser evitado, porque é uma realidade presente na vida de todo ser humano.

Desejava para ela esse sentimento sobrenatural de superar a dor que tinha visto em tantas

pessoas ao redor do mundo. Seria capaz de ser forte se a sentença fosse desfavorável? Rogou a

Deus que a agraciasse com essa fortaleza.

Já de madrugada, cansada de dar voltas, deitou-se de lado e ficou observando Jorge, que

mantinha os olhos fechados, mas estava tão acordado quanto ela.

—Alguma vez violentaram você na prisão?

Ele abriu os olhos de imediato, surpreso pela pergunta.

—Você está me perguntando se alguma vez abusaram de mim?

—Sim.

—Havia uma gangue que perseguia todos os novatos, a primeira semana foi terrível. Vigiam os

recém-chegados para ver quem vai se render. Mandei vários sujeitos à enfermaria naquela

semana. Eles me rondavam nas duchas, faziam propostas vulgares, mas depois de enviar o último

bem espancado, não se meteram mais comigo. Mas me dava muita tristeza pelos jovens, não tinham

mais que dezoito anos, que ali chegavam. Não sei como podiam encarcerar um trombadinha,

alguém que tivesse roubado um dinheiro naquele ninho de ratos. Acabam sendo violentados até

que chegue uma nova fornada, ou esses mesmos jovens acabavam, depois, se convertendo em

assassinos.

—Sinto muito.

À medida que Jorge contava as coisas acontecidas na prisão, sempre no escuro, uma manta de

consolo o abrigava. Era um alívio enorme dormir ao lado de Belén, não estar sozinho. Sentir o

coração dela batendo ao seu lado, seus suspiros no meio da noite, o roçar de seu joelho contra sua

coxa, as cosquinhas de seu cabelo em seu braço ou em seu peito. Belén se apropriava de suas

experiências a cada noite e as devolvia sem a porção de dor. Bendita fosse.

## CAPÍTULO 15

No *Alto de La Lomba* tinha chovido na noite anterior e o céu estava encoberto. Um par de

camionetes estacionou na beira da estrada. José Zambrano pediu aos homens que esperassem ali,

enquanto na companhia de Rubén Macías, escrutinavam o terreno à busca do relógio de Jorge

Robles.

Zambrano já estava farto das intransigências de seu patrão. Seria melhor se tivesse dado um

tiro no mais velho dos Robles e resolvido o problema, mas não, à medida que os anos se passavam,

mais deturpada era a mente de Ruiz.

—Foi aqui, patrão —apontou o homem, a um metro de onde um dos corpos tinha sido

encontrado.

—Fique quieto, é melhor sair daí, não podemos mexer muito na cena.

Zambrano se aproximou do montinho com cuidado para não deixar pegadas profundas, umas

ervas daninhas e flores de um dia cresciam no lugar em que tudo aconteceu. Não poderia

manipular o terreno, porque os técnicos forenses iriam perceber, só poderia dar as instruções ao

promotor para desviar a investigação para este pedaço de terra. Seria complicado que os

profissionais não acreditassem na história, porque a vantagem de que nada permanecia sempre no

mesmo lugar, poderia funcionar. Tirou fotografias do terreno e dos arredores.

—Para o seu próprio bem, esperamos que o maldito relógio apareça.

—Como? Já disse onde está. Não vai me deixar ir embora? —o homem perguntou, aterrorizado.

Zambrano estalou os dentes e moveu a cabeça de um lado a outro.

—Até agora estamos apenas no começo, Macías, e você deve muito ao patrão e não estou

falando do maldito relógio. Você retorna comigo para a fazenda e esperaremos que as

autoridades passem um pente fino no terreno, enquanto você reza a Deus para que o relógio

apareça ou pobre de sua família.

—Eu tenho certeza que está aí, patrão, posso lhe assegurar.

***

Dias depois, Arcadio Mendoza recebeu um envelope pardo em sua casa, ao chegar do

trabalho. Trancou-se em seu escritório. Abriu o pacote bem depressa, porque já sabia o que

continha. Horas antes havia falado com Ruiz. Era um relatório com fotos do lugar onde estava

escondido o relógio que seria a prova que levaria Robles para trás das grades, novamente.

Verificou-as por um tempo. No dia seguinte, providenciaria a papelada para o traslado dos

profissionais ao local. Precisava fazer isso com rapidez, porque não queria tentar a sorte.

***

Belén se encontrou com Susana em um restaurante no norte da cidade na hora do almoço. Tinha

ciência de que havia esquecido sua amiga desde que havia começado seu romance com Jorge e

não era justo com ela.

—Como está minha super-heroína favorita? Quem estamos salvando hoje?

Belén, ao seu lado, sorria. O local estava cheio de executivos da indústria e os garçons

pululavam com os pedidos e os pratos.

—Pensei que você estivesse chateada com alguma coisa —acrescentou a mulher, enquanto

pedia uma garrafa de vinho apesar dos protestos de Belén, que não acreditava ser uma hora

boa, pois deveriam voltar ao trabalho—, ou em alguma missão salvando o mundo. Faz mais de um

mês que não vejo você e a última vez foi porque passei em seu escritório. Temos que comemorar.

Deixei de amamentar.

Susana falou por um tempo sobre gengivas inchadas, cólicas no meio da noite e escassas noites

de sono. Belén se distraiu, pensando que apesar de ter deixado de tomar pílulas anticoncepcionais,

seu período tinha descido normalmente duas semanas atrás.

—Bem já que estou vendo você e que não está em nenhuma missão na Cochinchina, o que mais

você me conta?

—Estive ocupada —respondeu Belén, brincando com um pedaço de pão da cestinha que haviam

colocado em frente.

Já que por esses dias tinha pouco apetite, Belén pediu uma salada e água, enquanto colocava

Susana a par de sua vida. Contou-lhe sobre Jorge, de como o conheceu, de sua relação e de quão

apaixonada estava. Sua amiga a olhava, impressionada, e bebia o vinho da taça que havia

pedido. Quando Belén terminou, ela perguntou:

—Você está brincando comigo?

—Não, estou falando sério.

—Você está ouvindo o que você está falando? —deixou a taça, colocou ambas as mãos na

mesa e respirou fundo.

—Sei que é uma completa loucura...

Os olhos de Susana demonstravam incompreensão.

—Você tem ideia do abismo no qual você está querendo se lançar? Se aparecer uma única

fodida prova, ele voltará para a prisão outra vez. Você vai se converter na mulher de um recluso,

ficaria no plano de visitas conjugais aos domingos, entraria com essas poucas mulheres de toda

classe, seria submetida às revistas e iria para a cama com ele em uma cela com todos lá fora

sabendo o que estava acontecendo. Ficou louca, caralho?

Susana elevou o tom de voz, e alguns clientes se viraram para olhar para elas.

—Não serei a primeira, nem serei a última —contestou Belén, em teimosia —. Não pense mal

dele, Susana. É um homem culto, com nível superior, e é inocente.

Susana deu uma risada alta.

—É culpado até que prove o contrário. E quando for confirmado, o que acontecerá?

Disse isso de uma maneira tão desdenhosa, que Belén respondeu no mesmo tom.

—Você está sendo muito rude.

—Veja, Belén, eu posso entender que Nathan tenha deixado você mal, que de imediato você

ficou com a autoestima baixa, então você se permitiu adoçar o ouvido e aflorar sua libido, e em

outras palavras, você deixou escapar seus impulsos, querida, e isso não tem nada de mau. Mas daí

me convencer de que ele é mártir do calvário pelo que lhe está acontecendo, há um longo caminho,

e foi por isso que eu me dediquei ao direito penal, porque não queria andar defendendo

culpados, porque isso é o que é.

Chegaram com a comida, mas Belén havia perdido o apetite e quando o garçom foi embora,

afastou seu prato.

—Em primeiro lugar, não deixei adoçar meu ouvido, porque sou bem crescidinha para isso.

—Pois não parece.

Belén levantou o dedo.

—Em segundo lugar, Nathan me importa um caralho, porque se eu tivesse sentido por ele um

pedacinho do que sinto por Jorge, não teria voltado ao país. Estou em uma relação homem-mulher,

com seus altos e baixos, nesse momento nos baixos, mas eu tenho uma profunda fé nisso que

estamos sentindo e isso não vai mudar com seus comentários depreciativos.

—Não espere que eu cruze os braços, enquanto vejo você jogar sua vida pelo ralo. Você pode

ter o homem que quiser, Alberto Montes é perfeito para você, quer algo sério com você, e é um

bom partido.

Belén não tinha palavras para explicar a raiva e a decepção que haviam-se desencadeado em

seu interior.

—Nem todos somos perfeitos como você. Estou profundamente decepcionada. —tirou o dinheiro

da carteira e jogou na mesa, mas ao se levantar e antes de se virar, disse—: Você não é uma boa

amiga, eu precisava de apoio, confiar em você por tudo que estou vivendo e que você não me

julgasse, mas pelo visto, na sua vida tão perfeita, não cabem as pessoas do mundo real.

—Belén, eu gosto de você —foram as últimas palavras de Susana que Belén escutou antes de

sair do restaurante.

Tinha desistido de contar a seu pai, não tinha muito ânimo para enfrenta-lo depois de ver a

reação de Antonia e Susana. Voltou ao escritório e saiu cedo para a casa da mãe de Jorge.

***

Não comentou com Jorge o que havia acontecido com Susana, mas comentou com Antonia no

encontro seguinte.

—Ah, Belén, você esperava que o tipo mais esnobe da classe iria compreender você? Susana

nasceu com uma vara enfiada no rabo e nem esse maravilhoso marido que ela tem conseguiu tirá-

lo de lá.

—Não seja tão vulgar.

—É verdade, por isso, não lhe dê muito papo e ignore sua importância. Ela não conhece Jorge,

nem viu você com ele, e eu acredito em vocês, ainda que papai me tire do testamento quando

souber.

Belén se sentiu tola, e não queria dar razão a Susana, mas algumas de suas frases martelavam

em sua cabeça. Não queria pensar no que aconteceria no caso de Jorge chegar a ser preso

novamente. Negava-se a materializar essa ideia em sua mente. Não por ela, que iria vista-lo onde

fosse, mas não poderia suportar vê-lo encarcerado outra vez, sofrendo. Suava frio só de pensar.

Nessa tarde, acompanharia Jorge e Ángela na compra da bagagem que a moça levaria para a

Itália. Como bolsista, iria no final de julho e chegaria em pleno verão. No final de semana anterior,

Jorge e ela tinham convidado a família para almoçar e comemorar a notícia.

À medida que os dias passavam, Belén se aproximava ainda mais da família de Jorge. Gostava

das saídas com Ángela para o cinema e lanchar, gostava de olhar Elizabeth

tecer em tricô um

suéter e pediu que ela lhe ensinasse a tricotar com duas agulhas, assim como gostava da

parcimônia e da conversa com Ligia, que sempre a surpreendia com um delicioso prato. Até Miguel,

tão sério e circunspecto, relaxava em sua presença. Desejava que sua família conhecesse Jorge,

que faria uma boa amizade com seu irmão e seus sobrinhos, e teria conversas interessantes com

seus pais, porque os três compartilhavam o hábito da leitura, mas algo a impedia. Antonia e Miguel

eram os únicos que frequentavam seu apartamento, jantando juntos uma ou duas vezes na semana.

Sua irmã tinha feito uma boa amizade com o irmão de Jorge, e zombava de vez em quando. O

que teria a água de *San Antonio de Padua*? Todos os homens da cidade eram assim, ou eles

pertenciam a uma raça distinta? Ambos aceitavam de bom grado seus comentários. Antonia não

tinha queixa de Jorge, com sua conversa interessante, seu humor sarcástico e o olhar de adoração

que via em seus olhos quando pousavam em sua irmã. Havia ganhado sua admiração.

Belén vivia uma falsa calma com Jorge, porque a angústia e os temores não lhes permitiam

encarar o futuro com alegria, como qualquer casal normal. Jorge desejava

uma vida com ela,

assim como antes desejou sua liberdade, porque agora só queria Belén. Desejava acordar todos os

dias ao seu lado, em uma vida em que ela circulasse ao seu redor, aceitando-o, dando consolo a

suas feridas, escutar sua voz, ter poder sobre sua alma e seu corpo. Não costumavam falar sobre

a investigação, fazendo-o de vez em quando e na madrugada, como se a escuridão os protegesse

de alguma maneira a enfrentar seus medos de casal.

***

Nos primeiros dias de julho, Arcadio Mendoza e dois profissionais do Corpo Técnico de

Investigação, debaixo de um sol infernal, chegaram em *El Alto de La Loma* e delimitaram o terreno

com faixas amarelas. Mendoza deixou que eles trabalhassem, mas pouco a pouco os direcionava

até o local onde acreditava estar o relógio. Já tinha localizado o local.

Voltaram a examinar o terreno, a tirar um sem fim de fotografias e começaram a procurar

objetos que deveriam empacotar em sacos plásticos. A princípio, só se depararam com lixo,

caixinhas de suco e garrafas de água que as pessoas jogavam dos carros quando passavam pela

estrada. Havias poucas pegadas, porque o local não era de transitado por

pessoas e pela cidade

corriam histórias de que o lugar estava enfeitiçado e que as almas dos rancheiros assassinados

rondavam no lugar, assustando aqueles que se atreviam a entrar no monte durante a noite.

Mendoza não estava preocupado com isso, não era supersticioso. Se fosse por isso, metade do

país já estaria curado de terror por culpa da violência. Suava litros e amaldiçoava à medida que

limpava o suor com um lenço. O sol ficava mais a pino e os bandos de mosquito faziam matança

sobre ele. Observou como, passo a passo, um dos técnicos forenses se aproximava do montinho e

trincou os dentes quando ele se afastou, novamente, para escavar debaixo de uma pedra.

—Não deixem um centímetro sem vasculhar —disse aos jovens.

Aproximou-se de um deles e observou como rastreava a terra e empacotava diversos objetos eu

Mendoza sabia que não serviriam de nada.

Aproximou-se por fim ao que estava perto do montinho e o cercou de um lado para que não

tivesse mais remédio que escavar a terra onde poderia estar a prova. O técnico começou a

escavar, tirava as raízes com uma delicadeza que quase acabou com a paciência do promotor.

Mendoza deixou de respirar quando o jovem encontrou algo duro, pegou uma ferramenta mais

especifica e continuou escavando, até trazer à luz uma pedra. Quase soltou um palavrão, mas

então o outro percebeu mais alguma coisa, varreu o lugar com uma escova e remexeu com uma

pinça um pouco mais, até que algo metálico aflorou na superfície. Tirou fotografias e depois com

outra pinça tirou o objeto. Era um relógio carcomido pelos anos e pela umidade. Observou o

objeto contra a luz e anotou várias características.

“Eureca, peguei você outra vez, Jorge Robles”, Mendoza celebrou mentalmente ao receber a

bolsa com o relógio e observar o nome no verso da caixa.

***

—Apareceu o relógio —foi o que disse Zambrano a Ruiz por telefone, quando recebeu a

chamada de Mendoza.

—Já sabe o que você tem que fazer —disse Ruiz antes de finalizar o telefonema.

Zambrano irrompeu no celeiro, Rubén Macías comia sentado a uma pequena mesa de madeira,

custodiado por dois homens. O homem o viu pelo canto do olho e ficou rígido. Soltou a colher sobre

o prato de sopa e baixou o olhar.

—Continue comendo —insistiu Zambrano, mas Macías já havia perdido o apetite.

Aproximou-se da mesa com a mão na arma e quando o homem levantou o olhar, no rosto do

assassino viu a morte. Mesmo dizendo a si mesmo que a esperança era a última a morrer, ele

deveria saber que não sairia vivo dessa empreitada, mas a mente era traiçoeira e manipulava o

mundo ao seu capricho. Zambrano desembainhou a arma e lhe deu um tiro certeiro na testa.

—Pela traição.

A cabeça de Macías caiu no prato, misturando o sangue com a sopa que ali estava, criando uma

paleta de cores que daria asco em qualquer um.

—Limpem este rastro e esquartejem esse filho da puta.

—Como ordene, patrão.

***

Jorge Robles atendeu o celular quando chegou a um semáforo em vermelho. Entrava na cidade

depois de sua jornada no trabalho. Formou-se um nó no estômago ao ver de quem era a

chamada. Ao verificar o aparelho, viu que haviam muitas chamadas perdidas do mesmo número. A

audiência marcada era para esta semana tinha sido adiada e não sabiam o porquê. Baixou o

volume do rádio.

—Diga.

Do outro lado da linha escutou a voz de Rafael Sinisterra, o advogado criminal.

—Jorge, boa tarde.

—Boa tarde, advogado.

—Pode passar no meu escritório um momento?

—É urgente?

—Sim.

—Está bem. Vejo-o daqui a pouco.

—Espero você.

Jorge via as pessoas atravessarem a rua sem enxergá-las, com um pressentimento negro na

alma. Entardecia, uma mescla de tons amarelos e laranjas tingiam o céu. Tinha combinado de ir ao

cinema com Belén, ficou de buscá-la no trabalho e jantariam fora, ainda havia tempo. Iria ao

escritório do advogado e atrasaria meia hora em seu encontro com Belén, não queria mudar seus

planos.

O semáforo ficou amarelo, queria ter planos, coisas para fazer, mas suas pulsações estavam

disparadas. Havia escolhido o filme, jantaria com a mulher que amava e faria

amor com ela... não

percebeu que o sinal ficou verde, mas os carros atrás dele começaram a buzinar. Ficou meio que

paralisado por dentro. Tinha planos, tinha planos, tinha planos, nesse dia, no dia seguinte e pelo

resto de sua vida.

O apito de um agente de trânsito o trouxe de volta ao presente. Um suor frio cobria seu corpo,

tinha que se controlar, limpou suas mãos suadas na calça comprida e arrancou com o carro. O que

experimentou nesses segundos fez com que compreendesse que, por mais que tratasse de afastar

essa sensação, o medo sempre estava ali, no mesmo lugar, guardado para que alguma coisa

externa o libertasse.

Chegou ao escritório do advogado com uma esperança bem pequena, como essa que assalta

um homem que está prestes a cair nas mãos de seu maior inimigo, mas que ainda há aquela fração

de tempo onde acredita que conseguirá de uma ou de outra maneira.

Telefonou para Belén e disse que iria se atrasar por meia hora. Entrou no escritório, pediu que

ele se sentasse um minuto e depois o convidou a entrar no escritório.

Gostava do cheiro de livro do lugar, uma biblioteca ampla e abastecida, em um escritório imenso

de madeira escura cheio de papéis e um computador.

—Jorge.

O homem se levantou, lhe deu a mão e lhe convidou a se sentar. Jorge retribuiu a saudação,

Rafael Sinisterra era um homem com uma presença que fazia honra ao seu sobrenome: alto,

corpulento, cinquentão, com rosto de aristocrata, era um dos advogados criminalistas mais brilhante

de sua geração. Jorge meditava que tomara que tantos diplomas e títulos fizessem seu trabalho e

que ele pudesse recuperar sua vida de forma completa.

—Hoje recebi uma informação de um amigo que trabalha na Promotoria. Nosso promotor

favorito —Jorge sabia que ele se referia a Arcadio Mendoza— encontrou uma prova no lugar

que os rancheiros foram assassinados.

Jorge sentiu como se um raio o atingisse, aferrou suas mãos para evitar que tremessem e

recompôs sua expressão, sem deixar de olhar o advogado. Não queria falar, porque temia que

sua voz não saísse por culpa da pedra que sentia em sua garganta. Sinisterra, ao ver o choque

que havia atingido o homem, chamou sua secretária e pediu um copo com água.

—Estou bem —Jorge disse—, não se incomode.

—Isso complica um pouco as coisas para o nosso lado. Segundo meu informante, a prova é um

relógio, e você comentou alguma coisa sobre ele.

Jorge olhou para ele, abatido.

—Sim, é meu relógio, um Rolex, e tem o meu nome gravado. Foi um presente de formatura de

meu pai.

—Robles, se for aceito como prova superveniente e o relacionarem a você, pouca coisa poderei

fazer por você. A Promotoria vai mexer seus fios para que seja uma prova aceita em juízo.

Jorge saltou como uma mola.

—Roubaram meu relógio, esses malditos se aproveitaram da minha vulnerabilidade naquela

noite e roubaram o meu relógio, o que eu não entendo é por que só apareceu agora? Por que não

no primeiro momento em que o terreno foi examinado?

—Não saberia dizer, no mínimo os técnicos forenses da época não fizeram seriamente seu

trabalho, e imagino Mendoza passando pente fino no terreno de cima a baixo para obter seu

objetivo.

—Esse sujeito é um grandessíssimo filho da puta e um peão de Ruiz! Foi uma ilusão acreditar que

eu poderia ficar livre novamente!

—Em poucos dias, eu vou saber mais alguma coisa, e se a prova for aceita, poderão pedir sua

prisão preventiva enquanto se define a nova data para julgamento.

—E voltar ao buraco? —perguntou com um tom de voz que dissimulava a angústia que sentia.

—Sim. Poderíamos negociar, Robles, se você se declarar culpado, poderia ser acolhida a

diminuição de pena. Poderíamos conseguir uma condenação de quinze anos.

—Nunca! Eu não matei esses homens. Nem pense nisso, advogado.

O advogado lhe devolveu uma expressão de frustração. Jorge se despediu em poucos minutos.

## CAPÍTULO 16

Seus pés estavam pesados quando deixou o escritório de seu advogado. Deveria saber: havia

pessoas que vinham ao mundo para serem espectadores da felicidade, ele era uma boa prova

disso. Essas cenas de cinema de casais dançando, passeando e fazendo amor eram distantes de

sua vida, ele era simplesmente um espectador.

Subiu em sua camionete como um zumbi, ligou o motor, assim como a calefação em um ato

mecânico, saindo pela rua. O tempo com Belén teria que ser resolvido de alguma maneira, devia

pagar um preço por seu amor. Seu instinto se negava a deixa-la partir, seu amor era recente, mas

profundo, era a mulher de sua vida e tinha certeza de que não fosse ela, não haveria nenhuma

outra. Não lhe diria nada ainda sobre a visita ao advogado, porque no mínimo era um terrível

pesadelo, e precisava preservá-la das más notícias, pelo menos por uns dias, enquanto se

preparava.

Armou-se de coragem quando a viu na porta do edifício e caminhou a passos rápidos, fechando

mais o casaco, até entrar na camionete. Era tão friorenta, e nem ao menos teria o direito de dar-

lhe calor, de protege-la, de aquecer seus pés durante a noite, de preparar-lhe um chá de baunilha

quando estivesse concentrada em seus relatórios. A biles amarga do ciúme tomou espaço em sua

barriga, porque outro iria fazê-lo.

Ela o saudou com um beijo na boca e com tanto amor, que Jorge desviou o olhar.

—O que houve, campeão? Como foi o seu dia?

—Bem, não está acontecendo nada —aferrou a mão que colocou debaixo da dele e a levou à

caixa de câmbio, que mudava a cada tanto—. O que poderia acontecer? Vou levar você a um

filme de ação depois de todas essas bobagens românticas que você me fez ver.

—Não subestime o poder dos filmes românticos —piscou um olho para ele —. E muito menos dos

livros.

Jorge sorriu relutantemente.

—Tem razão, os livros aquecem.

Dias atrás, Jorge havia descoberto uns livros no apartamento de Belén, em um móvel pequeno,

do lado da janela. A capa de um deles, chamado *Segredos na Noite,* de Linda Howard, aguçou sua

curiosidade, e ao abrir em uma página qualquer, ficou surpreso. Belén preparava o jantar, ele se

aproximou dela devagar e com toda parcimônia do mundo começou a ler um parágrafo:

"*Mergulhou os dedos em seus fartos cabelos e segurou-lhe a cabeça com suas mãos tão grandes e*

*poderosas para mantê-la quieta para a profunda incursão de sua língua naquela boca. Estava*

*totalmente excitado, sua ereção estava dura como o mármore, pressionando contra o ventre de Faith*".

Belén, enrubescida, soltou o que estava fazendo em meio a um gemido, aproximou-se para tirar-

lhe o livro. Ele o manteve no alto sem deixar de ler, morrendo de rir.

"*Faith gemeu contra sua boca, arqueando-se desejosa contra ele, tentando*

*se elevar o suficiente*

*para acomodar aquela grossa protuberância no espaço macio entre sua perna. Sentia-se doída e*

*vazia, muito vazia, cada vez mais úmida pela necessidade do tê-lo dentro de si*".

Ela se aproximou de novo, deu um pulo e tirou o livro para deixa-lo fora de alcance.

—Deixe-me terminar de ler, por favor, quero saber o que mais acontece com a pobre da Faith.

Conseguiu tê-lo dentro de si? —dizia Jorge entre gargalhadas—. Tenho certeza de que um livro

desses teria feito delícias entre meus companheiros de prisão.

—Não duvido —confirmou Belén, deixando onde estava—. É um dos meus favoritos e não se

meta com ele.

Ele se aproximou por trás dela e a abraçou. Esfregou-se contra ela.

—Aqui também está duro como o mármore, toque nele e verá.

Enquanto Jorge lembrava desse episódio e o que aconteceu depois, com um breve sorriso,

chegaram ao estacionamento do centro comercial onde estavam os cinemas.

—Por isso que eu digo para não os subestimar.

Ele abriu os olhos, surpreso.

—Se minha mulher tem que usar o fodido de um livro para se aquecer é porque eu não estou

fazendo as coisas direito, então é melhor irmos para o apartamento e eu vou lhe ensinar alguns

truques que tenho debaixo da manga.

—Truques? Mas você já fez de tudo comigo e eu adorei cada coisa, acredite em mim.

Jorge deu a volta e a ajudou a sair, passando o braço por seus ombros, caminharam até o

elevador.

—Não. Não tudo —rebateu com um sorriso dissimulado, dando-lhe uma palmada no traseiro.

Belén soltou uma gargalhada.

—Você é um pervertido.

—Mas você não pode viver sem mim.

Imediatamente, ela olhou para ele, séria.

—Isso é certo: não posso viver sem você.

—Mas é claro, porque eu sou sua vida, *paloma*.

Jorge escondeu sua angústia, da mesma maneira que havia aprendido no cárcere, mas Belén,

mulher intuitiva por natureza, não deixou passar despercebida a expressão sem dor que por

momentos se quebrava, mostrando sinal de angústia. Ela já o conhecia, quanto mais tivesse que

esconder, mais sua veia sarcástica e zombeteira se acirrava. Imaginou que o assunto da

investigação o deixava estressado e não era para menos, e ela tentava disfarçar que este

elefante não existia em sua relação.

Eles gostaram do filme em meio a seus comentários divertidos e depois saíram para comer. Jorge

era fanático por hambúrgueres e foram a uma famosa cadeia de *fast food*. Belén confirmou sua

opinião de que alguma coisa ruim estava acontecendo com este homem, porque assim que o

hambúrguer chegou, ele deu uma mordida e o deixou no prato. Ela também não tinha muito

apetite, mas fazia um esforço por ele.

Depois de comerem, chegaram ao apartamento. Miguel esperava por eles na recepção do

edifício. Jorge amaldiçoou sua sorte e logo ficou tenso. Belén percebeu aflição no olhar do irmão

mais novo.

—Querida, pode subir, tenho que falar uma coisa com Miguel.

—Jorge...

—Obedece, por favor.

Belén o observou, atônita, e depois olhou para Miguel, que baixou o olhar. Jorge estava tenso e

com a máscara ajustada em seu rosto.

—O que está acontecendo? —ela perguntou, surpresa por aquele pedido.

Tocou em seu braço

e percebeu a tensão.

—Não é da sua conta —fechou os olhos um minuto, evitando olhar para ela.

—Você está sendo grosseiro.

—E você, intrometida.

Olhou para ele, confusa.

—Chega! —exclamou Miguel, que enfrentou seu irmão—. Não tem direito de esconder isso dela.

É melhor conversarmos, nós três.

Jorge ia replicar em seguida, mas para quê, se cedo ou tarde deveriam ter essa conversa.

Caminhou na frente deles e apertou o botão do elevador, e a porta abriu em seguida. No

elevador, dirigia olhares raivosos para seu irmão, Miguel negou com a cabeça e Belén confirmou

seu pressentimento de que algo grave havia acontecido.

Quando chegaram ao apartamento, Jorge enfrentou Miguel.

—Não tem o direito de se meter em algo que não é da sua conta.

Caminhou pela sala, a passos largos, Miguel se recostou na porta. Belén olhava de um para o

outro com um mau pressentimento.

—De verdade, você acredita que eu não deva me importar? —Miguel perguntou com o

semblante mais sério que o de costume.

—Bem! —Belén interrompeu—. A brincadeira acabou. Que diabos está acontecendo?

—Fala você ou falo eu? —pressionou Miguel.

—Maldição! —Belén exclamou—. Não brinquem mais comigo, por favor. É sobre a investigação,

não é?

Belén, que nem mesmo havia soltado sua bolsa, se sentou em uma das poltronas da sala. Jorge,

visivelmente nervoso, se apoiou contra a mesa da cozinha, passou as mãos pelo cabelo e fixou seu

olhar nela, angustiado, derrotado. Apertou a mandíbula e passou as palmas das mãos sobre a

calça comprida.

—Sinisterra me chamou em seu escritório mais cedo para me dizer que há uma prova

superveniente.

Belén sentiu que seu mundo balançou, e um calafrio a percorreu.

—Como? —sussurrou.

—Apareceu uma prova e se ela for relacionada com a morte dos rancheiros e comigo, voltarei

para a prisão e serei condenado.

Jorge relatou o que o advogado sabia. Belén cobriu o rosto com as mãos, sentindo como se seu

estômago, nesse momento, subisse em uma onda. Jorge se aproximou dela e acariciou seus pulsos.

Belén percebeu que as mãos de Jorge estavam frias. O pesadelo e seu maior temor acabavam de

se materializar. Por que ele havia escondido isso dela?

—Meu amor, eu... sinto muito —disse Jorge com a voz destroçada.

Ela levantou imediatamente o olhar, as lágrimas começavam a rolar por seu rosto.

—Não pode voltar para aquele lugar.

—Você acha que eu não sei? —confirmou Jorge, angustiado, levantando-se e se afastando uns

passos.

Belén saltou como uma mola e se dirigiu a Miguel, que observava calado, sem sair do lugar.

—Há alguma coisa que possamos fazer? —perguntou, esperançosa.

—Temos que esperar —sentenciou Miguel com o tom de voz baixo e profundo.

Por um momento, Jorge captou o reflexo da profunda preocupação de seu irmão por ele e

sentiu uma dor quente no peito. Novamente todo o inferno voltava a começar.

—Se essa prova me incriminar, devo me apresentar à Promotoria.

—Não! —exclamou Miguel como se tivesse saído do transe—. Vá embora do país.

Jorge o olhou como se ele estivesse ficado louco.

—O que você está dizendo? Não posso sair do país, há uma investigação em curso, seria preso

na imigração.

—Posso arrumar tudo, posso conseguir outra identidade para você.

Belén piscou surpresa e olhou para Jorge, esperançosa.

—Minha vida, seria melhor, poderíamos começar em outro lugar — aproximou-se dele e segurou

seu rosto entre as mãos—. Finalmente seriamos livres.

—Posso fazer isso em quarenta e oito horas. Papéis, passaporte, o que você quiser.

Jorge se perguntou em que tipo de mundo seu irmão andava. O que ele não sabia era que

Miguel, ao trabalhar na Inteligência do exército, tinha contato com todo tipo de pessoas, inclusive,

gente do baixo mundo com ficha criminal que não entendia como não estavam na prisão, enquanto

que seu inocente irmão deveria permanecer trancafiado. Era importantíssimo para seu trabalho

manter vínculos ocultos com esse tipo de pessoas. Conhecia um grupo de falsificadores que por um

bom dinheiro vendiam uma vida nova.

—Pense nisso, minha vida, porque irei com você para onde você quiser. Começaremos do zero,

formaremos uma família.

Jorge caminhava como uma fera enjaulada, e Miguel invejou a sorte de seu irmão por contar

com uma mulher tão leal a ele. Ficou em silêncio por uns segundos e quando olhou para eles,

souberam qual seria sua resposta.

—Como você acha que a vida vai nos tratar se eu fizer isso, *paloma*?

—Melhor do que ela está nos tratando agora —sentenciou com firmeza.

Jorge abriu os olhos, surpreso.

—Você seria capaz de viver na clandestinidade?

Sua voz soou serena, mas com uma frieza que deixou os pelos de Belén em pé.

—Sim, faria isso com os olhos fechados. Iria com você ao fim do mundo.

—Teria filhos de um homem foragido da justiça. Que honra se tem em viver assim? E seus pais? E

seus irmãos? Mereciam uma sentença como essa?

Belén fechou os olhos, angustiada, mas quando os abriu, ele viu uma determinação de ferro que

o deixou assustado.

—Deixarei minha família, deixarei meu trabalho e irei com você onde quer que seja. Você é

inocente.

Jorge se alterou e olhou para Miguel com fúria. Segurou Belén pelos ombros e faltou pouco

para sacudi-la.

—Belén! —gritou, surpreso—. Como você pode considerar isso? De verdade, você acredita que

seriamos livres?

—Essa pode ser a nossa oportunidade.

Soltou-a, alterado, e olhou para os dois.

—Não vou a canto algum! Ainda que me condenem! Não sou um fodido delinquente! Eu estaria

dando razão a eles, e você acredita que Ruiz ficará de braços cruzados? —a última frase disse

olhando para Miguel com raiva.

Miguel lhe devolveu o semblante com idêntica expressão.

—Não me venha com escrúpulos agora! Não serviram muito. É a fodida da sua liberdade que

está em jogo, e você tem uma mulher que lhe apoia! O que mais você quer?

—Justiça! —bramou, furioso, afastando-se dos dois.

—Não vai tê-la enquanto o filho da puta do Ruiz estiver vivo! —insistiu Miguel, mais furioso

ainda.

—Minha vida, por favor, pense, você não vai conseguir justiça na prisão. Em troca, lá fora

poderíamos...

Os olhos de Jorge soltavam faíscas, olhava para cada um com muita raiva.

—Já chega! Vão para o diabo!

Saiu do apartamento batendo a porta.

—Meu Deus! Eu não vou suportar isso! —Belén afirmou, em meio às lágrimas.

Miguel se aproximou dela e a abraçou.

Belén puxou o ar pelo nariz e olhou para Miguel.

—Temos que fazer alguma coisa. Vão prendê-lo de novo!

—Tem que ter fé que não farão isso.

—Mas, acredita que farão?

Miguel se condoeu da expressão de Belén.

—Não sei.

—Se você está aqui é porque você sabe mais alguma coisa. Diga-me, por favor, que alguém me

diga a maldita verdade! —exigiu, fora de controle, enquanto as lágrimas rolavam por sua

bochecha.

—Não sei a fodida verdade! —Miguel exclamou com um tom de voz que demonstrava medo,

ira, frustração. Respirou fundo, tratando de se acalmar—. Talvez eles o prendam de novo, mas não

podemos abandonar a esperança. Ele precisa de você bem forte, Belén!

Sua voz retumbou pelo ambiente e Belén pode perceber que ele também estava a ponto de

chorar.

Tranquilizou-se, foi até a cozinha pegar um guardanapo, limpou o rosto e o nariz, adquirindo

controle sobre si mesma.

—Você tem razão, mas estou muito assustada.

—Não deve deixar se vencer pelo medo, tem que apoiá-lo, conheço meu irmão e sei que não

deixará as coisas fáceis para você por agora, então, tenha paciência.

—O que eu posso fazer?

—Permanecer ao seu lado e cuidar de você. Meu irmão gosta muito de você, lembre-se disso

quando as coisas ficarem difíceis.

Miguel se aproximou dela e com um abraço, se despediu.

***

Jorge caminhou pelas ruas, com o desejo de começar o caminho de ida, sem voltar atrás; poder

deixar a dor, o amor e o medo, que seus passos o levassem a um mundo sem sentimentos, para

poder afrontar o que estava por vir. Porque não tinha ilusões, seria preso outra vez naquele

inferno e ele, sua família e agora Belén visitariam o círculo de dor e perda.

Quão tentado estava em aceitar a oferta de seu irmão, por isso tinha ficado tão enfurecido,

porque era como oferecer água a um morto de sede, mas... como cimentar uma vida digna e

íntegra sobre semelhante erro? Não teve nenhuma dúvida de que Belén iria acompanha-lo sem

problemas. E depois, o quê? Quando passasse a novidade e ela percebesse o erro cometido e já

não pudesse fazer mais nada, apenas permanecer com ele por dever ou obrigação, porque

estariam atados por um delito que, desta vez sim, seria o culpado. Lembrou-se de uma frase de

Oscar Wilde, que tinha lido na prisão: “Prometeram-nos que os sonhos poderiam virar realidade.

Mas esqueceram de dizer que pesadelos também são sonhos”. Belén tinha sido seu sonho em meio

a este pesadelo.

Entrou em um bar, o lugar estava vazio, se sentou no balcão e pediu um conhaque duplo. Podia-

se ouvir uma música de Orlando Contreras em um aparelho de som. Lembrou-se que era a música

preferida de seu pai. Como precisava dele, de seus conselhos, seus carinhos, até de suas

intransigências e repreensões. “Em que momento tudo desabou sobre nós, pai?”, perguntou em

pensamento, enquanto pedia outro conhaque, “espero que de onde você esteja, não possa nos ver,

não seria justo com você e por tudo que nos ensinou e sempre lutou”.

Os acordes do bolero favorito de seu pai começaram a soar no recinto, como se ele tivesse

escutado seus pensamentos. Lembrou-se das noites na fazenda em que, por uma janela, ele e

Miguel observavam seu pai e sua mãe dançarem, quando se trancavam no escritório e

acreditavam que eles já estavam dormindo. Deixavam de observar quando começavam a se

beijar. Nunca havia dançado com Belén. Não tinham saído para dançar em canto algum. Queria

dançar este bolero com Belén, envelhecer na fazenda com ela, colocar filhos em seu ventre, queria

seu sonho e não este fodido pesadelo. Pediu mais uma dose e al pedir a conta, passou um dinheiro

ao administrador do bar pelo CD de música.

—Não posso vender o CD de Orlando Contreras, pertence à coleção pessoal do dono, mas

posso presentear-lhe com um CD com a mesma versão na voz de Yordano.

Não insistiu, aceitou o presente e se despediu.

Jorge chegou ao apartamento. Ao chegar ao quarto escutou um suspiro forte de Belén. Tinha se

deitado chorando, tinha certeza. Estava deitada em posição fetal de costas para a porta. Tirou seu

casaco, deitou-se por cima das cobertas e a abraçou, beijando sua cabeça.

—Perdoe-me, Belén.

—Eu nunca lhe pedi nada, mas vou pedir apenas uma coisa: não me omita mais as coisas,

porque me faz mal quando você faz isso.

—Sinto muito, sinto muito, sinto muito —beijou seu ombro.

Belén se virou e o encarou. O coração de Jorge apertou ao vê-la com os olhos inchados. Ela ia

dizer alguma coisa, mas ele a calou com um gesto.

—Venha.

Ele a fez levantar ad cama e, pela mão, a levou para a sala. Deixou que ela ficasse de pé.

Aproximou-se do aparelho de som e colocou o CD.

—Nunca dançamos.

Belén sorriu em meio ao rosto avermelhado pelo choro. Nunca o tinha visto depois de algumas

doses, o olhar era mais brilhante e sorria com mais frequência. Ele se virou para olhar para ela

com um sorriso nos lábios. Sua mulher estava linda, com um pijama de flores, o cabelo preso em um

coque frouxo em que várias mechas já haviam-se soltado, com uma expressão indecisa e rendida.

—Este era o bolero favorito de meu pai, *En um beso la vida*. Ele costumava dançar com minha

mãe. Hoje, eu e você vamos dançar. Não é o original, mas serve.

A voz do cantor pode ser ouvida depois dos primeiros acordes.

♬ Besándome en la boca me dijiste:

solo la muerte podrá alejarnos,

y fue tan hondo el beso que me diste,

que a mi cariño lo encadenó[23]. ♬

—Gosto muito —disse Belén.

Jorge estendeu sua mão e quando Belén a pegou, ele a puxou para si e a deixou apoiada em

seu peito. Ele apertou o abraço, seguindo o ritmo.

—“En un beso la vida, en tus brazos la muerte, me sentenció el destino y sin embargo, prefiero

verte[24]” —Jorge cantou em seu ouvido.

Moviam-se levemente ao ritmo da música. Até ele, chegava o perfume de Belén, com certeza

havia bebido um chá de baunilha, e o aroma estava em seu cabelo.

♬ Y si ayer me hirió tu olvido,

hoy me matará tu amor[25]. ♬

—Agora entendo meus velhos —sorriu sobre seu cabelo—. Amo você com loucura, Belén, nunca

se esqueça disso. Quero dançar outra vez com você e lhe dizer quando não estiver bêbado, e

quero repeti-lo todos os dias de minha vida.

Ele a afastou um pouquinho para olha-la, acariciou seu rosto e voltou a prendê-la em seu peito,

cantou mais algumas estrofes antes que a canção acabasse. Estavam às escuras, abrigados pela

densa rede daquele amor. Belén controlou como pode a forte vontade de chorar. Amava-o mais

que a vida. O pânico a assaltou ante a possibilidade de uma separação. Não queria vê-lo preso

novamente, era um homem bom, que desejava filhos e queria conhecer Paris. Desejou ter o poder

de dar-lhe tudo o que ele quisesse.

A música terminou e eles continuaram abraçados. A noite chegava ao fim, mas para eles, a

magia continuava.

## CAPÍTULO 17

Chegou o dia de se despedir de Ángela no aeroporto. A família havia-lhe ocultado o

aparecimento da tal prova no lugar do acontecimento. Jorge havia insistido em dizer que não valia

a pena atormente-la com isso, porque ela pouco poderia fazer por ele, muito embora a jovem não

tenha deixado de perceber o ânimo apagado de sua mãe e de sua tia, e o cenho de Miguel, mais

franzido que o de costume. Jorge a abraçou e fechou os olhos, como que para gravar aquele

momento e, outra vez, Belén teve que fazer um esforço enorme para não chorar.

Estava na porta que a levaria à Imigração e depois à sala de embarque, o lugar estava

abarrotado de gente e pelo autofalante chamavam os diferentes voos.

—Cuide-se muito, minha menina, viva sua vida ao máximo, mas com prudência.

—Amo você, irmãozinho.

—Eu também.

Jorge lhe entregou um livro de presente, para a viagem, e ela abriu o presente de imediato. Era

um livro de contos de Ángeles Mastreta, *Mulheres de olhos grandes*. Ela levou o livro ao peito e

abraçou novamente seu irmão, que já tinha os olhos marejados e não desejava soltá-la. Miguel, ao

perceber que ele poderia se delatar, destinou-lhe um olhar de advertência e ao ver que era mal

sucedido, saiu em sua ajuda.

—E para mim, não tem beijos? —perguntou, separando-a dele.

Ángela beijou e abraçou Miguel e então olhou nos olhos de cada um, preocupada.

—Vocês estão tão estranhos...

—Claro que estamos estranhos —concordou Jorge, disfarçando com um sorriso—. Esse monte de

italianos indo atrás de você, com a fama de namoradeiros que eles têm, e nem Miguel nem eu

estaremos lá para coloca-los no devido lugar.

A jovem sorriu.

—Não precisa, irmãozinho, porque eu, sozinha, sou perfeitamente capaz de coloca-los no lugar

deles.

—Muito bem dito, querida —interveio Belén, que lhe deu um beijo, um abraço e as últimas

recomendações.

Depois, se despediu de sua mãe e de sua tia. O grupo observou Ángela entrar na fila e

abandonou o aeroporto tão logo ela passou no controle de Imigração.

***

O último sopro de esperança se esfumaçou quando o advogado confirmou que a prova

encontrada era o relógio de sua propriedade, e que iriam admitir a evidência na audiência

preliminar e incorporá-la na parte do julgamento. Jorge esperava que o juiz criminal determinasse

sua prisão preventiva. Com os contatos de Miguel na polícia, saberia o momento exato em que isso

aconteceria.

A ordem de prisão pendia sobre sua cabeça, pouco falava sobre o assunto com Belén, que se

negava a permitir que essa ameaça arruinasse suas vidas. A cada dia, era mais

difícil se manter

alegre, mas mantinha um sorriso sempre que estava ao lado dele. Jorge sofria de pesadelos reais

e percebeu que Belén tinha perdido peso. De repente, faziam amor com mais frequência,

passavam juntos todo o tempo livre, deixaram de lado todas as atividades, e Belén até inventou

viagens às quartas-feiras para não jantar na casa de seus pais e ficarem juntos, fazendo amor,

como se quisessem armazenar cada carícia, cada beijo, cada toque. Seu fogo marcava Jorge,

causando-lhe cicatrizes na alma que sabia: levaria por toda a vida.

O tempo passava com rapidez, começaram a brigar por bobagens e terminavam se

reconciliando na cama. Jorge ficava enfurecido se Belén demorasse no trabalho. Sua natureza

passava por diferentes sentimentos: ternura e luxúria, quando ela o brindava com uma paixão

vulnerável; ressentimento e angústia, ao sentir que o tempo estava acabando e a amava e

precisava muito mais. Começou a ter ciúme até da sua própria sombra. Quando a via nua, se

atormentava imaginando quem tocaria seus mamilos quando ele já não estivesse mais lá, ou

cheiraria seu sexo, ou montaria entre suas pernas. Ficava com raiva de vê-la andando nua pelo

quarto, alheia a tudo que ele pensava. Nunca tinha sido um homem ciumento, considerava estar

livre deste sentimento, mas neste momento e tão perto de sua prisão, iria ficar louco em imaginar

Belén com outro homem, naquela mesma cama, cheirando os travesseiros, os lençóis, envolvendo-se

em seu cabelo, assim como ele fazia.

Odiava perder o privilégio de acordar ao seu lado, de amá-la ao amanhecer, de rir com ela no

café da manhã, de vê-la sair do banho enrolada na toalha e aproximar-se para tirá-la, de fazer

cosquinha até que ambos rodassem na cama e a brincadeira acabasse de outra maneira, de tirar

fotografias dela a todo momento. Sentia-se capaz de matar o homem que se atrevesse a fazer o

mesmo com ela. Depois, se arrependia de seus pensamentos turvos, e lhe partia a alma quando ela

o beijava e o tocava com tanto amor e ternura.

Uma noite, ela chegou do trabalho, as luzes estavam apagadas e pensou que Jorge não

estivesse em casa. Assustou-se quando acendeu uma das lâmpadas. Em uma cadeira ao lado da

mesa em que ficava o telefone, estava sentado e a olhava com frieza. Tão logo ela se aproximou,

ele ligou a secretária eletrônica.

—Olá, Belén —era a voz de Alberto Montez—. Acabo de chegar de Washington e passei por

Nova York, tenho boas notícias para você: seu currículo já passou por várias etapas. Liguei para

sua casa, porque você não atende no celular. Quer sair para jantar uma noite dessas? Tenho muita

vontade de vê-la. Um abraço.

Belén ficou pálida, não tinha nada a esconder, mas ele sentia ciúme dela por qualquer coisa, até

do rapaz que entregava a pizza e ficou nervosa, porque não gostava da mudança em que se

encontrava. Onde estava o amante terno e brincalhão? Era como se uma outra sombra escura

tivesse pousado em sua alma. Ela conseguia entende-lo, porque em suas entrevistas com os

detentos, percebia que o maior medo de um homem apaixonado dentro da prisão era que sua

mulher fosse embora por causa de outro, mas tinha que aprender a confiar nela, porque quando o

prendessem seria pior.

Ao ver o silêncio dela, Jorge voltou a escutar a mensagem.

—Basta! —ela o interrompeu—. Não entendo seu ciúme, não lhe dei motivos.

—Este é um fodido motivo! Morro de ciúmes —bramou, incapaz de se conter, em um passo

apenas aproximou-se dela e a imobilizou contra uma parede próxima—. Tenho ciúmes de tudo e

de todos. Quanto tempo vai demorar até que outro aqueça sua cama? Enquanto eu estiver naquele

buraco, com quem você vai se divertir?

Ela lhe deu uma bofetada. Transcorreram segundos de pleno silêncio, onde só se percebia a

respiração dos dois. Ele nem sequer ficou perturbado e muito menos lhe deu um centímetro de

espaço. Limitou-se a observá-la com olhos tempestuosos, não obstante via fogo neles, esse que só

aparecia quando olhava para ela.

—Não sou uma puta.

—Assim que eu estiver na maldita prisão, você vai fugir para Nova York? Por que você não me

disse nada? Quem é esse tal de Alberto Montez? Você já foi para a cama com ele?

Jorge lançava as perguntas como uma metralhadora. Ela se soltou daquele agarre e Jorge

começou a dar cabeçadas na parede.

—Eu não deveria dar explicações a você —ela acrescentou, furiosa—. Mas eu vou dizer.

Quando você estava na prisão e me ignorou, eu me senti muito mal, estava com raiva. Conheci

Alberto na casa de Susana, eu já falei dela para você, então saímos algumas

vezes e ele me

chamou para trabalhar com ele em Nova York.

— Você foi para a cama com ele?

—Não! E não deveria ser importante para você, porque nós não estávamos juntos.

—Pois me importa!

—Não grita comigo! Que diabos está acontecendo com você? Acha mesmo que se comportando

como um cretino vou ficar menos incomodada se você for preso?

Jorge se afastou uns passos.

—Esta chamada já me diz, que assim que eu estiver na prisão, você vai embora para Nova

York.

—Sabe do que mais, Jorge Robles? Foda-se!

Aproximou-se da chaleira com as mãos trêmulas, e preparou sua infusão. Precisava manter as

mãos ocupadas antes de partir para cima dele da pior maneira.

Jorge lhe destinava olhares furiosos. De imediato, ela soltou o caneco com um ruído tão forte,

que ele não soube como não quebrou.

—Já sei o que você quer! Eu conheço você, e você precisa me ver como uma prostituta sem

coração para sua tranquilidade.

—Você não sabe o que está falando.

—Sim, com certeza eu sei, você precisa de uma imagem negra da minha pessoa para quando

você estiver na prisão. Precisa imaginar que eu esteja trepando com qualquer um, como uma puta,

para que você possa dizer: “Era uma puta, não valia a pena, saiu correndo assim que me

prenderam”. Pois foda-se!

—Não fale nada, por favor —respondeu, com tom de voz diferente.

—Vá embora. Não vai dormir aqui hoje.

Caminhou para o quarto com a caneca de chá na mão e bateu a porta com força. Já estava

arrependida por ter dito para ele ir embora. E se essa fosse sua última noite em liberdade?

Jorge se sentou no sofá e colocou as mãos no rosto. Não iria embora, nem com um guindaste

ficaria afastado de Belén. “Belén”, saboreou esse nome em seus lábios e lembrou do significado

que tinha averiguado e que o sabia de cor pela quantidade de vezes que havia lido. Nunca tinha

escutado um nome que combinasse tanto com uma pessoa:

“Pão da vida[26] ou da carne em hebreu antigo. Uma alma alegre e generosa, não se sentia bem

se não ajudasse os menos favorecidos. Sentia-se comprometida com a parte mais débil da

sociedade e não alcançaria a felicidade plena até ter feito todo o possível. É muito social, mas não

quer ter nenhum tipo de relação com a famosa “nobreza privilegiada”, já que apenas se sente à

vontade entre os seus, as pessoas mais humanas e simples. Com um profundo sentido de justiça,

sabe respeitar o direito daqueles que a rodeiam. É muito querida em seu ambiente, já que é uma

mulher que tem dom de escutar quem estiver necessitado. Na seara amorosa, é um pouco

independente até que tenha certeza de ter encontrado sua meia laranja. Se ele for o homem ideal,

entregar-se-á por completo”.

O homem ideal, soltou uma risada amarga, fodido homem ideal ele era.

Com passos lentos, aproximou-se da porta fechada, colocou a cabeça na porta, tentando

encontrar uma maneira de se redimir diante dela. O que iria dizer? Que estava enlouquecido de

ciúmes? Já tinha deixado patente que a vida sem ela ia ser terrivelmente difícil, que apenas o

fodido de um milagre faria com que ele pudesse estar com ela em liberdade. “Pão da vida”.

Havia se alimentado dele durante todo esse tempo, toda sua fome de ternura, de amor, de sexo,

ela lhe supriu, e de que maneira... como começar a deixa-la ir embora?

Abriu a porta e a encontrou com o olhar fixo na tela da televisão, tinha o nariz e os olhos

avermelhados e esperou que ele falasse. Seu olhar refletia seu interior, procurando, reconhecendo

seus sentimentos e sofrimentos, entendendo-o, curando-o de alguma maneira, mas deixando-o em

carne viva.

—Sinto muito ter sido tão filho da puta com você —sua voz começou a tremer e Belén se

espantou ao ver que seus olhos se enchiam de lágrimas—. Prometa-me uma coisa: não perca sua

vida por mim, nem a sua sanidade. Prometa-me.

Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça e estendeu os braços para ele, que se aproximou com

os olhos marejados de lágrimas. Acomodou-se ao seu lado e colocou a cabeça em seu peito. Belén

o deixou desafogar em seu peito, acariciando seu cabelo. Chorou aferrado a ela, chorou pelo que

sabia que perderia e que não era apenas a liberdade, chorou pelo que estava fazendo à mulher

que adorava. Chorou porque a visão de um futuro juntos se evaporava como um sonho, e assim ele

se lembraria dela, como o melhor sonho de sua vida. Permaneceram assim por um tempo

interminável.

—Não me esqueça, *paloma*.

—Você é minha vida. Como pode chegar a considerar isso?

Belén o beijou, a ponta de sua língua tocou seus lábios e ele aferrou o rosto com ambas as mãos

e se apropriou do beijo com intensidade. Um beijo tão profundo que a deixou sem fôlego. Jorge

sempre a beijava com uma necessidade primitiva, como se a vida terminasse com ele.

—Quero tocá-la, quero amá-la a noite inteira.

Belén fez um gesto afirmativo com a cabeça e tirou o pijama, ficando nua diante dele. Ele se

despiu diante do olhar de adoração e desejo de sua mulher.

—Meu pão da vida —disse quando tombou ao seu lado e começou a acaricia-la. Ela olhou

para ele em confusão, mas ele a calou com um beijo.

Jorge leu em braile cada centímetro de sua pele, memorizando vales e montanhas, aspirou o

doce segredo com cheio de baunilha, um aroma perverso, extravagante e inesperado, em união

com seu aroma natural. Desfrutou de suas grutas e umidades, até que ela, em meio a gemidos,

dominada por paixões que antes de Jorge eram tão distantes, sussurrou:

—Morda-me, marque-me, deixe-me machucada.

—O que você quiser, como quiser e quando quiser.

Ele a satisfez, marcou seu pescoço e ombros com os dentes, com um movimento de quadril entrou

dentro dela e o que começou com um movimento suave, continuou ainda mais acelerado. Estudava

suas feições com a mesma ferocidade que dava às suas investidas.

—Você está tão molhada —sussurrou com esse tom rouco que a incendiava ainda mais—. É

deliciosa —repetia em meio às estocadas, extasiado pela maneira com que ela o recebia,

incentivando-o—. Desejo enchê-la de mim mesmo e que você permaneça assim a noite toda.

O ambiente se encheu de gemidos e grunhidos.

Jorge não tinha o suficiente, desejava atravessá-la, marcá-la e leva-la com ele. Não queria se

separar, nunca, queria fazer amor com ela até o dia do julgamento e que quando morresse, que

fosse enterrado assim junto dela.

—Amo muito você —sussurrou—, você é incrível e não tem ideia do que faz comigo.

Mordiscava seus mamilos, enquanto que com a mão percorria a linha de sua cintura, suas costas

e com seus dedos brincava com seu sexo. Voltou a mordê-la, já sentia o orgasmo de Belén se

formando em sua vagina, pela maneira com que se contraía.

—Assim, isso, me dá mais, quero tudo, minha vida —ela suplicava em um

tom de voz que por si

só poderia fazê-lo gozar nas calças como um colegial.

Jorge dava o que ela pedia. Mais investidas, mais carícias, mais paixão. Sentiu quando ela

gozou com força ao vê-la se arquear, sentiu as palpitações de seu sexo chegarem à sua alma. As

estocadas brutais o fundiam ainda mais em seu interior. Acariciou sua coluna até chegar ao seu

pescoço.

—Você é perfeita, adoro a linha das suas costas e esse seu leve declínio —tocou a concavidade

que tinha acima de seu traseiro e, então, levou as mãos às suas nádegas.

—Sua bunda me fascina —beijou-a com reverência e esfregou seu queixo em cada nádega.

Belén se estremecia, e ele não soube se eram reminiscências de seu orgasmo que a inflamava ou

lhe roçar com seu queixo, queria fazer coisas sujas com ela.

Sentiu quando ela se tencionou. Tocou seu sexo e espalhou sua umidade até a parte de trás,

meteu-lhe um dedo enquanto acariciava seus mamilos. A resposta foi um gemido forte. Levantou-se

e pegou a caneca com o chá de baunilha, que estava com pouco menos da metade, umedeceu os

dedos com a bebida que passou por suas costas, saboreando-a devagar, e depois por suas

nádegas.

Apesar das carícias de Jorge fazerem com que Belén estivesse a ponto de experimentar outro

orgasmo, não se sentia preparada para o que ele desejava fazer, mas sua destreza a excitava,

ele a melava e lubrificava a ponto de fazê-la relaxar. Sentiu um pouco de medo ao ver pelo canto

do olho seu membro, maior do que nunca e que ele acariciava com a mão de cima a baixo, sem

deixar de tocá-la. Depois de umas breves carícias, penetrou-a de maneira suave, mas decidida.

Belén o sentiu enorme, a princípio, doeu-lhe um pouco e se sentiu completamente cheia.

—Relaxe, amor.

E a dor se converteu em prazer, e seus pensamentos voaram para deixa-la totalmente exposta

às sensações que as estocadas de Jorge, entre suas nádegas, lhe provocava. Grunhia, excitado, e

começou a empurrar ainda mais forte, queimando-a com uma sensação de dor. “Prazer—dor, que

sensação tão incrível”, meditou Belén, que sentiu uma descarga que a varreu da coluna à ponta do

pé, como um choque elétrico que a fez trincar os dentes, revirar os olhos e cortar sua respiração,

fazendo-a gritar e gemer em pleno abandono físico, até que a corrente a abandonou. Escutou

Jorge gritar, enchendo-a e destruindo todas as suas defesas pela frente, como sempre.

“Minha, minha, minha”, sussurrava Jorge, enquanto se esvaziava dentro dela, no orgasmo mais

prazeroso e satisfatório de sua vida.

***

Estavam passando a tarde de domingo na casa da mãe de Jorge, quando Miguel recebeu uma

chamada no celular. Saiu até a varanda, falou por um minuto e quando retornou à sala seu olhar

era triste, angustiado. Jorge lhe pediu com um gesto que saíssem uma vez, já que as mulheres não

haviam percebido nada, estavam concentradas em aprender um ponto em um tecido de malha em

duas agulhas que Elizabeth ensinava.

—Já determinaram o mandado de prisão.

Jorge, mesmo estando mentalmente preparado, ficou pálido e começou a suar frio.

—Quando?

—O juiz criminal acabou de mandar expedi-lo.

—E quando serei preso? —Jorge perguntou com um nó no estômago.

—O trâmite está demorado e ainda precisa assinar uns papéis. Amanhã, na primeira hora, virão

buscar você.

—Os caras da promotoria estão me seguindo há dias.

Jorge havia percebido a monitoração desde a semana anterior, um par de detetives andava

atrás dele como um carrapato. Miguel observava o horizonte cheio de edifícios e o céu

ligeiramente nublado.

—Não sei mais o que fazer —disse, em tom desolado—. Não sabe o que eu daria para não

vê-lo passar novamente por tudo isso.

Jorge se aproximou e colocou a mão em seu ombro.

—Quantas vezes eu tenho que repetir que você não tem culpa de nada, você já fez tudo que

podia ser feito.

—Não! Não tudo. Se eu não tivesse...

—Basta! —caminhou de um lado para o outro sem olhar para seu irmão. Queria dizer que

havia dormido com Rosalía, mas ficou com vergonha, porque ele também tinha seu próprio rosário

de culpa.

—Olivia foi a cereja do bolo, para ele, a terra era mais valiosa que a família —insistiu Jorge,

mas sabia que este comentário não passaria pela crosta de ressentimentos de Miguel.

Jorge se lembrou, nesse momento, de uma frase de um dos livros de

Levrero[27]: “sempre seremos

tiranizados por constelações de fatos incompreensíveis”. Não se sentia dono de sua vida, era como

se tudo já estivesse arrumado de antemão e ele fosse apenas expectador de sua própria

condenação.

Miguel se virou, encostou-se no peitoril da varanda e cruzou os braços.

—Como você pode viver assim? Como? Em meio a tudo isso, você ainda conserva a calma.

Jorge negou várias vezes com a cabeça.

—Se você tivesse me visto nesses últimos dias, não teria me reconhecido. Ah! Meu irmão, muito se

engana quem julga.

—Preocupado com Belén?

—Sim, estou muito preocupado por ela, por minha mãe, por você.

—Você acredita que ela vai acompanha-lo nisso?

—Se eu deixar, sim, mas este é o dilema. Eu a amo demais para submetê-la a este inferno.

—E se ela decidir acompanhar você? Por que você não deixa? Eu não vou me dar por vencido,

irmão e...

Jorge o interrompeu.

—Eu vi o que o cárcere faz com as relações, apenas os casamentos de muitos

anos, estáveis ou

que o homem tenha uma sentença curta, têm esperança, o resto está condenado ao fracasso.

Quero lhe pedir um favor, sei que Belén é capaz de se cuidar sozinha, mas preciso que você olhe

por ela.

Miguel fez um gesto afirmativo com a cabeça.

—Ela está muito apaixonada por você.

Jorge a olhou com angústia, ela sorria, conversando com as mulheres. Miguel disse a si mesmo

que a encomenda de seu irmão não seria uma tarefa fácil, Belén não aceitaria muito bem uma

separação e pelo que ele conhecia de seu irmão, era daqueles que não voltava atrás em suas

decisões. A última coisa que lhe faltava era lidar com dois corações partidos.

## CAPÍTULO 18

—Isso não é uma despedida, amor —Jorge a enganava nessa manhã.

Belén não tinha deixado que ele levantasse da cama, nem mesmo permitiu que ele saísse dela.

Foram dormir de madrugada e ele a acordou com beijos vorazes na primeira hora da manhã.

—Não me deixe ainda —rogou Belén, segurando as lágrimas.

A noite anterior tinha sido muito difícil, porque Jorge contou para as três mulheres que seria

preso no dia seguinte, e embora todos soubessem que era inevitável, sempre tinham esperado que

um milagre acontecesse. Ligia soltou o pranto e repudiou toda a família de Ruiz e seus

antepassados. Elizabeth também se descompôs, mas não desejando agravar ainda mais o pesar

de Jorge, controlou-se um pouco mais. Já Belén ficou pálida e teve a urgência de chamar seu pai

ou sua mãe, como se fosse uma menina de cinco anos e precisasse de sua proteção, foi um enorme

ímpeto, estava aterrorizada. Soltou o tecido e suas mãos começaram a tremer, aferrou-as

fortemente, para evitar que Jorge percebesse.

Jorge abraçou Ligia, acalmando-a, porque a mulher estava inconsolável. Pediu-lhes moderação,

suplicou que não fossem à audiência do dia seguinte, onde leriam sua nota de culpa, seria

oficializada sua prisão e ele voltaria ao cárcere, seria mais difícil para todos. Belén, com certeza,

não iria atender este pedido. Iria acompanha-lo até a mesma porta do presídio se fosse preciso.

—Meu amor, tenho que me arrumar —insistiu Jorge e continuou tratando de zombar—. Não vai

querer que a polícia me encontre assim, não é?

—Não me importa, que derrubem a porta, que levem você à força, eles que me enfrentem.

Ele a envolvia em seus braços, percorreu seus cabelos com as mãos e ela o apertou ainda mais.

Mergulhou o nariz em seu pescoço e em meio ao seu desespero, desejou que ela confessasse todos

os tipos de promessas, que nunca o deixaria, que esperaria por ele, que nenhum outro homem teria

poder sobre o seu corpo e muito menos sobre seu coração, que era dele, somente dele, de corpo e

alma. Não se atreveu, porque não se considerava digno desse privilégio.

—Belén...

—Que eles se atrevam!

O ciúme voltou para pregar uma de suas peças e, então, ele se fechou sobre ela para penetrá-

la com brutalidade e raiva, desafiando-a a se separar dele, mas ela confundiu sua reação com

ardor. Ele levantou o torso com seus braços tensionados, apertando-lhe os pulsos, sem deixar de

olhar para e sem tocá-la, escutava seus gemidos enquanto se impulsionava dentro dela, observava

as marcas que havia deixado em seu corpo dias atrás e na noite anterior. Ele a dominava, ele a

devorava. Ela o aceitava com uma submissão tão diversa de sua vida diária, era o defeito de uma

mulher muito apaixonada, isso afetava a variação da cor de seus olhos que ficavam em um tom

mais escuro. Estava muito sensível em razão dos inúmeros orgasmos que tinha desfrutado ao longo

da noite, mas mesmo assim, o fogo em redemoinho agitando seu ventre lhe disse que, mais uma vez,

seu orgasmo estava próximo.

Ao fechar os olhos, Jorge exigiu que ela não afastasse o olhar dele, quando os primeiros raios

apareceram e as frequências cardíacas aumentaram, viu um olhar de puro orgulho masculino no

rosto dele, como se dissesse: “Olhe para mim, aqui está seu homem, o único que lhe faz arder”.

Nem mesmo soltou seus pulsos quando expressou seu alívio com ferocidade. Caiu sobre ela com a

respiração agitada.

—Você me mata, Belén, me mata.

O tom angustiado de sua voz fez o que as súplicas de minutos atrás não puderam fazer. Eles se

separaram, e o som do interfone lhes disse que alguém havia chegado, imaginou que fosse seu

irmão, que havia marcado de pegá-lo a essa hora. Levantaram-se e Belén foi tomar banho,

enquanto Jorge abriu a porta para um abatido e triste Miguel.

—Por que não está pronto? —perguntou, incomodado—. As autoridades não demoram.

Jorge negou com a cabeça, sem saber mais o que dizer.

—Onde ela está?

—Na ducha.

Miguel entrou no apartamento e Jorge foi para a cozinha ligar a cafeteira e conversaram sobre

alguns aspectos legais. Quando Belén chegou à sala, saudou Miguel tentando ser efusiva e depois

abriu a geladeira, de onde tirou leite, ovos e presunto. Tinha prendido o cabelo em um rabo de

cavalo, e vestia um suéter de manga longa e justa de gola rolê e uma calça escura, assim como

estava seu ânimo. Os homens a observavam enquanto tomavam café.

—Já tomou café da manhã? —perguntou a Miguel.

—Não estou com apetite.

—Pois vamos todos comer, o dia que os espera é longo e quem sabe quando voltarão a comer

alguma coisa.

—Tem razão —acrescentou Miguel, mais para Jorge que para si mesmo.

Belén não iria trabalhar, porque havia ligado pedindo permissão. Miguel também tinha folga no

trabalho. Jorge pediu licença para tomar um banho.

Miguel se limitou a observar Belén, que com destreza preparava o café da manhã.

No banheiro, Jorge se olhou no espelho, era o primeiro dia de sua fodida vida. Não era assim

que essas frases sentimentais diziam diante de uma grande mudança? Molhou seu rosto,

percebendo que começava a limpar sua pele dela. Não queria. Olhou para a ducha com raiva,

desejava levar o cheiro dela, seus beijos, não queria apagar as lembranças da noite anterior,

porque não era apenas uma questão de pele, mas de sensações. Teve medo da água levar seu

aroma e da prisão, as sensações, porque nada mais seria a mesma coisa. Esta noite estaria outra

vez em uma maldita cela. “Deus meu, conceda-me um milagre, meu milagre, por favor, eu suplico”.

O estômago de Belén se encolheu ao ver Jorge sair do quarto com a roupa trocada, com uma

calça jeans, sapatos escuros, uma camiseta e casaco quente. Não tinha se barbeado e o aspecto

de sua barba lhe dava um certo ar briguento, ou talvez fosse algo mais. Quando lhe serviu o café

da manhã, daí percebeu, estava vestindo sua armadura do cárcere. Passou-lhes o pão, serviu o

suco e os ovos, acariciou seu cabelo e lhe deu um beijo na bochecha. Conseguia comer apenas um

pedaço, mas se obrigou a comer alguma coisa que ela mesma havia preparado. Toda a situação

parecia um absurdo, uma situação ridícula, e desejava se trancar no quarto e chorar como uma

condenada. Sentia-se vaga e confusa, e viu Jorge comer com esse ar decidido que tanto admirava,

como se em minutos sua vida não fosse mudar profundamente.

Miguel percebeu que um dos pulsos de Belén estava arroxeado e com uma clara marca de

dedos. Olhou para Jorge, apavorado.

—Você está bem? —perguntou a Belén.

Ela lhe devolveu uma expressão interrogativa como se lhe perguntasse: “O que você acha?”

—Estou bem —sussurrou com um sorriso.

Ao vê-la, Miguel pensou que seu irmão estava mais descontrolado do que aparentava. Quando

Belén foi para o quarto, pouco depois de tentar comer, sem sucesso, ele encarou Jorge.

—Por que Belén está com os pulsos machucados?

Jorge olhou para ele, envergonhado.

—Não é o que você está imaginando, porque foram as primeiras luzes da manhã, na cama.

—Você tem que se controlar, por você e por ela, sei que está assustado e que dias difíceis

esperam por você, mas você precisa se concentrar na audiência.

Quis tirar de Miguel o juramento de que cuidaria de Belén, que ela teria sua atenção, mas já

havia feito isso no dia anterior e não queria ser muito insistente. O interfone

voltou a tocar. Jorge

se levantou e atendeu.

—A polícia está subindo.

Em poucos minutos escutaram o som da campainha da porta. Belén saiu de seu quarto mais

branca que a parede. Dois policiais armados entraram no apartamento.

—É o senhor Jorge Robles? —Jorge assentiu—. Somos da polícia nacional, temos uma ordem de

prisão para você. Diga-me o número de sua identidade.

Jorge ditou o número de sua identidade.

—Não é necessário que vocês tirem suas armas. Irei com vocês sem problema.

—Senhor Jorge Robles —disse a autoridade, depois de verificar que que o número da

identidade e o nome não tivesse erros—, estamos lhe comunicando sobre uma ordem de prisão

pelos fatos ocorridos no dia 13 de setembro de 2002 na cidade de *San Antonio de Padua*, onde

perderam a vida em circunstâncias violentas os senhores Rogelio Antonio Martínez Mercado e

Virgílio Angarita Pérez, em que você foi acusado e no processo de investigação judicial, segundo o

artigo 104, número 6[28]. Esta ordem foi expedida pela Promotoria Especializada em Direito à Vida

– 120, localizada em *Paloquemao*, na Rua 29, #44-24, 3º andar. Procedo a leitura de seus direitos:

direito de permanecer em silêncio. Tudo que você disser pode ser usado contra você no Tribunal.

Tem o direito de telefonar para um advogado para que se encarregue de sua defesa, e se não

puder custear um profissional, o Estado providenciará um defensor público. Comunicar-se com sua

família sobre o motivo de sua prisão.

O policial colocou-lhe as algemas.

Jorge se aproximou de Belén, ele a viu tão pálida, tentando aparentar equilíbrio, que sem se

importar de ter as mãos algemadas, acariciou seu rosto.

—Belén...

Limitou-se a olhar para ela fixamente, como se quisesse gravar cada traço de seu rosto.

—Minha vida...

—Nunca havia amado ninguém como eu amo você, lembre-se disso. Cuide-se bem, porque não

deixarei que nada disso venha lhe afetar de maneira alguma. Aconteça o que acontecer, quero

que você entenda que eu farei o melhor por nós dois.

Olhou para ele, sobressaltada.

—O que você quer dizer com isso?

—Tudo ficará bem —deu-lhe um suave beijo nos lábios e a olhou com ternura, como se a tensão

e o nervosismo tivessem se esfumaçado—. Sou um homem sortudo, ainda que esteja a ponto de

entrar no buraco outra vez.

Lágrimas rolaram no rosto de Belén, eles estavam longe de todos, de Miguel, que os observava

com uma patente angústia no rosto, e dos policiais, que lhes destinavam olhares constrangidos.

—Meu amor... —Belén disse, não querendo que ele fosse embora.

Miguel se aproximou dela e a segurou pelos ombros, enquanto a polícia levava seu irmão. Belén

desmoronou nos braços de seu cunhado.

—Fique tranquila —ele disse—, ficará bem. Manterei você informada.

Belén se soltou de seu abraço.

—Também vou —ela disse, pegando sua bolsa em uma cadeira, andou até a porta.

Quando cruzou a porta, Miguel segurou seu braço.

—Ele não vai gostar.

Caminharam até o elevador.

—Pois terá que se acostumar. Não vou deixa-lo sozinho.

***

Belén e Miguel chegaram ao prédio onde estavam localizadas as cortes

judiciais. Uma

repartição simples, que para Belén, diante das circunstâncias, pareceu desprovida de humanidade.

Quantas tragédias, lágrimas, justiças e injustiças passaram por aquelas paredes? “Meu Deus, que

isto seja apenas um simples pesadelo”, rogava ao infinito.

Entraram na sala onde aconteceria a audiência, viu Jorge sentado na primeira fila, ao lado do

advogado de defesa. Do outro lado estava o promotor que havia conduzido as investigações.

Detestou-o de imediato. Entraram várias pessoas que Miguel comentou serem os representantes

legais das pessoas assassinadas. Gente do campo, meditou Belén.

Como se fosse um filme, viu um agente dar instruções sobre o comportamento na sala e ao entrar

o juiz. A audiência iniciou, confirmando a identidade do acusado e logo o juiz deu a palavra ao

promotor, que depois de se apresentar, discorreu o ocorrido quase quatro anos atrás. Imaginou

como Jorge estaria irritado pelo que era relatado. Na sequência, falou sobre a denúncia da

acusação, citou uma série de artigos penais e, finalmente, apresentou a prova superveniente que

seria admitida em juízo, razão pela qual Jorge deveria voltar para a prisão. Viu a tensão em suas

costas, quando o promotor levantou o relógio envolvido em um saco plástico e passou ao juiz.

Depois, tudo aconteceu muito rápido, o advogado de defesa argumentou e citou novos artigos e

a possibilidade de conceder-lhe prisão domiciliar, o que foi rebatido em seguida pela promotoria.

O juiz rechaçou o pedido, e enviou Jorge novamente para a prisão, não sem antes fixar a data

para a audiência preliminar, relativamente próximo, na semana seguinte. Viu quando Jorge

encolheu os ombros, como se de imediato tivesse tido a esperança de sair, de alguma forma, desse

atoleiro e isso partiu o coração de Belén.

—Jorge?

Aproximou-se devagar até ele, que em seguida voltou o rosto para ela, enquanto os guardas

colocavam as algemas. Chocou-se ao ver seu rosto desprovido de expressão. Um homem diferente,

uma máscara com dois olhos que nada lhe disseram. Miguel e o advogado conversavam um pouco

mais à frente.

—Disse que você não viesse.

Ela sorriu entre lágrimas e se aninhou em seu peito, ele apoiou o queixo em sua cabeça, sem

poder abraça-la por conta das algemas.

—Já sabe quanto me custa seguir suas ordens, minha vida.

—Para o seu próprio bem, vai ter que começar a fazê-lo.

—Eu amo você.

Lutou para conter suas lágrimas. Queria que ele a visse forte, ainda que por dentro estivesse

destroçada.

—Eu também, *paloma*. Agora preciso que você vá embora daqui, assim que eu tiver uma

maneira de falar com você, eu farei, e assim que estiver naquele buraco, colocarei o seu nome na

lista de visitas.

—Irei assim que você disser que eu posso fazê-lo.

—Senhor Robles, está na hora —disse um dos guardas com tom irônico ao chama-lo de

“senhor”. Outro guarda se aproximou dele para escolta-lo.

—Vão leva-lo para *Santa María de la Providencia*?

—Sim.

Belén se lembrou do frio, das condições do lugar e não chorou mais por Miguel, que tinha

certeza que estava como ela. Não foi trabalhar, ele a deixou em seu apartamento, onde ficou

trancada nesse dia entre lembranças e na esperança de que tocasse o telefone, mesmo com Miguel

dizendo que esta noite Jorge passaria em uma cela para triagem, enquanto legalizavam sua

entrada no sistema penitenciário, então, esta noite não teria um telefone à sua disposição.

À noite, foi visitar seus pais. Assim que viu seu pai no escritório, correu para perto dele e o

abraçou, entre soluços de choro, sentou-se em seus joelhos, como quando era uma menina e lhe

contou tudo.

***

Jorge se sentou no piso da cadeia, seu corpo emanava uma energia perigosa, que os demais

companheiros de infortúnio não deixaram de perceber, por isso evitaram se aproximar dele. Soltou

uma risada irônica, lembrando-se da primeira vez que esteve em uma cela dessas. Com os olhos

cravados na distância, olhar sombrio e resignado, pensava em Belén. Já sentia falta dela, porque

ela deu sentido à sua vida, por ela, ele conheceu a generosidade e o amor. Por um lapso de tempo

muito pequeno, se permitiu pensar que poderia ter uma vida fora dessas paredes. Permitiu-se

sonhar.

Agora, para enfrentar essa nova vida, devia se armar de coragem e não pelo que o esperava

ali. Isso ele conhecia e se conhecia, lidou uma vez, tinha certeza de que voltaria a fazê-lo. Sua

angústia era por Belén, teria que salvá-la, afastar-se dela, porém, não se sentia capaz de fazê-lo.

Era um amor novo, as emoções eram novas, ainda tinha uma quantidade de experiências por viver

e, no momento, não queira deixar o caminho aberto.

— *"el Profe"* ? Você outra vez por aqui? —o ladrãozinho se aproximou dele e se acomodou ao

seu lado.

—É assim, senti muita falta deste lugar.

O jovem soltou uma risada e Jorge se lembrou dele. Não tinha mais de vinte anos e já havia

pisado naquele lugar em três ocasiões. Esses rapazes eram aqueles que tinham feito carreira

criminal dentro do presídio.

—Desta vez fiz das grandes, não creio que saia daqui tão cedo.

—Eu também, irmão, eu também.

Ficaram alguns segundos em silêncio.

—Tomara que tenham melhorado a comida —o jovem acendeu um cigarro e lhe ofereceu.

—Tomara —Jorge teve vontade de fumar pela primeira vez em muitos anos.

A noite foi longa e fria, enquanto ele se enchia de ira. No dia seguinte, depois de preencher os

papéis e os demais trâmites burocráticos, atravessou as grades que o levariam novamente ao

pátio. Um guarda o saudou com expressão zombeteira e quis partir-lhe a cara; outros olhavam

para ele com algo parecido com compaixão. Não queria a compaixão de ninguém. Observou o

mesmo lugar em ruínas, os mesmos corpos, o mesmo fedor de merda, os mesmos gritos.

—Ui, "*el Profe*" voltou —disse um preso que permanecia encostado na parede.

"A vida para ele vale uma merda", pensou, "por isso permanece nadando nela", concluiu furioso.

Pelo visto, seu irmão já havia movido seus contatos, porque voltou ao mesmo pátio e uma sela

individual o esperava. Edgar e Moisés receberam-no com sentimentos misturados. Ele lhes explicou,

aproximadamente, o que havia acontecido, e eles o puseram em dia com os últimos eventos

ocorridos no pátio.

Fechou-se em sua cela e, em um momento de raiva, bateu nas paredes até esfolar as juntas dos

dedos. Não quis sair durante todo o dia. Pediu a Edgar que lhe conseguisse um telefone e o teve

em suas mãos por longo tempo. Telefonou para Ligia e disse que estava tudo bem. Não telefonou

para Belén nesta noite.

## CAPÍTULO 19

O rosto avermelhado de Belén não deixou de ver a expressão boquiaberta de seu pai diante de

tudo que ela lhe contava, parecia como um filme de pesadelo. Calixto a deixou desabafar, amava

seus filhos, mas para ele Belén era alguém muito especial. Desde o dia em que a enfermeira a

colocou em seus braços, poucos minutos depois de nascida, com seu olhar sereno roubou seu

coração. Sempre tinha sido exigente com seus filhos, porque acreditava que uma criação baseada

na autoridade, dava como resultado pessoas úteis na vida. Esta, não era um mar de rosas e um pai

tinha obrigação de desenvolver ferramentas em seus filhos para enfrenta-la. Mas com Belén

sempre foi mais indulgente e via ali as consequências dessa indulgência. Sua amada filha

apaixonada marginal. Só sobre o seu cadáver, meditou, furioso.

Sabia que não devia recrimina-la. Tinha aprendido que as indiretas que acovardavam seus

irmãos e os obrigava a agir segundo seus desejos, em Belén a tornavam rebelde. Sempre foi assim

se ele chamasse sua atenção por alguma coisa, ainda com mais afinco, ela gravava na cabeça,

seja por um simples corte de cabelo, aprender danças tropicais no lugar do ballet, a escolha de

profissão, de universidade ou de sua vida quixotesca ao redor do mundo.

Enquanto ela chorava, sua mente trabalhava a mil, porque se o sujeito havia voltado à prisão,

era culpado, e, só sobre o seu cadáver, sua filha iria se converter na mulher de um preso. Não

acreditava aguentar o restante da conversa sem que seu gênio ruim explodisse.

—Fique tranquila, Belén, você está me assustando.

Belén tratou de respirar fundo, entre soluços.

—Preciso ajuda-lo de alguma maneira.

Calixto franziu o cenho.

—Não pode fazer nada, a justiça será feita.

—Justiça? Neste país não existe justiça.

Belén assoou o nariz com um lenço que seu pai lhe deu.

—Já pensou na possibilidade de ele se culpado?

Belén saltou como uma mola.

—Ele é inocente.

Calixto se levantou da cadeira, caminhou de um lado ao outro, tentando se controlar, mas foi mal

sucedido.

—Não acredito, Belén, e acredite: estou me contendo para não dar a surra que você merece

por ser tão imbecil. Como você pode se apaixonar por um preso?

—Sabia que seria um erro recorrer a você.

—O erro não é meu! —bramou furioso dando um murro na escrivaninha—. O erro foi seu,

porque eu não lhe eduquei para isso.

Ela já ia na direção da porta, quando esta se abriu e sua mãe entrou.

—O que está acontecendo? Por que você está chorando, meu amor? —perguntou, aproximando-

se para abraça-la.

—Conte para sua mãe a maravilhosa notícia —observou Calixto, com sarcasmo.

Belén negou com a cabeça.

—Belén? —perguntou sua mãe, preocupada.

—Sua querida filha se apaixonou por um preso acusado de assassinato.

A mulher ficou pálida e se sentou em uma cadeira, olhando um e outro.

—É piada, não é?

Belén encolheu os ombros e olhou para sua mãe com pesar.

—Não mãe, não é piada, e hoje tive um dos dias mais difíceis de minha vida —disse com a voz

entrecortada—. Vi o homem que eu amo ser acusado novamente de um crime que não cometeu,

precisava do seu carinho e compreensão, mas como sempre, não preencho as expectativas de meu

pai. Melhor eu ir embora.

Pilar se aproximou de sua filha e a abraçou, olhando para Calixto com reprovação.

—Filha, você nos surpreendeu, é tudo, não é a situação ideal, mas me dói ver o que você está

sofrendo —Pilar limpou seu rosto que, novamente, estava banhado de lágrimas.

—Imagino que você não voltará a vê-lo —cortou Calixto—. Prefiro vê-la correndo o mundo do

que amante de um preso.

—Imaginou mal, pai, estarei com ele até que comprovem sua inocência, mesmo que leve anos.

Calixto bufou, furioso, e Belén abandonou o lugar. Uma coisa havia servido na conversa com seu

pai e não se perguntou se havia feito isso intencionalmente. Insuflou-lhe a coragem para lutar por

sua relação e com tudo que ainda viria. Seu pai sempre trazia à tona sua veia rebelde, porque ela

era diferente de seus irmãos. Por toda sua vida, tinha usado o autoritarismo de seu pai para

colocar-se acima da situação e adiante, e tomara que isso lhe servisse agora. Não esperava a

generosidade dele, mas ao menos alguma compaixão seria bem-vinda. Não, compaixão não,

solidariedade de família, isso sim.

***

No dia seguinte, voltou ao trabalho, usou uma grande quantidade de corretor nas olheiras e

algum rubor na bochecha para disfarçar a noite em claro à espera de um telefonema, mas Jorge

não havia telefonado. Pela manhã, falou com Miguel, que lhe disse que ele já estava em uma cela

individual e que estava bem. Ficou mais tranquila, mas uma sensação incômoda a assaltou ao ver

que ele não havia telefonado para ela. Disse a si mesma que não poderia ser tão egoísta, que a

família vinha em primeiro lugar.

Nessa noite, o telefone tocou. O coração disparou no peito ao ver na tela um número que não

conhecia.

—Alô.

—Olá, *paloma*.

Seus joelhos dobraram e fechou os olhos para visualiza-lo em sua cela, caminhando pelo

pequeno espaço ou encostado na parede.

—Oi, minha vida. Com você está?

Escutou sua risada rouca e teve a urgência de voar para perto dele.

—Bem, muito bem, o hotel cinco estrelas está cada vez melhor, tenho uma suíte luxuosa e um

banheiro com jacuzzi, e no último andar tem uma piscina aquecida.

—Parece que terei que ficar com você aí.

—Eu deixo um espaço para você.

—Agora falando sério, amor, como estão as coisas?

—Bem, eu já estou acostumado com isso, não se preocupe comigo —era mentira. Ele jamais iria

se acostumas com este inferno. Depois de ter desfrutado seu tempo de liberdade com ela, era

ainda mais difícil a adaptação —. Voltei à biblioteca e o homem encarregado me recebeu como

uma salvação, não estava gostando muito o posto. Em alguns dias começarei com as aulas.

Não quis lhe dizer que o ambiente no presídio estava pesado, que havia mais conflitos que de

costume, que os delinquentes comuns estavam fartos da guerrilha e dos paramilitares. Se houvesse

uma rebelião, seria muito difícil não participar. Queria que ela tivesse uma imagem tranquila de sua

vida.

—Quero vê-lo no domingo.

—Neste domingo ainda não terei resolvido os trâmites para a permissão. Preciso dos seus dados

para incluí-la na minha lista de visitas, mas espero você no outro domingo, o que acha?

—Ótimo.

Belén passou o número de sua identificação e todos os seus dados.

— *Paloma*, nesse dia, você terá que madrugar muito para ficar na fila. Eu fico aflito por você ter

que passar...

—Não me importa! —interrompeu com veemência—. É um preço pequeno para poder ver você.

Acostume-se, porque você vai me ver todos os domingos.

“Como deixa-la ir embora, santo Deus? Como?” Perguntava a si mesmo, atormentado, enquanto

a imaginava sentada no sofá com o computador aberto, tomando chá de baunilha ou vendo

televisão. Iria ficar louco de tanta saudade, e isso porque só tinham-se passado dois dias.

—Eu amo você, Belén.

O tempo pareceu se deter quando Jorge pronunciou essas palavras. Foi como se tivessem

enviado sua alma pelo telefone.

—Sabe o quê, senhor Robles?

—O quê?

—É recíproco. Dê um beijo em meu lobo, eu o adoro.

—Não é apenas meu lobo que sente saudade...

Escutou suas gargalhadas, daquelas que o deixava nervoso, no bom sentido.

—Está bem, então, dê um beijo em cada parte de você que sentir saudade de mim.

—Será um pouco difícil, porque terei que esperar até domingo.

Mais gargalhadas.

—Conte com isso. Deus! Sinto tanto a sua falta que chega a doer.

—Eu também, *paloma*. Traga chá de baunilha.

Ela enrubesceu ao telefone, como se ele estivesse na frente dela, lembrando de como ele havia

usado a bebida nos últimos encontros. Pigarreou, nervosa.

—Claro que sim.

Ficaram quase uma hora ao telefone, falaram de tudo, não queriam se despedir e ele prometeu

telefonar todas as noites.

***

Jorge ouviu um estrondo na ala norte do presídio, antes de ir para a biblioteca. Os presos

começaram a falar.

—Os paramilitares vão invadir esta galeria. Orejas apareceu apunhalado na cela. Dizem que

foi Perico.

Orejas era um dos capangas de um dos paramilitares mais poderosos do presídio e Perico era

um dos chefes de um grupo de delinquentes comuns que viviam nessa

galeria. Jorge raciocinou com

rapidez, sabia que se entrassem no pátio, o massacre seria espantoso. À distância, viam homens

encapuzados com armas descerem as escadas para chegar até eles, mas os caciques das outras

galerias e seus capangas os detinham.

—Rápido! —gritou—. Fechem a porta.

—Isso não vai detê-los —bramou Edgar Ramirez.

—Mas isso sim —Jorge apontou para um congelador de bebidas do tamanho de uma geladeira

grande—. Lembrem-se, a meta deles é chegar a esta galeria, mas antes devem passar por duas

galerias que não conseguiram chegar para se entrincheirarem. Isso nos dá um pouco mais de

tempo.

Mais ou menos uma dúzia de homens moveram o congelador e o deixaram na porta para

impedir a entrada. Os demais entraram em pânico e correram para se armarem com o que

encontrassem, punhais, armas, limas de ferro, outros rezavam armados com seus crucifixos. Tinham

que se defender enquanto os guardas reagiam.

Em questões de minutos, trincheiras foram armadas, Jorge organizava os grupos e em que local

da galeria iriam se defender. Escutaram o ruído de metralhadora se aproximar. Puseram colchoes,

cadeiras e o que fosse para agigantarem a parede de contenção. Os que não se trancaram nas

celas, se entrincheiraram no chão para evitaras balas perdidas. O comando de paramilitares ia

deixando um rastro de mortos por onde passava, fazendo justiça aos que tinham contas a acertar

com eles. Quando chegaram à porta, começaram a disparar. Á distância ouvia-se as sirenes. Em

minutos, o exército invadiria a penitenciária, mas esses minutos faria a diferença entre a vida e a

morte.

Lançaram uma granada que abriu uma lacuna, de dentro da galeria, os homens armados

começaram a disparar. Entre eles, Jorge, já que Edgar havia-lhe passado uma das armas que tinha

escondido. Uma rajada de metralhadora havia acabado com a vida de três dos seguranças de

Perico, que estavam na linha de frente, se as autoridades não chegassem logo, todos eles seriam

mortos. Os tiros iam e vinham, caindo vítimas de lado a lado. Quando os paramilitares alcançaram

a galeria e mataram mais uma dúzia de pessoas, escutaram o soar das botas. Alguns presos

conseguiram umedecer peças de roupa com as quais tampavam o rosto para

enfrentar o vapor do

gás lacrimogêneo que invadiu o ambiente.

—Jogue a arma fora, mas limpe-a primeiro! —Edgar gritou para Jorge antes que o gás os

sufocasse.

Jorge sentiu como se uma chama tivesse entrado em sua boca e nariz.

Em minutos, o exército e a polícia tomaram o controle da penitenciária. O conflito tinha durado

uma hora. Uma autoridade recolheu os cadáveres e os amontoou contra a parede como se fosse

sacos de cimento. Os feridos foram levados e os outros foram evacuados para o pátio principal,

enquanto as autoridades revistavam cela por cela, para recolher armas, telefones e drogas. Foram

deixados no pátio até depois das oito da noite, quando chegou a Defensoria Pública e exigiu que

eles entrassem ou que pegassem suas cobertas, porque ficariam doentes por causa do frio. À meia

noite, a rebelião já estava terminada. Como castigo, não receberiam visitas até segunda ordem.

Belén soube do motim às dez da manhã pelo programa de rádio que escutava enquanto

trabalhava. Ligou para Miguel, mas caiu na caixa de correio. Sem tempo a perder, saiu para a rua

e pegou um táxi, que em menos de vinte minutos a deixou umas quadras

antes da penitenciária,

que já estava cercada pelo exército e por policiais. Passou pela loja da mulher que havia lhe

oferecido uma cadeira, quando os bandidos assustaram-na.

—Minha menina, escutei explosões e disparos desde de manhã cedo, vão destruir essa prisão —

afirmou a mulher—. Mas o exército já entrou e agora está mais calmo.

Belén deu graças a Deus e caminhou até chegar na primeira barreira do exército, onde havia

um grupo de mães, pais, esposas e filhos querendo saber o que havia acontecido com seus

familiares lá dentro. Ela apresentou sua credencial da ONG e diante de sua insistência, o jovem

tenente a deixou passar. Quando estava perto da penitenciária, escutou diversos disparos, com a

alma em desespero, grudou-se à parede. Viu o grupo especial de guardas da penitenciária

armado até os dentes e um grupo de elite da polícia entrar na prisão. Meteu-se entre eles até

chegar ao mesmo portão da penitenciária. Tinha a garganta seca e tremiam sus joelhos e as mãos.

Alguém a segurou pelo braço e disse ao seu ouvido:

—Cuidado! Uma das balas pode lhe alcançar, melhor ir embora daqui, não vai poder entrar.

Era um dos guardas armados até os dentes. Perguntou-lhe o que estava

acontecendo, mas o

homem se limitou a escolta-la alguns passos. Ela se soltou e, desesperada, retrocedeu até onde

estavam os familiares. Escutava-se de tudo, mas ninguém sabia com exatidão o que havia

acontecido na penitenciária. Alguém a puxou com força.

—O que você está fazendo aqui? —perguntou Miguel com o cenho franzido.

—O mesmo que você, preciso saber.

Percebeu que ele estava tenso e tinha certeza que sentia o mesmo medo que ela. Vestia um

terno escuro completo e gravata. Eram tão parecidos, que Belén sentiu um nó na garganta.

—Podia ter telefonado para mim.

—Eu liguei, mas você não atendeu.

Nesse momento recebeu uma chama em seu telefone. Miguel se afastou uns metros e falou

durante vários minutos. Belén olhava para ele com expressão interrogativa quando voltou até ela.

Ele a levou até um lugar em que ninguém os escutasse.

—Um amigo meu é oficial vai entrar com o grupo. Ela já sabe sobre Jorge, e tão logo tenha

notícias e possa me telefonar, vai fazê-lo. O melhor que você pode fazer é ir para sua casa, eu

vou mantê-la informada.

Ela o olhou como se ele tivesse ficado louco. Miguel revirou os olhos.

—Jorge não vai gostar de saber que você está aqui fora, não sabemos se isso vai terminar

bem.

—Ele não poderá saber, a menos que você conte para ele.

Miguel negou com a cabeça e estalou os dentes.

—Jorge deve ter problema com você por causa da sua teimosia.

Ela sorriu.

—Normal.

Até eles chegou o cheiro do gás lacrimogêneo. Os olhos de Belén arderam e não imaginava

como devia estar lá dentro. Começou a chuviscar. Abrigaram-se no carro de Miguel, que se cansou

de implorar para que ela voltasse para casa ou fosse para a casa dele, ele simulou que sua mãe

e sua tia precisavam de companhia, mas foi em vão. Trouxe um par de bebidas quentes de uma

cafeteria dali de perto, que beberam dentro do carro.

—Você precisa mais que eu.

Miguel a olhou com carinho, seu irmão era um bastardo sortudo. Ao anoitecer, o telefone de

Miguel voltou a tocar e, pelo que pode ouvir, era alguma coisa de trabalho. Belén não conseguia

entender como ele dispunha de tempo para estar ali, quando tinha um trabalho com tanta

responsabilidade.

—Meu chefe não está no país, graças a Deus —Miguel respondeu, quando Belén perguntou por

sua ausência no trabalho.

Por volta das oito da noite chegou o telefonema que estavam esperando. Jorge estava bem, e

entre os presos ilesos. Belén agradeceu a Deus. Percebeu que a tragédia atingia toda a família,

como se estivessem presos com Jorge. Sentiu parte da dor e da angústia que os Robles passavam

todos os dias, era uma coisa que só poderia entender quem tivesse um filho, um marido ou o pai

nessa terrível situação.

—Não vou descansar enquanto ele não estiver em liberdade —disse um Miguel pesaroso.

—Pelo bem de todos nós, espero que você consiga isso.

Miguel a deixou na casa dela.

—Obrigada —ele agradeceu, quando se despediu dela—. Meu irmão tem muita sorte.

***

Na prisão, os dias seguintes marcaram a pauta do que seria o fim do conflito armado nas

prisões colombianas. Em uma audaciosa iniciativa liderada por Jorge e respaldada pelas

autoridades carcerárias, em cada pátio foi criada uma mesa de paz, de onde saiam as

preocupações para uma mesa de negociação geral. Jorge, para que tivesse maior legitimidade,

convidou um representante de cada comunidade da prisão. Os primeiros a chegar foram os presos

políticos, que escolheram um dos membros de um comitê formado por guerrilheiros. Em seguida,

ligaram a uma pessoa da legítima defesa, um indígena, um afro colombiano como representantes

de seus respectivos comitês ou comunidades. Entre eles, foi eleito um presidente, um vice-presidente

e os encarregados dos diferentes comitês. Por meio de diálogo e participação, nos dias seguintes

foram pactuadas simples normas de convivência.

Uma manhã, um profissional contratado pelos dirigentes da penitenciária lhes deu uma aula de

Direitos Humanos, de convivência. Todas estas atividades mantiveram Jorge ocupado e distraído de

sua vida pessoal. Apenas nas noites, ao chegar à sua cela e escutar a voz de Belén, sentia que

abria uma ferida em seu coração. Partiu-lhe a alma ouvir o pranto desatado de Belén, quando

telefonou um dia depois do motim.

Semanas haviam transcorrido desde o acontecimento e não tinha conseguido vê-la. Tiveram que

reconstruir parte da prisão e até que as instalações não estivessem reformadas de maneira

adequada, não haveria visitas, e os homens já começavam a sentir falta disso.

Saiu a audiência preliminar, onde a prova foi vinculada ao processo penal. A convocação para

o julgamento ficou para o mês seguinte. Jorge se impressionou com a celeridade com que as coisas

iam acontecendo, certamente para que não voltasse a cometer erros técnicos que prejudicassem

todo o trabalho da promotoria dali para frente.

Um domingo, três semanas depois de sua prisão, recebeu a visita de Belén.

## CAPÍTULO 20

Belén se arrependeu de não ter madrugado ainda mais, quando viu a fila de mulheres que

havia sido formada em frente à janela da qual receberiam uma ficha para entrar na

penitenciária. E isso porque eram apenas sete horas da manhã de um domingo.

Levava vários pacotes que esperava que passassem na revista. Trazia um suéter de lã para

Jorge de presente, feito por ela mesma. Claro que teve a ajuda de Elizabeth, mas estava

orgulhosa por seu trabalho. Também trazia livros, o chá de baunilha que ele tanto insistiu, biscoitos,

guloseimas e um recipiente com uma lasanha, a favorita de Jorge, que ela tinha feito na

madrugada. Seu coração queria sair do peito à medida que a fila andava, e a ansiedade fazia

com que ela olhasse para o relógio a toda hora.

Dedicou-se a observar por um tempo as mulheres que chegavam. Havia uma grande

quantidade delas que ainda era muito jovem, então vieram as mulheres mais velhas, certamente as

mães dos presos e, atrás, entrou na fila uma mulher por volta dos quarenta anos, vestida com

simplicidade, mas Belén pode ver que era uma roupa de grife. Em um grupo mais à frente,

mulheres riam, pintavam os lábios e faziam diferentes maquiagens, e até ela chegava o som da

conversa.

—Hoje, meu homem será o rei —dizia uma delas—. Vou satisfazê-lo em tudo.

—Que delícia que é fazer amor —comentou a outra—, uma pena que seja somente aos

domingos.

—Hoje será meu último domingo —informou outra com o semblante sério—, não posso mais

fazer isso.

Outras falavam do ocorrido semanas atrás e da guarda que esta semana estava encarregada

pela revista.

O ambiente era de cordialidade, havia um ar de expectativa. À exceção das mães e das irmãs,

as mulheres iam dispostas para o amor, pouco se importavam pela longa fila. Ansiavam por seus

homens há três semanas e não se incomodavam com a revista, nem para os olhares arbitrários ou

de duplo sentido de guardas e presos, apenas desejavam vê-los vivos e renovarem o compromisso

de estarem com eles na semana seguinte. Embora houvesse exceções, algumas não iam por amor,

mas a negócios. Era o grupo de prostitutas que entrava a cada domingo.

Uma mulher grávida comentou com Belén que, desde sexta-feira, os homens se esmeravam para

dar um ar diferente na prisão, lavaram pisos e paredes, trocaram lençóis e os banhos faziam com

que eles ficassem impecáveis. A visita das mulheres era sagrada.

—Já veio aqui alguma vez? —perguntou com curiosidade.

—Sim, já estive aqui —não quis esclarecer que tinha sido a trabalho.

Quando chegou ao primeiro controle, recebeu a ficha, o guarda não a reconheceu, mas ela

sabia quem ele era. No segundo controle, revistaram seus pacotes e, com uns palitos, esmagaram

os biscoitos e a lasanha. Ao chegar ao terceiro controle, uma mulher, grande como um gorila, a fez

entrar em um cubículo e se despir, até ficar de roupa íntima. Nesse dia, Belén usava um vestido

simples, de flores, e um casaco jeans, com sapatilhas escuras. A mulher a tocou em todos os lados,

até na genital. Sentiu-se constrangida, mas não ia lhe dar o gosto de chorar. Mandou que ela

deitasse em uma maca e ficou muito nervosa quando viu a guarda vestindo luvas para examiná-la.

Outra guarda observava e quando acabou a revista íntima, mandou que ela se vestisse e lhe

puseram um carimbo.

Vestiu-se e recompôs seu rosto para que Jorge não percebesse como a incômoda revista havia

lhe afetado. Entrou no corredor que a levaria ao encontro dele. Às dez da manhã entrou no pátio,

que parecia um bazar colorido, onde improvisavam tendas para os presos que não tivessem uma

cela onde pudessem receber sua visita. Já havia uma quantidade de casais que passeava pelo

lugar, alguns conversavam sentados no chão como se estivessem em um piquenique, outros sentados

em cadeiras plásticas, e um casal mais afastado estava discutindo.

Vários presos olhavam para ela, que procurava Jorge por todos os lados. Viu quando ele

caminhava apressado em sua direção, encontrou-a por seu cabelo loiro, solto. Belén também

apertou o passo com um sorriso nos lábios, atravessando tendas e casais, desculpando-se quando

esbarrava em alguém. Jorge quase corria para encurtar a distância que o separava dela. Belén

deixou os pacotes no chão e se jogou em seus braços com uma ânsia tão patente, que ele a

envolveu até apertá-la com ferocidade, faltou pouco para que caísse de joelhos e começasse a

chorar como um condenado. Estava ainda mais linda do que ele se lembrava. Parecia mentira tê-la

assim em seus braços, outra vez. Não sabia se ria, gritava ou chorava de rir. Ela, sem soltá-lo,

aferrou suas pernas na cintura dele, e com o coração inchado de amor agarrou o rosto amado e

devorou os lábios.

—Finalmente! —exclamou Belén, quando interrompeu o beijo com lágrimas nos olhos.

Jorge pediu a um jovem que fizesse o favor de pegar os pacotes. Não tinha a intenção de

descer Belén de onde se encontrava. Entre beijos vorazes, percorreram a distância até que

chegaram à porta de uma cela. Jorge a soltou de seu aprisionamento e abriu a

porta metálica.

Belén entrou, não se surpreendeu, já que em suas visitas para o relatório tinha conhecido o

minúsculo tamanho das celas. O jovem entregou os pacotes para Jorge, que os deixou em uma

espécie de tabua de madeira, que fazia as vezes de uma mesa, grudada na parede. Ele fechou,

se apoiou contra a porta e Belén correu para os seus braços outra vez, não foi delicada, e o

sujeitou novamente com suas pernas. Segurou-o pela cabeça, para se apoderar de seus lábios, em

um beijo que pouco tinha de beijo. Era muito mais uma junção de lábios, salivas, línguas e gemidos

por todos os beijos não puderam dar. Jorge se virou e as costas de Belén se chocaram contra a

parede lateral. Com o olhar escurecido pela luxúria, tirou seu casaco jeans, seu vestido e beijou o

espaço entre seus seios que realçavam por conta do sutiã.

—Você é tão linda. Não sabe quanta falta eu senti de você —a voz de Jorge a envolveu, assim

como faziam seus braços e seu aroma. Todos seus desejos acumulados entraram em ebulição.

Deitou-a em seu catre que a duras penas caberiam os dois. Ela ficou sem respiração quando ele

tirou a camiseta e beijou seu peito no processo, enlouquecida pelo seu aroma que tanto lhe fez

falta. Observou-o enquanto abria a fivela de seu cinto e abria o zíper da calça. Ele acariciou uma

das pernas dela de maneira ascendente, até chegar à borda da sua roupa íntima, percebeu a

pele dela se arrepiar, baixou sua peça íntima, que rolou por suas pernas, deixando seu sexo

descoberto, que ele não cansava de olhar. Ela levantou as costas e tirou o sutiã.

—Hoje meu homem será o rei, vou satisfazê-lo em tudo.

Jorge levantou uma sobrancelha, risonho, e ela soltou a gargalhada.

—Esta frase não é minha, escutei lá fora.

Ele a olhou fixamente, com o desejo profundo de se apoderar de cada centímetro de seu corpo.

—Como eu dizia...

Jorge se ajoelhou com a boca cheia d’água e com uma trilha de beijos em sua perna, colocou a

boca em seu sexo.

—Que fome! —exclamou, essas palavras reverberaram pela pele de Belén, que se espalhou

por todo o corpo.

Sua boca e seus dedos deixavam marcas quentes em seu sexo, nela toda. Acariciou-a com o

nariz, aspirando seu aroma, enquanto a abria um pouco mais. Roçou seus lábios aveludados com os

dedos e tocou seu queixo nela, esfregando-se, escutando seus gemidos.

—Jorge! —escutar seu nome foi como uma explosão, que o fez aumenta ainda mais suas

carícias. Ela não tinha ideia do que sua presença naquele lugar lhe provocava: amor a borbotão,

agradecimento, conexão. Angustiado, pensou consigo mesmo, que deveria deixa-la ir embora, mas

sua índole machista, ciumenta e possessiva lhe dizia para esperar, que gozasse de sua presença,

de seu carinho, de sua paixão por mais um tempo. Ela chegou ao orgasmo, que ele sentiu em sua

boca e quando a viu desmantelada, sorrindo com os olhos fechados, soube que sua verdadeira

sentença seria viver sem ela. Não era a mesma coisa viver sem alguma coisa que viver com algo

que foi seu, e depois você tivesse que deixar partir.

—Adoro você —ela abriu os olhos e viu Jorge fechar os dele.

—Eu o amo, senhor Jorge.

Ele baixou sua calça e sua cueca, liberando sua ereção, que em seguida ela pegou em suas

mãos e acariciou em uma massagem de cima a baixo.

—Gosto quando você diz “senhor”.

Belén sorriu e revirou os olhos. Ele aproveitou para apoderar-se de seu mamilo, que chupou e

massageou até deixa-lo duro e sensível.

Ele a penetrou de maneira desmedida e incontrolável, sem deixar de olhar para ela, em um

ritmo febril e em meio a gemidos que Belén sentiu reverberar em sua pele. Adorava se perder em

sua vagina, que queimava, mas também abrigava, agradando ainda mais seu membro.

—Amo estar dentro de você, e você não tem a mínima fodida ideia.

Devorou seus lábios, seu pescoço e seus ombros. Depois, se levantou com os dedos cravados em

seu quadril, observou seus corpos unidos e o modo com que seu membro mergulhava em seu

interior. Precisava entesourar imagens para quando estivesse na solidão.

—Quero encher você inteira, para que se lembre de mim e me sinta esta noite quando estiver

em sua cama —tocou seu sexo úmido—. Morreria por isso...

Empurrou mais algumas vezes e com um grunhido selvagem, gozou tão forte que Belén não

entendeu como as autoridades não vieram tirá-los dali. Momentos depois, ela o acompanhou,

cravou suas unhas nas costas dele e viu pontos, cores e estrela atrás de seus olhos. Ele desabou

sobre ela, continuou gemendo e quando quis se separar, Belén não permitiu.

Passaram um bom tempo fazendo amor, repetiram em muitas posições, só queriam viver nesse

lugar tão pequeno, fora do tempo e das circunstâncias, e que o resto do mundo fosso para o

diabo.

Belén observava a cela. Havia livros ao lado de uma televisão pequena, e em uma tábua presa

na parede, na parte de cima, havia roupas dobradas e mais livros. Tudo limpo e arrumado. Na

parede oposta tinha colocado fotos da casa que tinham passado aquele final de semana, que,

agora, para Belén parecia tão distante. Tantas coisas havia acontecido desde então. Havia uma

foto de sua família, e ficou triste por não ter nenhuma foto dela.

Jorge, que adivinhou o que ela pensava, se levantou e pegou um livro, que Belén percebeu,

quando ele o abriu, ser um álbum de fotografias. Só dela, em posições e maneiras que ele

adorava: fazendo o café da manhã, saindo do banho com uma toalha enrolada na cabeça,

deitada na cama com uma camiseta no meio da perna e jogando um travesseiro nele. Ficou com os

olhos marejados. Ela também tinha muitas fotografias dele, principalmente do passeio ao chalé de

Elizabeth.

—Não quero que ninguém, além de mim mesmo, as veja.

Ela entregou o suéter de presente. A primeira coisa que Jorge fez foi leva-lo

ao nariz, sorriu,

pesaroso, estendeu e acariciou sua textura.

—Está lindo, muito obrigado —beijou-a nos lábios.

Ele o vestiu em seguida e se sentiu transportado ao apartamento. A sensação de lar foi bárbara

e isso o entristeceu. Tirou o suéter e o dobrou com cuidado, colocando-o na bolsa, acomodou-o no

móvel com as outras roupas.

—Elizabeth teve uma paciência infinita.

—Você está mais magra.

—Ora, muito obrigada, você também está mais bonito —sorriu, desejando mudar de assunto. O

tempo que lhes restava era tão curto. Levantou-se e lhe entregou o recipiente com a lasanha.

Jorge ficou indignado quando viu a comida remexida, mas se negou a fazer qualquer

comentário. Levou um pedaço à boca e gemeu extasiado.

—Ficou deliciosa! —deu um pedaço para Belén, que aceitou apenas para satisfazê-lo. Não

tinha apetite. Ela o observou e escutou enquanto ele falava do motim e dos planos que tinha para

a mesa de paz. Admirou-o tanto nesse momento, comparando-o a um titã, aquela temível primeira

geração que habitou a terra, seres poderosos que povoaram a terra, cheio de

vigor e força, seres

poderosos que construíam impérios e também os destruíam de uma vez só, e que também em sua

queda muitos deles foram aprisionados na eternidade. Sentiu-se envergonhada, ela tinha uma vida

pela frente para fazer o que quisesse, e nem de longe tinha sua capacidade de recuperação.

—Que houve, *paloma*? Por que você está me olhando assim?

Ele retirou o recipiente de comida e ela se sentou em seus joelhos.

—Você é meu homem e eu o admiro muito, não sabe quanto.

Ele sorriu.

—Muito obrigado. É difícil, *paloma*, mas é isso ou morrer —prendeu as mãos dela nas suas—.

Preciso que você siga em frente com sua vida, que continue com tudo, trabalho, ler, divertir-se. Não

quero que você cumpra uma sentença comigo. Não se esqueça.

O resto da visita se foi com jogos, conversas, brincadeiras e discrições sarcásticas de diversas

situações que Jorge enfrentava no dia a dia. Chegou a hora da despedida, eles se vestiram em

silêncio, Belén tratava de disfarçar para não começar a chorar como uma boba. Guardou para si

muitas palavras de aflição, angústia, porque a visita era muito curta para se lamentar, se brindou

ao seu homem e se entregou a ele com desejos desesperados, com o abandono de quem caminhou

pelo deserto até encontrar o oásis que o salve da morte.

—Ei —Jorge pegou seu rosto com uma das mãos—. Vai ficar tudo bem, eu prometo.

Ela fez um sinal afirmativo com a cabeça.

—Sinto que deixamos tantas coisas por dizer.

—Você vai me dizer por telefone, querida.

—Amo você.

—Eu também.

Quando ele ia abrir a porta da cela, voltou a fechá-la e a estreitou em seus braços.

—Já estou arrependido de não ter feito amor com você outra vez. Vou sentir sua falta como

você nem imagina.

—Preciso que você se cuide para mim. Quero vê-lo no próximo domingo.

Belén não soube por que ele se esquivou de seu olhar e perguntou com os olhos fechados.

—Está acontecendo alguma coisa?

—Nada, *paloma*, não está acontecendo nada.

Abraçaram-se e ela ficou na ponta do pé para beijá-lo outra vez.

Saíram para o pátio e os casais se despediam. Acompanhou Belén até a última grade. Um último

abraço, um último beijo, e Belén teve que se afastar à força. Jorge a chamava como um imã.

Caminhou até a saída e por vezes olhou para a grade, ele a contemplava em silêncio, despedindo-

se com o olhar.

***

As autoridades carcerárias deram via livre a Jorge e à mesa da paz para buscar um caminho

entre os conflitos, a solução por meio de diálogos e a participação de todos. Não foi fácil, e em

poucos dias desejou mandar tudo ao diabo, porque uns pediam uma coisa, outros pediam o

contrário. Eram horas de negociações infrutíferas para tomar uma simples medida como a de não

atacar os jovens recém-chegados. Os planos de Jorge eram ambiciosos e os diretores do presídio

já haviam percebido que estavam diante de um líder positivo, que poderia mudar a cara de uma

situação extremamente vergonhosa, como era o atraso e as condições de mil presos no país.

No dia seguinte da visita de Belén, soube por um guarda amigo que ela tinha sido submetida a

uma revista especial, como se fosse suspeita de entrar com droga no presídio. Um dos guardas a

viu na fila, e suspeitou de Belén pelas investigações realizada, quando um grupo de três guardas

foi removido de seus postos. Jorge quis telefonar para ela e recrimina-la por não ter dito nada

para ele, mas decidiu não fazer. Precisava encher-se de razões para enfrentar o final.

Continuou fumando, ter o cigarro na mão o relaxava e lhe dava poder sobre alguma coisa.

Sonhava com ela, recriava nas lembranças cada visita, tudo que haviam vivido nesse dia. O tempo

passado ao seu lado tinha sido tão curto, três meses que se foram como um suspiro, encurralados

por uma investigação e uma sentença pendendo sobre sua cabeça. Faltava uma semana para o

início do julgamento e seu advogado não lhe dava muitas esperanças.

Recebeu a visita de Belén em mais três ocasiões, sempre com a mesma ânsia devoradora.

Percebeu que ela estava mais magra, com olheiras, ele não estava muito melhor. Depois dessas

visitas, imaginava que poderiam levar uma relação, talvez casar-se, como outros presos que haviam

dado o “eu aceito” entre essas paredes em ruínas. Permitia a si mesmo esses sonhos, mas depois a

realidade e seus escrúpulos se impunham. Se fosse condenado, o que era mais provável, seria uma

sentença de no mínimo trinta anos, e mesmo já tendo cumprido quase quatro, ainda restavam vinte

e seis, com trabalhos e estudos poderia diminuir a pena para quinze anos.

Seria capaz de

submeter Belén a semelhante calvário? Ele a amava demais para lhe dar tamanho sofrimento. Via

o tédio de muitas mulheres que, cansadas, desistiam de suportar uma relação assim. No começo,

tudo era perfeito, como uma lua de mel, mas quando decorrem oito ou dez anos e ela quisesse

filhos, ele não permitiria que um filho seu o conhecesse nessas circunstâncias, mas depois vinha essa

terrível fome e anseio por ela, e sua veia possessiva lhe dizia que não importava, que não

deixaria que ela fosse embora.

***

A decisão veio da mão de uma visita inesperada. Um dia, um guarda foi buscar Jorge na

biblioteca, para perguntar se ele receberia uma visita que desejava falar com ele. Ele não se

negou.

Entrou no salão onde havia cadeiras e mesas, e um guarda em frente à porta. Um homem alto,

por volta de sessenta anos, estava em pé de costas para ele, lendo o conteúdo de um quadro que

estava pendurado na parede sobre regras de convivência. Um guarda colocou as algemas em

Jorge. O homem se virou para vê-lo tão logo percebeu sua presença. A única

coisa que ele tinha

parecido com Belén era a cor do cabelo e os olhos, em um olhar que destilava frieza.

—Boa tarde —saudou Jorge.

O homem devolveu a saudação em um gesto brusco e indicou que se sentasse. Jorge se dispôs a

receber uma explosão de Calixto García, que com o olhar duro se manteve em silêncio,

observando-o. percebeu que o homem buscava as palavras certas para fazê-lo desistir de sua

relação com Belén.

—Imagino que já saiba o porquê de eu estar aqui.

Jorge podia responde-lo com algum sarcasmo, mas desistiu de seu propósito.

—Sim.

—Você sabe que tipo de vida minha filha tinha antes de conhece-lo?

Jorge o observava sem demonstrar nada em sua expressão.

—Uma vida que a mantinha longe de tipos como você.

Em vista de Jorge permanecer em silêncio, o homem prosseguiu:

—Belén tem vinte e seis anos, e não vou permitir que sua existência role morro abaixo. O que

você pretende, Robles? Arrastá-la pela lama com você? Esmiucei seu caso, apenas um milagre do

céu permitirá recuperar sua liberdade, e não me interessa se o fez ou não, é

sua consciência, mas

preciso que você termine a brincadeira que tem com minha filha.

—Não é nenhuma brincadeira —Jorge falou a ponto de perder a paciência.

—Quer convertê-la na mulher de um preso? Submetê-la a tudo o que isso implica? Você jamais

poderá dar a ela o que ela merece, e não me refiro só a dinheiro, estou me referindo a tempo,

estabilidade, companhia, prestígio.

Jorge corou e se mexeu inquieto no assento.

—Você está acostumado a essa vida! Está há mais de três anos preso, minha filha está

acostumada com o melhor: melhor universidade, viagens, conviver com pessoas de seu nível social.

Você não tem consciência, porque vendeu a Belén que isso... —o homem abarcou com suas mãos

aquele espaço— ... é algo com que ela possa viver.

Jorge pode perceber o quão pouco aquele pai conhecia de sua filha, para falar dessa maneira.

A ira impregnava seu tom e Jorge nunca se sentiu tão humilhado em toda sua vida, nem quando o

acusaram do crime, nem quando teve que renunciar à vida que levava, tão diferente de tudo que

havia conhecido. Quis dizer ao home que era formado, que tinha sido fazendeiro, que também já

havia viajado, mas ao ver que estava algemado e naquele lugar, era como sua vida anterior não

tivesse existido.

—Sua filha é maior de idade, pode decidir o que quer fazer e não a subestime. Não estou lhe

vendendo nada, ela quer estar comigo.

Calixto lhe lançou um olhar depreciativo.

—Tenho certeza de que ela o quer! Minha filha sempre está do lado de pessoas sem redenção.

—Cuidado! —Jorge exclamou em um tom de voz que deixou o homem calado—. Você não me

conhece.

—O que você quer? Dinheiro?

Jorge guardou um frio silêncio e deixou que ele falasse, queria saber até onde ele chegaria.

—Tornar sua vida mais fácil neste lugar? Posso ajudar sua família...

—Não tenho interesse em nada que possa me oferecer! —Levantou-se da cadeira—. Isso é uma

estupidez. Guarda!

O guarda entrou e acompanhou Jorge até a saída.

—Pense nisso, Robles! Também posso tornar sua vida mais difícil.

Jorge levantou as mãos algemadas e lhe fez um gesto com o dedo do meio.

Deixou de lado nesse momento a conversa com o homem, concentrado como

estava no

julgamento e nas reuniões com seu advogado.

Em meados da semana seguinte, em uma fria e chuvosa manhã de Bogotá, começou o

julgamento.

## CAPÍTULO 21

Belén chegou na primeira hora da manhã na sala em que aconteceria a audiência. Fechou o

guarda-chuva quando entrou no tribunal. O dia chuvoso estava de acordo com seu ânimo. Estava

vestida com um tailleur azul escuro, o cabelo preso e maquiagem suave. Aproximou-se da recepção

e apresentou seu documento de identidade, ao fundo, viu a família Robles e, quando lhe deram o

passe de visitantes, se aproximou.

Ligia parecia ter envelhecido dez anos, Elizabeth estava tranquila e Miguel, tão estoico como

sempre. Abraçou cada um deles e, juntos, caminharam por um longo corredor até a sala de

audiência.

Quando entrou no lugar, ela o viu. Estava sentado perto de seu advogado, vestia terno e

gravata, e estava lindíssimo. Teve que fazer um esforço muito grande para não avançar e saudá-

lo com um forte abraço. Jorge, como se pressentisse sua presença, virou o rosto, que se iluminou

assim que a viu. Ela levantou a mão e mandou um beijo. Ele virou o olhar para frente.

Dali a poucos minutos chegou o promotor e um secretário deu as instruções sobre o

comportamento e decoro dentro da sala. Passou a indagar se os envolvidos no julgamento estavam

presentes e confirmou suas identidades. Um encarregado revisou o sistema de áudio e som, e então

anunciou o motivo pelo qual estavam reunidos, o número do processo e o nome do acusado. Depois

mencionou o nome do juiz que presidiria a audiência e pediu que todos ficassem de pé quando o

homem entrasse na sala.

Belén mal conseguiu comer alguma coisa. A angústia dela era patente por ver Jorge

enfrentando um dos momentos mais difíceis de sua vida. Foi invadida pela raiva, tristeza e

frustração. Elizabeth segurou sua mão, ao vê-la tão inquieta e a massageou ao percebê-la gelada.

Era tão injusto que por maquinações de outras pessoas, estivessem ali naquele dia.

—Bom dia —saudou o juiz e continuou—: Na cidade, hora e data que marcou o encarregado

da sala foi iniciado o começo da audiência. Por favor, identifique-se, senhor

promotor.

—Bom dia, senhor juiz, meu nome é Arcadio Mendoza, funcionário da quadragésima oitava

promotoria, com inscrição devidamente registrada no Tribunal.

—E a pessoa que o acompanha?

—Advogada Mirta Barros, representante da família das vítimas.

—Pela defesa, quem comparece?

—Advogado Rafael Sinisterra, senhor juiz, com registro profissional e escritório devidamente

registrado neste Tribunal.

—A pessoa que está ao seu lado, é o imputado?

—Ele mesmo, senhor juiz.

—Senhor, diga no microfone seu nome completo.

Jorge aproximou sua boca ao microfone.

—Jorge Robles Díaz.

—É de sua vontade que o advogado que está ao seu lado seja seu defensor?

—Sim, senhor juiz.

—O senhor foi informado de seus direitos, previamente, a esta audiência?

—Sim, senhor juiz.

O juiz concedeu a vez à promotoria para que apresentasse sua teoria sobre o caso. Arcadio

Mendoza expôs primeiro uma tese dos fatos investigados, citando uma série de artigos.

—Na noite de treze de setembro de 2002, o acusado Jorge Robles Díaz, aqui presente, estava

em um bar de nome *El Gato Montés*, no povoado de *San Antonio de Padua*, quando às dez da noite

deste dia, teve um desentendimento com Rogelio Antonio Martínez Mercado e Virgilio Angarita

Pérez, de vinte e cinco e vinte e seis anos, respectivamente. O incidente começou depois de uma

hora e meia de estarem reunidos, acusado e vítimas, no bar. Jorge, visivelmente alcoolizado,

segundo testemunhas, partiu para cima de Rogelio Martinéz, por este alegar que o senhor Santiago

Robles, pai do acusado, havia realizado negócios duvidosos com Orlando Ruiz e que sua morte era

merecida, pois havia roubado dinheiro do projeto. Isto teria desatado a ira do acusado, que se

levantou da cadeira e deu um soco no rosto da vítima. O senhor Virgilio se aproximou por trás

para defende-lo, mas o acusado também o golpeou. Ele os ameaçou de morte, com várias

testemunhas sobre o fato. Saíram imediatamente do bar, depois do senhor Robles acertar com o

proprietário que pagaria pelos danos causados.

“Em poucos minutos, os homens saíram do local, seguidos por Robles, que

em estado de

embriaguez, subiu em sua camionete e, segundo a testemunha Joaquim Contreras, pegou o rumo de

*Los Altos de La Loma*, lugar onde apareceram os dois corpos. Os cadáveres de Rogelio Antonio

Martínez Mercado e Virgilio Angarita Pérez foram encontrados no dia seguinte, por Mateo Sierra,

domiciliado nesta cidade. Tenho certeza de que com as provas apresentadas ao final da instrução

deste julgamento, chegaremos à conclusão da responsabilidade de Jorge Robles Díaz, requerendo

como consequência sentença de condenação pela autoria do delito de Homicídio Qualificado,

conforme a acusação apresentada.

Relatou fatos que nem mesmo Jorge se lembrava, que o olhava com o rosto carente de

expressão. Belén notava a tensão que emanava dele e desejou aproximar-se para confortá-lo de

alguma maneira, mas a única coisa que podia fazer era rezar. Ia acabar com todas as orações

conhecidas e por conhecer, prometendo coisas a Deus que nem mesmo possuía, assim era o seu

desespero à medida que o dia passava. Sua família se remexia inquieta diante de cada palavra

dita: “assassinato a sangue frio”, “arma”, “fatos violentos”, “assassino”. Em um certo momento, viu

que Miguel tremia de raiva.

À medida que avançava o julgamento, Jorge quis fechar os olhos, precisava sair dali. Acreditou

que isso não faria diferença, porque a pessoa da qual falavam não era ele, e se sentia humilhado

por sua família, e agora Belén, escutassem esses fatos que o cobriam de vergonha.

O juiz deu um recesso de quinze minutos. Ele voltou seu rosto para ver sua família e ela,

precisava de seu olhar, daquele que diria que acreditava nele ou em todas as mentiras que esse

promotor de merda estava inventando. Ela o presenteou com um sorriso e, em seus olhos, viu que

era um homem profundamente amado.

De sua parte, quando coube à defesa, Sinisterra alegou que iria provar que o assassinato

desses camponeses era alheio ao seu cliente Jorge Robles, mas que estavam relacionados com o

ocorrido à sua família, meses antes, quando seu pai tinha sido assassinado e a mudança forçada

para a cidade por obra do paramilitar Orlando Ruiz. Provaria que à hora em que os assassinatos

foram cometidos, seu cliente estava chegando na fazenda *El Álamo*, onde residia. Mostrou que por

meio das testemunhas arroladas pela defesa iria demonstrar que seu cliente não estava no local

do ilícito, que estabeleceria quão distante estava o processo da verdade dos fatos, dada sua

impossibilidade de estar em dois lugares ao mesmo tempo, por não ter o dom da onipresença.

Na sequência, as partes mencionaram as provas que seriam apresentadas durante o

desenvolver do julgamento, acordado entre a promotoria e a defesa fazer valer onze disposições

relativas à: relatório do início da investigação, as imagens fotográficas da cena do crime, o exame

cadavérico das vítimas, esboços fotográficos, inspeções judiciais nos processos 7000160010 e

7071360010, a plena identificação do acusado, seus antecedentes penais, protocolo de autópsia

das vítimas, álbum fotográfico do exame de balística, algumas testemunhas solicitadas pelas partes

intervenientes em diligência de audiência preliminar, e juntando-se igualmente ao processo algumas

evidências probatórias, entre elas o relógio Rolex do acusado.

O juiz deu por concluída a jornada, intimando novamente as partes para primeiro de setembro

do corrente ano. Dali a um mês.

Jorge presenteou sua família com uma expressão de aparente tranquilidade quando o

algemaram. Ligia e Miguel se aproximaram um momento e permitiram que eles o abraçassem.

Belén ficou atrás, e quando ele olhou para ela, uma nuvem de angústia nublou seu semblante. Ela,

mesmo com o coração destroçado e ainda que estivesse morrendo por dentro, deu-lhe um sorriso.

—Amo você, não se esqueça disso —falou para ele quando se aproximou para abraça-lo.

Ele lhe deu um beijo profundo, desesperado, mas não lhe disse nada, apenas olhou para ela, e

continuou olhando até que o guarda o levou.

—Vão condená-lo! —exclamou Ligia antes de soltar um forte soluço e colocar o rosto contra a

parede—. Malditos sejam todos os Ruiz!

Elizabeth secava as lágrimas. Miguel olhava para ela, impotente, pedindo-lhe com os olhos que

ela o ajudasse de alguma forma, mas o que ela queria era chorar e uivar por esta terrível

situação. Obrigou-se a ser forte para dar consolo às duas mulheres.

***

No domingo, antes da segunda audiência do julgamento, eles conversavam abraçados no catre,

depois de terem feito amor. Ela estava recostada em seu peito e acariciava seu braço. Ele falava

com ela sobre sua cabeça, cheirou seu cabelo e, com seu dedo, desenhava imagens em seu

abdômen.

—Preciso que você esteja preparada para quando me declararem culpado. Quero, bem... não

quero, preciso que você aceite.

Ela levantou a vista e apoiou o queixo em seu peito.

—Seremos uma família diferente. Faremos as coisas de diversas maneiras. Não vou deixar que

essas estúpidas grades roubem nossa felicidade, mas eu não posso fazer isso sozinha. Você está

comigo, minha vida?

Jorge ficou tenso por um momento. Não havia lhe dito que já sabia das revistas as quais ela era

submetida, porque tinha sido mais de uma, nem mencionar a visita do pai dela. A vida havia lhe

dado um presente maravilhoso e não queria devolvê-lo.

—Meu amor, eu quero estar com você, mas estaremos longe de sermos a família que você

deseja. Estou em uma puta de uma prisão, Belén, preso, lutando a cada dia para que não me

apunhalem, não ficar doente e exposto a muita violência. Lamento não poder lhe oferecer algo

diferentes, porque você merece o melhor do melhor.

—Jorge, eu conheci você nessas condições, eu me apaixonei por você sabendo que isso poderia

acontecer. Ambos entramos nisso com os olhos bem abertos.

—Com a esperança de que as coisas pudessem ficar a meu favor.

—Mas não foi assim, e você mesmo me disse que acabamos nos acostumando a tudo.

—Nisto não, Belén. Isso nos leva a vida —ele disse, contundente.

—E então? Você quer me deixar ir embora? Voltaremos a este assunto?

Ele se levantou bruscamente e olhou para ela com raiva.

—Não me pressione!

Ela se levantou como uma mola e começou a se vestir, nem ao menos era meio dia e nem haviam

provado o almoço que ela havia trazido. Ele a abraçou por trás e depois de uns segundos,

sussurrou contra seu cabelo, desesperado:

—Não vá embora. Preciso de você, Belén, preciso de você.

—Eu também preciso de você. Você é a única pessoa com quem quero estar. Eu adoro você.

Ela deu a volta e os lábios de Jorge buscaram os dela com avidez. Ela respondeu da mesma

maneira, acariciando seu cabelo, seu queixo. Ele mordeu o ombro dela e a deitou outra vez. O som

de uma canção chegou até eles e misturou-se aos seus suspiros e respirações:

♬ Tantos momentos de felicidad,

tanta claridad, tanta fantasía,

tanta pasión, tanta imaginación

y tanto dar amor hasta llegar el día,

tantas maneras de decir te amo,

no parece humano lo que tú me das[29]. ♬

Ele não perdeu tempo e depois de algumas carícias, levantou a perna de Belén e a penetrou.

Em meio aos vaivéns, ela se aferrou em suas costas e cravou-lhe as unhas.

♬ Cada deseo que tú me adivinas,

cada vez que ríes, rompes mi rutina

y la paciencia con la que me escuchas

y la convicción con la que siempre luchas.

Como me llenas, como me liberas.

Quiero estar contigo si vuelvo a nacer[30]. ♬

O coração de Jorge doeu ao ouvir a letra da canção. Ela beijou suas pálpebras, o nariz e, de

novo, a boca, em um rompante de ternura em meio à paixão que fez com que os olhos de Jorge

ficassem cheios de água, e fechou os olhos.

♬ Le pido a Dios que me alcance la vida

y me dé tiempo para regresar

aunque sea tan solo un poco

de lo mucho que me das,

le pido a Dios que me alcance la vida

para decirte todo lo que siento gracias a tu amor[31]. ♬

Alguém interrompeu a música, e no silêncio da cela só se escutavam os acordes dos dois, uma

melodia de suspiros, respirações e gemidos que falavam do profundo amor que sustentava suas

almas no ar em meio à desgraça. Ela se arqueou no momento de sua liberação, fazendo com ele

também gozasse, e acariciou a tatuagem do lobo com muita ternura, enquanto tratava de

normalizar sua respiração.

—Poderemos fazer isso, temos que ter fé.

Jorge pensou que, neste momento, sua fé passava por uma tremenda crise, mas não disse nada

e se limitou a abraça-la.

***

Na terça-feira da semana seguinte aconteceu a segunda audiência. Assim como Belén, Ligia e

Elizabeth guardavam a esperança de que alguma coisa fosse aparecer para que a sentença fosse

a favor de Jorge. Ela se lembraria de tudo isso como uma névoa, um sonho distante que não tinha

a ver com eles dois.

Cada uma das partes apresentou suas testemunhas, cada prova e cada

documento. Viu Jorge

negar com a cabeça, várias vezes, quando apareceu o relógio como prova. Quando ele passou a

depor, a promotoria lhe fez várias perguntas capciosas, até o ponto de o juiz chamar a atenção

do promotor. Belén nunca havia odiado ninguém, mas neste dia, Arcadio Mendoza se converteu na

primeira vítima de seu ódio. Jorge permaneceu imperturbável, com uma armadura que ninguém

poderia atravessar.

Contou os fatos como se lembrava e reiterou a hora de sua chegada à fazenda. O promotor

perguntou como, se ele estava tão bêbado, poderia saber a hora com exatidão. Não havia

testemunhas que confirmassem suas afirmações. Jorge respondeu que ao chegar ao seu quarto, viu

a hora no relógio digital. Belén pensou que em alguns momentos Jorge fosse perder a paciência,

mas ele se conteve. Quando terminou seu interrogatório, o juiz deu uma pausa de quinze minutos

antes de começarem as alegações.

Saíram para o corredor, fazia um frio terrível. Miguel procurou uma cafeteria e trouxe café

para todos. Belén conseguiu beber apenas um gole. Depois entraram na sala e começaram as

alegações finais das partes.

O odiado promotor informou que, para a Promotoria, não restava nenhuma dúvida da

responsabilidade do réu Jorge Robles, nos fatos ocorridos no dia 13 de setembro de 2002, no *Alto*

*de la Loma*, província de *San Antonio de Padua*, ante as evidências das autópsias, o laudo do

exame de balística e a presença das impressões digitais na arma. A lei determinava que para

emitir a sentença de condenação, muito além de toda a dúvida razoável — conforme determinavam

os artigos 7º e 381 do Código de Processo Penal, os eventos descritos se moldavam ao tipo penal

como delito—, a responsabilidade do acusado juntamente com os meios probatórios legalmente

trazidos a julgamento, permitiam embasar a decisão de uma sentença condenatória.

Belén se sentiu enjoada, de imediato o ambiente da sala ficou espesso. Saiu, caminhou pelo

corredor, e quando esteve mais tranquila, voltou ao julgamento.

O advogado de defesa afirmou que, ao contrário do solicitado pelo colega que o antecedeu,

efetivamente competia ao Estado diminuir a presunção de inocência de seu cliente, de tal maneira

que a Promotoria Geral da Nação não tinha conseguido atingir essa tarefa. Que deveria ser

observado, por meio dos testemunhos apresentados pela Promotoria, como ela pretendia

demonstrar ao juiz, induzindo-o a uma convicção errada de que o senhor Jorge Robles Díaz

participou como autor no crime de Homicídio Qualificado. O advogado aludiu ao fato de não

deixarem vincular Orlando Ruiz e José Zambrano como os autores intelectuais do crime, insistindo

que seu cliente foi envolvido em uma trama muito bem executada e que desde o oferecimento da

denúncia, seus direitos tinham sido violados. Manifestou que com afirmações não se podia condenar

um cidadão colombiano, e que, ao contrário do que disse o senhor promotor, não ficou

demonstrada a participação do acusado nos fatos investigados. Que no máximo poderia ser dito

que existia indícios de uma prova, mas que esta prova tinha que ser comparada com os outros

meios probatórios adicionais para que vinculassem o senhor Jorge Robles Díaz com o local onde os

crimes foram cometidos.

Finalmente, o juiz deu seu veredicto: declarou Jorge Robles culpado pelo duplo homicídio

qualificado e fixou a data para prolatar a sentença em 02 de outubro do corrente ano.

Jorge ficou pálido e fechou os olhos por um momento. Quando voltou a abri-

los, com as algemas

em seus pulsos, parecia que um muro de ferro havia se erguido diante dele. Ligia se aproximou e

ao ver o sofrimento de sua mãe, esteve a ponto de desmoronar, mas não podia, não diante deles.

A mulher soluçava abraçada a ele, até que Miguel a retirou. Belén respirou fundo em busca de

oxigênio e ao abraçou, tentando conter o choro, mas não teve êxito. Vê-la nessa posição tão

desamparada provocou-lhe um buraco no estômago. Como a amava.

—Não chore mais, lembre-se do que conversamos.

Ela fez um gesto afirmativo, mas parecia que não conseguia controlara seu tremor. Quando se

separaram, aproximou-se Elizabeth chorando, que também o abraçou e o abençoou.

—Preciso que vocês sejam fortes —expressou Jorge, mostrando uma fortaleza que não possuía

—. Somos uma família de lutadores, sairemos dessa.

A polícia o levou.

Cada um deles tinha guardado a esperança de que alguma coisa acontecesse que fizesse com

que Jorge ficasse livre, cada um à sua maneira havia se agarrado a esta brisa de ilusão que

assalta antes de um triste sucesso e que já não veriam chegar. Mas o maior temor da família e de

Jorge tinha se tornado realidade. Tinham prolatado uma sentença de condenação a um homem

inocente.

Belén chegou à sua casa depois de compartilhar tristezas na casa dos Robles. Fechou a porta de

seu apartamento, dobrou-se em dois e caiu sentada no chão, onde soltou um pranto dolorido e

profundo. Tinha visto condenarem o amor de sua vida e não sabia por quantos anos de prisão.

Sentia como se um punhal tivesse aberto uma ferida que supurava uma dor física e única. Soluçava

tão forte que parecia que não podia respirar.

Depois de um tempo se levantou e foi para o quarto, com a roupa que estava deitou em sua

cama, uma náusea a dominou. Sentou-se outra vez e ali ficou admirando a distância até que a

escuridão caiu sobre ela.

***

Jorge chegou à penitenciária e já no pátio sabiam o que havia lhe acontecido. Não falou com

ninguém, Edgar e Moisés ficaram de vigília na porta de sua cela.

—Deixe-nos entrar —pediu Moisés—. Não é bom ficar sozinho.

—Sinto muito, irmão —acrescentou Edgar.

—Quero ficar sozinho —bramou Jorge, barrando-os na porta.

—Tenho uma garrafa de conhaque —Moisés tentou animá-lo.

—E posso conseguir mais se o que você quiser for ficar bem bêbado — acrescentou Edgar.

—Quero ficar sozinho!

—Não é bom.

—Agora! Não vou fazer nenhuma estupidez, traga-me a garrafa, mas beberei sozinho.

—Cortesia da casa —Moisés falou, passando o conhaque embrulhado em um saco de papel.

Com o saco na mão, trancou-se na cela. Abriu-a com rapidez e bebeu um grande gole direto da

garrafa, fechando-a e deixando-a em cima da cama. Afrouxou a gravata de maus modos e tirou

o casaco.

—Maldição! —exclamou, furioso, e com ambas as mãos no rosto soltou um forte soluço.

Tinha que se acostumar com a ideia de passar quem sabe quantos anos naquele maldito lugar.

Bateu nas paredes com raiva. Empurrou os livros e tudo que havia na mesa, levou até televisão

pela frente. Queria destruir alguma coisa. Sentiu que estava a ponto de estourar por culpa da

profunda dor, como se seu coração fosse explodir sob uma imensa pressão.

Encolheu-se no chão e chorou por um bom tempo.

Sua vida acabava de terminar, ainda que sua família e Belén dissessem outra coisa, já cheirava

a morto em vida, teria que se acostumar, mas amaldiçoado fosse se deixasse Belén se contaminar

com seu fedor.

## CAPÍTULO 22

Na terça-feira da semana seguinte, telefonou para Belén e pediu uma informação que precisava

com urgência para discutir um assunto na mesa de paz. Era apenas um pretexto para fazê-la ir à

penitenciária durante a semana. Tinha certeza de que se passasse outro domingo ao seu lado, não

a deixaria ir embora. Ela disse que no dia seguinte teria a informação, ele marcou com ela na

quinta-feira.

“Maldita a hora em que coloquei os meus olhos nela!”, lamentava-se, amargurado, enquanto

esperava a hora da visita.

—Você parece uma fera enjaulada —afirmou Moisés ao vê-lo andar de um lado ao outro da

cela, com expressão desesperada.

—Não tenho nada! —replicou, furioso, com vontade de socar a parede.

“Não, meu amor, nosso amor não foi maldito. Perdoe-me, porque foi o melhor momento da minha

vida!”

—Como não, você não deixou de olhar o relógio —Moisés olhava para ele com curiosidade.

Caminhou até a grade para ver se chegava o guarda com a permissão de sair para a sala de

reunião. Tinha pensado no que diria para ela, rogava a Deus que não precisasse chegar ao limite,

conhecendo-a, seria difícil ainda mais quando seu olhar só irradiava amor. Olhou para cima, podia

ver um pedaço do céu, uma nuvem cinza tinha escurecido a tarde. Dentro de instantes cairia um

aguaceiro.

Tinha pensado em tudo, menos que teria que imaginar uma forma de suportar sua ausência. Um

nó cada vez mais forte se formava em seu estômago, à medida que as horas passavam. Quando o

guarda o chamou, começou a suar frio. Caminhou ao lado do homem como se estivesse sendo

levado ao paredão, e assim acontecia. Ele sabia que parte de sua alma morreria esta tarde.

Belén caminhava de um lado para o outro, esperando ansiosa a hora de vê-lo. Quando abriram

a porta e ele entrou, correu ao seu encontro com um sorriso no rosto. Apesar de levar noites sem

dormir, tinha colocado uma maquiagem para disfarçar as olheiras. Em seguida, percebeu algo

estranho e um perverso tremor agarrou sua garganta. Jorge a olhou para ela escrutinando a sala,

que era a mesma onde meses atrás havia recebido a visita de Calixto García.

O guarda os deixou a sós, permanecendo de pé do outro lado da porta. Desta vez, Jorge

estava sem algemas, porque a visita não havia solicitado. Quando a abraçou, o temor se dissolveu.

Ele a afastou um momento, escrutinou seu rosto e se apropriou de sua boca. Beijou-a com um

silencioso desespero que esteve ausente no domingo anterior à condenação.

—Está tudo bem? —Belén notou que ele estava pálido, com olheiras, como se tivesse emagrecido

em poucos dias.

Ele pegou a mão dela e a convidou a sentar. Belén estava com um coque solto.

—Você teve problema para entrar?

—Não —o guarda a deixou passar sem maiores problemas.

Ficou olhando para ela uns segundos.

—Solte seu cabelo.

Belén, curiosa pelo humor de Jorge, que não conseguia desvendar, fez o que ele pediu.

Ele a olhou com o mesmo brilho de cobiça e acariciou seu cabelo, como se estivesse acariciando

uma coisa muito preciosa.

—Tem certeza de que está tudo bem? —insistiu.

—Não está vendo? Estou bem.

—Não. Parece que você perdeu peso desde domingo.

—Em troca, você está mais apetitosa, ainda magra, mas tem alguma coisa, uma luminosidade

que eu ainda não tinha visto em você.

—Esta adulação está muito melhor que dias atrás.

Sorriu para ele com ternura e Jorge desejou morrer. Ela passou a pasta com a informação que

ele havia pedido, ele a abriu na primeira página, mas a fechou de imediato. Aferrou suas mãos

com força, olhando para elas fixamente. O simples fato de tocá-la, de sentir sua pele suave sob a

sua palma, fazia com que o nó se aliviasse em alguma coisa, ela transmitia algo especial. Olhou

para ela por um bom tempo com a alma e com o coração entesourou esse instante juntamente com

os demais. Soltou suas mãos.

Belén capitava vibrações contraditórias no ambiente. Via nele a apaixonada necessidade que

tinha por ela. Mesmo assim, ele se controlava, não sabia o porquê, mas vacilava e, de repente,

percebia que precisava tocá-la outra vez. Alguma expressão deixava a porta aberta e logo

voltava a fechar.

—Belén —pigarreou, incômodo, pegando outra vez em sua mão, desta vez de forma suave—.

Não voltará a me visitar.

Outra vez o nó de temor a apertava.

—Por quê? Tem algum problema?

Pressentiu algo horrível, soltou de seu agarre como se queimasse.

—Não tem problema nenhum. Vou tirá-la da minha lista de visitas.

Belén sentiu como se tivesse recebido um enorme murro e tivesse ficado atordoada.

—Ficou maluco? Por que você vai fazer isso?

—Amor...

—Não me chame de amor —disse, de repente, furiosa.

—Aqui não é o seu lugar, esta vida não é, nem de longe, para uma mulher como você.

Belén ficou pálida, sentiu a bílis amarga subindo por sua garganta, mas se conteve, falou saliva

e de repente teve sede.

—Uma mulher como eu... —sussurrou—. De que diabos você está falando?

Ele estava terminando tudo com ela, mas ainda não compreendia tudo. Um soluço deu passagem

a um caudal de lágrimas e ele segurou sua mão novamente.

—Não! —exclamou, soltando-se de imediato, e ele desejou morrer outra vez ao vê-la assim.

—Sei o que vai acontecer daqui uns tempos! Essa vida tem seus efeitos. Volte para os seus e me

esqueça.

O guarda lançava olhares curiosos para eles.

Jorge se levantou da cadeira e se afastou uns passos da mesa. Precisava ficar distante.

—Confiei em você, maldição! —ela exclamou—. Apesar de tudo que estava ao seu redor, eu

confiei em você.

Olhos para os olhos de Jorge e viu tanta determinação neles que chegou a se assustar.

—Não diga mais nada! Você não voltará a me visitar e esta é minha última palavra! —ele

suavizou o tom—. Não poderá me ver, se eu não desejar fazê-lo.

Belén se levantou como se a cadeira tivesse tachinhas e se afastou para trás sem deixar de

olhar para ele, chocada. Não estava errada em suas intuições, Jorge tinha uma veia de dureza

que sempre havia percebido, mas que nunca havia mostrado com ela. Hoje, estava em todo seu

esplendor, tinha que fazê-lo desistir de alguma maneira.

—Minha vida...

Sentiu que ele ficou ainda mais tenso.

—Não.

Sua voz tinha uma evidente dignidade, e ela ficou calada uns segundos, seu tom de voz tinha

sido suficientemente poderoso para rasgar sua alma, como se de um tecido se tratasse. Limpou as

lagrimas e voltou a se aproximar, mas ele deu um passo para trás.

—Desde o primeiro momento, você se converteu em um acontecimento descontrolado. Esse amor

não diminuiu meus medos, nem avaliou minha vida, nem meus valores. Você também não se freou —

ela concluiu, com censura. “Foi um amor não previsto”, pensou, “como as travessuras que o destino

apronta”.

Jorge se sentiu envergonhado, sua expressão mudou para uma feição de terror, quando Belén

se aproximou com as mãos em forma de prece.

—Não me afaste, minha vida, por favor, eu imploro. Não termine isso, nós vamos lamentar para

sempre. Vamos nos dar uma oportunidade, muitos fazem isso —insistiu, com um fio de voz—. Por

que nós não conseguiremos? Somos fortes e estamos apaixonados.

—Não! —uivou Jorge, descompensado. Sentia como se estivessem partindo seu peito, tinha

certeza de que era a mesma sensação de quem sofria um ataque cardíaco.

—Olhe para as minhas mãos, minha vida, meu pedido —Belén buscava atrás dessa armadura

com que Jorge a destruía sem parar—. Por favor.

—Vá embora, Belén! Não pode tronar as coisas um pouco mais fáceis?

—Não! —ela vociferou.

Ela se virou e cobriu o rosto com ambas as mãos. Jorge só quis uivar de dor, ajoelhar diante

dela e lhe pedir perdão mil vezes até conseguir, mas sua determinação e seu amor foram mais

fortes que seu egoísmo.

Quando Belén conseguiu algum controle, levantou o olhar e o atravessou com sua expressão.

—Sei que aconteça o que acontecer você não mudará de opinião. Por que você pediu o número

do meu telefone? Por que me procurou? Por que se meteu comigo se havia uma possibilidade disso

vir a acontecer?

Jorge baixou a cabeça. Precisava se afastar para sempre, não queria feri-la ainda mais, mas

ela o levava ao limite.

—Olhe-se no espelho! —ele exclamou—. Queria ir para a cama com você!

Quis chorar quando a viu ficar pálida. Belén continuou negando com a cabeça e ele deu a

estocada final.

—Você foi o meu prêmio pelos anos de reclusão! Conquistei você, me dei ao gosto disso. Chega!

Já é suficiente.

—Foi apenas sexo?

Ele foi incapaz de responder.

—Estou vendo.

— *Paloma*...

—Nada de *paloma*! Fui sua puta, foi isso que aconteceu! —soluçou novamente.

—Não quis...

Belén caminhou até a porta e começou a tremer. Olhou suas mãos e as levou ao rosto, que

estava vermelho e inchado de tanto chorar.

—Em cada discussão que tivemos, sempre esteve presente seu desejo de que eu o odiasse. Você

conseguiu, mas não por me considerar uma puta, não, porque eu sei o que isso significou para

você. Odeio você porque você acaba de renunciar ao nosso amor como se não tivesse existido e

em mim já não existe um pedaço de dignidade. Está contente? Era isso que você queria?

Pôs a mão na maçaneta da porta. Ele a olhou, derrotado.

—Teve sucesso. Adeus, Jorge Robles.

Belén não soube como encontrou a saída. Desorientada e perplexa, recuperou seus papéis ante

os olhares dos guardas, que perguntavam se ela estava bem. Não queria desmoronar na frente

deles, sentia como se alguém tivesse torcido seu coração até que ele explodisse. Já na rua,

caminhou debaixo de chuva não se importando em ficar ensopada em menos de um minuto. As

lágrimas se misturaram com as gotas de chuva. Ao chegar na rua onde pegaria um táxi, uma

camionete conhecida freou ao seu lado. Miguel desceu do carro.

—Belén! Por Deus!

Tirou seu casaco, cobrindo-lhe com ele e a levou até o carro. Belén não disse nada quando

Miguel a abraçou, dando-lhe consolo.

—O que você está fazendo aqui? Veio vê-lo? —sussurrou.

Miguel negou com a cabeça, impressionado com o estado em que ela se encontrava, com os

olhos inchados e vermelhos.

—Ele me pediu que não deixasse você sozinha.

Belén acirrou o pranto e Miguel não gostou de vê-la dessa maneira. Quis pegar seu irmão e

esmurra-lo por mais preso que ele estivesse. Ainda que soubesse quanto

havia lhe custado esta

decisão. Ele precisava dela ali, seu amor, suas visitas, suas carícias, mas também havia o outro lado

da moeda, o preço da espera, o desencanto. Miguel não sabia se em circunstâncias parecidas

teria tido a coragem de agir assim. Não sabia que se pudesse chorar dessa maneira, bem, isso

não era verdade, porque se lembrou de sua mãe e de Olivia na noite em que tudo terminou.

—Ele me tirou de sua vida.

Não sabia o que fazer para acalmá-la.

—Vamos, se acalme, pode acontecer alguma coisa com você.

Tirou uma garrafa de água de dentro do porta-luvas, abriu a tampa e ofereceu a ela. Ela

bebeu um gole pequeno.

—Posso entendê-lo, Miguel, mas jamais poderei perdoá-lo. A maneira como ele fez isso —negou

com a cabeça várias vezes—. Poderia ter feito melhor.

Miguel não queria saber dos detalhes. Propôs leva-la até sua mãe e sua tia Elizabeth, mas ela

se negou. Nesses momentos, odiava Olivia Ruiz com toda sua alma, vendo essa massa de concreto

em que se passavam os dias de seu irmão, um lugar maligno saído de um pesadelo e o coração

destroçado da mulher que ele amava. Belén pediu que ele a deixasse em seu apartamento. Miguel

escutava seus soluços enquanto dirigia pelo trânsito da cidade.

O punho apertado no coração de Belén não afrouxava e ela queira morrer. Quando chegaram

à sua casa, havia recuperado um pouco da compostura.

—Deixa que eu vou fazer companhia a você por um tempo —disse, solícito.

—Não será necessário, Miguel, eu estarei bem.

Ele não acreditava nela, e mentalmente tomou nota de chamar Antonia assim que pudesse.

—Não tenho nada melhor a fazer.

Ela negou com a cabeça.

—Entendo o que aconteceu e devo começar a me acostumar a viver com isso, não se preocupe

—sua voz era cortada—. Preciso ficar sozinha.

—Posso telefonar apara você?

—Claro.

—Então, eu telefono.

Belén chegou ao apartamento e assim que atravessou a soleira da porta, um forte enjoo tomou

conta dela. No banheiro, vomitou restos do almoço, depois, como uma autômata, tomou um longo

banho e envolvida em um roupão espesso, com uma nuvem de tristeza

pairando sobre ela, mas sem

chorar, permaneceu com os olhos abertos e secos toda a noite.

***

Jorge chegou descomposto no pátio e alguém o provocou em seguida com um comentário

maldoso sobre a mesa de paz. Era um dos presos que não queria que as coisas mudassem, porque

lucrava com a quantidade de viciados que havia no pátio. Comentários como esses, ele escutava a

toda hora, mas esta tarde foi diferente. Nesta tarde havia perdido algo muito importante e essas

palavras sem sentido foram o fósforo que acendeu o pavio. Queria morrer, porque não havia

maneira de viver com esta dor.

Meteu-se em uma briga que o levou ao isolamento por três dias. Sentado no chão frio da cela,

tocou o lábio cortado e o olho direito que mal conseguia abrir. Tinha sido uma briga boa, com uma

adrenalina que ainda corria pelo seu corpo, não lamentava. Fechou os olhos para se acalmar e

refletir, sempre tinha sido um homem contido, sempre, mas a fenda em sua alma ainda estava em

carne viva e se enfurecia pelo que havia acontecido com Belén. Estava atormentado por não ter

conseguido falar com seu irmão, e não sabia se ela a havia encontrado depois

que terminou a

maldita visita. Seu peito rasgava ao se lembrar do pranto dela, o pedido em suas mãos e suas

palavras.

Permitiu a si mesmo sentir a avalanche dos acontecimentos. O que teria sido deste amor se a

tivesse conhecido em outras circunstâncias? Continuaria pensando que era a mulher de sua vida?

Sim, ela era a mulher de sua vida, esse amor atormentado tinha invadido sua absurda e irracional

vida, tinha grudado nas paredes e nas fodidas grades da prisão, para dar seu ar de sentença.

Ainda assim, via mal a maneira com que pôs fim à relação, mas tinha feito por ela, que merecia

uma vida plena, e por ele também que enfrentava a sobrevivência do dia a dia em um dos

lugares mais perigosos do país. Colocaria todo seu empenho na mesa de paz, teria muitos anos

pela frente para fazê-lo, não tinha ilusões.

***

Belén, cansada de chorar e vomitar por uma semana, decidiu que iria ao médico naquela tarde.

Acabava de se lembrar que tinha um atraso de três semanas, e foi este detalhe que a tirou do

fundo do poço do pesar. Antonia passava as noites com ela, e ficava com a

alma partida ao ouvi-

la chorar na madrugada. Fazia com que ela comesse alguma coisa, antes de ir para o trabalho, e

com um olhar suspeito, fez com que ela marcasse uma consulta médica. Seu respeito por Jorge

aumentou diante dos acontecimentos, estava de acordo com sua decisão.

—A desilusão não alimenta, Belén, é melhor colocar parar na mão de um médico —tinha lhe dito

esta manhã—. Quer que eu vá com você?

Ela revirou os olhos.

—Ficarei bem, não se preocupe.

—Hoje é quarta-feira.

—Eu sei.

—Você tem que dar a cara para a família, porque eles vão começar a pensar besteiras.

Antonia colocou o bule de café perto dela e uma náusea subiu por sua garganta.

—O que houve? Você ficou verde.

—Nada.

Antonia se limitou a olha-la nos olhos.

—Quanto mais rápido você confirmar, melhor.

—O que você quer dizer com isso?

—Você já sabe.

Não respondeu nada para sua irmã e saiu, logo depois, para trabalhar.

Três semanas haviam se passado desde que Jorge terminou tudo com ela. Nessa manhã, quando

se levantou e entrou no banheiro, ao abrir uma gaveta viu um pacote de absorventes sem abrir,

percebeu que este mês não tinha vindo seu período. Quando foi visitar Jorge na prisão, naquela

amarga tarde, já tinha poucos dias de atraso. Tinha os seios sensíveis e uma sensação na parte

baixa do ventre e pensou que seu período não tinha vindo por puro estresse.

Seria possível? Seu coração pulou de alegria apesar de estar atravessando as primeiras fases

do luto. Tinha consciência de que uma desilusão desse tamanho não seria facilmente superada em

pouco tempo ou para ser mais sincera consigo mesma: Jorge Robles não seria jamais superado.

Nas noites, pouco dormia, mas de dia ficava sonolenta em qualquer lugar. Não estava rendendo no

trabalho como deveria, era uma coisa estranha à sua maneira de ser, ela era trabalho e

realização de resultados.

Com toda a dor de sua alma tinha sido categórica com os Robles, porque estar perto deles seria

uma tentação muito grande para cair em um espiral insano que não faria bem

a nenhum dos dois.

No dia anterior tinha pedido a Miguel que não a procurasse mais, e o fez extensivo a Ligia e

Elizabeth. Eles, um pouco surpresos, acataram seu desejo.

***

O médico que a atendeu, um homem jovem, amável e alegre, fez as perguntas pertinentes e

depois pediu que ela vestisse um roupão e se deitasse na maca, onde realizou um exame interno e

depois a ultrassonografia.

—Parabéns! —exclamou, quando mostrou para Belén um ponto no equipamento, que ela não viu

muito bem—. Você está com cinco semanas de gestação.

Belén experimentou uma série de sentimentos contraditórios: felicidade suprema, tristeza por

Jorge, porque ia perder uma parte vital de sua existência, e temor, porque seria ela sozinha com

seu filhinho. As lágrimas rolaram por suas bochechas. Cinco semanas, toda uma vida crescia em seu

interior. Levou sua mão ao ventre e calculou mentalmente: seu bebê tinha sido concebido na última

visita de domingo antes da audiência de condenação.

—Está contente? —perguntou o médico, tomado de surpresa.

—Sim —ela respondeu imediatamente—, é uma benção de Deus.

—Eles sempre são.

Já era tarde quando saiu do consultório médico com as recomendações de descansar, tomar

vitaminas e se hidratar por causa do vômito. Pegou um táxi até a casa de seus pais. Rosário abriu

a porta.

—Minha menina, que cara é esta! Você está muito magra.

—Estou bem, minha Rosario.

—Estão na sala, mas já vão para a sala de jantar.

Belén entrou na sala, uma sombra de preocupação visitou os rostos de Calixto e Pilar. O

primeiro, dispensou um tratamento cortês e distante; sua mãe, em troca, estava doída por suas

ausências e por se negar a falar com ela. Enrique, Juana e Antonia a saudaram com efusivas

demonstrações de carinho.

—Você está bem?

—Sim —apertou seu ombro e se sentou ao seu lado.

Antonia a olhou com especulação e ela evitou seu olhar. Pilar a advertiu em seguida.

—Você está com olheiras e pálida. Foi ao médico?

—Fique tranquila, mãe, estou bem.

Nesse momento, Rosario entrou na sala e os convidou a sentarem à mesa. Os

meninos chegaram

correndo e abraçaram Belén. Com quem seu filho iria se parecer? Haviam confirmado sua

gravidez nesta tarde, mas de alguma maneira ela suspeitava há algumas semanas, porque apesar

do sofrimento pelo término de seu relacionamento, algo nela havia mudado. Tinha certeza de que

um fato irrevogável chegava à sua vida.

Sentaram-se à mesa, que neste dia estava com uma toalha que ela não conhecia. Belén

rechaçou o vinho que Rosario serviu. Antonia não perdia cada detalhe de cada movimento de sua

irmã.

Quando a mulher lhe serviu um franco com um molho que Belén não soube identificar, uma forte

náusea a dominou. Levou a mão à boca e se levantou rapidamente antes de fazer um desastre na

mesa. Minutos depois, retornou e todos estavam estranhamente calados.

—Onde estão os meninos? —perguntou, ao ver seus lugares vazios.

—Estão jantando com Rosario na sala de televisão —respondeu seu pai, olhando-a com firmeza.

Voltou a se sentar.

—O que está acontecendo, Belén? —perguntou o patriarca da família.

Ela olhou para ele de frente.

—Pode me desejar felicidades, pai, estou grávida —Calixto se levantou como uma mola,

disposto a repreendê-la severamente, mas Belén foi mais rápida—. Cuidado com o que você vai

dizer! Meu filho somente receberá palavras amáveis, é uma criança desejada e vai ser muito

amado.

Pilar começou a chorar, Enrique e Antonia olhavam para ela, pasmos. Juana se aproximou e a

abraçou.

—Felicidades!

Belén olhou para ela com lágrimas nos olhos e apertou sua mão. Pilar se aproximou dela

também. Abraçou-a e disse ao seu ouvido.

—Você é minha menina valente, esse menino terá muita sorte de ter você como mãe.

Calixto bufou fortemente e saiu do recinto, repreendeu o ocorrido e bateu a porta do escritório.

—E o pai? —Enrique perguntou, aproximando-se dela. Belén negou com a cabeça—. Posso

saber quem é? —insistiu.

—Para quê? Só precisa saber que é alguém a quem eu amo muito, mas por circunstâncias da

vida não podemos estar juntos e não vou prendê-lo a mim por um filho.

—Mas ele terá que saber —Pilar aduziu.

—Não! Este bebê é meu.

Sua mãe a abraçou, depois levantou seu rosto e explorou seus olhos.

—Sei que você está triste porque vai passar por isso sozinha. Será a melhor experiência de sua

vida. Será um lindo bebê, será valente, será seu e o ogro do escritório terá que se acostumar

—disse—. Não quero que você chore mais, porque tenho o pressentimento de que o tem feito muito

estas semanas, e agora você tem que ser forte por você e pelo seu filho.

Enrique ia insistir, mas sua esposa interveio rapidamente.

—Chega! Vamos respeitar o que Belén deseja. Ela é uma mulher maior e vacinada, que seguirá

adiante com seu filho, não á mais nenhuma adolescente, por favor.

—Com certeza —Concordou Antonia.

Belén nunca esteve tão agradecida às mulheres de sua família como nesse momento, pelo amor e

pela solidariedade que tanto precisava e precisaria nesta nova etapa de sua vida.

***

Antonia a acompanhou nesta noite outra vez. Belén já queria retornar à sua vida normal, mas

não sabia como dizer à sua irmã que voltasse para casa.

—Acho que você deveria contar para ele —disse para Belén esta noite, enquanto se

acomodavam na cama.

—Para quê? Ele não me quis, não vou sair correndo com um bebê que, no mínimo, não será bem

recebido.

—Ele ama você, não duvide disso. Pense na família dele, imagine a esperança de Miguel, sua

mãe e sua tia.

—Se tivesse me amado, não teria renunciado a mim.

Ela nunca teria tomado tal decisão. Sentia como se não pudesse respirar. Tinha domingos em que

acordava com vontade de ir até lá e implorar para que voltassem, mas o orgulho retornava na

mesma hora e passava o dia todo ocupada, evitando no pensar no que ele estaria fazendo, se sua

família o visitava ou, de imediato, o ciúme a corroía e imaginava ser questão de tempo para que

outra chegasse e ocupasse seu lugar.

Em meio às etapas do luto, a fúria a dominava, porque pensava que ele havia feito isso mais

por sua comodidade que pela dela, e isso a impedia de ir até a prisão e contar para Jorge que

ele ia ser pai. Além disso, ele não aceitaria isso com facilidade. Lembrou-se de uma pequena

discussão que tinham tido quando ele percebeu que ela havia deixado de tomar pílula

anticoncepcional. Isso aconteceu dias depois de saberem do aparecimento da prova superveniente.

***

*Jorge havia saído do banheiro levando nas mãos a cartela intacta de pílulas anticoncepcionais.*

*— O que significa isso, Belén?*

*— Deixei de tomar pílula há mais de um mês.*

*Ela percebeu seu desgosto e, pela primeira vez, questionou sua própria decisão.*

*— E você imaginou que eu não precisasse saber disso? Sei que a decisão é sua, mas se você ficar*

*grávida, eu terei muito a ver com isso.*

*— Você me disse que queira filhos.*

*Ele sorriu de maneira irônica.*

*— Então você correu para me agradar — olhou para ela com uma expressão fria— . Tenho um pé*

*na maldita prisão. Você acha mesmo que eu quero que você seja mãe solteira? Você cometeu uma*

*besteira, Belén.*

*— Mas você disse...*

*— Quero filhos, tanto quanto desejo ser um homem livre, sem nenhum dos problemas que eu tenho.*

*Mas uma coisa é poder e outra é querer fazer.*

*As palavras amontoaram na garganta de Belén, pedindo para sair. Com o olhar limpo, ela o*

*enfrentou.*

*— Nosso amor justifica isso, quero ter uma parte de você comigo. Nunca estive tão apaixonada,*

*então, por favor, deixe-me fazer isso.*

*Ele a olhou em silêncio. Sentou-se com expressão derrotada na cama. Abraçou-a pela cintura e*

*colocou seu rosto em sua cintura.*

*— Se eu tivesse a possibilidade de ser um homem livre, estaria honrado em ser o pai de seus filhos.*

*Não quero um filho que me visite na prisão, não quero que ele tenha vergonha de mim. Além disso,*

*criar um filho sozinha não será fácil.*

*— Não estou sozinha.*

*— Como você vai explicar ao nosso filho que ele não pode visitar seu pai porque ele está na*

*prisão? Não, Belén. Ou você volta a tomar pílula, ou eu vou tomar providência. Não seria justo nem*

*para você e nem para o bebê.*

*Belén se desfez daquele abraço, angustiada.*

*— Está bem, voltarei a tomar pílula.*

*Ele voltou a abraça-la e se ajoelhou diante dela. Seu abatimento era profundo, palpável.*

*— E isso? — perguntou ainda incomodada.*

*— Eu adoro você e não a mereço, mas preciso me postar diante de você, porque nunca ninguém me*

*amou e se deu tão livremente e sem egoísmo como você. Desejaria muito fazer um filho em você, mas*

*não poderia ser tão egoísta, sem ter minha vida solucionada. Entenda isso!*

*Ela continuou sem tomar pílula.*

***

Não, ele não poderia saber de sua gravidez e, com dor na alma, nem sua família.

Alberto Montes telefonou para ela na mesma semana e ela saiu para almoçar com ele. Como

pode, disfarçou seu estado de ânimo com uma boa dose de maquiagem. O homem se levantou da

mesa assim que ela chegou perto dele.

—Olá, querida —ele a saudou com um beijo na bochecha.

Belén correspondeu à saudação e ele a convidou a se sentar.

—Finalmente, você esteve muito esquiva comigo nas últimas semanas.

Ela começou a brincar com um porta-copos de papelão que estava na mesa. O restaurante era

um lugar de comida saudável, localizado na Zona Rosa, a decoração era minimalista e, naquele

horário, estava abarrotado de *yuppies* e pessoas jovens.

—Peço mil desculpas, sei que descuidei de nossa amizade.

Alberto fez um gesto com a mão, tranquilizando-a. O garçom se aproximou.

—Muito peculiar sua escolha por este restaurante. Sei pouco de produtos orgânicos e de cozinha

saudável. Você é vegana?

—Não, não sou vegana, mas de vez em quando gosto de comer este tipo de comida —não lhe

disse que esta era a única comida que não lhe dava náusea, e que os sucos e as saladas eram os

únicos alimentos que tolerava.

Pediram sucos de fruta e salada. Conversaram sobre vários temas antes de entrarem no assunto.

—Tenho uma boa notícia: você foi incluída no orçamento para o próximo semestre para

trabalhar como assessora no departamento que eu vou dirigir. A Unicef lhe dá as boas-vindas.

Belén, surpresa, sorriu para ele.

—É genial, muito obrigada —Belén tinha feito duas entrevistas virtuais algumas semanas antes—.

Alberto, preciso dizer uma coisa.

—Sou todo ouvidos.

Sua mente trabalhava a mil, seis meses de trabalho, poderia sim fazer isso, depois voltaria para

a Colômbia para ter o bebê e depois apareceria alguma coisa. Não se questionou sua

necessidade de colocar distância na situação, porque cada dia era uma tortura pelo imenso desejo

de voltar a ver Jorge. Um dia desses deixaria de pensar tanto e fosse o que Deus quisesse. Com

muita força de vontade conseguia controlar seu desejo, até agora.

—Posso aceitar o trabalho, mas não sei se será um problema por eu estar grávida.

Belén pode testemunhar a desilusão nas feições do homem, seu rosto enrubesceu de repente.

—Ora, que surpresa! Por essa eu não esperava, pensei que você não estivesse com ninguém.

O garçom se aproximou com os pedidos, que colocou sobre a mesa. Alberto olhava com

impaciência os movimentos do moço. Belén lhe respondeu quando ficaram sozinhos.

—Foi um relacionamento recente, você estava viajando e durou três meses, mais ou menos.

—Você vai se casar?

—Não, já terminou. Estou sozinha.

As sobrancelhas do homem chegaram até quase o começo do cabelo. Segurou sua mão.

—Sinto muito.

—Não, não sinta, estou muito bem.

O homem soltou um suspiro profundo.

—Não sei o que lhe dizer. Não sei qual é a política de trabalho nesses casos, terei que

averiguar.

Belén começou a mastigar a alface do prato. Não queria ficar no país, não queria a tentação

de estar na mesma cidade de Miguel, que poderia passar no seu escritório e ela o recebesse com

sua gravidez em estado avançado. Não queria. Precisava que esse homem a contratasse como

fosse, pelo menos até que a criança nascesse.

—O pouco que eu sei é que se você me considerar indispensável para este trabalho, poderá

haver uma contratação.

Alberto pegou seu telefone e chamou seu advogado, fazendo-lhe perguntas pertinentes.

Quando terminou a chamada, perguntou-lhe de maneira delicada:

—De quanto tempo você está?

—Cinco semanas.

—Como você será minha assessora e a gravidez é recente, não haverá problema. Antes do

parto, você estará outra vez na Colômbia.

—Sim, desejo que meu filho nasça aqui.

—Não se fala mais nisso.

Alberto limpou sua boca no guardanapo de tecido e o deixou de lado. Segurou sua mão. Este

gesto comoveu Belén. Não sabia se eram os hormônios ou a imperiosa necessidade do ser humano

de se sentir querido e aceito por alguém que não fosse do seu círculo familiar.

—Belén, sei que será algo diferente do que você está acostumada, mas fará bem a você. Será

trabalho de escritório, temos que idealizar uma campanha no programa "Educação para todos",

precisamos aumentar as contribuições, fazer com que as empresas aumentem o fluxo de dinheiro

para poder nos propagar ainda mais.

—Por mim está perfeito, porque não acredito que estarei pronta para correrias nos próximos

meses.

Despediram-se um pouco mais tarde. Para sua família foi uma grande surpresa o novo destino

de Belén. Calixto não falava com ela e para ela era doloroso viajar estando nesses termos com

seu pai.

***

Durante aquela semana começou a receber chamadas depois das seis da tarde. Ela atendia

com o coração na boca a um número desconhecido. Ninguém falava. No primeiro dia, esperou uns

segundos e depois desligou. No segundo dia, falou:

—Sei que é você, sei que você está morrendo sem mim, porque eu estou da mesma maneira e

sinto seu sofrimento.

O interlocutor desligou em seguida. No terceiro dia, ela voltou a falar em tom de reprovação:

—Estou furiosa. Você nem imagina o quanto. Você disse que nós tentaríamos, disse sim. Você

disse que me amava —depois de uma pausa, continuou—: mas agora me vem à mente uma frase

de *O morro dos ventos uivantes*[32]: “Eu amo você e você também me ama. Nem os céus, nem o inferno, poderiam ter nos separado e você fez isso... Por quê?”. Eu imagino que você tenha lido,

estava entre os livros que eu levei.

Outra vez desligaram sem dizer uma palavra.

No quarto dia, ficaram em silêncio mais de dois minutos. A razão sussurrava a Belén que não

podiam continuar assim, porque esses eram comportamentos insanos que desejava desterra de sua

vida. O coração não. O coração lhe dizia que falasse, que não quebrasse o frágil fio de

comunicação que ele havia estendido até ela. Belén sussurrou:

—Fale comigo, por favor, fale. Não tem ideia de como sinto sua falta

—esperou por mais um

minuto, mas a razão e o orgulho se impuseram—: Não volte a me telefonar.

Ela desligou. O telefone ficou em silêncio nas noites seguintes e a desilusão tomou conta dela.

Não queria ficar furiosa, por seu bebê, mas era inevitável. Pediu demissão de seu trabalho, pagou

um aviso prévio de três semanas e viajou para Nova York.

## CAPÍTULO 23

Assim que Jorge esteve fora do isolamento, o diretor o chamou para falar com ele. Nem sequer o

saudou.

—Robles, é inacreditável que você queira vender a ideia de paz a seus companheiros e entre

em uma briga no pátio com o primeiro que lhe diga três palavras.

—Foram mais de três palavras —abaixou a cabeça—. Eu sinto muito.

—Deve sentir mesmo, porque algumas pessoas querem que o projeto seja anulado.

Jorge levantou a cabeça, consternado.

—Não! —suplicou—. Por favor, não faça isso, vou arrumar as coisas. É a melhor oportunidade

que apareceu em anos, não a deixe cair por terra por conta de um incidente sem importância.

O homem ficou olhando para ele uns minutos, brincava com o lápis entre os dedos, e o barulho

do lápis contra a escrivaninha era o único ruído que se ouvia no escritório.

—Está bem. Vou lhe dar mais uma oportunidade, Robles, mas se as coisas não funcionarem, vou

deixar essas mesas de lado.

Em seguida, Jorge saiu para o pátio e falou com o homem com quem havia brigado, e que

também tinha saído do isolamento. O preso não estava tão disposto, como ele, para arrumar as

coisas. Ele não se intimidou.

—Homem, se você não quiser arrumar as coisas, eu quero, não voltarei a me meter com você,

mas isso, se você não atravessar meu caminho.

Ele lhe destinou um olhar profundo com os olhos brilhantes, perigoso, e era o olhar de um homem

que tinha muito pouco a perder.

Dias depois, o diretor do presídio conseguiu para ele uma sala com algumas mesas, cadeiras e

material de escritório. Organizaram fóruns sobre Direitos Humanos, violência familiar, conferências

sobre resolução de conflitos e aspectos direcionados a uma melhor convivência. Jorge passava

todos os dias ocupado e isso lhe permitia afastar-se de seus pensamentos sombrios.

De noite, era outra conversa. Dormia pouco, sua mente divagava na ideia de que Belén ia visita-

lo. Ela chegava com seu rosto liso, seus olhos brilhantes e seus cabelos que condessavam a luz do

sol. Imaginava que a pegava nos braços e a beijava. Distraía-se com a visão deste encontro, uma

imagem formada sobre um delicado cristal que se quebrava com uma facilidade assombrosa para

revelar um doloroso vazio. Pronunciava seu nome numerosas vezes durante a noite, desesperado

por saltar as altas paredes e arrependido por não ter aceitado a proposta de seu irmão e ter

fugido com ela para outro lugar. Sentia Belén ao seu lado entre o sonho e a realidade, ou quando

fervia a água em uma chaleira elétrica e adicionava o saquinho de chá de baunilha, e seu aroma

inundava a cela, uma imagem que se esfumaçava se ele tentasse lhe dar um beijo.

Uma necessidade descontrolada em escutá-la, dele se apoderou, ainda que fosse uma única

palavra ou o som de sua respiração. Algo real e não as visões ou os sonhos.

A primeira vez que pegou o telefone para chama-la teve que ter um autocontrole muito grande

para não fazê-lo. No outro dia, não teve tanta força de vontade, sem poder suportar a ansiedade

que o torturava, discou seu número. Precisava escutá-la ou nessa mesma noite acabaria com tudo.

Quando escutou sua voz, caiu de joelhos no chão da cela. Não soube se foi

porque os joelhos

ficaram fracos de emoção ou se foi a necessidade de encontrar seu perdão, pela maneira tão

cruel com a qual a havia tratado. Não conseguiu falar, mas quis dizer que estava no maldito

inferno desde que a havia despachado sem misericórdia, que em sonhos a recuperava, mas que

ao despertar, voltava a perdê-la, que isso já não lhe servia de consolo, porque não podia mais

viver sem ela.

Na noite seguinte, percebeu que ela estava furiosa e depois muito triste, e na noite em que ela

lhe rogou para falar e depois disse que ele não a chamasse novamente, chorou como um menino.

Não se surpreendeu que ela tivesse se afastado de sua família, porque, pelo visto, ela estava

disposta a esquecê-lo. Mas ele não estava.

Falou com um expert em tatuagens que estava dois pátios mais à frente que o seu. O homem,

preso por roubo, era muito bom na arte de tatuar, e se surpreendeu com a limpeza de sua cela e

da qualidade do material com que trabalhava. Mas de qualquer maneira, Jorge pediu que Miguel

levasse as agulhas e tintas. Um guarda conhecido entrou com o material. Fez uma tatuagem de uma

*pomba* em pleno voo ao lado do lobo. Miguel gostou da ideia e imitou a pomba uns dias mais

tarde, prometendo a seu irmão a tão ansiada liberdade.

Durante o dia, deixava sua tristeza na cela e saía para enfrentar sua jornada. Para conseguir

que os presos construíssem seus projetos de vida, Jorge havia conseguido junto à mesa, insistir na

educação. Alguns jovens mostravam interesse pela realização de uma peça de teatro. Com o

passar dos meses, o primeiro objetivo, que tinha a ver com o aumento do número de internos que

desejava estudar, fez com que as autoridades vissem que valia a pena copiar em outros presídios

o que estava sendo feito naquele ali.

A dor da saudade trazia seu nome, noite após noite, como uma espécie de zumbido agudo que

cantarolava em seus ouvidos aferrado às suas lembranças, às suas necessidades de voltar a vê-la.

Um beijo em uma noite de chuva, uma declaração à luz da lua, um bolero à meia luz. A emoção, o

coração que inchava. Lembrou-se de uma frase de Alexandre Dumas: “A vida é tão incerta, que se

deve aproveitar a felicidade no momento em que ela se apresenta”. E isso, ele havia feito.

Com o passar dos meses, algum consolo chegou à sua alma, não queria pensar que o que havia

vivido com Belén tivesse sido um erro, nunca. Começou a pensar nela como uma oportunidade que

teve que deixar de lado porque não se encaixava à sua vida, ao seu tempo, a ele. "A vida depois

de você, meu amor, é minha verdadeira sentença. Estou pagando por sua ausência, Belén, e você

não tem ideia do inferno é".

***

Belén chegou a Nova York no começo de novembro, o outono terminava e o inverno começava a

se apresentar. Instalou-se em um apartamento no Brooklin, que dividia com outra moça colombiana.

As semanas passavam... O escritório ocupava todo seu tempo, o líder de sua equipe de trabalho,

um amável rapaz hindu, se entrosou com ela de imediato. Trabalhou em harmonia com as outras

pessoas: uma peruana, um pouco agressiva, e uma chilena, todo um coração.

As náuseas haviam diminuído e voltou a comer com tranquilidade, sem a angústia de pensar que

iria vomitar em qualquer lugar. Ao sair do trabalho, caminhava pelas ruas, o Natal se aproximava

e ela precisava deixar de pensar tanto em Jorge. Continuava com raiva dele, como se ele a tivesse

enganado, de alguma maneira. Por acaso ele pensava que ela poderia ser feliz vivendo sem ele?

Tinha dias em que ela se desesperava, pensava em pegar um avião para a Colômbia, se plantar

na porta de sua cela e dispor uma série de razões que iriam convencê-lo a nunca se separar dela.

E então, à medida que a gravidez avançava, os desejos por ele a pegavam de surpresa e se

trancava com todas suas lembranças.

Conseguia sentir o cheiro de sua pele quando chegava ao seu lado depois de uma corrida,

quando tomava banho e se deitava outra vez com ela, que tinha ficado dormindo todo o tempo,

desejava aquele momento de amor pelas manhãs e a cumplicidade e os risos, os silêncios e até os

medos. No que ele pensava naqueles momentos em que ficava olhando para ela enquanto ela

preparava o café da manhã e ele, com um café nas mãos, não perdia nenhum de seus

movimentos? Que ele a deixaria? Que tudo seria por um tempo?

Chegou o Natal, e como chegou, ele se foi. Alberto a levou para ver a árvore do Rockefeller

Center e tomar chocolate quente em uma cafeteria da Quinta Avenida. Telefonou para sua família

e foi assistir à missa do galo na catedral de San Patrick. Morria de frio, comprou uma roupa

térmica. Seus companheiros de trabalho ficaram surpresos ao vê-la aparecer, um dia, com um

suéter com motivos natalinos e a protuberância que evidenciava sua gravidez. Um fim de semana,

eles a surpreenderam com um chá de bebê.

Estava entrando no quarto mês e o médico havia recomendado uma caminhada, dizendo que

aliviaria muito seu trabalho de parto. Ela fazia isso em centros comerciais, que contavam com

calefação. Não tinha sido um bom dia, porque tinha tido uns impasses de trabalho com Marina, a

moça peruana, e precisava se acalmar antes de chegar em casa.

Sentou-se em um banco em frente a uma loja de roupa para bebês. Tinham algumas pessoas

passeando por ali, outros passavam com pressa, todos com uma vida, sonhos, pessoas que os

esperavam. Alberto tinha parado com seus cortejos e era algo que ela agradecia, mas sentia falta

de sua amizade, porque agora ele agia apenas como seu chefe. Sentia-se sozinha, e a maior

parte dos dias era forte, mas era naqueles em que não se sentia tão forte que sentia tanta

saudade dele que acreditava não poder respirar.

Também sentia falta de seu pai, de não poder falar com ele, ainda que fosse para criticá-la.

Precisava dele, de seus abraços, seu apoio e sua presença. Não seria fácil seguir adiante com o

coração partido e um bebê a caminho, mas ela conseguiria, porque seu filho era seu presente, era

o juramento de um grande amor. As últimas palavras de Jorge, durante a discussão, haviam-na

insultado por um tempo, insultavam sua inteligência. Ela tinha sido uma mulher muito amada por um

homem especial, único, e a expressão em seus olhos não mentia, sabia muito bem o que significava

para ele, mas precisava de alívio e resignação. Quando chegariam? Já quase não chorava, mas

sentia falta dele o tempo todo. Cenas de seus momentos felizes regressavam à sua mente para

tortura-la.

***

*Estavam sentados em um parque, perto do edifício onde ela vivia, tinham feito um piquenique. Jorge*

*estava recostado no tronco de uma árvore e Belén, encolhida em seu peito.*

*Ela levantou o rosto, ele estava com os olhos fechados, uns jovens gritavam e brincavam ao redor, e*

*alguém jugou um*

*[33]*

*FRISBEE*

*perto deles.*

*— Sabe quando eu me apaixonei por você?*

*Não cansava de olhar para ele, os raios de sol se infiltravam pelos galhos e davam luminosidade*

*em seu rosto.*

*— Sim — ele respondeu com pressa e com um sorriso lento, enquanto entreabria os olhos. Estava tão*

*bonito que ela se levantou e montou sobre ele, dando-lhe um beijo profundo.*

*— Deixa eu ver se você acerta.*

*— O que você me dá se eu acertar?*

*— Sexo?*

*Jorge revirou os olhos.*

*— Tenho todo o sexo que quero.*

*— Já sei: chocolates. Uma caixa de chocolate.*

*Ele olhou para ela, satisfeito.*

*— Agora você falou bonito.*

*Ela sorriu.*

*— Diga-me, quando eu me apaixonei por você?*

*— Fácil, na cama, porque eu sou o Deus do sexo.*

*Belén soltou um forte gargalhada.*

*— É muito presunçoso.*

*— Você não nega o que eu disse.*

*— Por Deus.*

*Ele a deitou na grama, e depois de beijá-la, ele a encheu de cosquinhas.*

*“Eu me apaixonei por você no momento em que lhe dei o chocolate, no momento em que você me*

*pediu me telefonar, quando você me deu o primeiro beijo, foi irreversível e ainda não sei por que*

*estamos pagando uma penitência”.*

***

Concluíram o trabalho no tempo estipulado, e todos ficaram muito satisfeitos com a proposta final

apresentada diante do conselho e, em março, retornou à Colômbia. Alberto e as diretorias lhe

enviaram uma emotiva carta de agradecimento pelo trabalho, e diziam que ela sempre teria as

portas abertas na entidade.

Ficou vivendo temporariamente no apartamento de Antonia, enquanto procurava um lugar para

ela e seu filho. A gravidez avançava perfeitamente, Belén conversava muito com seu filho, colocava

música de todos os tipos, não apenas as clássicas, e lia uma infinidade de livros para ele. Tinha

desejos, e o mais frequente era sorvete com pepino.

Os exames médicos apresentaram resultados satisfatórios, mas não quis saber o sexo do bebê,

tinha vontade de saber apenas na hora do parto. Antonia dizia que era uma bobagem, que

poderia escolher melhor a roupa e os outros utensílios se soubesse o sexo do bebê, mas Belén não

deu a isso maior importância. Não acreditava na diferença de cores nem de brinquedos para criar

uma identidade.

Em março, se instalou em um apartamento no norte da cidade perto do apartamento de Antonia

e da casa de Enrique, que estava muito zeloso com ela. Não procurou trabalho, tinha bastante

dinheiro economizado para tirar um ano sabático e se dedicar ao seu filho.

***

Enquanto isso, Jorge tinha começado a ter aulas de pintura com um artista conhecido, que havia

chegado à prisão por conta do narcotráfico. Não tinha destaque nessa arte, mas desfrutava quase

tanto quanto a leitura e, acima de tudo, mantinha a mente ocupada.

Ao mesmo tempo, a mesa de trabalho concluía vários projetos que, ele tinha certeza, mudariam a

cara da penitenciária. Eram projetos micro empresariais da mão de empresas interessadas em

investir neles: empresas de alfaiataria, carpintaria, padaria e travesseiros, haviam projetos de

bordados, com os quais os presos obtinham recursos para ajudar suas famílias, conseguiam uma

remição da pena, canalizando de forma positiva suas energias e se sentindo

úteis à sociedade.

Meses mais tarde, soube que Orlando Ruiz e seus homens, entre eles José Zambrano, tinham

invocado a Lei da Justiça e Paz, outorgada pelo governo atual, que oferecia penas generosas aos

delitos mais graves. Os paramilitares desmobilizados[34] teriam que reparar suas vítimas e

confessarem todos os seus crimes para obterem uma redução em suas sentenças.

Um ano depois soube que Orlando Ruiz havia morrido em um hospital, acometido de uma

doença terminal. Com ele morreu sua última esperança de liberdade.

Miguel visitou Jorge na prisão e comunicou que havia pedido demissão do emprego, depois que

a guerrilha sequestrou seu chefe, em uma ação de filme de cinema, que ainda era comentário nos

noticiários da televisão. Ele havia se salvado, porque naquele dia estava a serviço de uns

industriais estrangeiros, sócios de seu chefe, que estavam de visita ao país. Estava pensando em

aceitar uma oferta fora da Colômbia.

## CAPÍTULO 24

As dores do parto começaram uma manhã quando, segundo suas contas, ainda faltava uma

semana para o parto. Antes de telefonar para sua família, cronometrou o

intervalo das contrações.

Havia acordado cedo e ido ao banheiro diversas vezes.

Na noite passada tinha dado os últimos retoques na parede do quarto do bebê, havia pintado

com motivos de animais e plantas, muito embora o berço tenha colocado ao lado de sua cama.

Não ia deixa-lo sozinho em seu quarto nos primeiros meses. Esta manhã estava mais nostálgica que

o de costume, e teve vontade de ligar para Miguel e perguntar por Jorge.

À medida que se aproximava o momento do parto ficava terrivelmente difícil não poder

compartilhar isso com ele. Por mais ressentida que pudesse estar, ainda havia alguma culpa.

Apesar do ocorrido, Jorge era o pai do bebê, ela desejava que ele fosse pai, desejava que ele

visse o quarto, a roupa, os móveis, tudo, ainda que fosse por fotografia. Além disso, ele tinha

direitos legais. Não queria se precipitar, porque não sabia se era o que realmente queria, ou

apenas uma consequência de seu corpo carregado de hormônios.

Desistiu de seus pensamentos quando uma forte contração, distinta das demais, a assolou, ao sair

do chuveiro. Quando o espasmo se repetiu em um tempo menor, telefonou para Antonia e sua mãe.

Passou esses minutos revisando a maleta que estava pronta há várias

semanas. Uma terceira

contração a fez dobrar em dois. Antonia chegou tão logo conseguiu.

—Está tudo bem? —olhou assustada para sua barriga.

—Já tive dias melhores —grunhiu Belén, quando sentiu outra contração.

Chegaram ao hospital com contrações a cada quatro minutos. No que demoraram para atende-

la e fazer o exame inicial, ela já estava com sete centímetros de dilatação. Pilar chegou naquele

momento.

—Seu pai está a caminho —ela sussurrou para Belén, no intervalo de uma contração—. Enrique

e Juana estão lá fora.

Nesse momento, seu irmão entrou.

—Olá, campeã —ele a saudou carinhosamente.

—Merda! —voltou a grunhir diante de um novo espasmo.

Enrique ficou com o rosto tenso como ela e pegou em sua mão.

—Amo você irmãzinha, muito. Você nunca estará sozinha. Nada mais importa, você sairá muito

bem: é uma guerreira e este bebê será muito feliz.

Cinco minutos mais tarde, eles a prepararam e a levaram para a sala de partos. Não quis

ninguém na sala, esse lugar pertencia a de Jorge e se ele não estava lá, passaria sozinha por isso.

—Empurre outra vez, Belén —disse o médico.

Uma enfermeira segurava sua mão. Belén empurrou outra vez.

—Já vejo a cabeça, só mais um empurrão.

Tudo aconteceu muito rápido. A dor e a ansiedade se somavam a uma grande expectativa e

euforia, sentia que seu corpo se dividia em dois e depois, ouviu o choro do bebê.

—Parabéns, Belén! É uma menina linda.

Ela chorou de alegria. Quando cortaram o cordão umbilical, aproximaram sua filha, uma

preciosidade que viu em meio ao seu olhar choroso. Colocaram-na em seu seio, e o coração

partido de Belén voltou a se fundir, ao ver este ser perfeito, um presente divino, que chegava à

sua vida. Levaram-na para limpá-la e ela já sentiu sua falta.

Observou na parede um relógio digital, eram cinco da tarde de dezenove de maio de 2007.

Minutos depois, eles a devolveram já vestida e embrulhada. Dedicou-se a observá-la, e quando

acariciou a pele da mão da bebê, a pequenina aferrou seu dedo e ela sentiu que lhe aferrava

também o coração. Era muito cedo para saber com quem iria parecer, mas a genética Robles

dominava a genética García. A menina tinha um tufo de cabelo preto, olhos escuros e pele morena,

a única coisa que tinha de Belén eram as mãos e a boca.

Transferiram Belén para um quarto, onde entraram todos para parabeniza-la. Pilar levantou a

bebê e passeou pelo quarto todo.

—É linda! – disse.

Antonia olhou para a bebê por cima do ombro de sua mãe e fez uma carícia em sua cabecinha.

—A boca e o queixo são seus, Belén —comentou Enrique.

—Não entendo como conseguem ver semelhança tão cedo —interveio Antonia—. Para mim são

todos iguais: parecem uns velhinhos.

—Como vai chama-la? —perguntou Pilar, que não queria soltá-la, mas a bebê parecia

impaciente para sua primeira mamada. Ela a entregou a Belén.

"*Eu chamo você de "PALOMA" porque a primeira vez que eu a vi, algo voava ao seu redor, uma aura*

*ou que sei eu, mas ali, em meio ao lado mais escuro da humanidade, você brilhava. Iluminou a*

*biblioteca, aqueceu a minha alma como eu jamais havia sentido. Foi como ver Deus em seu olhar e*

*pela primeira vez em anos eu soube que tudo ficaria bem*". Acariciou sua cabecinha e lhe deu um

beijo.

—Paloma. Ela vai se chamar Paloma García.

Antonia olhou para ela com nostalgia.

—É um nome bonito —disse Enrique.

Quando a enfermeira chegou para ajudá-la com a amamentação, eles se despediram dela.

Antonia, que foi a última a sair, lhe disse que Paloma era mais bonita que seus outros sobrinhos

quando nasceram.

Começar a alimentar sua filha foi duro, porque a bebê se desesperou no início e Belén sentiu

como se ela tivesse cortado seu mamilo, mas com uma paciência infinita, ela os massageou até que

Paloma pudesse começar a mamar. Sentiu dor, mas foi tolerável.

Depois de trocá-la e ninar a criança, começou a chorar. Já ia chamar a enfermeira quando seu

pai entrou com um enorme coelho cinza, embrulhado em um papel de presente transparente. Belén

ficou com os olhos cheios de lágrimas.

—Não chore —disse, fazendo um gesto de silêncio beijou sua bochecha—. Vim conhecer minha

neta, e pelo eu vejo tem bons pulmões.

—Não sei o que fazer para acalmá-la.

Calixto lavou as mãos no banheiro, pegou uma manta no closet e recebeu sua neta. Colocou a

bebê no peito e a apoiou para fazê-la arrotar.

—Com certeza são gases, todos os bebês passam pela mesma coisa. Tem que fazer isso até que

ela consiga arrotar.

Calixto se dedicou a passear com ela pelo quarto e a cantar uma canção de ninar, que soava

cômica com sua voz de barítono. Quando ela se acalmou, ele a ninou e escutou quando ele disse:

—Você nasceu em uma família muito especial, e quando você crescer, vou contar muitas histórias

para você. Para começar, você tem uma mãe maravilhosa e uns tios que farão você sentir orgulho.

Você também tem primos e vai conhece-los em pouco tempo. Vou leva-la ao parque, e lerei muito

para você, também vou lhe dar um ou outro doce quando ninguém estiver vendo. Bem-vinda ao

mundo, Paloma, que você tenha uns amanheceres muito lindos e os entardeceres também. Comidas

deliciosas e música, pinturas e cantos. Você terá um bichinho de estimação, jogos e amigos

próximos. Serei uma constante em sua vida, sempre, e prometo a você que assim será enquanto

esteja na terra.

Beijou sua cabecinha e aproximou-se de Belén que chorava, desconsolada.

—Não chore, você sabe que eu amo você, apesar dos meus erros. Sou seu pai.

Calixto se despediu e Belén ficou com a bebê, ninando-a. Não queria se separar dela.

—Bem, Paloma. Agora que você já conheceu a família de sua mãe, vamos falar de seu pai, que

se pudesse estar aqui, seria o homem mais orgulhoso do mundo e também o mais apaixonado por

você, assim como eu estou. Você tem uma avó, uma tia-avó e dois tios maravilhosos, e eu prometo a

você que algum dia você vai conhece-los. Aconteceram algumas coisas e, por enquanto, não é a

hora. Você conhecerá seu pai, e quando isso acontecer, você vai ver que homem tão especial ele é.

Quando você for maior, vou falar dele para você e, então, contarei muitas coisas. Por agora,

seremos eu e você, pequena. Guerreiras contra o mundo.

Paloma ficou profundamente adormecida.

***

Dez meses depois, Paloma engatinhava pelo tapete do escritório de Calixto, enquanto seus

primos armavam um lego que ela derrubava a toda hora.

—Papai, é uma boa oportunidade —disse Belén a seu pai.

—Vai separá-la de todos nós —acrescentou Calixto, concentrado.

Observava sua “princesa”, como ele a chamava, derrubar o lego das crianças maiores, que na

frente dele não podiam fazer nada com a bebê, que era a luz de seus olhos.

—Você e mamãe são bem vindos para me visitar quantas vezes desejarem.

Belén mostrava o caminho para Paloma engatinhar, mas o brinquedo de seus primos era uma

tentação maior.

—Quem cuidará dela quando você estiver trabalhando? Você não poderá viajar sem que um de

nós esteja lá com ela.

Belén se aproximou da escrivaninha.

—Papai, não torne as coisas mais difíceis. Preciso pensar no futuro de Paloma, em sua educação.

Contratarei uma babá.

—Uma babá! Onde já se viu! Aqui você também pode educa-la. Eu posso pagar o colégio que

você quiser quando chegar a hora. Por que tanto afã?

—Dificilmente vai aparecer outra oportunidade dessa para mim. Preciso trabalhar. Eu tenho que

sustentar minha filha. No novo emprego não precisa viajar, pode ficar tranquilo. Além disso, ainda

há tempo, não será hoje e nem amanhã. Teremos, pelo menos, seis meses, antes que eu vá embora.

Para Belén era impossível exorcizar a lembrança de Jorge, quando o via no rosto de sua filha e

em quase todos os seus gestos. Ele teria se apaixonado por sua filha, teria

dado seu sobrenome e

seria parte de sua vida, apesar das duras condições em que vivia. Tinha certeza de que até

pensaria em voltar com ela. Mas era orgulhosa e por maior que fosse a tentação, não iria amarrar

um homem com um filho, jamais. A essa altura, já tinha consciência de que deveria ligar para Ligia,

Elizabeth ou Miguel, mas logo se lembrava das palavras de Jorge quando encontrou a cartela de

pílula anticoncepcional e voltava atrás.

Essas palavras eram sua desculpa, mas não tinha sido sua única motivação. A verdade é que sua

filha havia aliviado o imenso vazio deixado pela desilusão com Jorge, e se sentia egoísta e

possessiva em relação a ela. Precisava procurar outra desculpa, nesse caso, a distância, só assim

conseguiria aliviar um pouco do remorso. Jorge tinha sido claro com ela, e agora não poderia

pretender aparecer diante dele com sua filha, quando ele havia pedido que ela continuasse

tomando pílula. Ele havia confiado nela.

Seis meses depois se instalou com sua filha em Nova York.

## CAPÍTULO 25

Miguel esteve dois anos no exterior, trabalhando em campos de petróleo no Iraque. Era um

trabalho duro, mas muito bem remunerado. O dia em que voltou a visitar Jorge, corria o mês de

julho de 2010.

Foi um encontro muito emotivo, e havia voltado ao país porque haviam lhe devolvido a fazenda

da família, *El Álamo*. Orlando Ruiz, antes de morrer, tinha feito os trâmites pertinentes para

devolver as terras arrebatadas de *San Antonio de Padua* e seus arredores. A terra estava

abandonada e os auxílios do governo não seriam suficientes para levar o projeto adiante.

Um ano depois, Miguel se associou ao seu antigo chefe, que tinha sido libertado de seu

sequestro na selva por uma ação do governo. O jovem industrial tinha investido em resgatar a

terra da mazela e um bom número de gado. Quando a casa esteve novamente habitável, a família

se estabeleceu outra vez em *San Antonio de Padua*.

Miguel não quis dizer a seu irmão que havia começado uma investigação, por sua conta, para

pressionar José Zambrano a confessar, entre seus inúmeros crimes, a injustiça cometida contra seu

irmão. A essa altura, deixaria de lado todos os escrúpulos e se tivesse que pagar esta vida e a

outra pela liberdade de seu irmão, ele assim o faria.

Na metade de 2011 transferiram Jorge de prisão para uma penitenciária nos arredores da

cidade. As autoridades carcerárias queriam que ele repetisse o êxito das mesas de paz e trabalho

do presidio de *Santa María de la Providencia.*

O começo foi difícil, as pessoas não o conheciam, e estava farto de ter que baixar os ânimos

dos brigões do pátio. Uma tarde, alguém que não concordava com a mesa de paz, deu duas

punhaladas no lado da barriga de Jorge. Na penitenciária, prestaram os primeiros socorros, mas

ele foi transferido para uma clínica no centro de Bogotá. Ligia e Elizabeth, que juntamente com

Miguel já estavam instalados na fazenda, viajaram para acompanha-lo.

Esteve hospitalizado por uma semana. Sua mãe chegava pela manhã e ia embora quando a

noite avançava. Em meio à febre e ao delírio, Jorge não deixava de chamar por Belén. Sua mãe,

com o coração apertado, limpava sua testa, até que a enfermeira injetava em seu soro algum

remédio para baixar a febre e ele dormia mais tranquilo.

—Ainda sente saudade de Belén? —perguntou, enquanto ele tomava café da

manhã.

Jorge enrubesceu e não respondeu.

—Ontem de tarde, você chamou por ela em meio ao delírio.

—Sim —respondeu com a voz rouca—, não a esqueci, não acredito que eu consiga.

—Não deveria tê-la afastado de todos nós.

Ligia alisou a colcha, e quando ele terminou com a comida, retirou a mesa giratória.

—Eu não a afastei de vocês, foi escolha dela.

—E o que mais você queria? Não posso nem mesmo culpa-la.

Afofou os travesseiros.

—Mamãe, foi melhor assim.

—Soube alguma coisa dela? —ela perguntou, olhando-o de canto de olho.

—Não, não soube mais nada. No mínimo deve estar casada e com alguns filhos —respondeu,

com uma pitada de amargura.

—Não acredito. A última notícia que eu tive foi quando Miguel encontrou com Antonia em um

centro comercial. Belén está morando nos Estados Unidos.

Jorge moveu a cabeça mais rápido do que gostaria, estudou o rosto de sua mãe antes de voltar

a fixar o olhar para frente. Não queria saber, mas a curiosidade o mordia aos pedaços. Com

certeza deveria ter ido com aquele tipinho para Nova York. Não era capaz de imaginá-la com

outro homem, não podia, morreria. Também não queria saber nada dela. Não queria que falassem

seu nome. Esse era o maldito problema quando colocava o nariz no mundo exterior.

Ligou a televisão, precisava distrair sua mãe das perguntas, da lembrança, porque com o passar

dos anos era ainda mais difícil pronunciar seu nome.

—Não se casou. Antonia perguntou por você.

Ao perceber a angústia que escurecia o rosto de seu filho, Ligia experimentou uma enorme

compaixão. Acariciou sua bochecha, mas Jorge não moveu um único músculo. Na tela da televisão

anunciaram para a noite o filme *Moulin Rouge*. Jorge deixou que sua mãe falasse e se lembrou de

um episódio. Fechou os olhos, fingindo descansar.

***

*Quando abriu a porta do apartamento naquela noite, o cheiro de um cigarro o recebeu, era um*

*aroma raro, que nunca tinha cheirado. As lâmpadas estavam cobertas com tecidos coloridos, o que*

*deixava o ambiente mais íntimo e escuro o cômodo. Do equipamento de som saía uma melodia de*

*Edith Piaf. Em uma mesa repousava uma garrafa de vinho, um pão*

*BAGUETTE partido em pedaços e*

*diferentes porções de queijo.*

*Belén estava recostada no sofá com um espartilho de cor preta, ligas vermelhas e meias de seda*

*pretas, calçada com salto agulha. Seu maravilhoso cabelo estava solto e seus lábios pintados de*

*vermelho. Ele se esqueceu de respirar.*

*— BONJOUR, MONSIEUR.*

*Jorge entendia pouquíssimas palavras do idioma de Victor Hugo, mas quase todo mundo sabia o*

*que essas palavras significavam. Desejou apenas cair a seus pés e venerá-la pela vida, por tudo que*

*ela lhe brindava. Tinha criado uma cena parisiense para ele, o vestuário era parecido com um usado*

*por Nicole Kidman no filme MOULIN ROUGE. Eles tinham assistido juntos três noites antes.*

*Belén o presenteou com outro par de frases em francês, frases picantes que Jorge não entendeu. O*

*nó na garganta apenas o deixou balbuciar. "Meu Deus, conceda-me mais tempo com ela, toda a vida,*

*por favor". Precisava esconder suas emoções ou começaria a chorar como um bebezinho, e a*

*conversa com Miguel e seu advogado havia deixado seu ânimo sombrio, tinha que ser realista e*

*deixar de brincar de casinha, quando em poucos dias seu futuro estaria*

*definido. Aliviou a angústia e*

*se aproximou dela.*

*— Está tão linda — ele a levantou do sofá e percorreu seus braços com os dedos, sem deixar de*

*admirá-la— . Não tenho nem ideia do que você acabou de dizer, mas soou como: “Jorge, deus do sexo*

*e do prazer, come minha boceta, mete seu...”*

*— Você é um pervertido — interrompeu Belén em meio a uma sonora gargalhada— . Embora não me*

*desagrade nem um pouco — ela o beijou e o observou, preocupada— . Está tudo bem?*

*— Claro que estou bem, e muito disposto a satisfazê-la.*

*— Com este traje, pode me pedir o que quiser.*

*Ele levantou uma sobrancelha e um sorriso de lobo apareceu em seu semblante.*

*— Sério?*

*— Quando quiser, como quiser e onde quiser, é o nosso lema, não?*

*— Tem razão — ele respondeu enquanto tirava o casaco— , tenho algumas ideias.*

*Ele a levantou, disposto a leva-la para a cama, mas ela resistiu suavemente.*

*— Quero ficar aqui com você, quero sonhar que nos dois desfrutamos de uma noitada em Paris.*

*Olhe — apontou— , tenho vinho, queijo,*

*[35]*

*BAGUETTE, até acendi um GAULOISES*

.

*— Pensei comigo mesmo: deve ser uma nova espécie de maconha.*

*Belén soltou outra gargalhada.*

***

Jorge voltou à prisão dez dias depois, as feridas não haviam afetado nenhum órgão importante.

Este acontecimento não diminuiu seu ímpeto de seguir adiante com a mesa de paz. Continuou

trabalhando, lendo e pintando. Em uma de suas visitas, Miguel contou para ele os últimos

acontecimentos, que incendiaram outra vez as chamas da esperança.

***

No final de 2012, Miguel visitou seu irmão. Nesse dia, caía uma fraca chuva no pátio, eles

estavam protegidos debaixo da marquise, sentados em uma das mesinhas de plástico.

—Tenho muito a contar —disse.

—Temos tempo, não vou a lugar nenhum. Você está com uma cara que eu não via há muito

tempo.

Miguel, como sempre, admirou as têmporas de seu irmão, suas frontes já

mostravam alguns

cabelos grisalhos. Jorge tinha trinta e seis anos. Ele o saudou com um sonoro beijo.

—Não volte a me beijar, tenho uma reputação a proteger —anunciou Jorge, com uma sombra de

seu antigo sorriso.

—Ao caralho com isso. Trago notícias, irmão.

—Fale —mordeu um pedaço de pizza que ele havia levado.

Essa era uma visita diferente para Miguel, porque a culpa e a impotência não mais o

acompanhavam. Esses sentimentos tinham sido substituídos pela esperança, a fé e o otimismo.

—Você será solto em uns meses.

Jorge bebia refresco em um copo. Ao ouvir as palavras de seu irmão, afogou-se e começou a

tossir ruidosamente. Soltou a comida e o copo. Pigarreou, incomodado. Não sabia o que dizer, e

ficou uns segundos observando ao seu redor.

—Sério?

Miguel sorriu. Era um sorriso que levava anos praticando.

—Sim, claro que sim. Eu jamais brincaria com isso.

Jorge levantou a manga do suéter que vestia. De seu antebraço surgiu a tatuagem de uma ave

em pleno voo. Era a mesma tatuagem que Miguel tinha em seu braço e que havia imitado,

prometendo-lhe a liberdade, ainda que para Jorge significasse algo totalmente diferente.

—Você cumpriu sua promessa —murmurou com emoção e com os olhos cheios d’água.

Miguel se aproximou de seu irmão e o abraçou. Sentiu uma pontada no peito. A expressão de

felicidade em Jorge era a recompensa por tudo que havia passado.

—Demorei muito, queria ter conseguido há mais tempo.

—Obrigada, irmão. Mamãe já sabe?

—Sim, ela virá amanhã para vê-lo.

—Finalmente! —gritou, sem se importar com quem o escutasse.

Uns assobios foram a resposta daquele rompante.

—Não quis contar nada de tudo que aconteceu nesses meses. Olivia Ruiz voltou à cidade em

junho.

Jorge levantou a sobrancelha, surpreso, e empurrou a cadeira para trás, até encostar na

parede.

—E?

Jorge não pode ignorar o gesto confuso de seu irmão.

—Olivia Ruiz obrigou seu pai, antes de morrer, a nos devolver a fazenda.

Esta foi sua condição

para se encarregar de todo o programa de devolução das terras da região.

Jorge assobiou baixinho, tinha o pressentimento de que por baixo dessa expressão de seu irmão,

correntes diversas se moviam. Miguel continuou contando que Olivia era uma assistente social, que

trabalhava para uma ONG que o governo autorizou para o programa de devolução das terras

em *San Antonio de Padua*. Não tinha sido nada fácil sua chegada à cidade, mas com seu empenho

e sua forma de ser, havia conquistado todo mundo, inclusive ele mesmo, que estava mais

apaixonado que nunca.

Jorge levantou a sobrancelha, surpreso.

—Ora, ora, que surpresa, meu irmão.

—Pensei que tudo ficaria bem, acompanhei Olivia nas audiências realizadas na promotoria, do

desgraçado do Zambrano, melhor dizendo, meia cidade estava ali. Se você visse o cinismo e o

modo como ele relatava as mortes, como se isso lhe importasse um caralho. Tive vontade de

quebrar a cara dele. Olivia —percebeu que Miguel custou a relatar o acontecido—, pediu uma

conversa particular com Zambrano.

Miguel se levantou como uma fera enjaulada e andou uns passos.

—E você permitiu isso? —Jorge apontou outra vez a cadeira.

—Claro que não, mas ela faz o que tem vontade, me lembra muito Belén —Miguel se

arrependeu na mesma hora de ter mencionado o nome dela. Jorge não expressou reação alguma

e ele continuou—: encontrou com o desgraçado, e eu observei tudo pela câmara de Gesell[36]

—Miguel sentiu um nó na garganta—. Ela se ajoelhou por você, irmão, suplicou a José Zambrano

que dissesse a verdade no seu caso, se humilhou diante daquele filho da puta.

Jorge estava mais surpreso a cada minuto que passava. Um arrepio passou por sua pele.

—Ele a obrigou a fazer isso, apenas para zombar dela, não tinha intenção de dizer nada, mas

eu estou há mais de dois anos pagando por informação sobre o paradeiro de sua família. Ele os

tirou do país pela quantidade de inimigos que angariou. Era a única maneira, e quando eu tive os

dados, pedi uma entrevista com ele. Pedi que ele contasse a verdade no seu caso, se não, passaria

esta informação aos seus inimigos, que são muitos e sonham com vingança.

—E o que ele disse?

—Concordou em seguida, não quer nenhum dano à sua família. Seu depoimento está sendo

objeto de investigação. Sinisterra vai entrar com um recurso para a cassação da sentença diante

da Corte Suprema de Justiça, para que analise o depoimento do paramilitar e revogue sua

sentença.

—Meu deus! É a única chance que eu tenho de sair daqui. E Olivia?

—Logo depois tiveram que aparecer esses malditos corpos no terreno em que Olivia desejava

construir *La Casa de Paz* e desde então, tudo desmoronou, porque ela diz que se sente

envergonhada.

—Eu li tudo isso no jornal, uma das valas comuns do império de mortes de Ruiz. Os filhos

acorrentados aos erros de seus pais —sentenciou Jorge—. Você tem que entender Olivia.

Ambos ficaram em silêncio.

—Veja só... Essa mulher sim, marcou sua vida e criou sua história. O que você está pensando em

fazer?

—Ainda não sei. Ela não quer me ver.

—Não me parece uma mulher volúvel em seus sentimentos. Diferente da mãe dela.

—Você se lembra de Rosalía?

—Só lembro que era uma mulher bonita e isso basta.

Jorge acendeu um cigarro e se perdeu em seus pensamentos.

—Quero que assim que você estiver livre, que volte para a fazenda. Preciso de sua ajuda com

os animais e com o trabalho da terra. O que você me diz? Tem ânimo para isso?

—Só de imaginar os desastres que você fez... —disse de brincadeira e com um tom de

ternura—. Sim! Sim, quero! É o meu maior desejo! E com você, eu terei trabalho até o fim dos meus

dias.

—Não tenha a menor dúvida!

***

Rafael Sinisterra apresentou-se na semana seguinte na penitenciária para preencher as

formalidades e pegar a assinatura de Jorge, explicando-lhe os diferentes passos. A Corte teria a

obrigação de analisar o recurso de cassação, estudaria com uma lupa o depoimento do

paramilitar, e se fosse julgado procedente, revogaria a sentença pelo erro cometido.

—Destruiremos Arcadio Mendoza com esta demanda, de tal forma que não poderá exercer

mais a advocacia. O homem é uma vergonha para nossa classe.

—Faça o que tiver que fazer, advogado, o importante é que este recurso dê certo.

***

Os meses seguintes estiveram povoados de expectativas, Jorge não queria fazer ilusões, porque

o golpe seria ainda mais duro se o recurso não desse em nada, mas algumas noites ele se permitia

sonhar, voltar à fazenda, à sua família e para Belén. Não, pensar nisso era uma soberana

estupidez, não poderia, porque no mínimo ela já teria voltado a namorar, ou no mínimo também o

fio de seus sentimentos não fosse assim tão forte.

No ano seguinte de tê-la deixado, o ciúme o atormentou como sabia que aconteceria. Tinha

pesadelos dela com outros homens, rindo dele, nunca tinha sido do tipo ciumento, mas com Belén,

tudo tinha sido em excesso: muito intenso, muito amor e muita entrega. Foi lindo. Se saísse dali,

poderia refazer sua vida, mas sem entregar seu coração. Este, ele já não possuía mais.

## CAPÍTULO 26

Mãe e filha aterrissaram em pleno verão em Nova York. Belén chegou para trabalhar no

Departamento de Arrecadação de Fundos Comunitários da Unicef. Não quis se instalar na cidade,

por sua tranquilidade e por seus parques, escolheu uma cidade vizinha, localizada a meia hora de

Nova York: Monclair, Nova Jersey. Contratou uma babá colombiana, recomendada por uma amiga

de sua mãe e se instalou em uma casa pequena perto da rua principal da cidade.

Começou em um trabalho que era diverso daquele que já havia feito até o momento, mas o

bem-estar de sua filha estava à frente de tudo, então as correrias pelo mundo tinham acabado.

Seus pais a visitavam a cada três meses e ela passava as férias na Colômbia.

Os anos se passaram um a um e de imediato se viu dando adeus à sua pequena na porta da

escola. O coração apertava de vez em quando, sempre que Paloma fazia alguma expressão que

a fazia lembrar de Jorge ou quando corria a passos largos. Era alta e magra, seu cabelo era

escuro, preso apenas por uma fivela. Era vivaz, inteligente e perfeita, mas tão manipuladora como

podia ser uma criança de sua idade.

—Vai demorar esta noite, mamãe?

Era um frio fevereiro de 2013, e Paloma já ia para a escola primária, pois completaria seis

anos em maio. Caminhavam pela rua molhada e com resto de neve em razão de uma nevada

caída na noite anterior.

—Você já sabe, tenho compromisso, não chegarei tão tarde, mas você já

estará dormindo.

Quando chegaram na porta do jardim, que ficava a algumas quadras da casa, ela abraçou sua

filha e lhe deu um sonoro beijo, não queria soltá-la.

—Mamãe, você está me apertando muito.

—É porque eu adoro você.

Chegou a tempo na estação de trem que a levaria até a cidade. Na viagem de meia hora,

aproveitava para ler ou adiantar seu trabalho. Ao entrar no escritório tinha uma mensagem de seu

chefe para que se apresentasse assim que chegasse. Caminhou pelo corredor, cumprimentou seus

companheiros que já estavam sentados em suas baias.

Abriu a porta do escritório e o homem, de imediato, levantou os olhos do computador. Deu-lhe um

sorriso, se levantou e ao se aproximar dela lhe deu um beijo profundo.

—Bom dia —disse, acariciando seu rosto com ternura.

Belén devolveu o beijo e sorriu.

—Já confirmei as reservas para o espetáculo desta noite. Você deveria ficar comigo hoje, meu

céu. Vamos para minha casa depois do jantar.

—Alberto, você sabe que eu não gosto de ficar fora de casa. Não gosto que Paloma acorde e

não me encontre lá.

—Eu entendo você, mas acho que você poderia viver aqui na cidade, existem bairros muito

agradáveis. Deixe-me mostrar uma casa no Brooklyn.

—Não, não vou tirar Paloma de seu meio, porque tive um trabalho enorme para deixa-la na

creche e depois na escola, ela já tem amigos. Não poderia fazer isso com ela, não agora.

—Está bem. Não vou pressionar.

O homem atraente olhou para ela, pensativo, a pegou pela mão e a fez sentar. Belén olhou

para ele com carinho. Tinham começado aquele romance quando Paloma completou três anos,

quando ela o convidou para a festa de aniversário de três anos, e ele chegou com um enorme urso

branco, que agora era quase cinza de tanto a criança arrastar pela casa.

Alberto já havia feito, antes disso, uma e outra insinuação, mas Belén, que só tinha tempo para

sua filha, não havia planejado a presença de um homem me sua vida. Mas naquele dia, ao ver a

maneira como ele interagiu com a brincadeira das crianças, sem nem ao menos se incomodar ou

aborrecer, fez o que não tinha feito em anos de investidas e insinuações.

Na semana seguinte, saiu para jantar com ele e depois de um mês foram para a cama. Viam-se

duas vezes por semana fora do horário de trabalho e um domingo a cada quinze dias. Belén ia

com Paloma para Nova York e passavam o dia juntos. Era uma relação cômoda para ela, se sentia

bem. Alberto era, acima de tudo, um bom amigo e bom amante, mas seu coração não estava em

jogo. Estimava-o, mas não o amava.

Muitas vezes, depois de fazer amor, se perguntava o que seria de sua vida se outros fossem os

braços que a acolhiam, se outras fossem as mãos que lhe davam carinho. Sentia-se longe desse

lugar, porque ela mesma estava na cela em ruinas que prendia o grande amor de sua vida.

Repreendia-se por ser tão estúpida, então, ela se virava, beijava-o profundamente e deixava ser

amada outra vez.

***

Em meados de 2013, Jorge Robles recobrou sua liberdade. Na saída, por ele só esperava seu

irmão Miguel. Sua mãe, sua tia Elizabeth e Olivia, que havia se casado com seu irmão meses antes,

esperavam por ele no dia seguinte na fazenda.

Via a rua congestionadas, enquanto Miguel falava de tudo e de nada, e mencionou que um

repórter de um jornal de grande circulação desejava fazer uma entrevista com

ele. Jorge havia

encontrado com ele no mesmo dia, porque não queria ficar mais tempo que o necessário na capital

As lembranças de Belén o sufocavam, pois havia passado mais de seis anos, desde a última vez

que ele a viu, e apesar de ter tentado afogar suas lembranças, algumas noites de nostalgia

daquele romance entrava por entre as grades de sua cela. Não tinha direito, nem sequer, de

perguntar por ela, porque, no mínimo, ela já estaria casada e com filhos, ou talvez não, mas já

estaria do outro lado do mundo espalhando sua bondade.

O jornalista, um homem mais jovem que ele, havia se interessado em seu caso e desejava

publicá-lo, em razão das injustiças, que no campo dos falsos testemunhos, condenavam inocentes a

torto e à direita em todo país. Jorge conversou com ele de maneira relaxada, falou do crime que

haviam lhe acusado, da sentença, de sua absolvição, de seu trabalho na penitenciária, um

fotografo tirou um sem fim de fotografias dele. Naquela noite, apenas conseguiu cochilar por conta

da ansiedade de retornar à fazenda.

Com o coração inchado e um nó no estômago, ao voltar a ver o caminho que o levaria a *El*

*Álamo,* Jorge se preparou para o encontro com sua família e alguns dos empregados que

trabalharam com ela na época em que seu pai ainda vivia. O caminho da entrada estava

asfaltado, e lado a lado estavam os bambus e as ceibas como ele se lembrava. À distância, viu o

gado nas pastagens e os empregados que iam daqui para lá em seus trabalhos.

Ao chegar à frente da casa, acreditou que seu coração explodiria de felicidade, sua casa, seu

lar, estava de volta e desta vez não era um sonho em meio a um pesadelo, era realidade. Desceu

como que em uma nuvem, seus olhos aguaram ao ver a casa, porque acreditou que jamais voltaria

a vê-la, observou detalhadamente as varandas e as persianas de madeira, estava recém-pintada,

as samambaias penduradas e as flores de mil cores do jardim que rodeavam a varanda. Viu sua

mãe descer as escadas do grande pátio rapidamente para abraça-lo, seguida por sua tia.

Atrás delas, uma mulher muito bonita e de sorriso doce, esperava. Jorge sentiu como se o tempo

retrocedesse e fosse a mãe de Olivia que sorrisse para ele. Abraçou sua mãe e sua tia. Miguel,

com um gesto protetor, aproximou-se de sua mulher.

—Bem vindo —disse a jovem de belos olhos verdes e lindo sorriso.

—Obrigado —Jorge deu um beijo em sua bochecha—. Fico feliz em vê-la nesta casa e

muitíssimo obrigado por tudo que você fez.

—Estou muito feliz por você estar aqui com todos nós, como deve ser.

Uma mulher mais velha, com seus passos característicos, saiu ao seu encontro.

—Patife! —saudou Dominga, a encarregada da cozinha.

Jorge a abraçou com carinho, e a mulher estava mais magra do que ele se lembrava.

Fizeram com que ele entrasse, e na sala, os móveis eram diferentes daqueles que ele se

lembrava. Eles o entretinham com todos os tipos de iguarias e bebidas. Pouco depois chegou Pedro

Almarantes, um dos administradores da fazenda, com Teresa, a tia de Olivia. Miguel já havia

comentado sobre aquela relação. Tantas coisas tão iguais e tão diferentes ao mesmo tempo.

Almoçaram em meio a um ambiente descontraído. A mesa, se não era a mesma de antes, pelo

menos era igual a que já havia. Serviram diferentes pratos, e sua mãe fez questão que ele

ocupasse o lugar de seu pai à cabeceira. Sentiu-se fora de lugar, pois não se considerava à

altura. Os sapatos de seu pai seriam impossíveis de serem calçados e pensou que o mérito era

mais de seu irmão que dele.

—Vai tirar umas férias? —perguntou Teresa em meio à conversa.

—Não acredito —respondeu sorrindo—. Já descansei demais e estou louco para absorver todo

o trabalho da fazenda novamente.

Era estranho vê-la acompanhada de Pedro, porque se lembrava de Enrique, seu falecido

marido, muito parecido com seu pai: íntegro e trabalhador. Como seus filhos teriam encarado o

novo relacionamento? Pedro parecia muito feliz. Quanto a Olivia, nunca pensou ver uma Ruiz

sentada à sua mesa, mas ali estava. Ligia a tratava, se não com carinho, ao menos com muito

respeito. Viu que Elizabeth a adorava e seu irmão, finalmente podia vê-lo feliz, parecia até mais

jovem sem aquela carga de amargura em suas costas.

—Você precisa ir à cidade, muita coisa mudou —disse Olivia… Daqui a dois meses será a

inauguração da Casa de Paz.

—Fico muito feliz! Miguel me contou que você fez um grande trabalho.

—O mérito não é só meu, porque muita gente ajudou.

—Ficarei encantado de conhecer a fundo esse projeto, Olivia —Jorge sentiu um desassossego na

nuca, e não soube o porquê—. Ainda existe a confeitaria das irmãs Rueda?

—Sim, agora uma sobrinha delas é a encarregada, a moça esteve estudando na capital e

chegou com novas receitas —afirmou Elizabeth.

Miguel disse alguma coisa no ouvido de Olivia e ela, com os olhos brilhantes e ruborizada,

assentiu. Miguel se levantou da cadeira e pediu silêncio.

—Hoje é um dia muito especial para a família Robles, finalmente meu irmão mais velho está de

novo com todos nós e ocupando o lugar que lhe é devido. O pesadelo ficou para trás e sei que o

futuro irá recompensá-lo da melhor maneira. Minha esposa e eu queremos dar uma notícia

maravilhosa —Miguel acariciou o rosto de Olivia—. Estamos esperando um filho.

Ligia se levantou como uma mola, abraçou Olivia com carinho e deu um beijo em Miguel. Todos

se aproximaram do casal para felicitá-los. Jorge deu um forte abraço em seu irmão e beijou Olivia

na bochecha.

Na parte da tarde, se reuniu com os peões, que haviam organizado um churrasco. Em meio às

risadas, à música, ao conhaque e ao ar do campo, teve a certeza de que não seria um espectador

de sua vida, e finalmente se sentiu livre.

Na manhã seguinte, saiu para cavalgar com Miguel e Pedro antes do café da

manhã.

Percorreram trilhas e caminhos, que fez com que se lembrasse de seus passeios de menino e jovem.

Surpreendeu-se com o trabalho feito por seu irmão e da nova organização do lugar.

***

Ninguém leu com mais atenção a reportagem de Jorge Robles no jornal que Calixto García.

Devagar e absorvendo cada palavra. Olhou a fotografia, e era evidente a semelhança com sua

princesa. Em sua última viagem para Nova York, Paloma tinha mostrado uma inusitada curiosidade

pelo paradeiro de seu pai e Belén tinha conseguido se evadir das perguntas com meias verdades.

Tinha certeza de que sua filha esperava que a menina fosse um pouco maior para contar a

verdade sobre Jorge Robles. Tinha imaginado o duro golpe quando a menina quisesse conhece-lo

e soubesse a verdade, que seu pai era um preso e um assassino.

Bem, pelo visto as coisas não eram assim, ele havia se equivocado. Mesmo aquela reportagem

não ia fazer com que aquele homem lhe caísse melhor, e, pelo menos, sua princesa economizaria

este desgosto quando, por fim, o conhecesse. Não gostava que Belén vivesse em Nova York, mesmo

tendo feito um excelente trabalho com a menina e com seu emprego. Eles viajavam de tempos em

tempo para visita-las. Lembrou-se do que sentiu quando teve Paloma em seus braços: a mesma

sensação que experimentou seu coração quando Belén nasceu. Sabia o que significava crescer sem

o pai e, por isso, ele a protegia tanto. Ver as outras crianças brincarem com seus pais e ele atrás

de uma cerca, observando todos eles. Mesmo que sua mãe tenha feito um grande trabalho,

conhecia o vazio de uma palavra, um simples abraço e essa falta sempre o perseguiu. Não

desejava isso para sua princesa. Se o homem já estava livre e era inocente, como contava a

reportagem do jornal, tinha todo o direito de se relacionar com Paloma, mas não era ele quem

decidia. Sua filha tinha que fazê-lo.

—O que você está fazendo? —sua esposa entrou no escritório com um livro na mão. Viu o jornal

aberto na página da reportagem—. Incrível, não é mesmo?

—Sim —respondeu Calixto, distraído.

A mãe de Belén se sentou na frente de seu esposo.

—No que você está pensando?

—Preciso saber se tudo o que esse jornal diz é verdade.

—Para quê?

—Não percebeu as perguntas de Paloma em nossa última viagem? Belén apenas lhe responde

com duas ou três palavras e a distrai com outra coisa. Temos que saber que tipo de homem ele é,

não o conhecemos.

—Mas Belém sim, e o conhece muito bem.

—Já é hora de Belén falar para Paloma sobre seu pai.

A mulher o encarou, pensativa.

—Paloma terá que conhece-lo algum dia.

—O que Belén pensa disso tudo? —Calixto apontou para o artigo no jornal.

—Não me disse muita coisa, embora eu a tenha notado mais calada que o normal. Disse apenas

que tudo o que o jornal diz, ela já sabia. Não é nenhuma novidade para ela.

—O homem está em liberdade. O que você acredita que ela fará?

Pilar negou com a cabeça. Rosario entrou com uma bandeja com duas xícaras de café.

—Nada, ainda mais agora que ela pensava em refazer sua vida.

O cheiro delicioso da bebida fumegante dominou o lugar. Calixto ficou pensativo.

—Vou contratar alguém para averiguar sobre Robles, quem sabe com que truques terá saído

deste maldito lugar.

Pilar baixou o pires e a xícara sobre a escrivaninha com certa brutalidade.

—Você não é Deus e seu julgamento não interessa a ninguém. Segundo a imprensa, ele não é

qualquer peão do campo, você precisa se controlar.

—Por que você está falando assim comigo? —o homem perguntou, genuinamente surpreso.

—Porque você julga a tudo e a todos. Olhe à sua volta: você tem filhos maravilhosos, netos e

uma vida boa, baixe imediatamente a guarda. Não traga energias negativas a esta família. Se

Belén desejar que sua filha se relacione com Jorge, é problema dela. Pelo menos uma vez na sua

vida, deixe que as coisas aconteçam como deve ser.

—Por vezes eu a noto perdida.

—Ela encontrará o caminho.

***

A reportagem despertou sentimentos diversos em Belén. Viu Jorge no jornal e desejou se

esconder. Meu Deus! Se as fotografias lhe fizessem justiça, tinha adquirido aquela presença

intimidante que percebeu no tempo em que estavam juntos. Teve medo. Esse homem não iria

perdoá-la pelo fato de ter-lhe escondido sua filha.

Leu avidamente a reportagem no computador mais de três vezes. Era difícil

acreditar. Acariciou

a fotografia e seus olhos se encheram de lágrimas. Experimentou uma intensa felicidade, porque,

por fim, a justiça tinha sido feita. Imaginou a alegria de Ligia e de toda sua família, nostalgia por

não poder estar ao seu lado, e em seguida, raiva pura e física porque se ele tivesse acreditado

neles dois, nesse momento seriam uma família.

Era um sábado de tarde, início de verão. O ressentimento, o despeito e o ciúme fizeram com que

ela telefonasse para Alberto. Vestiu um vestido preto justo que ainda não havia usado e sandálias

de salto alto. Encontrou com ele em um bar no centro, perto do lugar do trabalho. Deixou Paloma

com Verônica e com sua amiga e vizinha assistindo pela enésima vez *Valente*.

Quando chegou ao lugar eram quase sete da noite, mas ainda não havia escurecido. Sentou-se

no balcão e pediu uma dose de tequila, tinha chegado cedo, então pediu mais uma dose e recusou

a bebida que dois homens lhe ofereceram. Quando Alberto chegou, ele a encontrou meio

alegrinha pela bebida. Ela lhe deu um beijo profundo, que o homem, surpreso, correspondeu.

—O que aconteceu? —ele quis saber.

—Aconteceu que quero compartilhar meu tempo com meu namorado —ela disse, olhando para a

boca de Alberto, e voltando a beijá-lo.

—Uau!! Quem é você e o que fez com Belén?

Ela apenas sorriu e bebeu outro gole.

—Você não está bebendo muito rápido?

—Não.

Pegou a mão dele e o levou até a pista, dançando colada nele e sussurrou em seu ouvido todas

as coisas que desejava fazer com ele. Saíram assim que pagaram a conta e, já no apartamento de

Alberto, entre beijos e carícias, ela o levou até o quarto.

Ele quis perguntar outra vez se ela estava bem, mas não se atreveu. Não queria estragar o

momento em que, finalmente, aparecia uma parte da mulher que se escondia atrás da profissional

exigente, a mãe dedicada e esse muro de contenção que nunca deixava de lado, nem mesmo na

cama.

Ela ficou nua rapidamente —ele gemeu encantado quando viu o conjunto de lingerie preto—,

deitou-se na cama e o recebeu ansiosa. Alberto era um homem muito atraente, magro e em forma,

ela fechou os olhos e lhe pediu, nunca havia feito isso, certas carícias, beijos

e, por último, suplicou

que ele mordesse seu ombro. Alberto, atônito e muito, muito excitado, a satisfez e entrou nela. Belén

chegou ao orgasmo de maneira silenciosa, quase que imediatamente, ele a percebeu distante,

como se não estivesse naquele lugar. Ele segurou o rosto dela com força e a obrigou a olhar para

ele.

—Ei! Você está comigo, não se esqueça disso.

Ele se moveu dentro dela em um ritmo ferrenho até que encontrou seu orgasmo. Deitaram-se

lado a lado até que acalmaram a respiração. Depois de uns minutos, ela se levantou.

—Aonde você vai? —ele perguntou, ainda intrigado, vendo-a se vestir—. Fique mais um pouco,

podemos repetir.

—Não posso. Verônica deve ir embora às dez horas.

Trancou-se no banheiro, quando saiu, Alberto já havia se vestido e olhava para ela com o

semblante sério.

—O que está acontecendo, Belén?

—Está acontecendo que deveríamos pensar que já é hora de vivermos juntos.

Ele olhou para ela, bastante surpreso, porque há um ano implorava para que fizessem isso e por

vezes terminaram discutindo. Ele se aproximou e a levantou, feliz.

—É sério?

—Sim —ela respondeu, sem olhar em seus olhos.

—E para isso, você teve que beber um quarto da garrafa de tequila e fazer amor comigo como

se o mundo fosse acabar amanhã?

Belén bateu no peito dele com o punho.

—Ei, não se queixe.

—Não estou me queixando —disse, enquanto trancava a porta do apartamento—. Apenas achei

estranho.

—Não dê tantas voltas, porque você me deixa louca com isso há meses. Já não quer mais?

—Claro que quero —ele disse, abraçando-a.

—Não se fala mais nisso. Quando eu voltar da Colômbia, começaremos a procurar uma casa.

—Está bem.

Ele a deixou na estação de metrô que a deixaria a poucas quadras da estação de trem. Já

instalada, rumo à sua casa, pôs a cabeça entre as pernas. Meu Deus! Por que havia feito isso?

## CAPÍTULO 27

No primeiro mês, Jorge se dedicou a observar tudo, desde a lavagem dos

estábulos até a

aplicação de vacinas por parte do veterinário contratado em tempo integral. Andou pelas cercas e

procurou mais de meia dúzia de gado perdido pela redondeza, assistiu partos e absorveu o novo

programa de computador que armazenava todos os procedimentos. A fazenda estava no processo

de certificação de qualidade, então, leu e estudou até altas horas da madrugada para se

familiarizar com as novas técnicas e procedimentos. Nas noites, recebia a visita de velhos amigos

que desejavam saudá-lo.

Admirava o trabalho realizado por seu irmão. Ele mesmo só havia mudado pouca coisa e viu

como Miguel, com profundo respeito, lhe cedia o manejo de várias áreas. Nem tudo era cor de

rosa, porque tinha pesadelos e medo de que alguma coisa desbaratasse sua vida recém-

encontrada. Às vezes, era brusco com Olivia, mas havia uma curiosidade, porque foi ela mesma

que o ajudou a superar tudo isso com seu modo doce e sua paciência, a mulher era um bom

exemplo de dar a outra face. Graças a Deus seu irmão não soube de nada, ou Jorge teria sido

expulso à patada da fazenda. Com o decorrer das semanas, criou laços com ela e esta foi a

chave para começar a curar o ressentimento por todo ocorrido.

Em uma manhã do segundo mês de sua estadia na fazenda, Jorge acompanhou Olivia à *Casa*

*de Paz*, que seria inaugurada em poucas semanas. A moça estava naquela fase da gravidez em

que tudo provocava náusea. Quando chegaram ao lugar, um rápido incômodo, que Jorge não

soube precisar a razão, brotou em seu peito.

Percorreram o que seria a sede da ONG, os salões onde seriam ministradas as aulas, o

consultório da psicóloga, o espaço onde seria o parque das crianças, que seria a doação da

família Robles. A única coisa boa que Orlando Ruiz tinha feito era a mulher na frente dele. Uma

mulher com sua cota de sofrimento, Jorge havia ficado impressionado com tudo que Miguel havia

contado, e se seu irmão não tivesse contado, ele não teria percebido a condição de Olivia.

Uma mulher de idade se aproximou de Olivia. Trazia um cesto coberto com uma manta, que a

presenteou em seguida.

—Clementina, bom dia.

A mulher saudou e olhou para Jorge com curiosidade, até que o reconheceu.

—Mas se não é Jorge Robles!

—Como tem passado, Clementina? —aproximou-se da mulher e lhe deu um breve abraço.

Lembrava-se dela. Tinha uma propriedade que fazia fronteira com a parte sul da fazenda. O

respeito por sua cunhada crescia a passos gigantescos, porque um dos filhos da mulher havia

desaparecido por culpa do pai de Olivia e mesmo assim, via que as duas se afinavam, como se o

passado sofrido e superado as envolvesse com invisíveis fios de consolo.

—Eu deveria dar uma surra em você, porque ainda me lembro que você roubava aa laranjas

da parte de trás de minha casa.

Jorge soltou uma gargalhada.

—Eram as mais doces da região.

—Imagino que você já tenha alvoroçado o galinheiro —ela disse, referindo-se à sua fama de

mulherengo.

Olivia olhou para ele com curiosidade, porque pelo tempo que ele estava em liberdade, ela não

o viu interessado em manter uma relação com mulher alguma. Miguel havia comentado sobre Belén,

mas ninguém se atrevia a tocar no assunto.

—Não causei alvoroço algum —a mulher olhou para ele, em dúvida, e Jorge levantou a mão

direita—. Palavra de honra.

—Você está diferente. Já está casado? Onde está sua mulher?

O rosto de Jorge ficou sombrio.

—Não há ninguém.

—Então, para remediar esta situação, já que esses jovens de agora complicam qualquer assunto,

aviso que uma boa trepada arruma a vida.

—Clementina!

Jorge baixou o olhar e riu baixinho, a mulher era a rainha da sutileza.

Olivia voltou a conversa ao assunto que as havia reunido. Jorge ficou olhando sua cunhada com

um sorriso tênue e olhar curioso. Sentiu-se inquieto até que percebeu o que estava acontecendo

com ele: ver a paixão de Olivia por seu projeto era como escutar Belén falando de seus trabalhos.

Se ela estivesse ali com ele, iria babar pela *La Casa de Paz* e seria uma aliada incondicional.

Quando se despediram da anciã, passaram pela confeitaria das Ruedas. Uma das irmãs atendia

o balcão, enquanto outra mulher, de costas, organizava alguma coisa na vitrine. O cheiro dos

biscoitos e do pão doce saturava o lugar. O lugar estava diferente e tinham dado um toque mais

moderno, com novas vitrines e uma decoração agradável. A mulher recebeu

Jorge de forma

efusiva e o convidou a se acomodar em uma das mesas. Em seguida, entregou-lhe dois mil-folhas

de doce de leite e um refresco.

—Seus favoritos.

—Isso não mudou —respondeu Jorge, enquanto olhava para a sobremesa com entusiasmo.

Uma mulher mais jovem se aproximou da mesa para cumprimentar Olivia.

—Matilde, deixe eu lhe apresentar meu cunhado. Jorge, ela é a sobrinha de Julia e Isabel, a que

estudou gastronomia em Bogotá.

O coração de Jorge deu uma cambalhota ao ver o brilho divertido nos olhos escuros da moça e

seu rosto cheio de sardas, era loira como poucas e pode ver que tinha uma silhueta agradável.

Chamou muito sua atenção, e não soube se foi porque era loira e com o tom de pele muito

parecido com o de Belén, mas de imediato todos os desejos por ela se embolaram em seu

estômago e uma sombra de seu antigo ar paquerador apareceu na conversa. A mulher estava

encantada com a paquera. Despediram-se sem dar em nada, mas Jorge soube que voltaria para

marcar um encontro. Já era hora de continuar vivendo, ainda que não soubesse se ao se fixar

nessa mulher poderia se desfazer do fantasma de Belén.

***

Jorge continuava se familiarizando com a administração da fazenda, o que nesse momento

tomava todo seu tempo. Seu dia começava antes do amanhecer e terminava depois da meia noite.

A sociedade com o antigo chefe de Miguel tinha sido uma benção para o lugar e adjacências. A

situação da fazenda era próspera, dava excelentes dividendos, gerava bom trabalho a jovens

profissionais que, pouco a pouco, iam transformando a cara da comunidade.

Dedicou-se a dar andamento a um projeto com o qual tinha muita vontade de trabalhar, estava

tudo certo com tudo que seu irmão havia feito, mas precisava de algo seu, uma ideia totalmente

sua.

Em uma de suas idas à cidade, quase três semanas depois, tropeçou com Matilde e outra vez

aquela sensação de *dejá vu* fez com que ele a convidasse a jantar naquela mesma noite.

Estavam no melhor restaurante da cidade. Um lugar situado nos arredores e construído em uma

pequena colina. A cidade estava mudada, porque muitas pessoas que tinham sido deslocadas de

suas propriedades tiveram a oportunidade de estudar ou preparar em algum

ofício, e haviam

voltado com ânimo de dar cara nova a *San Antonio de Padua*. Havia novos comércios, joalherias,

boutiques, uma loja de livros, de produtos naturais, uma infinidade.

Jorge vestia uma camisa social branca e um jeans escuro. Matilde o considerava o homem mais

bonito da cidade. Ela usava um vestido de flores e uma sandália de salto alto, e havia usado

maquiagem suave.

—Você está muito bonita! —disse Jorge assim que se acomodaram à mesa.

Cumprimentou o dono do lugar com um gesto de mão e o garçom se aproximou apressado em

atendê-lo. Como a noite estava agradável, não pediram vinho, mas duas cervejas geladas, antes

de fazerem o pedido. Matilde contou alguma coisa sobre seus estudos e sua vida, e pelo que

Jorge percebeu era uma mulher decidida e disposta. Comentou sobre seu trabalho na fazenda. Ela

pegou a mão dele e disse:

—Se desejar falar sobre a prisão, eu vou escutar.

Por que todo mundo pensava que ele gostava de falar sobre isso? Estava cansado de ouvir a

mesma coisa, como se ele estivesse disposto a falar sobre uma viagem ao inferno. Tratou de

esconder sua decepção e não pode evitar a comparação com Belén, que demorou um bom tempo

para tocar no assunto. Por que caralhos pensava nela quando estava diante de uma mulher

atraente que podia aliviar sua abstinência de anos com uma insinuação apenas? “Porque há algo

de Belén nessa mulher”.

Mudaram de assunto para livros, filmes, essas coisas bobas que dizem muito e pouco de uma

pessoa, dependendo de como você a encare. Comeram em meio a um ambiente relaxado.

Beberam uns coquetéis e depois ele a acompanhou até sua casa.

A mulher insistiu em caminhar, estava um pouco chapada e se agarrou nele enquanto percorriam

os poucos passos até sua residência. O toque de seu corpo desencadeou uma catarata de

sensações agridoces. Poderia fazer, sentir-se relaxado, tinha certeza de que seria bem recebido,

mas... era ela a mulher que queria para compartilhar alguma coisa? Não estava seguro e não

queria este tipo de sexo desfrutado anteriormente com Belén. Seu amigo de prisão, Edgar Ramírez,

diria que ele estava como um soberano maricas, mas precisava da maldita conexão que, nesse

momento, não via. A atração era simplesmente física. No mínimo, teria tido um curto circuito por

conta da prisão. Estava como aquelas mulheres dos filmes românticos que Belén tanto gostava.

Ainda gostaria desse tipo de filme? O que faria no seu dia a dia?

Matilde parou exatamente em frente à sua casa, a tênue iluminação do poste projetava um jogo

de luz e sombras. Era uma noite sem lua, as cigarras entoavam suas notas, ela acariciou o peitoral

dele e Jorge disse a si mesmo que era um estúpido em compará-la com Belén. No jantar, ele tinha

visto que tinham pouco em comum, com exceção do cabelo e do tom de pele, e tinha que mostrar a

si mesmo que seria possível a vida sem ela. Não se tratava de puni-la, nem de perde-la, só

precisava passar esta etapa, como se precisasse aprovação em algum tipo de exame. Deixou-se

levar ao tempo em que ainda não conhecia o amor e as coisas eram mais fáceis. Segurou seu

rosto.

—Você é bonita.

Ela sorriu para ele.

—Sei que às vezes posso ser intimidante.

Ele não deixou que ela continuasse, apoderando-se de sua boca e gemendo em seus lábios ao

reconhecer as sensações esquecidas.

Ela o convidou a entrar e ele aceitou.

Fez amor com ela assim que se despiram, como um sedento que encontra o oásis em meio ao

deserto, e por um momento, sentiu alívio e acreditou estar a ponto de conseguir, se não o

esquecimento, pelo menos uma trégua. Não queria o fantasma de Belén ali, a mulher era bonita e

apaixonada, mas a sensação foi um pálido reflexo daquilo que viveu com ela, seu amor, sua

rainha, a eterna... Foi sexo, apenas isso, sexo.

***

Jorge era pouco amigo das redes sociais, a prisão não permitia tanto, apenas acesso ao

Google, com centenas de páginas restritas e isso, quando havia internet, que eram pouquíssimas

vezes. Escutava Olivia e Miguel comentarem de pessoas que não viam há tempos e que os haviam

encontrado no Facebook. Naquela noite, quando todos já haviam se deitado, com um uísque na

mão e uma música no som, abriu um perfil com um nome diferente e passou a navegar o nome de

Belén García.

Quando colocou seu nome no Procurar, apareceram, pelo menos, umas trinta mulheres com o

mesmo nome. Havia a fotografia de uma anciã, uma mulher com o cabelo

vermelho, outra por volta

de seus quarenta nos, uma foto da caricatura de uma bruxa, outra de uma jovenzinha, muito

exposta com certeza, e por último, ela. O coração deu uma cambalhota quando a viu e aproximou

seu rosto para mais perto do computador, como se assim pudesse sentir seu aroma. Seu perfil era

privado, então, não podia ver grandes coisas, apenas meia dúzia de fotos, e pelas fotografias de

capa deduziu que vivia em Nova York. Não havia mudado muito, o cabelo estava um pouco mais

curto, os mesmos olhos, o mesmo olhar ávido e limpo.

“Esse sonho que você é ainda dura. Durará sempre, porque sinto que você está dentro do meu

sangue e passa pelo meu coração a toda hora[37]”. Nunca umas palavras escritas por um autor,

neste caso Juan Rulfo, haviam se identificado tanto com seu amor. Sentiu-se invadido por ela. Não,

ela nunca o abandonou. Belén era seu pensamento em qualquer momento da jornada, respirava

seu aroma de baunilha todos os dias, a cor de seus olhos estava impressa nas pedras do rio que

ele passava várias vezes por dia. Ela o havia deixado tão fodidamente marcado, que era uma

estupidez pensar que poderia refazer sua vida sem nem ao menos saber o que ela fazia com a

dela.

Tinha que imaginar uma forma de entrar em contato com ela. Poderia visita-la em Nova York,

seus antecedentes estavam limpos e poderia pedir um visto de turista, mas tinha iniciado seu projeto

e não queria deixar tudo largado, teria que esperar até dar-lhe forma.

Na semana seguinte, expos a Miguel seu novo projeto, a venda e criação de cavalos puro

sangue. Poderia comprar um terreno nas proximidades que estava à venda. Seu irmão se

entusiasmou com a ideia. Miguel sabia de sua paixão por esses animais, e se lembrou do cavalo

Puro Sangue de seu pai, aquele que havia sido levado pelos mesmos homens que o assassinaram.

Naquela semana, viajou para um haras localizado em *Los Llanos Orientales*, pois desejava fazer

uma réplica menor desse haras em sua fazenda. Ofereceram-lhe a venda de cavalos reprodutores

Appaloosa, Quarto de Milha e Puro-sangue Inglês. Jorge tinha certeza de que o investimento seria

amplamente recuperado, então, apresentaria seu projeto na próxima reunião dos sócios.

Em sua chegada a Bogotá, aproveitou para fazer compras de roupas e outras coisas. Quando

saía de uma loja de um centro comercial, esbarrou com Antonia.

—Ora, se não é o lindíssimo —abraçou Jorge com evidente prazer.

Jorge lhe devolveu o abraço e um nó na garganta deu um tom rouco à sua voz. Nesse momento,

ela estava muito parecida com Belén.

—Com tem passado?

—Muito bem, muito bem.

Antonia estava com seis meses de gravidez e contou a Jorge que havia se casado com um

arquiteto, e que viviam fora de Bogotá. Ele a convidou para almoçar e insistiu tanto, que ela não

pode negar. Instalaram-se em um *Crepes and Waffles* onde ela pediu uma salada e Jorge, um

crepe de mariscos. Falaram do clima, do trânsito, a até de alguma política, quando chegaram os

pedidos.

—Li a reportagem, ou melhor dizendo toda a família leu, não tem ideia de como eu fico feliz em

saber que não existem mais nuvens no horizonte. Fale-me sobre o pilantra do Miguel.

—Meu irmão se casou há alguns meses, e trabalhamos juntos na fazenda.

—Sim, ficava perto de *San Antonio de Padua*, eu me lembro. O que você está fazendo em

Bogotá?

—Estava em *Los Llanos Orientales*, estudando um projeto que quero

implementar na fazenda

—soltou o garfo, bebeu um pouco da limonada que havia pedido —. E Belén?

Jorge detectou alguma coisa na expressão de Antonia, e não soube a que atribuir. Com certeza

seria alguma imaginação, mas percebeu que ela havia ficado nervosa, na defensiva durante todo

o encontro, e ao perguntar por Belén, teve a confirmação. Ela desviou o olhar e bebeu seu suco de

maracujá. Jorge disse a si mesmo que morreria naquele lugar se Antonia dissesse que Belén estava

casada e cheia de filhos. Com uma pedra no estômago, esperou. Ela pigarreou, com certeza pela

acidez do suco.

—Está muito bem?

—Está casada?

Negou com a cabeça.

—Não —disse, como se ele custasse a acreditar.

—Onde ela mora?

—Nova York.

—Preciso falar com ela.

Antonia murmurou alguma coisa bem baixinho. Jorge se inclinou para poder ouvi-la.

—Como disse?

—Nada, nada. Eu teria que perguntar para ela.

—Onde você mora?

—Não moro em Bogotá. Meu esposo e eu moramos em Medellín, vim para o aniversário de

casamento de meus pais. Quarenta anos não se completam todos os dias.

Jorge, que a notava cada vez mais nervosa à medida que a conversa avançava, jogou seu

charme para tirar mais informações, já mais relaxado ao saber que Belén ainda era livre e sua.

Não soube de onde veio este pensamento, mas estava ali. Não pretendia fazer o papel de homem

das cavernas, de forma alguma, esse tipo de pensamento o incomodava, mas Belén era a única

capaz de convertê-lo em um energúmeno machista.

—E quando será a comemoração?

—Amanhã de tarde na casa dos meus pais.

—E Belén estará lá?

Antonia enrubesceu e pigarreou antes de responder.

—Claro que não! —soltou uma risada nervosa—. Como você pode imaginar isso, sair de Nova

York justo agora que está tão cheia de trabalho. Impossível.

A mulher olhou para o relógio e se levantou de imediato. Jorge olhava para

ela, pensativo.

“Mente!”, disse a si mesmo.

—Tenho que ir. Foi um encontro muito agradável.

Jorge chamou a garçonete para trazer a conta. Antonia se despediu, apressada, e deixou o

lugar como um sopro. Jorge percebeu que ela havia deixado uma sacola na cadeira. Saiu do

lugar procurando por ela, mas não a encontrou em lugar nenhum. Abriu a sacola e encontrou um

pacote embrulhado em papel de presente. Com certeza era o presente para os pais dela. No

pacote havia um bilhete com um endereço, que só poderia ser o endereço dos pais de Belén. Jorge

nunca tinha estado lá, mas se lembrou onde eles viviam. Disse consigo mesmo que no dia seguinte

iria devolver o presente. A curiosidade não o deixaria tranquilo até saber.

## CAPÍTULO 28

Belén e Paloma chegaram a Bogotá na véspera da comemoração do aniversário de casamento de

seus pais. Paloma conversou com o passageiro do lado, depois de contar sobre a briga de um

companheiro de colégio com um menino de outro ano antes de sair de férias, passou a mostrar o

curativo de cor rosa fúcsia que tinha colocado no joelho, fruto de um arranhado feito no parque.

Viu o filme *Frozen*, mesmo não sendo seu filme predileto, porque nenhum deles superava *Valente*.

Não comeu a comida do avião, e em troca tirou de sua mochila da *Pocahontas* um pacote de

biscoito e um caderno de desenho.

—Mamãe, trouxe meu vestido de flores vermelhas?

Belén colocou uma mecha do cabelo de Paloma atrás da orelha. Desejava abraça-la com força,

mas ao invés disso, respondeu:

—Se você me der um beijinho, eu respondo.

Ela virou a cabeça de imediato, levantou o rosto, franziu os lábios e a beijou.

—Sim, meu amor, o vestido está na mala, mas lembre-se que este não será o vestido que você

usará na cerimônia.

—Eu sei —disse, delineando uma árvore de cor roxa.

Soltou o lápis, se virou e começou outra conversa com o homem, que teve a paciência de um

santo. Era avô, disse Paloma a Belén. O homem sorria a cada explicação da menina.

—Vamos celebrar a festa dos meus avós, vai haver uma missa e eu irei jogando as pétalas na

frente, e meus primos irão atrás. Fiz uma pulseira, gosto de fazer colares, brincos, anéis. Minha mãe

comprou massinha, dessas que secam, fiz bolinhas e atravessei cada uma com

um palito, eu me

furei com os palitos, mas então eu coloquei um fio e as pintei. Fiz desenhos de flores e estrelas.

Minha mãe disse que vai comprar pedras de verdade quando eu for maior. Não posso chupá-las,

e também nem posso metê-las no meu nariz, porque ela me castiga.

—Paloma —disse Belén em tom de advertência.

—Só posso fazer colares quando minha mãe ou Verônica estejam comigo.

Depois de uns minutos, Paloma dormiu, até o momento em que o avião aterrissou.

Enquanto pegava as malas, aquele nó que havia no estômago de Belén, desde que havia lido a

reportagem e soube da liberdade de Jorge, se apertou ainda mais. Tinha pedido uns dias de

férias apenas para a comemoração do aniversário de casamento de seus pais. Pensava em viajar

para *San Antonio de Padua* e falar com ele. Não levaria a menina, porque primeiro iria dar a

notícia de eu era pai, o remorso a matava, pois deveria ter lhe contado anos atrás, mas a distância

a fazia ver as coisas de forma diferente.

Quando estava em Nova York, suas batalhas eram outras, um mundo os separava e ela se

agarrou a isso para poder superar tudo e criar o ser humano maravilhoso que tinha como filha.

Tinha sido muito vaga com Paloma a respeito da existência de seu pai, quando ela completou

quatro anos, quando ela começou a notar a existência dos pais e, um dia, perguntou pelo seu

próprio pai. Contou para ela sobre o trabalho dele, do homem bom que ele era e, de maneira

velada, do porquê de não conhece-la. Belén tinha medo da decepção. Ela havia superado sua

rejeição, havia reconstruído seu coração fazendo com que o ressentimento contra o homem que

havia amado se acalmasse, mas se Jorge Robles rechaçasse o amor de sua filha, ela o mataria

com suas próprias mãos sem misericórdia.

Alguma coisa dentro dela lhe dizia que Jorge não seria capaz de rechaçar a menina, de fato,

ela quase poderia assegurar que não, mas não sabia como ele reagiria diante de tamanha

surpresa. Paloma era a coisa mais importante na vida de Belén. Ela era sua alma e o fato de a

pequena sofrer por isso, ou que a separassem dela, seria inconcebível. Não sabia o que Jorge

pretendia para sua vida, porque na entrevista, ele tinha sido muito vago quando lhe perguntaram

sobre isso: “Trabalho e mais trabalho”, ele havia respondido.

***

Jorge mal havia conseguido dormir naquela noite, não sabia como enfrentar a família de Belén,

mas precisava entrar em contato com ela, vê-la, saber se ela o havia esquecido ou se ainda

pensava nele. Por que Antonia mentiria para ele? A vida na prisão havia lhe ensinado a farejar

uma mentira a quilômetros. Estaria comprometida? Ela teria contado para ele, mas Antonia se

limitou apenas a balbuciar, nervosa, sem saber o que dizer. Por quê? Não acreditava que fosse

por ele, sua vida havia mudado, já não pendia nenhuma investigação sobre sua cabeça, era um

homem com um futuro, com meios próprios, nada a ver com o que ele foi há seis anos atrás. Se bem

que nada apagaria seu passado, mas agora poderia encarar seu futuro de frente.

Acordou cedo, havia passado a noite no apartamento da família na cidade, saiu para correr e

quando voltou, se dedicou a trabalhar em seu computador por um tempo. Um pouco mais tarde,

tomou banho, fez a barba, colocou sua loção pós barba e se olhou no espelho. O que diria Belén

se o visse? Que estava mais velho, que já tinha alguns cabelos grisalhos, mas seu corpo estava

igual, provido e musculoso, inclusive havia desenvolvido mais músculos por conta do exercício e do

trabalho que fazia na fazenda.

Vestiu a roupa que havia comprado no dia anterior. Se tivesse que falar com o patriarca da

família García, assim o faria. Com tipos mais difíceis tinha tido que enfrentar. Com o pacote de

presente esquecido por Antonia, saiu do apartamento.

Depois de quarenta minutos, estacionava em uma rua de casas de idêntica arquitetura, um

jardim pequeno e portas de madeira escura. Na esquina ficava um parque e à distância podia-se

ouvir os gritos de uns jovens e os assobios. Com certeza estavam jogando alguma coisa. O céu

estava claro, tinha chuviscado na noite anterior, mas agora o sol brilhava.

Aproximou-se da casa cujo endereço estava escrito na nota fiscal. Era uma casa de esquina, com

um jardim muito bem cuidado, com grande variedade de flores. Jorge tirou os óculos de sol e os

colocou no bolso da jaqueta. Tocou a campainha e escutou uns passos suaves seguidos de outros

mais pesados.

—Deixa que eu abro, Rosario —disse uma voz de menina.

—Sua mãe não gosta que você abra a porta.

Uma mulher de certa idade apareceu no umbral da porta.

—Bom dia. Com quem deseja falar?

—Estou procurando por Antonia.

—Um momento, por favor.

Quando a mulher se afastou da porta, Jorge olhou para baixo. Uma menina olhava para ele de

maneira curiosa, sem dizer uma só palavra.

—Olá —ele disse por dizer, mas seu coração deu uma cambalhota ao olhar para ela com mais

atenção.

—Qual o seu nome?

—Jorge Robles.

A pequena disse alguma coisa, quando por entre um corredor escutou quando a mulher

chamava por Antonia e então uma frase que o deixou imóvel.

—Você tem o mesmo nome do meu pai.

Nesse momento, outra voz foi ouvida.

—Paloma, o que foi que eu já lhe disse? Não pode abrir a porta para um desconhecido.

O zumbido em seus ouvidos se fez mais forte e seu coração quis sair do peito quando escutou a

voz de seus sonhos.

Belén abriu a porta, Jorge sentiu que ficava sem ar, o chão se mexeu sob seus pés. Ela ficou tão

branca como a parede.

A menina se aproximou de Jorge e apontou para ele.

—Mãe, este senhor tem o mesmo nome do meu pai.

Nem Jorge nem Belén eram capazes de pronunciar uma única palavra. Ele, com as pernas

trêmulas, ficou de cocaras, seu coração batia como um tambor e um suor frio escorreu por suas

costas quando a menina ficou olhando para ele com curiosidade. Deixou o pacote que tinha ido

devolver no chão. Sentiu-se tão fora de seu habitat como um cavalo de corrida dentro de um

restaurante fino, mas se limitou a observá-la, aproximando-se mais da menina. Percebeu seu

cheirinho de loção ou de xampu, um perfume suave e cítrico, escutou sua respiração. Pegou o rosto

dela com a mão, escrutinou seu rosto, percebeu que ela tinha seu mesmo tom de pele e os olhos

eram os mesmos que os dele, mas a boca era de Belén. O cabelo liso e escuro dos Robles.

Uma corrente o atravessou como se ele tivesse colocado o dedo na tomada. A menina havia

chamado Belén de mãe, ela tinha tido uma filha sua, mas não havia procurado uma maneira de

contatá-lo, de contar para ele. Pensava que poderia esconder dele a vida toda de que ele era

pai?

Desprendeu o olhar do rosto angelical da pequena, e levantou o olhar para observar Belén

entre furioso e confuso. Tinha muitos sentimentos desencontrados, mas tinha um que era o que mais

o abatia: era a primeira vez, desde que havia deixado a prisão, que se sentia perdido.

A menina tagarelava alguma coisa sobre a festa, mas ele não a escutava. Tinha uma filha, seu

nome era Paloma, e nesse momento teve vontade de repreender Belén pelos seus atos, faria isso,

claro que ele o faria. Queria torcer seu delicado pescoço e ao mesmo tempo devorar sua boca. O

sangue lhe subiu à cabeça e teve vontade de sair correndo, apesar de não se sentir dono de si

mesmo, não se atreveu. Teve que recorrer ao seu autocontrole para não assustar a pequena.

—Jorge, você me ouviu?

A voz da menina foi tudo que ele precisou para se controlar. Ela o puxava pela camisa

enquanto continuava falando, tão rápido que ele quase não a entendia.

—Você tem um nome lindo —disse, quando conseguiu descer a enorme pedra que havia se

alojado em sua garganta. Engoliu várias vezes, mas o tom de voz saiu rouco.

—Minha mãe o escolheu. Ela disse que era assim que meu pai a chamava.

Ele acariciou aquela bochecha de pele suave e olhou para ela com imensa

ternura.

—Quantos anos você tem?

—Acabo de completar seis anos —mostrou com os dedos das mãos, uma mão gorducha com as

unhas pintadas de um rosa brilhante.

Jorge se levantou, mas continuava olhando para Belén de maneira indecifrável. Percebeu que

ela estava nervosa e ficou alegre, ainda não havia recuperado sua cor e olhava para ele com

alguma culpa.

—Temos que conversar —disse com um tom de voz suave, mas com um fundo frio como gelo.

—Depois —ela respondeu com o semblante angustiado.

Ainda não havia se recuperado por ver Jorge Robles na porta de sua casa. Quis morrer quando

viu a maneira com que ele olhava para a menina, estava certa, porque ele jamais rechaçaria sua

filha. Deu graças a Deus por isso. Senhor! Estava ainda mais bonito do que ela se lembrava, os

cabelos grisalhos em suas têmporas a abalaram. Escutar seu tom de voz teve um forte impacto

sobre ela, atravessou seu corpo, causando-lhe tremores. Tantas lembranças galoparam por sua

mente que quis chorar de alegria por dividirem o mesmo espaço. Vestia uma calça comprida azul

escura, mocassins escuros que combinavam com a fivela do cinto da calça comprida, camisa branca

e jaqueta de cor areia. Suas pernas tremeram, quis pular para abraça-lo, cheirá-lo, estreitar-se

contra seu peito e dizer-lhe que apesar de tudo tinha sentido falta dele com loucura.

Ele estava concentrado na menina, e apenas tinha lhe dado um olhar apático. Não sabia o que

fazer, percebia que Jorge estava em uma onda de pressão prestes a estourar. Tinha certeza de

que Paloma iria detê-lo.

—O que está acontecendo aqui? —Calixto ficou surpreso ao ver o quadro apresentado, sua

neta abraçada a Jorge Robles.

—Vovô, este senhor tem o mesmo nome do meu pai.

—Estou vendo —expressou o homem, surpreso.

Aproximou-se, a menina se separou e Jorge se levantou, relutante. O pai de Belén pouco havia

mudado. Continuava sendo o mesmo homem altivo e imponente que o visitou na prisão anos atrás.

—Boa tarde! —saudou a todos, pois viu uma mulher atrás de Calixto, que com certeza era a

mãe dela, de tão parecida com as duas irmãs.

—Faça-o entrar, princesa. Você não pode deixa-lo na porta, é falta de educação —comentou

Calixto com Paloma.

Jorge não queria entrar, queria levar Belén e Paloma para algum canto, mas era melhor estar

com outras pessoas, porque aliviaria o gênio que estava a ponto de estourar. A condenada da

Belén olhava para ele com certo temor. Ora, ainda se lembrava do temperamento dele, pelo visto.

Que se preparasse!

Palma pegou na mão dele e o levou para a sala, para onde todos os outros os seguiram como

em uma procissão.

Jorge não queria se sentar, mas Pilar insistiu e pediu à senhora que lhe abriu a porta para que

trouxesse café para todos.

—Eu vim apenas trazer o presente que Antonia esqueceu no lugar que nos encontramos, ontem.

Pilar o recebeu.

—Muito obrigada, mas sente-se —insistiu a mulher, que deixou o pacote em cima de uma mesa

de canto.

Belén estava muda. Antonia havia contado sobre o encontro e ela havia repreendido a irmã por

não ter anotado seus contatos. Tinha dormido pouco na noite anterior, pensando nisso. Paloma tinha

saído, mas voltou em seguida trazendo uma malinha que deixou no chão e, de lá, tirou um cavalo

de plástico.

—Minha mamãe me disse que meu pai é médico de animais. Você também é médico de animais?

Aproximou-se, subindo sobre as pernas de seu pai, que já havia se sentado. Enquanto falava,

Jorge, que estava entretido com a conversa da menina, fez um gesto afirmativo com a cabeça.

—Quero montar em um cavalo como este —disse, como uma princesa falando para um súdito.

Jorge olhou para o cavalo um pouco desbotado, com as patas dobradas para fora, com certeza

pelas horas de brincadeira.

—Faremos isso em um parecido —acariciou suas costas.

Calixto levantou uma sobrancelha. Jorge se aproximou e disse em voz baixa, apenas para a

menina, que iria presenteá-la com um cavalo. Paloma abriu os olhos e ia contar a boa nova,

quando ele se apressou em dizer:

—Não diga nada a ninguém. Será o nosso segredo.

A menina fez um gesto afirmativo com a cabeça e então tagarelou:

—Um dia, a professora nos levou a uma fazenda. Tinha cavalos, porcos, vacas, ovelhas peludas

e patos. Eu corri atrás dos patos e caí. Eu levava curativos na lancheira. Minha mãe os deixou ali,

porque diz que eu caio a toda hora —Paloma revirou os olhos em uma expressão eu Jorge teve

vontade de abraça-la, e nunca mais soltá-la—. A mamãe porca tinha porquinhos pequenininhos, e

deixaram que eu levantasse um deles, mas não pude tocar nas ovelhas. Frank não me deixou fazer

isso, e depois, nós fomos embora.

Belén nunca agradeceu tanto a conversa de sua filha como nesse momento. Não conseguia

controlar a tristeza com que olhava para ele. Gravou cada detalhe dele, dos pés à cabeça.

—Paloma —Calixto pediu—, quero falar com Jorge uns minutos no escritório. Você nos permite?

—Não se preocupe, senhor García, falarei com o senhor, mas primeiro quero falar com Belén

—afirmou Jorge, em um tom que não admitia réplica e já, aparentemente, mais calmo.

Ela olhou para ele, assustada.

—Claro, podem conversar no escritório.

—Não, obrigado —virou-se para Belén—. Vi um parque na esquina e espero você em cinco

minutos. —então, se dirigiu à menina—. Minha riqueza, vou falar uma coisa com sua mamãe e volto

logo para conversarmos um pouco. Pode ser assim?

—Por que não posso ir ao parque? —insistiu a pequena.

—Paloma, eles precisam conversar coisas de gente grande —disse Pilar.

Jorge abraçou sua filha e saiu da casa, fervendo.

Queria matá-la! Tinha uma filha que não conhecia e ela também não o conhecia. Este

pensamento fez o seu sangue ferver. Sua filha, queria retornar e se aproximar dela, porque se

sentiu grande e sem jeito, queria só olhar para ela e deixar que ela falasse o que quisesse com

aquela voz tão doce. Perdeu os estribos outra vez, queria esmurrar a árvore que tinha à sua

frente. Lembrou-se do seu rosto, era linda e uma Robles, dos pés à cabeça.

Viu quando Belén vinha à distância. Estava espetacular, a grande patife. Vestia um jeans colado

nas pernas e um suéter claro e largo, botas de cano médio. Tinha prendido o cabelo em um rabo

de cavalo. Como podia experimentar sentimentos tão contraditórios em relação a ela? Queria

estrangulá-la e ao mesmo tempo tocá-la em todas as partes, queria torcer aquele pescoço, mas ao

mesmo tempo queria se aproximar e cheirá-la para ver se ela ainda cheirava à baunilha. Belén,

ao se aproximar, deu passos mais lentos até ficarem frente a frente. Os olhos de Jorge expeliam

labaredas de fogo.

—O que você contou a Paloma a meu respeito? —perguntou com muita raiva.

—Que você é veterinário, que tem uma fazenda, que estava em um lugar do qual não poderia

sair até agora, mas ela não perguntou muito sobre isso, pode ficar tranquilo —as palavras saíam

atravessadas, ele bufava furioso, mas ela continuou—. Que você a amou desde sempre, mas que

por circunstâncias da vida, não podia estar com ela.

O coração de Belén batia de forma violenta. As mãos suavam e a voz tremia. Abraçou a si

mesma e caminhou uns passos até um banco de cimento. O jogo já havia terminado e no parque

restavam alguns meninos ao lado dos balanços. Um par de idosos passeava no local, alimentando

os pombos. O sol atravessava os galhos de árvore, cheirava a eucalipto. O chão estava cravejado

de sementes dessa árvore.

—Como você pode, Belén? —perguntou em um tom de voz ferido, de cima. Recusou-se a se

sentar ao lado dela.

Belén quis se encolher no banco e desaparecer.

—Você não queria filhos, essas foram as suas palavras, não podia sair correndo, chorando e

dizendo para você que você me deixou grávida —respondeu Balén com um traço de ira.

Jorge fez um ruído com os dentes, tentando se controlar.

—Eu não deixei você grávida, Belén, você engravidou a si mesma, sem se importar com a minha

opinião —soltou um suspiro profundo—. Mas isso já não importa mais.

Belén sentiu como se tivesse levado uma bofetada.

—Não entendo a sua raiva! Foi você quem me tirou de sua vida ou devo lembra-lo que você me

tratou como se eu fosse uma prostituta? Eu era sua mulher! —estava sendo baixa e sabia disso, mas

tinha que se agarrar em alguma coisa.

—Isso não diz respeito a você! Você foi uma soberana egoísta! —aproximou-se com o rosto

alterado pela raiva, contendo-se para não tocá-la.

—Eu? Eu egoísta, Jorge Robles? Você me jogou fora como um trapo velho! —soltou, furiosa—.

Você não se importou com nada mais que você e sua tranquilidade. Pensou que meu amor fosse

tão pouco que eu iria embora com o primeiro que me dissesse três palavras bonitas. Sinceramente,

Jorge, não acreditei que isso importasse —concluiu ressentida.

—Idiotices! —Jorge levantou o tom de voz. Uns meninos que brincavam ali perto olharam para

eles de maneira curiosa —. Você sabe muito bem que eu teria me responsabilizado por ela!

Belén se levantou como uma mola.

—Eu me responsabilizo por ela muito bem, é uma criança saudável e feliz, e tem tudo o que

precisa.

—Não tem um pai!

—Não precisa de um pai! —mentiu, e envergonhada, lhe deu as costas.

Jorge apoiou as mãos na cintura com os punhos fechados.

—Quem demônios é você? —indagou, consternado.

Da mulher que Belén tinha sido, não restava quase nada.

Ela se virou de imediato com os olhos escurecidos de raiva.

—Sou a mulher que me coube viver, a mulher que teve que se levantar para não cair. Você

aparece aqui reclamando coisas sem pensar no que realmente aconteceu.

—Não me venha com suas histórias. Você é uma mulher forte, a minha família amava você, e

você deveria ter procurado minha mãe ou Miguel.

—Para quê? Para que tivessem ido contar essa história para você na prisão e que você tivesse

me odiado ainda mais por ter um filho que você não queria!

Ele a segurou pelo braço de forma indelicada, mesmo assim, ela olhou para ele

desafiadoramente. Não estava disposta a aceitar toda a culpa do que havia acontecido.

—Ouça bem! —Jorge mostrou os dentes—. Essa menina passou seis anos sem o meu sobrenome.

É uma Robles! Você lhe negou o direito à minha família, negou sua própria herança.

Ela se soltou daquele agarre com firmeza.

—Você disse que não queria que o seu filho se envergonhasse de você! Que nunca permitiria

que ele visitasse você naquele lugar.

—Faz quatro meses que saí da prisão. Se eu não tivesse vindo hoje, você teria me procurado?

—Sim.

—Mentirosa.

—Não tenho por que mentir para você, você apenas se antecipou. Agora, diga-me, Jorge: o que

teria acontecido se você soubesse da minha gravidez, estando na prisão? Não estava nos seus

planos, você não me queria e enfrentava uma condenação. O que mais você queria que eu

fizesse?

—Não me insulte, Belén, e nem insulte a você mesma. Você sabe que se eu soubesse, eu teria

feito o que era correto!

—Não acredito, você terá que fazer melhor que isso, Jorge Robles! Eu fiz o que deveria ser feito

naquele momento!

—Não, você se vingou de mim, Belén, e se vingou da forma mais baixa —ele se inclinou um

pouco mais para perto dela e disse da maneira mais deliberada—. Você me privou da minha filha

durante anos e você vai se arrepender por ter feito isso.

Belén ficou aterrorizada. Jorge demonstrava aborrecimento em cada um dos seus poros. Ela não

poderia mostrar nenhum sinal de debilidade ou seria sua perdição. E se ele tirasse sua filha?

—Paloma é minha —ratificou.

—Você não a concebeu sozinha —ele se inclinou ainda mais para perto e disse, bem

lentamente—: acredite! Eu me lembro muito bem disso. Ela é minha também, e tanto é que você

falou de mim para ela.

—Eu não ia mentir para ela, e quando me perguntou pelo pai dela, tentei ser honesta com ela.

Ele riu sarcástico.

—Devo supor que tenho que agradecê-la por isso? —zombou—. Até quando você ficará no

país?

—Estarei por uma semana, mas chegamos apenas ontem.

Ele negou com a cabeça.

—Eu acho que você vai ficar mais uns dias —ela olhou para ele, confusa—. Preciso de mais

tempo com ela, para nos conhecermos e que ela conheça minha família. Meu lugar não é na capital

e você sabe bem disso. Moro em *San Antonio de Padua,* e estou aqui apenas de passagem, em uma

viagem de negócios —disse, e seu tom de voz era frio.

—O que você quer fazer?

—Quero que você e Paloma me acompanhem até *El Álamo*.

Ela olhou para ele, surpresa. Ele estava louco se acreditava que ela fosse sair correndo atrás

dele. Tinha que voltar para Nova York. Jorge, ao ver que ela nada comentava, continuou:

—Quero no mínimo um mês com minha filha, Belén. Quero saber que cor ela gosta, quais são as

suas flores favoritas, se prefere uma princesa da Disney ou uma tartaruga ninja, quero saber até o

menor detalhe da vida dela. Quantas vezes ela ficou doente, quem são os seus amigos no colégio,

mas o mais importante... —aproximou-se tanto dela, que ela teve que retroceder—... quero que

esta menina tenha um sobrenome. Que me reconheça como pai dela, muito mais do que você tenha

contado sobre mim.

—Mas eu tenho um trabalho, uma vida em Nova York. Não posso tirar um mês —ela disse,

completamente consternada. Tinha pedido uma licença de uma semana. Não podia pegar um mês

para satisfazer um capricho dele!

—Pergunte se eu me importo —disse de maneira sarcástica, coisa que enfureceu Belén ainda

mais.

—Pois eu não sei se você se importa, mas eu tenho responsabilidades, compromissos e minha

filha já tem um sobrenome, obrigada —tentou mostrar-se mais forte do que se sentina, na verdade.

Se Jorge a obrigasse a reconhecer seus direitos como pai, poderia perder Paloma.

—Veja, Belén —ele olhou para ela com satisfação, sabendo que era uma vitória que já havia

vencido, muito antes dela começar—. Podemos fazer isso da maneira mais fácil, você, Paloma e eu,

vamos para *El Álamo*, para que a menina conheça minha família e eu comece a exercer meu papel

de pai, ou fazemos da maneira mais difícil, e eu contrato um maldito advogado que faça valer

meus direitos sobre ela, eu me submeto a um exame de DNA e se tiver que mover uma ação contra

você pela guarda total, juro para você, pela memória do meu pai, que farei isso com tanto gosto,

que você esquecerá qualquer coisa ruim que tenha acontecido em sua vida. Farei você viver no

inferno.

—Você está sendo irracional! Não entende minhas responsabilidades no trabalho...

—Suas responsabilidades no trabalho pouco me importam! Você me privou seis anos da minha

filha! Por isso, é pegar ou largar!

—Não posso fazer isso! Você não pode chegar e mudar as nossas vidas.

Ele se aproximou e segurou o queixo dela com força, com o indicador e o polegar. Agitado por

uma montanha de sensações esquecidas, aproximou seu rosto ao dela.

—Posso e farei. Esteja pronta junto com minha filha, amanhã, às oito da manhã, sem falta —ele a

soltou com desdém e se afastou antes que pudesse fazer alguma coisa que viesse a se arrepender.

Ele a levaria, nem que fosse arrastada. E que Deus tivesse piedade deles dois!

—Não! —ela gritou, sem se importar se alguém estivesse escutando—. Você não vai vir com suas

pretensões machistas, porque eu também tenho direitos sobre minha filha e seu tiver que contratar

um advogado, eu também posso fazê-lo, existem dois muito bons em minha família. Não tenho medo

de você. E se você deseja conhecer sua filha, você vai fazer sob a minhas condições ou eu viajo

hoje mesmo para Nova York, e eu não acredito que você possa me deter.

Ele se aproximou, lançando faíscas pelos olhos.

—Não se atreva!

Ele a segurou pelo braço e a levou para casa.

—Vamos, a minha filha está me esperando.

—Não pode dizer nada ainda, eu preciso prepara-la.

—Não sou tão cruel.

—Eu vou contar para ela!

Jorge, sem escutá-la, voltou furioso para a casa. Belén o seguiu sem dizer mais nem uma única

palavra. Estava incomodada, envergonhada e assustada em partes iguais, e mesmo assim, não lhe

daria o gosto de vê-la novamente abatida. Uma vez dentro da propriedade, encontrou Paloma

brincando com uma porcelana diminuta e com Camila, uma menina de aproximadamente onze anos,

sua prima, como ela se apresentou.

Quando ele entrou na sala, a menina deixou o que estava fazendo e correu até ele, mostrando

um sorriso radiante. Jorge havia enfrentado homens ruins, violentos e deturpados, mas nunca havia

percebido o medo que tinha diante de uma criança tão pequena de sorriso angelical. Sua filha o

assustava como um demônio e não entendia o porquê.

—Quer tomar um chá? —perguntou a menina assim que ele se sentou.

—Sim, claro que sim.

Ele voltou a olhar para aquele rosto, seu cabelo. A menina usava um vestido de brim que

terminava com argolas de metal, calçava um *All Star* rosa fúcsia e seu cabelo preto estava

enfeitado com uma faixa da mesma cor que seus tênis. Usava um suéter aberto de cor rosada.

Jorge se sentia como se alguém tivesse lhe dado um pontapé no estômago ou como se estivesse

submerso em uma dimensão desconhecida, uma onde não havia dor, apenas as risadas alegres de

um pequeno anjo. Pegou seu telefone e tirou várias fotografias. Paloma, ao perceber, presenteou-

lhe com algumas poses, como se para ela fosse normal que a fotografassem.

Enquanto a menina servia o chá com toda cerimônia, Jorge estava envolvido com as fotografias

que acabara de tirar, tão ensimesmado, que não percebeu quando Belén se sentou no outro

extremo da sala, de onde observava os dois interagirem.

—Quando estamos em casa —afirmou a menina, fazendo que seu pai prestasse atenção nela—,

mamãe e eu saímos para o jardim, estendemos uma toalha e tomamos chá, minha mãe faz biscoitos

e, às vezes, convido Tammy, minha vizinha, mas estamos de castigo —a menina se virou para olhar

para Belén—. Quantos dias, mamãe?

—Você sabe muito bem, tesouro, duas semanas depois que voltarmos.

—Por que sua mãe castigou você? —perguntou Jorge.

A menina lhe entregou uma xícara diminuta e ele não soube muito bem o que fazer com ela,

assim que apenas a segurou.

Paloma se balançou, mordeu a unha do polegar, e estreitou os olhos quando olhou para Belén.

—Nós cortamos o cabelo da Barbie doutora que mamãe me deu de presente de Natal.

Ele não soube o que deveria dizer. Duas semanas de castigo por tosquiar uma boneca? Sentia-

se mais perdido que uma novilha na sala de sua casa, mas escutava sua tagarelice incessante. Ele

a acomodou em seus joelhos, e nela concentrou toda sua atenção, queria imaginar que eram as

únicas pessoas na sala. Observou pequenos detalhes, que ele levava o polegar à boca quando

sorria, e se risse bastante, balançava as pernas. Falava bastante e tinha uma lógica brilhante par

uma menina de tão pouca idade.

—Tammy tinha uma Barbie assim e eu queria que Rebeca se parecesse com ela.

Ele roçou seu queixo sobre a têmpora suave, tinha se perdido da conversa, quando perguntou:

—Rebeca?

Até pouco tempo atrás, seu coração havia parado, agora sentia que ele se expandia em seu

peito, tornando-o gigante. Não sabia para onde olhar. Era pai, por Deus, tinha se convertido em

pai de uma menina.

—Sim, assim se chama minha Barbie doutora.

Ele podia jurar que todas se chamavam Barbie. A emoção no peito não diminuía. Calixto os

interrompeu por um momento e convidou Jorge a entrar no escritório. Paloma, incomodada por

tantas interrupções, queria entrar também, mas o homem foi firme.

Falaram por quinze minutos. Belén roía as unhas, sentia-se como uma menina, como se de

repente não tivesse o controle de nada e isso lhe parecia o cúmulo. Era uma mulher adulta, e eles

não iriam trata-la como uma marionete. Ainda não podia acreditar em sua falta de sorte, Lei de

Murphy, definitivamente. Tinha pensado em viajar para *San Antonio* e, por circunstâncias alheias,

ele havia se adiantado, ele nunca acreditaria nela, e a olhava como se ela

fosse a bruxa má da

história. Era tão injusto.

Quando Jorge saiu do escritório, já era hora de se arrumar para a cerimônia de seus pais e

para a festividade a seguir. Ele se agachou outra vez e disse à sua filha:

—Tenho que ir embora, preciosa, mas voltaremos a nos falar —despediu-se da menina e

presenteou Belén com uma fria expressão.

Ela esperou que a porta se fechasse para ir ao encontro de seu pai, tentando por todos os

meios tirar alguma coisa sobre aquela conversa, mas Calixto disse que ela não se preocupasse que

tudo iria se ajeitar.

Belén esteve distraída durante a cerimônia, na qual Paloma brilhava, e durante a festividade.

Nunca pensou que Jorge tivesse uma reação tão visceral a respeito da menina. Conhecia seu

temperamento, mas também sabia que a maior parte de suas emoções ele as guardava sob sete

chaves. Nem mesmo no dia em que ele a despachou sem misericórdia esteve tão fora de si. Isso

não era garantia de que ele fosse fazer parte da vida de sua filha, no mínimo, havia reagido

dessa maneira por conta do impacto e da raiva, mas quando a coragem baixasse, veria as coisas

de outra maneira. Ou talvez estivesse errada e, sim, desejava se relacionar com ela.

Não sabia se ria ou se chorava. Por um lado, sua intransigência a incomodava bastante e por

outro, já podia deixar de lado seu maior medo, que ele fosse rechaçar a menina. Quão errada ela

estava! Ainda que estivesse agindo feito um energúmeno, colocaria os interesses de Paloma acima

de tudo. Alguns de seus sentimentos enterrados em crostas de ressentimentos tentaram vieram à

tona ao ver sua reação, mas o orgulho ferido pisou em todos eles para deixá-los onde estavam.

Tinha pavor ao futuro, ao tempo que forçosamente teriam que compartilhar enquanto estivesse se

relacionado com Paloma. Ela se conhecia muito bem, e por mais furiosa que estivesse com ele, não

poderia negar que ele a atraía, morria de curiosidade para saber sobre seus dias. Tinha saído da

prisão há quatro meses, e no mínimo deveria ter uma mulher no horizonte. Preocupava-se

imensamente o futuro da relação com sua filha. Tinha tido Paloma só para ela, e agora teria que

compartilhá-la.

Precisava controlar esta situação de alguma maneira e levar as coisas para o lado mais difícil

não era a opção mais inteligente, ambos estavam de acordo com uma coisa:

desejavam o melhor

para a menina. Ela também tinha direito de ditar seus termos.

## CAPÍTULO 29

Quando Jorge saiu da casa da família de Belén, teve uma necessidade urgente de fumar um

cigarro, mesmo tendo largado quando deixou a prisão. Estava tentado, mas depois se lembrou do

cheiro que ficava impregnado em sua roupa e em sua pele, e soube que não faria isso. Não

queria se aproximar da menina fedendo a cinzeiro. Chegou em sua casa, tirou a jaqueta e se

recostou no sofá. Pegou o celular em seu bolso e olhou as fotografias que havia tirado, mais uma

vez. Ficou surpreso com a cor dos olhos dela, igual aos seus.

Sorriu, orgulhoso e preocupado. O que ele sabia sobre meninas? Na prisão, quando sonhava

com filhos, sempre imaginou homens, ensinar seus filhos a montar cavalo, a jogar futebol,

brinquedos cheios de areia, joelhos de fora. Lançou outro olhar à fotografia, Paloma, tão feminina,

tão linda, tão delicada, não chegava nem ao seu quadril e se sentiu enorme ao lado dela. Falava

pelos cotovelos e sua família ficaria apaixonada por ela em um piscar de olhos. Ele se sentia como

um intruso entre ela e Belén.

Daria seu sobrenome à menina e uma boa pensão, mas faria as coisas com calma. Querer leva-

la para *El Álamo* tinha sido uma atitude presunçosa produto da raiva, porque ele a levaria para

*San Antonio* quando ela soubesse que ele era seu pai e isso teria que acontecer antes delas

voltarem aos Estados Unidos.

Belén... apertou os dentes, furioso, por ter ocultado a menina de todos. Paloma teria sido um

grande consolo em seus anos de cativeiro, mas tinha que ser honesto consigo mesmo, porque

apesar de se sentir enganado, ela tinha razão: ele a expulsou de sua vida e o remorso chegou até

ele ao se lembrar daquela tarde. Na prisão, quando sonhava com esta despedida, acordava

banhado de suor, mas sabia que isso não era desculpa. Ela deveria ter procurado, a família dele

ou ele. Seria muito difícil perdoá-la. Então, por estar atrás das grades, havia perdido muita coisa:

o nascimento, seus primeiros meses, seu primeiro dente, e mesmo à distância, o fato de saber teria

feito uma enorme diferença.

Levou as mãos ao rosto. Paloma era parte dele. O ressentimento voltou em ondas. Não havia

dito nada a ele, ignorando que uma parte de sua descendência rodava pelo mundo. Onde mais

teriam ido? Havia exposto sua antiga vida à menina? Não acreditava nisso. Odiava o que ela

havia feito, assim como odiava o fato de deseja-la.

Levantou-se de imediato e abriu o armário de bebidas. Havia uma garrafa de uísque, se serviu

de uma dose e bebeu de um gole só, depois colocou mais uma dose. Sim, ele a desejava como no

primeiro dia e tinha vontade de bater sua cabeça para ver se a sensatez voltava para ele.

Passava da ira por sua omissão à lembrança de sua boca, de estreitá-la junto dele, de lhe contar

suas coisas, de relatar quão terrível foi para ele deixa-la partir, da necessidade que tinha do

consolo dela, de seu amor. O tempo não havia mudado as coisas.

Esfregou o rosto. Deveria voltar logo para *San Antonio* e ir para cama outra vez com Matilde,

para ver se tirava de seu corpo e de seu sistema, de uma vez por todas, essa mulher. Não se

sentia nem um pouco tentado a voltar a fazer isso, muito menos depois de ter visto Belén. Lembrou-

se de suas repreensões no parque, da maneira que haviam terminado não era justificativa para o

que ela fez. Não faltava mais nada: ódio, remorso, desejo e amor faziam redemoinhos em seu

peito e não sabia como fazer para disfarçar e não afetar a menina. Bebeu a garrafa de uísque e

à meia noite estava mais bêbado que um gambá.

No dia seguinte, entrou em contato com Miguel, mas pediu que ele não comentasse nada com a

família e relatou tudo que havia acontecido.

—Não entendo o porquê de Belén não nos procurar —afirmou seu irmão, com a voz

decepcionada.

—Ela coloca a culpa em mim.

—Não quero dizer “eu avisei”, mas acredito que você tenha se precipitado ao manda-la ao

diabo.

—Não posso retroceder no tempo —Jorge massageou a têmpora, a dor de cabeça parecia

aumentar com o passar dos minutos.

—Sinisterra vai colocar você em contato com um bom advogado de família, tem que fazer bem

as coisas e fazer valer os seus direitos.

—Não tenho muito tempo. Elas voltarão para os Estados Unidos em uma semana.

—E você vai permitir isso? —a voz de Miguel parecia desconfiada.

—Não, claro que não. Tenho que fazer algumas coisas, então telefono quando falar com o

advogado.

Não soube o que Miguel respondeu, porque precisava tomar alguma coisa para sua dor de

cabeça e depois afrontar o que o destino havia colocado à sua frente.

Jorge telefonou para Sinisterra, e além de lhe pedir o telefone de um advogado de família,

perguntou sobre seus antecedentes penais e se já poderia solicitar um visto. Mais do que nunca

precisava ir aos Estados Unidos. O advogado respondeu que, ao ser declarado inocente, a Corte

Suprema comunicava a todos os entes governamentais que estava limpo de antecedentes penais,

ainda assim, levaria algum tempo, e tempo era algo que Jorge não possuía.

***

O advogado de família o recebeu pela tarde em seu escritório no norte da cidade, era um

homem jovem e sagaz, de fala acelerada, que lhe forneceu todas as informações.

—O trâmite deve ser feito no Instituto Colombiano de Bem-estar Familiar, solicitado por um

Advogado de Família. Se as coisas forem feitas de forma voluntária, com uma simples diligência no

cartório onde foi feito o registro civil da menina, e ela terá seu sobrenome, senhor Robles, então já

poderá desfrutar de seus direitos da paternidade. A mãe está de acordo? O senhor quer ser

parte da vida da menina?

—Claro que sim, quero que ela saiba que tem um pai e que ele se responsabilizará por ela.

Preciso saber quais são os meus direitos.

Jorge relatou o acontecido e o advogado aconselhou que se encontrassem em seu escritório em

seu escritório para conversar e assim poder esclarecer o estado da situação. Jorge não tinha ideia

se a menina havia nascido nos Estados Unidos ou na Colômbia, não tinha ideia de nada, mas não

ia deixar que outra situação em sua vida escapasse do seu controle. Colocaria este assunto em

ordem, como deveria ser.

***

Belén se assustou ao receber o telefonema do escritório advocatício e decidiu tomar a dianteira

e visitar Jorge em sua casa. Não queria advogados envolvidos no assunto. Antonia se ofereceu

para acompanha-la, mas ela preferiu ir sozinha. Imaginou que ele estivesse hospedado no

apartamento da família, e se não fosse assim, teria que ir ao encontro com o irritante advogado no

dia seguinte.

Chegou ao apartamento ao anoitecer. Anunciou seu nome na portaria. O homem falou ao

interfone e a deixou subir. No elevador, reviu seu aspecto, estava nervosa. Vestia uma saia azul

escura e um suéter vermelho, sapatos de salto alto e cabelo solto, informal, elegante e sem mostrar

que havia passado horas escolhendo a vestimenta.

Jorge abriu a porta para ela, usava jeans e uma camiseta de manga curta. Viu o lobo em seu

braço e sentiu um espasmo em seu estômago, percebeu que o tempo que passariam juntos seria

muito longo.

Ele se enfureceu ao ver que sua presença alterava os batimentos de seu coração. O ácido

quente de seu estômago subiu por sua garganta. Estava vestida com elegância e simplicidade. Não

tinha nada justo ou revelador, mas ainda assim, ele sabia o que havia por baixo daquela roupa.

Não deixou de observar que havia colocado brilho nos lábios e teve o desejo insensato de tirá-lo

com um beijo. “Concentre-se, homem”, pensou, incomodado, porque seu corpo já reagia, ainda que

estivesse furioso com ela.

Ela o cumprimentou e pigarreou, incomodada. Ele a convidou a entrar.

—E Paloma, como está? —perguntou, olhando para os lábios de Belén.

—Ela está muito bem —moveu a mão no ar e respirou profundamente—. Podemos conversar um

minuto?

Jorge fez sinal para que ela se sentasse.

Em seguida, uma enxurrada de lembranças invadiu Belén. O lugar estava exatamente como anos

atrás.

—Fala —com os pés separados e os braços cruzados, completamente na defensiva, esperou.

Ela não se sentou. Caminhou até a porta da varanda, olhando as flores, que com certeza

alguém cuidava. Morreria se visse uma mulher saindo da porta do corredor ou da cozinha. Tossiu,

obrigando-se a se concentrar. Não era da sua conta o que ele fazia com a própria vida.

—Quero falar sobre Paloma. Teria falado ontem à noite mesmo, mas não tenho o número do seu

telefone nem sabia onde você estava hospedado —Belén se aproximou de uma mesa e pegou uma

caneta que começou a balançar entre os dedos.

Jorge se virou e olhou para a mesa da sala onde havia um bloco de notas adesivas e arrancou

uma. Tirou a caneta das mãos de Belén e anotou seus dados rapidamente. Depois, colocou o papel

e a caneta na palma da mão dela, de forma brusca.

—Algo mais?

—Quero o melhor para minha filha.

—Ambos queremos o melhor para ela —ele refutou.

Belén baixo o olhar e aspirou novamente. Estava nervosa e não queria que ele percebesse.

—Acredito que se formos razoáveis poderemos chegar a um acordo sem envolver advogados

—disse.

Seu olhar perambulou pela camiseta rosada, o queixo forte escurecido pela sombra da barba,

e por seus olhos cor de mel. A esperança chegou até ela, lembrou-se de quando tinha o poder de

se aproximar e de beijá-lo ou acaricia-lo sem pedir permissão, e ser parte de sua vida. Lembrou-

se de como ele olhava para ela, outrora. Não olharia para o braço dele, não olharia para sua

tatuagem, por sua paz mental.

—Não quero que Paloma se veja afetada por isso. Quero que ela viva com alegria a sua

chegada na vida dela, como deve ser —acrescentou.

—Nós teríamos evitado isso se você...

—Por favor —ela o interrompeu, cansada—, não quero que você jogue isso outra vez na minha

cara. O que Paloma viverá quando você disser que é pai dela, o fato de conhecer sua família, são

coisas que causarão grande impressão, então, não quero que possamos magoá-la ou confundi-la

deixando claro que nós dois não nos damos bem.

Ele cravou o olhar nela, entrecerrou os olhos e sua boca se transformou em uma linha reta.

—Falei com o advogado porque preciso saber onde estou pisando, tenho uma responsabilidade

pela menina —admitiu, sério—. Preciso ter a segurança de que Paloma terá meu sobrenome e vou

estipular para ela uma pensão de alimentos. Eu me precipitei sobre a ida de vocês à fazenda.

Quero que quando ela for, ela saiba quem eu sou.

Belén respirou, aliviada.

—Você pode vê-la enquanto estivermos em Bogotá.

Ele olhou para ela, furioso.

—Preciso de mais tempo com ela. Quando você volta novamente?

Belén negou com a cabeça.

—Não voltarei por hora, sinto muito, mas você pode visita-la nos Estados Unidos.

—Hoje eu já marquei uma entrevista na embaixada para solicitar visto de turista.

—Você vai viajar logo? —ela olhou para ela com surpresa.

—Não, vai demorar um pouco, você sabe como são as coisas por aqui, por isso preciso de tempo

com ela.

Ele cruzou os braços e o lobo ficou na frente dela, que desviou o olhar. Ele olhou para ela

zombeteiramente.

—Fico feliz, tomara que as coisas se resolvam bem... Pelo bem de Paloma.

—Preciso que Paloma saiba que sou seu pai antes de ir embora.

—Não acha muito cedo?

—Não.

Ela concordou.

—Não acredito que seja um problema, porque você disse que se eu não tivesse ido à sua casa,

você teria me procurado —ele a golpeou com seu sarcasmo, e ela percebeu que ele não acreditou

nela —. Deseja beber alguma coisa?

—Não, obrigada.

Ela também cruzou os braços e caminhou pela sala, rodeando os móveis.

—Quero que você a veja mais algumas vezes, antes de eu contar para ela.

Ele pareceu avaliar seu pedido e afirmou com a cabeça. Nesse momento, Belén colocou o cabelo

de lado e algo disparou dentro da cabeça de Jorge. Sentiu que uma sensação de *dejá vu* se

aproximava. Foram inevitáveis as lembranças daqueles cachos estendidos na cama ou em seu

corpo, e ele a viu como era há seis anos atrás. Apaixonada, vulnerável e muito, muito apaixonada

por ele. Acordou daquele sonho e se lembrou do que ela havia feito com ele, mas nem isso pode

controlar o desejo que parecia queimar suas entranhas.

—Bem. Quero que, sem que você fique preocupada, possamos visitar o advogado para que nos

oriente.

—Temos Antonia, não será necessário.

—Está bem. Onde nasceu Paloma?

—Aqui em Bogotá.

Jorge respirou mais aliviado, porque a menina sendo colombiana, as coisas seriam mais fáceis.

Olhou para ela de cima a baixo, deteve seu exame nas pernas e nos seios, e Belén ficou corada.

—O que mais preocupa você? Não largou a caneta.

Ela levantou o olhar, surpresa, antes de estender a caneta.

—Nada, é só que... são tolices —murmurou, colocando uma mecha de seu cabelo atrás da

orelha.

—Sou todo ouvidos —ele respondeu com um sorriso.

—Não, sério, não é nada.

—Eu acho que sim, agora vamos falara sobre nós dois.

Ela ficou enrubescida para felicidade de Jorge.

—O que temos para falar sobre nós dois? —ela perguntou em seguida—. Você e eu não nos

damos bem.

—Você tem medo que nós dois possamos nos dar bem demais —ele ronronou, com um brilho

conhecido nos olhos.

Ela soltou uma risada sarcástica e revirou os olhos.

—Vejo que você não mudo. Mas eu estou vacinada contra você, Jorge Robles.

—Não acredito, mas para sua tranquilidade, você é apenas a mãe de minha filha. Não vai

acabar na minha cama, pode ficar tranquila.

O tom em que ele falou essas palavras a feriu. No mínimo deveria haver outra mulher ou, pelo

tempo, ele já teria esquecido dela. Engoliu sua decepção e o enfrentou.

—E você só é o pai da minha filha, porque eu tenho uma vida em Nova York, por isso, para sua

tranquilidade, não vou correr atrás de você. Era só o que faltava! Esses tempos já passaram

—olhou para sua unha à francesinha, em uma tentativa de não mostrar seus verdadeiros

sentimentos.

Ele franziu o cenho. O ciúme o dominou ao imaginá-la com outro. Engoliu

seu incômodo como

pode. Não queria que ela percebesse o quanto o afetava o fato dela compartilhar sua vida com

outro homem.

O encontro terminou com o acordo de que, no dia seguinte, iriam almoçar com Paloma em algum

lugar e, de tarde, teriam uma reunião com Antonia.

## CAPÍTULO 30

Naquela noite Belén mal conseguiu pregar os olhos. A situação a preocupava. Tinha conversado

com Alberto mais cedo, mas não quis colocá-lo a par dos acontecimentos, mas quando voltasse

para Nova York, contaria. Havia conseguido acalmar Jorge, o pelo menos ele havia concordado

com seus pedidos. Tinha que pensar na melhor maneira de dar a notícia à sua filha.

Levantou cedo e trocou de roupa, vestindo jeans, botas de cano médio e um suéter preto.

Paloma estava profundamente adormecida. Desceu até a cozinha e preparou um chá de baunilha.

Viu luz no escritório de seu pai e decidiu levar um café para ele.

—Bom dia, pai.

Calixto devolveu a saudação, recebeu o café em olhar para ela, concentrado na leitura do

jornal.

—Pai, o que você conversou com Jorge?

Seu pai abaixou a cabeça, tirou os óculos, fechou o jornal e a enfrentou.

—Primeiro tenho que dizer uma coisa para você.

Paloma franziu o cenho diante do tom utilizado.

—Quando eu soube do seu romance com ele, eu o visitei na prisão e pedi para que ele deixasse

você, que você tinha uma vida muito completa para ficar presa com ele.

Belén se levantou da cadeira, doída, e pôs a mão sobre a escrivaninha.

—Como você pode fazer isso, pai?

—Eu não podia permitir que você jogasse sua vida pelo ralo! Estava errado! Mas naquele

momento, eu fiz o que eu julguei ser o melhor para você.

—Meu Deus, pai. Você fez com que ele me deixasse. Você o ameaçou?

—Algo assim —respondeu, irritado.

—Sabe, pai, queria poder jogar em você toda a culpa do que aconteceu naquele momento.

Você diz que pensou em mim, na minha felicidade. Minha felicidade era ao lado de Jorge, ainda

assim, ele não pensou muito para se decidir. Ambos têm culpa em partes iguais. Os dois decidiram

por mim. Pegaram parte da minha vida e brincaram com ela. Sem importar a nenhum dos dois os

meus sentimentos.

—Eu peço perdão a você, da mesma maneira que pedi a ele. Robles não tem a intenção de

tornar a sua vida impossível, só quer assumir a responsabilidade sobre Paloma e minha neta

precisa do pai dela.

Belén pensou que esta viagem parecia uma viagem ao passado, e as feridas ficam expostas

com a menor provocação.

—Que conveniente, tenho certeza de que se ele estivesse na prisão, nós não teríamos esta

conversa.

—Você tem razão, mas é o que temos e devemos deixar o passado para trás.

—Você é um cínico, pai.

Saiu do escritório, furiosa.

***

Paloma já estava sentada na cozinha, bebendo um copo de suco, com seu pijama de desenho de

animais e o cabelo solto.

—Bom dia, minha filha linda.

—Olá, mamãe. Rosario vai me ensinar a fazer biscoitos.

—Que maravilha! Eu também posso aprender?

Paloma soltou uma risada, porque Belén era uma perita em biscoitos.

—Você já sabe, mamãe —murmurou a criança, negando com a cabeça.

—Podemos fazer um chá daqueles que fazemos em casa com a minha avozinha, minha tia

Antonia e com Rosario?

A mulher sorriu.

—Eu ajudo você no serviço de chá, minha menina —disse, colocando os ingredientes da massa

dos biscoitos na mesa.

—Meu amor, mas tem que ser cedo, porque ao meio dia vamos sair com Jorge, que desejou nos

convidar para almoçar e você precisa se arrumar.

—Jorge virá hoje? —perguntou a menina, contente.

—Sim, meu amor.

O sorriso de Paloma levantou o bigode de suco que tinha sobre o lábio superior e assentia com

a cabeça, vigorosamente. Ela devolveu o sorriso à filha. Fez o que tinha que fazer e pronto, não

iria mais se punir, porque sua filha era uma menina linda, saudável e feliz. Em relação a seu pai,

ele tinha razão, porque não adiantava chorar sobre o leite derramado.

Passaram parte da manhã na cozinha, fazendo biscoitos, serviram chá no pátio, até que Belén

conseguiu levar Paloma para tomar banho.

Quando Jorge chegou para pegá-las, as duas mulheres já estavam prontas.

—Olá, Jorge —saudou Belén quando chegou à sala, onde Rosario havia pedido que ele

entrasse.

Ele devolveu a saudação.

—Olá, Jorge —saudou Paloma atrás dela, com um sorriso.

Nesse dia, a menina usava um jeans, o mesmo tênis do dia anterior, uma camiseta com vários tons

de azul e um suéter em nós. No cabelo, usava uma flor de várias cores.

Um nó de tremor se formou no estômago de Jorge.

Enquanto ela pegava sua mochila, que não deixava de lado em momento algum, Belén disse a

Jorge:

—Lembre-se: nada de dizer para ela o que já sabemos. Eu vou contar.

Jorge brincou com os óculos, mais nervoso ainda, porque Belén havia se aproximado bastante,

para falar com ele em tom baixo e até que chegou às suas narinas o cheiro do chá de baunilha.

Seu estômago deu um nó e quis se aproximar ainda mais, mergulhar o rosto em seu cabelo. Aquele

aroma o levou ao caminho das lembranças, à intimidade selvagem, aos beijos vorazes, aos fortes

sentimentos que ela lhe despertava. Repreendeu-se mentalmente por ser tão imbecil. Deveria

começar a conjugar o verbo no passado.

—Está bem. Podemos ir?

—Sim, claro e desfranze o cenho, por favor, não quero que Paloma pense que você está

irritado.

—Ora, ora, não me jogue...

Paloma entrou como um redemoinho de vento e em menos de dois minutos estavam acomodados

na camionete. Jorge iria leva-las para almoçar nos arredores da cidade, em um restaurante

campestre, onde havia cavalos e um parque para crianças.

A menina os manteve entretidos com sua conversa durante o trajeto. Cantou a canção dos *Los*

*tres elefantes* pelo menos vinte vezes, e continuava com a *Historia de la iguana*, e depois

perguntava se faltava muito. Havia engarrafamento e eles levaram mais de uma hora para

chegar ao local.

—Minha mamãe me levou a Disney no meu aniversário. Você já foi a Disney?

—Não, ainda não fui, mas me conte como é.

Paloma exagerou em seu relato de sua experiência nos parques da Disney, não gostou de ter

que fazer fila, mas sua mãe a carregava a cada tanto, caminharam muito, explicava, e havia

cortado o dedo, mostrando-lhe onde tinha sido o corte.

—Eu pedi a Des que está no céu —disse e apontou com o dedo para cima—, que faça com que

as pessoas não se quebrem tanto —Jorge soltou uma gargalhada—. Eu caio a toda hora e vivo

esfolada, e uma vez levei pontos aqui —apontou para o couro cabeludo,

Quando chegaram ao restaurante, Paloma correu até o parque. Belén já ia atrás dela, quando

Jorge disse:

—Deixa que eu vou, quero conhece-la a sós, os dois, daqui você pode nos ver, caso você pense

que vou sequestra-la.

Ela ficou tensa.

—Não disse nada disso —replicou, irritada.

Quando Jorge se afastou, observou como seu jeans justo ressaltava suas longas pernas e a

camiseta preta, justa no peito, o fazia ver um homem muito atraente. As mulheres olhavam por onde

ele passava. Começou a balançar sua filha, que pelo visto, começava a cantar uma música.

Paloma desceu do balanço e subiu em um escorregador, enquanto falava dos meninos do seu

colégio.

—Bruno Martínez tira meleca na sala de aula. Minha mãe diz que é falta de educação, mas

quando eu falo para ele, ele não me ouve.

Jorge se sentiu incomodado. O que ele sabia de conversa de meninas? De meleca na sala de

aula...

—Sua mãe tem razão.

—Minha mãe não me deixa ter um cachorrinho.

A menina desceu no escorregador, menos mal, porque ele estava nervoso, como medo que ela

caísse, e caminharam até os pôneis. Jorge a montou em um de cor branca e café e, segurando a

rédea, levou Paloma para dar uma volta.

—E por que a sua mãe não deixa você ter um cachorrinho?

—Porque ela diz que Verônica ou ela terminariam cuidando dele.

Jorge estava de acordo com isso, mas não diria nada.

—Segure na rédea.

—Eu sozinha —afirmou ela.

—Não, sozinha não. Deixe que eu faço isso com você. Dessa maneira controlamos melhor o

cavalo.

Paloma concordou com a cabeça várias vezes, com o semblante sério. Jorge sentiu orgulho dela.

—Você tem cachorro?

—Sim.

A fazenda tinha mais de dez cachorros, mas a que ficava na casa era Fiona, uma *Golden*

*Retriever* que estava prenhe.

—Qual o nome dela?

—Fiona.

—Eu quero um cachorrinho.

—Você tem que convencer sua mãe.

Quando ele a levantou para baixa-la do cavalo, ela recostou a cabeça no ombro dele. Ele

sentiu o próprio coração parar e, com um nó no estômago que se negava a desaparecer, ficou

olhando o sorriso satisfeito de Paloma. Olhou ao redor, os pais e as mães acompanhavam seus

filhos nos brinquedos. Quis essa sensação de família.

A menina desceu para correr para sua mãe, que em uma mesa, esperava por eles.

***

De tarde, enquanto Calixto e Pilar levavam Paloma ao cinema, Antonia se reuniu com eles e os

orientou. A diligência não era tão simples, porque deveria ter a troca no visto de Paloma e esta

viagem seria por pouco tempo. Poderiam começar os trâmites e Belén iria concluí-los no consulado

colombiano em Nova York. Jorge ficou irritado pela menina não ter seu sobrenome de imediato,

mas estava acostumado a ter paciência com diferentes trâmites. Despediu-se das mulheres pela

noite.

Tratar com Jorge Robles iria acabar com seus nervos, pensou Belén. Conversou com Alberto, mas

ainda não se atrevia a contar nada sobre Jorge. Ele sabia da existência de Jorge, percebeu que

esta estava estranha e assim se manifestou, mas ela o distraiu perguntando-lhe sobre a casa. Este

era o único apoio neste torvelinho de sentimentos que a assolavam. Precisava da tranquilidade, da

estabilidade e da comodidade que Alberto lhe oferecia.

Faltavam dois dias para voltar aos Estados Unidos e Belén ainda não havia dito nada a Paloma,

e toda vez que ia tocar no assunto, se acovardava. Jorge tinha levado a menina a um centro

comercial e a um parque de diversões. Quando chegaram em casa e Paloma foi contar o que tinha

feito aos avós, Jorge enfrentou Belén.

—Por que ainda não contou nada para ela?

Belén pegou uma revista da cadeira, enrolando-a e torcendo-a.

—Não é fácil dar a notícia para ela.

—Espero que você não esteja me fazendo de idiota e ganhando tempo para ir embora e tirar

meus direitos.

Ela olhou para ele, surpresa.

—Não! Como você pode pensar uma coisa dessa?

—Preciso que Paloma saiba que sou o pai dela. Você não falou sobre mim por seis anos e ela

não sabe quem eu sou, não vou esperar mais.

—Mamãe? —perguntou sua filha da porta, olhando para Jorge bastante confusa.

Belén se virou imediatamente e ficou angustiada ao ver o rosto de sua filha.

—É melhor que você vá embora —Belén disse a Jorge.

Ele se agachou em frente à sua filha, olhou fixamente para ela e se sentiu miserável ao ver sua

expressão.

—Sinto muito, pequena.

Quis abraça-la, mas teve medo de ser rechaçado. Que desculpa poderia ser dada a uma

menina pela ausência de seu pai por cinco anos? Repreendeu-se pela boca grande, porque se

tivesse deixado as coisas nas mãos de Belén, não se sentiriam como se sentiam neste momento.

Voltou a olhar para a mãe, sem saber se ia ou se ficava, mas pela expressão dela, percebeu que

ela o queria longe dali. Tocou a bochecha de sua filha e saiu sem se despedir de Belén.

Jorge subiu na camionete, consternado, e bateu no volante com raiva. Telefonaria mais tarde,

porque precisava saber como a menina havia recebido a notícia. Ele não queria que ela soubesse

dessa maneira. Tinha desejado que ela ficasse contente com a notícia. Não sabia o que pensar

nesse momento, não sabia se voltaria no dia seguinte bem cedo ou se deixaria um tempo para

elas. A única coisa que tinha certeza é de que não queria voltar a ver aquela expressão no rosto

de sua filha.

***

Belén apagou a lâmpada ao ver que Paloma já havia dormido. Levantou-se da cama e enviou

uma mensagem de texto para Jorge, informando que poderia ver sua filha no dia seguinte na

parte da tarde. Belén tratou de explicar à menina por que não havia dito nada para ela sobre o

pai dela. Explicou que durante este tempo, o pai esteve em um lugar que não podia sair e ela não

quis deixa-lo ainda mais triste. Que tinha esperado que ele saísse daquele lugar feio em que ele

tinha estado para apresenta-la a ele, porque ela também não poderia visita-lo ali, naquele lugar.

Esta era uma generosa mentira que esperava que não lhe fosse cobrada mais à frente.

A menina perguntou porque seu pai esteve trancado em um lugar feio, e Belén respondeu que

ele tinha sido acusado de uma coisa que ele não tinha feito, como quando Bruno Martínez havia

acusado ela mesma de rasgar o caderno de colorir, quando quem havia rasgado tinha sido

Michelle. Ela ficou convencida com as meias verdades de sua mãe e ficou estranhamente calada

durante o jantar, que apenas provou.

Na manhã seguinte, se sentou para tomar café da manhã com Belén, silenciosa.

—Vovô, contei que vamos ter um coelho na sala de aula.

—Não, meu céu, você não havia me contado.

—Os coelhos se alimentam de cenouras, e não podemos alimentá-los com chiclete, nem doces,

também teremos que revezar com a professora para limpar a gaiola. Espero que eu não tenha

que ir com Bruno Martinez. Avô, sabia que tiveram que trancar Jorge porque o acusaram de uma

coisa feia?

Belén ficou pensativa, porque sua filha não havia chamado Jorge nem uma única vez de pai.

—Sim, meu céu, eu sabia.

—Você também não podia me contar isso?

—Não, meu amor, acreditamos que seria melhor que ele saísse e que pudesse conhece-la.

Belén ficou calada, arrependida de sua egoísta decisão de aos atrás. Ao que tudo indicava, se

fosse verdade que cada coisa mal feita deveria ser paga, a vida agora cobrava seus atos.

—E se eu não gostar dele? —a menina perguntou à sua mãe, olhando-a pelo espelho.

Belén engoliu a pedra em sua garganta. Paloma, sua filha tão segura de si mesma e do carinho

dos outros, não estava segura sobre seu próprio pai.

—Claro que você gosta dele. Não fique nervosa.

Ela não disse nada.

Paloma escolheu a roupa que iria receber seu pai naquela tarde, um pouco colorido demais

para o gosto de Belén, mas ela não se atreveu a dizer nada, para não criar ainda mais confusão.

Jorge, nervoso, esperou na salinha. Rosário lhe ofereceu um café, mas ele não aceitou.

Levantou-se da poltrona assim que elas apareceram. Não pode evitar olhar para elas com

expressão possessiva, ainda que a mãe não quisesse nada com ele. Firmou o olhar em sua filha.

—Olá, Paloma.

—Olá.

—Como você está?

Ela não olhava para ele e chupava o polegar.

—Bem.

—Voltou a fazer biscoito hoje?

Ela negou com a cabeça. A tensão era palpável. Sua filha não estava sendo nada amigável com

ele. Jorge olhou furioso para Belén.

Era o que faltava agora, a culpa era dela, disse consigo mesma, irritada. Não falaria mal dele

com sua filha, porque o coração de Paloma era sagrado para ela e haveria sempre de protege-lo

contra os maus sentimentos. Também estava surpresa pelo comportamento nada normal de sua

filha. A menina não tinha certeza de como deveria trata-lo. Era uma figura ausente que estava

desejando por muito tempo.

—Conte a Jorge do coelho que estará na sua sala de aula este ano.

—Você tem um coelho?

—Sim, mas ficará na gaiola.

Jorge, mais irritado a cada minuto que passava, se perguntou quem era esta menina e o que

havia acontecido à matraca da sua filha. Pegou a mão dele, e Belén quis se

aproximar para ir

onde Jorge desejasse ir, mas ele a freou:

—Quero estar um tempo com ela, a sós. Iremos ao centro comercial da esquina, quer ir?

Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça.

—Adeus, mamãe, amo você.

—Eu adoro você —agachou-se e mostrou a bochecha para que ela lhe desse um beijo.

Paloma beijou sua mãe. Jorge sentiu ciúme, queria os beijos e abraços de sua filha para ele.

Mas era paciente. Não tinha passado anos na prisão sem aprender a ter paciência.

Durante todo o passeio, Paloma esteve muito calada, e Jorge não sabia o que fazer. Entraram

em uma loja de departamentos e ele comprou a Barbie que ela queria, ridiculamente cara, mas

que para ele pareceu o dinheiro melhor investido ao ver o sorriso de agradecimento no rosto de

sua filha, e se sentiu patético, como se estivesse comprando o amor de sua filha. Convidou-a a

tomar sorvete, enquanto contava sobre o cavalo que ia dar de presente para ela. Ela ficou

olhando para ele por uns segundos.

—Já sei que você é meu pai e que esteve em um lugar feio, porque alguém disse que você tinha

feito uma coisa ruim.

Jorge engoliu o nó em sua garganta e a menina continuou:

—Bruno Martínez também disse que eu fiz coisas ruins.

—Esse Bruno Martínez parece ser um menino mal —ele respondeu, irritado.

—Michelle rasgou seu caderno de colorir e ele disse à professora que tinha sido eu.

—Sinto muito.

—Tive muita raiva e fiquei triste. Você ficou triste quando estava no lugar feio?

—Estava um pouquinho triste, sim.

—Agora você está triste?

—Não, agora eu estou feliz.

Ela sorriu e depois ficou séria.

—Você não vai voltar para o lugar feio, vai?

—Não.

Ficaram em silêncio. Paloma tomando seu sorvete e ele absorto nela.

—Não quero mais —roçou o sorvete até as mãos dele—. Pode me levar para casa, Jorge,

quero minha mãe.

***

—Amanhã eu passo aqui para leva-la ao aeroporto —Jorge disse para Paloma ao chegar à

porta da casa dela—. Vou visita-la em Nova York, Paloma, quero que você saiba que a partir de

agora você vai me ver com muita frequência. Adeus, filha.

Ela fez um gesto afirmativo.

—Adeus, Jorge.

Não havia lhe chamado de pai durante toda a visita, e ele não sabia o que esperar, sabia

apenas que o caminho para o coração de sua filha seria longo e tortuoso.

Belén os recebeu na porta de casa e a menina correu até seu avô.

—Vovô, Jorge vai me dar um cavalo de presente, ele é pequeno e eu poderei montá-lo quando

for conhece-lo. Olha a minha Barbie, era a que me faltava e que mamãe não pode comprar.

Lembra que eu contei isso para você?

Pelo visto, sua filha castigava apenas ele. Quando ela se afastou, parou Belén.

—O que você disse para ela? Por que ela está tão estranha comigo?

—Primeiro —ela levantou o dedo indicador—, você me ofende quando diz que eu falei mal de

você para Paloma. Em segundo lugar, é uma menina, e é claro que ela ficou impressionada em

saber que você é o pai dela. Não sabe como agir com você. Uma coisa é o Jorge amigo e outra,

Jorge o pai, alguém que era um mistério, proibido para ela.

—Culpa de quem?

—Não vou voltar a este assunto de novo.

Esfregou os olhos com o polegar e o indicador.

—Eu também não. Amanhã venho busca-las para leva-las ao aeroporto.

Fez menção de sair.

—Jorge... —ela o chamou, com esse tom de voz que o derretia como um adolescente, só que

neste momento, ele estava furioso—. Sinto muito. Tenho certeza de que as coisas vão melhorar.

## CAPÍTULO 31

Jorge as deixou no aeroporto com a promessa de que iria visitar Paloma antes de dois meses. A

menina estava mais comunicativa, sorriu para ele em várias ocasiões e ele deu graças ao céu,

quando no trajeto contou com todos os detalhes sobre as lesmas e os caracóis que seu avozinho

tinha tirado do jardim do pátio de trás da casa, e se comoveu ainda mais quando no momento de

entrar na imigração, Paloma se aproximou e lhe deu um beijo na bochecha. Ele a abraçou, não

soube se muito forte, porque não queria se separar dela, queria seu sorriso, suas conversas

intermináveis, mas acima de tudo: ver seu rostinho todos os dias.

Belén meio que adivinhou sua expressão, e sorriu para ele com seus lindos

olhos cinza e sua

boca sensual. Ele quis devorar seus lábios imediatamente, quis abraça-la e pedir que ela não o

deixasse, desejou rogar para que ela lhe desse uma nova oportunidade, que tudo seria resolvido.

Via em sua filha um presente que a vida lhe dava depois de anos de sofrimento e Belén, meu

Deus, Belén, independentemente do ressentimento, era ela. Aproximou-se dela, segurou seu rosto

com as mãos, e ela olhou para ele, pasma, mas não o rechaçou. Ele elevou a comissura dos lábios

enquanto aproximava seu rosto do dela, que abria mais os olhos à medida que o sentia mais

próximo. Perdeu-se e seu aroma de baunilha, em seu hálito e em seus lábios, que traziam a

lembrança de beijos na chuva ou na escuridão compartilhando confidências, na suavidade da pele

dela. Nesses segundos, tudo foi como antes. Deu-lhe um beijo suave nos lábios e se separou dela

como se tivesse saído de um transe. Deu a volta e saiu a passos rápidos do aeroporto.

Belén levou esse beijo com ela durante toda a viagem de volta, esteve com ela quando Alberto

a recebeu no aeroporto e quando desceu outra vez para a sala depois de colocar Paloma na

cama, que havia caído em um sono profundo. Levou esse beijo com ela

quando montou em Alberto

e tomou a iniciativa de ter sexo com ele. Ela o despiu em segundos e sentindo que estava

queimando, ela o recebeu em seu interior em meio a vaivéns fortes, negou-lhe sua boca, e a cada

vez que ele se aproximava pedindo um beijo, ela lhe dava seu pescoço, seus seios. Ele teve tudo

dela, menos sua boca, enquanto que com suspiros profundos e frases quentes, desembocaram em

um orgasmo intenso.

Ao normalizar sua respiração, Belén se deu conta de sua imprudência: nunca tinha tido sexo com

alguém em sua casa, a poucos metros de sua filha adormecida. E se ela tivesse acordado?

Repreendeu-se pela besteira. Um único beijo de Jorge Robles fazia com que ela se comportasse

como uma idiota. Sentiu-se mal por Alberto, porque todo o tempo foram os braços de Jorge que a

seguraram e foram suas mãos que a tocaram. Separou-se dele e se vestiu apressadamente.

—Você está bem?

—Sim —mentiu como uma amaldiçoada—. Estou muito bem.

—No sábado à tarde teremos um encontro com Norma Thomas —ela levantou uma sobrancelha.

Belén foi à cozinha e colocou água para esquentar na chaleira, amava sua

casa, sua cozinha

dos anos sessenta, seu chão de madeira coberto com tapete desgastado, móveis mais cômodos que

elegantes. Em sua volta à sala, levantou uma boneca que havia caído de uma cesta de brinquedos

ao lado da escada.

—Ela vai nos mostrar várias casas e esperamos que alguma coisa nos agrade. Não é o meu

passatempo favorito, e nos outros finais de semana você deverá ir sozinha com ela, já que tenho

várias viagens no final do mês —Belén pegou uns envelopes de contas e propagandas e deu uma

olhada, estava nervosa—. Deveríamos tirar uns dias e ir à praia.

Belén pensou nos dias que deveria tirar para que ela e Paloma fossem para *San Antonio*. Era

começo de agosto e Nova York fervia. Ela adorava a cidade no verão, não se importava com a

horda de turistas, mas Alberto gostava mais dela no outono ou no inverno.

—Tenho que falar com você —ela avisou. Voltou à cozinha e em um minuto saiu com duas xícaras

com a logo “I Love NY”. Entregou-lhe um chá de *Rooibos*[38], que era a bebida favorita dele—.

Paloma conheceu o pai dela.

—O preso? —abriu os olhos, surpreso, e um tique nervoso apareceu em sua boca—. Você a

levou naquele lugar?

—Não, como você pode imaginar isso? Jorge saiu em liberdade há alguns meses.

Belén contou sobre o encontro dele com Antonia e tudo que aconteceu durante a semana.

Alberto se levantou como uma mola e caminhou pela sala pequena.

—Podemos contratar um advogado, você tem que pedir a custódia total da menina, saber quem

ele é agora...

—Basta! Você está falando do pai da minha filha e não me envolvi com um antissocial, isso eu

garanto.

—Sinto muito, desculpe-me, mas isso não estava previsto.

—Tem razão.

Ele se levantou e caminhou até a lareira, onde observou várias fotos de Paloma e da família,

não havia nenhuma dele, e ele tinha muitas delas em sua casa. Isso ia mudar. Desejava compartilhar

uma vida com ela, ele queria Paloma, ainda que seus encontros fossem a conta-gotas.

—Para tamanha surpresa, percebo que você está mais nervosa que Paloma.

Ela escondeu a culpa.

—Claro que estou nervosa, teremos pela frente uma série de trâmites que não deixam de ser

incômodos. Minha filha mudará de sobrenome, terei que avisar ao colégio e, além disso, ele quer

vir visita-la.

—É direito dele —ele disse—. Pode sair do país?

—Claro que pode, ele foi declarado inocente, seus antecedentes estão limpos.

—Essas notícias são boas para Paloma.

Belén percebeu a nota de voz indireta, a tensão, a pergunta oculta.

—Não precisa se preocupar comigo —seu nariz cresceria até a porta—. Ele tem a vida dele e

eu tenho a minha.

Ela o abraçou e quando ele forçou o beijo, não pode fugir, ficou tensa e tratou de disfarçar. Foi

invadida por um desgosto que não soube explicar. Alberto esteve com ela em todos os momentos,

esteve cuidadoso durante sua gravidez, como um amigo, e depois quando acreditou que ela estava

pronta para começar uma relação. Ele a conquistou. Sempre tinha sido fiel a ela e se sentia

realmente querida. Não poderia explodir tudo só porque Jorge voltou a aparecer em sua vida.

—Espero que sim, Belén.

***

Dias mais tarde, Jorge enviou-lhe uma mensagem de texto, perguntando se poderia falar com

Paloma pelo Skype, então, ela perguntou à menina, que concordou de imediato. Jorge estava no

escritório da casa da fazenda, havia voltado no dia seguinte à despedida de Belén e Paloma. Sem

elas a cidade era vazia, o que o fez estranhar seu lar, além disso, tinha trabalho pendente. Havia

contado a Ligia e a Elizabeth que reagiram de maneira diferente. Elizabeth, emocionada pela

notícia, Ligia emocionada também, mas muito chateada com Belén por seu silêncio.

Jorge se viu defendendo a posição de Belén diante de sua mãe, o que fez com que Miguel

olhasse para ele, zombeteiramente. Nem fodendo iria dar razão à Ligia, ainda que ela estivesse

certa.

Quando Paloma apareceu na tela do computador, seu coração saltou de alegria. Viu Belén

acomodá-la na cadeira e o cumprimentou com a mão, deixando sua filha a sós com ele.

—Olá, linda. Como tem passado?

—Olá.

Não disse Jorge, e também não o chamou de pai. Vestia uma camiseta verde e o cabelo preso

em duas tranças altas.

—Em duas semanas volto ao colégio, hoje fiz colares e pulseiras e fiz uma

para você.

Paloma balançou o objeto na frente dele, que sorriu encantado. A pulseira era de sementes de

cor azul e verde, com pontos em diversos tons de rosa.

—É bonita, muito obrigada. Deixe-me ver direito —Jorge se aproximou mais da tela—. Você é

muito talentosa. O que você fez nas suas férias?

—Estou na aula de dança e tenho oficina de leitura e pintura. Queria ir trabalhar no zoológico,

mas a mamãe não deixou.

Ele olhou para ela, intrigado.

—Trabalhar?

Paloma ficou de lado e Jorge pode ver Belén, à distância, fazendo alguma coisa na cozinha. E

um determinado momento ficou de perfil para alcançar um pacote em um móvel superior e pode

vislumbrar a curva de seus seios, percebeu que ela não usava sutiã. Paloma se soltou na conversa,

mas Jorge não prestou atenção nela, atento aos movimentos de Belén.

—Não está prestando atenção em mim.

—Conte-me sobre o trabalho no zoológico —ficou de novo a atenção na pequena.

Ela soltou a risada.

—Não é um trabalho de verdade, só ajudamos a dar de comer aos bebês chipanzés,

aprendemos o que comem os animais e como cuidamos deles, mas a minha mãe disse que eu

poderei ir no outro ano —baixou o tom de voz—. Ela tem medo que me coloquem na jaula do leão

ou do tigre.

—Isso é mentira, Paloma García —escutou-se ao fundo a voz de Belén.

“Em breve Paloma Robles”, pensou Jorge.

Paloma soltou uma gargalhada e Jorge sentiu uma nostalgia muito grande, queria estar ali com

elas, ajudar Belén na cozinha ou preparar o jantar de Paloma, brincar com ela de noite, e quando

a menina dormisse, meter-se entre as pernas da mãe. Depois de meia hora, Paloma se despediu

junto com Belén.

Levantou-se da escrivaninha. Miguel, que havia entrado uns minutos atrás, revisava uns papéis

encostado na beirada do móvel.

—Quer? —Jorge apontou para uma garrafa, Miguel fez um gesto afirmativo com a cabeça e

serviu o conhaque com pressa.

—O que você vai fazer, meu irmão? —perguntou Miguel levantando a vista dos papéis.

—A respeito do quê?

Miguel levantou a vista com a expressão que lhe mostrava quando alguma coisa era óbvia

demais.

—Da sua mulher e da sua filha.

—Ela não é minha mulher —bramou, irritado.

—Você está apaixonado por ela até os ossos, percebe-se, até pela maneira com que você muda

o tom de voz quando menciona o nome dela, e pela defesa tão evidente diante da mamãe. Você

tem uma filha. Lute por isso e não dê mais volta. Belén fez uma cagada fenomenal ao nos privar

da presença de Paloma durante todos esses anos? Sim, mas você não recolheu os pedaços dela

quando ela saiu daquela prisão no dia em que você terminou tudo com ela.

Jorge olhou para ela atormentado.

—Você nunca me disse isso.

—Você não precisava saber disso no inferno em que já você estava, mas agora sim.

Miguel pegou a caneta e bateu com ela na madeira da escrivaninha.

—Só vi alguém chorar assim: minha mãe quando meu pai morreu. Partia o coração, porque eu

não sabia o que fazer para acalmá-la —Miguel bebeu um gole do conhaque—. Não foi sua

melhor ação, meu irmão.

—Eu fiz isso para o bem dela —Jorge se defendeu—. Tinha que perceber isso em algum

momento.

—Mas pelo que você me contou, ela não pensava da mesma maneira que você. Deixe de ser

teimoso. Isto que aconteceu é consequência daquela tarde. Ela não tem toda a culpa por ter

escondido sua filha. Você a mandou embora.

—E o que você queria que eu fizesse?

—Não sei, mas se você não tivesse se precipitado tanto, as coisas seriam bem diferentes

—Miguel fez um gesto como que afugentado alguma coisa—. Isso é passado, o que importa é o

agora. O que você quer? Ver sua filha duas vezes ao ano e que seja outro sujeito que ocupe seu

lugar quando você não estiver?

—Jamais! —soltou Jorge com os dentes apertados e segurou o copo com tanta força que não

soube como ele não se quebrou em sua mão.

—Então, lute por isso.

Dizer era fácil, fazer era um pouco mais difícil. Precisava de um plano, do pouco eu sabia de

Belén, não viva com nenhum homem, mas tinha um relacionamento, porque

escutou quando Paloma

falou de um tal de Alberto quando esteve em Bogotá, e quando ele perguntou quem era, ela disse:

“Um amigo de mamãe”. Com certeza era o mesmo sujeito que havia oferecido emprego para ela,

anos atrás. Precisava saber o quão sério eram os fatos, porque ela ainda se sentia atraída por

ele, pode perceber. Além disso, não rechaçou seu beijo no aeroporto, apesar de terem muitas

coisas a resolver, seus sentimentos não haviam mudado.

Seria um tolo se negasse que o amor que um dia o uniu a ela na biblioteca de uma prisão,

tivesse se dissipado. Não seria fácil, mas nada na sua vida tinha sido fácil, então, estava

acostumado às batalhas. Já tinha um visto e nessa mesma tarde havia comprado uma passagem

para Nova York, mas não diria nada a ela, ainda. Não queria desculpas para não vê-lo, por isso,

avisaria apenas três dias antes.

Dedicou-se ao trabalho, ainda que sua cabeça estivesse voltada para Nova York. Falou com

Matilde, e explicou de forma resumida a situação e pediu um tempo para que pudesse começar um

relacionamento com Paloma. A mulher não lhe disse grande coisa, mas Jorge teve o pressentimento

de que o assunto não ficaria assim. Esqueceu-se dela em seguida, envolvido estava entre o

trabalho, as ligações para Paloma e os planos para sua viagem a Nova York.

***

Jorge aterrissou no aeroporto internacional John F. Kennedy em uma quinta-feira da última

semana de agosto, no começo da tarde. Hospedou-se em um Holiday Inn, um dos vários que

pululam por Jersey, perto da casa de Belén. Alugou um carro e com orientação do GPS, e foi

procurar sua filha.

Estacionou em um bairro tranquilo, com casas separadas por jardins. A residência de Belén e

Paloma estava um pouco escondida, já que era o prolongamento de uma casa maior. Jorge desceu

do carro com vários pacotes de presentes, estava nervoso e bastante convicto de que teria um

problema de úlcera estomacal. O jardim tinha poucas flores, à distância viu uma bicicleta e um

carrinho com brinquedos de plástico. Tocou a campainha.

—Eu abro —gritou Paloma.

—Não, senhorita —disse uma voz de mulher—, sua mãe vai brigar com você.

A porta foi aberta e apareceu uma jovem de ascendência latina que levantou uma sobrancelha

e olhou para ele de cima a baixo.

—Boa tarde, sou Jorge Robles, o pai de Paloma.

—Você chegou! —exclamou Paloma com seu eterno sorriso. Tinham conversado quase todos os

dias.

Jorge, ao ver Paloma, se agachou prontamente e a menina se abraçou a ele. Fechou os olhos e

aspirou seu aroma cítrico. Tinha sentido falta dela não de agora, mas por toda vida. Separou-se

dela e a olhou.

—Você cresceu, linda.

Vestia uma calça curta de jeans e uma blusa de alça de algodão com motivos florais, calçava

sandália cor da pele e no cabelo uma fivela m forma de flor.

—Eu gosto de comer.

—Fico feliz.

A mulher, que se apresentou como Verônica, o fez entrar em uma sala cômoda, que Jorge gostou

de imediato. Belén havia criado um lar para Paloma, viu as fotografias em cima da lareira e um

grande cesto de brinquedos. Na mesa da sala havia um caderno de desenhos e vários lápis de cor

espalhados sobre a superfície. Jorge entregou alguns presentes de parte da família, já que em

suas conversas pelo Skype, na semana anterior, ela os havia conhecido. Sua avó havia enviado um

livro de histórias, a tia-avó Elizabeth, uma blusa de linha que ela mesma havia feito, e de Miguel e

Olivia um quebra-cabeças. Jorge deu um jogo para montar um castelo em peças de madeira.

Passou as horas seguintes conhecendo o ambiente de sua filha, seu quarto, seus brinquedos

favoritos e se salvou de ter que vestir uma das Barbies, quando Verônica os chamou para avisar

que havia preparado um lanche para eles.

Belén chegou às sete e ainda não havia escurecido. Entrou em casa apressada, e já sabia por

Verônica que Jorge havia chegado duas horas antes e para ela, o tempo no escritório pareceu

eterno. Alberto estaria de viagem por uns dias, e não se sentiu culpada pelo alívio que sentiu.

Despediu-se antes da hora e em quarenta e cinco minutos estava abrindo a porta de sua casa.

Jorge e Paloma tinham as cabeças juntas, estavam sentados no chão montando um castelo. A

menina se levantou de imediato e correu para abraçar sua mãe.

—Mamãe, Jorge veio e me trouxe este castelo, e minha avó Ligia e tia Elizabeth me mandaram

vários presentes.

—Fico feliz, meu amor.

Era um homem muito bonito aquele que estava se levantando neste momento, com um jeans que

realçava sua silhueta e uma camisa de linha branca. Ambos se olharam, percorrendo um ao outro

com os olhos, e nesse momento, Belén segurou a respiração diante do escrutínio dele. Ela vestia uma

calça de algodão bege e uma blusa de listras sem gola, sandálias bege e cabelo solto.

—Olá Belén.

Ele a saudou com o tom de voz que carregava na alma. Teve que se lembrar que tinha uma vida

construída com esforço, sobre cimentos da desilusão, mas uma vida no fim das contas. A semana

passada em Bogotá, o medo por Paloma e por ela não deixou avaliar bem seus sentimentos por

tê-lo de novo em sua vida. O ressentimento de parte a parte era o que havia levado a relação.

Desde que compartilhou com a menina pelo Skype e ao vê-lo agora tão acomodado em sua casa,

percebeu tudo que havia conseguido, e à exceção de Paloma, com quem era sempre verdadeira,

havia-se convertido em uma perita completa na arte da simulação, porque disfarçava que estava

bem, disfarçava ao dizer a si mesma que o havia superado, disfarçava que estava feliz com sua

vida.

Jorge sorriu para ela com aquele brilho conhecido em sua expressão e, de imediato, tudo que

viveu com ele passou diante de seus olhos como um filme: suas idas à biblioteca com o medo do

amor recém-descoberto, os primeiros beijos entre as grades que haviam ditado ao seu romance

uma dura sentença. O breve tempo de liberdade em que haviam cimentado aquele amor, o velho

bolero que não podia escutar sem soltar o pranto, as noites, os dias, o sexo, a paixão, a entrega,

as tortas e os doces, as despedidas e as lágrimas em plena chuva. Seu presente, que que havia

ficado dessa relação.

—Olá —saudou com a voz estrangulada.

—Você está bem?

Ela se recompôs imediatamente e sorriu para ele.

—Muito bem. Bem-vindo.

Paloma e Jorge continuaram o que estavam fazendo, enquanto Verônica se arrumava para ir

embora e Belén se dispunha a fazer o jantar.

—Não cozinhe —disse Jorge—. Vamos à pizzaria que vi a duas quadras daqui.

—Está bem.

Saíram da casa e Paloma cantava de mãos dadas com os dois. Jorge se permitiu sonhar que

eram uma família. O céu estava azul e havia crianças na rua, andando de bicicleta ou jogando

bola. Os pensamentos de Belén não eram tão caridosos. À medida que a imagem de sua vida

perfeita desmoronava, se enchia, não sabia se de frustração ou de tristeza.

Comeram pizza em meio às conversas de Paloma, depois caminharam pela praça do lugar e

quando já anoitecia, voltaram para casa. Belén pensou que Jorge iria se despedir na sequência,

mas ele foi até sua casa e ajudou a colocar Paloma na cama, leu uma história para ela e quando

desceu, Belén organizava a desordem da sala.

—Gostei da sua casa.

—Obrigada.

—Você fez um grande trabalho, Belén, ela é uma menina maravilhosa.

Ela levantou uma sobrancelha, mas algo em seu peito inchou e disse a si mesma que logo as

coisas poderiam funcionar, se não a nível romântico, pelo menos pelo bem-estar da menina. Mesmo

sendo difícil diminuir a atração que ele exercia sobre ela. Deus! Como tinha amado esse homem.

Seu sorriso, sua voz, seu corpo, sua maneira de ser.

—Obrigada.

—O que mais você faz? Além de trabalhar e cuidar de Paloma?

—Faço aula de dança. Visito alguns abrigos de refugiados.

Jorge ignorou a segunda frase. Imaginou Belén mexendo o quadril ao ritmo de uma *Bachata*[39]

ou *Reggae* em ritmo lento, e se remexeu, incomodado. Elevou a comissura da boca e levantou uma

sobrancelha.

—Sério?

—Sim, tem um abrigo...

Jorge a interrompeu.

—Não, fale sobre a dança.

Ela levantou os ombros.

—É um bom exercício, me deixa relaxada, e além disso, esta é uma cidade de ótimos dançarinos.

Aprende-se muito.

—Agora estou me lembrando, é verdade. Quando visitei a cidade em meu ano sabático, fui a

uma discoteca e é mesmo, tinha quantidade de orientais dançando salsa, merengue e outros ritmos,

muito melhor que qualquer latino.

—Lembro que você me contou —interrompeu Belén.

—Era um espetáculo digno de ver. Terei que ver —pigarreou—. Terei... que ver você dançar.

Ela abaixou o olhar e escondeu o sorriso. Imediatamente, sentiu a urgência de convencê-lo de

que sua vida era perfeita, precisava que ele soubesse disso.

—Tenho uma vida boa, sabe?

Jorge levantou uma sobrancelha.

—Fico muito feliz.

Belén viu que ele estava com o ânimo risonho. Como se ele tivesse percebido sua urgência em

tentar convencê-lo.

—Dou graças a Deus por Paloma, porque nem um único segundo tive dúvida de que era um

presente —sua voz quebrou ao final da frase—. Ela me faz muito feliz.

—Você tem um relacionamento? Está com alguém?

Belén fez um gesto afirmativo com a cabeça.

—Ele faz você feliz?

Ela se levantou da poltrona e se aproximou da janela com os braços cruzados.

—É um bom homem.

—Tenho que dizer uma coisa para você —ele disse, com um fio de voz.

Ela olhou para ele de maneira interrogativa e não soube o porquê, mas rezou para que ele não

lhe dissesse que estava apaixonado por alguém.

Jorge limpou as mãos na calça comprida, como se estivesse nervoso.

—Eu devo um pedido de desculpas a você.

—Por?

Ele riu, mexeu no próprio cabelo e Belén respirou fundo, esperando.

—A verdade é que eu me comportei como um energúmeno em Bogotá ao saber de Paloma. Não

deveria ter tratado você daquela maneira.

Ela rechaçou a desculpa.

—Você estava no seu completo direito, porque eu não deveria ter feito o que eu fiz. Acreditei

que era a melhor coisa a ser feita, mas agora sei que não deveria ter negado seu direito sobre

Paloma, independentemente de você e eu termos terminado da maneira que terminamos.

Jorge levou as mãos ao rosto e depois a enfrentou.

—Não sei por onde começar.

Sentou-se no sofá e juntou ambas as mãos.

—Pelo começo —disse Belén, sentando-se à frente dele.

—Se eu pudesse voltar no tempo, acredite, faria apenas para apagar aquela tarde terrível em

que cometi um dos maiores erros de minha vida. Se a prisão era um inferno, sem você foi...

—Jorge

—Um inferno pior —olhou para ela, desesperado—. Sem você, as coisas não são iguais.

Ela desejou apenas se abrigar no corpo dele e beijá-lo, e que ele a beijasse e a acariciasse até

o fim dos tempos. Ainda sentia alguma coisa por ela, ainda que não por ela, mas pela jovenzinha

iludida de seis anos atrás. Ela se levantou de uma vez só, precisava evitar aquele olhar e voltou

para a janela.

Ele se levantou e se pôs atrás dela, pegando-a pelos ombros. Esse simples toque a levou por

uma rua que não desejava transitar nesse momento. Um desejo puro a dominou, não o pálido

sentimento desses anos.

—Você me fez muita falta —ele murmurou e seu tom de voz ainda era baixo.

—Eu não sou mais a mesma.

Afastou-se dele.

—Eu também mudei.

Era mais sábia, mais forte e um pouco quebrada, mas o tempo não passava em vão. O tempo

cobrava seus anos, no físico e na alma.

—É melhor deixar o passado onde ele está.

—Estou de acordo com você, mas neste presente, não há um único dia em que eu não pense em

você.

—Não posso, Jorge, tenho uma relação e não posso jogar tudo fora apenas porque você

apareceu na minha porta.

Jorge caminhou outra vez até ela, que mais uma vez se afastou. Ele ficou quieto.

—Jurei a mim mesmo não fazer isso e respeitar sua decisão, mas não posso, meu amor... Preciso

de você.

Jorge voltou a se aproximar de Belén e a abraçou. O cheiro dele a levou novamente àquela

sensação quente, acolhedora, como quando se chega depois de uma dura jornada no frio e o

calor de um bom fogo recebe você. Era ele, maldição, o homem que ela amou com loucura. Soltou-

se dele e negou com a cabeça várias vezes.

—Vá embora, Jorge, eu não posso.

Quando a porta se fechou, desceu até o chão e chorou pelos anos de simulação. Estava furiosa,

porque Jorge, apenas com sua presença, desmoronava o delicado chão em que sua vida era

alicerçada.

## CAPÍTULO 32

Nos dias seguintes, Belén fugiu de Jorge como a peste. Impôs horários para que ele visse Paloma e

assim ela evitava cruzar com ele. Mas Jorge tinha outros planos e estava resolvido a recuperá-la.

Ao menos desejava avançar um pouco sua relação antes de volta a Colômbia. Por isso, apareceu

ao meio-dia no escritório de Belén para convidá-la para almoçar. Quis negar, mas de imediato

pensou que aquele era o momento de colocar as coisas no lugar.

Quando subiu ao seu escritório e Belén abriu a porta para recebe-lo, suas companheiras

olharam para ele abobalhadas. Ele vestia uma calça de brim azul marinho, uma camisa cinza de

manga curta e levava no braço uma jaqueta leve, calçava mocassins preto e os óculos de sol

estavam no bolso da camisa. Sua presença intimidava e chegaram aos seus ouvidos os suspiros e

os risos tontos das mulheres, e nem mesmo ela conseguiu suportar ao seu encanto como teria

desejado. Era muito masculino e imensamente belo.

—Olá —ela o cumprimentou.

Jorge devolveu a saudação.

—Tem uns minutos? —ele perguntou dali da porta.

Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça.

—Eu andava por esses lados e me perguntei: por que não convido Belén para almoçar? E aqui

estou eu.

Entrou no escritório, e com sua presença, grande e viril, ofuscou o pequeno espaço.

—Não era necessário —ela refutou, nervosa—, poderia investir seu tempo passeando.

Ele a cercava sem dar espaço para recusar.

—Você pode me acompanhar. Tire a tarde de folga —ele disse logo.

—Não posso.

—Vamos Belén, duas horas então. Que são duas horas para discutirmos coisas sobre Paloma?

—O que aconteceu com Paloma?

—Você ainda não me disse se o consulado respondeu alguma coisa sobre o trâmite na troca de

sobrenome.

Dois toques interromperam a resposta de Belén antes que a porta se abrisse e um homem

mostrasse a cabeça.

—Mil desculpas, pensei que você estivesse sozinha, céu.

Belén se levantou rapidamente da cadeira e fez Alberto entrar, que passou o olhar de um ao

outro, franzindo o cenho.

—Eu pensei que você ainda estivesse em reunião —ela disse.

—Já terminou.

Algo ancestral que tem a ver com competência de machos e que passa despercebido por

algumas mulheres flutuou no ambiente, em seguida carregando o ar de pura essência masculina.

—Este é o pai de Paloma.

—Sim —respondeu Jorge com o olhar de granito. Então este era o sujeito que estava

apaixonado por Belén—. Jorge Robles —não estendeu a mão para ele.

—Alberto Montes —o homem à sua frente disse com a voz grossa.

A diferença entre os dois homens era evidente, Alberto tinha o porte de um homem que passou

anos em um escritório e que adquiriu o revestimento de quem vive nas grandes cidades. Jorge era

mais alto, mais encorpado, mais masculino.

Jorge adivinhava o que passava na cabeça do homem.

—Paloma é muito especial —afirmou Alberto, que se aproximou de Belén e passou o braço pelos

ombros dela.

Mesmo estando bastante mortificado e ciumento, Jorge não ia dar o gosto deles perceberem.

—É —respondeu.

—Belén fez um ótimo trabalho sozinha.

Jorge passou um olhar entre os dois. Um sorriso deixou à mostra seus dentes absolutamente

brancos, teve vontade de provocar de alguma maneira, quando se lembrou de que estava ali por

Belén. O sujeito era uma mancha na parede, nada mais que isso.

—Tenho certeza disso. Belén é uma mulher capaz e inteligente, não vejo como poderia ser de

outra forma.

—Céu —disse o homem a Belén—. Nancy me deixou uma mensagem, porque encontrou novas

propriedades que gostaria que fossemos ver, mas infelizmente tenho uma nova reunião em...

—olhou seu relógio—... dez minutos. Você pode ir?

—Pensei em tirar algumas horas livre, se você não se chatear.

—Você tem alguma coisa mais importante para fazer? —elevou uma sobrancelha, contrariado.

—Vou ao consulado com Jorge —ela mentiu, porque Alberto teria um ataque se ela dissesse que

apenas sairia para almoçar com ele —. Mas telefonarei para Nancy assim que eu me desocupar

—deu-lhe um beijo rápido na bochecha e saiu, apressada.

Jorge sorriu para o homem.

—Não sei que horas vou devolvê-la —afirmou intencionalmente e Belén quis dar-lhe um pontapé

na canela.

Quando chegaram ao elevador, Jorge estava furioso, o sujeito lhe pareceu antipático por razões

óbvias. Mas não era só isso, era um verdadeiro imbecil e não queria o tipinho por perto de Belén,

muito menos de sua filha.

—Ao consulado —sorriu com sarcasmo—. Isso sim que é bom, por quê?

—Por que o quê?

—Por que mentiu para ele?

—Não quero problemas.

—O sujeito é ciumento?

—Não, simplesmente não me pareceu certo.

Belén olhava para as luzes do elevador que desciam.

—Eu ficaria como um energúmeno se minha mulher saísse para almoçar com outro sujeito.

—Isso porque você é um neandertal.

Belén se lembrou dos últimos meses de sua relação quando ia entrar na prisão e o ciúme o

atormentava.

—Se ele não é ciumento, então por que você mentiu para ele?

—Porque não quero responder as perguntas dele, também não quero responder as suas.

Quando chegaram ao primeiro andar e saíram à calçada, Jorge chamou um táxi.

—O que você está fazendo? Existem bons restaurantes aqui perto.

Jorge colocou os óculos de sol, o táxi parou e ele abriu a porta para que ela entrasse.

—Deixe-me surpreendê-la.

Ela olhou para ele, confusa, e ele quis beijá-la ali, diante de todo mundo, que ela se derretesse

em seus braços como no passado. Queria apagar os beijos desse sujeito, que tomara Deus fosse

um péssimo amante, ou melhor ainda, impotente.

Belén ficou calada enquanto o motorista cruzava o trânsito das avenidas. Jorge manteve seu

olhar no rosto dela. A palavra “céu” retumbava com força em sua cabeça. Céu? Por acaso havia

apelido mais ridículo que esse? Belén era muito mais que o céu para ele, com os anos passados na

prisão e o tempo que havia transcorrido desde que ele a tinha deixado no aeroporto, havia

percebido que ela era seu Universo.

O táxi se deteve na entrada de Battery Park. Caminharam em meio a jovens profissionais e

turistas que dividiam o almoço em diferentes cadeiras. A vegetação colorida,

o ambiente de verão

e a música de um grupo *folk* que estava na esquina faziam do lugar um local relaxante.

Justamente o que ele precisava para falar com ela.

Gigino era um dos restaurantes da região, o terraço era amplo e Jorge tinha feito uma reserva

antes de chegar ao escritório de Belén, já que era recomendado como um dos restaurantes mais

românticos da cidade. Puxou a cadeira para ela, convidando-a a sentar, ao mesmo tempo em que

um garçom se aproximava apressado para atendê-los. Pediram o prato do dia e quando ele

solicitou uma garrafa de vinho, ela recusou, alegando que tinha que voltar ao trabalho.

—Não se preocupe, não acredito que uma taça de vinho vá afetar sua produtividade.

O garçom se aproximou com um Merlot do ano anterior.

—Desejaria poder ficar mais tempo na cidade —Jorge disse, assim que o vinho foi servido.

Belén levou a taça aos lábios, desfrutando o sabor—. Queria poder aproveitar mais tempo com

vocês.

—Paloma está muito contente com você aqui.

—E você?

Belén revirou os olhos e sorriu.

—Você é um bom pai, assim como eu imaginei um dia.

—Poderíamos deixar de falar de Paloma, só por um momento. Gostaria de falar sobre nós dois.

—Não existe nos dois, somos apenas Belén e Jorge, os pais de Paloma. Acredito que Alberto

tenha deixado isso bem claro.

—Alberto pode me dizer que o fim do mundo será amanhã e que eu vou me importar um

caralho —ele se aproximou dela, roçando o dorso de sua mão com o polegar—. Eu me importo

com o que você tenha a dizer.

—Tenho uma relação, Jorge.

—E?

O garçom chegou com os pratos e encheu a taça vazia de Jorge.

Ela bem poderia estar em uma relação, mas Jorge a conhecia. A maneira que ela o observava,

sua postura quando ele estava por perto e a maneira que ela reagiu quando o tal do Alberto se

aproximou, lhe diziam que o que ela sentia por seu “namorado” não era amor. Pelo menos, não o

amor que ela sentiu por ele. E isso o impulsionava a se aferrar a ela, a lutar por ela, e insistir até

obtê-la. Alberto Montes podia ir embora pela mesma avenida que havia

chegado. Não o conhecia,

mas ele era um Robles e um Robles sempre conseguia o que queria.

E ele queria sua mulher e sua filha de volta.

Ela fugiu da pergunta, voltando ao único assunto que acreditava terem em comum.

***

O último dia de Jorge em Nova York foi um domingo. Chegou ao meio-dia na casa de Belén,

brincou com sua filha e a ajudou a escolher a roupa para sair.

Belén havia se mantido afastada, esquiva. Desde sua conversa no restaurante, ainda esteve mais

ausente que antes, mesmo assim, isso não o impediu de acariciar os pequenos momentos que

Paloma lhe dava para falar com ela.

A criança havia desenvolvido uma maravilhosa conexão com seu pai. Paloma era, antes de tudo,

uma criança feliz, amiga, aberta e gostava de desfrutar estar na presença de adultos. Tinha um

ego gigante, e dava por garantido que era a criança mais maravilhosa do mundo. Jorge

confirmava esta opinião, e prestava uma atenção especial quando ela cantava ou lhe contava uma

história vez ou outra.

Tinham almoçado fora e passado quase toda a tarde montando o quebra-

cabeça que Miguel

havia enviado da Colômbia.

—Podemos fazer umas pizzas?

Jorge achou uma ideia fabulosa, porque seu peito doía cada vez que o relógio mostrava que

uma nova hora começava... uma hora que o deixava mais afastado delas.

—Acho uma ótima ideia, só que eu não sei fazer pizza. Você pode me ensinar? —perguntou

Jorge, cheio de pena.

Necessitava ganhar tempo. Guardar mais lembranças, impregnar-se de todo o relacionamento

que pudesse ter com Paloma e Belén antes de ir.

—Mamãe não pode ensinar, porque ela faz pizza verdes —disse a menina, sem olhar para ele.

Belén soltou a risada.

—Pizza verde, puff —disse Jorge sorrindo—. Gosto de pizza com muito queijo e presunto.

—Eu também, Jorge! Mamãe, Jorge gosta da pizza como eu, muito queijo e presunto.

Os três se dirigiram à cozinha, e enquanto Belén cortava o queijo e o presunto, Jorge e Paloma

se entretinham fazendo a massa e ambos estavam impregnados de farinha até as sobrancelhas.

Jorge fez a bola de massa e começou a espalhá-la com o rolo, e mesmo

tentando, Belén não

conseguiu evitar ficar excitada pela maneira com que seus bíceps se contraíam, envolvidos pela

justa camiseta cinza. Quando a massa estava fina, Paloma se apropriou da tigela que continha o

molho, e na tentativa de ser mais rápida, mexeu a colher até sujar a camiseta de Jorge.

Ele não deu maior importância, continuou colocando o queijo e os outros ingredientes, enquanto

sua filha continuava sujando sua camiseta.

—Alguém precisa de um banho —avisou Belén com o semblante risonho.

—Verdade, estou um verdadeiro desastre —disse Jorge, quando a pizza já estava no forno e

Paloma se acomodou na frente da televisão para assistir *Frozen*.

—Pode me dar sua camisa e usar meu banheiro, posso lavar e secar sua camisa, e você poderá

vesti-la quando for embora.

—Se você não se incomodar por eu andar meio nu na sua sala.

—Você já não causa mais o mesmo efeito que antes Jorge, vou lembra-lo que você já

envelheceu seis anos.

Jorge pegou a bainha de sua camiseta, passou pela cabeça e a entregou, olhando para Belén

com olhar desafiante. Belén enrubesceu, seus músculos estavam mais

definidos, e passou por sua

cabeça a lembrança de quando, extasiada depois de fazer amor, recostava em seu peito e

deixava que seus dedos o acariciassem. Ambos se encararam por uns segundos, observando um

ao outro, o calor inundou as bochechas de Belén, fazendo com que Jorge desse um sorriso

presunçoso.

—Se você diz isso...

Belén ficou com a camiseta na mão enquanto observava a saída dele da cozinha. Ligou a

lavadora ao mesmo tempo em que escutava a água correr. Só de imaginá-lo nu, em seu banheiro,

com a água traçando caminhos na pele dele, fez com que um relâmpago de desejo atravessasse

seu corpo. Respirou profundamente, tentando acalmar a enxurrada de lembranças e deixou a

roupa lavando antes de sair para ver o que Paloma estava fazendo.

A casa cheirava à pizza quando Jorge saiu do chuveiro com o cabelo molhado, o peito nu e

uma toalha no pescoço. Encontrou Paloma completamente adormecida no sofá. Belén estava

organizando os utensílios da cozinha, aproximou-se silenciosamente até ficar atrás dela, colocou as

mãos em sua cintura e seus lábios ficaram tão perto do ouvido dela que todo

o corpo de Belén

tremeu diante dele. Ele a virou.

—Quero você de volta, Belén —sussurrou, sem deixar de olhar dentro dos olhos dela—. Quero

minha família comigo.

Belén tentou se soltar daquele cerco. Jorge levou a mão esquerda até a bochecha dela e ela

recostou o rosto sobre a palma da mão dele. Fechou os olhos e se permitiu aproveitar aquela

carícia. Ele se aproximou. Morria de vontade de provar aqueles lábios, e era a primeira vez,

desde que haviam voltado a se encontrar que ele a sentia assim, tão perto. Queria mais, seu corpo

pedia que ele se lançasse, que devorasse aquela boca com a fome de anos e quando Belén

colocou a mão dela, justo em cima de seu coração, se sentiu perdido diante das emoções que o

assaltavam. Aproximou seus lábios ao dela, sua língua umedeceu os lábios de Belén, ressecados,

enquanto saboreava o beijo por antecipação. Sentia que este era o momento e antes que pudesse

roçar seus lábios, escutaram o toque da campainha rompendo o encanto.

Atordoada, Belén observou a porta, negou com a cabeça e pensou que por uns minutos tivesse

ficado maluca. Ela não podia beijá-lo, não podia permitir que Jorge voltasse a

ultrapassar suas

defesas. Todos seus alarmes se ativaram, ela era uma mulher diferente, não queria ficar vulnerável

outra vez e tudo sobre Jorge era o caminho para a vulnerabilidade. Ela já havia dado tudo a ele,

uma vez, e ficou sem nada, bem, sem nada não, porque Paloma foi seu presente, sua bonificação

por tudo que ela havia perdido naquela tarde, pela decisão dele. Como confiar que ele não

quebraria outra vez seu coração? O que ela havia sentido por Jorge, a conexão, a adoração, o

desejo intenso, hoje, ela tinha pavor a essas emoções. Uma parte dela queria se deixar levar,

deixar de ser tão precavida, mas... qual seria o preço?

A campainha voltou a tocar, acreditou ter escutado Jorge sussurrar um “não abra”, mas não deu

atenção, se afastou dele a passos firmes até a porta.

Alberto estava no umbral da porta com uma caixa de pizza nas mãos.

—Pizza e filmes para as minhas meninas —Jorge escutou quando ele falou. “Minhas meninas

nem fodendo! Elas são minhas!”

Ainda distraída, Belén se afastou da porta, deixando-o entrar. A surpresa e o desgosto do

homem ficaram evidentes ao ver Jorge semidespido na sala.

—O que está acontecendo? —perguntou irritado—. O que ele está fazendo aqui?

—Jorge viaja amanhã de volta para Colômbia e queria passar um tempo com Paloma.

—Fizemos pizza... —Jorge disse, divertido.

—A pizza! —exclamou Belén, deixando os homens sozinhos.

Lembrar da pizza no forno tinha sido uma salvação para ela, que precisava acalmar seus

nervos antes de voltar para a sala. Como justificar Jorge seminu e Paloma adormecida?

Jorge olhou para Alberto, dos pés à cabeça, em uma clara posição dominante, e o homem o

observou da mesma maneira.

—Sei o que você pretende... E não vou permitir —Alberto foi o primeiro a falar.

—Mesmo? Tente me deter —replicou Jorge, moderando o tom de voz por causa de Paloma,

adormecida no sofá.

—Volte de onde você veio e deixe-as em paz, elas não precisam de você.

—Não é questão de precisar, e eu vou dar um conselho, gratuito... não se meta no que não é da

sua conta.

—Paloma e Belén são da minha conta, meu querido amigo.

—Eu não sou seu amigo.

—O que seja, mas Paloma e Belén estão comigo agora —Alberto negou com a cabeça—. O que

você pode oferecer para as duas? Onde você estava quando a menina nasceu ou quando ficou

doente?... Ah! Já me lembrei: estava apodrecendo na prisão... —Jorge apertou os punhos, disposto

a calar aquele homem com apenas um murro, porém, a suave respiração de sua filha o deteve—.

Você não é mais que um maldito ex-presidiário, por mais que agora pretenda ser um anjo de

caridade, mas isso não tira o fato de que você esteve ali, cumprindo pena por assassinato.

Belén apareceu neste momento, com a camisa de Jorge na mão, ignorando a hostilidade reinante

no ambiente e estendeu a roupa para seu dono. Jorge a vestiu rapidamente.

—A pizza queimou —ela disse com pesar.

—Bem céu, menos mal que eu trouxe pizza.

Alberto se colocou do lado de Belén com o firme propósito de beijá-la, mas ela virou o rosto e o

beijo ficou em sua bochecha. Jorge olhou para ela por uns segundos antes de se aproximar do

corpo de sua filha. Depositou um beijo suave em seus cabelos pretos e saiu dali sem dizer uma

palavra a nenhum dos dois.

Não tinha que conhece-lo bem para saber que estava completamente irado.

## CAPÍTULO 33

Jorge saiu furioso, o ciúme o sufocava, teve que se controlar, e muito, para não quebrar a cara de

Alberto. Estava certo: o sujeito era um completo imbecil. Bateu furioso no volante enquanto

percorria o trajeto até o hotel. Alguém havia lhe dito uma vez que os maiores temores, se não

superados, tornavam-se realidade. Pois bem, ali estava a prova irrefutável deste conceito. O medo

profundo de que Belén se apaixonasse por outro estava ali, um palmo à frente do seu nariz.

Pensou que se a afastasse, seis anos atrás, fosse menos duro. Soltou uma risadinha carente de

humor, porque a vida se encarregava de zombar dele a toda hora.

Devia tê-la amarrado a ele, não se importar se ela fosse visita-lo naquele lugar horroroso, ano

após ano, mantendo-a entre as grades de alguma maneira, porque veria sua mulher grávida, teria

visto Paloma crescer. Neste momento estariam juntos, ou talvez não, porque, no mínimo, a vida já lhe

teria dado outra rasteira. Desde sua permanência na prisão, jurou a si mesmo que nenhuma

situação escaparia de seu controle, mas, outra vez, a fodida da vida o colocava em seu lugar.

Chegou ao hotel, abriu o minibar e tirou uma minúscula garrafa de uísque. Morria por ela, e

pela primeira vez, desde que chegou, permitiu a si mesmo sentir medo das coisas não saírem como

ele desejava, de ter que se resignar em ver sua filha crescer à distância e a mulher que ele amava

nos braços de outro.

***

—O que você disse para ele? —perguntou Belén irritada.

—Que vocês não precisam dele, que vocês têm a mim —disse Alberto e se aproximou para

deixar a caixa de pizza no balcão.

Ela olhou para ele, furiosa.

—Você não tem nenhum direito de se meter nesse assunto.

—Claro que tenho direito! Encontro minha mulher com o pai de sua filha seminu, e tenho que

comemorar?

—Não estávamos fazendo nada de mau, e simplesmente Paloma manchou a camiseta dele com

molho e eu só quis ser amável.

—Tanta amabilidade me oprime. Afaste-se dele, Belén, este sujeito quer você de volta.

Belén, para fugir do olhar do homem, começou a recolher a bagunça de brinquedos que Jorge

e Paloma tinham feito mais cedo.

—Não acredito, porque ele tem a vida dele na Colômbia —mentiu.

—A maneira que ele olha para você...

—Basta!

—Ponha limites nele, pelo bem da nossa relação, ponha limites neste homem.

Belén olhou para a própria roupa, que também estava um desastre. Precisava que Alberto fosse

embora, para tomar um banho, se abrigar com sua filha e ver *Frozen* meia dúzia de vezes para se

livrar do desassossego que sentia.

—Eles estão apenas se conhecendo, não posso tirar isso dele, e nem Paloma tem tanta segurança

para ir sozinha com ele para todos os lados.

—Ponha limites você! Com Paloma ele pode interagir como quiser, mas com você, não, Belén —ele

olhou para ela em dúvida—. A menos que você deseje essas atenções.

—Não! Eu não lhe dei corda.

—Pois parece que ele não atende à razão.

“Teimoso, que é outra coisa”, pensou Belén.

Ela se aproximou de Alberto e colocou a mão no ombro dele.

—Não quero falar mais dele.

Paloma acordou e começou a chorar porque não encontrou Jorge ali e a pizza havia queimado.

Alberto, ao ver a delicada situação das duas mulheres, se despediu depois de jantar.

Belén colocou Paloma para dormir, enquanto pensava que tinha que conversar com Jorge antes

de seu retorno para a Colômbia. Telefonou para Verônica para lhe pedir o favor de cuidar da

menina por um tempo, porque não acreditava que fosse demorar. Colocou um vestido simples de

verão, de alcinha e flores, e sandálias douradas. Quando a babá chegou, Belén saiu de casa, com

o cabelo solto e sem maquiagem. Dirigiu até o hotel em seu velho Toyota, carro que só tirava da

garagem no final de semana.

A simples presença de Jorge a intimidava e isso não havia mudado com o passar dos anos,

devia deixar bem claro que poderiam ser apenas amigos. Não ia arriscar seu tempo com Alberto

pelo delírio de uma vida passada. Estacionou o carro e desceu, e, como sempre, estava nervosa. E

isso também não havia mudado nesses anos. Anunciou-se na recepção enquanto digitava uma

mensagem.

“Desce”.

“Não vou descer, suba até o meu quarto”.

“Falaremos melhor no bar”.

“Muito ruído. Sobe”.

Sabia que não deveria subir, que era melhor falar em um lugar público, mas conhecia Jorge e

sabia que ele não iria descer. Não deveria ter ido. Seria como uma infantil e covarde se não

subisse. O funcionário informou o número do quarto.

Pegou o elevador e subiu. Jorge abriu a porta na primeira batida e o estômago dela deu um

nó. Estava vestido como de tarde, seu olhar era risonho quando lhe fez uma reverência, um pouco

teatral, para que ela entrasse.

—Olá.

—E o seu namoradinho?

—O sarcasmo está demais, Jorge, e eu vim em sinal de paz.

—Está bem.

Quando Jorge fechou a porta, Belén pode ver que havia várias garrafas de uísque abertas,

olhou para ele, curiosa, e se negou a dizer alguma coisa. Não sabia se ficava de pé ou se sentava.

—Temos que conversar, mas vejo que você não está em seus cinco sentidos.

Jorge soltou a risada. Negou com a cabeça enquanto se aproximava dela.

—Por Deus! Foram apenas três uísques. Isso não é nada.

Ela olhou outra vez para as garrafas e disse a si mesma que eram mais de três.

—Não quero mais discutir com você minha relação com Alberto. Quero que você e eu sejamos

amigos.

—Quão amigos?

—Apenas amigos.

Ele negou com a cabeça e a estreitou contra ele, sem se mexer.

—Serei apenas seu amigo no dia em que o inferno congelar.

Ele a levou até a parede mais próxima. Aferrou-a pela nuca e tentou chegar aos lábios dela,

mas Belén virou o rosto.

—Não!

—Por quê? Já não excito mais você? —olhou fixamente nos olhos dela sem soltá-la—. Não

acredito.

Ela se soltou daquele abraço.

—Já não somos mais os mesmos. Nós dois mudamos.

Afastou-se um pouco mais, mas Jorge foi atrás dela. Ela desviou dele novamente.

—Acho que foi um erro vir até aqui. Conversaremos depois.

Foi até a porta e conseguiu abri-la. Jorge voltou a fechá-la e a prendeu em seus braços, em

ambos os lados. Belén sentiu a respiração dele em seus ouvidos. Uma série de calafrios

percorreram seu corpo.

—Vou lhe demonstrar quão errada você está, meu amor.

Jorge lhe devorou a boca, em um beijo voraz, faminto, profundo, destinado a marcar, até que

ela se sentiu perdida, invadida por sua força escura, dominante e possessiva. Não sabiam mais se

era um beijo ou colisão de bocas, troca de suspiros e respirações agitadas, toques cada vez mais

intensos. Depois de alguns segundos, ele a levantou contra seu corpo e introduziu sua língua na

boca de Belén, enquanto ela gemia em uma mescla de medo e prazer, até que seus pulmões

gritaram por ar. Depois ele a soltou.

—Você quer isso tanto quanto eu —ele afirmou—. Ignorar ou abandonar-se a isso, você não vai

fazer com que isso desapareça.

—Não posso —Belén disse, sem muita convicção.

Jorge percorreu seu corpo com as mãos. Ela estremeceu e sua pele enrubesceu.

—Você se inflama assim com ele, meu amor? —sussurrou, desesperado sobre os lábios de Belén

e tocando-a em todas as partes—. Deus, como eu senti sua falta!

Levantou seu vestido, girou seu corpo e acariciou suas costas e seu traseiro, baixando as tiras

finas que caíram a cada lado de seus braços, enquanto mordia seu ombro. Sorriu sobre a pele

dela ao ver como Belén reagia às suas carícias.

—Eu ainda me lembro, Belén. Ainda lembro como você incendiava em minhas mãos —ele a virou

novamente.

Belén cruzou as penas na cintura de Jorge, fechou os olhos e, pela primeira vez em anos, se

permitiu sentir de verdade. Ela tirou a camiseta dele, ele rasgou sua roupa íntima. Jorge no podia

acreditar que estava tocando nela outra vez, sentindo-a, e desta vez era ele, não os eternos

fantasmas que habitavam suas lembranças, como rezava a canção *Antes e depois de você*[40], que

escutava na prisão até se fartar. Era ele, disposto a devorá-la, disposto a amá-la outra vez.

Apoderou-se de seus seios, tirando-os do sutiã. Ele os acariciou e os beijou com gula.

Não se sentia capaz de chegar à cama, precisava penetrá-la, atravessá-la. Seus suspiros e sua

umidade, quando levou a mão ao sexo dela, o fizeram ver que ela estava pronta. Seu corpo não

mentia: ela o desejava como no passado. Soltou a calça comprida. Ele, como sempre, estava

morrendo por ela, ofegava desesperado, extremamente faminto, muito alterado. Obrigou-se a

respirar com tranquilidade, porque não queria que ela se assustasse e fugisse dele de forma

alguma.

Belén, tão sábia como sempre, leu isso nos olhos dele: a dolorosa solidão que havia deixado sua

ausência, e em meio à sua própria dor, acariciou aquele rosto, roçando a bochecha e o queixo

áspero, acariciou seu cabelo e bebeu seu hálito de uísque. Jorge se inflamou como uma fogueira e

a beijou com fúria, preparado para penetrá-la. Ela soube e se abriu para ele, ansiosa para

recebe-lo. Ele a tomou com dureza, sem misericórdia, fazendo-a sua como um homem a ponto de

enfrentar a morte, pensando apenas no que Belén lhe oferecia. Apenas ela. Ninguém mais. Fundiu-

se em seu interior até que a escutou gritar seu nome.

Belén sentia que se queimava com os movimentos cada vez mais fortes de Jorge. Seus corpos,

úmidos e quentes, se uniam uma e outra vez, até que a tensão nela foi palpável. Sentia-se

extremamente excitada, como se as brincadeiras preliminares tivessem durado horas, e não havia

existido nenhuma. O cheiro dele a deixou entorpecida, o peso daquele corpo, as fortes investidas,

tudo, queria se prender a ele e não soltá-lo nunca mais, e isso só acontecia com Jorge. Ela se

mexeu, alcançando um orgasmo ardente e doloroso, que teve a certeza de tê-lo feito revirar os

olhos, em combinação com sua própria liberação, que percebia que não queria terminar.

—Assim, isso, assim —reverberava sobre sua pele—. Você é deliciosa, um fodido manjar em

minhas mãos.

Segurou-a pelos cabelos e ela se viu obrigada a olhar para ele.

—Olhe para mim, olhe-me bem, Belén, isto somos eu e você, não esqueça nunca.

“Amigos uma merda!”, ele meditou em meio ao delírio.

Perderam-se no prazer, nos sons de seus movimentos, de seus gemidos, de seus gritos e o roce

de seus corpos ecoava por todo o quarto. Ficaram desesperados quando o orgasmo os fez

estourar com uma explosão de prazeres inigualáveis.

Quando voltaram à realidade, Belén se separou, mortificada. Nem ao menos havia tirado a

roupa, então arrumou o sutiã e baixou o vestido.

—Vamos conversar —disse Jorge, dando a ela algum espaço.

Ela se negou a olhar para ele. Negou-se a falar. Não sabia onde haviam caído suas sandálias e,

o pior, teria que sair sem roupa íntima daquele quarto. Encontrou o calçado perto da porta.

Quando girou a maçaneta para sair, sussurrou, muito mais para ela mesma.

—Foi um erro.

Jorge não se desesperou. Esses minutos compartilhados lhe disseram muitas coisas. Que ela ainda

sentia alguma coisa por ele, e que também resistiria a terminar a relação com Alberto. Belén era

valente em todas as áreas de sua vida, o que conseguiu com Paloma, com sua profissão e com sua

vida em geral, era a confirmação de tudo isso, mas com ele, ela não queria se arriscar. Seu

coração se encolheu de tristeza ao ver todo o dano que ele havia lhe causado. Ela não iria se

jogar em seus braços de imediato, porque anos atrás foi fatal para ela. Não confiava nele, nem

minimamente. Precisava de tempo, mas era exatamente o que ele não tinha. Teria que remover céu

e terra para convencê-la de que seu futuro era ao lado dele, e ele assim o faria em *San Antonio*

*de Padua*.

Tinham combinado que mãe e filha iriam vista-lo por duas semanas em meados de outubro, para

que Paloma conhecesse sua família e a fazenda. Jorge confiava que durante este tempo, e com ela

dentro do seu território, pudesse convencê-la, e depois do que aconteceu esta noite, tinha mais

certeza ainda de conseguir.

***

Belén dirigia mortificada por todo caminho até sua casa. Havia agido como uma

desavergonhada. Saiu de sua casa, prometendo ao homem com quem tinha uma relação que

arrumaria as coisas, que ficaria longe de Jorge e... o que havia feito? Tinha feito amor com pai de

sua filha. Deus meu! Seu orgulho estava em frangalhos. Tudo o que sentiu foi uma cópia do

passado, as mesmas emoções, a mesma maldita vulnerabilidade. Com Jorge, as coisas sempre

seriam assim, intensas, contundentes, passionais, como esses livros que agora lia muito tarde da

noite. Esses amores não eram de verdade e, geralmente, terminavam mal.

Quis chorar de pena quando se lembrou de Alberto, seu namorado, seu amante, seu amigo, uma

pessoa boa que se deu a ela sem reservas. E como é que ela retribuía? Com chifres, colocados

com o pai de sua filha.

Não imaginava as duas semanas em *San Antonio de Padua*, teve o insensato desejo de pedir a

Alberto que a acompanhasse, mas não podia submetê-lo a tamanha provação, e Paloma não a

perdoaria se ela cancelasse sua viagem. Pai e filha não faziam outra coisa que

falar dos planos

que tinham, e também não poderia enviá-la sozinha. Nunca haviam se separado. Teria um mês

para livrar-se do efeito Robles e construir um muro de contenções bem alto.

Quando chegou em casa e dispensou Verônica, que olhou para ela com curiosidade, foi ver se

Paloma dormia tranquila e tomou um longo banho. Quando entrou no chuveiro, percebeu que não

haviam usado proteção. Ela, que era sempre tão responsável, bastava que Jorge aparecesse em

sua vida para que ela esquecesse uma coisa tão elementar como isso. Cheia de pena, percebeu

que Jorge havia derrubado uma das barreiras que ela havia imposto e esta barreira tinha nome

próprio: Alberto Montes. Sua principal barreira, Jorge havia derrubado ruidosamente, passado por

cima dele, sem se importar com mais nada. Agora, a culpa e a vergonha a açoitavam.

***

Belén e Paloma recolheram Jorge no hotel. A menina havia insistido em leva-lo ao aeroporto.

Belén havia colocado seus óculos de sol, e cumprimentou Jorge, séria. Paloma estava estranhamente

calada, mas ela percebeu que a menina estava triste porque ele ia embora. Durante todo o trajeto

tratou de animá-la e quando chegaram ao aeroporto não queria se separar dele. Pediu que ele a

levantasse e pouco havia conversado com Belén, que o ajudou com a mala para que ele pudesse

estar com Paloma.

Depois de fazer o *check-in* tinham algum tempinho antes de entra na sala de espera. Almoçaram

em um McDonald's, enquanto Jorge falava para a menina do pônei que iria presenteá-la. Belén

pensava, furiosa, que Jorge Robles era um trapaceiro. Quem poderia competir com um cavalo?

—Mamãe, veja: papai não tira a pulseira que fiz para ele, e quando eu for para *San Antonio*

vou levar um colar para você, porque os homens também usam colar.

O coração de Jorge pulou em seu peito, incapaz de responder, e pensou que ele iria sair pela

garganta. Por meses teve a esperança de escutar essa palavra dos lábios de Paloma. Sua filha o

chamou de pai. Deus, obrigado! Ela sorriu para ele e continuou falando com Belén.

—Papai tem uma pomba do mesmo lado do lobo. Sabe que a Paloma está ali por minha causa?

Ela o acompanhava quando ele estava naquele lugar feio.

Belén soltou o primeiro sorriso do dia.

—Eu acredito que sim.

—Um momento —disse Jorge, aproximando-se ainda mais de sua filha—. Venha cá, riqueza.

Não conseguiu se segurar e a abraçou, sua respiração suave banhava seu pescoço, sentiu seu

peito se expandir e pensou que ele fosse explodir. Fechou os olhos ao perceber que estavam

marejados. Não queria cair no choro como um menino na frente delas.

—Eu amo você, minha preciosa Paloma, não sabe quanto eu adoro você.

—Eu também adoro você, papai, e não quero que você vá embora.

—Dentro de um longo mês nos veremos novamente.

Despediram-se antes de entrar na Imigração. Paloma o abraçou pela enésima vez.

Depois, chegou a vez de Belén, que se negava a olhar nos olhos dele.

—Não me esconda seus olhos.

—Estou com dor de cabeça —disse, tirando os óculos e olhando firmemente para ele.

Ele a pegou pelo braço e aproximou sua boca ao ouvido dela. Sentiu que ela estremecia.

—Você é minha lua, Belén. Levo anos vagando sem a minha sombra. E foi você quem a

arrebatou de mim. Preciso recuperá-la. Espero por você em *El Álamo*.

Deu-lhe um beijo suave na bochecha, beijou novamente sua filha e se perdeu entre a misteriosa

massa de passageiros.

## CAPÍTULO 34

O mês passou muito lento para Paloma e muito rápido para Belén. Sua relação com Alberto havia

retomado o rumo tranquilo, já sem a presença de Jorge no horizonte. Mesmo ele falando a cada

três noites com Paloma, ela os escutava sem se deixar ver. Ela receava a viagem, tinha medo de

Jorge, e se apavorava com seus próprios sentimentos.

Alberto havia começado uma rodada de viagens por conta dos projetos, mas telefonava para

ela todos os dias, dizendo que gostava muito dela e que sentia sua falta. Porém, haviam discutido

antes da viagem e não voltou a ir para cama com ele depois de estar com Jorge. Não podia.

Primeiro alegou dor de cabeça, depois seu período. Ele a recriminava por ainda não ter se

decidido por uma casa. Na noite anterior à viagem, ele disse:

—Esta é a viagem da verdade. Durante sua permanência com este sujeito, espero que você

saiba como cortas as asinhas dele.

Ela o interrompeu, furiosa.

—Você faz com que ele pareça tão ruim, não sabe o quanto isso me incomoda. Não vou ficar

sozinha com ele, a família dele toda estará lá e estou fazendo isso por Paloma.

—Isso nós veremos.

Antes de se despedir e exausta pelo remorso do que havia acontecido, jogou os braços em volta

do pescoço de Alberto e deu-lhe um longo beijo. Suave, que não tinha nada a ver com aquele que

havia trocado com Jorge, semana atrás. Amaldiçoou-se por ser tão imbecil e prometeu a si mesma

que quando voltasse para Nova York não enrolaria mais com a escolha da casa. Estabeleceu um

prazo em que teria que estar instalada com Alberto em seu novo lar.

***

Assim que aterrissaram em Santa Rosa, Paloma bateu palmas. Estava emocionada em voltar a

ver seu pai e conhecer todos os tesouros que seu pai comentava com ela. Estavam um pouco

cansadas. Belén com um nó no estômago, penteou Paloma, verificou se o casaco de flores estava

perfeito, admirou pela quinta vez a sandália que haviam comprado na última saída às compras e

tirou o suéter de lã. O clima onde estavam chegando era bem diferente de Bogotá, como pode

saber.

Em poucos minutos desceram do avião. À distância, pode ver Jorge e Miguel, que estava ao

lado de uma mulher jovem. Pegou as malas e Paloma correu para os braços

de seu pai.

—Papai! Papai!

Ele se agachou em seguida para recebe-la em seus braços. Enquanto isso, Belén cumprimentava

Miguel e sua esposa. Ele foi muito carinhoso quando a saudou. Ambos ficaram enternecidos quando

viram a menina.

—Já vamos? —perguntou Paloma, ansiosa. Na noite anterior tinha dormido inquieta.

—Sim, minha riqueza, estamos em cima do tempo para chegarmos em casa e almoçarmos.

Jorge deu um beijo na bochecha de Belén e sussurrou em seu ouvido:

—Espero que tenha feito uma boa viagem.

—Sim, obrigada —ela respondeu, disfarçando a perturbação ao sentir seu aroma.

O homem estava lindíssimo com um jeans mais baixo, uma camiseta sem gola azul escuro, que

marcava seu tórax, e botas escuras, estilo vaqueiros. Tinha óculos de sol sobre a cabeça.

—E quanto mede o tempo, papai? Eu meço... —ficou uns segundos pensativas—... 96 metros.

Todos começaram a rir.

—Não é correto, são 98 centímetros —disse Belén.

O ar quente foi como uma bofetada no rosto de Belén, que em seguida

recolheu o cabelo em

um rabo de cavalo. Jorge desviou o olhar para sua nuca, onde ficaram alguns cachos loiros, e teve

um impulso doido de acariciar esta parte que ele sabia ser suave e sensível.

—Você não sabe a imensa alegria que nos deu, é um verdadeiro presente do céu —afirmou

Miguel, olhando sua sobrinha com muita ternura.

Jorge levantou Paloma como se ela fosse uma boneca e Miguel se encarregou da bagagem.

Olivia passou o braço pelos ombros de Belén e caminharam até a camionete.

—Paloma é uma riqueza.

—Obrigada —respondeu Belén.

—Devem estar cansadas —observou Olivia.

Os homens se acomodaram na frente e Olivia se sentou na parte de trás com Belén, e Paloma

entre elas.

—Não, a viagem foi rápida e agradável.

Belén escutava a família falar e Paloma, vencida pelo cansaço, parecia que havia caído em

coma induzido. Até ela chegava seu cheirinho de loção de tangerina, que ambas haviam escolhido

em uma tarde de compras, *Baby Tous*. Sentia-se tão fora do lugar, a paisagem se estendia de lado

a lado da estrada, árvores de diferentes tons de verde, montanhas azuis à distância e colinas

verdes plantadas com todos os tipos de frutas que davam um colorido chamativo no panorama.

O nó no estômago de Belén não diminuía, estava assustada e não sabia como iriam recebe-la na

casa de Jorge. “Você precisa ter coragem”, disse a si mesma, pois já havia enfrentado situações

piores. Aproximou o rosto ao de sua filha e deu um beijo na bochecha morna. Jorge olhou para

ela com um brilho conhecido nos olhos, pelo espelho retrovisor. Olivia, percebendo sua aflição,

perguntou por seu trabalho e por sua vida em Nova York, e Belén logo se acalmou. A mulher tinha

uns olhos esverdeados e um cabelo maravilhoso, mas o que mais gostava era de seu doce olhar

quando olhava para ela e sua filha, o calor emanado.

Um imenso portão de madeira, com um letreiro em caligrafia dourada, rezava: *El Álamo*. Um

ramalhete de felicidade brotou em sua alma ao saber que o pesadelo desta família havia ficado

para trás e tinham conseguido voltar ao seu lar. Ao lado da estrada asfaltada, rodeada por uma

cerca de madeira, estendia-se metros e metros de pastagem e terras povoadas por gado e, ao

fundo, mais colinas. As pessoas pululavam à margem da estrada. Paloma

começou a se agitar e

Belén beijou sua bochecha.

—Já chegamos querida. A menina abriu os olhos com uma expressão confusa e como se lembrou

de onde estava, levantou-se com um pulo.

—Olha as vacas —apontou Belén com o dedo até as grandes pastagens.

A menina observou Olivia que acariciava sua bochecha e prestou atenção nela por uns

segundos, olhando-a, curiosa.

—Você tem o cabelo comprido. Mamãe cortou o meu cabelo, porque havia bichos no colégio e

ela não queria que eles entrassem no meu cabelo.

Os homens riram baixinho.

—Ela é formidável —disse Miguel, olhando-a pelo espelho retrovisor.

—Paloma, meu amor, olhe os cavalos —apontou Jorge.

Ela bateu palmas e começou a perguntar, a cada vez que passava mais de cinco minutos no

carro.

—Quanto falta?

—Já estamos chegando?

—Você colocou o Pipo na mala?

Miguel e Belén respondiam as perguntas.

Fizeram uma curva que rodeava um jardim e o carro freou em frente a uma casa imponente.

Ligia e Elizabeth estavam no saguão. Chegaram ao primeiro degrau assim que a camionete freou.

Jorge desceu com rapidez e deu a volta, pegando Paloma nos braços, deu a mão para Belén

para ajudá-la a descer do carro. Este toque a levou aos caminhos das lembranças. Ele logo a

soltou e viu sua mãe e sua tia descerem as escadas para chegarem até ele. Enquanto Belén

caminhava ao encontro das mulheres e olhava o entorno tão maravilhoso, imediatamente pensou

que os dias compartilhados naquele lugar não seriam tão terríveis.

Ligia olhou para Jorge, cuja a tensão e o nervosismo misturados com um brilho de alegria em

seus olhos mudavam as características, que nele, sempre foram imutáveis. Muito embora no começo

tenha se aborrecido com Belén, lembrou-se da maneira que seu filho a tratou, e soube por Miguel

que ela havia sofrido uma tremenda desilusão. Tinha uma quantidade de perguntas e dúvidas que

esperava resolver nesses dias que passaria com sua neta. Nem ao menos se questionou se era filha

de Jorge ou não, porque seu filho não seria tão facilmente enganado.

—Veja, mamãe, sua neta.

Ligia levou ambas as mãos ao lado do rosto, emocionada.

—Cumprimente sua avó, meu amor.

A menina sorriu e abraçou a mulher, que teve que conter o choro para não assustá-la.

—Olá, avó.

Ligia a separou, sem soltá-la, para estuda-la. Embora a tivesse visto pelo Skype, agora podia

afirmar sua semelhança com seu esposo.

—Meu Deus! Ela é idêntica a Santiago —exclamou, emocionada.

Elizabeth, enquanto isso, se aproximou de Belén.

—Olá, filha, que alegria você nos deu —Belén a abraçou, meio que envergonhada, e Elizabeth

lhe disse ao ouvido—. Eu sabia que este dia chegaria.

Belén respirou um pouco mais tranquila, antes de enfrentar Ligia. Miguel e Olivia observavam a

cena.

Elizabeth se aproximou para cumprimentar a menina e enquanto isso Ligia chegou até Belén. Sua

saudação foi um pouco mais contida que a de Elizabeth. Belén percebeu que ela estava ressentida.

—Bem-vinda, Belén.

Todos entraram na casa. Um empregado se aproximou e desceu a bagagem. Belén se sentiu

terrível, porque todo o peso daquela decisão caiu sobre seus ombros, causando-lhe um grande

remorso. Já na sala, Paloma desceu do colo de seu pai, se aproximou de Belén e se recostou em

suas pernas. Ligia morria de vontade de abraça-la e beijá-la. Elizabeth perguntou se ela ia ao

colégio, e ela logo exagerou em contar quem eram seus amigos, como se chamava sua professora.

—Belén, querida —disse Elizabeth—. A menina fala muito bem o espanhol.

—Em casa só falamos espanhol e meus pais vão nos visitar, de tempos em tempos. Não queria

que ela crescesse como muitas crianças desse país, que esquecem suas raízes.

Além disso, ela sempre disse que, cedo ou tarde, este encontro aconteceria e não queria que a

barreira do idioma dificultasse o conhecimento entre eles. Ao vê-la falar o espanhol com a mesma

desenvoltura que falava o inglês, pensou consigo mesma que tinha feito a coisa certa. Paloma

pediu para ir ao banheiro e Belén a levou, aproveitando para penteá-la outra vez e lavar seu

rostinho e suas mãos, em meio a carinhos.

—Sabe que eu adoro você, não sabe?

—Sim, mamãe.

Ela também se olhou no espelho. Viu-se pálida e magra. Jorge devia achar que ela estava

horrível. Penteou seu cabelo, aplicou um pouco de brilho aos lábios e saíram novamente para a

sala, onde uma empregada servia suco de melancia acompanhado de uns petiscos que cheiravam

deliciosamente. Belén estava com fome, porque nessa manhã, por causa da tensão, havia se

esquecido de tomar café da manhã.

—Papai, quero ver os cavalos —disse, sentando em seus joelhos.

—Dá tempo, o almoço atrasou um pouco e serviremos em uma hora —afirmou Ligia.

—Beba seu suco e vamos montar a cavalo —disse Jorge.

—Vou com vocês.

—Não é preciso, descanse. Paloma e eu queremos compartilhar nosso tempo. Certo, riqueza?

A menina confirmou com a cabeça. Sua filha, para montar um cavalo, venderia sua alma. Era um

de seus maiores desejos. Paloma se despediu de Belén com um sonoro beijo. Saiu feliz de mãos

dadas com seu pai, deixando-a sozinha com a família. Respirou fundo e se preparou para algum

comentário sobre as razões de ter escondido Paloma.

Miguel e Olivia se despediram, não sem antes dizer que se sentisse em casa e que qualquer

coisa que precisasse não duvidasse em pedir. O casal tinha trabalho a fazer e Belén ficou com as

duas mulheres.

—Onde nasceu a menina? —quis saber Elizabeth.

—Em Bogotá. Trabalhei até o sétimo mês e voltei para a Colômbia, queria que ela nascesse

aqui.

—Foi parto normal ou cesariana? —Ligia perguntou enquanto deixava o copo em uma bandeja.

—Normal.

—Não posso reprova-la por não ter nos dito nada. Jorge nos explicou muito bem a situação.

Você estava muito doída —o olhar inquisidor de Ligia se cravou no rosto entristecido de Belén—.

Mas pensei que você nos considerasse suas amigas. Foi uma enorme surpresa, não pela menina,

mas por sua atitude.

—Quero que saiba —interrompeu Belén—, que minha intensão na viagem anterior era vir até

*San Antonio* e contar a vocês sobre Paloma, mas por um encontro de minha irmã e Jorge, isso foi

antecipado. Assim que eu soube que ele estava livre, desejei que ele se relacionasse com Paloma.

—E por que não na prisão? —perguntou Elizabeth, levantando uma sobrancelha.

Belén se remexeu, inquieta, na cadeira. Não sabia por onde começar. Removeu um anel que

usava no dedo médio.

—Sei que não é a situação ideal, mas ele tinha direito... —insistia Elizabeth. Ligia a observava

com olhos de falcão.

—Jorge não queria filhos, quando soube que eu havia deixado de tomar pílula, tivemos uma

forte discussão. Disse que jamais aceitaria que um filho seu o visitasse na prisão. Que ficaria

envergonhado e logo depois, ele me deixou —afogou uma exclamação, ao se lembrar de um dos

dias mais negros de sua vida.

Ligia permaneceu em silêncio. Belén ficou com os olhos cheios d’água.

—Acreditem: foi uma época muito difícil, mas não deixei de pensar em vocês um único dia. Eu

sinto muito.

Belén percebeu Ligia um tanto reticente, mas disse a si mesma que talvez o tempo consertasse

tudo. Elizabeth parecia que havia virado a página.

—Não se preocupe —Elizabeth a tranquilizou e olhou para sua cunhada com ar de reprovação,

e continuou—: não estamos aqui para julgá-la, e como diz o ditado: “Quando alguém julgar o seu

caminho, empreste-lhe seus sapatos”.

Conversaram um pouco mais, e depois as mulheres a acompanharam até o

quarto que ela

dividiria com Paloma. Era um ambiente luminoso, com as paredes pintadas em um amarelo pálido e

cortinas brancas de algodão, duas camas de solteiro separadas por uma mesinha de cabeceira

com um abajur, e um móvel para as roupas com madeira de cedro. Uma grande poltrona estava

em um canto. Havia muitos brinquedos em uma prateleira.

—Jorge ficou maluco comprando coisas para Paloma.

Belén sorriu.

Deixaram-na um tempo para que pudesse arrumar o conteúdo das malas no armário. Gostou do

cheiro de lavanda que exalava da cama quando se deitou um minuto para pensar. Que diabos ia

fazer? O acolhimento das mulheres Robles tinha sido como ele esperava. Ligia não facilitaria as

coisas, Elizabeth era um completo amor, mas em relação a ela, nada aliviaria a culpa por ter-lhes

ocultado sua filha.

Pai e filha chegaram felizes do passeio a cavalo.

—Paloma me disse que havia montado antes.

—Sim, existia um estábulo perto de casa, eu a levava a cada duas semanas, mas foi fechado o

ano passado.

—Ela tem talento —ele insistiu.

—Ela é muito boa em tudo que se dispõe a fazer —observou Belén, enquanto a menina se

aproximava de um velho cachorro labrador que estava deitado em um canto.

Jorge olhou para ela um momento, antes de comentar alguma coisa com sua mãe sobre o

almoço.

Depois de lavar a mão e o rosto sentaram à mesa. O almoço esteve muito animado. Miguel e

Olivia convidaram as mulheres para darem uma volta na cidade no final da tarde. Depois,

tomaram café em um saguão. Paloma se recusava a descansar depois do almoço. Jorge olhava

para Belén a cada momento, mas eles pouco haviam falado e Belén achou melhor assim.

Belén e Paloma caminharam pelos arredores, não sem antes Jorge dar algumas recomendações

de onde não deveriam se aproximar, porque poderia ser perigoso para elas, pois algum animal

solto ou nervoso poderia machucá-las. Ele, enquanto isso, tinha trabalho a fazer nos estábulos, pois

um veterinário estava impossibilitado e ele deveria substituí-lo no parto de uma vaca.

A mãe e a menina se aproximaram de um pequeno lago onde observavam os peixes. Na parte

de trás da casa havia uma piscina, mas estava cercada, com certeza para que os animais não

entrassem. Belén, que a viu à distância, se negou a se aproximar com a menina, ou terminariam na

piscina em um piscar de olhos.

***

Três dias haviam-se passado desde sua chegada. Jorge a observava o tempo todo, mas se

prometeu não pressioná-la com seus gestos e insinuações. Decidiu dar-lhe algum espaço e sua

decisão tinha sido a mais acertada. Percebia que ela estava confusa, pois tinha certeza de que ela

havia imaginado que durante sua permanência na fazenda, ele estaria atrás dela, importunando-a

com suas investidas, e morria de vontade de fazer isso, mas não ia se precipitar como um

adolescente no cio.

Ele as acompanhava a cada noite até o quarto e, às vezes, Paloma não estava tão cansada,

então, ele contava uma história para ela. Queria ficar enquanto Belén vestia o pijama na menina.

Ele a observava dormir, percebia sua respiração pausada. Desejava ficar naquele quarto com

cheio de cítrico e de baunilha, queria esperar Belén na cama, vê-la sair do banho com seu pijama

ou com a toalha envolvendo seu corpo, como outrora. Desejava uma aproximação com ela, ansiava

pela sensação de ter seu lugar no mundo que só ela oferecia... Mas, quando percebia Belén

incômoda, desejava-lhe boa noite.

Mas se ele esperasse que ela tomasse a iniciativa, poderia ficar esperando. Já era hora de agir.

## CAPÍTULO 35

Uma tarde, enquanto todo mundo fazia a sesta, menos Jorge e Miguel, Belén, curiosa, entrou no

quarto dele. Uma fotografia, das que ele havia tirado em sua casa no primeiro dia, decorava sua

mesinha de cabeceira e havia outras menores de sua viagem a Nova York. O ambiente tinha o

cheiro dele, era organizado, a cama tinha uma coberta escura e na mesa de cabeceira havia uma

luminária e um livro de Sabines[41]. Debaixo dele, havia outro livro, que parecia um álbum.

Com o pulso acelerado, ela o abriu. Seu coração pressionou suas costelas ao ver as diferentes

fotografias. Eram eles, na época do romance. Seus olhos encheram de lágrimas ao se ver nessas

fotos, tão feliz, em uma felicidade que nunca mais voltou a experimentar. Em uma delas, com o

cabelo preso em uma toalha, ela dava a língua para o fotógrafo. Deixou o caderno em seu lugar.

Aproximou-se do closet, abrindo-o, e acariciou sua roupa, cheirou uma de seus camisas e isso a fez

reagir, deixar tudo como estava, e sair como um vapor daquele quarto.

Na quinta noite, quando se reuniam na sala para conversar, percebeu que Jorge estava

distraído a noite toda. Belén usava um short rosa que deixava suas esbeltas pernas à mostra. Nos

outros dias, tinha usado vestido abaixo do joelho ou calça jeans. Seus olhos passeavam sobre ela,

teve certeza de que sentia a força de seu interesse como uma corrente secreta que a envolvia.

Miguel sorria para ele, zombeteiramente. “Grande sacana”, pensava. Lembrava-se muito bem da

textura daquela pele e da maneira que essas pernas se enrolaram em sua cintura, naquele final

de tarde no hotel. Pediu desculpa com o semblante sério e voltou a aparecer meia hora depois na

sala, de banho recém-tomado e de roupa trocada. O ambiente cheirava à sua loção, que era a

mesma de sempre.

Belén disse a si mesma que ele estava lindíssimo, sentia-se incomodada por se sentir tão afetada

por ele. Intimamente, ela negava, mas seu coração acelerava quando ele se aproximava, ao olhar

seus olhos, tinha consciência de que prendia a respiração.

—Papai, onde você vai?

—Tenho uma reunião na cidade, riqueza, por isso vou lhe dar o beijo de boa noite agora.

Miguel e Olivia jogavam Bingo com Paloma, a menina já bocejava. Todos ficaram calados, o que

confirmou a Belén que havia uma mulher envolvida. Simulou uma calma que estava longe de sentir.

Ele se despediu de todos e saiu. À distância, escutou o motor da camionete se afastar.

Pouco depois, deu boa noite a todos e depois que colocou sua filha para dormir, se deitou, mas

o sono não chegava. Estava com calor e graduou a temperatura do ar condicionado enquanto

pensava nele.

Não deveria estar com ciúme, afinal, ela tinha um relacionamento, e talvez a sensatez tivesse

voltado à cabeça dele e todos estariam felizes. Por que, então, estava furiosa? Ciúme voltou em

ondas e não estava nem um pouco contente. Não queria que ele estivesse perto de mulher alguma,

e mais, estava irritada por ele ter se dado por vencido tão rápido, e ainda assim não saia o

porquê. Não se entendia: queria-o ou não o queria? Lembrou-se da conversa de uma das

empregadas, um dia em que ela por ali passava e parou para escutar.

—Todas essas mulheres da cidade ficam louquinhas quando ele aparece.

—São umas desocupadas, isso sim —afirmou outra—, deveriam estudar ou trabalhar, e não

imaginarem que homem algum solucione suas vidas.

Belén deu razão à jovem.

—Ele está saindo com aquela loira, dona da confeitaria.

—A senhora Belén é mais bonita, e essa menina é um primor.

—Ela é terrível, mas é muito bonita.

***

Sem poder conciliar o sono, viu que sua filha dormia profundamente. Vestiu uma roupa de banho,

pegou uma toalha e saiu para a piscina. Não escutou os passos que a seguiram.

Jorge havia chegado quando todos já estavam dormindo, tinha entrado no escritório e se

servido de uma dose de conhaque, sem nem mesmo acender a luz. Tinha tido uma reunião no salão

comunitário com alguns fazendeiros da região, porque queria desenvolver um dos projetos de seu

pai. Miguel e sua mãe não concordavam com isso, e apenas Olivia o apoiava.

A cara de Belén quando ele anunciou que iria sair era um verdadeiro anúncio luminoso. Ficou

escancarado em seus olhos cinza o que ela estava sentindo e podia jurar que estava bastante

ciumenta. Escutou uns passos e se levantou. E se fosse Paloma? Viu quando Belén passou e saiu pela

porta de trás, rumo à piscina. O que ela estava fazendo, saindo tão tarde? Ele a seguiu. Um par

de luminárias e a luz da lua guiavam seu caminho. À distância, podia-se ouvir o balido dos animais

e a serenata dos grilos e das cigarras.

Ao chegar ao lugar, ele a viu tirar a camiseta que havia vestido e deixa-la ao lado da toalha

em uma das espreguiçadeiras. Seu corpo, envolvido apenas em um biquíni rosa fúcsia, era uma

revelação. Ela e Paloma já haviam usado a piscina várias vezes, mas ele ainda não havia

compartilhado esse momento com elas, normalmente estava nos estábulos ou atendendo os animais.

Sua pele brilhava e parecia que o ar ao seu redor se tornara uma geleia espessa. Observou seus

seios, e percebeu que estavam mais desejáveis, estava um pouco mais cheia que anos atrás, as

nádegas mais arrebitadas e a curva de sua cintura igualmente perfeita.

Apoiou-se na sacada e ficou observando seus movimentos. Disse a si mesmo que deveria fazer o

caminho de volta, ignorar suas pernas torneadas, sua pele descoberta e os seios que desejava

voltar a saborear. Ela o afetava de todas as maneiras, estava ciente de cada gesto e cada

respiração, escutava suas risadas, via quão boa mãe ela era, a maneira em que ficava atenta a

cada necessidade de sua filha, o tratamento com sua família, sempre tranquila, atenta, que havia

aliviado um pouco o ressentimento, ainda que Ligia tornasse as coisas um pouco difíceis. Viu quando

ela pulou na piscina, de cabeça, e nadou com braçadas perfeitas, fazendo várias piscinas, até que

ele resolveu se aproximar.

Belén percebeu a presença de alguém. Ao se aproximar da parede da piscina para pegar ar,

se assustou e acabou ficando de pé. Limpou o rosto e viu que era Jorge.

—O que você está fazendo aqui? —ela perguntou, incomodada ao ver que haviam invadido seu

momento de relaxamento.

—Isso eu estava me perguntando —disse de bom humor, dando-lhe um sorriso.

Belén levantou a sobrancelha, olhando para ele, confusa. Sua voz profunda a abraçou,

acariciando sua saudade e suas lembranças. Saiu da piscina com rapidez, irritada ao ver que ele

estava com a toalha nas mãos, sem se acovardar e com água escorrendo, caminhou até ele e

estendeu a mão para alcançar o tecido.

Jorge deslizou um olhar por todo seu corpo de forma provocativa, quis secá-

la com seu corpo e

lamber as gotas d’água que desciam sobre o vale dos seus seios. Tocá-la.

Belén, ao ver aquele olhar, desejou ser o tipo de mulher capaz de provocar descaradamente,

incitá-lo e depois deixa-lo na mão. Jorge, ao contrário de dar a toalha para ela, caminhou em sua

direção, esticou a toalha e a envolveu. Ela se viu estreitada contra seu corpo e prendeu a

respiração.

Se não se separasse, Jorge perderia o controle, mas não queria deixa-la ir. Ela deu as costas

para ele. Seu traseiro roçou um segundo nele e uma onda de calor inundou seu ventre. Aproximou

o rosto ao cabelo dela, procurando o aroma de baunilha em meio ao cheiro do cloro da água da

piscina. Fechou os olhos, tratando de recuperar um átomo de controle. Prometeu a si mesmo que

não voltaria a toma-la como em Nova York, e que deveria deixar que ela se oferecesse. Percebeu

que ela se arrepiava. Ela se afastou dele e friccionou as pernas para secá-las, depois os braços e

as costas, sem ter ideia do que seus movimentos causavam nela.

—Vou dormir —disse, nervosa, vestindo a camiseta.

—Eu acompanho você —falou, tenso.

Ela se virou para olhar para ele, seus olhos haviam escurecido.

—Não precisa, sei me cuidar sozinha.

—Eu sei. Mas quero fazer isso. A fazenda conta com um sistema de segurança, mas pode

aparecer algum animal.

Ela soltou uma risada incrédula e negou com a cabeça.

—Já estive no Congo, na Faixa de Gaza, nas ruas de Nova York. Você não precisa se

preocupar.

Ele olhou para ela com um brilho conhecido nos olhos, e ela se lembrou do que havia acontecido

em Nova York, e também do que não poderia voltar a acontecer, embora isso não tenha tirado o

peso de sua barriga e de suas pernas. Ela se adiantou, precisava construir suas defesas para ficar

imune a este olhar.

—Apenas tento ser um cavalheiro com você e acredite em mim: é um pouco difícil. Qualquer

outra mulher simplesmente diria: “obrigada”.

Ela olhou para ele, furiosa, e percebeu que estava prendendo a respiração. Os lábios dele se

curvaram em um meio sorriso, não soube se por prazer ou ironia.

—Então, você não precisa fazer isso comigo, volte para esta outra que, com certeza, receberá

sua atenção com prazer.

Arrependeu-se imediatamente de sua explosão, desejando que desta vez realmente a terra a

engolisse, mas pensou em Paloma e disse a si mesma que não precisaria chegar ao extremo.

Enrubescida, encarou seu sorriso zombador.

—Com ciúme?

—Não! Pode fazer com sua vida o que bem entender.

Jorge a puxou pelo braço, estreitando-a em seu próprio corpo.

—Então, agora, eu entendo fazer uma coisa muito especial —seus olhos brilhavam, desafiadores.

Belén queria fugir do ar daquela respiração em sua pele, que lhe dava arrepios. Sentia o calor

entre a calça dele e a toalha que a envolvia.

—Sou imune a você.

Ele levantou a comissura de sua boca e com um brilho férreo, respondeu:

—Isso não é verdade, e deixamos isso bem claro em Nova York.

Jorge deslizou seus dedos pelo queixo dela. Segurou-a pela nuca e arrastou seu rosto ao dela,

unindo suas bocas em um beijo tempestuoso, selvagem. Gemeu, satisfeito, quando percebeu as

mãos dela subindo por seus ombros até enlaçar seu pescoço. Abriu seus lábios com a língua,

dominado pela excitação e a encurralou na primeira árvore que encontrou,

enquanto continuava

devorando-a sem trégua. Seus lábios eram tão doces, que se sentiu como se tivesse entrado em

uma máquina do tempo e ao abrir os olhos, estaria no apartamento dela, no quarto dela, em sua

cama. Mas também havia novos prazeres, sensações incríveis do que correra dias atrás, sentiu que

extava extremamente excitado e isso só acontecia com ela. O beijo estava repleto de saudade,

paixão e de uma conexão que estava acima de qualquer ressentimento, sofrimento ou distância.

Enfiou a mão sob a camiseta e a tocou em todas as partes, como se fosse o fodido de um

adolescente e não soubesse por onde começar. Devorou-a com um desejo egoísta de querer

apagar da mente dela os beijos que ela havia trocado com Alberto. Já ia soltar o nó do biquíni,

quando Belén o deteve.

—Não podemos, não está certo.

Deixou de beijá-la, mas não a soltou.

—Mas você deseja continuar —asseverou com a voz rouca e sedutora sobre a pele dela—.

Respondeu aos meus beijos. Eu adoraria abrir minha calça e penetrá-la, aqui e agora. Podemos

fazer isso até que você diga “basta”. Seria apenas o começo Belén. Apenas

um aperitivo para

aguentarmos até chegarmos à cama mais próxima. Ou à porta mais próxima que possamos trancar

com chave. Então, eu vou lhe dar tudo o que você pedir. O que você quiser. Duro ou lento,

selvagem ou doce. Você escolhe. Toda a fodida noite.

Olhava para ela de maneira incisiva, atenta. Separou-se dela. Deus, as pernas de Belén mal a

sustentavam. Morria de vontade de dizer “sim” a ele, morria de vontade de senti-lo outra vez, mas

era uma mulher mais madura e não se deixava influenciar por ninguém, como ele evidentemente

queria fazer. Nem ao menos haviam conversado, nem mesmo aparado as arestas, então, ir par a

cama com o pai de sua filha não seria a coisa mais inteligente a ser feita depois do que havia

acontecido em Nova York. Levantou a toalha e voltou a arrumá-la.

—Obrigada, mas prefiro parar por aqui. Boa noite.

Entrou apressadamente em casa e se perdeu na escuridão, deixando Jorge aceso.

Ao voltar ao escritório, encontrou seu irmão em frente ao computador.

—Quanto tempo você vai demorar para ir atrás do que você quer? Nunca tinha visto você

vacilar diante de alguma coisa.

Jorge se sentou e esfregou o rosto antes de encarar seu irmão.

—Não é tão fácil. Com ela, é como pisar em casca de ovo.

Miguel se levantou, disposto a se servir de uma dose de conhaque. Entregou uma taça para seu

irmão e voltou a se sentar em frente ao computador.

—Faça alguma coisa, se você agir como um sacana, ela sairá correndo. A tensão é evidente, não

sei se você me entende —afirmou Miguel, referindo-se à tensão sexual e com um sorriso

dissimulado, continuou—: o show de homem das cavernas de alguns minutos atrás não acredito que

funcione nessas circunstâncias.

Jorge olhou para ele, ofendido.

—Você é um patife.

Miguel continuou sorrindo.

—Minha responsabilidade é zelar pela segurança do lugar. O ruído me alertou. Pense, irmão.

Existem as flores, as cenas românticas, até aquele lugar na colina com águas termais. Você poderia

preparar alguma coisa.

Jorge olhou para ele surpreso e soltou uma gargalhada carente de humor.

—Falou o homem que foi um verdadeiro príncipe na conquista de Olivia.

Miguel soltou o riso.

—Deixei tudo difícil, mas arrumei tudo e ela está comigo.

—Está cega de amor, a coitada.

—Bendita seja sua cegueira —concluiu Miguel, desligando o equipamento e se levantando.

—Você é um patife de sorte.

—Esta noite, ela esteve bastante ciumenta quando viu você sair, perfumado —afirmou Miguel.

—Percebi alguma coisa.

—Então, você está desperdiçando seu tempo, já superou o tempo em que esteve preso. Você já

tem uma família, lute por ela antes que corra para os braços do namorado em Nova York.

Com essas palavras dilacerantes, Miguel saiu do escritório.

***

Quando Belén fechou a porta do quarto, um lento sorriso desenhou seu rosto. Tinha deixado

Jorge com vontade, ele merecia isso por tudo que fez passar. Aproximou-se da cama de sua filha,

checou se ela estava bem e depois de um banho, deitou-se m sua cama. Desejava-o e muito, mas

seria um erro cair aos pés dele, como uma fã desajuizada. Tinha feito isso anos atrás e havia

recebido um tesouro, mas também uma amarga decepção.

Em Nova York, por culpa daquele encontro, tinha consciência de que havia

machucado demais

sua relação, e pensar em Alberto a enchia de pena. Se sua presença não a afetasse tanto, seria

mais fácil. Se pudesse dormir e acordar com novos sentimentos, sofrer uma espécie de amnésia

emocional, que saudável seria! Já estava como aquela canção que dizia: “Se sua presença me

provocasse amnésia”. Sorriu. Que fácil seria sua vida. Não, ela não contava com esta sorte.

## CAPÍTULO 36

Jorge e Paloma, montados em um cavalo, iam por uma trilha que os levava a um pomar de frutas

que fazia limite com a propriedade de Clementina. Jorge contava para a menina que quando ele

era pequeno subia nas árvores mais altas para pegar laranjas, com as devidas precauções, ele

advertia, porque sempre ouviu seus pais, então, ele colocava capacete, joelheiras e cotoveleiras.

Ria intimamente da cara de sua mãe e de Miguel se eles o escutassem agora. Era pouco provável

que a garotinha se aventurasse sozinha por esses lados, mas qualquer precaução com sua filha tão

esperta era pouco.

Três dias haviam-se passado desde o beijo. Sentia vergonha de seu comportamento. Tinha visto

Belén seminua e havia se jogado sobre ela como uma fera. Claro que a bastante perversa não

havia colocado entraves.

—Papai! Há um animal ali —Paloma interrompeu seus pensamentos.

—Vamos ver.

Apearam do cavalo, prendendo-o em um dos arbustos ali perto e se aproximaram do animal.

Era um bezerro filhote, prematuro, e a vaca deveria estar mais à frente, com o rebanho da área

sul. Era um fato excepcional, já que atendia e cumpria com os insumos alimentares e nutritivos para

que isso não acontecesse. Paloma se agachou para vê-lo.

—O bebê está perdido, papai.

Jorge não acreditava que o filhote sobrevivesse. Examinou a respiração do animal e o reflexo

das patas. Discou um número de celular, disse ao técnico que atendeu para trazer uma maleta com

equipamento necessário para reanimar o filhote.

—Não, meu amor, não está perdido. Sua mãe deve estar por perto.

—Não acredito! Uma mãe não se separa de seu bebê fora de casa.

Jorge olhou para ela por um momento, impressionado com a lógica da menina. Não podia dizer

que todo o terreno era a “casa” dele, porque sua filha sabia muito bem que os bezerros e suas

mães descansavam em uma área separada até o desmame.

—Você vai procurar a mãe? E o pai? Pobrezinhos!

—Sim, vou reuni-los.

Em poucos minutos chegou Esteban, um dos técnicos veterinários, e passou a maleta para Jorge.

Ele mediu o oxigênio e $CO^2$, tirou a secreção do nariz, envolveu o filhote em uma manta e ficou

impressionado com a disposição do filhote em se agarrar tanto à vida.

—Riqueza, vamos leva-lo para o local em que eu cuido dos animais. Esteban vai procurar a mãe

dele.

Paloma olhou aflita para a paisagem e subiu com seu pai na camionete. Esteban iria a cavalo.

—Não se preocupe, seu pai também deve estar procurando por ele.

Paloma olhou para ele, duvidosa. Chegaram ao lugar em poucos minutos. Jorge colocou o filhote

em uma maca. Respirava muito melhor sem as secreções, realizou todos os exames de reflexos, e

sua filha o olhava sem perder o mínimo detalhe de cada movimento. Com outra manta, voltou a

friccionar o corpo do bezerrinho e preparou uma mamadeira com uma bebida especial à base de

colostro, enquanto encontravam a mãe.

Quando Jorge deu a mamadeira ao filhote e olhou para Paloma, viu que ela

olhava para ele

como se ele fosse todos os super-heróis reunidos. O peito de Jorge aumentou em razão dos

batimentos de seu coração agigantado. O bezerro sobreviveu. Um pouco mais tarde, encontraram

a mãe dele e os reuniram no chocho reservado para isso. Paloma chegou emocionada e contou o

ocorrido à sua mãe e sua avó, que estavam na cozinha fazendo doce de papaia.

Jorge levou a menina para lavar o rostinho e as mãos. Ela o beijou na testa e o abraçou.

Quando voltaram para a cozinha, enquanto Ligia dava leite e biscoitos para Paloma, Belén,

sorridente, disse:

—Ora, ora... como você se sente sendo o herói do dia?

Ele a presenteou com um sorriso matador.

—Sou o seu herói, *paloma*? —sussurrou com um tom de voz perigoso.

Era a primeira vez que ele a chamava assim, desde que haviam se reencontrado. Ela

enrubesceu ao sentir a saudade que esse nome, dito apenas para ela, lhe provocava. Retribuiu o

sorriso também.

—Não, não o meu. Apenas o de Paloma —não queria dizer que, pouco a pouco, ele ganhava

pontos em sua escala.

Durante a tarde, Belén se deitou na espreguiçadeira que havia na varanda. Elizabeth e Paloma

arrancavam folhas mortas e ervas daninhas do jardim. O som dos animais, as vozes dos

trabalhadores que chegavam à distância e o vaivém da brisa que refrescava a tarde, levaram-na

à sesta. Ficou adormecida.

Depois de um tempinho, ela acordou, percebendo um lençol que cobria suas pernas. O silêncio

era quebrado pelo ruído de uma cadeira de balanço. Era Jorge, que bebia um café e olhava

para os estábulos. Ela se espreguiçou e ele não pode deixar de reparar em seus movimentos, o

cabelo despenteado e a boca apetitosa.

—Não sei quanto eu dormi. Onde está Paloma? —disse com uma voz rouca que deixou os pelos

de Jorge arrepiados.

—Você dormiu por quase uma hora. Minha tia e minha mãe a levaram à praça da cidade, há

alguma coisa com marionetes que Olivia organizou para as crianças, com um grupo de teatro que

veio da capital. Espero que você não se incomode.

—Não, não me incomodo.

—Você precisava descansar.

Ela sorriu.

—Obrigada.

—Manter o ritmo de Paloma pode ser um pouco cansativo.

—Algumas vezes.

Uma empregada passava por ali e Belén pediu um café. Gostou do aroma que saía da xícara

de Jorge. Ele olhou um minuto para o horizonte e ela se divertiu com o perfil dele. As pequenas

rugas que começavam a se formar em volta daqueles olhos, a sombra da barba que tanto a

encantava, o grisalho em suas têmporas. Quis sentar em seu colo e acariciar aquele cabelo, o

contorno da boca, beijá-lo. Conversavam trivialidades.

—Eu queria convidá-la para jantar. Temos que comemorar —ele disse.

—O quê?

—Paloma é legalmente uma Robles.

Pela manhã havia chegado um envelope com todos os documentos pertinentes.

—Na escola, ela já fala o sobrenome com muito orgulho.

—Eu ensinei isso a ela.

Belén sorriu.

—Poderíamos...

Nesse momento, um carro conhecido estacionou perto da casa. Jorge amaldiçoou sua sorte. Era o

carro de Matilde.

Do carro, desceu a mulher, com um short curto, sapato de salto alto e um top que deixava à

mostra um bom pedaço de pele. Talvez não tenha vestido tão bem, pensou Jorge, enquanto ela se

aproximava com um pacote que embalava uma torta.

Belén a olhava com viva curiosidade. Já havia conhecido a moça na cidade, e embora não tenha

sido simpática com ela, ao menos foi cortês com elas quando haviam visitado a confeitaria. A

mulher apenas registrou sua presença, deixando o embrulho em uma mesinha e abraçando Jorge,

a quem Belén percebia mais incomodado a cada minuto. Matilde, sem pena, deu um beijo na boca

de Jorge. Ele se soltou imediatamente, mas para Belén, o dano já estava feito. Então, ela se

separou dele e a cumprimentou.

—Olá.

—Olá —disse Belén, aparentando uma tranquilidade que estava longe de sentir.

Nunca em sua vida havia sentido o que sentia nesse momento. Uma vontade imensa de pegar

essa mulher pelo cabelo e arrastá-la pelo jardim. Vontade de dar uns murros em Jorge por ter

deixado que ele a tocasse, vontade de sair correndo com Paloma para Nova York e que ele

perdesse por não ajudar a criar sua filha, ou melhor dizendo, vontade de machucar.

Assim que esta era a mulher com que, com certeza, tinha saído quando chegou a *San Antonio* e

talvez não tivesse sido a única. Sua ira fervia em fogo baixo e, no mínimo, ela não tinha nenhum

direito. Ela tinha Alberto! Por que se esquecia dele? Era salutar que Jorge refizesse sua vida, mas

se ele sentiu em Nova York um décimo do que ela sentia nesse momento, ela o compreendia. Ao

diabo com salutar! Nem salutar, nem meio salutar! Jorge era seu!

—Trouxe sua trota favorita.

—Obrigado —respondeu Jorge com uma expressão fria, que ajudou Belén a se acalmar.

—Hoje haverá a apresentação de um novo grupo musical em *La Libélula*, talvez pudéssemos ir

juntos.

—Não, obrigado, mas eu já tenho um compromisso.

Se Matilde ainda não havia percebido que sua presença não era bem-vinda, soube nesse

momento. A segurança com que ela desceu do carro se esfumaçou por

encanto. Belén quis sentir

alguma coisa ao vê-la confusa e entristecida, mas não se sentia muito generosa neste momento. A

mulher se despediu e caminhou apressada até o carro.

—Sinto muito, eu... —Jorge se desculpou.

—Você não tem nada que se desculpar —Belén se levantou da espreguiçadeira rapidamente,

seus olhos mostravam a fúria que não conseguia esconder.

Os olhos de mel de Jorge, estreitado sob o brilho do sol da tarde, contemplaram Belén por

vários segundos. Um sorriso lento apareceu em sua fisionomia.

—Está com ciúme?

—Não! Como você pode pensar uma coisa dessa?

—Eu conheço você, por isso mesmo estou perguntando —afirmou diante da evidência.

Belén apelou para toda sua dignidade e baixou o tom de voz.

—Espero que no futuro você seja mais discreto. Não quero que Paloma fique confusa com as

suas conquistas.

O sorriso pretensioso que Jorge mostrava evaporou, no mesmo momento em que ele se

aproximava dela.

—Não meta nossa filha nisso.

—É o nosso único interesse.

Virou-se com elegância e desceu para o jardim. De imediato umas margaridas passaram a ter

um interesse vital para ela, que precisava se acalmar. Sentiu a presença de Jorge às suas costas,

seu aroma a alcançou e ela teve um breve estremecimento. Mesmo assim, a raiva e o ciúme ainda

ferviam em seu interior. Falou com ela em tom suave.

—Não existem conquistas, não existem mulheres e isso que você viu foi algo sem importância.

—Disso eu tenho certeza.

—Você não pode dizer a mesma coisa, porque você está em uma relação.

—Não meta Alberto nisso.

Belén precisava se afastar de sua proximidade que lhe provocava tantas coisas: vontade de lhe

dar um empurrão e um par de bofetadas por se deixar tocar por outra mulher, desejo de se colar

nele de beijá-lo até deixa-lo sem respiração para apagar o rastro de qualquer outra e reclamá-lo

como seu, mas sabia que faria o papelão de sua vida. Caminhou por uma trilha que levava ao

pomar de Elizabeth. Jorge foi atrás dela. Escutava seus passos esmagando a grama da trilha.

Entrou em um lugar que estava cercado como a área da piscina. Não sabendo o que fazer, deu

meia volta.

—Vai despachá-la fazendo-a se sentir uma puta, como você fez comigo?

Jorge ergueu a cabeça e olhou em seus olhos como se ela tivesse lhe dado uma bofetada e no

mesmo instante seu rosto voltou a adquirir uma expressão enigmática, que cada dia passado com

ela era mais difícil de sustentar.

—Eu me perguntava quando você destacaria aquela maldita tarde. Algum dia você deixará de

me recriminar por isso? Eu já me desculpei várias vezes por isso. Agi como um idiota, sei disso.

Ela moveu as mãos, desprezando o comentário.

—Toda cidade tem um, não se preocupe —afirmou com sarcasmo e acrescentou—: pouco me

importam suas desculpas.

Jorge deu uns passos até ela, pegando-a pelos ombros e exercendo alguma pressão, mas

prestando atenção para não machucá-la.

—Fiz tudo isso por você, maldição! —gritou a centímetros de seu rosto—. Por você! Ponha-se em

meu lugar! Não queria que você pagasse uma sentença comigo.

A intensidade de sua voz a deixou em alerta. Soltou-se e negou várias vezes com a cabeça. Seu

contato a deixava nervosa, não tinha nada à mão para controlar os nervos e

isso a incomodou

ainda mais. Ajoelhou-se na terra e começou a tirar a ervas daninhas, não sabia se estava

estragando os vegetais, mas, nesse momento, não estava preocupada com isso.

—Você está sendo egoísta —ele sussurrou.

—Egoísta, eu? Isso! Era o que eu precisava —exalou forte—. Eu garanto que você não pensou

em mim quando tomou essa decisão!

Jorge exalou bruscamente, apertando os dentes com força enquanto seus olhos lançavam chispas

douradas ao vê-la agachada. Viu a parte posterior de seu pescoço, os ombros, as costas, o

traseiro.

—Quanto tempo iria durar? Até que você ficasse farta de ficar em uma fodida fila de um

domingo e entrar naqueles pátios de merda, com guardas passando a mão em você durante as

revistas e os outros comendo-a com os olhos. Não ia permitir que minha mulher enfrentasse isso.

Belén se levantou como uma mola.

—A decisão não era só sua! Eu não teria me importado. Você não confiou em mim. Faltou em

você fé no que nós tínhamos, acredita mesmo que eu não teria ficado ao seu lado? Então você não

me conhecia, porque eu adorava você. Isso não era amor, era adoração, e eu só faltava beijar o

chão que você pisava, só isso —bateu no peito com a palma da mão—. Eu teria enfrentado o que

viesse pela frente, mas você não me deixou.

A lembrança daquele dia em que ele não mais a quis, ainda a machucava. Um machucado que

só foi minimizado, em parte, no momento em que segurou sua filha em seus braços pela primeira

vez. Com pavor, percebeu que as lágrimas alagavam seus olhos.

Jorge caiu de joelhos na frente dela, abraçando-se à sua cintura, comovido até a alma com

aquela declaração. Tentava encontrar as palavras para reparar alguma coisa que aquela dor

havia causado nela por conta de sua decisão egoísta, porque tinha sido egoísta. Vendo-a, tinha

que reconhecer, porque ele sempre acreditou que estivesse fazendo aquilo pelos dois, mas a

verdade é que ele não teria suportado se ela o tivesse abandonado, cansada de lutar por uma

coisa que não teria solução. Não teria podido continuar vivendo, teve que fazê-lo antes disso, por

sua própria sobrevivência ele tomou aquela decisão, e ela, como sempre, o calava. Ela o conhecia

muito bem.

—Perdoe-me, Belén! Pelo que você mais ama, me perdoe. Você não sabe o que eu tive que

passar. Você realmente acredita que, para mim, foi fácil deixar você ir embora? Não! Foi um

fodido inferno, noite após noite, eu sonhava com você, a desejava, queria implorar a você, suplicar

para que você fosse me visitar e diante do seu olhar esquecer que eu estava enfiado em um puto

inferno —apertou-se ainda mais a ela, sem perceber que ela não lhe devolvia o abraço—. Eu

odiava você, por me fazer sentir assim! Chegou um tempo —disse, mas se deteve uns instantes para

sopesar suas palavras—... muito depois de nós terminarmos, em que eu sonhava com você ou

imaginava que você estava com outros, compartilhando com eles o que era meu! —bramou.

Ela teve o impulso de consolá-lo de alguma maneira, de tocar em seu cabelo, mas a ferida

aberta não permitia. Soltou-se dele e esfregou seus braços como se sentisse frio, precisava ser

forte e este não era o momento de desmoronar.

—Para mim também foi um inferno! —disse, com a voz quebrada—… A única coisa que me

salvou foi minha filha tão linda.

Jorge se levantou.

—Nossa filha! —enfatizou—. Que também teria sido um grande consolo para mim.

Ela encolheu os ombros, abatida, e limpou o canto dos olhos, porque não derramaria uma única

lagrima por Jorge Robles, nunca mais.

—Isso já não tem como reparar, e nem mesmo vale a pena que briguemos por isso —concluiu

com a voz derrotada.

—Não!

Ele a estreitou contra si com a intensão de beijá-la, mas Belén lhe deu um forte empurrão que

causou pouco movimento nele.

—Você beijou outra mulher não tem nem dez minutos! Não seja cínico.

Saiu do pomar e nesse momento freou uma camionete. Olivia desceu com Paloma, Ligia e

Elizabeth haviam ficado na cidade. Belén não queria que a menina percebesse quão alterada

estava.

—Mamãe! —abraçou-se às suas pernas—. Vimos *Rin Rin Renacajo[42].*

—Muito duro e muito agradável —ela recitou, lembrando-se da poesia.

Paloma soltou uma gargalhada. Olivia olhou para ela, preocupada, mais ainda ao ver que

Jorge vinha com cara de poucos amigos, e a quilômetros percebia-se que eles haviam discutido.

—Sim, é isso mesmo. Olivia vai me ensinar.

Belén retirou uma mecha de cabelo do rosto dela, colocando-o atrás da orelha.

Já estava escurecendo e logo seria a hora do jantar.

—Papai, podemos ver Benito? —murmurou com ternura o nome do bezerro que haviam batizado

naquela tarde.

—Já está quase na hora do jantar, mas se sua mamãe deixar, iremos vê-lo por um minuto.

Belén deu sua permissão, precisava estar sozinha uns minutos. Jorge, adivinhando seu estado de

espirito, levantou a menina em seus ombros e recitando o *Rin Rin Renacuajo,* afastou-se pelo

caminho em meio às gargalhadas de Paloma.

—Está tudo bem? —perguntou Olivia, aproximando-se dela e pegando em sua mão.

Belén negou com a cabeça várias vezes.

—Como você faz isso? Como você consegue conviver com um Robles sem desejar mata-lo?

Olivia deu uma gargalhada. Já se podia perceber a gravidez. Belén percebeu uma ligeira

claudicação em Olivia, principalmente na parte da tarde, nada perceptível para alguém que já a

observava há bastante tempo. Soube que alguma coisa grave havia acontecido com ela, mas todo

mundo era bastante cauteloso e ninguém tecia comentários. Além disso, sempre usava calça

comprida, e nunca a via com saia ou short.

—Estou lembrando de mim mesma há alguns meses. É difícil, venha, vamos caminhar.

Belén não se mexeu do lugar.

—Quero ir à cidade, beber alguma coisa. Deus bem sabe que faz muito tempo que não saio

para beber alguma coisa em algum lugar.

Olivia olhou para ela, compreensiva.

—Não sou boa companheira de farra neste momento —apontou para sua barriga—. Mas eu a

acompanho à base de suco de graviola, que é um dos poucos que eu ainda tolero.

—Tem certeza que você está bem para sair? Não quero incomodá-la.

—Vamos sair, eu também preciso me distrair.

Combinaram de sair depois do jantar.

## CAPÍTULO 37

Belén tomou banho e lambuzou seu corpo com creme hidratante. Escolheu um short azul escuro

de renda, uma blusa solta de *chifon* rosa fúcsia e sapato de salto alto de cor preta. Penteou o

cabelo e se maquiou com sombras e batom escuro. Não sabia a razão de se arrumar tanto, ou se

sabia, não queria admitir.

Ligia e Elizabeth jogavam cartas com Paloma, elas se ofereceram para coloca-la para dormir.

Olivia chegou ao mesmo tempo que Belén. Estava vestida com uma calça comprida preta, solta,

sapatilhas baixas e blusa de renda bege, também estava com o cabelo solto e havia se maquiado.

Quando chegaram à varanda, Miguel e Jorge, que já estavam cientes dos planos, estavam

sentados em cadeiras de balanço, degustando uma taça de conhaque.

Jorge interrompeu o caminho da taça aos lábios quando Belén apareceu. Ficou olhando para

ela, com a boca aberta, como se ela fosse uma aparição. Anos atrás, ele havia se apaixonado por

uma jovem simples, sem artifícios, que apenas usava maquiagem, e depois pela executiva e mãe

que havia conhecido em Nova York, mas esta mulher que estava na frente dele era um vulcão em

erupção, e que o fodessem se ele não estivesse ali quando seu fogo fosse lançado.

Deslizou um olhar faminto ao longo de suas pernas que brilhavam, umedecidas, sedosas e

perigosas, e pelo contorno daquele corpo. “Belén vai me matar”. Disse a si mesmo que esta era sua

perversa vingança por tê-la despachado de sua vida. Não bastou ter escondido a menina dele,

mas agora queria deixa-lo ver o que ele não voltaria a ter, com a finalidade de abraça-lo em seu

próprio fogo e deixa-lo convertido em cinza, que ela logo varreria e jogaria no lixo sem o menor

remorso.

O simples fato de ter deixado Jorge mudo fez com que vale a pena ter se arrumado assim,

pensou Belén quando apareceu na varanda. Ele parecia não ter nada a dizer. Miguel se

aproximou de sua mulher, acariciou seu rosto e beijou seus lábios.

—Bernado vai velá-las à cidade e esperará por vocês —disse, sem deixar de acariciar sua

esposa—. Se você quiser, posso acompanha-la, danço muito bem, conto piada e pago a conta.

—Eu sei, meu amor —Olivia respondeu—. Mas é uma saída para meninas. Em outra ocasião

sairemos só nós dois.

Elas se despediram de Jorge, que as despachou com um grunhido. Olivia piscou o olho para seu

esposo, desceram as escadas e entraram na camionete.

Miguel voltou a se sentar e começou a assobiar uma canção, Jorge havia se levantado e com a

taça na mão, observava o carro que sumia pelo caminho.

—E então? —perguntou Miguel com olhar zombeteiro.

—E então, o quê? —contestou Jorge, de mau modo, soltando a taça de conhaque na parte

superior da grade de madeira que circundava a varanda.

O grande patife sabia muito bem o que se passava em sua cabeça. Acomodou-se com o traseiro

encostado na borda do corrimão da varanda, as pernas estiradas, os braços esticados ao lado do

corpo.

—Vai atrás dela?

—O que você acha?

—Eu acompanho você.

—Sua esposa disse que você não seria bem-vindo.

—Nesse caso, você também não.

Jorge soltou uma risada lenta.

—Minha mulher quer guerra e eu serei o único a dar o que ela quer.

Miguel sorriu ao escutá-lo dizer “minha mulher”. Já era hora, meditou.

—De qualquer maneira, não vou perder isso.

Entraram em casa, Paloma brincava de jogo da memória com as mulheres, devendo casar os

animais. Em poucos minutos estaria adormecida, percebia-se seu cansaço do dia.

—Mamãe estava muito bonita. Papai?

Belén estava mis que bonita, pensou Jorge, lembrando-se do olhar de canto de olho que lhe deu

antes de subir na camionete. Certificou-se de que ela soubesse que tinha sido observada por todo

o percurso.

—Diga, minha riqueza.

—Não quero voltar para Nova York. Quero ficar aqui com a minha mãe e com você.

Todos ficaram em silêncio. Jorge se aproximou dela, levantando-a e colocando-a sob seus

joelhos. Acariciou sua bochecha, sua filha tão amada queria o mesmo que ele.

—Eu também quero isso, mas primeiro temos que convencer sua mamãe.

—É que eu gosto de ficar aqui, vou ter meu pônei, Dominga me disse que quando Fiona tiver

seus filhotinhos, um deles será meu, e eu gosto de brincar com vovó Ligia e fazer biscoitos com

minha tia Elizabeth. E você está sempre comigo.

O nó se formou na garganta de Jorge. Sem se importar que ela o colocasse por último em sua

lista de desejos, ficou tão emocionado que se a sala não estivesse com todos eles, teria começado

a chorar como uma criança. Neste momento, jurou que voltaria a conquistar Belén. Se tivesse que se

arrastar como uma cobra, faria isso. Se tivesse que jogar sujo, também faria o mesmo jogo.

—Eu quero —disse e a voz tremeu—, que você tenha todas as coisas que você deseja, minha

riqueza.

Depois de beijá-la na bochecha, deixou Paloma aos cuidados de sua mãe e de sua tia, e saiu

para recuperar sua mulher.

*La Libélula* foi o local escolhido por Belén e Olivia para a noite de meninas delas. Na verdade,

havia pouca vida noturna na cidade, alguns poucos lugares a mais, mas este lugar era conhecido

porque ali iam os jovens técnicos que trabalhavam nas fazendas das proximidades, muitos

veterinários, agrônomos e engenheiros.

As duas mulheres estavam sentadas em uma mesa de canto, o lugar era simples, minimalista, com

cartazes nas paredes de filmes da arte do cinema emoldurados, mesas e cadeiras e pouca coisa a

mais. O murmurinho das conversas se misturava com os acordes de uma melodia. Ao fundo havia

uma pequena pista de dança e uma plataforma, onde várias vezes na semana, os frequentadores

cantavam karaokê.

Tinham conversado sobre trabalho, do projeto de Olivia, que ela havia conhecido dias antes.

Tinha se emocionado bastante com tudo que Olivia havia lhe mostrado sobre

*la Casa de Paz*, a

recuperação da sanidade das vítimas da violência por meio das oficinas da música, de pintura e

algumas negociações. Era um grande trabalho humanitário e Belén sentiu admiração por tudo que

aquela mulher havia conseguido. Se ela decidisse ficar, tinha certeza de que dedicaria seu tempo a

este trabalho, muito mais satisfatório que seu trabalho atual.

Embora não pudesse ser ingrata, porque seu trabalho havia lhe dado muitas coisas, mas sendo

bastante sincera, trocaria sua vida de Nova York sem pensar um segundo, se pudesse ficar em *San*

*Antonio de Padua*. Não tinha percebido quão sozinhas estavam no país do Norte, até que sua filha

conheceu a família Robles.

—Não pensou em ficar? —perguntou Olivia, enquanto degustava um copo enorme de suco de

graviola.

Belén levou o segundo coquetel da noite aos lábios, e vários homens haviam se aproximado

para convidá-la para dançar, mas parecia que todo seu entusiasmo havia evaporado tão logo

estiveram fora da fazenda.

—Não posso, minha vida está em Nova York —mentiu. Sua vida estaria em qualquer lugar onde

pudesse formar um lar com Paloma.

—Digo isso porque para Paloma e para Jorge seria benéfico que eles continuassem se

conhecendo. Eu sei que meu cunhado é um pouco difícil.

Belén quase soltou uma gargalhada.

—Um pouco?

Olivia apenas sorriu.

—Por mais impossíveis que sejam os homens Robles, deixam uma marca muito profunda. Falo isso

por mim, que fiquei esperando por meu esposo tantos anos, apesar de ele me desprezar por ser

filha de quem era. Gosta dele?

—É complicado, Olivia, muitas coisas aconteceram.

—Quem não passa por coisas difíceis? Sei que você já percebeu que, às vezes, minha perna me

incomoda.

Olivia contou tudo para Belén, o porquê de às vezes caminhar da maneira que fazia. Quão

difícil foi superar tudo isso, a maneira com que havia se reconciliado com ele quando Miguel voltou

para sua vida. Como foi complicado para ela perdoar a si mesma por pensar que sua omissão

havia causado tudo aquilo.

Belén limpou as lágrimas, que sem querer a dominaram diante daquele relato triste e emotivo.

—O perdão não é nosso lado forte, Belén —apertou sua mão—. Às vezes, o perdão é apenas

ter vontade de seguir adiante. Se você o quiser, poderá ter um futuro com Jorge, ele ama você, e

disso eu tenho certeza.

—E se ele me quiser só por Paloma? Não seria justo para nenhum dos dois.

Olivia negou com a cabeça.

—Você ainda não percebeu a maneira como ele olha para você, quando você está concentrada

em outras coisas. É um olhar de... —buscava as palavras—. Como se você fosse a luz dele.

—Não percebi.

—Eles são espertos em esconder o que sentem. Você já deveria saber disso.

Era verdade.

Jorge e Miguel entraram no lugar. Sentaram-se no balcão e pediram a Francisco, o dono e

barman, duas cervejas geladas, enquanto olhavam para dois infelizes que tentavam chamar a

atenção de Belén. Nem olhavam para Olivia, porque todos na cidade sabiam de quem ela era

esposa, por isso, apenas a cumprimentavam, com amabilidade e respeito. Jorge franziu o cenho

quando viu que ela deu um sorriso a um dos sujeitos.

Nesse momento, um grupo de jovens amadores, Jorge sabia que eram empregados de um

banco, subiram na plataforma e começaram a afinar diferentes instrumentos. Jorge se debatia

entre ficar sentado e ir procura-la, suas mãos suavam e tinha medo de uma rejeição. E se ela não

desejasse nada com ele? Sabia que estava queimando seus últimos cartuchos. Começaram os

acordes de uma música. Jorge, sem perder tempo, sem saber se era um ritmo lento ou dançável,

aproximou-se da mesa disposto a tirá-la para dançar.

Enquanto levava o coquetel aos lábios, Belén jogou o cabelo de lado. Um tremor percorreu sua

pele ao escutar aquele tom de voz que havia lhe presenteado tantas palavras de amor e também

as frases mais duras.

—Podemos acompanha-las?

Belén se virou e contemplou o homem que ela tanto havia amado. Olhou para ele surpresa.

—Dance comigo —estendeu sua mão, ela a aferrou e o seguiu, como sempre.

Estava lindíssimo, apesar de todo seu sofrimento havia amadurecido muito bem. Quis tocar os

cantos dos lábios dele, acariciar seu cabelo. Ele tinha trocado de roupa. Usava uma calça jeans

preta e uma camisa preta de manga longa, calçava botas de vaqueiro escuras também. Parecia o

mau do oeste, masculino, lindo e enganador. Seus olhos a olharam com um brilho especial, com o

fogo de antes. Era o único homem capaz de amolecer seus joelhos, de fazer com que seu coração

fosse sentido em sua garganta. Seu aroma varonil e que sempre lembrava dele, chegou ao seu

nariz. A voz de um dos intérpretes invadiu o ambiente.

♬ Contigo aprendí[43]

que existen nuevas y mejores emociones

Contigo aprendí

a conocer un mundo nuevo de ilusiones ♬

Ela queria colocar um pouco de distância, talvez separar-se dele, mas suas mãos tão fortes a

mantiveram no lugar que desejava.

♬ Aprendí[44]

Que la semana tiene más de siete días

A hacer mayores mis contadas alegrías

Y a ser dichoso, yo contigo lo aprendí ♬

Ela estremeceu quando ele apertou o abraço e sussurrou em voz baixa:

—“Sua voz, de repente, tremeu. E com o tremor, de repente, ela reconheceu o sotaque da China.

E, então, ele disse. Disse que era como antes, que ainda a amava, que nunca poderia deixar de

amá-la e que iria amá-la até a morte”.

Os olhos de Belén marejaram ao se lembrar do primeiro beijo e do parágrafo do livro que ela

tanto gostava. Ficou comovida por ele se lembrar do que falaram naquele dia. Foi ela que

encostou o rosto em seu peito, enquanto apenas se moviam na pequena pista. Eram os únicos que

dançavam. Em seus braços resgatava a mulher jovem e apaixonada de anos atrás. Era como se

ele tivesse ninado o melhor dela e hoje devolvia-lhe com este gesto.

♬ Contigo aprendí[45]

A ver la luz del otro lado de la luna

Contigo aprendí

Que tu presencia no la cambio por ninguna ♬

Nesse instante, ele a obrigou a vê-lo com a evidente emoção em seus olhos, limpou as lágrimas

que rolavam na bochecha dela e disse:

—Minha alma é sua, Belén.

—Minha vida! —ela gemeu, emocionada. Falou seu nome, como que suplicando à vida que esse

homem que ela adorava, voltasse para ela.

♬ Y contigo aprendí [46]

Que yo nací el día en que te conocí ♬

Belén soube que o seu era um desses amores de filme ou daqueles que havia lido em alguma

ocasião: vibrante, profundo, com um sentido de pertencer que não levava em conta nem o tempo,

nem o lugar, nem as circunstâncias. Que a imensidão desse sentimento os levou a se encontrarem

outra vez, como se seu amor fosse tão absoluto e tão importante que não seriam capazes de

vagar sozinhos pelo mundo, ou talvez fosse essa estranha qualidade que tem o amor de fazer com

que cada casal acredite que seu amor é único no mundo. Nesse momento, sentiu que passava por

cima de ressentimentos e desilusões, seu amor saía outra vez para o mundo e se elevava, mais

velho e mais sábio por culpa das cicatrizes, mas igualmente imenso e com afã de futuro.

—Levo anos contando minhas coisas para você —ele sussurrou, e se abaixou para juntar sua

testa à dela com a armadura já quebrada—, e mesmo você não me escutando, da maneira normal,

nos meus piores momentos, eu sentia você perto de mim —concluiu, enquanto acariciava sua cintura.

A música já havia acabado e começavam os acordes de outra canção, mas aprisionados em seu

próprio amor, eles nada perceberam, nem dos olhares curiosos que os olhavam de cada canto da

pista, nem de Matilde que olhava para eles à distância, aceitando sua derrota, nem de Miguel e

Olivia que pagaram a conta e saíram do local.

Eles já não se mexiam, observavam um ao outro, apenas isso, observavam. Ela fechou os olhos

uns instantes e exclamou:

—Você não sabe como eu senti sua falta!

Jorge contemplava seus lábios com veemência, queria devorá-la, mas ali não era o lugar certo,

mesmo assim, aproximou seu rosto como se mais nada importasse nesse instante e o mundo tivesse

parado, como se sua vida dependesse disso, apoderou-se de sua boca, saboreou seus lábios,

acariciando-os com a língua até que encontrou seu caminho na boca de Belén e, em ritmo lento,

mas em compasso, ele a beijou, bebendo sua respiração nervosa e ofegante. Ele a abraçou e a

pegou pela parte baixa de seu corpo, enquanto detinha sua nuca com a mão e mergulhava em um

beijo delirante e desesperante. Ela jogou a cabeça para trás, procurando ar. Ele a pegou pela

mão, depois, passou o braço pelo ombro dela e a levou com ele.

—Vamos.

Saíram do lugar em meio a aplausos e assobios. Belén se sentia caminhando entre as nuvens,

nervosa, tratava de seguir os passos dele. A camionete que os irmãos haviam chegado estava

estacionada em uma esquina da praça. Belén olhou o céu estralado e a lua cheia, a brisa morna a

acariciava. Ao seu lado, Jorge ia silencioso, tenso.

Ele a ajudou a subir na camionete, acomodou seu cinto de segurança, sentiu seu hálito doce que

cheirava a licor, mas disse a si mesmo que não voltaria a beijá-la até que chegassem à fazenda,

ou não poderia se controlar. Ele ansiava por ela, como a ansiava, e a expectativa deixava seus

nervos à flor da pele. Obrigou-se a sorrir para ela, assim ela não perceberia seu rosto feroz.

Temia que ela mudasse de ideia, percorreu a distância até a fazenda em tempo recorde.

Precisava manter o equilíbrio à beira da navalha. Era sua mulher desejada, sua fantasia oculta, o

objeto de seus sonhos molhados, a imagem que sempre recorria quando precisava se aliviar com a

mão. Queria beijá-la inteira, um copo cheio que o deixasse bêbado e querendo mais.

Ele a olhou pelo canto do olho, ela também estava tensa. Quando chegaram à fazenda, saltou

do carro e abriu a porta para ela rapidamente.

—Devo ir ver Paloma —disse Belén, aterrissando em se papel de mãe.

—Pedi que minha tia dormisse com ela.

Ela olhou para ele, surpresa.

—Você tinha muita certeza.

Ele encolheu os ombros e, abraçando-a, cheirou seu cabelo.

—Imaginei que você me mandaria à merda outra vez. Estava tão irritada hoje de tarde, mas eu

precisava arrumar as coisas. Não podia mais aguentar.

Ela o pegou pela mão e o arrastou até a porta do quarto dele.

—Você vai fazer penitência —ela falou, como uma rainha castigando um súdito desobediente.

Ele a virou e voltou a beijá-la.

—O que você quiser, tudo que você quiser. Como você sabia que este é o meu quarto? E a partir

de hoje, o seu também.

Ela se negava a ficar corada.

—Hummmm... tive curiosidade.

Ele soltou uma gargalhada.

Entraram no quarto e entre beijos e passos trôpegos chegaram até a cama, Jorge se deitou

sobre ela, acariciou seu rosto e olhava para ela com malícia e com desejo.

—Finalmente, Belén, finalmente você está nos meus braços, onde você deve

estar sempre, meu

amor —colocou a mão dela sobre seu coração.

Abraçaram-se com força, muita força, duas almas que se encontram depois de um longo tempo

de separação. Belén se agitou lentamente, com os olhos brilhantes, acariciou o pescoço dele, depois

o rosto, com extrema delicadeza, com um leve toque de seus dedos, como se fosse uma imagem

que fosse desaparecer a qualquer momento. Explorou seu queixo e sua bochecha, e acariciou seu

cabelo, como se estivesse acalmando um animal selvagem.

A saudade atravessou Jorge de cima a baixo, quase chorou. Levantou-se e a despiu,

aparentemente calmo, mas com a alma rugindo como uma besta por querer saciar seus instintos.

Sentia-se febril à medida que ia descobrindo seu corpo, a pele de seu ventre e com as marcas

típicas da gravidez de Paloma. Ele a beijou e a tocou enquanto ela passava a mão em seu cabelo,

não podia mais. Quando baixou a roupa íntima e a acariciou, apertou o rosto contra seu sexo. O

corpo de Belén vibrou, acompanhado de um gemido.

—Você está tão úmida e tão doce, quero você agora mesmo.

Aspirou seu aroma, uma mescla de sabonete, ou de alguma loção, e o perfume picante e quente

de sua excitação.

—Estou em um bendito céu.

Ele a chupou e a devorou com vontade, enquanto ela se retorcia, enlouquecida. Ela o desejava,

estava ardendo, úmida e pronta para recebe-lo, lembrar do que sentia quando ele estava em seu

interior. Fez com que ele se levantasse e se despisse em segundos. Quando ela o viu sem roupa,

ficou corada, era perfeito, másculo sem ser exagerado, com os músculos definidos. Era o corpo de

um homem que trabalhava nos afazeres do campo. Levou o olhar ao membro dele, que a

escravizou anos atrás e que agora aumentava ainda mais sob seu escrutínio. Ele caiu sobre ela,

aferrando-a pela cintura, e o contato de suas peles tão quente os deixou emocionados. Jogou a

cabeça para trás com um suspiro afogado e levantou o quadril. Dividiram um beijo brutal, que

mais parecia um entrelaçamento de lábios e línguas, gemiam desesperados por se fundirem na

pele um do outro.

Jorge abriu as pernas dela e a penetrou sem mais demoras em uma investida profunda e

violenta. Soltou um gemido rouco, como se depois de ter-se escaldado no fogo, encontrasse um

manancial de água gelada. Ia perder o controle, era ela, seu amor, sua mulher, sua rainha, a dona

do seu passado, do seu presente e de seu futuro. Tinha dado uma filha de presente para ele, e

daria mais filhos que ele veria crescer desde o momento da concepção. Moveu-se com mais ímpeto,

já perdido na névoa do desejo.

O quarto se encheu de sons: palavras roucas, suspiros ofegantes, respirações agitadas e

gemidos. Não ia durar muito, mas se controlava para que ela também chegasse ao orgasmo.

Mudou o ritmo das investidas e sussurrou em seu ouvido:

—Eu desejei tanto você. Desde que a encontrei tenho estado no purgatório —disse em tom

áspero—, e às portas do céu. Você se movia e eu só pensava nisso, via você comer e só desejava

que você me devorasse com essa boca apetitosa, seus seios são lindos —ele os agasalhou com as

mãos e a boca, veio outro gemido de ambas as partes—. Sua pele é tão suave, poderia acaricia-

la por horas. Faremos isso a noite toda, e amanhã você mal conseguirá caminhar.

Voltou a beijá-la, com beijos apaixonados e exigentes. Mordiscou-lhe os ombros e ela deu um

grito de prazer. Ele se lembrou que era um de suas caricias favoritas, já estava nas últimas, e em

segundos nela esvaziaria o amor, a saudade, as dores, os desejos sombrios. Sua Belén era seu

poço de sanidade, seu “pão da vida”, nunca deveria esquecer.

Com a áspera ansiedade em seu tom de voz e as palavras proferidas, ele desenhava imagens

em sua cabeça, desencadeava sensações em seu corpo e as combinava, criando um mostruário de

emoções sensuais, voluptuosas e apaixonadas. Belén conseguiu girar sobre ele, desejava submetê-

lo, medir forças, e ele cedeu o poder a ela, que se soltou em um movimento de quadril destinado a

seduzir, amarrar, marcar. Precisava liberar a vontade dele, tanto tempo alojada em seu corpo e

que apenas experimentou em Nova York.

Ele exerceu sua magia nas costas dela, com aquela caricia em ambos os lados de sua coluna, o

orgasmo fez um redemoinho em forma de dor pujante ou de uma descarga elétrica, que começou

pelos dedos dos pés e subiu até a cabeça, culminando em um estalo de prazer arrebatador e

perfeito, que se chocou contra a liberação de Jorge. Seus olhos ficaram cheios d’água e as

lágrimas invadiram seu rosto. Ele beijou seu choro enquanto alcançava o topo de seu prazer, entre

grunhidos entrecortados e a respiração agitada.

Quando Jorge levantou a cabeça e viu seus olhos com o beijo cristalino das lágrimas, os beijou

com reverência.

—Não quero que você chore enquanto fazemos amor —disse, com um nó na garganta.

Parecia incrível que Belén estivesse sob seu peso, que a estivesse acariciando, que seu calor o

envolvesse, que a felicidade o preenchesse. Experimentava de tudo ao mesmo tempo: gratidão,

angústia, humildade, fome dela, seu orgulho por possuí-la e a interminável felicidade que só

experimentava ao lado dela. Ficava apavorado de depender de uma pessoa para sua felicidade,

mas não iria fazer estes questionamentos agora.

Ela sorriu e voltou a acariciar o rosto dele, nunca teria o suficiente em tocá-lo, em saber que era

seu, em saber que havia voltado para ela. Abraçou-o ferozmente, e ele correspondeu da mesma

maneira, acariciou sua tatuagem de lobo, percorreu com os dedos e sentiu que ele estremecia.

Depois, iria perguntar sobre a *paloma*.

Ele a olhava firmemente, como se temesse que ao piscar o sonho fosse desaparecer. Ainda

dentro dela, Jorge a puxou com ele, até que ambos ficaram meio de lado. Ela acariciou a cicatriz

que ele tinha na lateral do abdômen, enquanto normalizava sua respiração.

—O que houve com você?

—Fui esfaqueado na prisão, na última em que estive, porque alguém não gostava do que eu

fazia. —Belén se levantou e se ajoelhou ao lado dele, tocando a ferida rugosa várias vezes.

—Na verdade, são duas.

—Santo Deus! —exclamou, angustiada, quando ele mostrou a outra cicatriz, na parte posterior,

que era menor.

—Não se preocupe, estive uma semana em um hospital. Foi uma compensação, umas férias

pequenas —disse com ironia.

—Não brinque com isso, poderia ter sido fatal.

Ela se agachou e beijou ambas as cicatrizes, queria curá-lo de alguma maneira, não apenas as

feridas físicas, mas as feridas da alma, as que jamais desapareceriam.

—Não usamos proteção.

Belén abriu os olhos.

—Não percebi. Já não tomo mais pílula, porque me fazia mal. Alberto se encarregava da

proteção. Não entendo o que acontece com você, que eu esqueço tudo.

—Sabe que tem que terminar tudo com ele, não sabe?

Ela ficou imediatamente séria e fez um gesto afirmativo com a cabeça. Jorge adivinhou seus

pensamentos, e aprisionou seu queixo entre o polegar e o indicador. Guardou silêncio por uns

segundos, sopesando o que iria dizer.

—Eu só conseguia pensar em você —disse, enquanto seus olhos, iluminados por um fogo

absorvente, acariciavam e possuíam Belén.

—Eu sei.

Belén acariciou a bochecha dele com a mão, Jorge levou o rosto até a palma da mão dela e a

beijou.

—Eu vou me preocupar com a proteção, mas a partir de amanhã.

Sentiu seu membro crescer novamente dentro dela.

—Tão rápido, campeão? —ela perguntou em meio a um gemido e com um sorriso.

—Você fala que não usa nada contraceptivo, sinto muito meu amor, mas fala mais alto a

conservação da espécie e o instinto animal.

Belén soltou uma gargalhada.

—Senti tanto a sua falta! —exclamou, antes de Jorge começar a fazer amor outra vez.

## CAPÍTULO 38

—Papai, essas panquecas não estão ficando iguais às que minha mãe faz.

Paloma estava sentada em uma cadeira alta, que dava para uma mesa onde havia um prato em

que Jorge deixava alguma panquecas um pouco escuras e desformes. Não havia aceitado a ajuda

das empregadas, que olhavam de canto de olho e sorriam, nem de sua mãe ou de sua tia. Ele tinha

visto a receita em um vídeo em seu telefone, e estava divertindo sua filha.

—Mas serão as mais deliciosas que você terá comido.

A menina olhou para ele, meio duvidosa.

—Venha —ele insistiu—, você fará sua própria panqueca.

A menina olhou para ele, maravilhada, mas negou com a cabeça.

—Minha mãe não me deixa cozinhar. Diz que posso me queimar e que doeria muito.

—Eu não deixarei que nada aconteça com você.

Ela estendeu os braços para que ele a levantasse e o coração de Jorge apertou ao ver que sua

filha confiava nele cegamente.

—Não cresça nunca, minha riqueza.

Jorge deu um beijo na cabeça da menina.

—A culpa não é minha, é da comida, papai.

Todos na cozinha caíram na gargalhada.

Jorge ensinou a Paloma a quebrar os ovos em uma tigela, a menina mediu o leite em uma

caneca, as colheres de farinha, jogou uma pitada de sal e o açúcar e, com a mão de Jorge

cobrindo a sua, bateram até obterem uma massa homogênea.

—Agora vem a parte em que você fica sentada —ao ver que a menina queria se aproximar do

fogão, continuou—: mas será você quem dará um toque de perfeição, você vai virar a massa.

Paloma aplaudiu, encantada. Jorge levantou a menina e sob sua supervisão, viraram a

panqueca.

—Vê essa agora, perto das outras que eu fiz, parece muito melhor, não?

—Sim, já quero comê-la.

—Então, mãos à obra, princesa.

Ele a sentou outra vez, jogou um pouco de mel e deixou que ela comesse seu café da manhã

com um copo de leite.

Belén entrou nesse momento na cozinha. Ficou olhando para Jorge e pela maneira com que ele

interagia com a filha.

—Não gosto de princesa, papai, as princesas ficam entediadas. Mamãe me disse. Quero ser

doutora de animais, como você.

—Você pode ser o que quiser, meu amor —Belén disse, beijando a cabeça de sua filha.

—Mamãe! Fiz minha própria panqueca. Papai me deu banho e deixou que eu escolhesse minha

roupa —ela disse, desafiante.

—Você está linda!

Sua filha vestia um short roxo, uma camiseta nas cores verde e amarela, estava penteada com

laços fúcsia e sandálias também em fúcsia. Era uma verdadeira proliferação de cores, mas nesse

dia, nada mais importava, exceto que havia recuperado o amor de sua vida.

—Parabéns, parece deliciosa! —apontou para o prato.

Jorge se aproximou por trás de Paloma, abraçou Belén e lhe deu um beijo profundo, que deixou

pasmas as empregadas que por ali pululavam. Paloma nem percebeu, concentrada como estava na

comida.

—Bom dia —disse em um tom rouco contra o pescoço dela.

—Você não deveria deixa-la escolher a roupa.

—Por quê? Ela tem bom gosto.

Belén deu risada.

—Amor de pai, definitivamente.

Ele encolheu os ombros. Ela, corada, se lembrou do que aconteceu na noite

anterior. Haviam

conversado até de madrugada. Jorge propôs que ela se instalasse em *San Antonio* com ele, e ela

poderia trabalhar com Olivia em *La Casa de Paz*, e Paloma estaria perto dele.

Belén quis dizer sim, imediatamente, mas não queria ser tão precipitada como no passado.

Estava mais velha, mais madura e tinha uma filha, não podia dar este salto como uma adolescente

apaixonada, só porque ele assim queria. Deixou isso bem claro.

—Não volte para Nova York, fique aqui comigo —ele disse, enquanto acariciava seu abdômen.

—Não posso deixar meu trabalho abandonado.

Sentiu que ele ficou tenso.

—Não é que eu queira tirá-la da vida que você já tem, não sou um patife egoísta, simplesmente

quero que você veja a oportunidade de trabalho que existe por aqui. Seriamos uma família, e eu

poderia estar perto de Paloma.

—Acabamos de nos reconciliar, temos que aprender a nos conhecer outra vez.

Ele soltou uma risada carente de humor. virou-se e colocou ambas as mãos atrás da cabeça. Ela

ficou de lado e acariciou o peito dele.

—Você gostou do trabalho que Olivia faz em *La Casa de Paz* —ele a

persuadiu—, babou de

vontade. Onde está sua alma nômade e aventureira? Encare isso como um desafio, inclusive comigo,

você não vai se arrepender. Não vou pressioná-la mais, meu amor, mas simplesmente digo que seu

lugar está aqui, ao meu lado. Tenho recursos...

—Sabe que isso não me interessa, ainda que você fosse um peão da fazenda, minha decisão

não teria nada a ver com os seus rendimentos.

—Então, o que tanto preocupa você? —olhou para ela com um brilho nos olhos—. Você não

acredita em mim, vejo isso em seu rosto, você acredita que alguma coisa acontecerá e iremos nos

separar novamente. Não, Belén, você está enganada, mas isso você mesma terá que descobrir.

Na verdade, Belén estava assustada, porque uma nova desilusão acabaria com ela, e disso ela

tinha certeza. Além disso, queria compartilhar a vida com ele sem pressão e assim se manifestou.

Ele não ficou muito feliz. Por enquanto, não falariam nada para Paloma. Elas voltariam aos Estados

Unidos na semana seguinte.

***

Os pensamentos de Jorge iam pelos mesmos caminhos. Apesar da reconciliação, percebia que

ela ainda estava reticente. Mais do que nunca, percebeu o dano tão grande que suas palavras e

suas ações haviam causado em sua relação, ao querer despachá-la de sua vida. Teria uma

semana para convencê-la a apresentar sua demissão, entregasse sua casa e se instalasse na

fazenda com ele.

—Sente-se e eu sirvo alguma coisa para você —ele disse, olhando para ela com os olhos

brilhantes e ela não pode deixar de se lembrar das manhãs em seu apartamento, quando

tomavam café da manhã juntos e conversavam até a hora em que saíam para trabalhar.

Ela estava tão feliz, que comeu pouca coisa. Ainda não conseguia acreditar que havia arrumado

as coisas com Jorge, que nessa manhã havia amanhecido em sua cama, envolvida pelo corpo dele,

invadida pelo aroma de sua pele. Ele tinha deixado a cama cedo, mas pediu que ela descansasse

o quanto quisesse, que ele tomaria conta da menina.

—Hoje terei o dia livre e vou me dedicar as minhas mulheres. Vamos sair e passear.

—Meu amor —disse Belén para a menina—, limpe as mãos e o rosto.

—Está bem, mamãe —Paloma respondeu com a boca cheia.

—Não fale com a boca cheia, meu bem.

—Então não fale comigo quando eu estiver mastigando.

Jorge sorria, encantado com a conversa.

Saíram para passear em *San Antonio*. Jorge mostrou para Belén lugares emblemáticos e contou

a história da cidade. Ela estava encantada com a arquitetura colonial do lugar, as árvores que

circulavam a praça. Paloma quis andar em um triciclo, alugado por um senhor do lugar para as

crianças da cidade. Havia vários idosos sentados nos bancos da praça, e por ser dia de semana,

havia poucas crianças naquele horário. O local cheirava a vegetação, a "*pandebonos*" e à fruta.

Paloma deu várias voltas enquanto eles conversavam, depois compraram sorvete de *feijoa*[47], que

eram famosos na cidade e continuaram caminhando. Entraram na igreja e depois foram beber

alguma coisa na cafeteria dali de perto.

Jorge levava Paloma sobre os ombros, a menina tinha lambuzado o rosto, mas ele não se

importava. Quando olhava para os olhos de sua filha, via sua alegria e sua inocência, ficava

assustado por ter ajudado a gerar uma menina tão linda, tão perfeita. Quando ele a abraçava ou

ela derramava seu carinho sobre ele, ou em cada um dos seus feitos, seu coração parava ou

inchava em seu peito. E quando sorria para ele, sabia que faria qualquer coisa por ela.

Foram até Santa Rosa, onde Belén espreitou nas diferentes lojas, comprando algumas coisas que

precisava. Almoçaram em um restaurante campestre e depois voltaram para a fazenda. Um

empregado o esperava para comentar alguma coisa sobre o novo lote de vacinas. Ausentou-se uns

minutos. Paloma desejava um banho de banheira e Elizabeth se ofereceu prazerosa em

acompanha-la.

Quando Jorge voltou, encontrou Belén na varanda, olhando a paisagem. Levou-a com urgência

para o quarto, aproveitando que poderiam dispor de algum tempo enquanto Paloma disfrutava do

banho.

Abraçou-a por trás, assim que fechou a porta, jogando seu cabelo para o lado, beijou sua nuca.

Aspirou seu aroma, sem perfumes, que tinha um efeito muito estimulante nele. Precisava fazer amor

novamente com ela.

—Você está mais bonita que antes, já disse isso? —sussurrou com aquela voz rouca, que ela

sempre associava ao sexo compartilhado.

—Ontem à noite, várias vezes, mas quem pode acreditar nessas palavras,

ditas no calor do

momento?

—Ui, sempre tão correta, seja mais explícita, meu amor.

Ela se virou para olhar para ele, e o coração de Jorge queria sair do peito, de tantas palavras

que queria lhe dizer. Estava como anos atrás, morrendo por ela.

—Que palavra você acredita que eu deva usar? —ele a provocou.

Ela lhe deu um sorriso sedutor, enquanto a levava para a cama e a sentava de costas para ele.

—Quem pode acreditar nessas palavras quando seu maravilhoso e inesquecível pênis, que eu

senti tanta falta, está enterrado em mim, quente e apertado...

—Você não vale nada —interrompeu Belén às gargalhadas.

—Mas você está louca por mim, eu sei.

—E tão humilde, como sempre.

Amaram-se na cama, suas respirações ofegantes reverberavam por todo o quarto, buscando um

ponto de saída para se misturar aos ruídos da fazenda, ao canto dos pássaros e aos balidos do

gado, às vozes e aos passos dos empregados. Jorge, em meio ao delírio, quis dizer tantas coisas

para Belén: o que pensava em suas noites de solidão quando estava preso, que ela era seu anjo,

sua luz nos momentos mais sombrios, que lembrar de cada um de seus encontros tornava suas noites

em claro, quando não era assaltado pelo ciúme infernal de que outro estivesse gostando dela, que

a adorava por ser valente, que lhe agradecia por ter estado ao seu lado nos momentos mais

negros, por ser suficientemente mulher em trazer um filho dele ao mundo, quando era condenado

por um assassinato atroz, pela fé que ela sempre teve nele, mas que ele nunca soube valorizar.

A respiração inclemente de Jorge e sua respiração ofegante sobre a pele de Belén

propagaram múltiplas sensações que convergiam em seu sexo em forma de jarro, pronto para

transbordar em um fluxo líquido de prazer. Aquela união beirava os limites da dor e do prazer, e

fazia com que pronunciasse seu nome uma e outra vez. A cada movimento, Belén sentia que se

queimava, até que o jarro transbordou em fechos de luz em todas as direções, chegando a um

orgasmo sublime e conectado ao de Jorge, que ao perceber a iminência do instante, aumentou as

investidas e a força na cintura dela, clamando por sua liberação sem se importar se alguém

escutasse.

—Amo você, Belén, você não tem ideia de quanto eu amo você.

—Eu também amo você.

A semana passou como um suspiro. Belén saiu com Olivia, algumas tardes, para *La Casa de Paz*.

Ao ver as ideias que Belén dava ao projeto, lhe ofereceu trabalho. Belén disse que sim, que com

prazer aceitaria o trabalho quando voltasse de Nova York. Porque voltaria, e à medida que os

dias passavam disse a si mesma que não haveria sentido alongar as coisas. Em uma longa

conversa com Alberto, terminou o relacionamento, não queria se lembrar da discussão nem das

reprimendas, contando a Jorge apenas que já estava feito.

Estava impaciente por começar uma nova vida ao lado dele. Tinha certeza de que iria se

adaptar muito bem, e os dias passavam em meio a um romance idílico. Redigiu a carta de

demissão, explicando resumidamente as razões, para enviar por e-mail dois dias antes da viagem.

Um dia, Belén se levantou bem cedo e acompanhou Jorge durante toda a manhã, visitaram os

estábulos, e o viu em comunhão com seu trabalho, visitando as vacas recém-paridas, examinando e

controlando o peso e o tamanho dos bezerros. Ele comentou sobre seu desejo na criação de

cavalos Puro-sangue. Desejava-o naqueles momentos em que ele distribuía ordens de maneira

estrita, em seu papel de profissional e chefe. Seus empregados o respeitavam, ele percebeu isso

desde que o havia conhecido, sempre seria um líder e as pessoas iriam segui-lo. Pelo que ele

contou do tempo em que estiveram separados, ficou sabendo que ele havia liderado vários

programas nas prisões do país e era uma coisa que ele não iria abandonar, mesmo estando em

liberdade. Sentiu orgulho dele, orgulho por compartilhar sua vida, desejosa de dar-lhe tudo que

ele quisesse.

Algumas noites saíram com Miguel e Olivia para jantar na cidade ou em Santa Rosa, e depois

voltavam para casa e faziam amor.

Paloma não estava muito contente com a troca de quartos, pois agora dormia com Elizabeth, mas

tinha que ser Belén que a colocasse para dormir. Uma noite, durante o jantar, não pode deixar de

comentar:

—Minha mãe continua doente.

—E isso agora, o que tem sua mãe? —perguntou Ligia.

—Porque ela tem que dormir com meu pai para que ele tire a dor da barriga dela.

Jorge se engasgou com a bebida. Elizabeth cobriu o rosto com o guardanapo, Miguel e Olivia

caíram na gargalhada. Ligia era a única que olhava para ela, pasma.

—Sim, tem razão, linda —afirmou Miguel—, essa dor somente seu pai pode curar.

Outro coro de gargalhadas.

—Não vejo graça nisso —disse Paloma, com a expressão séria.

—Eu também não —disse Belén.

—Tomara que a sua mãe melhore —foi tudo que Ligia pode dizer, que olhou para seu filho mais

velho com reprovação.

Ela sabia que eles dormiam juntos há vários dias, e terminou sorrindo diante da observação de

sua neta e acariciou seu rosto. Paloma era seu presente, era a prova de que Santiago não a havia

abandonado completamente. Viu sua família sentada à mesa e se sentiu orgulhosa, feliz como há

muito tempo não se sentia. Observou Olivia, que era a prova viva de que tudo na vida tinha

soluções e nas perdas, consolo. E seu amado Jorge, que, por fim, a vida começava a recompensa-

lo por todas as injustiças sofridas. Olhou para suas mãos, que havia experimentado uma melhora

em sua artrite desde que Olivia tinha ido morar com eles. Agora, com Paloma e Belén, poucas

vezes lembrava que suas articulações doíam.

Sim, a vida era boa, só esperava pelo dia em que Palma e Belén se instalassem em *San Antonio*.

## CAPÍTULO 39

No entardecer do dia anterior que Belén e Paloma retornassem a Nova York, Jorge as levou a

uma colina que ficava a quinhentos metros da casa. Paloma estava cantando uma música que

Dominga havia lhe ensinado, enquanto Jorge procurava a melhor maneira de dizer a Belén o que

queria. O terreno estava coberto de grama, flores silvestres e árvores. Enquanto Paloma se

agachava uns metros mais à frente para colher flores para sua mãe, Jorge mostrava para Belén

as qualidades do terreno. Ela achou lindo, sobretudo a vista, mas ela percebeu que ele estava

tenso, nervoso, como se tivesse medo de lhe dizer alguma coisa.

—Quero construir nossa casa aqui, Belén —disse, solene, e olhando para ela fixamente.

Suas palavras a comoveram, estava tão assustado. Ela, que já começava a imaginar seu lar, não

disse nada para ele nesse instante. Caminhou pela trilha. Agachou-se e colheu algumas flores.

Paloma voltou e lhe entregou um ramalhete, ela lhe deu um sonoro beijo na bochecha e a menina

disse em segredo:

—Vou pegar umas flores para o meu pai, parece que está ruinzinho.

Belén virou o rosto e observou Jorge, que olhava para ela angustiado.

—O quê? —ela perguntou, alarmada—. Tenho uma cobra atrás de mim e você não quer me

assustar?

—Não!

Paloma correu para pegar umas flores para seu pai.

—Então? —ela, adivinhando sua natureza, resolveu tirá-lo daquela angústia, de imediato—. Não

me diga que vamos começar a discutir em que direção ficará a varanda da nossa casa, porque

desde já eu aviso que quero esta vista do nosso quarto...

Jorge se aproximou de Belén. Levantou-a e a girou no ar.

—Você me assustou —ele disse, estreitando-a contra seu peito, sem se importar com a força que

estava aplicando.

—Não tem motivo, meu amor, eu voltarei. Você não tem que se preocupar com nada.

—Contrataremos um arquiteto, aqui tem um muito bom, desenharemos uma casa linda onde

cresçam nossos filhos. Gostou do terreno?

—Fiquei encantada.

—Poderíamos viver na fazenda, mas quero nossa independência, que seja a

sua casa, com as

suas regras, com os seus gostos.

Quis pedi-la em casamento nesse momento, mas havia encomendado um anel de compromisso em

Bogotá, com instruções especiais quanto à montagem e à pedra. Mas iria pedi-la quando voltasse.

—Claro que sim, viveremos aqui —e começou a contar que havia escrito à administradora que

alugava a casa para cancelar o contrato, pagaria a multa, sem problema. Jorge ofereceu para

ajudá-la, financeiramente, mas ela não aceitou. A pensão de Paloma seria suficiente.

Jorge, já mais tranquilo, no dia seguinte, as levou ao aeroporto. Paloma não parava de chorar,

não queria se separar de seu pai e ele, impotente e a ponto de chorar, não sabia o que fazer

para acalmá-la.

Tinham chegado por volta do meio dia na casa dos pais de Belén, e o voo sairia na última hora

da tarde. Calixto e Pilar não se surpreenderam de vê-los juntos e dos planos que faziam.

Agradeceram que finalmente sua filha estaria de volta ao país, porque *San Antonio* era mais perto

que Nova York e com um clima agradável quase o ano inteiro. Almoçaram juntos em um ambiente

relaxado.

Jorge as levou ao aeroporto depois da sobremesa e seu semblante ficou sombrio, à medida que

se aproximava a hora da despedida.

—O tempo vai passar voando, você verá —Belén disse, enquanto aferrava a mão dele.

—Papai, não se esqueça de dar cenoura para Angus e quando Fiona tiver os cachorrinhos, me

envia as fotografias para eu escolher o meu —Paloma pediu.

—Sim, minha riqueza, farei isso.

Ele apenas a viu, porque seus olhos estavam fixos nos de Belén. Tinha um nó no estômago, não

queria deixá-la ir embora, quis pedir que ela não voltasse, que contratasse uma empresa para

empacotar suas coisas, que ela não tinha necessidade de deixa-lo ali, que estava assustado como

nunca esteve em sua vida. Ela lhe devolveu um olhar de ternura.

—Vou sentir muito a sua falta, vou contar os dias —Jorge disse, sem deixar de abraça-la.

Depois de fazer o *check-in*, levantou sua filha que, com os olhos inchados, não desgrudou dele.

—Eu também vou sentir muito a sua falta, minha vida. Cuidem-se muito vocês duas, espero vocês

em poucas semanas.

Os três se abraçaram na porta da imigração. Jorge deu um beijo profundo em Belén e um

abraço sentido em sua filha antes de ambas entraram na sala. A tristeza tingia o rosto de Jorge,

que teve que fazer um esforço sobre-humano para entregar Paloma para Belén. O nó no

estômago foi substituído por um buraco e um aperto no coração, que não seria apaziguado até

que elas estivessem novamente com ele.

***

Alberto queria subir pelas paredes por conta do pedido de demissão de Belén e não deixou as

coisas fáceis para ela. Não poderia deixar seu trabalho antes de dois meses. Jorge ficaria furioso

quando soubesse, e Paloma, teria que imaginar uma forma de distrai-la. Estavam em Nova York há

uma semana e ela já estava arrependida de não ter escutado Jorge e ter resolvido as coisas na

Colômbia, mas sua responsabilidade com o trabalho havia prevalecido e agora deveria focar na

conclusão do projeto que, segundo Alberto, não poderia deixar pela metade porque os outros

profissionais não estavam tão entrosados como ela.

Belén sabia que era mentira, que seus companheiros poderiam finalizá-lo sem problema. Em

outra ocasião teria adorado, mas agora só desejava gritar. Teria que mudar a data da entrega

da casa e também não poderia começar a empacotar as coisas. Poderia ir se desfazendo de

quinquilharias, nada mais.

Jorge recebeu a notícia com aparente calma, dizendo que entendia, que ela levasse o tempo

que precisasse, que uma profissional como ela teria que sair pela porta da frente. Deus, como

sentia falta dele, conversavam todas as noites pelo Skype, elas jantavam com ele. Paloma se

preparava para dormir e depois de quase uma hora, ficavam sozinhos. Havia noites em que Belén

desejava fazer alguma coisa divertida, uma conversa mais quente, ficar nua, dar prazer a si

mesma na frente dele, mas não se atrevia. Jorge não havia tomado a iniciativa, então, uma noite

ela faria isso.

***

Jorge, assim que desconectou a conversa com ela, soltou um palavrão que teve a certeza de que

pode ser ouvido por toda a casa. Miguel chegou no escritório naquele instante.

—O que aconteceu? —disse, assim que fechou a porta.

—Acontece que esta mulher vai me matar. Esse sujeitinho de merda, porque

é um merda,

amarrou Belén ao projeto que só vai terminar em dois meses e tudo isso porque ela o abandonou,

tenho certeza disso.

—Você se aborreceu com ela?

—O que você acha? Não posso! E isso me enfurece ainda mais.

—Você tem que entende-la e apoiá-la.

Jorge bateu na mesa.

—Estou tentando, mas é malditamente difícil.

—Vamos, fique calmo, o tempo passa rápido.

As dúvidas de Jorge eram muitas, mas nada tinham a ver com o tempo. E se ela tivesse se

arrependido? E se Alberto não se conformasse em perde-la? E se ela, vendo-se novamente no

ambiente da cidade grande, pensasse melhor e se perguntasse o que iria fazer em uma cidade

abandonada pelas mãos de Deus, que só tinha uma história de tristeza e violência, quando podia

educar sua filha em um ambiente diferente? Se em algumas semanas ela telefonasse e dissesse que

sua vida estava em Nova York, iria busca-la e iria trazê-la à força.

—Ela não é uma mulher de sentimentos volúveis, meu irmão.

—Por que você diz isso?

—Percebe-se em seu rosto o que ela está pensando.

Não devia tê-la deixado sair do país, disse a si mesmo, atormentado pelo ciúme e pela

insegurança, que eram os mesmos que o assaltaram quando estava na prisão, e foram as culpadas

de tudo ter ido ao diabo. Os dias seguintes não ajudaram a melhorar seu ânimo, mas diante delas,

tratava de mostrar um semblante descontraído.

***

Jorge havia aceitado muito melhor do esperava, disse Belén a si mesma. Trabalhou no projeto

até tarde da noite, porque queria entrega-lo antes do tempo e nada mais importava, ainda que

tivesse que sair do trabalho sem recomendação, precisava estar na Colômbia, com Jorge, em seu

lar.

Paloma havia se despedido de todos os seus amiguinhos, por isso não teve tempo de ficar triste

e como falava, e via, seu pai todas as noites pelo Skype, estava tranquila. Jorge enviava vídeos

do pônei, e quando a ninhada e cachorrinhos chegou ao mundo, enviou vídeo e fotos de cada

cachorro para que ela escolhesse. Belén apenas revirava os olhos.

Uma noite, depois que seu pai leu uma história para ela, Belén a colocou para dormir e quando

caiu rendida, começou a trabalhar. Precisava concluir esses fodidos relatórios ainda esta semana.

Chegou uma mensagem de Jorge.

“Oi meu amor, o que você está fazendo?”

Ela suspirou.

“Estou terminando esses malditos relatórios”.

“Calma, falta pouco, estou contando os dias”.

“Quero estar com você, sinto muito sua falta, meu amor”.

“Eu também, você não tem nem ideia, não consigo dormir”.

Belén foi à cozinha e pegou um copo d’água. Não queria continuar falando por mensagem de

texto. Decidiu fazer uma chamada por vídeo.

—Olá, meu amor.

Estava no quarto, na Colômbia era quase meia noite, vestia uma calça de pijama e o peito nu

fez sua aparição. Belén ficou com a boca seca.

—Você está bem? —Jorge perguntou ao ver que ela não falava nada.

—Não, não estou nada bem, você me faz muita falta. Quero vê-lo, quero que você me abrace.

Quero senti-lo.

Nesse momento, desejou estar na fazenda, mais que qualquer outra coisa no mundo.

—Ah, já sei, minha mulher quer mimos, quer que eu leia uma história para você também?

—Só se for para adultos.

Jorge sorriu descaradamente e logo sua expressão mudou, acomodando-se na cama. Belén

também se acomodou na cama dela.

—Solte seu cabelo.

—Você é um mandão —ela retrucou, mas fez o que ele mandou.

—Você não tem nem ideia —Jorge respondeu coma voz rouca, olhando firmemente para ela.

Ela soltou o cabelo, estendendo-o pelos ombros e pelos lados. Aproveitou e tirou a camiseta,

ficando em roupas íntimas.

Ele bufou.

—Você é má.

Ela sorriu, ajeitando a tela do celular para que ele a visse bem.

—Teremos que nos contentar com isso, enquanto não volto a vê-lo.

—Prefiro ao vivo e a cores —ele resmungou.

—Como é aquele ditado?

—Quem não tem cão, caça com gato —Jorge concluiu—. Mas eu não quero nem gato e nem

cachorro, quero minha mulher, aqui e agora. Você está me matando só de vê-la assim, preciso de

você, quero enchê-la de beijos, adorá-la, Belén, estar dentro de você e mostrar o quanto eu amo

você.

Belén não soube se seria uma boa ideia tenta-lo assim.

—Eu também sinto sua falta, mas é o que temos.

Ela se levantou e conferiu se a porta estava realmente trancada. Deu um sorriso e voltou para a

cama.

—Você é sexy.

—Você também é.

—Tire a roupa, Belén.

Ela ficou corada.

—Gosto quando você enrubesce.

Ela tirou o sutiã devagar, escutou um gemido e depois outro, quando ficou nua diante dele.

—Morro por tocá-la. Toque em si mesma por mim, meu amor.

Essas únicas palavras esquentaram Belén, que se acomodou na cama e fez o que ele mandou.

—Quero vê-lo —ela ofegou.

Viu quando Jorge afastou o telefone e apareceu diante dela, tocando a se mesmo. Ela se

acariciou e gemeu mais forte.

—Você gosta? —ele perguntou em tom áspero—. Quero beijá-la toda.

Ela ofegou e fez um gesto com a cabeça.

—Quero fazer amor com você de todas as maneiras possíveis, quero gozar em você, em sua

boca.

Belén escutou Jorge gemer, com a respiração agitada. Ela, só com aquelas palavras e suas

próprias carícias já estava no ponto.

—Não sabe como eu gostaria, você me enlouquece, quero fazer muitas coisas com você —ela

ofegava.

—Sim? Do que você gosta?

Belén disse todas as palavras picantes que tinha atravessada na garganta. Falou de seu desejo

por ele, pelo membro dele que a deixava louca, pelas mãos dele que a presenteavam com carícias

sublimes. Que ele sempre tinha sido o protagonista de suas fantasias. Falou de suas fantasias até

que ambos chegaram ao orgasmo, vendo seus rostos alterados pela tela do celular.

Os dois caíram na gargalhada quando acabaram. Ela foi lavar as mãos, vestiu a camiseta e

esperou por Jorge que tinha ido se limpar. Quando ele voltou, se acomodou outra vez na cama.

—Nunca tinha feito isso antes —disse Belén.

—Eu também não.

—Foi...

—Libertador.

—Sim.

—Eu queria me teletransportar —disse Jorge—. Dormir com você, conversar. Tomar o café da

manhã, juntos.

—Logo estaremos fazendo isso em nossa casa. Tenho olhado algumas casas pela internet,

quando vou de trem para a cidade. Tive umas ideias.

Continuaram conversando por quase uma hora, quando o sono os venceu.

Na última semana da data marcada para voltarem. Jorge mal conseguiu falar com Belén. Sua

filha conversava com ele pelo *tablet*, mas não via sua mãe em canto algum. As mensagens de texto

eram curtas. Imaginou que ela estivesse atarefada e não quis incomodá-la, igualmente. Já tinha a

data da chegada e haviam comprado os bilhetes há três dias. Jorge viu uma pilha de caixas atrás

de Paloma.

—Mamãe está trabalhando muito, vamos doar muitas coisas para um orfanato. Você sabe o que

é um orfanato e um asilo?

—Sim, minha riqueza, eu sei.

—Não sabia que as crianças ficam sem os pais, mas mamãe me disse que as senhoras desse

lugar cuidam bem deles. Não me deixou levar todos os meus brinquedos. Apenas alguns que serão

enviados por avião, junto com os livros dela.

—E sua mamãe?

—Saiu com Alberto.

Jorge disfarçou o que pode com Paloma para não mostrar o ataque de ciúme que o corroeu,

mas disse a si mesmo que tudo tinha uma explicação. No dia seguinte, não conseguiu falar com ela.

De noite, também não conseguiu falar com Paloma. Naquela noite, mal conseguiu dormir, pois suas

inseguranças o açoitaram o tempo todo. Ela com outro, ela zombando dele, ela partindo para

qualquer lugar do mundo, separando pai e filha. Nesta manhã, estava impossível com os

empregados, e quase despediu dois técnicos. Miguel o obrigou a pedir desculpas.

—O que está acontecendo?

—Nada.

Saiu andando do estábulo em direção às cocheiras. Telefonou para Belén,

mas não teve sucesso,

não conseguiu falar com ela. Já era noite, estava no escritório há algum tempo, quando um dos

técnicos o solicitou na cocheira. Miguel e Olivia havia saído para Santa Rosa, para fazer não sabia

o quê. Um dos cavalos havia torcido o tornozelo. Despachou os empregados e ficou sozinho com o

animal.

—Machucou bem a sua pata, não amigo? —Jorge sussurrava para o animal.

Com a paciência típica dele mesmo, tirou a camiseta e começou a massagear a pata do animal

com uma pomada com cheiro forte de mentol.

Os outros cavalos se mexeram, inquietos, como se alguém estivesse perturbando o descanso.

—Minha vida.

Jorge pensou que estivesse ficando maluco.

—Jorge, minha vida —a voz sussurrou novamente cada vez mais perto.

Jorge só quis se ajoelhar e dar graças a Deus pelo milagre de ter Belén ali com ele, mas depois

se lembrou que estava um pouco aborrecido e a enfrentou.

—Por Deus, Belén, não sabe o que eu passei —limpou suas mãos da pomada.

—Miguel me explicou, de maneira resumida.

Ela viu a angústia, as inseguranças, o medo, e sem se importar como ele a

receberia, ela se

jogou em seus braços. Ele a abraçou forte, impedindo-a de respirar. Mergulhou o rosto em seu

pescoço, e rezou outra oração. “Graças a Deus”.

—O que aconteceu? Não esperava você aqui antes de oito dias.

Belén estava cansada, tinha olheiras e parecia que havia perdido peso.

—Juro que eu queria fazer uma surpresa. Faz dois dias que eu me livrei do meu trabalho e

mudei a data de retorno, não quis dizer nem para Paloma. Ela não teria escondido de você.

Ele olhou para ela com um pouco de remorso, por sempre pensar o pior quando ela só queria

chegar mais cedo ao seu lado, voltou a abraçá-la.

—Não me deixe nunca, por favor, meu amor, sem você não posso viver, sério, não posso.

—Tudo ficou complicado quando Paloma deixou cair o *tablet*, depois da última conversa que

teve com você, e eu perdi meu celular. Você deve ter ficado muito preocupado, meu amor, e eu

sinto muito.

—Sim —ele acariciou sua bochecha, amava a suavidade de sua pele—. Pensei que tivesse

acontecido alguma coisa com vocês.

Ela não acreditou.

—Jorge Robles, eu imagino seus pensamentos, pois bem, eu e sua filha estamos a salvo em casa,

que é onde eu tanto desejava chegar.

—O que aconteceu com Alberto?

—Alberto?

—Sim, Paloma disse que você havia saído com ele.

—Essa pequena patife! Saí com Alberto e meus colegas de trabalho para um jantar de

despedida.

Não quis dizer que o homem havia insistido para que ela não fosse embora e que eles

reatassem o relacionamento, mas ela pediu que ele a esquecesse.

—Belén, eu...

Ela acariciou o rosto dele, o cabelo. Tinha ficado impregnada de pomada quando o abraçou,

mas era o melhor cheiro do mundo.

—Diga, pode falar comigo o que você quiser.

—Eu amo você. Não sabe o que foram essas últimas quarenta e oito horas, as mais longas de

minha vida. Nem quando iam proferir minha sentença, senti isso aqui —tocou seu estômago—.

Minhas inseguranças me fazem esquecer a classe de mulher que você é: é a mulher que sem

preconceitos acreditou em mim, quando alguns me consideraram culpado, e continuou acreditando

em mim apesar da sentença de condenação. Teve nossa filha, enfrentando um futuro incerto, e eu

—bateu no próprio peito—, devo beijar o chão que você pisa. Belén, case-se comigo, porque nada

me fará mais feliz que você ser minha esposa.

Ela levantou o rosto com um futuro cheio de promessas em seu olhar.

—Sim, vou me casar com você, porque eu o amo, porque admiro sua retidão e integridade.

Paloma não poderia ter um pai melhor. Vamos nos casar, meu amor.

Ele aproximou seu rosto ao dela e a beijou. Havia valido a pena tudo que o que tinha vivido,

porque como presente a vida lhe entregava Belén, sua luz, seu pão da vida.

Mais tarde, saíram para desfrutar a vida nova.

## EPILOGO

A manhã estava ensolarada, o aroma das flores viajava até os quartos que tinham as janelas

abertas. Podia-se ouvir o cantar dos pássaros, o latido de algum cachorro e as vozes dos

organizadores da festa, a qual quase toda a cidade estava convidada. Em frente à casa havia

uma carruagem antiga, decorada com rosas brancas, camélias e nardos. Era usada pelos casais do

lugar em dia de casamento.

*San Antonio de Padua* estava novamente em festa. Olivia e Miguel haviam celebrado há uns

meses a chegada de seu primogênito de nome Daniel, e hoje seria o dia em que Jorge e Belén,

finalmente, uniriam suas vidas.

***

Belén se olhou em frente ao espelho uma última vez. Sua mãe, Ligia e Elizabeth, gravitavam ao

seu redor, enquanto ela, recolhida em pensamentos, elevava uma oração de agradecimento ao

céu.

Tocou seu ventre, sua gravidez de quatro meses já começava a aparecer. Esta gravidez tinha

sido muito diferente da de Paloma, e as náuseas não tinham lhe atacado, nem os enjoos, apenas

queria dormir, isso sim, o dia todo. Olhou o arranjo do cabelo onde umas flores bem delicadas se

entrelaçavam com um penteado simples, o vestido era de cor bege, de ombros descobertos, e o

único luxo eram umas pedras bordadas ao longo da bainha da saia, trabalho feito pelas

bordadeiras de *La Casa de Paz*.

—Mamãe, você está linda —disse Paloma, que também estava arrumada com o primor para a

ocasião.

Belén se aproximou dele e deu um beijo em sua bochecha.

—Vamos —chamou Ligia—, Jorge deve estar subindo pelas paredes, já estamos há mais de

vinte minutos atrasadas.

Belén se lembrou com um sorriso de como Jorge havia se esgueirado pela janela de seu quarto

naquela madrugada, já que nem Ligia e nem Elizabeth haviam permitido que eles compartilhassem

o mesmo quarto nas últimas três noites.

—Sentiu minha falta?

—O que você acha?

—Que sim, que não consegue dormir se não estiver em meus braços, porque está louca por mim.

Ela soltou uma gargalhada.

—Humilde como sempre!

—Mas eu não minto.

Nessa madrugada, Jorge tirou pequeno estojo do bolso do pijama de flanela e lhe entregou. Ao

abri-lo, Belén encontrou uma fina corrente e um pingente com um B cravejado de brilhantes.

—Você sabe que você é a pessoa mais importante da minha vida —ela confirmou com a

cabeça, emocionada pelo presente e pelo tom de voz com que ele falava enquanto lhe colocava a

joia—. Você é o meu princípio e o meu fim, e hoje você será minha esposa amada perante os olhos

do mundo, porque perante os olhos de Deus, já somos casados desde o momento em que nos

apaixonamos.

Jorge tocou seu ventre com a enorme e quente palma de sua mão. Desfrutava desta gravidez

passo a passo, e inclinou-se para beijar seu ventre.

—Lembro-me como se fosse ontem o bendito dia em que você entrou na biblioteca da prisão,

com seu olhar curioso, com sua luminosidade, seu aroma de baunilha, que acredite em mim: nada

tem a ver com o dos biscoitos na cozinha. Você marcou o caminho da minha vida e da minha

história desde aquele exato momento, Belén García, e o tempo em que estivemos separados, eu vivi

sem rumo. Hoje, na igreja, irão nos dizer que o amor é paciente, é bondoso. O amor não é invejoso,

vaidoso ou orgulhoso. Não se comporta com dureza, não é egoísta e não se irrita facilmente, nem

guarda rancor. O amor não se deleita na maldade, mas se regozija com a verdade. Tudo perdoa,

tudo acredita, tudo espera, tudo suporta. Meu amor tem nome, Belén García, meu pão da vida.

Escutaram os passos de sua mãe que, com certeza, vinha ajudá-la a se arrumar. Jorge saiu pela

janela preguejando os costumes de sua casa. Belén sorriu e disse para ele:

—Minha vida —ele olhou para ela, antes de sair em definitivo—. Lembre-se: o amor tudo

perdoa, tudo acredita, tudo espera, tudo suporta.

Ele deixou o quarto com um sorriso.

Iriam se casar na velha capela da fazenda, que ficava a quinhentos metros da casa principal.

Jorge havia mandado restaurá-la para a ocasião, já que Olivia havia dito que era um patrimônio

histórico e que valeria a pena restaurar, mas ele fez mais porque foi ali que seus pais se casaram.

Belén subiu na carruagem com a ajuda do cocheiro, e Paloma ficou na frente dela. Suas mãos

suaram quando viu seu pai chegar até ela e ajudá-la a descer.

—Você está linda! Estou muito orgulhoso de você —ele disse e apertou sua mão quando lhe deu

o braço.

Paloma, que havia ensaiado o que faria, pegou a cesta decorada com pétalas de rosa que

Antonia lhe entregou aos primeiros acordes de uma canção: *Hasta ele final*, de Il Divo, que os dois

haviam escolhido, e entrou na igreja. O sorriso que iluminou o rosto de Jorge esquentou seu

coração e acalmou seus nervos em seguida. Ele olhou para Paloma com imensa ternura e a menina

acelerou, quase correu até cair em seus braços. Ele disse alguma coisa em seu ouvido e ela parou

ao seu lado.

Belén falou com ele apenas com o olhar, enquanto percorria o corredor revestido com um tapete

vinho tinto, e ao seu nariz chegou o aroma das flores e das velas.

“Escolhi o caminho mais difícil, escolhi amar você e todas as consequências, escolhi que você

fosse a pessoa que enchesse meus dias de felicidade, escolhi que você me comesse a beijos, escolhi

também sua voz do outro lado do telefone. Escolhi que não queria outros braços, nem outras mãos

vagando pelo meu corpo, escolhi a loucura e a sensatez, a impotência e a incerteza. Escolhi

arriscar e jogar tudo por você. Pegue-me e me carregue para sempre em seu coração”.

Jorge, como se tivesse escutado, não quis esperar, porque o pequeno trecho lhe pareceu longo

demais, e sem se importar com o protocolo, caminhou até ela, que só tinha chegado à metade do

percurso. Calixto levantou a sobrancelha e entregou sua filha com um sorriso. Belén olhou para ele

com um amor tão declarado, que Jorge não pode deixar de reverenciar aquele momento tão

perfeito, e de braços dados caminharam em direção às promessas que a vida nova lhes brindava.

FIM

## AGRADECIMIENTOS

Desde a publicação de meu romance *Entre o Vale e as Sombras*, sabia que eu teria que contar a

história de Jorge Robles. Imaginei muitos cenários, mas o que mais me chamou atenção foi o mais

duro de transitar e investigar. Conheci pessoas maravilhosas e também escutei relatos de histórias

de amor entre as grades, que me fizeram ver que seria possível contar uma história de amor como

a que acabam de vivenciar. A vida de um preso não é nada fácil, e a de seus parentes próximos

também não. Para AR, por me relatar seu dia a dia, muitíssimo obrigada. Quero pedir desculpas às

minhas leitoras advogadas pela liberdade que tomei, principalmente pelos tempos passado entre

audiência e audiência, sei que são bem maiores. Também agradeço às minhas amigas profissionais

do Direito que me presentearam com seus conhecimentos para poder contar esta história. Para

Juliana Valcarcél, María Paula Patiño e Andrea Osorio, milhões de agradecimento pelo tempo

dedicado. Obrigada à minha família pela paciência que tem comigo e pelo apoio que recebo.

Uma referência especial a Aryam Shields, você me salvou mais uma vez e sabe o porquê.

Agradeço imensamente por sua amizade, e para mim, é um orgulho ver todos os seus triunfos. Às

minhas leitoras Betas, muitíssimo obrigada.

## SOBRE A AUTORA

### Isabel Cristina Acuña C.

Nasceu em Bogotá, Colômbia, tem 52 anos.

Estudo Bacteriologia, carreira que exerceu por mais de quinze anos.

Atualmente reside na cidade de Barranquilla, dedicada à sua família e aos seus livros.

É fã deleitura desde que se lembra, e quando jovem, gostava das histórias de Júlio Verne,

Charles Dickens e um romance muito especial, de Armando Palácios Valdes, chamado “A irmã San

Suplicio”, que releu por toda sua juventude. Foi ali que se iniciou seu amor pelos romances. Costuma

ler todos os gêneros literários e entre seus autores favoritos estão Gabriel García Marques,

Sandor Marai, Florência Bonelli e Paulina Simons.

Participou da Oficina Literária José Félix Fuenmayor durante três anos e participa de um grupo

literário que, em breve, publicará uma antologia de contos de seus participantes e que vai se

chamar “A oito tintas”, que será publicada em janeiro de 2018.

Publicou seu primeiro romance **De volta ao seu amor**, em 18 de janeiro de 2013, na plataforma

da Amazon. Publicou **De volta ao seu amor/A união**, em fevereiro de 2014, com o selo Zafiro da

editora Planeta.

Uns meses depois publicou o romance **Entre o Vale e as Sombras**, na plataforma da Amazon,

em 25 de maio de 2014.

O romance **Hermosa Locura**, primeiro livro da Série **Un amor para siempre**, foi publicado na

plataforma da Amazon, em 25 de fevereiro de 2015. O segundo livro da série **Un amor para**

**siempre/Perdido en tu piel**, foi publicado no Amazon em 24 de agosto de 2015.

Em 14 de setembro de 2016, publicou seu romance **Tal vez en otra vida** na plataforma

Amazon.

Em 26 de abril de 2017, tirou o primeiro lugar na competição **Eriginal Boks** 2017, na categoria

de literatura romântica com o romance **Tal vez en otra vida**.

Todos seus romances são recebidos com entusiasmo e excelentes críticas por parte daqueles que

os leram, inclusive do público ao redor do mundo, por meio do portal da Amazon, ocupando em

poucas horas de publicados nas primeiras posições, convertendo-se em Best Sellers por vários

meses.

Participa de forma ativa nas redes sociais e tem um blog, onde fala sobre a literatura romântica

e outros temas.

[1] No sistema carcerário, normalmente, a primeira noite (por vezes dois ou três dias) é passada na triagem, para depois, então, o detento ser transferido para a galeria, onde cumprirá sua pena. (N. da Tradutora)

[2] O Curso de Comunicação Social na Colômbia treina profissionais para comunicação de desenvolvimento, podem prestar assessoria a qualquer programa comunitário, com pesquisa de campo e elaboração de relatórios entre a comunidade e empresas de

desenvolvimento social. (N. da Tradutora)

[3] Sigla de Bearou of Human Rigths Foundacion. (N. da Tradutora)

[4] A autora utiliza a expressão “Ojos son dos luceros”, que realmente é estrela brilhante, astro, mas que de forma poética é usado para pessoa que se tem grande carinho (N. da Tradutora)

*[5]* Pomba (N. da Tradutora)

[6] Uma espécie de gíria em razão da cor do cabelo muito loiro, sem correspondente para a língua portuguesa. (N. da Tradutora)

[7] A Autora usa a expressão ‘ *encoletado’*, e faz uma referência a drogado, daí a tradução em gíria. (N. da Tradutora)

[8] Ou “lixo da cocaína”. Pouca cocaína misturada com parafina, querosene, ácido bórico e outros. (N. da Tradutora)

[9] Gabriel García Márquez. (N. da Tradutora)

[10] O jogo do mundo – Julio Cortázar. (N. da Tradutora)

[11] W. Somerset Maugham. (N. da Tradutora)

[12] No espanhol, quando não há intimidade, trata-se as pessoas por *usted*. O pronome Tu, é usado apenas com pessoas íntimas, e é chamado de tutear, ou seja, tratar-se reciprocamente por tu. (N. da tradutora)

[13] O professor (N. da Tradutora)

[14] Na mitologia grega, é o deus do mundo inferior e dos mortos. (N. da Tradutora)

*[15]* Música popular originária do México, de característica alegre, acompanhada de *mariachis* (N. da Tradutora)

[16] Em um beijo, a vida - Bolero de Orlando Contreras. (N. da Tradutora)

[17] Algo em torno de R$ 904,00 (novecentos e quatro reais). (N. da Tradutora)

[18] Uma cafeteria colombiana bem conhecida, e espalhada, em alguns países da América Latina, principalmente pelo seu tradicional café. (N. da Tradutora)

[19] Tanto tempo desfrutamos desse amor, nossas almas se aproximaram tanto assim, que eu guardo teu sabor, mas tu levas também, o meu sabor (N. da Tradutora)

[20] Mas ali tal como aqui, na boca levarás o meu sabor. (N. da Tradutora)

*[21]* Bolero bastante conhecido do cantor mexicano Álvaro Carrillo. (N. da Tradutora)

*[22]* Pão de queijo tradicional da Colômbia (N. da Tradutora)

[23] Beijando-me na boca me disseste: só a morte poderá nos deixar, e foi tão profundo o beijo que me deste, que meu amor o acorrentou. (N. da Tradutora)

[24] Em um beijo a vida, e em teus braços a morte, selou meu destino e entretanto, prefiro ver-te. (N. da Tradutora)

[25] E se ontem teu esquecimento me feriu, hoje teu amor ‘me matará’. (N. da Tradutora)

[26] Hogar de pan – normalmente a tradução seria ‘pão caseiro’, mas não haveria sentido na comparação (N. da Tradutora)

[27] Mario Levrero, escritor, fotógrafo e humorista uruguaio, autor de *La novela luminosa*, que em 2016 foi considerado um dos melhores romances de língua espanholados últimos 25 anos. (N. da Tradutora)

[28] Homicídio qualificado pela crueldade (Código Penal Colombiano), com pena de 25 (vinte e cinco) a 40 (quarenta anos). A pena deve ser cumprida integralmente em regime fechado, preso. (N. da Tradutora)

[29] Da música “Que me alcance la vida” – Sin Bandera - Tantos momentos de felicidade, tanta clareza, tanta fantasia, tanta paixão, tanta imaginação, e tanto dar amor até chegar o dia, tantas maneiras de dizer te amo, não parece humano o que tu me das. (N. da

Tradutora)

[30] Cada desejo que tu me adivinhas, cada vez que ris, quebra minha rotina e a paciência com que me escutas e a convicção com que sempre lutas, como me enche, como me completa, quero estar contigo se voltar a nascer. (N. da Tradutora)

[31] Peço a Deus que eu ainda tenha vida e que dê tempo de eu regressar ainda que seja apenas um pouco do muito que tu me das, peço a Deus que eu ainda tenha vida para te dizer tudo que eu sinto graças ao seu amor. (N. da Tradutora)

*[32]*Livro de Emily Brontë, 1847 (N. da Tradutora)

*[33]* Jogo de disco, comum em praia. (N. da Tradutora)

[34] Integrantes de grupo paramilitar na Colômbia que voltaram à vida civil,

com a outorga da Ley de Justicia y Paz. Grande movimento colombiano com intuito de acabar com a guerrilha armada. Até 2009, o número de paramilitares desmobilizados chegou

a 50.000. (N. da Tradutora)

*[35]* Marca de cigarro, tipicamente francesa (N. da Tradutora)

[36] Nome dado à sala em que as testemunhas, atrás de um vidro, não podem ser vistas por seus algozes, permitindo assim sua privacidade, sem exposição. (N. da Tradutora)

[37] "Ese sueño que eres tú todavía dura. Durará siempre, porque siento que estás dentro de mi sangre y pasas por mi corazón a cada rato" – do aclamado livro Cartas a Clara (81 cartas que o autor realmente enviou à sua esposa Clara Aparicio, que relatam o

verdadeiro e mais profundo amor) – (N. da Tradutora)

*[38]* O rooibos, arbusto usado para fazer o chá, é uma planta que foi muito usada durante séculos pelas tribos da África do Sul para

preparar a bebida quente que trazia muitos benefícios à saúde. (N. da Tradutora)

[39] Espécie de Bolero no ritmo latino-americano, muito comum no povo dominicano, mais precisamente na década de 40 e 50. (N. da Tradutora)

*[40]* Da música *La vida después de ti – Lu* (N. Da Tradutora)

[41] Jamie Sabines – poeta e político mexicano (N. da Tradutora)

*[42]* Desenho animado de um poeta colombiano bastante conhecido internacionalmente (N. da Tradutora)

[43] Contigo Aprendi – diversos intérpretes – Armando Manzanero, Los Panchos, José Feliciano, Luis Miguel (N. da Tradutora) Contigo aprendi, Que existem novas e melhores emoções, Contigo aprendi, A conhecer um mundo novo de ilusões

[44] Aprendi, Que a semana tem mais do que sete dias, Para aumentar minhas alegrias, E para ser mais feliz, eu contigo aprendi

[45] Contigo Aprendi, A ver a luz do outro lado da lua, Que tua presença não troco por nenhuma

[46] E contigo aprendi

Que eu nasci no dia em que te conheci

[47] Também chamada de goiaba-serrana ou goiaba-ananás. Difere da goiaba tradicional. (N. da Tradutora)

# Document Outline


- PREFÁCIO
- CAPÍTULO 1
- CAPÍTULO 2
- CAPÍTULO 3
- CAPÍTULO 4
- CAPÍTULO 5
- CAPÍTULO 6
- CAPÍTULO 7
- CAPÍTULO 8
- CAPÍTULO 9
- CAPÍTULO 10
- CAPÍTULO 11
- CAPÍTULO 12
- CAPÍTULO 13
- CAPÍTULO 14
- CAPÍTULO 15
- CAPÍTULO 16
- CAPÍTULO 17
- CAPÍTULO 18
- CAPÍTULO 19
- CAPÍTULO 20
- CAPÍTULO 21
- CAPÍTULO 22
- CAPÍTULO 23
- CAPÍTULO 24
- CAPÍTULO 25
- CAPÍTULO 26
- CAPÍTULO 27
- CAPÍTULO 28
- CAPÍTULO 29
- CAPÍTULO 30
- CAPÍTULO 31
- CAPÍTULO 32

- CAPÍTULO 33
- CAPÍTULO 34
- CAPÍTULO 35
- CAPÍTULO 36
- CAPÍTULO 37
- CAPÍTULO 38
- CAPÍTULO 39
- EPILOGO
- AGRADECIMIENTOS
- SOBRE A AUTORA